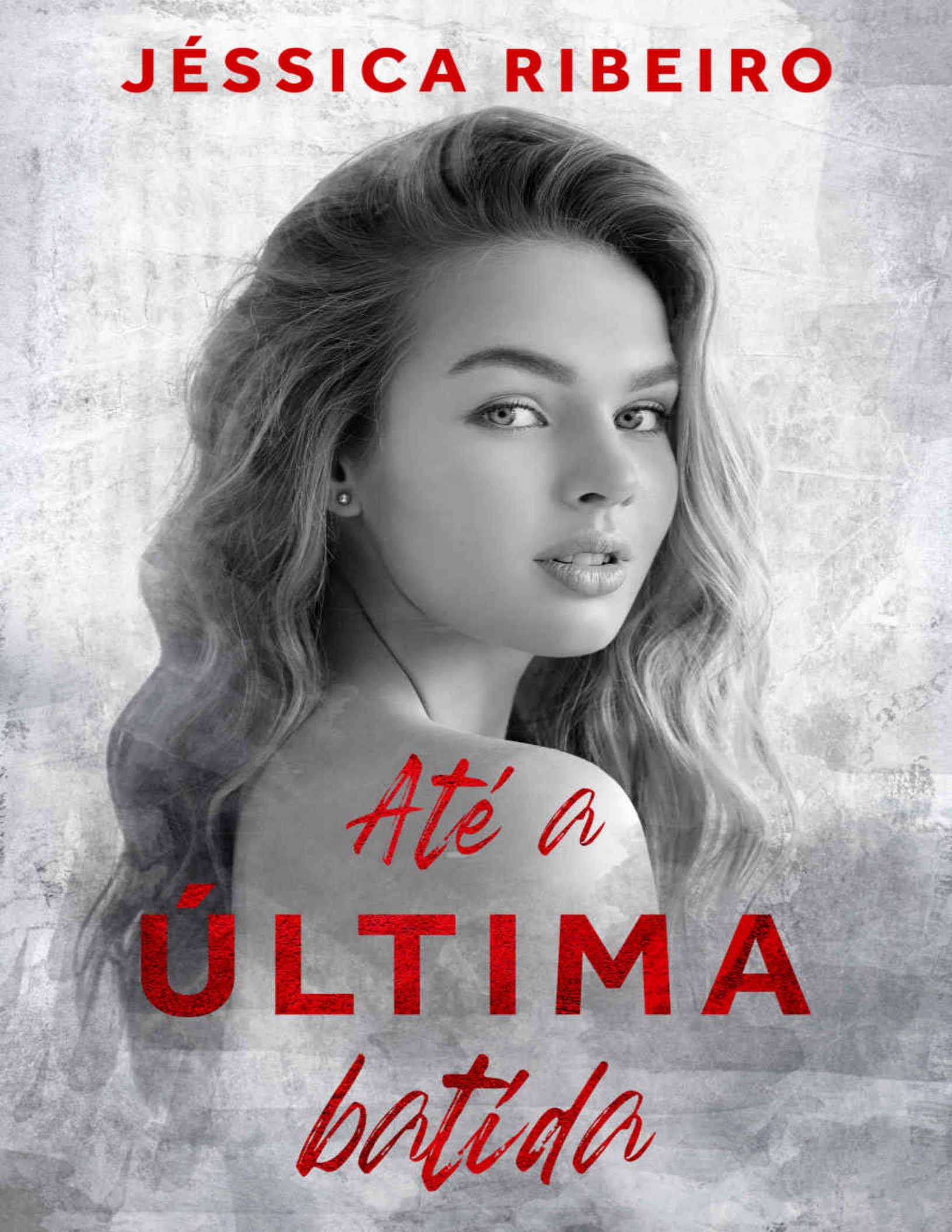
JÉSSICA RIBEIRO



Até a ÚLTIMA batida

Até a ÚLTIMA batida

JÉSSICA RIBEIRO

Copyright © 2022 Jéssica Ribeiro

ATÉ A ÚLTIMA BATIDA
1ª Edição

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meios eletrônicos ou mecânico sem consentimento e autorização por escrito do autor/editor.

Capa: Thaís Alves
Revisão: Cristiene Januária, Miriã Caetano, Pâmela Fernandes
Diagramação: April Kroes

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência. Nenhuma parte desse livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes – tangíveis ou intangíveis – sem prévia autorização da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do código penal.

TEXTO REVISADO SEGUNDO O ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA.

SUMÁRIO

Sumário
Nota da autora
Playlist
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21

Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49

Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Capítulo 58
Capítulo 59
Capítulo 60
Capítulo 61
Capítulo 62
Capítulo 63
Capítulo 64
Capítulo 65
Capítulo 66
Capítulo 67
Capítulo 68
Capítulo 69
Sobre a autora

NOTA DA AUTORA

Caro leitor, seja muito bem-vindo!

Esse é um spin-off de *Além da anatomia de um coração*. Caso não tenha lido o primeiro livro, eu recomendo fortemente que o faça. Sua compreensão da história não será alterada, mas o spin-off contém muitos spoilers da narrativa.

Acesse o e-book: Além da Anatomia de Um Coração.

Aos que leram, vocês conhecem a história de Amber até esse momento. Sabe por tudo pelo que essa pequena *ballerine rose* passou. Mas agora vão descobrir que a história dela não se resume a isso.

Não é uma história triste.

Muito pelo contrário, é uma história de amor.

Ela cresceu, e se tornou a garota de ouro da família Fontaine, e boatos de que o orgulho de uma certa estrela no céu, que nunca tira os olhos dela. Amber está pronta para construir a sua própria história e encontrar não só seu sapatinho de cristal, mas também um príncipe encantado. Mesmo sendo uma cinderela fujona.

Alerto que o livro aborda cenas de sexo explícito, e temas como: abandono parental; luto; violência física, sexual e psicológica; abuso de substâncias químicas; transtornos alimentares causados por estresse; e estupro. Os gatilhos precitados podem ser temáticas sensíveis a alguns leitores, por isso, se em algum momento você se sentir incomodado, peço que não continue. Seu bem-estar deve ser prioridade sempre.

Dito isso, ligue Bon Jovi no último volume, e aproveite a leitura!

Taylor e Amber chegaram para colar os caquinhos do seu coração.

Com muito amor, Jess.

PLAYLIST

SPOTIFY



Quando tinha sete anos, perguntei a mamãe como era amar.
Ela respondeu que era como estar em um carro acelerado,
dirigindo pela estrada mais sinuosa e bonita que existe.
Em toda a minha vida, essa foi a primeira e única
vez em que ela esteve enganada.
Porque amar para mim foi algo totalmente diferente.
Foi saltar do ponto mais alto sem nada para me agarrar,
torcendo para no fim da queda restar alguma coisa.
Qualquer coisa.

O encontro

“Está escrito em minhas cicatrizes qual o meu lugar
Vai machucar às vezes, é preciso perder para ganhar
Você tem seus pecados e eu tenho os meus
Talvez seja uma demolição
Ou apenas um aviso de alerta
Hoje à noite deixarei os pedaços caírem
Pense bem, não seria legal
Se amor fosse a única regra?”

(Love’s the only rule – Bon Jovi)



1

Amber

— Não vai passar. É muito apertado.

— Empurra com mais força, então.

— Se eu for com mais força... — Ele hesita.

— Anda, empurra!

Ele cede, e empurra. Firme.

— Está bom assim? — pergunta, ofegante.

Suspiro.

— Um pouquinho mais para a direita... Não, não tanto... Isso! — Solto um gritinho feliz.

— Satisfeita?

— Muito! — Ostento um sorriso vitorioso. — Eu disse que ia entrar.

O ruivo com cara de nerd, que eu não recordo o nome, abre um sorriso.

Ele é um dos rapazes que está descarregando a minha mudança em Palo Alto. O outro, mais velho, está sendo obrigado a

escutar as reprimendas da Dona Bárbara por ter arranhado um dos braços do sofá.

— Você disse, mas ainda é um milagre eu não ter detonado essa cabeceira ao passá-la por essa porta minúscula.

— Minha mãe o fatiaria em dois, ela gosta dessa cabeceira. — Com uma última verificação, eu abro um sorriso. — Acho que já foi tudo.

— Precisa de ajuda para mover algo?

— Não, obrigada. Esse era o último móvel.

O ruivo assente e passa a instalar a cabeceira, colocando-a no lugar antes de acionar as travas de segurança. Quinze minutos depois, ele acaba e passa a me olhar, imóvel no meio do meu quarto.

— Então... Você não é daqui, é?

— Você está fazendo a minha mudança.

— Tem razão. — O garoto engole em seco, coçando a nuca. — Hum... Eu estudo aqui também, sabia?! Segundo ano de economia.

Pisco, compreendendo.

Está tentando puxar conversa.

— Economia parece legal.

— Quase tanto quanto ajudar meu pai com o negócio da família aos fins de semana. — Aponta para a logo no macacão azul que está usando. *Então o homem com os ouvidos doendo lá embaixo é seu pai...* — É nosso acordo.

— Entendi.

Ele continua a me encarar, e eu troco o peso de pé. Por que minha mãe não sobe logo? Sempre foi ótima em aparecer durante

momentos inoportunos, inclusive flagrou meu primeiro beijo, e agora que preciso dela, ela não sobe.

— Sabe, como as aulas se iniciam amanhã, os calouros costumam sair e fazer alguma coisa hoje. Você tem planos para essa noite?

Ergo uma sobrancelha.

— Está me chamando para sair?

— Depende da sua resposta. Pode ser um encontro, se quiser.

Abro um sorriso constrangido.

— Bom, eu meio que já tenho uma coisa hoje — respondo. Felizmente, sem precisar mentir. Sou péssima nisso. — E você não é bem o meu tipo. Desculpa.

Nesse momento, nenhum garoto faz meu tipo, na verdade. Tracei a minha vida diante de um plano perfeito: excelentes notas, várias atividades extracurriculares, noites em claro e um currículo perfeito. Tudo para chegar até aqui e estar oficialmente matriculada no curso de medicina em Stanford, a mesma universidade em que meu pai se formou.

Ah, papai... que saudade sua!

Ele balança a cabeça, anuindo. Está ruborizado e, tomando nota de como soei grosseira, sinto minhas bochechas esquentarem também. Juro que não tenho culpa, simplesmente não consigo controlar o que sai da minha boca, então a gafe de acabar me expressando sem muita sutileza é frequente.

O ruivo caminha em direção a saída e eu o sigo com total embaraço. Ele passa pela porta, mas antes que se afaste, eu o

chamo. Interrompendo os passos, ele gira o corpo para conseguir me olhar.

— Olha, me desculpa. É que estou determinada a focar nos estudos.

Não esperava um sorriso tão simpático dele.

— Tudo bem, eu entendo. Cidade nova, faculdade prestigiada... — Está mais para país novo, mas eu não o corrijo. — Você só quer se dar bem. Se precisar de algo, eu moro no apartamento em frente.

Entreabro os lábios, surpresa.

— Sério?

— Sim, no 5-B — responde, apontando para a única porta do outro lado do corredor. Como a cada andar estão dispostos dois apartamentos, no quinto andar estamos apenas eu no 5-A e o ruivo do outro lado. — Com exceção de uma senhora no primeiro andar e um apartamento vago no terceiro, todos os moradores são acadêmicos.

Movo a cabeça em compreensão.

— Bom, é muita gentileza sua. Obrigada... — pauso, abrindo um sorriso para tentar disfarçar que não recordo o nome dele.

— Tchau, Amber.

Fecho a porta, e exalo pesadamente. Tenho que encontrar uma forma de descobrir o nome dele agora que sei que somos vizinhos, penso.

Pego uma das caixas da mudança, analisando com desânimo as tantas outras espalhadas por cada metro cúbico da sala. Tenho certeza de que levarei um bom tempo para abrir cada uma delas e colocar o conteúdo em seu devido lugar.

Minutos depois, estou erguendo a terceira caixa quando ouço a porta se abrir e assisto mamãe entrar. Linda, com os cabelos dourados e longos oscilando levemente enquanto se move. Um sorriso largo e brilhante, que quase não cabe no rosto. É a única pessoa mais feliz do que eu por essa conquista.

Ao confidenciar meus planos de me mudar para a Califórnia, ela subiu pelas paredes. Reação que, por sinal, eu já esperava. Sempre fomos muito próximas, e ela se preocupa muito comigo. A partir de hoje, um oceano estará nos separando, e essa é a primeira grande mudança na nossa dinâmica familiar desde os meus dez anos. Meu coração fica apertado ao se dar conta de que não terei mais seu colo à disposição, ou o melhor abraço do mundo tão perto. Apesar de óbvio desde o início, a constatação agora que estou aqui me atinge com a força de uma bigorna e faz meus olhos arderem pelo choro que luto para conter.

Tomo uma respiração profunda e engulo as lágrimas, que descem queimando a minha garganta. Em seguida, abro o sorriso mais bonito que consigo formar nesse momento. Eu nunca choro na frente dela.

— Vai mesmo ficar parada me olhando, mãe?

— Você ainda pergunta? — Ela caminha até mim e segura ambas as minhas mãos, acariciando as palmas com os dedos. — Amber, eu estou tão orgulhosa de você...

Amplio o sorriso.

— Você já disse isso.

— Ele também estaria... — Seus lábios tremem levemente, a voz se tornando embargada pela emoção da menção ao meu pai. — Tenho certeza de que Alec estaria radiante, em toda sua

compostura, criando outra centena de apelidos ridículos, mas assim que cruzássemos a entrada, ele iria desmoronar. Seu pai sempre foi muito, muito apaixonado por você. Onde quer que esteja, eu sei que ele está te resguardando e amando. Extremamente orgulhoso.

O bolo aperta a minha garganta, e é ainda mais árduo conter as lágrimas ao escutar cada uma de suas adoráveis palavras.

— Amando a nós duas — corrijo suavemente. Respiro fundo e balanço a cabeça, afastando a emoção. — Agora vamos, tenho muitas coisas para arrumar e você tem um voo para pegar mais tarde.

Mamãe limpa o canto dos olhos.

— Essa sua praticidade me impressiona, sabia? — Ela pega uma caixa e se afasta, dizendo as próximas palavras sobre o ombro: — Coitado do rapaz que se interessar por você, o romantismo terá que partir todo dele!

Reviro os olhos.

— Isso vai demorar anos para acontecer.

— Se você diz...

Leva horas para levarmos as caixas da cozinha, sala e suíte para seus respectivos cômodos e desempacotá-las. Parabenizo-me por ter escrito em cada uma delas com o pincel preto que facilitou a tarefa.

Termino de desfazer as malas e saio do quarto, percebendo novamente como o apartamento é amplo. A suíte enorme, a sala e a cozinha no estilo integrado e o espaço reformado que se transformou em um mini estúdio com barras e paredes repletas de espelho. Tudo cuidadosamente pensado.

Com a saída do resultado do exame e da avaliação do meu inglês, mamãe fez questão de cuidar de tudo. E, bom, tio Luca se deliciou com a oportunidade. Apesar da maior parte dos imóveis americanos alugados vir mobiliada com o básico, ele fez questão de orientar a entrega do imóvel vazio para ter a chance de decorar cada polegada do meu futuro lar e me fazer sentir em casa. Sendo assim, todos os móveis planejados já estavam instalados antes de eu chegar, restando apenas a cama e o sofá, que por um erro na matriz, foram entregues com atraso hoje pela manhã.

— Guardei o que faltava na cozinha. — Dona Bárbara me abraça pelos ombros. — Terminou de desfazer as malas?

— Sim. Estava apenas olhando o resultado.

— Ficou como você queria?

Olho para ela e sorrio.

— Ficou melhor.



Vovô Damien fez questão de me presentear com um carro, que dentre as regalias de uma boa condição econômica foi entregue aqui na Califórnia. Estava à minha espera na garagem do prédio quando desembarquei essa manhã, fácil de ser encontrado pela cor vermelho brilhante da lataria. Obra da minha mãe, é claro.

Ele é uma delícia dirigir, mas durante todo o trajeto rumo ao aeroporto meus pensamentos ficam distantes. Tentei me preparar para esse momento, mas as horas passaram rápido demais essa tarde, em meio as risadas que mamãe e eu demos ao arrumar tudo.

Caminhamos de mãos dadas até a área do Check-in, onde verificam a documentação do voo e entregam a ela o cartão de embarque.

— Talvez eu devesse ter pego uma passagem para amanhã... — Aponta, a inquietação evidente ao encarar o pequeno pedaço de papel em suas mãos, como se pudesse mudar a data com a força do pensamento. — Ou até alguns dias adiante. Tem certeza de que vai ficar bem? Posso remarcar o voo.

Abro um sorriso tranquilo, embora eu esteja assustada, sei que essa é uma mudança necessária. Preciso seguir meu caminho e saber lidar sozinha com os meus problemas. Tenho uma família incrível, e isso se estende além da minha mãe. Meus avós, tios, prima... Todos sempre estiveram ao meu lado, como se ao menor sinal de queda, eu fosse me quebrar como o mais frágil bibelô.

Eles me amam muito e não querem que eu me machuque, sobretudo depois do que aconteceu, mas não é assim que crescemos? É através dos erros e das dores que amadurecemos. Apenas somos capazes de reconhecer a felicidade e o amor, sabendo que a tristeza e a dor sempre serão um contraponto. A questão está em saber equilibrar essa balança, e meus pais com tamanha benevolência me educaram bem para isso. É difícil sair do ninho, de asas tão lindas e amorosas de proteção, mas chegou a minha hora de voar.

— Vou ficar bem, eu prometo — asseguro.

Sou perscrutada com dúvida por alguns segundos, antes que mamãe suspire e abra os braços com os olhos marejados outra vez. Dou um passo, permitindo-me ser embalada. Encaixo o rosto em

seu ombro e ela aumenta a pressão ao meu redor, sussurrando ininterruptamente como me ama.

Je t'aime, Je t'aime, Je t'aime...

É o que não para de repetir.

Preciso erguer um pouco a cabeça e fitar o formigueiro de gente, vagueando apressadamente em direções distintas, com bagagens a tiracolo e crianças gritando para me distrair. A julgar por sua voz embargada, ela está chorando de novo.

Mas eu não.

Eu respiro fundo várias vezes.

Engulo todas as minhas lágrimas.

E ao nos afastarmos, abro outro sorriso brilhante.

— Você também vai ficar bem? — questiono com cuidado. Eu sei que, por mais difícil que a despedida seja para mim, é muito mais duro para ela.

— Vou sim, querida.

Aquiesço.

— Bom, então acho melhor você ir para a sala de embarque agora. — Obrigo-me a dizer ao avistar o horário no relógio gigante acima de nós. — Seu voo vai ser chamado logo.

Dona Bárbara concorda, limpando as bochechas.

— Tem razão. Promete ligar para mim todos os dias?

É a milésima vez que temos essa conversa.

— Prometo, mãe.

— Promete que não vai usar drogas ou ir para lugares perigosos?

— Sabe que a experiência na faculdade só será plena se eu fumar um baseado, certo? — provoco. — Maconha, provavelmente.

Pegar um garoto de cada curso e experimentar uma garota também devem estar nos pré-requisitos. Eu estou aberta a todas as opções.

Sua risada enche meus ouvidos. Ela sabe que estou brincando, e que não há motivos para ficar horrorizada com a minha boca sem filtros.

— Espero que essa sua dificuldade em evitar dizer tudo o que lhe vem à cabeça não te coloque em encrencas!

Rio, concordando.

— É, eu também espero.

Fecho os olhos ao receber seu beijo na bochecha e os abro em seguida para assisti-la caminhar para longe, arrastando sua bolsa de mão.

Ciente de que ela irá olhar para trás cedo ou tarde, mantenho um sorriso leve e aceno assim que nossos olhares se encontram por um último segundo. É quando eu me permito relaxar e dar meia volta, retornando para onde deixei meu Audi estacionado.

Assim que me sento no banco do motorista, sinto meu coração afundar dentro do peito e a primeira lágrima escapar, marcando a minha bochecha. Ela nem se foi e já estou morrendo de saudade!

— Sorte a minha, você continuar bem aqui... — sussurro, espalmando uma mão sobre o peito. — Você não vai deixar que eu me sinta sozinha, papai.

Relembrar isso me ajuda a limpar o rosto e tomar uma respiração profunda para me recompor. Pego o celular no bolso traseiro do meu jeans e abro a conversa com Luca, tio emprestado que também é o meu padrinho.

Amber: *Ela acabou de embarcar. Cuida bem dela por mim, tá bom? Mamãe dirá que está tudo bem, mas sabemos que é mentira. Vai levar tempo até ela se acostumar.*

O ícone fica online assim que meu texto é entregue.

Sei o quanto Luca se importa com a minha mãe, a relação dos dois consegue se tornar mais bonita a cada dia. E saber que ela estará cercada por seus anjos da guarda, ele e Genô, que nunca deixarão nada de mal acontecer a ela enquanto eu não estiver por perto, me deu a segurança necessária para deixar a França.

Tio Luca: *Como se eu conseguisse parar de cuidar da sua mãe...*

Sua resposta me faz sorrir.

Tio Luca: *Gostou do apartamento?*

Amber: *Sim, está perfeito! Obrigada (emoji de coração).*

Tio Luca: *Fico feliz!*

Tio Luca: *Fiz isso sem nenhum interesse, mas aceito receber as fofocas sobre todos os garotos bonitos com que você vai se envolver aí na Califórnia. E antes que argumente, eu estou casado sim, mas não estou cego (emoji de piscadinha).*

Comprimo os lábios.

Ele é impossível!

Amber: *Sabe que eu não cruzei um oceano por isso, certo? Vim para Stanford para estudar e, com a carga horária extensa que recebi, tenho dúvidas de que eu vá encontrar tempo para fazer algo além de cochilar no banho.*

Tio Luca: *Sério, tente se divertir. Um beijo ou dois não vão te matar, muito menos reduzir seu Q.I.*

E então mais uma:

Tio Luca: *May concorda comigo.*

Bloqueio o celular com um suspiro. Giro a chave na ignição e pego a avenida para fazer o retorno até o meu apartamento.

May, além de ser minha prima e melhor amiga, é o artifício de Luca para me fazer relaxar. Eles defendem com afinco a teoria de que um garoto não vai arruinar meus planos, mas entre encaixar o pé em um sapatinho de cristal para viver um conto de fadas e um diploma, eu prefiro o diploma.

Avistar meu sofá ao chegar em casa faz meus músculos pesarem, evidenciando todo o meu cansaço e o Jet lag. É verdade que dormi a maior parte do voo, no entanto, arrumar o conteúdo de todas as caixas e a despedida de Dona Bárbara exauriram o restante da minha energia.

São apenas oito da noite, mas o desejo de me aconchegar entre as almofadas ou deitar na cama disposta a alguns metros e não levantar até o Sol nascer é forte. Infelizmente, eu não menti para o ruivo sardento mais cedo, realmente tenho um compromisso.

A primeira reunião da KKM é essa noite, e eu preciso ser aceita. É a fraternidade da qual o meu pai foi membro – tenho o moletom que ele usou em uma foto sua em frente à sede nos seus tempos de faculdade, e o guardo com imenso carinho. Ser aprovada hoje é o segundo passo do meu futuro perfeito.

Após um banho quente, faço careta para a tela do celular ao ver as horas e me dar conta de que ainda estou enrolada em uma toalha. Visto rapidamente a primeira muda de roupa que encontro, e saio com um sanduíche de geleia e pasta de amendoim meio comido na mão ao descer as escadas por impaciência de esperar o elevador, que não está parado no meu andar.



Minhas expectativas eram altas pelas fotos, mas são completamente superadas ao ver a arquitetura do lugar com meus próprios olhos. Tudo é imponente, clássico e com detalhes adornados. A casa possui várias colunas ao redor da enorme varanda; janelas em todas as paredes, daquelas compridas e emolduradas por madeiras da mesma cor; e um jardim imenso, com o gramado bem cuidado e roseiras logo à frente.

Assim que piso na grama, apaixonada pelo canteiro de flores coloridas, a porta da casa se abre e uma garota sorri, vindo até mim. Mal tenho tempo de reparar nela, antes que me puxe pelo braço porta adentro.

— Oi, meu nome é Rachel. Bem-vinda a KKM. — Sua sobrancelha bem-feita se arqueia. — Você está atrasada!

Ela é muito bonita, possui cabelos claros em um corte Chanel e olhos escuros, um padrão que se mantém ao redor durante a minha rápida inspeção. A maioria das garotas está arrumada, vestida com conjuntos de estampa xadrez e saltos altos. Há tanto rosa por aqui que me pergunto se é quarta-feira e ninguém me contou. Sinto como se estivesse em uma refilmagem de *Garotas Malvadas.*

— Problemas com a mudança — justifico, dando de ombros. — Sou Amber... Thompson.

— Você parece incerta sobre isso.

Decidi adotar o sobrenome de solteira da mamãe, ao invés do Fontaine. Não quis correr o risco de uma exposição, já que

quando tudo aconteceu algumas manchetes foram veiculadas. Estou na América agora e não na Europa, mas não seria impossível alguém aqui estar a par da história. O nome do meu pai transcendeu fronteiras.

— Eu não estou.

— Foi uma piada. Eu sei seu nome, temos pastas com os dados de cada pessoa que quer se vincular à Kappa.

Solto uma risada.

Meio surpresa, meio incrédula.

— Temos... pastas?

A expressão de Rachel distorce.

— É claro que sim — responde como se minha pergunta fosse absurda. — Agora vem, estávamos esperando você e outro garoto que se atrasou.

Novamente, puxando-me pelo braço, ela me leva a outro ambiente, que a julgar pelo amplo espaço e o lustre epopeico no centro, eu imagino que seja um salão. Cerca de quinze pessoas estão dispersas, conversando animadamente. Algumas olham em nossa direção, notando a minha presença conforme vamos nos aproximando.

— Agora que todos chegaram, vamos começar. — Uma bela morena chama atenção ao subir em um palco improvisado. — Boa noite a todos, eu sou a Olívia, atual presidente da Kappa Kappa Med. A KKM foi fundada junto ao curso de medicina aqui em Stanford, como todos aqui espero que saibam já que enviamos um material a vocês com as mudanças feitas pela nova diretoria.

Assisto a todos confirmarem a alegação de Olívia, e mordo a língua, pensando que eu nem mesmo abri a tal apostila.

— Se sim, sabem que as vagas são muito concorridas. — Ela continua. — Por isso, possuímos algumas normas para que a KKM continue a ser respeitada e considerada a melhor Kappa de toda a universidade.

Pelos próximos, e vagarosos, quarenta minutos, Olívia discorre sobre a história, regras, membros e tudo o que pode sobre a fraternidade. Estou tão cansada pelo dia que sinto meus olhos pesados, e a tentativa de apoiar o queixo em uma das mãos é certeira para me fazer cochilar. O que não dura muito, Rachel logo me dá um cutucão e eu volto a prestar atenção.

— Se cumprirem isso, tudo ficará bem! — Olívia sorri, enrugando um pouco os olhos claros. Ouço o suspiro de uns três garotos com o gesto. — Para provarem o interesse em ser membro, vocês terão de cumprir nosso desafio. É obrigatório, mas fiquem tranquilos, nossa tradição é bem gostosa.

Alguns assobios ressoam em expectativa.

— Tenho certeza que vocês irão adorar! — Ela faz uma pausa dramática, lançando um olhar probatório ao redor. — Todos sairão daqui às 23h em ponto e terão que beijar o primeiro homem ou mulher que encontrarem, respeitamos a orientação sexual de cada um de vocês. A única proibição é que os já membros da fraternidade estão fora dos limites! Depois, vocês devem voltar e contar o nome do sortudo ou sortuda.

Gritos ressoam alto em um coro de aprovação. Como poderia ser diferente? A maioria está pensando em passar seu tempo fora das salas bebendo, festejando ou em qualquer coisa relacionada a sexo. Até os que possuem notas altíssimas e dinheiro o bastante para se manter em uma universidade como Stanford.

Eu reviro os olhos, achando uma palhaçada.

Meu pai bem que podia ter mencionado isso. Ele teria perdido um olho e talvez a língua, mamãe faria questão de arrancar com a faca da cozinha, mas eu não estaria aqui agora.

— Não é uma palhaçada! — Rachel recrimina. *Ops, eu pensei alto demais?* — É apenas uma forma de descontrair e quebrar o gelo. No fim, a maioria acaba enfiando a língua na boca um do outro na primeira festa mesmo.

Meus ombros caem.

Ela não está errada.

— Podem ir! — Olívia dá a largada. — Não se esqueçam, vocês têm até a meia noite para estarem aqui com um nome.

O alvoroço de pessoas a correr, saindo aos montes pela porta, faz com que eu reduza meu passo e espere a situação se acalmar um pouco. Se alguém já recebeu um beijo, essa pessoa não pode ser beijada por mais ninguém, por isso tamanha pressa.

Saio da sede e entro no primeiro caminho que encontro, um pavimentado por pequenas pedras que leva ao jardim dos fundos. Observo com encantamento a paisagem bonita, com árvores e arbustos, grata pela calmaria que sugere a ausência de outras pessoas próximas.

Firme na ideia de não encontrar nenhum garoto e poder ser recusada com honra – e uma culpa esmagadora por ter fracassado com meu pai –, exalo em surpresa ao notar uma figura masculina ao longe. Quem seria louco a ponto de estar debaixo de uma árvore lendo um livro em pleno domingo depois das onze?

A curiosidade me faz avançar, e um sorriso toma meus lábios ao vislumbrar meu livro favorito em suas mãos. Uma cópia velha e

muito folheada de Orgulho e Preconceito.

É inevitável me aproximar mais.

— Eu não vou beijar você. — A voz grave, discreta e profunda, anuncia sem que ele desvie os olhos do papel.

Engasgo com a saliva.

— Como é que é?

— Você é da KKM, não é?

— Tecnicamente não, mas...

— Mas está tentando entrar.

— É, mas...

— Eu sei do lance de hoje. — O abusado me interrompe pela segunda vez. — Conheço vocês, calouros desesperados para serem aceitos. Dispostos a fazer qualquer coisa por isso.

Respiro fundo, incomodada.

Sua tranquilidade me irrita.

E essa atitude superior também.

Ele não retirou os olhos do livro em nenhum momento, oferecendo-me apenas a vista do seu cabelo castanho bagunçado e suas palavras ácidas contra a KKM. Concordo com ele, também não gostei dessa iniciação, mas eu não imploraria por um beijo. Sequer cogitei beijar esse desaforado.

— Você é um veterano?

Ele passa a página.

— Sou. Mas não curso medicina.

Franzo o cenho, apoiando as mãos na cintura.

— Será que você pode conversar comigo olhando pra mim? Nunca te disseram que é falta de educação?

Ouço sua risada anasalada, mas ele não faz o que eu peço.

Claro que não.

— Você sempre segue o que falam a você?

Abro e fecho os lábios. Bom, não. É claro que não. Tenho sempre tudo bem planejado nos mínimos detalhes, mas planejado por mim.

— Parece que sim. — Ele conclui mediante o meu silêncio.

Reviro os olhos.

Quem esse garoto pensa que é?

— “Eu prefiro ser antissocial e silenciosa, deixa tudo mais agradável” — resmungo, caminhando para longe.

— Você leu?

Sua voz faz meus pés pararem. Antes mesmo que eu entenda o que fiz, estou virada em sua direção.

Olhos azuis, em uma mistura que mesmo sob a baixa luz lembram as águas de uma ilha paradisíaca, encontram os meus, em algo que não pode ser descrito apenas como uma olhada com a intensidade com a qual me estuda. Ele está me olhando de verdade, e parece intrigado por alguma razão, o que não faz nenhum sentido. Este é um ótimo livro.

Seu cabelo escuro e bagunçado precisa de um corte, mas parece macio mesmo nesse estado caótico, e faz um conjunto e tanto com o maxilar bem marcado, coberto por uma barba curta, o nariz reto e uma boca bonita demais para alguém tão presunçoso.

— É claro que eu li — respondo porque fui muito bem educada. — O mínimo que alguém deve fazer na vida é ler algo de Jane Austen ou Brontë.

— E por acaso você fez os dois.

Não foi uma pergunta, percebo.

— Bom, sim.

— O morro dos ventos uivantes?

— Também. Mas prefiro Villette.

— A obra menos conhecida dela?

— Sim, mas frequentemente reconhecido como o melhor de seus trabalhos.

— Você gosta de amores não correspondidos então.

— Não é por isso que é o meu favorito.

Assisto o interesse brilhar em seus olhos, que não desviam dos meus em nenhum momento. Sua atenção é tamanha, que parece não enxergar nada ao redor.

— Então por quê?

— Eu gosto da evolução da Lucy — respondo, de repente tímida. — Ela passou por algo devastador, mas é resistente o suficiente para superar tudo e reconstruir sua felicidade.

Ele sorri, os lábios mais repuxados de um lado das comissuras, formando uma curva perigosamente charmosa.

— Impressionante.

Coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha, uma mania boba que aparece perante o nervosismo. Mas por que eu estaria agora? Não há motivos para que eu sinta nada por esse estranho. Por isso recrimino meu gesto e a pulsação martelando forte pelas minhas veias, tornando meu coração disparado.

Ele desdenhou de mim por querer fazer parte da fraternidade, e ainda foi arrogante ao pensar que eu o pediria por um beijo. Ser um amante de literatura, por mais encantador que isso seja, não muda nada.

— Bom, então... — Paro ao notar que ele fechou o livro.

Ao se erguer do gramado, consigo vislumbrar seu porte. Não sou muito baixa, não tanto quanto pensavam que eu seria levando em consideração a genética da minha mãe, mas ele deve ter uns dois metros de altura. Mesmo antes de se aproximar, eu tenho a certeza de que precisarei erguer o queixo e inclinar a cabeça para conseguir encontrar seus olhos de perto.

Reparo no jeans surrado em suas longas pernas e na camiseta branca cobrindo o peito amplo por baixo da jaqueta de couro, que parece ainda mais velha que a calça, conforme ele se aproxima de mim, parando a alguns passos de distância.

— É estudante de Artes? — a pergunta salta da minha boca.

— Culpado. — O sorriso se amplia enquanto ele levanta teatralmente as mãos. — Aposto que foi o livro que me denunciou, mas eu poderia ser apenas amante de uma boa leitura.

Isso faz um pequeno sorriso brotar nos meus lábios.

— Poderia.

— E você é uma garota das ciências.

— Foi a camiseta? — provoco, apontando para a colorida que estou usando por baixo da jaqueta. Esse com certeza não é o meu melhor estado. — Eu poderia ser apenas uma garota passeando por aqui sem nenhum interesse na fraternidade também.

— Tem razão, poderia. Mas você quer mesmo entrar.

— Eu não sei — confesso. — Não sei mais, na verdade. Só achei que fosse ser legal.

Pareceu legal na foto do meu pai, completo mentalmente. Ele estava sorrindo com o moletom acinzentado, gravado com o símbolo da fraternidade e o nome da faculdade em letras vermelhas

garrafais. Pareceu uma memória feliz, uma que desejei poder compartilhar com ele.

— Escute, eles não são legais. — Sua expressão distorcida me deixa confusa. — Grande parte deles é apenas idiota.

Sinto minhas sobrancelhas franzirem.

— Como pode saber? Não disse que não cursa medicina?

Enquanto espero uma resposta, ou um mínimo dar de ombros, uma brisa gélida nos atinge e eu fecho a jaqueta, cruzando os braços em frente ao corpo. Embora ele acompanhe todos os meus movimentos, continua calado.

— Certo... Acho melhor eu ir, estranho.

Ele estende a mão e eu o fito com as sobrancelhas erguidas.

— Taylor — diz ele. — Meu nome é Taylor Holt. Você é...?

— A garota que não vai pedir um beijo seu.

Provavelmente eu deveria ser mais madura, tenho dezenove anos e estou na faculdade, mas não consigo controlar minha boca. Não que tenha sido ruim, ele bem que mereceu.

Taylor me surpreende ao rir, aproximando-se. Com os passos que toma para perto, sou obrigada a erguer o queixo como previ e inclinar a cabeça para continuar a encará-lo.

— Eu estaria constrangida com essa sua mão erguida aí — aponto.

— Sou um homem persistente.

— Insolente também.

O som da risada dele reverbera pelo meu corpo outra vez, e tentando reprimir um sorriso, eu me rendo a apertar sua mão. Odeio admitir, mas não sou tão durona como gostaria de ser.

— Vou conseguir saber seu nome, garota misteriosa?

Aperto os lábios.

— Amber Thompson.

— Bonito nome.

Nossas mãos continuam unidas, a minha tão menor do que sua e em um tom muito mais pálido também. Reparo como os dedos dele são longos e o dorso da palma possui veias saltadas que desaparecem sob a barra da manga cumprida da jaqueta de couro. Infelizmente, reparo também que estamos nos tocando a tempo demais.

Separo nossas mãos, levando a minha para o bolso traseiro da minha calça jeans.

— O tempo está passando, Thompson. Você ainda quer ou não entrar para a fraternidade? — questiona, retomando o assunto anterior.

— Por que quer saber?

Taylor faz um gesto despretensioso com as mãos.

— Não posso ter ficado interessado?

— Em me ajudar?

— Vamos continuar a trocar perguntas? — Ele sorri. — Olha, estar curioso sobre você não significa que eu mudei de ideia sobre te beijar.

Essa é uma boa hora para jogar um meteoro aí do céu, papai. Mas joga um bem pequeno, é para chamuscar só o babaca aqui.

— Ótimo!

Dou as costas para ele e começo a refazer o meu caminho. É melhor eu pensar no que dizer a presidente assim que voltar, ou

talvez eu possa simplesmente tomar o caminho do meu apartamento e encontrar minha cama quentinha.

Esse é o plano, até uma mão se fechar em torno do meu braço e puxar para trás em um movimento preciso. Bato contra um peito duro, e respiro fundo ao inclinar a cabeça e encarar as profundas írises azuis de Taylor novamente. Pela tensão em seu rosto, ele queria me trazer de volta, mas não esperava me ter tão perto.

— Por que quer tanto entrar lá? — pergunta ele.

Afasto-me alguns passos, o suficiente para conseguir respirar sem roçar nele.

— É um assunto familiar. — Limito-me a dizer. — Tanto Stanford quanto a KKM. Isso é importante para mim.

— Mãe ou Pai?

— Pai.

Ele assente.

— Agora eu entendi.

Sou avaliada por um longo tempo, de forma tão analítica que fico embaraçada. Por que ele me olha assim? Desvio os olhos para o chão, em um movimento que espero ter sido sutil, e coloco outra mecha atrás da orelha.

Estou nervosa sem razão aparente.

De novo.

— Pode usar meu nome, se quiser.

Volto a olhá-lo, reparando no repuxar sutil do canto dos seus lábios.

— O quê?

— Eu sei que precisa levar um nome. — Taylor pega o celular no bolso da calça, um modelo pré-histórico, checando algo antes de fechá-lo novamente. — Faltam dez minutos para a meia noite, você ainda tem tempo.

Tenho certeza que ele pode notar a confusão em meu rosto.

— Por que vai me ajudar?

— Você quer isso.

Balanço a cabeça em uma negativa, engolindo em seco. Isso não é bom. O jeito dele, a forma prepotente, mas gentil, esse gosto por literatura... Nada disso é bom. Ele pode parecer uma versão moderna do Mr. Darcy, mas nem mesmo por ele eu mudaria meus planos de “sem garotos”.

— Acho melhor não, eu não sou boa em mentir — digo, movendo a cabeça em negação. — Você deve ter percebido que eu falo tudo que passa pela minha cabeça, e se não percebeu, eu estou confessando, sou péssima nisso. Nunca consegui guardar um segredo na vida.

— Não pode ser tão ruim assim.

Ergo um dedo, olhando seriamente para ele.

— É sim, pode acreditar. — Ainda com a mão no ar, começo a listar, enumerando todas as situações em que delatei alguma informação. — Já dedurei três aniversários surpresa; um pedido de casamento e o presente de bodas dos meus avós. Até me denunciei para a professora na primeira vez que tentei colar no colégio. Não se pode esperar muito de uma pessoa assim.

— Uau! — diz sorrindo.

Taylor se aproxima até estar a um palmo de distância. Ele toca o colar preso no meu pescoço, raspando os dedos na minha

pele tão lentamente que minha respiração fica suspensa ao observar suas ações.

Já beijei alguns garotos, é claro, mas nunca fiquei perto de um como ele. A idade de Taylor pode até ser próxima da minha, como eu imagino, mas nada nele se parece com os garotos com os quais eu me envolvi. Tudo nele grita que é um homem.

— Bonito colar... — elogia, ainda reparando no acessório.

— Obrigada.

— É uma sapatilha de balé?

— Eu dançava quando era criança. Hum... O que vai fazer?

Seus olhos se movem até os meus.

— Relaxe.

Ele passa os dedos pelo meu cabelo, trazendo uma das mechas que prendi atrás da orelha de volta ao meu rosto. Entreabro os lábios, umedecendo-os com a língua ao me dar conta de como parecem secos de repente. Os olhos de Taylor, fixos nos meus, deslizam para a minha boca por um milésimo de segundo, acompanhando cada nuance do movimento.

Não demora para o rosto dele abaixar sobre o meu.

Com a respiração suspensa, eu fecho os olhos.

O que sinto, contudo, não é bem o que espero.

Seus lábios depositam um beijo casto, apenas pressionando a pele quente da minha bochecha esquerda. O toque dura poucos segundos, por isso rapidamente abro os olhos, ainda mais confusa.

E constrangida.

Tão constrangida.

— A-Achei que fosse me beijar...

O canto dos seus lábios se ergue.

— Eu beijei.

— Na boca, Taylor!

— Agora você pode dar meu nome sem precisar mentir — ele explica, e eu pisco algumas vezes para entender, presa na névoa de antes. — Duvido que alguém vá se importar em perguntar onde eu te beijei.

Respiro fundo.

— Obrigada... eu acho. — Até mordo o interior da minha bochecha, mas não adianta, as palavras escapolem assim mesmo. — Mas se queria mesmo ajudar, você podia ter me beijado na boca.

A risada dele é descarada dessa vez.

O plano continua o mesmo, sem garotos. No entanto, se fosse para aumentar a minha lista de beijos para três, esse seria um bom momento. O momento ideal, na verdade, antes das aulas começarem e com alguém que provavelmente não irei esbarrar de novo.

— Você é realmente uma matraca. Mas esse tique do cabelo é adorável, eu tenho que admitir. — Ele coloca algo no bolso da minha jaqueta e acena, afastando-se. — Espero ter feito sua noite mais doce, Thompson.



2

Amber

Após um aceno, ele vai embora. Simplesmente me deixa sozinha, desaparecendo ao caminhar por entre as árvores da mesma forma misteriosa com que apareceu sentado no gramado.

Procuro o que colocou no meu bolso, e me deparo com uma embalagem de um chocolate. Toffifay. Franzo o cenho em confusão até me recordar das últimas palavras dele.

Espero ter feito sua noite mais doce, Thompson.

Engraçadinho!

Vasculho os arredores e não encontro nenhuma lixeira por perto, então guardo o papel no bolso novamente.

Com o celular em mãos, eu confiro o relógio, e percebo que tenho sete minutos se ainda quiser fazer parte da fraternidade. Não estou tão perto da sede, percorri uma boa distância divagando por entre o caminho de pedras, encantada com o jardim, mas se eu correr, consigo refazer o caminho nesse tempo. Tentando não

pensar demais no estranho ou em nosso encontro, faço exatamente isso.

Um suspiro de alívio exala do meu peito ao ver as colunas brancas da construção, com o bônus de que ainda faltam dois minutos para o término do horário. Atravesso o salão esbaforida e acabo atraindo atenção por estar, pela segunda vez essa noite, atrasada. A maioria dos olhares são curiosos, com exceção da presidente em cima do palco, que me lança um olhar desgostoso.

Comecei com o pé esquerdo com essa aí...

Com outro cutucão da Rachel, entendo que preciso me sentar.

Acho que o material ridiculamente longo não foi baboseira, afinal. Evidentemente eu gosto muito de ler, meus pais incentivaram o hábito desde cedo, então não teria sido um sacrifício. Mas eu estava tão imersa com a saída da França, o único lugar que conheço como lar, que os últimos dias até a minha chegada foram um borrão de papeladas, passagens e lágrimas. Muitas lágrimas.

— Muito bem, a partir de agora qualquer pessoa que não esteja aqui está desclassificada. — Olívia volta a falar e eu me concentro nela, deixando meus devaneios se dissiparem. — Qualquer calouro do curso de medicina tem a chance de entrar para a KKM, mas vocês são vinte e três, e abrimos exclusivas dez vagas por ano. Por isso, temos uma equipe julgadora que vai escolher os dez nomes mais quentes dentre os que vocês trouxeram, formada por mim, a presidente, Jason Malone, nosso vice, e um dos já membros, Rachel Adams. — Ela gesticula na direção deles. — Subam aqui, por favor.

Ambos caminham até ela, parando cada um de um lado de Olívia. Rachel é a garota que vive me dando cutucões, e o outro rapaz, o tal Jason, é um negro bonito de olhos escuros. Ele é alto, possui braços fortes e uma postura de atleta, que se confirma quando noto a jaqueta esportiva vermelha e branca com o logo do Stanford Cardinal. Sem contar o sorriso e as piscadelas que oferece a algumas garotas enquanto sobe. Comprimo os lábios para não rir ao assisti-las suspirar. Ele é realmente muito atraente, mas tem cara de que troca mais de mulher do que de meia. O tipo errado para qualquer garota se apaixonar.

— Nós conhecemos cada pessoa desse Campus — Rachel avisa —, então sugiro que não tentem inventar nenhum nome.

Embora eu duvide, afinal a universidade é gigantesca, nos vinte minutos que se seguem Olívia chama cada um dos presentes pelo nome e questiona quem beijaram esta noite. Eles deliberam entre si e dão uma nota de zero a três. É, eu sei, como podem dar um zero para alguém?!

Ao ouvir meu nome, eu me ergo sentindo as palmas suadas. Tomo uma respiração profunda e mordo a parte interna da bochecha para evitar começar a tagarelar.

Não tenho com o que me preocupar, penso otimista. Por algum motivo, Taylor conhece como as coisas funcionam por aqui, e tinha mesmo razão, nenhum deles perguntou onde os outros calouros foram beijados. Não vai ser na minha vez, não é? Seria muita falta de sorte!

— Qual foi o seu sortudo ou sortuda dessa noite? — Olívia pergunta.

Limpo a garganta, antes de responder:

— Taylor.

A expressão de Olívia muda drasticamente. Em um segundo, os olhos dela faíscam e a boca se comprime em uma linha fina. Oh droga, ela parece pronta para pular do palco e vir me esganar com as próprias mãos.

Confusa, desvio os olhos para Rachel, que engole em seco, fazendo um sinal em negativo com a cabeça. O que ela queria dizer? É uma pista? Bom, não está funcionando.

— Me responda, baby. — Jason se pronuncia, fitando-me com olhos curiosos. — Sabe o sobrenome desse Taylor?

Procuro em minha mente, e fico petrificada ao não encontrar nada. Ele me disse seu sobrenome, eu sei que disse, mas não consigo me lembrar agora. Não com tantos olhos voltados na minha direção.

— Eu... eu não me lembro.

— Está na cara que ela está mentindo! — grunhe Olívia, lançando um olhar enviesado na direção de Jason. — O que diabos você está fazendo? Sabe muito bem que não pode ser ele.

— Não, eu não sei. Mas pretendo descobrir. — Ele desce do palco e caminha até mim, os olhos fixos nos meus por todos os segundos que leva para se aproximar. — O que você lembra desse seu Taylor?

— M-Meu? — engasgo. — Ele não é meu, não!

Jason sorri, e eu acabo rindo, uma risada anasalada e puramente nervosa. Se me encararem mais um pouco, acabarei confessando que nem mesmo foi um beijo de verdade.

Será que Taylor é homoafetivo? Por todo esse estranhamento, é a única explicação que eu vejo. Afinal, ele é

mesmo lindo, mas eu não sou tão mal assim para desconfiarem que um homem como ele quis me beijar.

— Responde, garota! — Olívia me apressa.

— Bom.... Ele tem olhos azuis, e o cabelo é castanho e bagunçado — eu repondo. — Ele é alto também, muito alto. Minha cabeça chega ao peito dele.

O sorriso de Jason se amplia.

— Essa descrição pode ser de qualquer um! — Olívia intervém, claramente incrédula. — Moreno e alto? Sério? Além disso, ela pode tê-lo visto de longe e está mentindo para nós.

— Eu não minto! — rebato, ofendida.

Eu estou *omitindo*.

É diferente.

— Tudo bem, meninas. — Jason estende os braços, divertido, como se estivesse apartando um confronto. Apesar das farpas, está longe de ser um. Olívia e eu estamos a metros de distância uma da outra. — Pode me dizer mais alguma coisa que se lembra dele?

— Eu o encontrei sentado no gramado com um livro em mãos. — Movo a cabeça, suspirando. — Ele me disse o sobrenome dele, mas eu não dei importância. Holdon? Holdt? Juro que é algo assim.

— Holt?

— Isso! — É quase um grito. — É esse. Taylor Holt.

— Eu não acredito nela. — Olívia dispara.

— Pois eu acredito! — rebate ele.

— Acha mesmo que ele iria beijá-la?

Jason desliza os olhos por mim em uma inspeção quase descarada. Repara em minhas botas baixas, no jeans skinny e no decote alto da blusa que estou usando, abrindo um sorriso apreciativo. Sinto o calor em minhas bochechas quando ele alcança meu rosto e afirma:

— Olívia, ela é bem bonita. Tem um rosto incrível.

— Olha, ele não me beijou de verdade. — Admito, sem surpresa. Bastou um olhar firme, e estou tagarelando. — Foi um beijo na bochecha. Nós conversamos, eu contei que queria ser aceita e ele foi legal em me ajudar.

Jason gargalha e Olívia abre um sorriso satisfeito.

— Então você está desclassificada. Só valem beijos na boca. De língua, sabe? Se é que você já beijou. — Seu tom se mantém ríspido. — Próxima. Lizzi Johnson.

Falhei de novo hein, papai?!

— Não, espera aí. Não há nada nas regras sobre onde deve ser o beijo, e você sabe, Olívia. — Jason intercede. — A garota foi esperta, apenas isso. Eu até lhe daria mais pontos pela genialidade de não beijar algum idiota com gosto de cerveja e vômito. Vamos votar!

Olivia exala, insatisfeita.

— Zero. Por mim, ela não entra.

— Pontuação máxima. — Jason abre um sorriso e pisca para Rachel, que fica vermelha e concorda com ele.

— Eu voto três também.

Sem outra opção, Olívia chama o próximo nome. Volto a encarar Jason, que continua imóvel ao meu lado mesmo que outra votação esteja acontecendo. Ele parece... interessado demais.

— Por que me ajudou? — pergunto baixo.

— Gostei de você.

— Hum...

— Se quiser visitar meu apartamento qualquer dia desses...

Arqueio uma sobrancelha.

— E o que eu faria no seu apartamento?

— Bom, eu moro sozinho. As possibilidades são infinitas. — Ele sorri. — Posso te ajudar com a matéria já que sou um veterano. Podemos apenas relaxar e assistir um filme na Netflix também.

— Você ao menos tem uma assinatura nesse streaming?

— Tenho. Mas a tela normalmente fica congelada no “tem alguém assistindo?”. — Admite ele, sem o mínimo pudor. — As garotas se distraem muito facilmente dos programas por alguma razão e nunca assistem o final.

Aperto os lábios para não rir.

— Você é um descarado!

— Mas sou honesto sobre isso. — Argumenta, dando de ombros. — Encontrou o Taylor por acaso?

— Sim, fui no caminho inverso ao que a maioria estava correndo.

— Você fez bem. Como eu disse, evitou beijar uma boca nojenta. A maioria dos garotos estão caindo de bêbados, a fraternidade do curso de direito faz o desafio com todo tipo de álcool. Só faltam beber gasolina.

Faço uma careta.

— Eu também prefiro a nossa inicialização. — A voz de Olívia ecoa, chamando Jason. — Bom, precisam de mim. Seja bem-vinda!

Abro a boca, prestes a argumentar que ainda não fui aceita, mas ele se afasta rapidamente, ocupando o lugar ao lado dela outra vez.

Obrigo-me a ficar até o final do “julgamento dos beijos”, e me surpreendo ao ouvir meu nome no momento em que anunciam os dez selecionados. Entrei de raspão, mesmo recebendo ótimas notas de Jason e Rachel. Isso porque Olívia ficou determinada a me deixar de fora após isso, e começou a dar boas notas para todos os nomes depois de mim.

Qual o problema dessa garota, afinal?



Chego tarde em casa, completamente esgotada. Como amanhã é meu primeiro dia de aula, respondo apenas a mensagem da May, que está preocupada em como estou, e prometo ligar amanhã. Passo na cozinha para pegar uma maçã no cesto de frutas e caminho em direção ao quarto, procurando meu diário e minha caneta de ponta de bailarina, antes de me deitar na cama.

Sei que parece infantil demais para alguém com dezenove anos, mas foi a forma que encontrei para aplacar a falta que sinto do meu pai. Poucos sentimentos doem ou machucam tanto quanto a saudade. Sobretudo quando é algo que está perdido para sempre. Por isso eu escrevo todos os dias, como se cada palavra escrita no papel fosse dita diretamente a ele.

Dessa forma, papai ainda pode participar dos meus sonhos.

Ainda pode acompanhar todos os meus passos.

“Oi papai, é a sua ballerine rose de novo.

Hoje foi um bom dia.

Juro, foi bom de verdade.

Mamãe ficou tão feliz e orgulhosa... Chorou muito também, mas isso nós previmos, não é? Como você mesmo dizia, ela se derrete mais fácil do que os sorvetes que tanto adora.

Todos ficaram muito emocionados, na verdade.

Fico pensando no que você diria, em qual seria o seu discurso protetor. Vovô e vovó estão com medo de que eu me torne uma garota rebelde, que bebe cerveja até tropeçar nos próprios pés, usa maconha e faz sexo com desconhecidos. May disse que não passarei de verdade pela universidade se não experimentar ao menos dois dos itens deste combo. Mamãe não disse nada, ela confia em mim. Ou talvez apenas tenha muita certeza de que falando tanta besteira habitualmente, não arriscarei ficar sob a influência dessas substâncias.

É, eu sei, também acho que eu acabaria em encrenca.

Você está orgulhoso de mim como ela? Cada noite em claro debruçada sobre os livros e com sua foto na cabeceira valeram a pena afinal. Sei que não fui a primeira na lista de aprovados e peço desculpas por isso. Mas prometo – de mindinho – que vou fazer o meu melhor aqui, tá bom?

Voltando a falar sobre o dia de hoje...

O apartamento é lindo! Tio Luca fez questão de decorar tudo com o gosto refinado dele, e o senhor teria um infarto (Ops, piada ruim!) com a quantia obscena que ele gastou. Isso, sem contar o estúdio de dança que foi ideia da tia Julie.

Sei que serei muito feliz aqui.

Meu primeiro dia de aula é amanhã, e confesso que estou um pouco nervosa. Espero gostar muito de corações porque isso seria o máximo, não é? Assim, quem sabe, eu consiga fazer um pouco da diferença que você fez. O senhor usava da medicina para cuidar das pessoas e ajudar qualquer um que cruzasse seu caminho. Quero ser assim também.

A fraternidade, eu já conheci. Devo dizer que não sei como o senhor conseguiu participar. Se bem que, a presidente da época não era a Olívia... Sério papai, ela não foi com a minha cara e olha que eu nem tagarelei.

Ah, tem outra coisinha!

O senhor disse que se algum garoto se aproximasse de mim ou ousasse pegar minha mão antes dos 35 você jogaria um meteoro daí de cima, lembra? Bom, como o senhor não fez nada com o Henry e o Antonie – os únicos dois garotos que eu consegui beijar na vida – e eles continuam vivinhos sem virar churrasco, vou te contar que a primeira regra para participar da KKM foi beijar um desconhecido.

Você rogou uma praga em mim, não é? Porque em uma noite regada a saliva, eu não encontrei ninguém disposto a enfiar a língua dentro da minha boca, só ganhei um beijinho no rosto. Na bochecha!

Dentre tantos garotos, fui encontrar justamente ele. Arrogante, misterioso... e que não se parece em nada com um garoto. Falando sério, papai, se o senhor quer que eu me mantenha pura até os 35, não deveria colocar homens como ele no meu caminho. É tentação demais!

Aposto que está fazendo cara feia agora...

Está aborrecido à toa, nós com certeza não vamos nos encontrar de novo. Olha só o tamanho desse Campus! E nós nem mesmo fazemos o mesmo curso. Fora que o plano "sem garotos" segue intacto.

Sabemos por que vim até Palo Alto.

Vou orgulhar o senhor. Muito, eu prometo.

Sinto sua falta...

Sempre vou sentir.

P.S: Saudade de quando me levava ao balé ou quando ficava em casa tentando treinar comigo com um tutu mais rosa do que o meu. Você me fazia rir. Sempre. Embora eu fosse jovem na época, eu me lembro bem disso.

P.S 2: Amo você, papai."

Beijo com carinho a imagem dele que guardo dentro do diário. É uma foto de família, com minha mãe erguida na ponta dos pés para alcançar seus ombros, meu pai no meio com um braço em volta da cintura dela e o outro me segurando firme, mantendo-me em seu colo. É puro amor!

Abro a primeira gaveta da mesa de cabeceira e guardo o diário, antes de me deitar. Adormeço rápido, mas o cansaço não me impede de sonhar com olhos azuis e impertinentes.



Com o fim da primeira aula, a sala se esvazia rapidamente. Ver a animação dos calouros chega a ser cômico. Os olhos cintilando até para as paredes, os braços lotados de livros e alguns mais espertos tentando fazer amizades com os veteranos, como eu suponho que seja o caso da morena que está vindo na minha direção com um sorriso largo.

Basta encarar o rosto dela para meu estômago revirar, repentinamente enjoado. Alta, bonita e com belos olhos verdes... Tão incrivelmente parecida com *ela* que me faz engolir em seco, sentindo o gosto amargo nos lábios.

— Oi... — Ela parece tímida. — Hum, eu sou Alisson.

Demoro um pouco a responder, recompondo-me.

Não sou antissocial, nem nada do tipo, mas não me esforço para começar ou manter nenhuma conversa. Como a garota à minha frente é claramente uma formiguinha perdida e não tem culpa

de sua aparência me causar péssimas lembranças, no entanto, eu me forço a ser um pouco mais simpático.

Recordo o inferno que foi decorar essa confusão de salas, e principalmente como alguns desses ricos mimados olharam para mim. A menina na minha frente é simplória, não usa roupas de marca e tem os livros velhos da biblioteca apertados sobre o peito. A cena desperta algo próximo de compaixão em mim.

Isso se um coração batesse mesmo aqui dentro.

— Oi, Alisson. Precisa de ajuda?

— Estou, eu não sei onde é o... — Ela pausa e encara o papel em suas mãos com o cenho crispado. — Teatro Marlowe?

Uma risada me escapa.

— É o anfiteatro — eu explico. — Stanford tem essa tradição de nomear as salas do prédio de artes com nomes de personalidades que foram importantes. Você vai gostar do Marlowe quando conhecer, fica no segundo corredor à esquerda.

Ela aquiesce, abrindo um sorriso grato.

— Entendi. Nossa, muito obrigada!

Com um aceno, eu deixo a sala.

Estou faminto, mas algo no refeitório quente e abarrotado de alunos faz com que eu prefira comprar um lanche em um estabelecimento próximo, após calcular quanto dinheiro me resta. Depois de quinze minutos, com um hambúrguer e uma Coca em mãos, vasculho os gramados em busca de uma árvore robusta, com a copa larga o bastante para oferecer uma boa sombra. Avisto facilmente uma, o problema é que não está vazia.

Sentada com um vestido lilás e azul, cercada de livros, está a garota de ontem. Remexendo distraidamente em suas batatas

cobertas de ketchup com uma das mãos, enquanto a outra está ocupada com um livro. Pela capa azul, eu reconheço que um deles é um atlas do corpo humano.

— Garota das ciências... — eu digo.

Ela se sobressalta, erguendo os grandes olhos castanhos na minha direção.

Há algo em Amber que faz você querer olhar para ela. Não por ser espalhafatosa, mas exatamente porque ela não é. O rosto oval com traços delicados, os lábios rosados e cheios que, quando estão entreabertos como agora, parecem implorar por um beijo. Uma elegância vulnerável que a torna encantadora.

— Oi... — A cabeça dela tomba para o lado. Os cabelos loiros, presos por um lenço em um rabo de cavalo, que acompanham o movimento. — Hum, vai ficar de pé me olhando?

Com um sorriso, eu me sento ao seu lado, não deixando de notar que tomou uma respiração profunda e passou a encarar as batatas. É engraçado que ela pareça mais constrangida do que eu, uma vez que não foi Amber a ser flagrada. Ao contrário, ela foi surpreendida pela minha presença.

Noite passada, no entanto, foi impossível não perceber a atenção dela sobre mim. Apesar da expressão angelical, a loirinha tem olhos muito curiosos.

— Eu não te convidei para sentar aqui.

— Eu sei. — Desembrulho e dou uma mordida generosa no meu hambúrguer, sem me importar com o seu tom inóspito. — Mas aqui é um local público, Thompson.

Mastigo satisfeito, sem desviar os olhos dela, que resmunga. Se houvesse alguma árvore vazia nas proximidades, não duvido

que Amber migrasse até ela e me deixasse sozinho.

— O que é isso? — pergunto apanhando o caderno menor de capa vermelha, repleto de corações. — Não é um livro, é?

Seus olhos aumentam de tamanho, e com um movimento ágil, ela retira o caderno do meu alcance, colocando o livro do lado oposto do seu corpo, como se eu fosse mesmo pegá-lo.

— Um planner — responde.

— Que diabos é um planner?

— Um pequeno caderno, grandes responsabilidades.

Rio.

— Acabou mesmo de deturpar uma frase do Stan Lee?

— Você é um nerd!

— Foi você quem deu o exemplo.

— É do Homem-Aranha, todo mundo conhece o Homem-Aranha — argumenta ela, comendo outra batata. — Enfim, é apenas um caderno que eu uso para me organizar, escrevo tudo que vou fazer no dia e assim não perco nenhum compromisso.

Sinto minhas sobrancelhas escondendo-se atrás dos meus cabelos.

— Você planeja cada segundo do seu dia? — questiono, perplexo.

— Bom... sim. É muito útil!

— Me parece cansativo.

— Por que cansativo?

Dou de ombros.

— Não estou fazendo nenhuma suposição, mas se eu passasse tanto tempo planejando a vida, sentiria que não estou vivendo de verdade.

Amber afasta os olhos novamente para as pessoas caminhando ao redor e emudece, deixando claro que não vai continuar a conversa. Eu mesmo apreciaria o silêncio, sempre apreciei, mas antes que perceba, pergunto:

— Usou meu nome na noite passada?

Ela não volta a me olhar, mas não perco o rubor em suas bochechas. Um tom róseo que transparece e se destaca na pele tão pálida, o que me faz desconfiar que não está usando maquiagem. Meus lábios se curvam em resposta, quem ainda cora nos dias de hoje?

— Hum, sim... Eu usei.

— E então? — incentivo.

— Quase não acreditaram em mim porque eu esqueci seu sobrenome.

— É Holt. Eu te disse.

Abro a Coca, e ela me olha de esguelha.

— As pessoas ficaram... surpresas. Você é gay?

Começo a tossir, engasgando com a risada que me toma ao ouvir sua pergunta quando tomo o primeiro gole da minha bebida.

— Você está me assustando! — Ouço a voz dela. — Hoje foi meu primeiro dia, tá ouvindo? Se você não conseguir respirar, vai morrer nesse gramado.

Ainda rindo, a tosse cede aos poucos, e eu consigo voltar a respirar normalmente. Pigarreio algumas vezes, clareando a garganta, antes de voltar a fitá-la com humor. Amber ainda parece preocupada, encarando-me seriamente.

— Eu não sou gay.

— Tem certeza? — ousa perguntar.

— Uns 95%.

— Então tem uma margem boa aí.

Sorrio.

— Foi brincadeira, Thompson. É claro que eu tenho certeza.

— Você já beijou um garoto?

— O quê?

— Perguntei se você já beijou outro homem — repete com tranquilidade. — Se a resposta for não, tecnicamente você não pode ter mesmo cem porcento de certeza, certo?

Abro e fecho os lábios, demorando a reagir.

— Como chegamos mesmo a essa conversa?

— Esse foi o meu primeiro palpite para tamanha perplexidade quando ouviram seu nome — esclarece, pegando outra batata e comendo com a expressão pensativa. — Se não é isso, você deve ser super popular por aqui. Tipo uma lenda, para ficarem tão chocados por você ter hipoteticamente ficado com alguém como eu.

Contenho um suspiro, compreendendo a situação. A surpresa não tem relação com Amber, mas com Olívia. Sempre Olívia.

— Como assim uma garota como você?

— Você sabe.

Nego com um aceno.

— Desenvolve, Thompson.

Assisto-a colocar uma mecha de cabelo atrás da orelha, assim como fez ontem à noite. Não tenho certeza, mas desconfio que o faça quando está nervosa, ela sempre desvia os olhos um segundo. Mas por que ela estaria nervosa agora?

— Sabe qual foi a primeira coisa que pensei ao ver você? Que até poderia ser uma versão moderna do Mr. Darcy. Parte disso

pela forma como agiu quando nos conhecemos. — Ela move os ombros. — Mas agora, eu acho que você não é taciturno, é um cara super popular que escolhe suas companhias seletivamente porque apenas um grupo restrito faz seu tipo. E eu não faço parte desse grupinho aí, embora seja bonita.

Um dia e Amber já tem uma teoria calculada com várias possibilidades a respeito da minha personalidade. Uma que errou bem feio, inclusive.

— É muita suposição para uma garota que sequer me conhece, não acha? — interpelo, tomando cuidado em não ser ríspido.

Suas bochechas enrubescem mais.

— Tem razão, me desculpe.

— Desculpo se parar de macular essas batatas.

— Como é? — pergunta ela, ofendida.

— Você está lambuzando o prato de Ketchup, é nojento!

Amber ri.

— Não se mete nas minhas batatas, Holt!

— Tudo bem, continue a cometer esse crime. — Tomo um gole da minha Coca. — Como foi seu primeiro dia?

— Bom, já descobri qual professor fará minha vida mais difícil esse semestre. Inclusive, achei que anatomia seria bem mais legal do que é de verdade. Acho que um garoto deu em cima de mim, mas talvez eu esteja sendo paranoica e ele tenha sido apenas gentil. Tenho certeza de que, pelo menos, duas das garotas da fraternidade me odeiam. E... Ah, fiz amizade com uma garota da turma de enfermagem.

Solto uma risada.

— Confesso que eu estava esperando uma coisa mais breve.

Ela morde o lábio para conter um sorriso.

— Você provavelmente apenas teria dito que foi bem, não é?

— Provavelmente. Então, quem foi o cara que deu em cima de você?

— Eu *acho* que deu — ressalta. — O nome dele é Jason, é um-

— Veterano. É, eu sei. — Interrompo-a. *E lá se foi todo o meu bom humor...* — Escuta, você não pode sair com ele.

Amber estreita os olhos para mim. Ela tem uma fisionomia amável, mas a forma com que está me fitando agora não coincide em nada com isso. Os olhos castanhos estão em chamas, aborrecidos, e o cenho encrespado.

— Como é? — ecoa.

— Você não pode sair com ele.

— E por que não?

Percebendo como soou babaca, eu exalo, abrandando o tom. Poderia ser qualquer outro cara e eu não ligaria, juro que não, mas eu conheço Jason melhor do que eu gostaria.

— Porque Jason não é um cara legal, Amber. Ainda mais pra você.

— Ainda mais para mim? — questiona com as sobrancelhas erguidas. — Olha só, Taylor, quem você pensa que é para se sentir no direito de me dizer com quem eu posso ou não sair? Nós não somos nem mesmo amigos! Você não tem esse direito. — Ela exaspera, e eu mordo a língua. Inferno! — Além do mais, eu nem disse que ia aceitar.

— É bom que pense bem... — Porra, pareço uma criança discutindo com um adulto, e tenho certeza de que sou mais velho que ela.

— O que quis dizer com... — Ela engrossa a voz para tentar ficar parecida com a minha e faz aspas com os dedos. Seria cômico se eu não estivesse puto. — “Ele não é legal para você, Amber”?

Respiro fundo, terminando de comer o hambúrguer. Quem sabe, eu engula meu aborrecimento com o restante do pão.

— Eu o conheço — digo simplesmente.

— E o que ele fez para justificar que você pense assim?

Giro a cabeça na direção dela, e roubo uma de suas batatas – uma que não está encharcada de molho –, desejando encerrar o assunto.

— Você não sabe guardar segredo, lembra? — devolvo em tom de brincadeira. É o que sempre faço quando *falar sério* se torna difícil demais. — Então não posso te contar.

Amber faz beicinho, e a protuberância carnuda de seus lábios pressionados me faz engolir em seco diante o pensamento impertinente de como seria mordê-los.

— Eu te deixei comer minhas batatas — negocia.

— Eu *roubei* uma das suas batatas.

— Mais um motivo para você me contar.

Aproximo nossos rostos, e ela suspende a respiração. Quase suspiro com o gesto, porque adoro que ela seja assim, tão transparente.

Amber Thompson é diferente de qualquer garota que eu já tenha visto por aqui – ainda que seja apenas o meu segundo ano em Stanford. Sou capaz de identificar quase tudo que atravessa sua

mente esperta apenas observando seus olhos, como agora, em que ela me fita com expectativa e receio. Isso quando eu não preciso sequer me dar ao trabalho de captar algo, já que externaliza tudo que pensa por essa boca sem filtros dela. Ela é honesta, e muito divertida.

— Taylor... — sussurra.

— Digamos que Jason e eu sempre ficamos interessados pelas mesmas garotas.

— Wow, que problemão hein! — Ela ri e subitamente para, fitando-me com os olhos que não param de aumentar de tamanho. — Isso... isso quer dizer que você... Você acabou de dizer que também gostou de mim?

Volto a recostar as costas na árvore.

— Precisa mesmo dessa resposta?

Ela faz uma negação vigorosa de cabeça, e eu volto a tomar minha Coca, sentindo a garganta seca.

— Não, não, não! Isso não é bom.

— Por que não?

— Porque essas coisas não são pra mim, Taylor.

— Essas coisas?

— Romance... — Ela estuda meu rosto ao dizer, as sobrancelhas finas se aproximando. — A menos que... Você só quer fazer sexo comigo? Não faz sentido, você nem quis me beijar!

Engasgo com o meu refrigerante ao escutar sua pergunta.

Pela segunda vez.

— Você está acostumado a tomar Coca-Cola?

— Puta merda! — praguejo, tossindo. — Eu não estou acostumado *com você*, Thompson.

— Realmente não faz sentido — ela retoma o assunto. — Porque se você for um daqueles caras que transa e não gosta de beijar porque acha muito íntimo e tal, eu tenho que te falar, colocar seu P dentro de uma V já é íntimo demais.

Prendo um sorriso, voltando a respirar normalmente.

— P e V?

Ela revira os olhos.

— É, eu sei que você entendeu.

— Sério que você está cursando medicina e não fala pênis e vagina? — pergunto surpreso. — Ou pau e boceta, como a maioria das pessoas.

Amber pega a latinha da minha mão, encarando o rótulo até encontrar a descrição de que é sem açúcar, então ela passa a tomá-la sem me responder. Não que eu esperasse mesmo por uma resposta.

— Escuta, eu não estou tentando te levar para cama, Amber — esclareço com um sorriso. — Apenas disse que eu gostei de você. Amigos se gostam também, não é?

Novamente ela está me analisando.

Quase posso ouvir o som das engrenagens em sua cabeça se movendo.

— Quer mesmo que eu acredite nisso? Nós não somos amigos. — Ela se levanta, passando as mãos pelo vestido. — Sabe, pelo menos o Jason foi sincero.

Cerro os dentes, irritado. Poucas coisas me tiram do sério, mas infelizmente Jason é uma delas. Ainda mais quando estou sendo comparado àquele filho da puta!

— A última coisa que aquele merda é, é sincero Amber!

— Jason me chamou para ver um filme no apartamento dele, e fez questão de ressaltar que mora sozinho. Não sou ingênua, Taylor, eu sei o que o convite continha. — Ela expõe. — Em momento algum, ele disse que desejava me conhecer ou ser apenas meu amigo.

Bufo, enervado.

— Então vai sair com ele? É isso?

Por que de repente parecemos a porra de um casal discutindo a relação? Por que eu simplesmente não consigo dar as costas para ela já que não quer me ouvir? Deveria deixá-la quebrar esse rostinho bonito quando descobrir quem Jason realmente é.

— Não, droga! Eu não vou sair com ele, nem com ninguém! — rebate cruzando os braços. — Eu tenho objetivos que merecem a minha atenção, um propósito aqui. Não quero nada que me tire o foco disso. Eu... — Balbucia, sem fôlego. — Eu não posso falhar.

Sinto meu cenho crispar. Eu a acharia desequilibrada, se não visse um medo real rondando seus olhos ou notasse os lábios trêmulos. Merda, eu me ergo imediatamente do chão, e tomo cuidado de manter alguma distância entre nós para não invadir o seu espaço.

— Amber...

— Eu tenho aula agora. Não posso conversar.

Sem me dar tempo para reagir, ela segura seus livros e sai, andando pelo Campus a esmo, quase trombando em duas pessoas. Amber não estava indo a lugar nenhum, queria apenas se afastar. Literalmente fugir de mim.

É quando a minha mente dá um nó, indo por um caminho nada saudável. Porque agora, eu estou curioso, e todas as vezes

que algo despertou o meu interesse, acabei saindo machucado. Não sobraram muitos cacos aqui dentro para brincar.

Tenho certeza de que hoje realmente não é o meu dia quando, depois desse episódio, vejo Jason caminhando ao longe, com o mesmo porte vanglorioso e a típica jaqueta azul.

O filho da puta age como se nada tivesse acontecido.

Como pode ser tão indiferente?

Eu jurei que nunca mais iria falar com ele, que fingiria que o desgraçado não existe, mas antes que eu me dê conta, estou próximo a ele, segurando a sua jaqueta.

Jason se desequilibra, virando-se abruptamente. Assim que nossos olhos se encontram, eu vejo a raiva que os seus trazem, mas surpreendentemente não enxergo um pingo de arrependimento. Os meus são pura mágoa, eu tenho certeza. Nunca vou perdoá-lo pelo que fez.

São sentimentos podres como o rancor que escurecem a minha alma, que corroem e me destroem de dentro para fora um pouco mais todos os dias com a minha total permissão. Porque é melhor sentir isso do que não sentir nada.

— Escute bem o que eu vou dizer, porque esse é o único aviso que você vai receber. — Rujo, entredentes, apertando mais a gola de sua jaqueta. — Fique longe dela.

Jason ri em alto e bom som, deixando claro que não se intimida.

— Você vai ter que ser mais claro, Ty.

Sinto meu estômago afundar ao ouvir o apelido. No ano passado, minha reação teria sido totalmente diferente. Eu apreciava

o gesto como uma forma de carinho porque como um tolo, acreditei ter encontrado uma família aqui em Stanford.

— Quero que fique longe da Amber — exaspero. — Ela é uma boa garota, não merece todas as merdas que sempre vem com você.

Ele empurra as minhas mãos e se solta.

— E o cenário se repete — escarnece com um sorriso. — Parece que estamos condenados a gostar sempre das mesmas garotas.

— Ela não é como as garotas com quem você sai.

— É exatamente por isso que gostei dela. Não vou deixar de tentar algo apenas porque está exigindo, Taylor.

Bufo.

— Eu sei que ela não aceitou — rebato.

O sorriso de Jason se expande.

— Questão de tempo — promete. — Sabe o que dizem, garotas difíceis de conquistar possuem um gosto melhor na cama. A vitória é doce, e você sabe como eu sou bom em convencê-las.

Dou um passo à frente, com os punhos cerrados, ansioso para quebrar alguns dentes do sorriso estúpido nos lábios dele. Outra vez, aliás. Mas Olívia impede meus planos, juntando-se a nós e evitando que eu cometa uma besteira.

— Taylor, vamos embora! — suplica segurando meu braço. Não olho para ela, focado demais na raiva que sinto por Jason. — Sabe que não vale a pena.

O aperto dos seus dedos magros não surte o menor efeito na tentativa de me mover. Talvez por isso, percebendo que não vai conseguir nada de mim, ela se volte para Jason e recorra à Kappa.

— Saia logo daqui, Jason! — O tom dela é firme. — Sabe que eu não tolero brigas na KKM.

— Você assumiu o posto há um ano, Olívia. — Retruca. — Não venha dar uma de déspota agora. Sabe que a maior parte dos votos que te elegeram vieram de mim. Eu te fiz ser a presidente.

Olívia empertiga os ombros e dá um passo à frente.

— Não importa como eu consegui. Agora eu sou a presidente, e tenho autoridade para banir qualquer membro que não cumpra as regras da fraternidade. Inclusive você. — Ela diz em tom mais alto. — Então pare de agir como um idiota!

Jason ergue as mãos, afastando-se. Embora seus ombros tenham caído e seus olhos estejam diferentes agora, ele faz questão de repuxar os lábios em escrutínio, mantendo o sorriso debochado.

Ele deixa claro que acabei de cometer uma burrada. Agora que viu como explodi apenas por ter chamado Amber para sair, tenho certeza de que não vai desistir dela. Pior, ele vai o mais longe que puder.

— Que droga você estava fazendo? — Olívia berra. Ela não está insatisfeita apenas com ele. Na verdade, parece ainda mais brava comigo. Não é uma surpresa. — Achei que esse era um assunto superado.

— Ele me tira do sério, Olívia.

— É isso que vai usar para se justificar? Caso não saiba, você deveria agir como uma criatura racional, não um gorila preso em uma jaula! — aponta com rispidez. — Jason só te provoca, porque sabe que vai reagir assim.

— Eu sei, merda! — Respiro fundo, coçando a nuca. — Não queria te colocar no meio disso outra vez, mas ele foi embora com todos os dentes na boca, não é? Não precisa se preocupar, você chegou bem a tempo de evitar qualquer briga. Agora eu preciso ir.

Ela me fita com incredulidade.

— Você arma essa cena e agora simplesmente vai embora?

— A menos que você tenha algo mais a me dizer, sim, eu vou.

Olívia passa as mãos pelo cabelo e respira profundamente, parecendo mais calma no segundo seguinte. Quando volta a me fitar, toda repreensão de sua expressão cedeu, dando lugar a uma cautela que eu conheço muito bem.

Antes mesmo que abra a boca, sei o que ela vai dizer.

Também sei que vou negar.

— Não estava aqui por acaso, estava procurando você. — Admite, os olhos fixos nos meus. — Já faz algum tempo, então... Pensei que talvez, nós pudéssemos ir juntos a...

— Não comece — digo firme, interrompendo-a.

Posso apostar que esperava por essa reação, por essa resposta. Ainda assim, Olívia não esconde o quão decepcionada ela está, e eu recuo um passo, como se abrir distância entre nossos corpos pudesse me fazer sentir um pouco melhor.

— Você prometeu.

— Prometi, mas tive tempo suficiente para me arrepender. — Coloco as mãos do bolso da calça, odiando a reação que causo nela. — Eu não posso fazer isso hoje, Liv. Não estou no clima.

Um sorriso triste se forma em seus lábios.

— Esse é o problema, Taylor. Você nunca está.

Dou as costas para Olívia, e começo a caminhar para longe. Reviver esse assunto, que me machuca mais do que qualquer outro, não é uma opção, então eu o deixo enterrado na parte mais escura e sombria da minha mente, e volto a pensar no menor dos meus problemas. A encrenca loira de grandes olhos castanhos.

Se eu tivesse algum superpoder, com certeza seria meu tato para garotas problemáticas. E depois de hoje, Amber não me parece uma exceção a isso.

Passo as mãos entre os fios do meu cabelo, puxando-os na tentativa de acalmar a inquietação que cresce dentro de mim. Talvez seja meu ego, mas não duvido que Jason possa fazer algo apenas para me atingir. Investir e quebrar o coração de uma garota que não tem nada a ver com a merda que aconteceu entre nós.

Amber pode ser falante, mas me parece ser uma boa garota.

E merda, inocente demais.



4

Amber

Saio da sala estranhando Rachel estar no meu encalço. Ela e a Olívia não parecem gostar de mim, ou melhor, deixam claro que não gostam. Eu sei que comecei com o pé esquerdo, mas ainda não entendo o que deu errado.

— Você vai na festa dos Holt? — ela pergunta.

Giro meu corpo para poder olhar em sua direção, surpresa por ter tomado a iniciativa de começar uma conversa. Agora eu não esqueço mais esse sobrenome, sei que tem relação com Taylor. Porém, eu não fui convidada.

— Hum, não.

— Por que não?

— Não fui convidada.

— Ah! — diz, escondendo um sorriso.

Sinto um braço rodear meus ombros, e olho para trás, deparando-me com Jason. Ele abre um sorriso charmoso e me lança uma piscadela antes de voltar sua atenção para Rachel. O

olhar bravo de antes, suaviza-se e faz par para suas bochechas ruborizadas.

Pobrezinha...

— Pois agora está convidada. — Jason anuncia. — *Eu* estou te convidando.

— Não pode convidar ela assim! — grunhe, Rachel.

— Ela faz parte da fraternidade, é claro que eu posso.

Ela o fita indignada.

— Sabe o que Olívia vai pensar, não sabe?

Ele dá de ombros.

— Não me importa.

— Tanto faz! — Rachel joga os cabelos para trás e sai batendo os pés. Pela força com que agarra sua bolsa está claro que ficou descontente.

— Ela ficou brava... — eu comento.

— Depois eu cuido disso. — Pelo seu tom, não é a primeira vez que acontece. E eu já até imagino o "jeitinho" com que ele conserta.

Giro meu corpo para olhá-lo de frente.

— Ela é sua namorada? — pergunto.

Jason sorri.

— Eu não namoro, baby. Não curto essas coisas.

Assinto.

— É, eu também não.

Seu sorriso se amplia, e ele brinca com uma mecha do meu cabelo. É estranho que isso me deixe desconfortável, o completo oposto de quando Taylor fez o mesmo.

Não seja burra, Amber.

Pare de pensar nisso.

— Gosto de você, garota! Vai hoje à noite, certo?

Faço uma negação de cabeça.

— Tenho muita matéria para estudar.

Jason faz uma careta.

— Tenho certeza que pode dedicar um tempinho para isso depois.

— Melhor não... Preciso me sair bem nas provas.

— As aulas mal começaram — argumenta, rindo.

Abro um sorriso sem graça, apertando mais os livros contra o peito como uma lembrança constante do meu objetivo.

— E quanto a Olívia? — rebato.

— Não se preocupe com ela. Eu cuido disso.

Suspiro, incerta.

— Está comprando briga à toa.

O sorriso que abre dessa vez é diferente.

— Tenho certeza que não — ele contesta. — Você vai gostar da festa, é um evento sagrado para os membros da Kappa.

Hum... será que papai foi?

— Vou pensar sobre isso. Onde vai ser?

— Eu posso te buscar.

Mordo o interior da bochecha, considerando.

Nesse instante, vejo Taylor passar por nós. O olhar que ele dirige a mim é cortante, há tanta coisa ali que eu não consigo decifrar sequer um sentimento. Contudo, quando ele se volta para Jason, noto claramente sentimentos ruins.

Estava certa de que nos cruzaríamos pouco, uma vez que o Campus é enorme. Mas acontece que o teatro que Taylor mais

frequenta é bem ao lado de onde ocorrem a maior parte das aulas práticas do meu curso, em decorrência da localização do laboratório de biologia e do hospital universitário.

— Acho melhor não — decido. — Mas agradeço se me passar o endereço. Se eu resolver ir, vou de carro. Sozinha.

— Ok. Como quiser.

Jason pega meu telefone e adiciona seu número, enviando um *oi* a ele mesmo antes de digitar uma mensagem com o endereço.

— Sabe que ela gosta de você, certo? — Não resisto em perguntar.

— Quem?

— A Rachel.

— Acha isso?

Reviro os olhos e dou um empurrãozinho nele.

— Qual é, qualquer um é capaz de ver isso. Por acaso já reparou no jeito como ela te olha?

— E como ela me olha? — pergunta enviesando os lábios.

— Ah, não! Sem chance. — Nego rindo. — Não vou alimentar seu ego. Apenas por esse sorriso, eu sei que você sabe do que estou falando.

— Certo. — Ele sorri mais. — Não posso dizer que não percebi, até porque Rachel é uma garota bonita. O problema é que eu estou interessado em outra.

Seus olhos se fixam em mim e ele lança outra piscadela, voltando a mexer no meu cabelo. Jason é tão cara de pau que deve usar óleo para madeira como hidratante.

— Você é um safado! Isso sim!

— Uma das minhas qualidades — admite, dando de ombros. — Eu poderia te mostrar outras maiores se estiver interessada.

Dou um tapinha em sua mão, rindo do seu tom de flerte.

— É melhor investir na Rachel, não estou disponível para nenhum envolvimento romântico agora.

Jason sorri, e eu me afasto.

— Espero te ver na festa hoje. — Ele grita enquanto caminho para longe.

O melhor que posso fazer é ir para casa, aproveitar todo o meu tempo livre para estudar. A festa é daqui a várias horas, então, se eu decidir mesmo ir, terei tempo de sobra.

Quando estou entrando no meu prédio, vejo Joshua saindo. Ele é o ruivo que me ajudou com a mudança no meu primeiro dia aqui, aquele mesmo que eu não lembrava como se chamava. Felizmente, vi uma garota conversando com ele outro dia, e consegui gravar o nome.

— Oi, Amber. — Ele me cumprimenta como sempre.

Abro um sorriso simpático.

— Oi, Joshua. Tudo bem?

— Tudo ótimo. Ocupada hoje? — indaga com tom esperançoso.

Sim, ele ainda tenta me levar para sair...

— É, estou.

E eu continuo declinando.

Conversamos um pouco e eu me despeço dele, entrando no 5-A enquanto ele espera o elevador. Por ter ido para a cama bem tarde ontem à noite, preciso de uma dose extra de café antes de me sentar na escrivaninha e abrir o livro.



Sinto minhas costas doerem. Espio o relógio e percebo que estou sentada há mais de cinco horas. Solto um suspiro pesado ao perceber que a matéria ainda não está clara para mim, precisarei de muito mais para aprender as noções básicas de bioquímica. Ou seja, sem festa.

Decido comer algo e tomar um banho antes de voltar à mesa e revisar a matéria pelo menos mais três vezes. Assim que entro na cozinha e coloco um filé para grelhar, meu celular toca.

Abro um sorriso largo assim que vejo o nome na tela.

— May! Que saudade! — Atendo.

— Oi, pessoa favorita. Esqueceu que você tem uma melhor amiga ou já está me trocando por alguma vadia?

Rio, revirando os olhos.

— Claro que não. Como estão as coisas?

— Nada interessante. — Ela geme, chateada. — É um tédio aqui sem você aqui.

— Bom mesmo que esteja morrendo de saudade.

Ela ri.

— Quero saber como estão as coisas aí. Muitos garotos quentes? Já beijou algum? Diz que pegou pelo menos dois, Amber!

Viro a carne na panela, contendo um sorriso.

— Na verdade, a primeira atividade da fraternidade foi beijar o primeiro estranho que encontrássemos.

— Eu realmente amo a América!

— Com a minha sorte, eu consegui um na bochecha — conto, minando a animação dela. — Mas tudo bem, assim eu me mantenho focada no que vim fazer.

May bufa do outro lado.

— Amber...

— Nem comece.

— Começo, sim! Se continuar vivendo por isso vai acabar enlouquecendo. Aposto que estudou o dia inteiro e pelo barulho está cozinhando algo antes de voltar. — *Sim, ela me conhece bem.* — Isso não é saudável.

Suspiro, abaixando o fogo para não queimar a comida.

— Preciso me sair bem nas provas — argumento.

— Meu Deus, as aulas mal começaram!

As mesmas palavras que Jason me disse mais cedo.

Recosto o quadril na bancada.

— Tem uma festa hoje... — comento.

— Agora sim está falando como uma caloura. Da fraternidade?

— Sim.

— E você não quer ir e arruinar o seu plano perfeito, eu aposto. — May solta um suspiro cansado. — Olha, nós vamos fazer o seguinte. Vamos pular toda a parte da conversa em que vamos discutir e poupar tempo. Você deve estar com o cabelo bagunçado e com olheiras, então precisa de alguns minutos para se arrumar.

Uau.

— Eu não vou. — Insisto.

— Tem que se *divertir.*

— Tenho que *estudar*.

— Tio Alec participava da fraternidade, aposto que também ia às festas.

Respiro fundo, desligando a chama do fogão e saindo da cozinha.

— Golpe baixo, May... — resmungo.

— Esse é o único argumento que funciona com você — aponta minha amiga. — Agora anda, coloca um vestido bonito e vá a essa festa. Se eu ligar mais tarde e você não estiver bêbada, eu pego um avião e vou até a Califórnia dar um jeito em você. Aposto que Luca vai comigo.

Finjo descontentamento, separando uma peça de roupa. Mas não posso evitar sorrir, porque sim, por mim qualquer um deles atravessaria um oceano a braçadas.

— Você me convenceu May, não precisa me chantagear.

— Está no sangue da família.

Abro um sorriso, sentindo uma pontada de saudade do vovô.

— Me manda foto quando estiver pronta? — ela pede.

— Eu mando. Obrigada.

— Amigas são pra isso.

Desligo a chamada com a certeza de que May tem razão, e eu não poderia ter uma amiga uma melhor, se não ela.

Levo alguns minutos me arrumando até ter um visual decente, com um vestido azul bonito e os cabelos soltos. Queria ter puxado os fios ondulados e dourados da minha mãe, meu cabelo é de um tom mais pálido e bem mais curto do que o dela.

Avalio, dando uma voltinha no espelho, e tiro uma foto, enviando para May como combinado. Ela responde antes que eu possa bloquear a tela:

May: *Gostosa! É bom se divertir.*

May: *Amo você.*

Um sorriso mal se forma em meus lábios, antes de se fechar quando me viro e encaro a pilha de livros sobre a mesa, zombando de mim. Levo a mão à boca, apreensiva, mas antes que eles me façam mudar de ideia, eu apago as luzes, saindo do quarto.



Seguindo o endereço que Jason me passou, dirijo até o local, parando em frente a um prédio estudantil. Por sinal, quieto demais. Mas ele me mandou o apartamento e o andar, que é um dos últimos, então deve ser isso, o barulho está sendo abafado.

É uma construção simples, com alguns tijolos descobertos e pintura desgastada. É enorme, contando com vários andares de escada muito apertados, um elevador pifado, e diversas portas.

Com as pernas doendo – foi uma péssima ideia usar saltos –, chego ao apartamento, parando na segunda porta do corredor. Dou duas batidas, e nada. Espero um pouco e bato mais uma vez, e então a porta se abre.

Quase caio para trás.

— Oh, meu Deus! — É tudo que eu tenho capacidade de dizer, quando vejo Taylor na minha frente.

Pelado.

Molhado.

Apenas com uma toalha enrolada na cintura.

Assim você não me ajuda, papai...

Ele deve ter acabado de sair do banho, talvez estivesse no chuveiro ainda quando eu bati pela primeira vez, por isso demorou a atender. Até cubro meus olhos por reflexo, mas acabo abrindo os dedos e espiando por entre as frestas.

Seu rosto me deixa zonza, ainda mais com os cabelos escuros completamente bagunçados e os olhos profundos, vidrados em mim. Mas isso é apenas uma parte da obra. Os braços fortes com veias saltadas nos antebraços, o peito largo e o pacote de oito músculos na barriga me monopolizam por completo.

— Thompson... — Sua voz é uma mistura de divertimento e confusão. — Se encarar mais essa toalha, ela vai acabar caindo com a força do seu pensamento.

Constrangida, ergo os olhos para os dele, saindo do transe com a advertência.

— O que está fazendo aqui? — pergunta ao cruzar os braços. Prestes a me recompor, a visão de seus bíceps se movendo com o gesto é o bastante para jogar no lixo todo o meu progresso.

Meus pensamentos não deveriam ir por esse caminho, mas a toalha está presa precariamente, apenas por uma dobra do próprio tecido ao redor do quadril.

— Amber? — chama minha atenção pela segunda vez.

Sinto meu rosto esquentar mais.

— O que disse?

— Perguntei o que está fazendo aqui.

— Bom, eu... Eu peguei o endereço com o Jason.

Basta dizer o nome dele para Taylor cerrar o maxilar, os olhos intensos tomados pelo aborrecimento.

— Por que aquele imbecil te deu meu endereço?

Por muito pouco, não recuo um passo.

— Eu não sei — defendo-me.

— Como assim não sabe?

— Pensei que era o endereço da festa. Da *sua* festa.

— Acha que vou dar uma festa nesse estado? — rebate, apontando para o próprio corpo. — Esse é um prédio estudantil, Amber. Não tem festa nenhuma acontecendo aqui.

Não é como se eu possuísse muitas referências para ter notado algo fora do normal. Não vou a muitas festas, e tudo na América, de certa forma, é uma novidade.

— Eu ouvi seu sobrenome. Holt, não é?

Ele me analisa por um tempo e então suspira, entrando e me dando passagem, parecendo finalmente entender o que estava acontecendo. Delibero sobre entrar ou não, mas... Bom, não sou boba. Eu é que não vou desperdiçar a visão dele assim.

— Está claro que Jason tirou uma com você.

— Por que ele faria isso? — indago confusa.

Taylor não responde, e ainda me dá as costas.

— Ei! — Eu o puxo pelo ombro e Taylor se vira com olhos curiosos. — Pode me dizer o que está acontecendo aqui? Porque apenas você parece ter entendido.

— Vou vestir uma roupa e nós vamos.

Abro e fecho os lábios, assistindo-o caminhar para longe antes que eu possa insistir. Com a ausência dele, avalio melhor o espaço e fico surpresa com o que encontro. É um lugar minúsculo! Onde estou há um fogão, ao lado dele um sofá que já viu dias melhores, e uma mesa pequena mais adiante. Nada mais. Por uma porta entreaberta, é possível ver ladrilhos do banheiro, e levando em

consideração que Taylor foi em direção a outra, presumo que aquele seja o quarto. Conseguiria colocar todos os seus cômodos na minha sala.

Ele não demora a retornar, vestindo uma camisa preta sem estampa, uma jaqueta da mesma cor e um outro jeans surrado. Taylor é como um presente de Natal, você fica doido pra abrir, mas é um charme embalado também.

— Vim de carro... — comento quando saímos.

Taylor acena.

— Ótimo.

Enquanto descemos os lances de escada, o clima fica ainda pior. Pelo curto espaço disponível, meu corpo inevitavelmente toca o dele. A cada degrau, nossos braços roçam um no outro. Ele pode estar protegido por um tecido grosso, mas meus braços nus estão sendo castigados com esses arrepios.

Quase solto um gemido de alívio quando entramos no carro e dou partida, abrindo todas as janelas para fazer o ar circular e apagar a fragrância que emana dos poros dele. Não parece nenhum perfume importado que conheço, mas o cheiro é delicioso da mesma forma.

O trajeto é rápido, logo eu estaciono em frente a festa, na própria sede da fraternidade. O barulho que emana do local pode ser escutado a quadras de distância, é impossível não notar que uma festa está acontecendo. Jason foi um idiota e eu uma toupeira, faz muito mais sentido a festa ser aqui de qualquer jeito.

Quando descemos do carro, estacionado em frente ao gramado coberto de copos vermelhos e casais se beijando, vários pares de olhos se voltam para nós, simulando surpresa. Não

entendo porque droga as pessoas ficam sempre tão espantadas por ele estar comigo.

— Viu, é disso que eu estava falando — resmungo e Taylor olha interrogativamente para mim. — Estão olhando para nós, como se fosse absurdo você estar comigo.

Seus olhos me percorrem, capciosos.

— Você queria que soubessem que está comigo?

— Nós... nós não estamos... — gesticulo de mim para ele — um com o outro.

Ele dá de ombros.

— Então por que se preocupa?

— Porque parece um absurdo você estar comigo — repito.

— Se te deixa melhor, não é você, sou eu.

Olho de esguelha para ele.

— Uau. Já está usando essa frase?

Taylor sorri.

— Você veio ou não curtir a festa, Thompson? — Seu braço envolve meus ombros, colocando seu corpo em movimento e o meu por inércia. — Estão surpresos comigo, não pense demais.

Entramos na casa e, por dentro, o barulho é ensurdecedor. Taylor é um perfeito cavalheiro ao se oferecer para buscar algo para bebermos, certificando-se se desejo algo alcoólico ou não.

É, eu sei. Não deveria aceitar bebidas de ninguém, muito menos as que não vierem lacradas. Estranhos são traiçoeiros, como Jason mesmo provou ser e como minha mãe sempre me alertou. Mas eu confio no Holt, fazer o quê?! Talvez a beleza dele diminua alguns pontos no meu QI.

Mais um motivo para ficar longe.

Eu deixei o **capítulo** de bioquímica pela metade...

— Não acredito que trouxe essa garota. — O tom indignado de Olívia chama minha atenção, e de algumas pessoas ao nosso redor.

Taylor apenas suspira, parecendo impaciente.

— Não exagera, Liv... — A voz dele é doce, mas não surte efeito em acalmá-la. — Se quer saber porque ela está aqui, deveria perguntar ao Jason e não a mim.

A irritação de Olívia finalmente me faz juntar as peças e entender o que está acontecendo. Ela é a namorada dele, droga. Por isso ele não quis me beijar no dia em que nos conhecemos; por isso ele é legal comigo, mas sempre um pouco distante, e realmente estava me oferecendo amizade sem interesse na minha V. E claro, por isso Olívia me queima com o olhar sempre que me vê.

— Oh, meu Deus! — digo alto demais pela surpresa.

Ambos olham na minha direção, deixando a discussão entre eles de lado. No mesmo momento, atraído pela confusão, Jason aparece. Olívia precisa segurar Taylor, *ou tentar*, para que não parta pra cima dele.

Encaro toda a cena estupefata, e com o cenho repleto de confusão também. Olívia e Taylor eu já entendi, mas o que Jason tem a ver com isso?

— Estão estragando a festa com essa discussão sem sentido. — Jason reclama e puxa Olívia pelos ombros, intimamente. Espio Taylor pelo canto do olho, mas ele não faz nada. — Vamos Olívia, está na hora do nosso joguinho de sempre. Como presidente da KKM, você precisa estar presente.

— Ninguém aqui vai cair no seu strip poker, Jason. — Ela responde, passando a me olhar. Para variar, aborrecida. — Ao menos não as veteranas, deveria tentar a sorte com as calouras.

Com um sorriso expressivo, ele me encara.

— Amber... — Nota a minha presença, aproximando-se para beijar a minha bochecha. Ele abre distância entre nós e desliza os olhos escuros por mim em seguida. — Você não apenas veio, como está muito bonita.

O elogio não me amolece.

— Mesmo com o endereço errado, consegui chegar aqui.

— Devo ter me confundido. O importante é que está aqui, e que trouxe o Taylor. Normalmente, ele não vem às festas da fraternidade. — Jason volta a tentar se aproximar. — Estou ansioso para te apresentar algumas coisas.

Dessa vez, Taylor entra na minha frente, impedindo o movimento.

— Não disse que está na hora do jogo? — interpela. Não preciso ver sua expressão para desconfiar que está fechada, sua voz ríspida ao se referir a Jason é toda prova que preciso. — Então vamos logo.

Taylor incentiva que eu segure sua camiseta para não me perder dele, e eu obedeço, apertando os dedos contra o tecido com apreensão.

Observo as pessoas ao redor rindo e se divertindo enquanto andamos, e fico contagiada, virando outro copo de bebida que possui um gosto muito estranho pelo caminho. Não costumo beber, mas sempre que estou andando alguém coloca um shot com

bebidas variadas na minha frente. Adoro coisinhas coloridas, então eu sempre pego.

Ao chegarmos em uma sala, encontramos outras quatro pessoas sentadas em uma semi roda, que se completa quando nos sentamos. Ao ver uma garrafa no centro, entendo qual será o jogo.

Gosto da brincadeira, meu primeiro beijo foi em um desafio desses. Mas pela tensão envolvida, acho melhor eu ficar apenas com verdade essa noite. Não confio em Jason e Olívia pode acabar me oferecendo uma dose arsênico para beber.

— Uma brincadeira tão adolescente, precisa ficar mais interessante. Então a cada vez que negarem o desafio e escolherem verdade, vocês tomam uma dose disso aqui. — Jason anuncia, balançando um vidro com líquido amarronzado. — Nada de cerveja, vodca ou tequila. A única coisa oferecida a partir de agora será nossa mistura secreta.

Oh-ou!

— O jogo não é assim, Jason! — Holt intervém e olha para mim. — Algumas pessoas não estão acostumadas com essa porcaria.

— Por que acha isso? — questiono ofendida.

— Você fez careta para beber cerveja.

Fecho a boca, sem argumentos. Como tenho dezenove anos, em teoria eu nem poderia estar bebendo, mas ninguém aqui além de Taylor parece se importar com isso.

— Ela quer jogar, não quer? — É Olívia falando. — Então pronto. Ou ela é corajosa a ponto de escolher um desafio, ou escolhe verdade e vai tomar um desses como todo mundo.

— Ou nós não jogamos. — Holt decide, levantando-se.

Outra coisa sobre mim: além de falante, falsa durona e fraca para bebidas, eu também sou teimosa. Principalmente, quando não confiam no meu potencial. Eu sou uma negação com o álcool, mas a expressão de desdém no rosto de Olívia me faz agir com infantilidade.

— Gira a garrafa — eu digo.

— Amber...

— Eu vou ficar, Taylor.

Bufando, ele se senta ao meu lado outra vez. Não tenho certeza, mas acho que o escuto resmungar algo como “Porra de Matraca infantil”. Antes que eu possa rebater a ofensa, a garrada é girada, iniciando o jogo.

Na primeira rodada, a garrafa para entre Olívia e uma menina de cabelos curtos. A garota escolhe *verdade*, responde uma pergunta vergonhosa e toma um shot. Na segunda, a garrafa para entre dois rapazes que eu não conheço, um deles escolhe *consequência* e termina trancado no armário com Olívia pelas duas rodadas seguintes. O famoso *sete minutos no paraíso*.

Fito Taylor de esguelha, mas ele não parece se importar. Não há sequer uma ruguinha entre as sobrancelhas dele. *Que diabos!*

Mais algumas rodadas se passam assim, até que a garrafa para entre Taylor e Jason. Não precisa ser um gênio para adivinhar a balbúrdia que estava por vir, a tensão entre eles poderia ser cortada com uma faca. Faca essa que Holt parece estar usando mentalmente na direção de Jason.

— Verdade ou consequência? — Taylor indaga a contragosto.

— Consequência.

— É covarde demais para escolher verdade?

Jason escarnece, mas parece nervoso.

— Você quer verdade? Então tudo bem. — Ele vira o shot antecipadamente. — Qual é a resposta que você tanto precisa, Ty?

Taylor revira os olhos e cerra a mandíbula em resposta. Achei meio exagerado, afinal o apelido é uma gracinha. Se mamãe reagisse assim, meu pai teria perdido a língua.

— Você ao menos se arrepende? — Holt pergunta.

Um silêncio incômodo perdura por alguns segundos. Olívia tem a respiração suspensa e a cabeça abaixada, o completo oposto de Taylor que tem os olhos injetados à espera de uma resposta. Eu fito o trio atônita, sem conseguir compreender a dinâmica entre eles.

— Você sabe que sim. — Jason murmura, e gira a garrafa.

Insatisfeito, Taylor parece prestes a argumentar, disposto a uma boa discussão, mas estaca, assim como eu, quando a garrafa para entre nós. Minha respiração engata, afinal quais as chances? Ainda mais sentados lado a lado?

— Verdade ou consequência? — ele me pergunta.

— Ah... — Pisco, encarando seus olhos. — Consequência.

Uma de suas sobrancelhas se ergue em desafio. Escolhi *consequência* porque aparentemente tenho cinco anos de idade mental com as provocações pedantes de Olívia. E também porque me sinto segura com Holt para essa opção.

É, eu sei. Loucura.

— Tire a jaqueta — pede baixo, enrouquecido.

Não me sinto mal, estou com calor pelo álcool bombeando na minha corrente sanguínea. Mas a voz dele ao fazer o pedido e o olhar que me lança enquanto assiste eu me despir, me obriga

respirar fundo à procura de ar. Mesmo sem o peso do jeans, não sinto o alívio que esperava. O ambiente continua quente demais.

Na próxima rodada, a garrafa para entre Olívia e Taylor. Observo ambos, sendo obrigada a admitir que ela é mesmo linda e forma um belo casal com ele. Eles até se parecem, noto. Rosto simétrico, belos olhos azuis e sorriso alinhado.

— Verdade ou consequência? — Ela pergunta.

— Verdade.

Olívia estreita os olhos para ele.

— Você quase nunca escolhe verdade.

— Eu disse verdade, Liv. Qual sua pergunta?

— Você gosta dela? — indaga, apontando para mim.

Comprimo os lábios, receosa. Será que ela me viu olhando para ele? Ah, que pergunta idiota, é claro que viu. E olha que a pobre Olívia sequer sonha em saber o que passou pela minha cabeça quando eu o vi sem camisa.

— Gosto — ele responde e gira a garrafa.

— Mas não aconteceu nada entre nós. — Sinto obrigação de esclarecer, e eles olham interrogativamente para mim. — Quer dizer, eu olhei para ele algumas vezes. Hoje foi uma delas. Mas eu juro que não faria nada, ainda mais agora sabendo de vocês.

— Já deu, Thompson! — Ouço a voz de Taylor, mas eu não paro.

Claro que não.

— Foi só uma espiadinha, bem pequena mesmo, quando ele abriu o apartamento. Mas no meu lugar você teria olhado também porque, você sabe, — dou uma risada nervosa para Olívia — ele é bem bonito. E tem uns braços... — Suspiro, tentando pensar com

clareza. — Eu não consegui não olhar enquanto aquelas gotas de água caiam, caiam e... Ai!

Olho brava para Taylor, que deu um beliscão no meu braço. Ele não me deixou chegar na parte mais importante da história, onde eu admito ter feito isso apenas porque imaginava que ele fosse solteiro.

— Você me beliscou! — reclamo.

— Cala essa boca, pelo amor de Deus!

Jason ri tanto que se curva para trás, mas Olívia obviamente não encontra o mesmo humor. Agora ela tem certeza que eu babo no homem dela. Oh Deus, eu deveria ter encurtado a história e me explicado melhor.

Outras duas rodadas acontecem, e eu fico mais muda do que o abajur no canto da sala. Porém, tenho certeza de que o destino está mesmo contra mim quando a garrafa para na minha direção, indicando Jason e eu. A droga da tampa nunca cai para o meu lado, dando-me a chance de perguntar, só para levar ferro mesmo.

O sorriso no rosto dele é imenso quando pergunta:

— Verdade ou consequência, baby?

— Consequência — Eu já me sinto ligeiramente embriagada, e não confio mais na minha boca aberta à essa altura.

— Já disse que tenho um fraco pelas ousadas? — Ele ri, lançando um rápido olhar na direção de Taylor. — Te desafio a beijar o marrento aí. Vamos ver se você consegue melhorar essa expressão carrancuda dele.

Engasgo com a saliva, esbugalhando os olhos.

— C-como é?

— Beijar o Ty. — Jason repete, ainda sorrindo. — Dessa vez, com língua, é claro. Ele vai ficar mais contente do que com um beijinho na bochecha.

Fito Holt, que está imóvel. Depois olho para Olívia que balança a cabeça negativamente em uma ameaça. Bom, funciona. Não sou capaz de fazer isso, mesmo sendo uma brincadeira, mesmo ele sendo lindo de morrer. Eu não sou assim.

— V-verdade — mudo, gaguejando.

Jason ri mais e eu me obrigo a beber mais um shot, mesmo sentindo as coisas rodarem ao meu redor. E olha que ainda estou sentada.

Isso não vai terminar bem.

Existem mesmo dois lustres no teto?

— Ok. Hum... — Jason pensa, correndo os olhos pelos integrantes. — Ah, já sei! Se você fosse escolher alguém aqui para trepar, quem seria?

Limpo a garganta, desconfortável.

Parece que mudar de opção não ajudou tanto assim. Tem quatro meninos aqui: Jason, Taylor e outros dois que eu nunca vi antes. Um deles é claramente gay e o outro é muito, muito estranho. Decerto, minha resposta seria o Taylor, isso se ele não fosse comprometido e a sua namorada não estivesse bem à minha frente aguardando a minha resposta.

E, falando sério, eu passei vergonha o bastante essa noite.

— Você, eu acho — respondo para Jason.

Assim que ouve minha resposta, Holt se levanta subitamente, tão exaltado que quase quebra a garrafa com o movimento. Eu me levanto junto, de alguma forma puxada pela energia dele, confusa

com a atitude. Não fiz para provocá-lo e realmente não compreendo sua reação.

Contudo, não tenho tempo de gritar ou perguntar o que há de errado com ele. Assim que me coloco de pé, minha cabeça gira, acometida pela vertigem. Sou obrigada a agarrar seus ombros para não ir ao chão.

Daí em diante, tudo acontece bem rápido.

Meu estômago embrulha.

Minha cabeça volta a rodar.

O teto claro se torna escuro.

Não sei bem o que está acontecendo. Sou capaz de registrar apenas o olhar preocupado de Taylor e seus braços, que envolvem a minha cintura, antes de apagar.



Amber Thompson é a maior encrenca com a qual eu já me deparei.

Isso é um fato incontestável.

Além de ser teimosa, é fraca para bebida como eu bem suspeitava.

Agora, depois do seu discurso de como ficou me secando no meio da festa, estou levando-a para casa. Com sorte, ela conseguiu me dar as chaves e explicar o endereço, informando o prédio em que reside e o apartamento, o 5-A.

Por que estou fazendo isso? Ótima pergunta.

Por alguma razão, eu me sinto responsável por ela. Não poderia deixá-la na fraternidade, muito menos aos cuidados de Jason.

Mas Amber não facilitaria a minha vida.

Claro que não.

Nem para ela ser uma bêbada bacana, daquelas que apagam e só acordam no dia seguinte. Ou até daquelas que vomitam tudo que beberam. Não, ela fica oscilando em um estado de semiconsciência, cochilando no banco do carona e falando tudo que vem à cabeça.

— Eu não devia ter bebido tanto... — É a quinta vez que diz isso.

— Avisei para ir com calma. — E é a quinta vez que respondo a mesma coisa. Não adoço a pílula para ela, eu avisei para ir com calma.

— É que eu não queria escolher *consequência* com medo de ter que beijar alguém... E depois fiquei com medo de escolher *verdade*.

Isso é novo.

Desvio os olhos da estrada por alguns segundos.

— Por que ficou com medo de escolher verdade? — eu pergunto.

— Por conta da sua namorada.

Quase rio.

Era só o que me faltava.

— Que namorada, Amber?

— A Olívia, ora! — resmunga aborrecida. — Falando nisso, me desculpa por contar que estava babando em você? É que eu não gosto de mentir e sempre acabo falando o que penso. — *Como se eu já não tivesse percebido...* — Mas foi culpa sua também.

— E como isso pode ter sido minha culpa?

— Você não devia ter aberto a porta daquele jeito.

Estreito os olhos.

— Daquele jeito?

— É... — Amber sussurra como se fosse segredo. — Pelado!

Movo a cabeça, divertido.

— Eu não estava pelado.

A reposta demora a vir. Por isso, fito novamente a direção dela e flagro o instante em que aperta os olhos, respirando profundamente. Por precaução, abro o vidro do lado do passageiro pelo controle automático.

— O carro é seu, mas se for vomitar — eu aviso —, sugiro que use a janela.

— Eca! Não!

Amber inspira profundamente algumas vezes e gira o rosto em direção ao ar frio, desfazendo pouco a pouco a expressão enjoada. Recrimino-me por notar a forma como seu cabelo chicoteia no ar, emoldurando seu rosto, e o fio impertinente que fica grudando nos lábios dela, monopolizando a minha atenção.

Limpo a garganta.

— Voltando a falar de Olívia — retomo o assunto, fechando o vidro. — Ela não é minha namorada. É minha irmã.

Amber solta um som surpreso e bate a cabeça na janela do carro.

— Ai!

— Ei, cuidado! — Tiro os olhos da direção para assegurar se ela está bem e volto a olhar para frente. Mais um adjetivo para a lista: desastrada.

— Mas... — Ela se interrompe, a feição confusa. — Achei que fossem namorados e por isso ela me odiasse, porque você gosta de mim.

Continuo a olhar para frente, mas um sorriso luta para se abrir em meus lábios.

— Por que você acha que gosto de você? — interpelo.

— Você disse que gosta.

Disso, ela se lembra...

— Eu disse mesmo. E você disse que ficou olhando as gotas de água no meu corpo — provoco para envergonhá-la, mas bêbada a sem-vergonha nem cora.

— Olhei mesmo. Elas desciam e desciam... — Ela gargalha, alcoolizada. — Fiquei imaginando o que tinha mais embaixo...

Então ela dorme de novo, tombando a cabeça no vidro.

Exalo o ar, apertando o volante com força para tentar bloquear meus pensamentos. Esse joguinho não deveria, mas está me deixando duro. E eu me sinto um imbecil por estar excitado com as coisas que uma garota bêbada fica dizendo. *Pelo amor de Deus!*

Ajeito as calças e abro o vidro do meu lado, esperançoso que o ar gelado acalme a situação. Tecnicamente eu também não deveria estar dirigindo já que tomei umas cervejas, mas estou bem. Caso contrário, não estaria colocando nossas vidas em risco. Por sorte as ruas estão vazias pelo horário; lidar com trânsito agora seria crueldade demais.

Amber mal sabe como eu me senti ao abrir aquela porta mais cedo. Jason deve ter adorado curtir uma com a minha cara porque eu realmente fiquei sem reação quando a vi parada ali, na minha frente. Ainda mais com esse vestido...

Ainda que o modelo não revele tanto pelo decote alto, o tecido está perfeitamente ajustado às suas curvas. Que belo par de seios! Precisei respirar fundo e me obrigar a encontrar seus olhos. O

que não ajudou em nada a minha situação, uma vez que os encontrei deslizando pelo meu corpo.

Ela não fez isso de modo sensual, para me provocar ou incitar. É sexy sem querer ser, com sua boca sem filtros dizendo tudo que pensa e sua incapacidade de maquiar as próprias reações. Amber deve ser a pessoa mais honesta que conheci na vida.

Precisei sair correndo da sala para me arrumar, porque só uma toalha não iria esconder muita coisa dos seus olhos atentos. E eu não quero que ela pense que é isso que eu quero, uma noite de sexo quente e nada mais.

Não que algo vá realmente acontecer entre nós.

O golpe que meu coração tomou há muito tempo foi tão forte que o deixou inerte dentro do peito, ninguém chegou perto de fazer alguma fagulha brilhar dentro da escuridão profunda que habita lá dentro. Depois do que aconteceu, consegui me abrir apenas para uma pessoa, que me apunhalou pelas costas, atingindo ironicamente também o meu coração.

Amber é linda, inteligente e divertida. Tão inocente que minha mente fervilha ao imaginar as diversas maneiras que eu poderia pervertê-la. Mas ainda não sei nada sobre ela, e mesmo desejando a babona aqui do lado, não estou disposto a depositar minha confiança em mais ninguém.

Quando eu estaciono o carro na garagem do prédio, saio e dou a volta, abrindo sua porta. Como estava escorada na janela, seu corpo pende na minha direção, sendo contido pelo cinto de segurança.

Com cuidado, eu a solto e pego no colo, fazendo uma acrobacia para fechar a porta e ativar o alarme pelo botão da chave.

Em meus braços, Amber se sacode, resmungando antes de fazer seu típico beicinho, aquele que eu tenho vontade de morder. Até dormindo ela me provoca.

Enquanto entramos no elevador, ela acorda, forçando o corpo para descer. Eu acato, ajudando a se manter de pé ao ampará-la pela cintura, acionando o andar no painel. Não demora muito para chegarmos ao seu apartamento.

Eu poderia deixá-la no corredor e ir embora, mas ficaria preocupado. Então resolvo ajudá-la com as chaves e ir embora quando estiver segura em sua sala de estar. Por esse motivo, eu entro no apartamento com ela.

— Não fica bravo comigo — pede ela com a voz arrastada.

Franzo o cenho.

— Não estou bravo.

Amber suspira.

— Mas fica me olhando assim, todo impotente.

Levo alguns segundos para entender o que quis dizer.

— *Imponente*, Amber — resmungo. — *Impotente* não!

Ela ri de mim, mas duvido que tenha entendido a gafe que cometeu. Pelo seu estado, não está prestes a desmaiar de novo, somente aérea. O que é muito bom, significa que não precisarei colocá-la debaixo do chuveiro e poderei ir embora logo.

Dou graças a Deus por não precisar passar por essa prova de resistência.

E agradeço cedo demais.

No terceiro passo, Amber faz careta e vomita tudo o que bebeu no meio da sua sala. E, de quebra, em cima dos meus sapatos. Mal tenho tempo de segurar seu cabelo e apertar sua

cintura, uma vez que chegar ao banheiro não é mais uma opção até que termine.

— Desculpa... — murmura, meio embolado, tentando limpar a boca.

— Tudo bem. Onde é o banheiro?

Ela ergue a mão e aponta.

Pego Amber no colo pela terceira vez essa noite e a levo para o banheiro, passando pelo seu quarto, que é uma suíte. Ligo a ducha no frio e coloco seu corpo debaixo do jato com roupa e tudo. Odeio a feição de choro que ela faz, mas é a melhor alternativa para uma bêbada que mal consegue ficar de pé. E quando ela se desequilibra, mesmo nos meus braços, percebo que o arranjo não vai funcionar.

Retiro meus sapatos cobertos de vômito, deixando no canto do banheiro e a minha roupa, permanecendo com a boxer e entrando com ela. *Gelado para uma porra!* Envolvo a sua cintura com um braço e seguro seu rosto pelo maxilar com o outro, mantendo-a estável e o mais distante possível.

— Tá fria, Ty! — ela reclama, agarrando meu braço.

Não sei se me chama assim porque não consegue dizer meu nome no estado em que está, ou por outra razão qualquer, só sei que detesto esse apelido.

— Não vai demorar, mas eu preciso te limpar. Você está toda suja.

Ela geme, chateada.

— Eu não devia ter bebido tanto... — Com essa, é a sexta vez.

Apenas sorrio em resposta. Não vou mais jogar na cara dela que eu alertei, sua ressaca amanhã será castigo o bastante.

Com cuidado, retiro sua roupa, deixando-a apenas com as de baixo, olhando o mínimo possível e prendendo minha atenção em seu rosto. Contudo, é impossível não notar a cicatriz dividindo seu tórax. É fina, quase da cor da pele, sinal de um trabalho muito bem feito, mas ainda assim é perceptível.

Não entendo muito de cirurgias, mas sei que para abrir o peito de alguém dessa forma precisa ser sério. Que diabos aconteceu com ela?

Ficamos por um bom tempo sob o jato de água. Eu concentrado em criar várias teorias para explicar aquela marca e Amber piscando lentamente, sem me dar certeza do seu estado.

Aos poucos, sinto a firmeza retornar ao corpo dela, e opto por desligar o chuveiro quando ela consegue se manter de pé sem muito auxílio.

Pego a toalha branca no batente e Amber a enrola em seu corpo.

— Pode me deixar sozinha um minuto? — pede baixo.

— Tem certeza que está bem?

Amber aquiesce.

— Quero escovar os dentes.

— Tudo bem — concordo.

— Tem toalhas limpas na primeira gaveta da cômoda.

— Obrigado.

Saio do banheiro e pego a toalha como ela orientou, comicamente enrolando-a na cintura como no começo de toda essa confusão. Enquanto Amber não volta, analiso seu quarto.

As paredes são de um azul bonito, imitando a cor do céu. É tudo bem colorido para falar a verdade, alegre assim como ela. A escrivaninha está abarrotada de livros e tem uma caneca suja em cima. Tem um porta-retrato na mesa de cabeceira, uma foto bonita em um parque verde e ensolarado. Dois adultos, que imagino serem seus pais, estão abraçados e há uma garotinha loira no meio que se parece muito com a Amber de hoje. Eles parecem felizes.

— Oi... — Amber chama a minha atenção.

Está parada no batente, ainda enrolada com a toalha e com minhas roupas na mão. Suas bochechas estão rubras, o que me faz sorrir. Se está envergonhada, está melhor.

— Você demorou. Tudo bem? — pergunto me aproximando.

— Tudo. Estava limpando seus sapatos. — Ela faz careta e olha para as minhas peças de roupa que está segurando. — Vou colocar isso para lavar.

Resolvo brincar para dissipar um pouco do seu constrangimento.

— Querendo me manter pelado, Thompson?

Seus olhos se arregalam.

— Estão... sujas.

Vou até ela e tomo as peças de roupa de suas mãos.

— Porque não me diz onde a máquina de lavar está e, enquanto cuido disso, você veste uma roupa? — proponho.

— Parece bom...

Ergo a mão para tocar a pele quente das suas bochechas. Amber tem os olhos avermelhados e a expressão sonolenta. Está péssima!

— Tem algum analgésico por aqui? Vai ajudar com a ressaca.

— Tenho. No armário da cozinha.

Anuo, saindo do quarto. Encontro a lavanderia ao lado e coloco as minhas roupas para lavar, sem a mínima ideia de como vou embora sem nada. Aproveito para limpar a bagunça da sala também, com o balde e o pano de chão que encontrei na lavanderia. Depois volto para a cozinha e procuro nos armários até achar uma caixa com os analgésicos, deixando-a em cima do balcão de mármore enquanto faço uma xícara de café. Forte e bem amargo.

Quando retorno ao quarto, Amber está sentada na cama, vestida com uma camisa larga da cor amarela e o símbolo da Lufa-lufa, junto a um short preto listrado. Entrego o copo juntamente com a drágea, e ela bebe. Embora não reclame dessa vez, mantém a mesma expressão contraída de antes.

— Bom? — inquiro. Seu olhar indignado é toda resposta que preciso. — Sinto muito por estar ruim, mas vai me agradecer amanhã.

Amber assente conformada e bebe mais um pouco.

— Obrigada... — murmura.

— É apenas um café.

— Não só pelo café. Por cuidar de mim.

Engulo em seco.

— Não precisa agradecer. É melhor você dormir agora.

Como está caindo de sono, ela concorda. Ajeito os lençóis e ajudo-a a se acomodar melhor na cama, deixando a caneca em sua mesa de cabeceira. Ela se deita agarrada às cobertas, com as pálpebras já cerradas.

Agora, está uma bêbada boazinha.

Certificando-se de que está bem, eu me afasto, disposto a ir embora. Terei que voltar a pé e com as roupas úmidas da secadora, mas paciência.

— Aonde você vai? — Amber ergue o rosto, perguntando assim que lhe dou as costas.

— Embora. Está tarde.

Ela volta a fechar os olhos, e faz aquele beicinho de novo. Parece uma criança quando faz isso, o que por sinal deveria me irritar e não causar vontade de ir até ela e abraçá-la. Protegê-la. Beijá-la até não conseguir respirar.

— Fica... — Sua voz não é nada mais que um sussurro.

Mas é o bastante para me estacar no lugar.

— Não acho uma boa ideia, Amber.

— Eu converso com a Olívia amanhã... — Boceja. — Prometo.

— O quê?

— Prometo não tocar em você... — Ela abre os olhos e me encara de novo. — Não quero ficar sozinha.

Suspiro, indeciso sobre aceitar ou não. Obviamente, não irei me aproveitar dela. Meu medo é o que ela própria irá pensar pela manhã quando acordar ao meu lado.

— Taylor... — Seu tom doce me desarma.

Derrotado, eu me deito ao seu lado, por cima da coberta. Amber me encara uma última vez antes de cerrar os olhos e manter a respiração lenta. Inspirando e expirando calmamente.

Eu, por outro lado, não consigo dormir. Fico pelo menos meia hora perdido em pensamentos, que oscilam desde o meu passado

até agora, um momento que definitivamente não imaginava que fosse acontecer.

Mas um se destaca. Por mais irracional que seja, Amber escolhendo Jason, não sai da minha cabeça. Isso está me corroendo.

— Não acredito que você ficaria com aquele idiota — murmuro para mim mesmo, dando uma risada incrédula depois. — Você não faz ideia de quem o Jason é. Não faz.

Amber me surpreende ao responder.

Imaginei que estivesse em sono profundo à essa altura.

— Eu menti...

Giro o rosto para olhá-la, mesmo que o quarto esteja banhado pela escuridão agora e eu não consiga distinguir muito mais do que sua forma enrolada na coberta.

Será que ainda está bêbada?

— Mentiu? — sondo.

— Sim...

Amber se aproxima e apoia a cabeça em meu ombro. Permaneço imóvel, com a respiração suspensa, sentindo todo meu corpo enrijecer, tomado pela tensão.

Ela só volta a falar após um longo tempo, quando eu mesmo já estou quase adormecendo:

— Eu escolheria você, Taylor. Você.

Depois da sua confissão, eu me entrego ao sono.

É a primeira vez em muito tempo que eu não tenho um pesadelo.

É a primeira vez em onze anos que não sou levado de volta àquela noite.

Com Amber aqui, eu consigo dormir em paz.



6

Amber

A luz que banha o quarto através da janela me desperta.

Abro os olhos e fecho rapidamente quando uma pontada forte atinge minha cabeça e me faz gemer. De repente, tomo consciência de tudo: cabeça latejando, boca seca, estômago embrulhado. Definitivamente, não achei que beber viesse com tudo isso no dia seguinte.

Lamento, afundando a cabeça no travesseiro ao tomar uma respiração profunda. Leva algum tempo para que eu possa abrir os olhos, e é quando noto que não estou sozinha. Ao meu lado, em sono profundo, está Taylor. Com os cabelos completamente bagunçados, o rosto tombado na minha direção e as pálpebras cerradas. O peito nu expandindo-se amenamente, ressaltando o relevo dos músculos firmes sob a pele macia... e apenas uma toalha na cintura.

Oh, droga!

Levanto a coberta rapidamente, analisando *lá embaixo*. Camiseta e, graças a Deus, calcinha no lugar coberta pelo short. Com o movimento, Taylor boceja, despertando. Ele pisca algumas vezes antes de focar os olhos em mim. Seu cenho se franze e ele acompanha meus movimentos, flagrando o momento em que verifico até onde fomos ontem à noite.

O que eu posso dizer? Não me lembro de muita coisa.

Precisava ter certeza.

— Bom dia... — diz, estreitando os olhos para mim. *Ele acorda bonito, isso não é justo!* — Como está se sentindo?

— Mal. Mas bem melhor do que eu mereço, provavelmente. — Faço uma careta, abaixando o lençol. Devia ter bebido refrigerante. — Nós... sabe...?

O constrangimento me faz balbuciar, alongando as palavras sem formar a frase completa. Não preciso terminar a pergunta, contudo, assim que entende, Taylor se levanta da cama em um pulo.

— É claro que não, Amber! — responde sério. — Que tipo de homem acha que eu sou? Você estava tão bêbada que mal conseguia se manter de pé!

Ele deixa o quarto e eu me sento na cama, atônita, antes de tomar uma atitude e me levantar também. Não obtenho êxito de primeira, preciso me sentar novamente e respirar fundo antes de tentar uma segunda vez e conseguir caminhar sem sentir o quarto girando.

Vou até o banheiro para escovar os dentes e acabo encontrando os sapatos de Taylor, ainda úmidos. Estranho. Caminho à procura dele enquanto prendo o cabelo em um coque mal feito. Tentei penteá-lo no banheiro, mas não consegui enfiar um

pente no ninho de rato embaraçado que meus fios se transformaram.

Vasculhando a sala vazia, penso por um momento na possibilidade de ele ter ido embora, mesmo sem sapatos. Antes que eu possa verificar a varanda, porém, escuto a movimentação na lavanderia. Ao encontrá-lo, ele está vestido com a mesma muda de roupa de ontem.

— Estou indo embora — informa, sem me olhar.

Expulso o ar dos meus pulmões.

— Taylor... Você estava com a toalha e eu... Bom... — Encolho os ombros. — Tirei conclusões precipitadas. Desculpe.

Após me encarar alguns segundos, ele se aproxima de mim, chegando tão perto que preciso erguer o queixo para encontrar seus olhos. Não preciso de muito mais para compreender que está ofendido. Além da forma como deixou o quarto, Taylor ainda possui a mesma expressão austera distorcendo seus traços bonitos.

— Nunca ficaria com você naquele estado, Amber. — Assinto uma vez. — Nem com você, nem com qualquer outra mulher.

Desvio os olhos.

— Eu pensei que eu pudesse ter dito sim...

— O sim de uma garota bêbada também é um não. — Ele toma uma respiração profunda, correndo os dedos pelos cabelos ao recuar um passo. — Pode ficar tranquila, nós não nos beijamos e muito menos transamos.

Assinto de novo.

Sou uma toupeira mesmo.

— Não me lembro de muita coisa... — Coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha. Não acreditava em amnésia alcoólica até

hoje. — Fiz besteira ontem?

A sombra de um sorriso surge no rosto dele.

— Você foi a mesma matraca de sempre.

— Falei o que não devia, não foi? — pergunto com uma careta, prevendo que não gostarei da resposta.

— Quando você não faz isso?

Escondo meu rosto com as mãos, exalando pesadamente. Ao ouvir a risada baixa de resposta dele, eu resmungo, sem acreditar como pude fazer papel de idiota.

— Mas tiveram coisas que eu gostei de ouvir... — Ele acrescenta em tom curioso. De imediato, eu afasto as minhas mãos e o fito preocupada. Por alguma razão, isso me parece pior.

— Tipo o quê?

Assisto-o cruzar os braços, prolongando meu sofrimento.

— Taylor! — interpelo.

— Realmente não se lembra?

— Não.

Ele dá de ombros.

— Então é segredo de Estado.

Abro e fecho os lábios.

— Isso não é justo! — guincho.

— Esse biquinho é uma graça — provoca ele. — Mas temos outras prioridades agora — expõe, lançando um olhar curioso agora para os meus cabelos. Comprimo os lábios; sei que está ruim, mas não precisava dessa reação. — Por que você não vai tomar um banho e comer alguma coisa? Precisa colocar algo no estômago ou vai ficar enjoada.

Sou obrigada a mover a cabeça.

Mesmo curiosa, sei que ele tem razão.

— Pode tomar café da manhã comigo?

— Quer que eu fique? — pergunta surpreso.

— Como não aconteceu nada ontem, presumi que você deve ter cuidado de mim. Ainda quero saber o que aconteceu e, se deixar, quero retribuir sua gentileza com um café da manhã.

Ele coloca as mãos dentro dos bolsos da calça, trocando o peso de pé. Está constrangido, tímido até, e é adorável.

— Tudo bem — aceita, por fim. — Mas acho melhor almoçarmos.

— Almoçar? Que horas são?

— Quase meio-dia.

Com os olhos arregalados, procuro pelo relógio da cozinha para confirmar suas palavras e noto, pela porta que conecta os cômodos, o vestido que usei na noite passada estendido e limpo.

Surpresa, eu giro de volta para ele.

— Lavou... a minha roupa?

— Lavei. Estava suja de vômito, assim como a sua sala.

— Oh. — Esse é o som da vergonha.

— Tomei a liberdade de colocar na secadora, apesar de não conhecer bem o tecido — informa ele. — Espero não ter estragado. Parece caro.

A peça da última coleção da Gucci que Luca me deu de aniversário custou uma pequena fortuna. E agora provavelmente está estragada pela lavagem incorreta. Mas eu não me importo, estou preocupada demais em cavar um buraco para não precisar encarar Taylor nunca mais.

Por que eu sou esse desastre ambulante?

O que deu errado na fabricação papai do céu?

Foram os genes da mamãe, não é?!

É, eu sabia.

Um cara gostoso lavou as minhas roupas sujas de vômito, com que cara vou encará-lo depois disso?

Não que eu tenha planos para revê-lo.

— Obrigada e, hum... — pigarreio. — Me desculpe... por isso.

Taylor enviesa os lábios em um sorriso gentil.

— Não foi nada.

Foi, foi sim.

Mas não digo nada sobre isso, apenas retribuo o sorriso.

— Bom... — Penteio meus cabelos com os dedos para longe do rosto, ou tento. — Acho que preciso mesmo de um banho e de algo no estômago antes de continuarmos essa conversa. Pode esperar um pouco?

Não sei se ele tem planos ou algo assim, afinal é sábado. Talvez ele vá se encontrar com os amigos, ou tenha um encontro mais tarde. Quem sabe, precise estudar alguma matéria. Eu com certeza preciso.

— Posso, claro. — Taylor analisa minha cozinha. — Até me ofereceria para adiantar algo, mas não sei cozinhar.

Abro um sorriso orgulhoso, dessa vez. Bem feliz porque eu sei e muito bem, vou conseguir retribuir parte da cortesia.

Valeu, papai!

— Eu cuido disso. É meu agradecimento, lembra?

— Não é necessário — ele insiste.

— Faço questão.

Com um sorriso e as bochechas coradas, eu deixo a cozinha, tomando um banho rápido e vestindo uma roupa confortável. Consegui domar meu cabelo e deixá-lo macio em poucos minutos, com o habitual cheiro de pêssego. Ao terminar, pego meu telefone e gemo ao ver as sete ligações perdidas de May. Isso sem contar as mensagens.

A primeira foi:

May: *É bom você ter uma ótima desculpa para não me atender. Espero que esteja bêbada ou desempoeirando a periquita.*

Prefiro nem olhar as outras, apenas digito uma mensagem me desculpando e dizendo que sim, estava bêbada e acordei com um cara ao meu lado na cama. Sorrio, pensando no surto que ela terá até finalmente conversarmos e eu ter a oportunidade de esclarecer que, na verdade, nada aconteceu.

Saio do quarto e sorrio ao encontrar Taylor exatamente do jeito que eu o deixei, ainda de pé, escorado, com as mãos nos bolsos.

— Ficou aí brincando de estátua? — provoco.

O canto dos lábios dele se ergue, em um meio sorriso perigoso. Quando se aproxima de mim, com o cenho levemente franzido e os olhos intensos, meu sorriso perde força, consumido pela minha respiração engatada.

Dessa vez, ele não apenas observa meu cabelo, como ergue seus dedos longos para tocá-lo. Com o queixo erguido em sua direção, quase fecho os olhos quando ele se inclina, o nariz tocando meus fios loiros.

— Que cheiro gostoso, Thompson... — elogia, baixinho pra mim. — Isso é...?

— Pêssego... — Empurro a palavra para fora dos meus lábios, e com ela, um ofego escapa. — Meu xampu.

Taylor afasta o rosto, ainda próximo de mim.

— Combina com você.

— Bom.... — Desvio os olhos com um sorriso. — Obrigada. — Dou um empurrãozinho no corpo dele na direção de uma das banquetas ao lado do balcão, e pego um pacote de massa penne. — Macarronada, que tal?

— Parece ótimo. Posso ajudar?

— Apenas comece a falar — eu peço. — Conte tudo que aprontei e eu vou fingir que estou concentrada e não envergonhada demais para encarar seu rosto.

Uma risada gostosa escapa dele, que ergue uma sobrancelha.

— Tem macarrão suficiente para isso? — zomba.

— Do jeito que está falando, acho que nem usando tudo o que tenho na despensa — digo, preocupada.

Coloco um pouco de água para aquecer e começo a separar os ingredientes para o molho. Como estou faminta e Taylor não é diferente – ouvi o estômago dele roncar –, farei massa à bolonhesa, um prato rápido.

— Vamos começar com o que você se lembra — ele propõe.

— Nada mais que alguns flashes.

— Não parece que tomou apenas uma cerveja e algumas doses.

Faço careta para seu sarcasmo.

— Não acreditava em amnésia alcoólica até hoje.

— Nunca bebeu antes? — questiona ao se levantar, atrevidamente tentando pescar algo do que estou preparando.

— Apenas algumas taças de vinho no Natal.

Taylor pega um pouco de molho com uma colher.

— Ei! — dou um tapinha na sua mão. — Assim quando eu terminar, você terá perdido a fome.

Um sorriso surge em seus lábios.

— Não se preocupe. Tenho um ótimo apetite. — Pisca para mim, abandonado a colher. — Percebi que não era acostumada com bebida, mas agora essa ressaca monstruosa está explicada. Qual a última coisa que se lembra?

Coloco a massa para escorrer e jogo água fria para interromper o ponto de cozimento do macarrão.

— Ah... — penso sobre isso, antes de olhá-lo sobre o ombro. — O jogo de verdade ou consequência, eu acho. Depois disso, minhas memórias são confusas. O que aconteceu?

— Você bebeu demais, e ficou tonta ao se levantar subitamente — conta ele. — Por sorte, conseguiu me falar seu endereço e me dar a chave do carro, então trouxe você para casa.

— E aí eu cometi aquele vexame de esvaziar meu estômago em cima de você.

Taylor volta a rir do meu sofrimento.

— Sexy não foi...

Olho brava por estar tirando sarro, mas acabo rindo também. Afinal, o que posso fazer? Foi um mico, e dos grandes!

— Eu precisei... bom... — Taylor desvia o olhar, coçando a cabeça. — Colocar você embaixo do chuveiro. No momento em que

estava indo embora, você me pediu para ficar. Você é uma bêbada muito carente para falar a verdade.

— E você fez a minha vontade.

Ele move a cabeça lentamente.

— Não consegui te dizer não.

Desvio os olhos para a massa, finalizando e colocando porções generosas em dois pratos. Em seguida, pego a panela com o molho e coloco algumas colheradas por cima, cobrindo quase toda superfície amarela pálida.

Pego um dos pratos e ergo em sua direção, com um sorriso.

— Pronto. Espero que esteja bom.

Taylor aceita, sorrindo ao sentir o aroma.

— Está cheiroso e bonito, parece muito apetitoso. — Elogia, antes mesmo de provar. — Onde aprendeu a cozinhar?

— Em casa. Com o meu pai.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Uau! Stanford, a fraternidade e agora isso — aponta com certa curiosidade. — Ele deve ser um exemplo para você, aposto que é um pai incrível.

Ele foi.

O melhor de todos.

Sorrio e pego o outro prato, sentando-me no balcão e esperando que ele faça o mesmo. A conversa flui fácil entre nós, enquanto dialogamos sobre o Campus e nossos cursos. É empolgante ouvi-lo falar sobre o curso de teatro e as emoções em cada cena, enquanto a minha visão de mundo é totalmente diferente, muito mais meticulosa e científica.

Não voltamos a tocar no assunto da noite passada, e eu agradeço por isso. Fui imprudente e poderia ter me colocado em perigo, estando embriagada em um lugar que não possuo amigos ou voltando alcoolizada para casa. Foi um ato de sorte Taylor não ser um babaca e espontaneamente decidir cuidar de mim.

Após o banho e, agora, a refeição, minhas memórias confusas estão clareando.

Taylor não foi grosseiro ou ficou impaciente em momento algum. Nas minhas lembranças, recordo o tom gentil e preocupado dele. Ele não olhou maliciosamente para mim quando me colocou embaixo do chuveiro apenas de calcinha e sutiã, sei disso porque me lembro dos seus olhos fixos nos meus por longos instantes. Se reparou na cicatriz, não fez nenhum comentário sobre isso.

Lembro também de pedir para que ele ficasse e do calor do seu corpo perto do meu. A sensação foi estranha, afinal nunca dormi com ninguém antes. Ao menos, não um homem. Não um que não fosse o papai. Mas não foi ruim.

Ah, e claro, recordei que Olívia não é sua namorada.

Na verdade, essa foi a primeira memória que recuperei.

Prioridades, prioridades!

Depois de almoçarmos, Taylor faz questão de lavar a louça mesmo ao som dos meus protestos, antes de se despedir e ir embora. Ele saiu com um sorriso leve e os sapatos infelizmente molhados.

Quando estou sozinha, expulso esses devaneios impertinentes e preparo uma xícara de café. Sentada na escrivaninha, retomo meu material de anatomia e fisiologia que ainda vai requerer muito do meu tempo livre.

Estudo por mais de quatro horas, parando apenas quando o ambiente fica escuro demais. Percebo então que anoiteceu, e que meu sábado se passou dessa forma, em um piscar de olhos. Sem fome, busco mais um pouco de café na cafeteria e pego o celular, sorrindo com as notificações de May.

May: *Como você ainda não veio contar para a sua melhor amiga sobre esse cara com quem transou? Eu preciso de detalhes, Amber! Não pode me enviar essa mensagem biscate e sumir do mapa!*

Essa foi a última mensagem.

Das doze que ela enviou.

Amber: *Disse que ele dormiu comigo, não que fizemos algo além disso.*

Pressiono os lábios contendo um sorriso quando o ícone ao lado do nome dela indica que está online.

May: *ESTÁ BRINCANDO COMIGO!*

Amber: *Foi uma questão de interpretação.*

Quase posso ouvi-la bufar.

May: *Ele não é gostoso?*

Solto uma risada nervosa ao digitar a resposta.

Amber: *Ele é um quinze em uma escala de zero a dez dos homens mais quentes que nós já vimos. Tem os olhos mais bonitos que eu já vi.*

May: *Certo, então é muito simples. Você enlouqueceu.*

Amber: *Eu mal o conhecia.*

May: *Mal o conhecia para transar, mas dormiu com ele?*

Não consigo pensar em uma resposta, então ela envia outra mensagem.

May: *Diz que deu pelo menos um amasso quente!*

Desistindo de digitar, ligo para ela, que atende ainda no primeiro toque. Conto o que aconteceu, explicando sobre a festa e desfazendo o mal entendido. Não falo muito sobre Taylor, embora minha mente viaje constantemente até ele durante a ligação e May seja a minha melhor amiga.

Não é um assunto importante.

Nada que não diga respeito a construção do meu futuro cuidadosamente planejado é.

Converso com May por longos minutos, e aproveito para aplacar um pouco da saudade dela e de casa, perguntando como todos estão. Ao desligar, com o coração apertado, pego minha caneta de bailarina e marco um X vermelho em mais um dia concluído no meu *planner* e acrescento todas as minhas atividades da próxima semana em horários pré-definidos.

Tenho dois trabalhos, uma avaliação e muita matéria para colocar em dia. Quanto mais eu estudo, mais tarefas aparecem. Mas fazer isso me lembra de que estou um dia a menos de cumprir meu objetivo.

Aproveitando a caneta em minhas mãos, pego o diário, sentindo um sorriso se formar no meu rosto.

É hora de conversar com o papai.

Meu momento favorito do dia.

“Oi, papai.

Será que está rindo aí de cima?

Aposto que está!

Você sempre foi brincalhão, e como se isso não bastasse, você ainda se apaixonou pela maluca da mamãe. A combinação genética de vocês resultou em um desastre ambulante, sinto muito dizer.

Por que estou falando isso?

Bom... tenho muito o que te contar.

A começar pela minha primeira ressaca.

Gritinhos felizes? Não? Tá!

Eu sei, eu sei, não deveria ter bebido. Não tanto. Deveria ter ficado em casa e estudado mais. Mas tenho um bom motivo, fui apenas porque era da fraternidade. Imaginei que o senhor tivesse participado dessas comemorações.

De toda forma, duvido que tenha tido uma experiência como a minha. Quer dizer, não foi bem o que eu esperava e, com certeza, não foi um sucesso. Fiquei embriagada ainda no começo da festa com apenas um copo de cerveja e algumas doses, vim para casa aos cuidados de um garoto que mal conheço, esvaziei meu estômago em cima dele e ainda dormimos juntos.

Calma! Não enruga a testa fazendo cara feia porque senão vai ficar com rugas, papai. Não foi nesse sentido. Nós realmente dormimos.

Eu bem que dei sorte, na verdade. Ele foi um completo cavalheiro e ainda cuidou de mim. Mesmo quando vomitei em cima dele e acordei no dia seguinte achando que tínhamos... Sabe, que ele tinha enfiado o P na minha V.

Foi quando percebi que estava agindo como uma boba e tentei retribuir a gentileza preparando o nosso almoço. Acho que ele gostou, até repetiu o prato. Ainda bem que você me ensinou a

cozinhar, né? Se fosse pela mamãe, eu teria servido ovo torrado. Aí sim, ele teria ficado chateado.

Taylor abria pequenos sorrisos enquanto comia. Parecia tão feliz por eu ter feito aquilo por ele, mesmo sendo um gesto banal e em agradecimento pela sua atitude que, inevitavelmente, isso me fez gostar um pouco dele.

Fez nascer algo aqui dentro.

Mas não vou deixar crescer. Juro para o senhor.

Talvez seja bom ter um amigo e, se isso acontecer, tudo bem. Se bem que acho perigoso manter esse tipo de relação com um homem como ele, tão bonito, e não quero me desviar do meu objetivo.

Essa semana é importante, vou ter a minha primeira avaliação. Acho que passarei a noite em claro, estudando para revisar tudo e conquistar uma boa nota. Vou trazer um A+ para casa papai, prometo.

Uma pena que o senhor não poderá realmente ver...

Mas eu imagino o seu sorriso.

Aquele que eu mais gostava, sabe?

Largo e brilhante, aquele que fazia seus olhos cintilarem. O mesmo que abriu diversas vezes antes de me abraçar e beijar a minha testa ao dar os parabéns *por algo que fiz bem. Seu sorriso orgulhoso.*

Sinto sua falta...

Sempre vou sentir.

P.S: Saudade de quando cozinhava para mim. De quando fazia a minha sobremesa favorita para me fazer feliz, e como enganava a mamãe para eu me empanturrar com mais um pedaço.

P.S 2: Amo você, papai.”



Não tive outra escolha senão vir ao refeitório. Nada contra, a comida é boa – não tanto quanto a de Amber, porém boa –, o que mina a minha paciência é o espaço sempre abarrotado de gente.

Após pegar uma bandeja e servir algumas opções do cardápio, pago a refeição e me dirijo até uma das mesas atipicamente vazias.

O ambiente é amplo e iluminado, a maior parte da construção é de madeira polida e alguns detalhes arquitetônicos clássicos. Um espaço digno de todos que investem avidamente em uma das melhores universidades do país. Uma tão aclamada que além de compor a Ivy League, está no Vale do Silício.

Eu não estaria aqui se dependesse do quanto minha família pode pagar anualmente ou uma vaga arranjada com benefícios da doação de alguma ala ou financiamento de projetos. Nem eu, nem Olívia.

Para me distrair, enquanto como, abro o Instagram. Meu telefone é de um modelo antigo e não o uso com frequência, em geral apenas para manter contato com minha irmã. Contudo, aqui estou eu, tomando mais uma atitude estúpida ao pesquisar o nome que não deixa meus pensamentos. Encontro facilmente o usuário dela, @euambertthompson.

Amber Thompson F.
Tudo pela minha estrelinha no céu □
Medicina | Stanford
Ex bailarina

Qual será o último nome?

Algum tão ridículo ao ponto de ela querer esconder?

Fallon? Fletcher? Aquele narizinho empinado bem que combina com um burguês como Fitzgerald. A garota é carismática, mas isso não muda quem ela é. Uma patricinha mimada que paga uma fortuna e, por isso, possui inúmeros privilégios.

Deslizo a barra do perfil, e encontro várias publicações.

Amber usa muito isso aqui.

A primeira coisa que noto é uma foto da Torre Eiffel, que até poderia ser de uma viagem sazonal, se não fosse as diversas outras em bistrôs, museus e catedrais que se seguiram. Fico surpreso que seja francesa, afinal Amber conversa como uma nativa americana, sem sotaque.

Há também algumas com um cara negro mais velho e bem afeiçoado, uma com uma senhora de cabelos grisalhos; e outras com os avós, identificados na legenda. Outra captura que se

destaca é com uma garota que aparenta ter idade similar a dela, embora elas sejam o completo oposto entre si. Ao contrário de Amber, a outra garota possui cabelos escuros, olhos verdes e um jeito descontraído nas fotos, que sugere que não é tão tímida quanto Thompson.

A maior parte das fotos, contudo, são com as mesmas duas pessoas: sua mãe, uma loira muito parecida com Amber, que sempre aparece sorrindo. Tem uma foto linda das duas lado a lado. E seu pai, que possui uma expressão encantada ao olhar para uma versão mais jovem dela. Todas estas possuem a mesma legenda, as escritas *je t'aime*, que eu não sei o que significa.

Uma imagem dela pequena chama a minha atenção. Está com pai, sentada sobre a pia ampla do banheiro enquanto ele seca seus cabelos. É antiga e foi prejudicada pela qualidade da captura, mas o amor ainda é perceptível.

Ao olhar para Amber é fácil desconfiar que é muito apegada a família. Nas poucas vezes em que citou o pai, notei o carinho em sua voz. Mas não há nada, absolutamente nada, que explique aquela cicatriz. Até porque, assim como nas vezes em que me encontrei com ela, suas blusas são de modelos comportados, sem decote mesmo nas fotos.

Rolando a barra do aplicativo, fico hipnotizado quando mais fotos dela, dessa vez sozinha, saltam aos meus olhos. Amber de costas, com um lenço azul ao redor do cabelo, acariciando a crina de um cavalo; ela deitada sobre o gramado na companhia de um livro e a minha favorita, uma captura em que olha timidamente para câmera como se tivesse sido surpreendida.

Tão bonita que...

— Taylor?

Pego de surpresa pela voz feminina, falho por duas vezes antes de conseguir bloquear o aparelho em minhas mãos. Encontro minha irmã e o namorado parados à minha frente ao erguer os olhos, e forço meus ombros a relaxarem.

— Olívia — exalo. — Oi.

Eles se sentam na mesa em que estou sem serem convidados. Meneio um aceno na direção de Greg, mal movendo a cabeça antes de focar minha atenção em Olívia.

Eles começaram a sair desde o primeiro mês que nos mudamos para o Campus, o que me deixou preocupado no início. Além do namoro rápido, o fato de Greg ser um mauricinho, que se aproveita da influência do pai e conseguiu a vaga no curso de Direito sem muito esforço, me incomodava.

Com apenas três meses de namoro, ele a convidou para morar em seu apartamento, e eu tive que dar o braço a torcer. Viver em um alojamento não é fácil, ainda mais um minúsculo que precisa ser dividido com outro aluno; e consegue ser pior para uma mulher que precisa de maior privacidade.

A proteção dela ao negar, receosa em me deixar sozinho, é justificada por Olívia ser dois anos mais velha, mesmo que eu tenha idade legal para beber e barba cobrindo o queixo. Nós dois amadurecemos cedo demais, essa é a verdade, e eu aprendi a entender minha irmã como ninguém. Por isso apoiei a decisão, porque sabia que ela estava infeliz com a situação em que vivíamos.

Desde que Greg continue a respeitá-la, mantemos uma boa relação. Não somos próximos e nunca sentamos sozinhos para

conversar, afinal estamos longe de sermos amigos, mas eu me esforço a ser agradável.

Estou preparado para qualquer passo em falso, no entanto. Se ele ameaçar quebrar o coração da minha irmã, não vou hesitar em fazer o mesmo com a cara do infeliz.

— Você está bem? — Liv pergunta. — Está com cara de quem foi flagrado. O que estava fazendo?

Reviro os olhos, apesar de ela estar certa, e volto a comer, dando de ombros. Fingir naturalidade, é esse o lance.

— Você está me vendo comer.

Olívia abre um sorriso descrente.

— Você se esquece que eu te conheço muito bem, Taylor. Sei quando está mentindo.

— Estou mesmo comendo — argumento ao apontar para a bandeja, contendo um suspiro. — Aliás, você deveria fazer o mesmo.

Dando de ombros, ela continua a mastigar sua barrinha de cereal. Desde que mudamos para a Califórnia, ela mudou muito, talvez por influência do namorado. Quem olha para Olívia hoje em dia, sequer desconfia. Ela não se parece com a garota franzina de roupas desgastadas da qual tenho lembrança quando criança. Está bonita, elegante, como se tivesse nascido no mesmo berço de ouro que a maioria por aqui.

— Como está o curso? — Greg tenta puxar conversa.

— Na mesma.

— Ainda decidido a se tornar um ator famoso? — escarnece. — O mercado do teatro não possui grandes oportunidades para a maioria das pessoas.

Cerro a mandíbula, incomodado.

Provavelmente, ele está certo. Eu deveria ter optado por algo mais rentável como a minha irmã. Mas a arte foi a minha forma de escape, foi o meu refúgio para conseguir respirar em meio a todo o caos no qual estava mergulhado. Foi minha forma de ajudar quem pude ao meu redor também.

Uma pena esse tipo de anestésico ser tão fugaz.

— Estou bem com a minha escolha — digo, forçando um sorriso. — Sabe como é, Olívia roubou toda a inteligência da família.

Minha irmã sorri.

— Você ficou com a beleza, eu tinha que fazer alguma coisa — contrargumenta ela, me fazendo sorrir.

Ela é linda.

A segunda mulher mais bonita do mundo.

— Sabemos que isso não é verdade, Liv.

— Não posso concordar mais. Sem ofensas Taylor, mas você é muito mais bonita, meu amor. — Greg graceja, beijando a bochecha dela, que alarga o sorriso.

Basta olhar para Olívia, para ver que ela confia em Greg sem nenhuma reserva. Algo tão perigoso e irracional, que eu me pergunto como ela consegue. Embora uma parte de mim sinta inveja disso, porque eu sei que nenhuma mulher conseguiria perpassar as reservas que possuo.

O almoço segue focado nos dois, que conversam como se estivessem sozinhos. O que não me incomoda, ao contrário, aprecio o fato de que não preciso me esforçar para ser simpático ou manter uma conversa. Posso aproveitar a paz do silêncio... pelo menos, até Jason aparecer.

O bastardo se senta em nossa mesa, abrindo um sorriso deslavado com os olhos fixos em mim. Desde sexta-feira, na festa da fraternidade há quatro dias, não tive o desprazer de esbarrar com ele. E talvez sequer teria, se Jason não parecesse sempre tão disposto a estragar a porra dos meus dias.

— Precisei vir até aqui dar um *Oi* — provoca, sorrindo. — Vocês estão encantadores nessa reunião de família.

— Jason, dá o fora daqui! — Olívia rechaça. Ela sempre tenta intermediar os conflitos, assumindo uma posição diplomática entre nós, especialmente porque sabe de tudo o que aconteceu.

— Eu vim em paz, Olívia. — Ele ergue as mãos em rendição, ainda sorrindo. — Apenas estou curioso com o que aconteceu após a festa. Quer dizer, Ty ficou tão preocupado com a loirinha que fez questão de levá-la para casa. Foi realmente um cavalheiro, ou comeu a gostosa?

Respiro fundo.

Muitas pessoas e um espaço público demais. Não posso perder a cabeça e levar uma advertência, que para Jason não seria mais que uma bronca, mas que para mim poderia culminar em uma suspensão.

— Você é nojento! Não fale assim da garota — Olívia a defende, e eu não fico surpreso.

Minha irmã não gosta de Amber, isso é nítido, mas não pelos motivos que todos pensam. Tem muito mais a ver com seu instinto protetor por mim e pelo coração que apenas ela ainda acredita que eu possuo, do que uma rivalidade feminina. Acima de qualquer desgosto, Amber é uma garota, e Olívia sempre defende uma mulher, incapaz de ficar quieta diante o desrespeito de um homem.

— Ah, desculpe! Comer é um verbo chulo demais para você? — Jason desvia o olhar dela novamente para mim. —Fez amor com ela, Ty?

— Seu imbecil! — cuspo, cerrando a mandíbula. — Por acaso viu o estado em que ela estava? Acha mesmo que alcoolizada daquela forma eu tocaria um dedo nela? Porra!

Os olhos de Jason escurecem, tomados pelo aborrecimento. Se pela minha resposta, ou pela insinuação de que ele poderia ser um homem com uma postura diferente frente a mesma situação, eu não sei. Também não me importo.

— Achei que havia algo entre vocês. Além do que, — Jason geme, pendendo a cabeça para trás — ela é linda, Ty. Reparou naquela boca? — Ele move os ombros, voltando a sua posição relaxada. — Você devia ter feito mais do que reparado, afinal tentei te dar uma forcinha no desafio. Se mesmo assim não rolou nada, o caminho está livre, certo? Vai ver a loirinha não gosta do seu tipo, prefere um chocolate mais quente.

Cerro os punhos embaixo da mesa, bufando.

A bolsa, Taylor.

Você não pode perder a merda da bolsa.

— Eu disse para ficar longe dela. — Sibilo com raiva.

— Por quê acha que faria isso? Ainda mais se você não está interessado. — Jason se inclina na minha direção. — Ou estou enganado?

Afasto a bandeja, perdendo o apetite e a um fio de perder também a minha paciência.

— Por que fez aquilo, afinal? — exijo, estudando seu rosto. — Mandou ela para o meu dormitório apenas para tirar uma com a

minha cara? É tão importante para você infernizar a minha vida, caralho?

Jason e eu nos encaramos em um desafio silencioso por longos instantes. A tensão entre nós poderia ser cortada com uma faca, embora dessa vez haja algo diferente. Consigo ver algo além do sarcasmo presente em seus olhos, percebo também a mágoa da qual eu nunca tive um vislumbre antes.

Então, ele abre a boca, disposto a dizer algo que rapidamente desiste. Observo, com o cenho crispado, Jason engolir em seco antes de voltar a mesma expressão habitual. O mesmo rosto inabalável, falso e mesquinho.

— Acha que é centro do mundo? — rechaça, rindo. — Pouco me importo com você, ou com quem você fode. Apenas estava curioso em saber se a sina se repetiria, se novamente estaríamos interessados pela mesma garota. No fim, acho que realmente temos gostos similares. — Ele se levanta, dobrando-se na minha direção com os braços esticados no tampo da mesa. — Vamos ver para quem ela vai abrir as pernas primeiro.

Aperto mais os dentes para me conter, mas não surte efeito. Minha mandíbula travada não basta para descontar a cólera e acabo me levantando, tão abruptamente que a cadeira caí para trás e a bandeja à minha frente voa pelos ares. No mesmo segundo, Olívia e Greg estão de pé, e assim que alcanço Jason, ansioso para agarrar a gola do seu casaco e quebrar dente por dente do filho da puta, minha irmã se coloca entre nós.

Ela pode ser a mais velha e, em muitos casos, a mais sensata, mas só eu sei o quanto Olívia também é frágil. Sempre que

me olha dessa forma, implorando para que eu não faça algo, eu cedo, porque odeio ver a dor tocar sua alma.

— Não faça uma besteira... — implora em tom baixo, assustada com a explosão. — Sabe que vai acabar pior para você.

Greg está atrás de Jason, segurando seus ombros e, assim como a minha irmã, tenta convencê-lo a não criar uma cena. Não são amigos próximos, mas se conhecem, fazem parte do time de futebol da universidade. O mesmo do qual eu participei um dia.

— Sempre se acovardando no último segundo — Jason zomba. — Parece que, de fato, nada mudou, não é Ty?

— Não me chama assim, porra! — Dou um passo à frente e Olívia tenta me conter explanando a palma da mão sob o meu peito. Jason sequer se move, apenas mantém o sorriso miserável que ferve meu sangue.

— Merda, é ridículo como um apelido consegue te tirar do sério. — Continua ele, sacudindo o corpo quando o aperto de Greg se intensifica. — Se fica fora de controle com isso, vai perder a cabeça quando receber a notícia de que fui pra cama com ela. — Jason move a cabeça, estalando a língua em escárnio. — Não imaginei que uma garota fosse te fazer ficar assim de novo. Não em tão pouco tempo. Não depois dela.

Avanço um passo, rosnando.

— Você não vai chegar perto da Amber!

— Taylor... Olha para mim. — Olívia clama, mas não desvio o olhar de Jason. — Taylor? Não faz isso. Bater nele não vai valer a pena, e você sabe.

— Posso saber o que você vai fazer para me impedir? — Jason se vangloria. — Ainda mais se ela quiser. E, Ty, eu garanto

que não preciso me esforçar muito para fazer com que elas queiram.

Nego, com um gosto amargo tomando minha boca.

— Ela é uma garota inteligente.

— Mas me parece ser curiosa, e eu tenho muito para mostrar.

Filho da puta!

O aperto das mãos que agarram o tecido da minha camisa aumenta. Respiro fundo e fito Olívia novamente, antes de olhar ao redor e notar o pequeno circo que montamos. Diversas pessoas pararam de comer e conversar, encarando atentamente a nossa pequena confusão. Alguns estão com os celulares erguidos, filmando e cochichando, divertindo-se com a situação.

É quando meu olhar cruza com o dela.

Linda e assustada, sentada em uma mesa ao fundo. O garfo pendendo no ar, entre a tigela de comida e seus lábios, e a outra mão congelada em um livro entreaberto. *Ela nunca para de estudar?*

Constrangido por toda a confusão e, sobretudo, pela dúvida que começa a pairar em meus pensamentos: Será que ela sabe que é o motivo de tudo isso? Bom, não de tudo, mas o epicentro dessa nova confusão. Será que ouviu seu nome? Será que sabe que, mesmo sem querer, é o novo alvo de Jason para me atingir?

Quebro o contato visual e retiro as mãos de Olívia de mim antes de caminhar para fora dali. Jason não volta a falar enquanto me afasto, na verdade, todo o refeitório está em silêncio sepulcral nesse momento.

Mal atinjo as portas, caminhando pelo gramado, quando escuto passos se aproximando. Não preciso sequer me virar para confirmar quem é. Por alguma razão, eu sei que é ela. Consigo

sentir o cheiro doce de pêssego e reconheço a forma apressada com que os pés pequenos tocam o chão para tentar me alcançar.

Não poderia ser um momento pior.

Não posso conversar agora, muito menos ser gentil com ela. Não com a minha mente fervilhando, e a raiva bombeando forte contra as minhas veias. Soube, antes mesmo de Amber me agarrar pelo ombro, disposta a me virar em sua direção, que brigaríamos.

Ao primeiro vislumbre de seus grandes olhos castanhos, no entanto, penso que a discussão pode ser boa. Talvez seja o momento perfeito para fazer com que Amber nunca mais olhe na minha cara de novo, e assim deixe de ser um alvo para Jason também.

Talvez essa seja minha última chance de dar um ponto final.



8

Amber

Não pude ficar sentada e apenas ignorar a cena que se desenrolava bem na minha frente. Juro que tentei, voltei a atenção para o meu livro e por vezes para a minha comida, que de repente pareceu sem graça demais.

Obviamente, não funcionou.

Fui atraída pela energia dele, assim que chegou ao refeitório, e então comecei a fingir que não havia notado a sua presença. Uma ação infantil, até porque eu estava em uma mesa ao fundo e Taylor, em momento algum, olhou na minha direção.

Com esforço, consegui voltar a atenção para o meu livro e me distrair até que a confusão se desenrolasse. Estou aqui há pouco tempo, mas a rixa entre Jason e Taylor não é novidade, por isso não estranhei que envolvesse os dois. A surpresa veio quando escutei meu nome.

Depois disso, a curiosidade queimou em mim, tornando impossível não me manter vidrada. Infelizmente, Taylor estava de

costas, impedindo-me de estudar suas expressões. Pude ver apenas seu corpo tenso, os ombros largos voltados para trás os punhos cerrados. Isso por alguns segundos, antes que ele se exaltasse e partisse para cima de Jason.

Meus pulmões já ardiam pela respiração engatada quando ele desistiu, aparentemente por algo que Olívia disse, e finalmente notou o circo que armaram. Por tabela, nossos olhares se encontraram.

Assim que Taylor saiu, eu me levantei por inércia, abandonando meu almoço pela metade e fechando o livro de qualquer jeito. Tive que apertar o passo para alcançá-lo, mesmo com os joelhos fracos, uma vez que ele tem uns bons metros de perna e avança muito mais rápido do que eu. Juro que as batidas do meu coração não soavam como tum-tum-tum e sim estú-pida, estú-pida conforme eu me movia.

Cheguei a chamar seu nome, mas ele não ouviu. Ou fingiu não ouvir, não sei bem. Ao chegar perto o bastante, agarrei o ombro dele e o obriguei a se voltar na minha direção, colocando-nos frente a frente.

Taylor não está com o mesmo semblante habitual. A sombra típica do seu sorriso charmoso, que sempre abre por ironia ou temporária felicidade é uma memória distante. Os olhos azuis estão nublados, escuros e tão magoados que, mesmo sem entender o que aconteceu, tenho a certeza de que há algo muito triste guardado dentro da sua alma.

Não é um bom momento.

Mas eu insisto mesmo assim.

Sou burra de persistir.

E ainda mais tola por me preocupar com ele.

— O que você quer? — inquere em um suspiro, bagunçando os cabelos antes de fixar os olhos novamente em mim. Ele está atordoado.

— Ah... Bom... — Não consigo articular nada completo, porque afinal, o que estou fazendo aqui? Eu o segui por impulso.

Taylor exala impaciente, recuando um passo e voltando a falar quando percebe que não vou acrescentar nada à minha resposta balbuciada.

— Vá embora, não é um bom momento.

Dessa vez, sou eu a não ouvir. Paro Taylor novamente, segurando-o pelo ombro. É o meu segundo erro.

— Foi inevitável não notar a confusão... — Começo. — Quer dizer, acho que todo mundo lá dentro notou. Não sei o que aconteceu entre vocês, mas tive provas suficientes de que não se suportam.

— É complicado.

— Bom, pela forma com que saiu... — Dou de ombros, incerta. — Só queria saber se está tudo bem.

Sou perscrutada avidamente por seus olhos, que percorrem cada parte do meu rosto. O cenho de Taylor se franze um pouco mais a cada segundo, como se não conseguisse me decifrar. Eu não poderia ficar mais satisfeita por isso, afinal sinto a mesma curiosidade indevida por ele.

— Ficou... preocupada? — Ele parece surpreso.

— Fiquei — admito. — Bom, preocupada e curiosa.

— Você não quer realmente se envolver nisso, Amber. Não deveria se importar comigo também.

— Foi inevitável com você saindo desse jeito — digo em tom neutro. — Não entendo como pode deixar Jason mexer tanto com você, como pode...

— Nem precisa — interrompe.

— O que aconteceu entre vocês, afinal? — É claro que eu não controlaria a minha língua e iria perguntar.

— Devia cuidar da sua vida, Amber.

Pisco, surpresa com o tom ríspido que usou e a forma grosseira com que me respondeu. Não esperava que fosse se abrir e contar a sua vida, mas também não esperava que fosse agir assim.

— Precisa ser grosso assim? — retruco, cruzando os braços com o livro entre eles. — Vai ver é por isso que vocês não dão certo, são iguaizinhos, dois teimosos!

A expressão dele se transforma em uma carranca.

— Não sou nada parecido com ele.

— Aposto que ele diria o mesmo de você — penso alto, continuando a tagarelar mesmo em meio aos seus bufados. — Quer saber, não vou me envolver. Você está certo, não me diz respeito. Tenho coisas mais importantes com que me preocupar.

Os olhos intensos de Taylor faíscam, e ele avança um passo, enraivecido. Meu coração dispara, batendo tão forte que me faz ofegar ao senti-lo perto demais. Ergo o queixo, em um esforço heroico para não desviar os olhos dos dele ou ceder a vontade de recuar um passo, sentindo sua respiração pesada atingir meu rosto.

— Você nunca cala a boca? — rosna em tom contido, com o maxilar tão apertado que sou capaz de ver a tensão em seus músculos. Apesar de tudo, está fazendo o esforço do século para

não explodir de vez comigo. — O que aconteceu entre Jason e eu não é da sua maldita conta! Deveria cuidar dos assuntos tão importantes com que precisa se preocupar.

O desprezo em seu tom me faz pressionar os lábios, reagindo com birra.

— Com certeza são assuntos muito melhores do que me preocupar com um alguém tão grosseiro que não sabe reconhecer uma gentileza.

— Aposto que sim — concorda sarcástico, o que me faz ficar verdadeiramente irritada. — Deve ter saído a nova coleção da sua marca favorita de roupas, não é? Ou quem sabe o apartamento enorme e confortável que você possui não seja o bastante. Talvez o seu carro, que é desse ano, tenha sido superado por um modelo recém-lançado e isso está tirando seu sono. Talvez esteja deprimida por não poder fazer três viagens esse ano. — Seus lábios se curvam em desprezo. — Ou melhor, quem sabe seu pai está exigindo o mínimo de você, pedindo por boas notas e você considera isso um absurdo. Porque o dinheiro deve ser algo bem fácil para você. — Ele se inclina para mais perto. — Conta para mim Thompson, mereceu essa vaga ou arrancou de algum bolsista que não tinha um tostão no bolso?

Meus lábios começam a tremer, e eu os pressiono com mais força, tentando conter a queimação que toma a minha garganta e as lágrimas turvam rápido demais a minha visão. Eu me recuso a deixá-las cair, usando toda a minha determinação para não desviar o olhar do dele, e engolir o choro.

Sou boa nisso, afinal.

— Você não me conhece — consigo dizer, após tomar uma respiração profunda. Inevitavelmente coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha. Não porque estou nervosa ou pelo seu tom; não por estar com raiva, muito menos com medo, mas porque estou magoada. — Não sabe nada sobre mim.

Ele respira superficialmente, o peito amplo expandindo-se rápido, os olhos injetados. Está colérico, mas sei que minha parcela de culpa em sua ira é ínfima, quase inexistente. O problema é que sou a única pessoa na sua frente agora, um alvo perfeito para descontar.

— E você não me conhece. — Ele rebate no mesmo tom. — Então pare de se importar com qualquer coisa que não seja suas típicas futilidades, como todo rico mimado da porra desse lugar! — Sua cabeça se move. — Como todos eles, você deve achar que tem problemas, não é? Mas não sabe um terço do que é sofrer de verdade na vida.

Seus olhos se mantêm fixos nos meus, e ele parece não se importar com o que as suas palavras duras fazem comigo, até porque, Taylor ainda não me conhece, seu julgamento é baseado unicamente em suposições.

Ao julgar alguém dessa forma, baseado exclusivamente no que você *acha* que vê, no que você *acha* que sabe, o risco de ferir é enorme. Da mesma forma que atos de amor valem muito mais do que declarações, palavras cruéis ditas com intenção clara de machucar, paradoxalmente ferem muito mais do que um simples tapa.

Na verdade, eu preferia um tapa dele agora. Qualquer ação ao invés de deturpar, mesmo sem saber, a memória do meu pai.

Dou muito valor ao que ele me deixou e tenho tanto que poderia até esbanjar, mas ao contrário do que Taylor pensa, estou em Stanford por mérito. Estudei e me dediquei muito para conseguir uma vaga, não precisei roubá-la de ninguém.

— Sabe por que eu vim até aqui? Ver se você estava bem mesmo sem ter motivos para isso? — Indago sem esperar uma resposta. — Porque foi assim que eu fui criada, Taylor. Na minha casa sempre teve muito amor e compaixão, fui ensinada a me importar com todos aqueles que estavam ao meu redor. A ouvir, a cuidar, a dar colo... a ser benevolente. — Dou um passo à frente. — Fui ensinada desde muito cedo que nunca se olha para quem ajuda, porque quando você o faz de verdade, o faz sem segundas intenções, de coração aberto, sem importar para quem é. Por isso eu vim até aqui, por isso fiquei tão preocupada quando te vi saindo daquele jeito, tão transtornado. Não pude evitar, é da minha natureza. Mesmo que você não mereça.

Quando termino de falar, tomo uma respiração profunda. Devo estar ruborizada, como sempre acontece quando fico envergonhada ou nervosa como agora. Odeio ser tão transparente, e odeio ser o tipo de pessoa que pensa nas melhores respostas apenas depois da discussão ter acabado.

— Que privilégio ter tido uma família perfeita. — É tudo o que diz.

Assinto, abrindo um sorriso orgulhoso.

— Sorte a minha, sim. Agradeço todos os dias por ter a melhor família do mundo, por ter pais que me apoiaram enquanto puderam. — *E me amaram mais que tudo no mundo até o último suspiro*, completo mentalmente. — Por ter o privilégio de tanto amor.

— Pode ser novidade para você, mas nem todo mundo vive em um mundo cor-de-rosa, com uma família de comercial de TV. A maioria de nós tem problemas de verdade — expõe com egoísmo. — Viver no limite durante anos te faz entender que as vezes o amor não basta. Mesmo amando alguém mais do que a sua própria vida, você ainda pode acabar em pedaços, destruído por essa mesma pessoa. Quem disse que quem ama não fere, foi um filho da puta mentiroso!

Suas palavras me tocam, especialmente pela dor que cada uma delas carrega. Mas independentemente do que Taylor tenha passado, ele não está sendo justo comigo. Está aqui, em toda sua imponência, escancarando um lado seu que eu não conhecia e que não é bonito de ver.

— Lembra quando disse que fiz muitas suposições sobre você quando me encontrou embaixo daquela árvore? Você tinha razão, eu não sabia nada sobre você. Mas agora eu vejo que possui muitos problemas e que não tivemos a mesma criação. — Aperto mais o livro contra o peito como se fosse uma boia e eu estivesse em mar aberto, procurando apoio em qualquer lugar. — E que pena, que pena que não teve alguém na sua família para te ensinar isso, Taylor. Meus pais morreriam de vergonha se me vissem agindo dessa maneira com alguém de quem eu não conheço a história. Ter cicatrizes não te dá o direito de me ferir.

Taylor puxa o ar asperamente conforme seus olhos cintilam, adquirindo um aspecto marejado. Ele dá mais um passo, por muito pouco não pressionado seu corpo contra o meu, e abaixa a cabeça para encontrar meus olhos. O couro de sua jaqueta desgastada faz

cócegas na renda que cobre minha pele, em um contraste claro entre as nossas personalidades.

— Nunca mais — sibila raivoso — fale da minha família.

Tão abruptamente quanto se aproximou, ele se afasta, tomando os mesmos passos apressados para longe, ainda mais bravo do que antes. Quando some de vista, eu encaro o céu acima da minha cabeça e deixo escapar a respiração ruidosa que comprimia meu peito. Juntamente a ela, uma lágrima cai, molhando a minha bochecha.

Meu único desejo nesse momento é voltar para o meu apartamento, para debaixo das minhas cobertas fofas e quentes, e conversar com o papai. Sei que se estivesse mesmo aqui, a um telefonema de distância, ele me confortaria. Ou talvez batesse em Taylor por ter feito sua *ballerine rose* chorar.

Afasto esses pensamentos e volto a andar, caminhando em direção a sala de aula. Preciso apenas de alguns minutos no banheiro para lavar o rosto e me recompor. Então estou pronta para distribuir novos sorrisos.

Tento me focar no Sr. Jurássico que se move de um lado para o outro da sala, explicando o nosso próximo bloco de matérias. A primeiro momento, observando seus óculos redondos, o rosto bochechudo e a careca, a aparência dele lembra um daqueles idosos adoráveis que são vendidos sentados em poltronas. Mas o Sr. Campbell está longe de ser um senhor simpático, sendo conhecido como o Carrasco-lecionador-de-cadáveres. Ou como

meu professor de anatomia humana, a quem eu apelidei carinhosamente de Sr. Jurássico pelos seus trezentos anos de idade.

A semana passada foi insana, intensa com vários trabalhos e avaliações. Dormi o fim de semana praticamente inteiro depois de tantas canecas de café e noites em claro, revisando compulsivamente a matéria. Tive que misturar café com energético no último dia para dar conta do ritmo.

Loucura, eu sei.

Felizmente acabou, e agora estamos de volta à mesma rotina do começo de um novo ciclo de matérias. Minha tranquilidade dura pouco, no entanto. Logo estou estalando os dedos das minhas mãos suadas, mediante o anúncio do professor de que havia corrigido as avaliações e que as entregaria ao final da aula.

Por que diabos sempre fazem isso? Não é como se eu conseguisse pensar em outra coisa ou absorver um novo assunto enquanto a minha mente calcula obstinadamente quantos décimos ele pode ter arrancado da minha nota final. Para piorar, meus olhos estão quase perfurando a pilha de papéis dispostos sobre a mesa. Eu me sento sempre na primeira carteira da classe, então consigo visualizar bem o tampo da mesa, inclusive a folha do topo. Folha essa que possui um F enorme em vermelho.

Sabe o que significa F? Fracasso.

Espero que não seja meu.

Após toda tortura psicológica, o Sr. Jurássico finalmente começa a nos chamar pelos nomes. É simples: levantar, pegar a avaliação e ir embora, uma vez que não temos mais aulas hoje.

Na minha vez, eu me ergo afobada, sentindo as pernas vacilarem ao pegar a avaliação. Recebo um sorriso pequeno dele, que não é tão grosseiro comigo ou com os alunos ele considera esforçados, e encaro esse gesto exíguo como um bom sinal.

No fim, estava errada.

Ao encarar a minha nota, já andando pelos corredores, percebo que falhei e sou obrigada a segurar o choro pela segunda vez hoje. Deixo o prédio a passos apressados, disposta a desabar apenas ao chegar em casa.

Mas não sou tão forte.

Assim que entro no Audi, jogo meus livros no banco do passageiro e abraço o volante, tombando a testa sobre ele. Lágrimas grossas e quentes vertem rápido, molhando as minhas bochechas conforme os soluços descontrolados escapam pela minha garganta.

Desculpa, papai.

Desculpa.

Juro que vou me sair melhor na próxima.

Eu não deveria ter ido até aquela festa.

Sei que estou fazendo tudo errado.

Vou me esforçar mais.

Desculpa, papai.

Não sei se choro apenas pelo fracasso da nota ou se dou vazão ao episódio que aconteceu com Taylor também. Não estou

triste em proporções iguais, me sinto muito pior pela nota é claro, mas as palavras dele realmente me magoaram.

Limpo o rosto com as costas das mãos e giro a chave na ignição, dando partida no carro. É tecnicamente impossível manter os olhos na estrada chorando compulsivamente, por isso, eu me forço a respirar e a ficar calma até chegar em casa.

Tento me distrair com o rádio, sem sucesso. Infelizmente, a maioria das estações está tocando rock, e eu odeio o gênero. Até mesmo Queen, que meus pais amavam.

Fico agradecida ao estacionar na garagem do prédio e pegar minhas coisas, subindo para o apartamento sem me encontrar com ninguém no caminho. No conforto das paredes da minha casa, largo a mochila e os livros no sofá, encarando uma última vez o papel branco rabiscado com um A- enorme, que zomba de mim.

Movo a cabeça em negação, recriminando-me pelo fracasso, e vou até o freezer pegar um pote de sorvete para afogar as mágoas. Sabor morango, é claro, já que minha mãe os comprou, fazendo questão de abastecer a geladeira antes de partir.

Sentada no chão, com as costas apoiadas contra o metal frio da geladeira, eu abro o pote e começo a comer compulsivamente. Mal sinto o sabor antes de me empanturrar com uma nova colherada, com a esperança de me sentir melhor porque era isso que mamãe e eu fazíamos em casa quando estávamos tristes.

Entre as colheradas, acabo derramando novas lágrimas porque essa tática já não tem tanto efeito para mim. O sorvete não me impede de ficar triste, apenas aperta meu peito, tomado por tantas emoções, que não consigo evitar começar a chorar por

saudade dele. Queria tanto que papai estivesse aqui, que me olhasse daquela forma preciosa só mais uma vez.

Eu estaria envergonhada pela nota – definitivamente, não vou escrever hoje no diário –, mas algo me diz que papai não se importaria com isso. Ele envolveria meu corpo com seus braços fortes e faria com que eu me sentisse melhor, sem precisar de nada além do melhor abraço do mundo e suas palavras carinhosas.

Mas ele não vai fazer isso hoje.

Nem hoje, nem nunca mais.



Cruzo os portões negros de ferro forjado, sentindo o peito estremecer. Provavelmente, eu não deveria ter vindo.

Percorro o caminho estreito, fitando o gramado verde muito bem cuidado e as diversas lápides dispostas milimetricamente. Algumas mais novas, com um aspecto mais claro, outras escurecidas. Algumas com flores bonitas, outras com ramos murchos, e ainda, as vazias.

Faz tempo desde que estive em Temecula, mais ainda neste local. Mas é incrível como meus pés ainda sabem exatamente aonde ir.

O terreno é imenso, e não há nada de especial naquela lápide em específico. Escura e vazia. Com os dizeres *“Sua alma nos deixou, mas a saudade manterá a sua memória viva eternamente em nossos corações”* gravados com uma letra padrão. Apesar disso, eu a encontro com facilidade.

Miranda.

Ajoelho-me e coloco um girassol deitado sobre o túmulo. Não é a flor mais bonita, felizmente também não é a mais cara, mas era a favorita dela. Sempre foi. E pensando bem, nas memórias felizes que guardo dela, Miranda sempre foi como um girassol, desviando-se da escuridão e erguendo-se para a luz.

Uma pena ela não ter sido capaz de resistir às sombras.

E além de se entregar, ter afundado todos ao seu redor.

— Sinto saudade... — admito baixo, mesmo estando sozinho. As palavras são difíceis e rancorosas. — Tanta saudade que às vezes me sinto sufocado. Desde que partiu é como se um punhal estivesse cravado no meu peito, e meu coração morto não consegue parar de sangrar. Até quando terei esses sentimentos ruins aqui dentro por sua causa?

Limpo a lágrima que me escapa, e comprimo os lábios com raiva, engolindo o bolo que aperta a minha garganta.

— Odeio o que suas ações fizeram comigo. Odeio ainda mais o que aconteceu com você. Tenho tanta culpa por não ter feito nada para mudar aquilo, por... por não tê-lo feito parar. — Toco a pedra fria, como se esse gesto inútil pudesse fazer eu me sentir mais próximo dela. — Eu poderia ter defendido você, eu... Eu poderia ao menos ter tentado. Mas fui covarde. Sinto tanto por isso...

Fico ali, ajoelhado, conversando com ela. Evito ao máximo vir porque sempre me sinto pior depois, é como abrir uma ferida em ponto de cicatrização. Mas às vezes a saudade me faz quebrar esses votos e visitá-la, aumentando a culpa recorrente que carrego dentro de mim.

Depois de quase uma hora, saio do cemitério, caminhando até um ponto de ônibus. Precisarei pegar alguns minutos de estrada

para voltar ao alojamento do Campus, e como tenho um encontro marcado com Olívia mais tarde, não posso me atrasar. Além do que, preciso tomar um banho e me recompor. Não quero que minha irmã me veja nesse estado.



Estou secando os cabelos de qualquer jeito quando Eric, meu colega de quarto, entra no dormitório. Por sinal, com uma expressão aborrecida.

— O que aconteceu? — pergunto.

— Ainda não sabe? — Ele se senta na cama, jogando a mochila no chão. — Achei que tivesse visto os panfletos por aí.

Franzo o cenho, largando a toalha molhada e a escova de cabelo em cima da cama antes de cruzar os braços, prestando mais atenção nele.

— Do que está falando?

— Do corte financeiro da universidade. Está rolando abaixo assinado e tudo, cara. — Explica frustrado. — Como não nos vimos nos últimos dias pelas provas, não comentei nada. Mas já faz semanas, achei que soubesse.

Merda.

— Como assim corte financeiro? Nas bolsas? — pergunto alarmado.

Como toda universidade da Ivy League, há uma repartição das vagas entre bolsistas e os que arcam anualmente com os custos. Obviamente, não em proporções iguais. O dinheiro que entra por esses alunos serve para manter as atividades do Campus,

os salários dos funcionários e todo financiamento de pesquisa que é muito forte aqui na região do Vale do Silício.

Por isso, mais de 85% dos alunos injetam dinheiro na instituição, isso sem contar os que entram como bolsistas, tendo plena condição de pagar esses valores através de acordos deploráveis baseados em interesses. Como não podem cortar uma bolsa ou mudar o número de vagas anuais, algumas vagas são forjadas em troca de uma nova ala, um patrocínio e outro milhão de subornos. É assim que um garoto esforçado perde a oportunidade da sua vida para um filhinho de papai.

— Claro que vão descontar em quem não paga, Taylor. — Eric me responde. — Querem reduzir o número de vagas anuais para 10%. E como se isso já não fosse ridículo, para os alunos admitidos querem cancelar os alojamentos.

— Que merda! Eu não tenho para onde ir.

Eric ri sem humor, apontando para o próprio peito.

— E você acha que eu tenho? A maioria aqui só conseguiu aceitar a bolsa porque ela vinha com o auxílio moradia e alimentação.

Assinto, tenho noção disso. Alguns bolsistas têm uma condição melhor, não podem pagar os custos do ensino, mas tem recursos para arcar com um aluguel simples ou não depender da ajuda de custo que Stanford fornece. Eric e eu com certeza não fazemos parte desse time.

— Está decidido? — indago.

— Ainda não. Eles sabem que podem sofrer um processo, principalmente pela questão da redução das bolsas — responde. — Mas quanto aos alojamentos, acho que não há nada mais a ser

feito. Pelo que entendi, querem construir um novo hospital escola aqui no terreno, e as petições não adiantaram em nada.

Suspiro, um pouco desnorteado, sentando-me na cama de frente para Eric. A faculdade foi um passo importante para mim, foi a mudança de vida que Olívia e eu estávamos precisando. Eu não poderia voltar a minha antiga vida.

— O que vai fazer se acabarmos despejados? — Eric pergunta, notando que fiquei absorto de repente.

— Eu não sei. Não quero sair, mas não tenho como me manter aqui sem isso — respondo temeroso. — A ajuda de custo para alimentação não é o bastante para pagar um aluguel por aqui. Mesmo se fosse, ter onde dormir e não ter o que comer também não iria funcionar.

Ele anui com um gesto de cabeça, provavelmente cogitando o mesmo cenário. Eric não cursa artes cênicas como eu, e sim artes plásticas. Resumindo, duas profissões sem muito reconhecimento e com péssimos salários.

— Você tem a Olívia, cara. Sua irmã não vai te deixar na rua.

Movo a cabeça.

— Não é bem assim, ela mora com o namorado e eu não converso muito com Greg — explico. — Fico tranquilo em saber que ela não será prejudicada por isso, mas obrigar o namorado a me aceitar em casa com certeza acabaria fazendo com que brigassem cedo ou tarde. A última coisa que quero é atrapalhar a vida da minha irmã.

Além disso, aposto que em menos de uma semana Greg e eu nos estranharíamos. O que faria com que eu me culpasse, se Olívia fosse obrigada a escolher um de nós. Depois de tudo que passou,

ela merece todo amor possível para compensar a infância ferrada que teve.

— E você? — pergunto.

Eric ri, sem humor.

— Não faço ideia. Pensei muito a respeito, mas não encontrei uma alternativa. Cogitei trabalhar em algum café ou restaurante por aqui e conciliar com os estudos, muita gente faz isso. É puxado, mas sei que eu daria conta. — Assinto, ele é um cara esforçado, que veio de uma família simplória do interior do Kansas. — Mas isso leva tempo. Levar currículo, ser contratado, ter a segurança de passar pelo período de experiência... Não sei como me manteria aqui até acertar tudo isso. Fora que, como você disse, o aluguel nessa região é um absurdo. Provavelmente o salário também não seria o bastante.

— Pagar um lugar distante com o transporte também não funcionaria — completo o seu raciocínio, afinal a possibilidade passou pela minha cabeça. Não seria a primeira vez que preciso conciliar meus estudos com um emprego. — Já sabe quando vão bater o martelo?

— Imagino que não deva demorar, mas ainda não definiram uma data. — Eric se levanta, tomando o rumo do banheiro. — Vai sair?

— Vou. Tenho que encontrar com a Olívia.

— Vai contar para ela?

— Não.

— Ela não deve demorar a descobrir — comenta ele. — Quer dizer, tudo é em prol da construção de um hospital escola e ela é a

presidente da fraternidade do curso de medicina. Talvez, até já saiba.

— Vou resolver isso sozinho.

Eric ri, fazendo uma negação de cabeça pelo meu temperamento. Após mais de um ano morando juntos, ele me conhece bem.

— Ah! — Ele se volta para mim, quando estou quase saindo. — A garota que esteve aqui aquele dia. Eu a vi subindo, parecia a ponto de infartar com tantos lances de escada. Namorada nova?

— Não, era apenas uma garota — respondo em tom neutro. — Preciso ir. Qualquer novidade você me avisa?

— Claro. Manda um abraço para Olívia.

Confirmo, meneando a cabeça.

Tenho certeza que Eric tem uma queda pela minha irmã, embora nunca tenha explicitado nada. No fundo, acho que ele entende que nunca daria certo. Primeiro porque Olívia é apaixonada por Gregory; e segundo que, além de gostar dele, ele pode lhe proporcionar a vida que ela almeja. É capaz de oferecer segurança e estabilidade, coisas simples que Olívia nunca teve e sempre buscou.

Eric e Olívia juntos seriam dois fodidos com uma esperança ridícula de felicidade, que cedo ou tarde, acabaria. Nada nessa vida sobrevive apenas de amor.

Com Bon Jovi ecoando pelos fones de ouvido, sigo caminhando pelas ruas do Campus. Eu amo rock, especialmente

essa banda. Geralmente me faz relaxar, mas hoje meus pensamentos estão sobressaindo às notas, mesmo com a música no último volume.

Um dos meus passatempos favoritos é ler a noite em alguma árvore solta por aqui ou escutar música enquanto corro. São os únicos momentos que não penso em nada. Por isso, a maioria dos meus encontros com Olívia é em um lugar calmo como esse, em algum banco de praça no jardim.

Não me sinto confortável em visitá-la onde mora, cedendo apenas aos seus pedidos, como na primeira noite em que se mudou e no aniversário dela. Na ocasião, eu lhe dei um buquê de rosas porque sei o quanto Liv adora flores, o namorado dela lhe deu uma joia mais cara do que um carro popular.

Assim que cruzo a segunda esquina, eu a vejo. Linda com os cabelos presos em um rabo de cavalo bagunçado, completamente distraída com o telefone. Não duvido que esteja trocando mensagens com Greg, apesar de tê-lo visto a pouco.

Retiro os fones de ouvido e me sento sorrateiramente ao lado dela no banco. Abro um sorriso quando Liv se sobressalta, tomando nota da minha presença repentina, antes de relaxar, colocando a mão sobre o peito.

— Você parece ter dez anos às vezes, tentando me assustar desse jeito. — Ela reclama. — Quase me mata do coração aparecendo assim!

— Nessa fase, o que mais fazíamos era nos esconder, não é? Devo ter ficado mesmo bom nisso.

Olívia fecha o sorriso.

— Não faz piada com isso.

— Desculpe.

— Eu sei que faz isso mesmo sofrendo — continua ela. — Usar do humor como válvula de escape. Mas isso só é adorável até certo ponto, ultimamente não tenho achado tão saudável.

Toco os cabelos dela, escuros como os meus, e a trago para perto para beijar o topo de sua cabeça.

— Não se preocupe tanto comigo, está tudo bem. — Abro um sorriso, endireitando-me no banco. — E você? Parece bem.

— Eu estou.

— E em relação ao curso? — sondo para saber se sabe algo sobre o novo hospital escola, e também por estar preocupado com carga horária exaustiva que ela leva.

— Tudo bem também. Teremos uma simulação de parada cardiorrespiratória amanhã com os calouros.

— Legal.

Olívia me perscruta.

— Quer me contar algo, não quer? — inquere, e eu sorrio por ela me conhecer tão bem se ainda não estivesse sentindo o mal-estar que me tomou desde que saí de Temecula.

Limpo a garganta, sabendo que não tenho como fugir disso.

— Fui ao cemitério hoje.

Olívia não consegue esconder a surpresa. Com os olhos arregalados, ela vira o corpo na minha direção, subindo as pernas para o banco e as abraçando. A cabeça apoiada nos joelhos, à espera de mais detalhes.

— Faz mais de dois anos que você não vai.... — Comenta, estranhando. — Achei que nunca fosse voltar aquele lugar de novo. Sempre que tento te levar, você inventa uma desculpa.

— É difícil voltar lá.

— Eu sei, por isso não insistia — diz com suavidade. — Sempre soube que teria que ser uma escolha sua, uma vontade do seu coração.

Movo a cabeça.

— Tinha razão.

— Geralmente, eu tenho. Mas o que te fez voltar lá?

Desvio os olhos dos seus, fitando a paisagem à nossa frente como se fosse encontrar minha resposta ali, entre as árvores.

— Saudade — digo por fim.

Sinto a mão fria de Olívia tocar a minha, enlaçando nossos dedos. É quando volto a olhar para ela, que tem os olhos marejados. Odeio presenciar as mulheres chorarem, porque nunca sei o que fazer para confortá-las. E odeio ainda mais quando as lágrimas são da minha irmã.

— Não chore — peço.

Olívia sorri.

— Tudo bem, só estou emocionada. — Ela respira fundo, afastando a onda de emoção, embora sua voz continue embargada. — Você está mesmo bem?

— Estou.

— Não mente para mim.

— Não quero falar disso — recuso, forçando um sorriso. — O dia de hoje trouxe à tona lembranças suficientes.

Olívia muda de posição novamente, dessa vez se sentando sobre as pernas e apoiando a cabeça no meu ombro. Envolvo seu corpo com o braço, mantendo-a perto. Nos momentos em que estamos assim, os dois anos de diferença entre nós desaparecem.

Uma alma machucada é uma alma machucada, independente do motivo ou da idade. Tratando-se de sofrimento, no fundo somos todos iguais, lutando e sobrevivendo da melhor maneira possível.

— Você pensa no Sr. H? — pergunta, após longos minutos de silêncio. — Ele sempre foi mais próximo de você, mas eu sinto saudades também.

— Penso — murmuro a resposta, admitindo a verdade em voz alta pela primeira vez. — Ainda não acredito que ele fez aquilo, não depois de saber o que aconteceu e de prometer que nunca faria o mesmo.

Ouço o suspiro pesaroso de Olívia.

— Sente raiva dele por isso?

— Sinto. Sinto mágoa também.

— Talvez ele tenha tido motivos — Liv argumenta. — Não podemos julgá-lo sem saber exatamente o que aconteceu, certo? Ele foi ótimo nos momentos em que esteve conosco.

Abro um sorriso orgulhoso por suas palavras maduras. Às vezes, tenho inveja de como Olívia encara a vida, apesar de tudo. Embora eu saiba que nunca poderia ser como ela.

— Não muda o fato de que ele nunca nos procurou.

— Talvez tenha tentado. Não sabemos se ele estava passando por algo difícil naquela época, ou se....

— Não se dá falsas esperanças a uma criança, Liv — interrompo, cansado de ouvir desculpas para algo que não tem justificativa. — Você não oferece um futuro melhor, não promete amor e cuidado, não encara os olhos de uma criança fodida e diz tudo isso sem ter plena certeza de que vai poder cumprir — aponto,

sério. — É cruel fazê-la sonhar dia após dia com essa merda e depois simplesmente destruir tudo.

Olívia encolhe os ombros, aconchegando-se mais em mim.

— Não foi o que quis dizer. Eu sinto muito...

Aperto seu braço em sinal de conforto.

— Não passei por isso sozinho.

— Mas você o amava mais — argumenta, provocando um nó no meu estômago. — E passou por muito mais coisas do que eu.

— Antes eu do que você.

Um vento frio corta por nós, me fazendo lembrar que logo teremos que nos despedir. Olívia está apenas com um macacão de alças finas e eu não estou usando jaqueta para emprestá-la; não quero que ela se resfrie ou volte sozinha tão tarde para casa.

— Greg vai te buscar? — pergunto. Às vezes ele fica até tarde nas simulações de tribunais na faculdade.

— Sim. Ele está em casa hoje, só preciso ligar para ele.

Assinto, mais tranquilo.

Apesar do nariz empinado, ele até cuida bem dela.

— Como conseguiu confiar no Greg? — pergunto, de repente.

Olívia ergue o rosto para me olhar.

— Como assim?

— Como confiou que ele não ia fazer algo assim com você? Sabe, ele poderia trair a sua confiança também. Ou pior, te abandonar.

Ela pisca, pensando sobre o que eu disse.

— Quando você ama alguém de verdade, o medo de se machucar, seja qual for o motivo, é menor do que o medo de viver

sem aquela pessoa — responde, simplesmente. — Não te julgo por preferir não confiar mais em ninguém depois de tudo, mas a parte ruim de não abrir seu coração para ninguém é que você torna impossível deixar alguém te amar.

— Eu só amo você, Liv. Mais ninguém. — Pauso, quando minha voz falha. — Acho que não consigo mais.

Aprecio ao sentir os dedos finos de Olívia tocarem meu rosto, rumo aos meus cabelos em um gesto carinhoso. Odeio admitir, mas sou um homem carente.

— Também amo você, mas não pode me culpar por ter esperanças de que isso mude algum dia. Mais do que ninguém, você merece a chance de escrever um futuro mais bonito que o seu passado. — Ela sorri, esotérica. — Mesmo com ciúmes, eu torço para que alguma garota te faça feliz. Nem que para isso, eu precise engolir as barbaridades que ela dirá no processo.

Desvio os olhos para ela, subitamente.

— O que você disse? — ecoo.

A curva nos lábios de Olívia se amplia, mas ela não repete suas palavras, apenas se levanta e me chama com um gesto de mão para que eu faça o mesmo e a abraçasse, nos despedindo do encontro.



Amber

Estou tão animada.

Até agora, o que mais gostei no curso foi a adrenalina dos momentos de emergência. Imagina quando eu puder contar para o papai que salvei a minha primeira vida? Ele só não vai morrer de orgulho porque não dá.

Quando chega a minha vez e eu me ajoelho de frente para o boneco que simula o paciente, ergo os olhos e encontro Olívia. Cada calouro é auxiliado por um veterano, é uma forma de nos ajudar a aprender e permitir que eles revisem os conteúdos. Com a minha falta de sorte, é claro que eu cairia com Olívia.

Se bem que poderia ser pior.

Antes ela do que o Jason.

— Vamos treinar apenas a massagem cardíaca, sem a parte da ventilação mecânica com o ambu. Coloque a sua mão menos dominante em cima da dominante, enlaçando uma na outra. — Ela instrui e eu faço, sem dar um pio. — Agora eu quero que você as

coloque em cima do peito do boneco, dois dedos acima do apêndice xifoide, e pressione firme com a almofadinha das mãos. Não, dedos esticados. Isso, não dobre os cotovelos e mantenha as compressões constantes, no ritmo daquela música que passamos mais cedo.

A música é de uma banda pop que ironicamente tem o ritmo perfeito para a manobra. É claro que eu fiz piada quando escutei e depois quis abrir um buraco para me enterrar de tanta vergonha.

Continuo a fazer de acordo com as instruções de Olívia, tentando repetir exatamente como vi o professor fazer mais cedo. Ela é mais calma do que eu esperava. Não gosta de mim, mas é ótima ensinando, muito paciente e inteligente.

— Mais forte, Amber. — Seu tom faz com que eu erga os olhos para ela, sem interromper o que estou fazendo. — O tórax dele tem que afundar e expandir para a manobra ter êxito. Tente imaginar cerca de três centímetros.

Faço uma careta.

— Vou acabar quebrando uma costela desse jeito, quando for realmente uma pessoa.

Olívia quase sorri. Quase.

— É melhor ele sair com uma costela quebrada e vivo do que com elas inteiras e morto, não acha? — rebate com uma sobrancelha arqueada. — É por isso que começamos com a manobra e depois ensinamos a ventilação. Se puder fazer os dois com eficiência, ótimo; se tiver alguém para dividir a tarefa durante a emergência, melhor ainda. Mas se precisar escolher, opte pelas massagens. É melhor um sangue desoxigenado correndo pelo corpo do que sangue oxigenado parado. Entendeu?

— Entendi — assinto, sorrindo.

— Agora dê uma pausa, estamos nisso a mais de três minutos. Pegue o ambu, vamos treinar a ventilação.

Giro o corpo e me estico para pegar o aparelho, antes de posicioná-lo no rosto do boneco, com a máscara cobrindo a boca e o nariz. Com os dedos formando um C, pressiono e começo a insuflar. Essa parte é fácil.

Permaneço assim alguns instantes até estranhar Olívia quieta demais. É quando levanto o rosto em sua direção novamente e a flagro olhando para os meus peitos. Eu não sou exuberante, mas tenho peitos bonitos, sabe?! São firmes e bem empinadinhos. Mas acompanhando seu olhar, noto o que ela está *realmente* olhando.

Minha blusa social azul bebê, comprada em uma loja da YSL, está com as primeiras casas abertas. Sempre mantenho os dois primeiros botões assim, o suficiente para não me sentir sufocada com a gola, mas acontece que, com o meu movimento para o pegar o ambu, mais dois botões se abriram, dando a visão do topo dos meus seios e consequentemente da minha cicatriz.

Olívia está engolindo em seco e me olha constrangida quando flagro seu movimento. Na verdade, não sei quem de nós fica mais embaraçada com a situação.

— Desculpe, eu... — Ela se interrompe, plissando mais o cenho.

Puxo uma respiração profunda, largando o ambu e abotoando a camisa de volta. Fico de pé e forço um sorriso, tentando não deixar a situação pior. Sorte a minha ter outro calouro aguardando para a troca.

— Acho que meu tempo acabou, vou para a manobra de Heimlich agora — digo, já me afastando. — Obrigada. Foi... legal.

Saio a passos apressados, correndo para outra seção.

Sempre uso blusas comportadas porque isso evita as perguntas. Não tenho vergonha da marca ou do que aconteceu, mas odeio relembrar toda a história por mais bonito que o ato tenha sido. Sempre que o faço, a saudade dilacera meu peito. E as pessoas nunca me olham da mesma forma depois.

Espero que Olívia simplesmente esqueça essa história.



Chego em casa ao anoitecer, estafada após tantas aulas, mas feliz por ter adquirido tanto aprendizado.

Hoje eu tenho um bom motivo para escrever no diário e contar as novidades para o papai. Bom, eu também tenho que contar do A-, mas ensaiei um pedido de desculpas bonitinho.

Conversei com a Dona Bárbara no meu horário de almoço e prometi ligar mais tarde para contar como está a semana. Ela não é dura comigo; na verdade, sempre senti que pegava mais leve do que as outras mães em decorrência de tudo que aconteceu. Sei que quando contar da nota, ela ficará feliz e me dará os parabéns, e eu vou sorrir, fingindo que também estou satisfeita.

Vou até a cozinha e ligo a cafeteira automática enquanto tomo um banho demorado. Visto meu pijama lilás e calço um par de meias cor-de-rosa antes de encher uma xícara e pousá-la em cima da escrivaninha no quarto.

Decidida a comer algo, retorno à cozinha em busca de uma maçã. Sou atraída pelo meu estúdio de dança na volta. Toco a maçaneta para fechar a porta, mas não resisto em observar mais uma vez as paredes cobertas de espelhos, a barra intocada e o piso polido que talvez nunca será tocado pelos meus pés. Eu amava tanto dançar... E hoje minhas sapatilhas estão em algum canto, jogadas e empoeiradas.

Toco o colar ao redor do meu pescoço, e suspiro, tomando mais alguns minutos ali de pé antes de fechar a porta e voltar para o quarto. Assim que me sento, meu telefone vibra com a chegada de uma nova notificação. Eu o uso bastante, sempre estou com aparelho na mão, seja vendo algo fútil em redes sociais ou, na maior parte das vezes, pesquisando algo relacionado aos meus estudos.

Dessa vez, é uma mensagem da May.

May: *Não ia conversar comigo ontem? Estou com saudade.*

Abro um sorriso enorme, digitando uma resposta logo em seguida, aproveitando que está online.

Amber: *Também estou. Posso te ligar?*

May não responde, inicia ela mesma a chamada.

— Oi, que saudade! — Atendo.

— Também estou. — Meu sorriso se amplia ao ouvir sua voz. — Como estão as coisas na Califórnia?

Suspiro.

— Muita coisa para contar. Comece você.

— O de sempre por aqui. Meus pais ainda me envergonham sempre que resolvem me buscar na universidade como se eu fosse uma criança do maternal — reclama, me fazendo rir.

Tia Julie morre de medo que May, estabanada do jeito que é, acabe sofrendo um acidente de trânsito. Na primeira aula de autoescola dela, ela derrubou *dez* dos *oito* cones e quase estourou um pneu ao subir em cima do meio fio. Sim, você leu certo.

— Eu sei bem como ela é — digo rindo.

— Não ria, Amber. Isso é sério.

— Eu sei — concordo, tentando ficar séria.

May bufa, rindo também.

— Fora isso, tudo bem. Estou adorando o curso — ela continua. — Estou pensando nas empresas famosas que poderei trabalhar no futuro. Minha mãe, claro, torce para eu ir para uma *Dior* da vida, mas você sabe que não gosto de moda como ela.

Sei bem disso. Tia Julie me faz de boneca, assim como Luca, desde que me entendo por gente por esse exato motivo.

Não posso dizer que não gosto de ser mimada.

— É, eu sei. Fico feliz que esteja gostando da faculdade.

May está cursando relações públicas na França. Não mora mais com seus pais depois que ganhou um apartamento charmoso na rua de trás da sua antiga casa. Cômico, se ela não ficasse tão brava com a autoproteção deles. Eu particularmente entendo ambos os lados.

O engraçado é que todos esperavam que fosse ser assim comigo, depois da minha mãe ter perdido tantas pessoas que amava. Mas ela é compreensiva, e sabe que realizar as minhas metas e sonhos, seguir o caminho do meu pai, me deixaria feliz. Por essa razão, mesmo tendo o coração quebrado por me ver partir, ela está feliz e me apoia incondicionalmente.

— Agora você, pode começar a falar! Quero saber de tudo. Quer dizer, de tudo que for verdade. Você foi uma cretina ao me enviar aquela mensagem! — reclama. Prendo um sorriso. — Achei que finalmente tinha tirado as teias de aranha da boceta...

— May!

— E, na verdade, só caiu bêbada ao lado do gostosão — continua, sem se surpreender com meus protestos. — Aliás, qual o nome dele?

— Taylor.

— Hum... Vai me mandar foto quando?

Solto uma risada anasalada, um pouco nervosa. Houve uma época em que compartilhávamos prints de garotos bonitos. Coisa da idade, eu acho. Mas não nos vejo fazendo isso hoje, até porque como eu tiraria uma foto dele?

— Ele não é importante.

— Então não tem nada rolando?

— Não, e nem vai. Ele é um idiota.

Aposto que o cenho de May está confuso.

— Certo... O que aconteceu? — indaga preocupada.

— Nós brigamos. — Suspiro, dando de ombros mesmo que ela não possa ver. — É... complicado. Ele tem uma rixa com outro aluno aqui e eles discutiram no meio do refeitório. Percebi que ele ficou mal e fui atrás dele, como uma idiota. Foi quando ele agiu como um babaca egocêntrico.

May suspira.

— Sinto muito, amiga.

— Tudo bem. Não é como se eu gostasse dele ou algo do tipo — digo para ela, e para mim mesma. —Plano “sem garotos”,

lembra?

May não esconde seu descontentamento.

— Eu não sou a favor desse plano. Nunca fui. — Ela faz questão de ressaltar. — Acho perfeitamente saudável ser bem comida e exercitar o cérebro. Na verdade, você mais do que ninguém deveria saber que uma boa foda é bom para a saúde.

Sou obrigada a rir.

— Você não existe!

— Existo sim... — Ouço um som oco, como um sapato caindo. — Mas agora tenho que ir, tenho uma festa hoje e estou atrasada.

Claro que tem. May é dedicada e muito obstinada, assim como eu, mas em todos os outros aspectos das nossas personalidades somos completamente diferentes. Minha amiga sempre foi muito mais confiante do que eu, segura sobre seu corpo, sobre sexo, sobre absolutamente tudo que se propõe fazer.

— Tudo bem. Nos falamos amanhã?

— Claro, te envio uma mensagem assim que chegar.

— Ótimo. E se cuide, pelo amor de Deus!

— Está parecendo a minha mãe, Amber! — reclama rindo. — Amo você. Pega leve nos estudos!

— Amo você também.

Desligo sorrindo, me sentindo um pouco melhor. Bloqueio o aparelho e me ajeito na cadeira, mordendo a maçã que trouxe enquanto procuro o **capítulo** do livro que preciso estudar. Desisto rápido do propósito, no entanto, quando uma ideia maluca passa pela minha cabeça.

Pego novamente o celular e pesquiso o nome de Taylor no Instagram.

Sem resultados.

Frustrada, tento buscar pelo sobrenome. Não tenho sucesso, mas encontro o perfil de Olívia. Ela é quase tão bonita nas fotos quanto é pessoalmente, e tem um Deus grego como namorado. Como o perfil dela é aberto, consigo acessar seus amigos e assim encontro Taylor.

Taylor Holt
"Todo mundo é capaz de dominar uma dor, exceto quem a sente - William Shakespeare"
Artes cênicas | Stanford

O usuário dele é @taylorholt69, e a conta possui apenas três fotos publicadas. Uma de um garotinho, que eu imagino ser ele próprio mais novo devido a semelhança, com uma gravata em volta do pescoço fingindo ser um adulto. Outra simples de um girassol. E uma mais recente com Olívia.

Nada que me dê a mínima explicação do que há de errado com ele.

Com um suspiro, largo o celular, mais esmorecida que antes. Faz uma semana desde o que aconteceu, e mesmo assim eu não consigo parar de martelar o assunto. Sou mesmo uma toupeira por continuar me importando.

A situação parece apontar para caminhos distintos, que nunca mais irão se cruzar. Mas algo em mim me faz ter certeza de que não será assim.

Taylor e eu, sem ter a mínima noção disso, estamos nos afastando para então dar as mãos. Porque independente de qualquer coisa, faremos tudo dessa forma daqui em diante: de mãos enlaçadas.

De mãos enlaçadas

“Existe esperança, eu sei
Caída naquela estrada solitária
Pois você está em casa e é onde também estou
Inspire, expire
Só temos o presente agora
E tudo o que eu tenho, eu seguro em minhas mãos
Nós estamos fugindo da
Terra de promessas quebradas”

(Brokenpromiseland – Bon Jovi)



Amber

DUAS SEMANAS DEPOIS

Obrigo meus olhos a continuarem a fitar o livro aberto à minha frente. Tanto porque preciso entender a formação de um embrião, quanto porque não quero ser obrigada a fitar Taylor.

Faz duas semanas que estamos nessa situação.

Desde a nossa discussão em frente ao refeitório, não conversamos mais sobre aquele assunto. Ou sobre qualquer outro, na verdade. Nos cruzamos mais do que o esperado pelo Campus, e o observei a distância com Olívia em dadas ocasiões, mesmo me recriminando por isso. Mas ficar sozinha com ele aqui consegue ser pior do que tudo isso.

Como muitos dos livros estão em PDF, a maioria dos alunos opta por estudar em casa. Eu prefiro ter o livro em mãos, e nesse novo ciclo de matérias tenho visitado bastante a biblioteca.

Com frequência, Taylor também está aqui, sentado com uma péssima postura, fones de ouvido em um volume prejudicial e um livro em mãos. Cheguei a decorar até alguns dos títulos que ele nunca larga, como *A arte do ator* de Richard Boleslavski, *Um bonde chamado desejo* de Tennessee Williams e os de Shakespeare.

No geral, vou embora antes dele porque tenho aula bem cedo e levo alguns minutos para chegar em casa. Depois do episódio de um possível assalto no prédio, no 3-A, dois andares abaixo do meu apartamento, fico preocupada.

Dona Bárbara subiu pelas paredes quando contei, queria me levar de volta para a França pelos cabelos. Precisei me esforçar para conseguir convencê-la de que Palo Alto é seguro. A polícia assegurou a nós moradores de que foi um incidente isolado, e que não parariam de investigar até descobrir exatamente o que aconteceu.

Hoje, porém, após guardar meus materiais cuidadosamente dentro da mochila, pela primeira vez nesse um mês, fico indecisa sobre o que fazer. Taylor está em uma mesa bem a minha frente, ocultado parcialmente por uma planta de médio porte, mas consigo ver seu corpo com clareza. Ele está debruçado sobre o livro, em sono profundo, com suas típicas roupas monocromáticas. Tão sem cor, que parece sem vida.

A biblioteca fecha às dez, e nas semanas de prova à meia-noite. São nove e meia, então mesmo que eu vá para casa, a bibliotecária o acordará em meia hora para fechar o lugar e ir embora.

Decidida a não me importar, coloco a mochila nas costas e passo por ele.

Não dou mais do que três passos antes de suspirar, e recuar.

Porque o senhor me deu esse temperamento durão como o de uma manteiga derretida, papai?

— Droga! — resmungo baixinho, parando em frente à mesa dele. — Eu não deveria, você não merece. Poderia deixá-lo dormir assim mais um pouco e acordar com dor na coluna. Quem sabe, despertar aos gritos da Sra. Greenwood.

Taylor tem o rosto velado pelas mechas rebeldes e ligeiramente encaracoladas do seu cabelo castanho, pálpebras cerradas, lábios ligeiramente entreabertos e o maxilar preenchido pela sombra da barba por fazer, que fazem minhas mãos coçarem em curiosidade para descobrir a textura. Tão bonito que me faz respirar fundo.

Mas eu noto algo mais.

Apesar da sombra escura abaixo dos olhos dele, Taylor parece tranquilo, relaxado como se dormisse na melhor cama do mundo. Como se fosse... comum.

Como ele pode dormir em uma posição tão desconfortável, eu me pergunto. Ainda mais com a música neste volume. Estou escutando a melodia escapando pelo fone a passos de distância. E, para piorar, ainda é rock.

Pesco a caneta que prende meu cabelo em um coque malfeito, fazendo as mechas caírem ao meu redor, e cutuco seu braço sem muita delicadeza.

Uma.

Duas vezes.

Nada.

Derrotada, agarro seu ombro com a mão e o balanço com pressão. Taylor se sobressalta, e eu recuo um passo. Ele olha na direção oposta antes de me encarar desnorteado, e retirar os fones de ouvido.

— Amber? — Sua voz soa rouca, diferente.

Arrepios percorrem minha pele.

— Hum, oi... Você estava dormindo.

Seus olhos deslizam por mim e ele franze o cenho antes de cerrar as pálpebras bem apertadas e abri-las de novo, repetindo o processo. Não sou a personificação da beleza com os cabelos bagunçados, rosto cansado e roupa amassada nesse momento, mas poxa, não precisava de tanto.

— Está mesmo aqui... — balbucia, por fim.

— Estou — confirmo, incerta. — Achei que tivesse me visto quando chegou. Eu estava na mesa em frente a sua.

Taylor enviesa os lábios, quase sorrindo.

— É claro que eu vi. Não disse por isso. — Ele boceja, mirando o relógio. — Merda, são quase dez horas!

Troco o peso de pé.

— Por isso eu te acordei.

Recebo apenas um aceno, antes que ele comece a guardar seus livros e vista a surrada jaqueta de couro que descansava no encosto da cadeira em seguida. Arqueio uma sobrancelha ao observá-lo, recriminando sua falta de modos por não dizer nem mesmo um obrigado.

Em virtude do silêncio, começo a andar. Foi um longo dia e, ao chegar em casa, tenho que conversar com o papai e preparar algo para comer, o que provavelmente me fará dormir tarde.

Novamente, consigo dar poucos passos antes de ouvir a sua voz.

— O que disse? — pergunto, girando o corpo para olhá-lo.

— Quero agradecer você.

— Ah.

Taylor coloca as mãos nos bolsos.

— Podemos tomar um café ou algo assim?

Pisco, surpresa. Eu esperava um agradecimento, mas estava pensando mais em um *obrigado*, não um convite.

— Está tarde... — murmuro receosa. Ele apenas me encara de volta, esperando a minha posição.

Existem certos momentos na vida em que somos obrigados a tomar uma decisão, e às vezes escolhemos a opção menos inteligente, uma com clara chance de terminar em desastre, apenas pelo simples prazer do ato. Depois do que Taylor me disse, eu não deveria aceitar o seu convite, tenho consciência disso. Acontece que, para sorte dele, eu não consigo guardar rancor. Sentimentos ruins escurecem a nossa alma, e meu coração é precioso demais para padecer por isso.

— Mas se for rapidinho... — emendo.

O rosto dele se ilumina pouco a pouco, bem na minha frente. Aquele sorriso de canto charmoso, que nem sempre é feliz, e os olhos franzidos pelo repuxar dos lábios. E lá está a covinha safada que me faz babar... Maldita!

Esse calor é o fogo do inferno, papai?

— Tem uma cafeteria logo aqui em frente. — Ele comenta, passando a alça da mochila pelo ombro. — Nunca fui lá, mas dizem que é muito boa. Inaugurou há pouco tempo.

Assinto.

— Parece bom.

Saímos juntos da biblioteca, ainda com um clima estranho entre nós. Caminhamos lado a lado, próximos como se o espaço gigantesco de assuntos mal resolvidos não existisse entre nós.

Adentramos no estabelecimento da esquina, e eu me surpreendo com o espaço. É maior do que eu esperava e muito mais bonito também. Todas as paredes da entrada são envidraçadas; a da lateral possui diversas artes feitas à mão, copos de café, muffins, um mini cardápio e algumas frases motivacionais em *lettering* azul e branco. No interior, as cadeiras são de um acolchoamento claro, o que deixa o espaço ainda mais aconchegante pela iluminação amarelada dos lustres de ferro.

Como não há outros clientes, o sino da entrada badala ao entrarmos e a atendente nota de imediato a nossa presença.

— Boa noite. Sejam bem-vindos ao Coupa Café! — Sauda ela sorrindo, fixando seus olhos em Taylor, como se eu não estivesse ali. — O que vai querer?

Ele sorri simpático e olha para mim.

— O que *você* quer? — pergunta, sacando a carteira.

Faço um grande esforço para conter um sorriso ao dar uma demorada olhada no cardápio.

— Um café Mocha grande.

— Um Mocha e um café americano, por favor. — Taylor faz os pedidos.

— São oito dólares.

Não é a minha intenção, mas consigo ver que dentro da carteira dele há apenas uma nota de dez dólares, e isso faz meu

peito apertar. Primeiro porque as peças começam a se encaixar na minha cabeça, e a desconfiança de que Taylor vive com dinheiro regrado passa a ser mais um fato do que uma suposição. E segundo porque ele pediu um café americano simples, o mais barato do cardápio, e eu escolhi uma das opções mais caras.

— Ah, não! Tudo bem. — Forço um sorriso, que eu espero ser natural. — Eu pago. — Vasculho minha bolsa e bufo quando encontro tudo, chaveiro, absorvente, escova de cabelo... exceto minha carteira. — Droga!

Taylor segura meu pulso em um gesto firme, interrompendo meus movimentos afobados. Sua expressão não é a mesma de antes, é dura e descontente.

É a segunda vez que ele se sente ofendido comigo.

— Eu te convidei, Amber. Consigo pagar um café.

Engulo com dificuldade, a saliva de repente parece arenosa.

— Não me custa nada.

— Eu pago — decreta, e entrega a nota à atendente. O sorriso dela se fechou com a cena, agora está olhando curiosa para nós dois.

O diabinho no meu ombro gosta do fato de que ela parou de jogar charme para Taylor, não nego. O anjinho, contudo, reafirma meus objetivos e implora para que eu pare de agir como uma toupeira.

O diabinho é mais persuasivo.

Sempre é.

— Apenas os dois cafés ou vão querer mais alguma coisa? — A atendente questiona, anotando o pedido. — Nossos bolinhos de mirtilo fazem muito sucesso, temos excelentes tortas também.

Taylor olha para mim.

— Está com fome? — pergunta.

Nós dois sabemos que ele não tem dinheiro o bastante para pagar mais alguma coisa, nem que seja um bolinho de cinco dólares. Não sei como funciona a sua bolsa ou o provável auxílio que recebe de Stanford, mas estamos no fim do mês, por isso ele deve ter tão pouco.

Então, apesar de estar com fome, eu nego, abrindo um sorriso largo, torcendo para meu estômago traidor não roncar alto e acabar me dedurando.

— Não, comi duas barrinhas de cereal mais cedo — minto, torcendo para soar convincente.

Taylor anui, engolindo a minha desculpa.

— Apenas isso, então.

A atendente cobra e volta algumas moedas de troco, dizendo que o pedido não demorará a ser entregue. Deve estar cuidando sozinha da cafeteria esse horário, pois se afasta e começa a preparar ela mesma os nossos cafés.

Crispo as mãos enquanto esperamos. Fui criada de forma independente, por essa razão me ofereci para pagar. Afinal, não há nada de errado nisso, estamos no século XXI, as garotas podem fazer o que bem quiserem, inclusive dividir ou arcar com uma conta. Mas cabeça-dura como é, Taylor não viu meu gesto assim.

— Eu não quis insinuar nada — começo.

— Melhor não falarmos disso.

— Mas-

— Mal nos reconciliamos, Thompson. — Tenta fazer piada, sorrindo. É um sorriso tão falso que mal curva seus lábios.

Assinto, fitando o exterior pela parede envidraçada. A noite estrelada de antes está ficando mais escura, o céu adquirindo uma tonalidade feia de cinza, indicando que logo, logo uma tempestade vai cair.

— Vai chover... — comento.

Taylor ri, seguindo meu olhar.

— Sabe que as pessoas só falam do tempo quando não tem mais o que dizer, não é? — provoca. — E nem estamos em um elevador.

Não digo nada.

Nossos pedidos ficam prontos e saímos da cafeteria, caminhando. Eu beberico meu Mocha olhando de relance para Taylor, que bebe mais avidamente seu café. Ele tem uma mão no bolso, meio sem jeito, e olha de esguelha para mim também.

— Você estuda muito... — comenta ele, puxando assunto.

— A faculdade é puxada e eu quero me sair bem. Não é nada demais — justifico. — Você também estuda muito. Nesses últimos dias, por vezes ficamos sozinhos até tarde na biblioteca.

Ele ergue os olhos para o céu, que está ainda mais escuro.

— Gosto do silêncio.

— Você sempre estuda com música.

O olhar que Taylor me lança, como se dissesse *“E você não consegue tirar os olhos de mim, não é? Observa cada passo meu”* faz com que eu desvie os olhos e beba um longo gole, tentando impedir que ele perceba o rubor que toma conta das minhas bochechas.

— Adquiri o costume exatamente por conta do barulho. Os alojamentos são muitos agitados na maior parte do tempo. Tenho

um bom colega de quarto, mas os alunos do lado fazem festa de segunda a segunda. — Explica e eu assinto, compreendendo. — Então me acostumei a decorar os roteiros e ler os livros com música, assim tenho apenas um ruído para me concentrar. Mesmo quando está quieto, ainda faço por hábito, eu acho.

— E escuta rock — digo com uma careta.

Seus olhos ganham um brilho curioso.

— Como sabe?

— Bom, nos sentamos perto às vezes, e você ouve alto. — Pendo a cabeça para o lado. — Aliás, já que estamos conversando sobre isso, é melhor abaixar o volume ou vai ter perda auditiva induzida por ruídos antes dos trinta.

— Só há um jeito de escutar rock, meu bem... — O canto de seus lábios se repuxa. — E é no volume máximo.

Reviro os olhos.

— Quero ver falar isso quando estiver surdo.

— Olívia diz a mesma coisa — conta ele, rindo. — Vocês alunos da saúde estão sempre querendo dar palpite na vida dos outros, hein?!

Dou de ombros, bebendo um gole dessa vez para conter um sorriso. Aparentemente, é assim mesmo que funciona. Quanto mais se entende sobre saúde, mais vê os hábitos errados das outras pessoas e se descuida dos seus.

— Não gosta de rock? — indaga ele e eu arqueio uma sobrancelha para a pergunta. — Você sempre fala com uma careta, por isso presumi.

Dou de ombros.

— Não é meu gênero favorito. Prefiro pop.

— Basta começar a escutar.

— É o que sempre me dizem.

— Todo mundo que aprecia música de verdade, gosta de rock — contesta Taylor. — Sou do campo das Artes, você não pode desconsiderar minha opinião.

— Não foi falta de incentivo, meus pais amam Queen. Então sim, eu ouvi o suficiente. — Alego, destruindo seus argumentos. — Acho que não foi a música que tocou no meu batismo apenas porque o padre não autorizou.

Ele sorri.

— É realmente uma ótima banda, mas prefiro Bon Jovi.

— Hum... — murmuro fitando o céu escuro. Acho que senti um pingo de chuva na minha cabeça.

— Você conhece, certo?

— Não.

Ao olhar novamente em sua direção, notando que seus passos cessaram, encontro Taylor com os olhos esbugalhados, uma expressão tão ultrajada que me faz rir. Então ele abre a mochila e pega novamente o celular, que ainda está conectado com o fone pelo cabo enrolado em torno do aparelho, e ergue um *earphone* para mim.

— O quê? — pergunto, ainda sorrindo.

Ele está sério e aponta para o que me deu.

— Coloca.

— Vai mesmo me fazer escutar?

— Vou.

— Já ouvi muitas bandas clássicas. Queen, Kiss, Guns... Nada mudou.

Taylor mantém a mesma expressão tranquila.

— Só coloca, Thompson.

— Tenho certeza de que não vou gostar.

Ele suspira.

— Céus, você tem um gênio péssimo, sabia?

Reviro os olhos.

É coisa de família.

— E você é um bronco! Muito cabeça-dura.

Taylor ri.

— Por favor? — Tenta ser doce.

Pego o fone e coloco. Aguardo cética, enquanto ele procura no dispositivo a faixa que quer me mostrar. Não deixo de notar que o aparelho é velho e parece comprado de segunda mão. Apesar de mal conter a língua dentro da boca, não comento nada a respeito.

— Se precisa procurar tanto para achar uma música legal, eles não devem ser tão bons. — A alfinetada escapa.

Ele me lança um olhar enviesado.

— Não diga uma heresia dessas, garota!

Finalmente, Taylor escolhe uma faixa e o som chega aos meus ouvidos em uma batida forte, porém clássica. Não é um rock pesado por possuir notas melódicas românticas, mas eu não ouviria.

— Qual o nome da música? — pergunto, encarando seu rosto.

— *All About Lovin' You.*

— Hum... — *Tudo que faço é amar você.* Bebo mais um gole do meu Mocha, retirando o fone e entregando novamente para ele. — Não gostei.

Taylor faz uma negação de cabeça ao levantar os braços em rendição.

— Eu tentei melhorar seu gosto musical.

— Ei, meu gosto é ótimo!

— Você escuta pop, não pode dizer isso.

Continuamos conversando, e Taylor acaba me seguindo enquanto refazemos o caminho até a biblioteca, onde meu carro está estacionado em frente. O fim do percurso é feito em meio aos risos, enquanto corremos rápido pelos pingos de chuva que começam a despencar do céu.

— Eu disse que ia chover — lembro, cessando uma risada.

Taylor olha para mim, intensamente.

— É, você disse.

Desativo o alarme e abro a porta do motorista, entrando no automóvel ainda sem fechá-la. Coloco meu café no porta-copo próximo a marcha e me volto para Taylor. Ainda posso sentir alguns pingos de chuva molharem a minha perna e o meu All Star lilás.

— Fiquei sabendo sobre o lance do assalto. Está tudo bem? — questiona. Fico surpresa que ele saiba, afinal não foi um alarde. Ainda mais, que toque no assunto e pareça tão... preocupado.

— Está, sim — repondo. — Foi um episódio isolado, aparentemente. Embora não saibam ao certo o que aconteceu.

Sua cabeça se move.

— Poucas pessoas teriam aceitado esse convite depois do que aconteceu. Obrigado. — Aponta ele, com certa admiração.

Abro um sorriso ao notar que esse é seu pedido de desculpas. Um péssimo, convenhamos. Mas, ainda assim, um pedido.

— Foi legal.

Taylor esconde as mãos no bolso da calça. Ele acabou seu café no caminho e descartou a embalagem em uma lixeira próxima. Está começando a ficar ensopado, e não parece se importar muito com isso.

— Ah... Precisa de uma carona? — ofereço.

Ele nega, como eu bem previa.

— Tudo bem, não vou derreter com alguns pingos de água.

— Não me incomodaria... — Insisto em tom ameno, na esperança que mude de ideia. Mas ele não cede, claro. Tão orgulhoso.

Taylor retira a jaqueta despretensiosamente, e faz minha respiração engatar quando a chuva, cada vez mais forte, atinge sua camisa, fazendo o tecido branco e fino se agarrar aos músculos em alguns pontos. Tanto nos bíceps marcados quanto no peitoral rígido.

Ele deve correr, fazer flexões ou muitos abdominais, ninguém tem um corpo desse comendo rosquinhas no sofá. Parece feito de granito.

Papai, papai.... cuidado com as tentações que coloca no meu caminho. Ainda faltam dezesseis anos para os trinta e cinco.

— Dirija com cuidado, Thompson.

Desço o olhar para uma gota de água que desliza por seus lábios e monopoliza toda a minha atenção enquanto ele fala. Sentindo meu coração disparar, engulo em seco e volto a buscar seus olhos. Uma ideia infeliz, porque o azul profundo dentro deles nunca me acalma, ao contrário, sempre me deixa inquieta.

— É melhor você ir... — Sua voz é sombria e deliciosa, como o pecado deve ser. — Ou vai acabar molhada.

Movo a cabeça, sem poder confiar na minha boca sem filtros agora, não com ele estando terrivelmente certo. Fecho a porta do automóvel e giro a chave na ignição, abrindo um pouco a janela logo em seguida. Vejo-o pegar a jaqueta e colocá-la acima da cabeça para precariamente se proteger, preferindo o risco de pegar um resfriado a aceitar a minha gentileza.

Com um sorriso charmoso, ele começou a se afastar.

— Te vejo por aí, Thompson! — grita ele.

Aceno em despedida e observo seu ritmo aumentar, iniciando pouco a pouco uma corrida. Permaneço um bom tempo estática, sem dar partida no carro, apenas observando o corpo dele se mover ao longe.

Taylor chegará em casa encharcado porque é marrento, e eu vou dirigir todo o percurso até o meu apartamento com o peito apertado por isso.

Não sei qual de nós é mais idiota.



Ao termino da aula, jogo a alça da mochila sobre o ombro e caminho para fora do Teatro. Em breve, haverá uma peça em cartaz para colocar em prática os conhecimentos das últimas semanas, o que me deixa preocupado por não apreciar nem um pouco estar em cima de um palco. Prefiro estar atrás das cortinas, nos bastidores.

Desvio de um garoto e me surpreendo ao encontrar Olívia parada do lado de fora, concentrada no telefone. Assim que me aproximo, ela nota minha presença e ergue os olhos.

— Taylor.

Examino seu rosto com preocupação.

— Oi, Liv. Tudo bem?

Conhecemos por alto os horários um do outro, então não é nenhuma surpresa ela saber que eu estaria aqui no Marlowe. Os velhos hábitos, entretanto, sempre fazem uma parte de mim ficar em alerta quando o assunto é a minha irmã.

Ela revira os olhos, sorrindo.

— Só queria ver você. Não posso?

Apoio o braço sobre o ombro dela e nos coloco em movimento. Faço um carinho sutil em sua pele protegida pelo tecido da blusa enquanto andamos, sem deixar de notar como parece cara. Aposto que foi outro presente do namorado.

— É claro que pode. Mas algo me diz que não é apenas isso.

Ouço e sinto seu suspiro pelo mover dos ombros. Olívia gira o pescoço para me fitar com uma careta, e não demora a falar:

— Achei que não estivesse saindo com aquela garota.

Ok, esse é um terreno perigoso.

Melhor sondar primeiro.

— De que garota estamos falando?

— Não vem com essa! Sabe que não sou boba.

— Certo — solto em um suspiro. — E por que acha que estou saindo com ela?

Amber e eu fomos àquela cafeteria há três dias em um horário pouco convencional, mas não é possível que isso tenha chegado aos ouvidos de Liv.

— Primeiro porque você não negou. — Rebate, erguendo uma sobrancelha. — E segundo porque eu tenho provas. Rachel viu vocês saindo de um café de madrugada.

Solto uma risada incrédula, apertando seu ombro enquanto viramos rumo ao parque. Posso apostar que a conversa será longa.

— Primeiro, você tem uma amiga muito fofoqueira. — Argumento usando um tom parecido com o seu. — E segundo que, além de fofoqueira, ela passa informações erradas.

Os olhos dela se estreitam.

— Detalhes. Mas quem vai a um café de madrugada Taylor?

— Olha, eu realmente fui ao Coupa com a Matraca, mas não aconteceu nada. E foi a noite, não de madrugada como a sua informante meia-boca contou.

— Hum...

— Não que eu te deva satisfações sobre isso.

Olívia para o passo, colocando as mãos na cintura. Meu tom não foi grosseiro para merecer uma reação como essa, até porque eu realmente não devo satisfações a ela. Não cobro detalhes da sua vida pessoal, e nem implico com o namorado mauricinho dela.

— Eu me preocupo com você — justifica magoada. — Vocês literalmente passaram de dois estranhos conhecidos ao acaso para essa bagunça, não percebe? E rápido demais!

Coço a nuca, incomodado.

— Está exagerando.

— Mesmo? Discutiram na frente daquele refeitório, depois dela sair quase correndo atrás de você. Passaram duas semanas sem se falar, claramente evitando um ao outro. — Ela me interrompe com a mão quando abro a boca. — Nem adianta, eu sei do que estou falando! Já disse para não me fazer de boba. E então, aparecem juntos naquele café como se fossem melhores amigos.

Sabe o nome disso? Ciúme.

E uma pitada de receio também.

Se fosse qualquer outra pessoa, eu estaria na defensiva, farto por ter que esclarecer algo que diz unicamente ao meu respeito. Valorizo demais a minha privacidade para permitir esse tipo de intromissão. Não com Olívia, porém. Com ela, jamais. E isso não é por ser a minha irmã, mas porque entendo o cerne da sua preocupação.

— Entendo o que pareceu e o motivo de você estar assim, mas não tem nada rolando entre a gente. Você não precisa se preocupar, Olívia — digo firme, recebendo um olhar ainda mais cético em resposta. — Não sei o que mais você quer que eu diga.

— Quero que seja sincero.

— Estou sendo sincero com você.

— Não comigo, Taylor. — Seu tom se torna mais brando. — Você a chama por um apelido carinhoso. Como quer que eu acredite que não gosta nem um pouco dessa garota?

Coloco as mãos nos bolsos, compelido.

— É um apelido. *Apenas* um apelido.

— É claro que é.

— E não é nada carinhoso.

— Aham...

— Olívia, pare com isso! Somos muito diferentes — ressalto com aborrecimento. — Amber é apenas outra garota mimada, como tantas por aqui. É bonita, é claro, mas existe um abismo social entre nós. Sabe disso.

Minha irmã aquiesce, contra isso ela não pode argumentar. Ela sabe como odeio pessoas que tomam o que bem entendem apenas por terem meios para tal, como acham que podem viver acima das regras e convenções porque estão acostumadas a resolver todos os problemas com uma larga conta bancária.

— Eu sei que você é intransigente e odeia receber ajuda de qualquer pessoa. Não por ser ingrato, mas por ser tão orgulhoso que é cabeça-dura às vezes. — Ela enlaça o braço ao meu, voltando a caminhar. — Depois de ser obrigado a aceitar qualquer merda, eu não te julgo. Mas sabemos que a quantidade de dinheiro

que uma pessoa possui não define seu caráter. Entendo que teve maus exemplos, mas nem todas as pessoas são assim.

— Fala isso pelo Greg?

Olívia sorri antes mesmo de responder.

Tão apaixonada.

— Ele é, sim, um ótimo exemplo — concorda em tom doce. — Mas não me referi apenas a ele.

Encontro seu olhar e percebo o instante em que seus olhos se tornam tristes, a expressão mais séria. Faço uma negação de cabeça, engolindo em seco.

— Não vamos falar dela.

— Ela foi uma filha da puta com você.

— Liv...

— E não tinha um tostão furado dentro do bolso, Taylor!

— Ela não é o ponto.

— O ponto é que você também se engana com as pessoas, tendo elas dinheiro ou não. Yasmin sempre terá errado com você, e eu só... não quero te ver quebrar a cara daquele jeito de novo, entende? — Olívia exala. — Ver você sofrer, me faz sofrer também. Sabe disso.

Aperto a sua mão, assentindo. Sou perfeitamente capaz de compreender seu medo, pois as dores de Liv sempre foram minhas também.

— Não estou dizendo que Amber é esse tipo de garota — acrescenta, surpreendendo-me. — Na verdade, tagarela daquele jeito é improvável que ela seja uma vadia, certo? Se mal consegue conter a língua dentro da boca, é meio difícil acreditar que é capaz de enganar alguém.

Abro um sorriso.

— É, eu também. Ela parece ser uma boa garota.

Olívia se perde em pensamentos, mordendo o lábio como sempre faz quando tenta não tocar em um assunto, mas não consegue parar de martelá-lo na cabeça. Estou acostumado com o comportamento, por isso, sei facilmente reconhecê-lo.

— O que quer me contar, afinal? — interpelo. — Conheço você e estou começando a pensar que nada disso foi o motivo real de ter vindo até aqui. Posso apostar que há algo mais.

Com uma careta, ela admite:

— Eu meio que descobri uma coisa.

— Que coisa?

— Não é sobre mim, então... Não sei se deveria contar.

Interrompo os passos, fitando-a atentamente.

Se não é algo sobre Olívia...

— É sobre a Amber? — desconfio.

— Sim.

— Pode falar.

— Taylor... — hesita.

— Não, não. Você começou, agora termina.

Olívia olha ao redor e se senta em um banco, imediatamente retiro a mochila dos ombros, jogando-a no chão, e me sento ao lado dela.

— Ela tem uma cicatriz... — começa, e sinto meu corpo retesar em alerta.

Desde o episódio da bebedeira em que flagrei a marca em sua pele durante o banho, não consegui parar de pensar no assunto. Não tive coragem de fazer nenhuma pergunta, até porque

me parece algo íntimo demais e não estou disposto a retribuir a gentileza caso, por algum milagre, ela resolva se abrir comigo. Então, fui obrigado a engolir a minha curiosidade e ficar quieto. Agora, entretanto, toda a aflição está de volta, apenas com a menção da dita cicatriz.

— Sei disso.

O cenho dela se franze.

— Como descobriu?

— Continue — peço com um gesto impaciente de mãos. Mas minha irmã resiste, curiosa. — Desenvolve, Olívia!

— Eu ainda vou querer saber como isso aconteceu — ressalta. — A questão é que vi a marca no dia da simulação, enquanto ensinava a manobra de reanimação para Amber. Faz um tempo na verdade, estive martelando por dias se deveria ou não te contar.

— E porque você ficaria tão indecisa?

— Porque eu fiquei curiosa. — Noto a culpa em seu tom. — Sabe que sou apaixonada pela área cirúrgica. O mínimo vislumbre da cicatriz me fez ter certeza de que foi causada por uma cirurgia de peito aberto.

Movo a cabeça. Mesmo sem o conhecimento específico de Olívia sobre a área, também desconfiei disso.

— É um procedimento muito invasivo, não é?

— Sim. Por isso, fui ver a ficha dela.

— Olívia... — recrimino. Também fiquei curioso, mas ela nunca deveria ter invadido a privacidade de Amber dessa forma. — Isso foi errado pra caralho!

— Eu sei, mas... — Pausa, comprimindo os lábios. — Quando me dei conta, estava com a ficha dela nas mãos. Não levei um segundo para começar a lê-la.

— Espera, você não havia olhado a ficha dela antes para a admissão? Ela entrou para a fraternidade.

— Teoricamente só fazemos uma cópia da que a universidade possui e checamos o primeiro nome. Mas como fazemos a iniciação para escolher os membros, temos a ficha apenas em caso de necessidade — esclarece a minha confusão. — Enfim, mesmo com a hierarquia, havia muitas informações pessoais. Não devia ter feito isso, eu sei, e muito menos estar te contando agora. Mas a história é tão...

Olívia se interrompe e eu suspendo a respiração.

— Triste? — arrisco.

É sempre meu primeiro palpite.

— Também. Mas é linda, muito linda.

Escoro as costas no banco, engolindo em seco quando vejo os olhos de Olívia marejarem. Minha irmã não é do tipo que chora fácil, o que me dá a certeza de que, seja lá o que Amber passou, foi intenso.

Porra, a quem estou querendo enganar?

— Já estamos errados, conta logo.

— Bom, para começar o nome dela é Amber Fontaine. Ela usa o Thompson como sobrenome, mas é o nome de solteira da mãe. — Até que é bonito, penso. Muito melhor do que os que cogitei. — O Fontaine veio do pai, Alec Fontaine. Sabe quem foi?

— Se soubesse não estaríamos tendo essa conversa, Liv.

Ela fecha a cara.

— Não seja grosso comigo!

— Olívia... — reclamo, impaciente.

— Ele foi um cardiologista muito famoso — diz resmungando. — Por ser muito novo e ter sucesso em cirurgias muito arriscadas, ficou rapidamente conhecido. Tem um legado gigantesco na França, mas é estimado aqui também por ter se formado em Stanford. Chegou a negar uma vaga no Mercury aqui no Vale do Silício, acredita?

De todas as palavras que saíram de sua boca, uma conquista a minha total atenção:

— Foi? — pergunto com pesar e ela assente. — Merda, ela perdeu o pai?

— Perdeu. E pela minha pesquisa na internet, ainda piora.

Sinto meu estômago afundar, o gosto amargo tão característico tomando conta da minha boca. Consigo me lembrar com clareza do que disse a ela, como fui sarcástico e frio em um momento de raiva e escarneci sobre a sua relação com o pai. Caralho, eu fui muito babaca!

— Como aconteceu?

— O pai dela foi diagnosticado com aneurisma e estava com os dias contados. A notícia não é clara, não entra em detalhes quanto ao tempo, mas era pouco. Bem pouco. — A voz de Olívia vacila nas últimas palavras.

Puxo o ar, consternado. Doenças são difíceis, sobretudo porque consomem uma família inteira. Nunca diz respeito apenas a pessoa que recebe o diagnóstico, mas a todos ao seu redor. Todos arruínam-se juntos.

— Ele definhou na frente dela?

— Não. — Olívia pisca para afastar as lágrimas. — Ele passou mal repentinamente, e, para surpresa de todos, Amber também. Nesse mesmo dia, ela foi diagnosticada com uma condição cardíaca rara que fazia seu coração ter aporte insuficiente de nutrientes. Ela precisava de um transplante com urgência, Taylor... e foi o pai que doou o coração para ela.

Sinto as lágrimas brotarem nos meus próprios olhos ao imaginar aquela garota sorridente, que parece viver em um mundo perfeito, com novos olhos. A Amber que vejo em minha mente agora é completamente diferente. Pequenina, frágil e assustada.

Fecho os olhos um momento, praguejando. Tenho vontade de puxá-la para os meus braços e apertar seu corpo contra o meu enquanto peço um milhão de desculpas.

— Fui tão rude com ela... a julguei... — Cerro os dentes, sentindo o peso daquele discurso sobre os meus ombros. — Eu não fazia ideia...

— O que disse a ela?

Nego, empurrando o bolo que toma a minha garganta. Infelizmente, sou mais emotivo do que gostaria, até mesmo mais do que Olívia. Quando crianças, entre nós, era sempre eu a chorar primeiro. O que nem sempre era ruim; houve um tempo em que minhas lágrimas eram secas com beijos.

— Não importa — balbucio em resposta. — Não sei como ela pôde voltar a olhar na minha cara depois daquilo.

Bagunço os cabelos com os dedos, um gesto típico de nervosismo. Se fosse o contrário, juro que nunca mais olharia para ela. Não faço o tipo que sabe perdoar.

— Quantos anos ela tinha?

Olívia segura a minha mão, um gesto que não entendo antes de ouvir a respostas, que caí como uma bomba em meu colo.

— Dez anos.

Desvio os olhos, fitando qualquer outro lugar enquanto a surpresa e a vergonha duelam em meu peito, sabendo que tudo em minha expressão faria Olívia perceber o que a informação causou em mim.

— Ela tinha a mesma idade que... — Não consigo terminar a frase, mas ela entende mesmo assim. Como não entenderia?

— Sim, ela tinha.

Levanto-me de repente, a adrenalina rimbombando tão forte nas veias que no segundo seguinte me dou conta de que estou caminhando, a mochila pendurada de qualquer jeito sobre o meu ombro. Olívia me interrompe antes que eu possa sair correndo, no entanto, agarrando o meu braço e me girando novamente em sua direção. Os olhos dela estão tão arregalados que mal vejo as pálpebras.

— O que pensa que está fazendo?

— Indo falar com ela — respondo o óbvio. — Por um julgamento deturpado, fui injusto e cruel. Preciso consertar isso e tentar me desculpar.

Olívia aperta os dedos esguios em volta do meu braço.

— Enlouqueceu? Você não pode fazer isso.

— Como não?

— Escuta, você não pode simplesmente se encontrar com ela e dizer que vasculhei os arquivos por pura curiosidade e descobri isso. Sabe que eu não podia ter feito o que fiz, não sem um bom motivo. Só levei a situação adiante porque não esperava encontrar

algo assim. No máximo, algum histórico hospitalar triste de uma condição grave já superada. Mas isso... — Ela pausa, ainda atônita. — Caramba, Taylor! A garota tem o coração do pai dentro do peito. Sei disso há dias e ainda não consegui digerir, dirá você com toda essa impulsividade.

Bufo, irritado.

— Preciso falar com ela, Olívia.

— Não ouviu nada do que acabei de dizer?

— Eu invento alguma coisa, tá bom? Qualquer coisa. — Meu tom é urgente, quase desesperado. — Digo que descobri de uma outra forma, em uma pesquisa aleatória no Google ou algo assim. Mas eu *preciso* falar com Amber.

Sustento o olhar, e sinto seus dedos se afrouxarem ao redor do meu braço. Ela sabe que não posso ficar quieto em relação a isso, tanto pela história quanto por Amber ser apenas uma criança. Tão nova e desamparada que poderia ser um reflexo meu.

— Tudo bem. Mas antes de ir, quero conversar com você sobre o corte da Universidade. Seu alojamento foi um dos prédios vendidos para a construção do hospital escola. — As sobrancelhas dela se curvam em preocupação. — Quando ia me contar?

— Depois que eu resolvesse.

Ela exala, desapontada.

— Sempre diz que posso contar com você, não é? — Assinto, sem hesitar. Faço tudo por Liv. — Pois tem que começar a pensar em mim assim também. Até porque eu sou sua irmã mais velha.

— Eu sei.

— Me deixa ajudar...

Leio em seus olhos a sugestão absurda e rechaço de imediato. Esse foi exatamente o motivo de eu ter ficado calado, determinado a resolver a situação sozinho.

— Não vou morar com você e com Greg — declaro ríspido.

— Ele não vai se importar.

— Não é essa a questão, Olívia.

— Taylor.

— Não — repito, sem dar aberturas para suas colocações. — Vou resolver isso. Eu sempre resolvo, não é?

— É, mas nem sempre deveria. — Ela suspira. — Você não mereceu metade das merdas que foi obrigado a passar, e eu odeio que tenha tido que enfrentá-las.

— Nós dois fomos — eu a corrijo. — E não só nós, muita gente ao nosso redor passou por muita coisa e já passou da hora de eu sair dessa bolha que sempre me escondo e encarar a realidade. Prometo que darei um jeito nisso, e que você não precisa se preocupar. — Respiro fundo, recuando um passo. — Agora eu preciso mesmo conversar com ela. Não posso conviver com mais uma culpa. Eu não suportaria.

Seus olhos marejam novamente.

Dessa vez, são muito mais doloridos.

Esse é um assunto proibido.

— Aquilo não foi culpa sua... — defende, como sempre faz. Como minha irmã, ela mascara os fatos para tentar confortar meu coração com uma versão mais bonita e muito menos justa da história. Sempre tenta diminuir a minha culpa, aliviar um fardo que mereço carregar.

— Sabemos que não é verdade, Liv.

— Você não podia ter feito nada.

Ciente de que essa discussão nunca teria fim, eu sorrio. Um sorriso tão falso que mal consegue enviesar meus lábios, mas que eu me esforço muito para parecer minimamente verdadeiro a fim de não a preocupar.

Pressiono um beijo demorado em sua testa.

— Obrigado por ter me contado sobre Amber — eu agradeço. — Promete que não vai se preocupar? Logo terei o assunto do alojamento resolvido.

— Não posso prometer isso. Mas como sei que argumentar com você não adianta... — Ela revira os olhos marejados — Me liga depois?

— Ligo. Se cuida, Liv.

— Você também.

Dou as costas a ela e volto a caminhar, determinado a me encontrar com Amber. Pelo horário, duvido que esteja em aula, então sigo em direção ao apartamento dela, do qual não estou nem perto.

Será um longo percurso, e é difícil correr com o rabo no meio das pernas. Mas há uma coisa boa sobre isso, afinal. Terei tempo para pensar em um pedido de desculpas épico.



Amber

Estou chegando em casa quando encontro Joshua saindo – o vizinho ruivo, que me ajudou com a mudança. Como sempre, ele abre um sorriso simpático e inicia uma conversa.

— Oi, Amber. Tudo bem?

— Tudo e você?

— Bem.

A conversa nunca progride muito além disso. Exceto que, dessa vez, a camisa dele chama a minha atenção. É preta com a escrita *Protesto* gravada em letras vermelhas e garrafais.

— O que é isso? — questiono.

Ele acompanha meu olhar.

— Ah! — Ergue o rosto de volta para mim. — Estava acontecendo um protesto contra o corte de custos dos alojamentos há pouco. Achei que soubesse, eles estão querendo o terreno para construir um novo hospital escola.

Faço uma careta.

— Fiquei sabendo sobre a inauguração, mas não que seria feito dessa forma. Eles vão simplesmente demolir?

— Parece que sim.

— Não podem fazer isso.

— São bolsistas, Amber. Recebem o auxílio aqui de Stanford, não tem muito a quem possam recorrer — explica ele, com pesar. — É um absurdo, até porque a maioria não tem para onde ir. Tenho um amigo nessa situação e nem sei como ajudar.

O estalo acontece na minha mente. As peças se juntando mecanicamente até formarem um pensamento, do qual espero muito estar enganada.

— Qual alojamento? — indago apreensiva.

— Os acima do prédio de arquitetura.

A resposta me atinge com força.

Em um daqueles prédios, Taylor vive com o seu colega de quarto. Lembro-me claramente de quando fui até lá por engano, o local é extremamente simplório. Os apartamentos são apertados e sequer havia um elevador funcionando, o que me leva a pensar que não faziam as manutenções devidas ou uma reforma há tempos.

— Já está decidido?

— Sim. Eles têm uma semana, pelo que sei — responde e dá um passo à frente, notando minha expressão atônita. — O que foi? Conhece alguém que mora lá?

Assinto, antes de verbalizar.

— Conheço. Mas não sabia.

— Bom, a situação é mesmo uma merda. É um amigo?

Não sei dizer o que advém junto com sua curiosidade, menos ainda o que responder. O que Taylor e eu somos? Não, amigos não

ofendem amigos. Amigos também não tem vontade de passar a língua no lábio do *amigo*. Droga.

— Algo assim — digo por fim, e limpo a garganta. — Notei que o 3-B está fechado, o morador se mudou por causa do arrombamento?

— Acho que sim. Mas parece que todo aquele escarcéu foi apenas um mal entendido, no fim.

Arqueio uma sobrancelha.

— Como assim? Estava cheio de policiais aqui.

— É, e foi esse vizinho que acionou a polícia, mas não foi um arrombamento. Pelo que soube, o morador do 3-A alugou o lugar, mas não arcou com as dívidas, por isso a placa com o anúncio continuou. O estardalhaço foi por um chaveiro, acredita? Ele queria entrar no lugar para pegar e não permitiram, então ele invadiu.

Que loucura.

— Entendi...

— Ficou assustada? — sua voz é gentil, e Joshua dá mais um passo à frente, ficando mais próximo de mim.

— Um pouco. — Dou de ombros. — Fico feliz que tenha sido apenas um engano.

— Você pode sempre contar comigo, sabe. Estou a uma porta de distância.

Notando o rumo que a conversa está tomando, apenas sorrio, agradecendo educadamente e me despedindo dele. Joshua segue seu caminho, entrando no 5-B, após me lançar um último sorriso. Eu ainda permaneço estática por um tempo, parada no corredor como se meus pés estivessem colados ao chão.

Não posso evitar ficar pensativa.

Muito menos, conter minha preocupação.

Tenho um bom apartamento aqui, minha família consegue pagar sem dificuldade mesmo em Palo Alto, uma cidade com alto custo de vida. A minha condição financeira é extremamente confortável, na verdade. Sempre foi.

Não que isso tenha fechado meus olhos para a situação das pessoas ao meu redor. Sem dúvida o fato de ser Taylor nessa situação faz o aperto no meu peito ser maior, embora eu teria ficado comovida independentemente de quem fosse, porque não é apenas um prédio que vai abaixo. São sonhos. Aspirações de vários alunos que não tem para onde ir.

Entro no 5-A e coloco as chaves no aparador, fechando a porta logo em seguida. Desfaço-me da mochila e tiro os sapatos, na mesma rotina de sempre. Caminho em direção ao quarto, disposta a tomar um banho. Faço tudo mecanicamente, incapaz de esquecer o assunto.

Talvez ele more com a irmã, certo? Olívia, até onde eu sei, não vive em um alojamento – parece morar com o namorado pelas suas postagens na rede social –, e a relação entre eles parece ser muito boa.

Exalo pesadamente.

Pelo pouco que conheço de Taylor, sei que é uma das pessoas mais orgulhosas que conheci. Tão cabeça-dura que eu não duvido que negue a ajuda da própria irmã para tentar resolver as coisas sozinho. Céus, ele não aceitou uma carona! Também não aceitou que eu pagasse pelo café mesmo estando duro, imagina se não vai negar isso.

Ai papai, ao invés de um meteoro, você bem que podia pôr um pouco de bom senso na cabeça daquele ali, viu...

Depois de tomar banho, visto uma muda limpa de roupas, disposta a iniciar minha habitual rotina de estudos. Acabarei pensando no assunto por mais algum tempo, mas não posso deixar a matéria acumular. Preciso trabalhar muito para compensar aquele A-.

Enquanto busco uma xícara de café na cozinha, o telefone vibra, atraindo minha atenção. Meu coração se aquece imediatamente ao ver o nome na tela.

— Oi, mãe... — Atendo com um sorriso.

— Oi, *mon amour*. Como você está?

Ouvir sua voz faz um bolo subir pela minha garganta, a saudade acumulada durante todos os dias me abate com força agora. Estou satisfeita por estar aqui, seguindo o que eu escolhi, mas depois de anos vivendo sob suas asas, com ela sempre disposta a fazer tudo por mim, é impossível não me sentir dessa forma.

Suas maluquices, carinhos e temperamento fazem muita falta.

— Estou bem... — consigo dizer.

Quando ela fica em silêncio, eu me preparo, porque sei que notou. As mães sempre percebem, não é? Devem receber esse super poder depois do parto. Bebê para fora, senso-de-proteção-antimentiras para dentro.

— Ainda não aprendeu que conheço você? — devolve confirmando minhas suspeitas. — Pode começar a falar.

— Saudade... — digo simplesmente, dando de ombros para banalizar, mesmo que não possa ver o gesto. — Sinto sua falta.

— Ah querida, eu também. Todos os dias. É horrível não ter você aqui... — *Ainda mais sem o seu pai*, quase a ouço dizer. — Mas você está feliz aí, não está?

Como eu poderia não estar?

— Eu estou.

— Isso me faz feliz, mesmo de longe. Sou uma mãe muito orgulhosa.

Meus lábios se curvam em um sorriso.

— Farei uma visita em breve, não se esqueça — ela encoraja. — E quando o semestre acabar, você poderá vir para a França. Estão todos ansiosos para passarmos as férias juntos no Haras.

— Mal posso esperar, mãe. Serão férias perfeitas!

— Julie está com uma coleção nova, mal vê a hora de te fazer de boneca. Inclusive, deve te enviar alguns mimos qualquer dia desses.

Amplio o sorriso.

— Estou ansiosa por isso. — Apoio o quadril no balcão da cozinha. — Pensei que fosse ligar mais tarde, geralmente não me liga no meio do dia.

— Preciso te contar uma coisa.

Empertigo a coluna, preocupada.

— Você está bem?

— Estou, querida. É que... chegou uma carta aqui para o seu pai.

Franzo o cenho, meu pai faleceu há quase uma década, é tempo demais para alguém mandar seus elogios fúnebres.

— Uma carta? Depois de tanto tempo?

— Parece que ela foi extraviada, ou algo assim. Também achei estranho, ainda mais depois de ver o remetente. — Ela pausa. — Foi seu tio Heitor que enviou.

Tio. Apesar do título de parentesco, eu não o considero como parte da família. Luca, que não é sangue do meu sangue, é parte da família. Heitor não.

Não sei muita coisa dele, apenas o que me contaram. Sei que sumiu muito tempo atrás sem motivo aparente, ou ao menos sem uma explicação, e desde então nunca deu notícias. Sempre achei estranho, sobretudo levando em consideração como é a minha família. Eu não poderia ter avós melhores, e meu pai e a tia Julie sempre se deram muito bem.

Heitor é uma lacuna para todos, a ovelha negra da família.

— Isso significa que de alguma forma ele ficou sabendo — concluo, pensativa. — O que é ainda mais estranho, porque não acho que ele realmente se importe.

Ele não se dignou a comparecer no velório do irmão, então por que isso agora? Particularmente, cheguei a criar várias teorias na minha cabeça, tentando resolver o mistério, sem sucesso. Excluindo a possibilidade de ele ser um cretino insensível, talvez teve um destino trágico e também já estivesse morto. Foi o que levei como verdade durante todo esse tempo. Até agora.

— Ainda não descobrimos como a carta chegou aqui. — Mamãe continua. — Como disse, achamos que pode ter sido

extraviada. Mas, de fato, é muito estranho. Seus avós e sua tia, ainda estão atônitos.

— Não é para menos. Eu posso ver?

— É pequena, querida. Quase um bilhete.

— Quero ler — insisto. Também por curiosidade, mas acima de tudo porque qualquer fragmento que tenha a ver com o meu pai é mais uma parte dele que posso manter viva para mim.

— Eu mando uma foto para você.

— Obrigada.

— Tem certeza que está tudo bem?

Levo a mão à boca em um ato nervoso, começando a cortar as unhas com os dentes. É nojento, eu sei, mas é um hábito do qual não consigo me desafazer.

Quero conversar sobre o assunto do despejo, porém não sinto que é o momento de falar sobre Taylor. Nunca escondi nada dela e nem pretendo, mas ainda não sei explicar o que acontece entre a gente.

— Tenho, sim. — Uso o tom mais confiante que consigo.

— May me contou que anda estudando sem parar, e eu entendo como isso é importante. Você sempre foi tão focada e determinada a conseguir realizar seus objetivos, querida... — Ela está usando aquele tom que amo, um repleto de admiração. — Mas se cuide, por favor. Pegue leve com as matérias e tente se divertir.

— Eu vou tentar — prometo. Sempre cedo para não ser mais uma preocupação para ela. — *Je t'aime, mama.*

— *Je t'aime, mon amour.*

Encerro a chamada, mantendo o aparelho em mãos. Aguardo a mensagem dela com o tal bilhete chegar, e não espero muito. Em

poucos segundos vejo a notificação e a abro.

“Sei que deveria ter entrado em contato.

Antes, muito antes.

Sinto muito por não ter comparecido.

Não estou enviando isso como uma justificativa, mas como uma forma de dizer como sinto muito. Mal posso colocar em palavras o quanto o Alec era importante para mim e o quanto eu o amo. Não estive perto quando ele mais precisou, mas eu sei que se pudesse contá-lo tudo o que aconteceu, meu irmão entenderia.

Bom, não importa mais...

Estraguei tantas coisas e magoei tantas pessoas que eu não poderia voltar nem mesmo se quisesse. Eu não saberia como.

Meus pêsames a todos vocês.”

Solto uma respiração ruidosa ao terminar de ler. É difícil acreditar que ele se importava dessa forma tendo passado tanto tempo longe, e que não teve sequer uma oportunidade de fazer as coisas diferentes. Mas minha família parece estar fadada a isso: arrependimentos, perdões e declarações de amor ditas quando se é tarde demais. Foi assim com o meu avô materno, sua carta chegou às mãos da minha mãe apenas quando nada mais poderia ser feito.

Sinto um arrepio cortar minha nuca, e estremeço.

Nunca quero receber uma carta assim.

Ou escrever.

Bloqueio o celular, determinada a parar de pensar no assunto e ajeito a cozinha antes de retornar ao quarto. Possuo essa

pequena mania de organização, que me impede de me concentrar sabendo que algo está bagunçado.

Estou no segundo passo em direção ao cômodo quando batidas ecoam. Como não tenho amigos aqui, imediatamente estranho. Somente Joshua bate na minha porta às vezes, fingindo que precisa de xícaras de açúcar para puxar papo. Uma desculpa tão manjada, que se for ele novamente, juro que finjo ser diabética.

Abro a porta, e como se eu já não estivesse bastante surpresa com os acontecimentos de hoje, fico de queixo caído ao encontrar os olhos mais azuis que conheço. Com o peito expandindo-se rápido e uma mecha de cabelo bagunçada caindo sobre a testa, está Taylor.

A forma intensa com que me olha dessa vez é diferente, e eu não consigo decifrá-la, porque nunca o vi dessa forma antes. Debochado, austero e até fofo, com isso eu havia lidado. Mas agora... Ele está ofegante e com o cenho crispado, parece ter vindo até aqui movido por total desespero, como se não pudesse suportar sequer mais um segundo sem me ver.

— Precisamos conversar. — É tudo o que diz.



Seus grandes olhos castanhos, enfeitados por cílios pesados, demonstram surpresa ao me ver, como eu bem previa.

Tomo uma respiração profunda para recuperar o fôlego. Depois de caminhar alguns minutos, debatendo internamente o que dizer a ela e tentando, sem sucesso, organizar um bom discurso, acabei correndo o restante do trajeto. A ânsia dentro de mim para vê-la era insuportável.

— Taylor... — sussurra.

— Já se esqueceu de mim? — provoco com humor, porque é isso que faço quando estou nervoso e não sei lidar com uma situação. Quando não sei o que dizer.

Amber não sorri, apenas pisca, aturdida, percorrendo meu rosto e peito. Talvez esteja me estudando, talvez esteja tentando se certificar de que estou realmente aqui. Sou obrigado a pigarrear, atraindo a atenção dela novamente para os meus olhos. Não é hora

de reparar em como é curiosa, ou como tem os lábios rosados levemente entreabertos pelo espanto.

— Precisamos conversar, Amber — repito, firme.

Ela puxa o ar.

— Sobre o quê?

— Vai me deixar entrar.... — Inclino o corpo na sua direção —, ou vamos dialogar aqui na soleira da sua porta?

Há resistência de sua parte quando morde a pontinha dos lábios e parece considerar todos os prós e contras. Contudo, novamente se mostrando alguém muito melhor do que eu, ela me permite a chance de uma conversa e amplia a passagem da porta.

Não é a primeira vez que estou aqui, mas não deixo de notar como tudo está milimetricamente organizado. Aliás, tudo na vida de Amber parece ser assim. Ou, ao menos, ela se esforça muito para que seja.

— Então...? — Incentiva, cruzando os braços finos em frente ao corpo.

— Você já foi mais hospitaleira, Thompson. — Tento abrir um sorriso sem muito sucesso. Esse deve ser o nosso encontro mais constrangedor, ganhando até mesmo do que teve vômito envolvido. Não sei dizer qual de nós está mais desconfortável.

Ao ouvir minhas palavras, ela entreabre os lábios, engolindo em seco. De repente, está tomando o caminho da cozinha, me deixando estacado na sala, sem entender o que está fazendo.

— Desculpa. Está com fome? — questiona com uma rápida olhada sobre o ombro, sem ir muito longe. — Posso preparar algo. Sabe, não tem nada pronto, mas consigo fazer um bolo bem rapidinho. Quer café? Acabei de fazer. Tem suco também.

Meu cenho se crispa.

— Não estou com fome, Amber — digo, lentamente.

Ela para e assente, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha. Sei que o faz por nervosismo, mas não acho que a minha presença aqui seja a razão disso.

— O que há de errado com você?

— O quê? — balbucia, voltando para perto.

— Você está estranha. Aconteceu alguma coisa?

Amber nega, respirando fundo ao se sentar no sofá. Mesmo sem um convite explícito, eu replico seus movimentos e me sento ao lado dela.

— Não, está tudo bem — garante ela. — Acho que só não esperava que viesse me visitar.

Merda, ensaiei alguns discursos e agora não faço ideia do que dizer. *"Oi, descobri que você perdeu seu pai e que meu julgamento ácido foi muito cruel. Me desculpa?"* não me parece bom o bastante. Para piorar, sequer inventei uma boa história para acobertar Olívia e sua bisbilhotice.

— Eu imagino. — Fito seus olhos em busca de palavras, e suspiro incomodado por não encontrar nenhuma. Chego à conclusão de que não há fórmula mágica ou uma forma de dourar a pílula, como eu gostaria. — Amber, eu vim me desculpar com você.

Assisto o pequeno flash de surpresa em seu rosto, antes que erga uma sobrancelha e afie os olhos. Uma expressão dura, que nunca vislumbrei em seu rosto.

— Se desculpar pelo que exatamente?

— Tantas coisas, eu acho... — divago, nervoso e sentido. — Mas, em resumo, por ter agido como um grande imbecil.

— Vai precisar ser mais específico.

Tudo bem, eu mereci isso.

— No outro dia, você ficou preocupada e me seguiu para fora do refeitório — eu esclareço. — Eu deveria ter agradecido a sua preocupação, Amber. Ou, no mínimo, não ter explodido com você. Não mereceu aquilo.

Desvio os olhos, fitando meus sapatos desgastados. Estava colérico, é verdade, mas isso não é uma justificativa. Tratar alguém como merda, nunca é.

— Jamais deveria ter dito aquelas coisas sobre você, Amber — continuo. — Eu não te conhecia e... te julguei muito mal. Eu sinto muito.

Amber fica em silêncio por tempo demais após me ouvir, o que me faz erguer o rosto à procura dos seus olhos. Transparentes como são, eu enxergaria exatamente o que ela está sentindo.

Não encontro o que eu esperava, porém. Amber não está brava como se quisesse me pôr a pontapés para fora do apartamento e também não está serena, parecendo disposta a me perdoar. Ela está... perdida. Sua testa está franzida em confusão, e os lábios formam uma linha rígida.

— Quem te contou? — indaga ela, piscando rápido.

— Contou o quê? — Eu não deveria bancar o sonso, mas não vou me delatar tão facilmente.

Amber solta um riso anasalado, levantando-se. Sei que não é um som feliz, mas não consigo identificar o que o compõe.

— Pensei que você não tivesse visto... — murmura atordoada. Não sei se está falando comigo ou com ela mesma. —

Eu estava bêbada, mas me lembro de você olhando para os meus olhos o tempo todo. Podia jurar que você não tinha notado.

— Do que está falando Amber?

— Da cicatriz, ora! Não foi por ela? Já sei que viu, tenho certeza por essa expressão de pena. — Ela começa a tagarelar, falando tão rápido que mal toma tempo para respirar. — Então, juntou as peças, não é? A cicatriz, meu nome... Bom, não deve ser difícil achar essas coisas na internet. Basta um pouco de curiosidade e uma pesquisa no Google.

É assim que ela constrói uma linha perfeita, uma que eu não precisei inventar. Como a bela Matraca que é, Amber tira conclusões precipitadas de como acabei descobrindo a sua história, baseada em uma pesquisa às cegas depois de ver a sua cicatriz quando fui obrigado a lhe colocar debaixo do chuveiro.

E bom, eu não a corrijo.

— Só não sei porque demorou tanto tempo... Faz quase um mês que aquilo aconteceu. — Ela continua, encontrando o primeiro furo na narrativa.

— Está brava por eu ter descoberto?

Continuar a conversa é minha melhor alternativa de evitar que seus pensamentos sigam por esse caminho, perguntas que eu não teria como explicar. Fiquei curioso desde que vi a marca em sua pele, mas abandonei o assunto. Preferi ficar sem uma resposta a ter de responder qualquer pergunta dela.

— Estou brava porque agora você vai me olhar desse jeito!

Sua mão está erguida, apontando para o meu rosto.

— Não estou te olhando de jeito nenhum, Thompson.

Ela sorri, consternada.

— Sabe porque eu não contei? — Seus olhos adquirem um brilho triste, que me faz engolir em seco. — Porque eu odeio esse olhar de pena. Odeio como as pessoas sempre agem diferente após descobrir, como me tratam como uma coitada.

Abro um sorriso tranquilo em resposta e me levanto, caminhando calmamente em sua direção. Testo sua reação ao pegar a sua mão, adorando como a palma pequena some dentro da minha, tão maior e mais áspera. Quando não se retrai ou se afasta, eu a aperto firme, olhando seriamente para ela.

— Não estou com pena, Amber.

Sei bem como machuca ser olhado dessa forma, como se você não fosse uma pessoa com desejos, anseios e sonhos, apenas um pedaço de vidro quebrado. E por mais que eu sinta muito por ela ter sofrido esse tipo de perda, até porque conheço bem a dor do luto, jamais a olharia dessa forma.

Ela nega, cética.

— Você só está dizendo isso por dizer.

— Não, eu não estou — contesto, firme. — Confie em mim, nunca faria isso com você sabendo como dói.

Recebo um olhar cheio de significado. Sei que ela não compreende meus motivos, mas torço para que consiga ver a sinceridade entremeada às minhas palavras.

— Podemos, por favor, nos sentar e conversar um pouco? — peço usando meu tom mais gentil. — Sabe, eu meio que tentei pensar em um pedido de desculpas muito melhor que esse, então gostaria de usar. Adoraria saber um pouco mais sobre essa história também, se estiver tudo bem.

Amber suspira, ainda olhando para mim. Ela leva uma das mãos, a que não está enlaçada a minha, a caminho do rosto, mas desiste, deixando o braço pender ao lado do corpo.

Quando finalmente assente, eu nos levo de volta para o sofá. Ela desenlaça nossas mãos e escorrega para longe, abraçando o próprio corpo como se precisasse daquela proteção para continuar a conversa.

— Não precisa pedir desculpas — murmura.

— Preciso, sim. Isso deveria ser um consenso.

— Você não deveria ter dito aquilo, e foi sim muito babaca da sua parte, mas você estava zangado. Também errei ao ir atrás de você naquelas condições, mais ainda por insistir.

Consigo me sentir pior depois disso.

— Sou um homem feito, Amber. Passei do tempo de saber separar as coisas. Descontar o que estava sentindo por Jason em você naquele momento foi cruel, merece sim meu pedido de desculpas.

Amber assente, mantendo a cabeça inclinada na minha direção para poder me olhar.

— Quero que saiba que eu nunca, nunca mesmo, teria dito aquilo para você se soubesse — ressalto. — Sabe... a parte do seu pai.

Ela aquiesce.

— Sei disso.

— Sinto muito. Por tudo, pelo que disse e pela situação.

— Tudo bem, Taylor.

Solto a respiração que queimava em meu peito, tomando um minuto de silêncio. Um desejo estranho de conversar e saber como

se sente sobre isso aflora dentro de mim. Tenho conhecimento dos fatos, é claro, mas não da versão de Amber da história. E por alguma razão, eu me importo com isso.

— Como aconteceu? — pergunto, sem me conter. A princípio, ela não responde. — Se não quiser falar tudo bem, eu só...

— Eu tinha dez anos.

Estou verdadeiramente surpreso que ela confie em mim o bastante para contar. Sua resposta, é como levar outra bofetada moral da minha consciência deturpada.

— Bem nova... — Eu também era.

— Até então, eu era uma criança saudável com uma asma comum que nunca atrapalhou minhas atividades diárias. Sobre o meu pai, sempre soube da condição dele. Meus pais fizeram questão de me contar e hoje realmente acho que isso ajudou, tanto para que eu entendesse a situação quanto para aceitar o luto depois. — Ela encolhe os ombros. — As coisas parecem menos permanentes quando se é uma criança, eu acho.

Movo a cabeça, eu também pensava assim.

— Naquele dia em particular, quando minha mãe me acordou às pressas, tão assustada, eu sabia que algo estava errado. — Amber se interrompe por alguns segundos. — Foi difícil perdê-lo, ele... Ele foi o melhor pai do mundo e não digo isso apenas por dizer. Ele sempre fez questão de fazer parte de tudo na minha vida. Mesmo no balé em que era sempre o único homem na aula.

Seu sorriso nostálgico faz um bolo surgir na minha garganta.

— Foram pequenas coisas, sabe? Mas que foram feitas com total entrega. Papai amou a mim e a minha mãe de forma sublime, e

provou isso com cada respiro seu. Especialmente com o último. Sou completamente apaixonada por ele e grata por tudo que fez por mim... — Ela se interrompe, a voz embargada o bastante para impedi-la de continuar.

Seus olhos estão muito marejados, mas Amber luta bravamente contra isso, piscando rápido e desviando o olhar do meu, fazendo de tudo para não deixar uma lágrima sequer cair.

Crispo minhas mãos sobre o colo, sem saber como reagir. Minha vontade é puxá-la pelos ombros e abraçá-la forte, tentar fazer com que se sinta melhor porque, estranhamente, sua tristeza desperta algo incômodo dentro de mim.

É exaustivo se importar com as pessoas.

— Tudo bem chorar... — digo a ela.

— Faz tempo que não faço isso. Quer dizer, sozinha sim, mas não... com alguém. — Seus lábios estão trêmulos. — Eu evito, principalmente na frente da minha mãe.

— Porque não quer preocupá-la.

Quando seus olhos marejados encontram os meus, leio facilmente a surpresa dentro deles. Mas eu entendia, como entendia.

— Como você...?

— Você não quer ser mais um motivo para deixar os dias dela mais difíceis — respondo sem que precise concluir a pergunta. Ao ouvir minhas palavras, inevitavelmente uma lágrima grossa desliza pela bochecha dela.

Amber logo a limpa, desviando o olhar.

— Ei — seguro seu rosto pelo queixo —, eu não o conheci. Não precisa tentar proteger meus sentimentos. Pode fingir que sou

um estranho se quiser, se isso fizer com que se sinta melhor. Pode chorar.

Ela nega, tentando manter a fachada intacta, mas sua pose vacila. Amber desaba em poucos segundos. O momento em si parece íntimo demais para duas pessoas que se conhecem, conversam, mas que não ocupam nenhum espaço na vida um do outro. Agora eu sei um pouco mais dela, uma das partes que imagino ser a mais dolorosa. Mas não é recíproco.

— Amber...

Seu rosto está coberto pelas próprias mãos, ecoando um som abafado. Ela está chorando baixinho, tentando não fazer barulho.

Depois de relutar alguns segundos, debatendo a ação na minha própria cabeça, eu a puxo para mais perto. É uma posição estranha, com ela sentada ao meu lado e a parte superior do seu corpo inclinada na minha direção, de uma forma que sua cabeça pousa sobre o meu peito e eu consigo envolvê-la com os braços, tocando suas costas em um afago contínuo.

— Sinto tanta falta dele... — confessa, chorosa.

— Eu imagino.

Subo minha mão para os seus cabelos, e deslizo os fios por entre os meus dedos. Eles são ainda mais macios do que eu imaginava, e possuem um aroma gostoso de pêssego.

— Nunca superamos de verdade a dor de ter perdido alguém, não é? — divago sobre isso. —Ela se torna menos tangível, mais suportável, mas viverá para sempre conosco.

Ela funga, afastando-se para encontrar meus olhos.

— Já perdeu uma pessoa também?

Muitas. E de muitas formas.

— Sim — digo apenas.

— Quem foi?

— Também perdi meu pai.

— Sinto muito...

— Obrigado. — Afasto outra mecha de cabelos para longe do seu rosto. — Mas não é uma história bonita como a sua.

— O que aconteceu?

— Ele nos deixou... Minha mãe, Olívia e eu. Simplesmente saiu com a desculpa de comprar leite um dia e nunca mais voltou. Um clichê fodido, não é? — Escarneço, sem sorrir. — Eu ainda era uma criança pequena, então não sofri tanto por isso. Foi mais o que aconteceu depois, no que a minha vida e a de Liv se transformou. Como disse, não é uma história bonita como a sua.

Amber nega, não me deixando desmerecer o fato.

— Doeu, te machucou, e isso basta — aponta ela. — Não é certo comparar dores. Apenas nós mesmo sabemos o que ela é capaz de fazer conosco, no que nos transformamos depois dela, por causa dela e apesar dela.

Amber limpa as bochechas e eu assinto calmamente, incapaz de fazer qualquer outra coisa.

— Por isso disse aquilo antes... sobre entender. Você faz isso com sua irmã, não faz? Proteger os sentimentos de Olívia, impedindo-a de ver os seus.

Ela é bem esperta, juntou as peças com uma facilidade impressionante. Confirmo suas suspeitas ao abrir um sorriso triste, que é devidamente retribuído.

Amber é linda, isso é um fato, basta olhar para ela. Mas por trás da gentileza dos seus olhos castanhos e das barbaridades que saem sem filtro pela sua boca, existe uma alma quebrada. No fundo, ela é tão despedaçada quanto eu. E agora, sinto como se nossos cacos, caídos aos nossos pés, começassem a se misturar.

— Queria mesmo conversar com você sobre uma coisa, aproveitando que está aqui... — ela retoma a conversa, mais hesitante do que antes.

Aprumo o corpo, limpando a garganta embargada enquanto Amber termina de secar o rosto.

— Pode falar.

— Promete que não vai ficar bravo?

Abro um sorriso pequeno, verdadeiro dessa vez. Às vezes ela parece muito mais jovem do que é de verdade, quase uma criança. Eu não deveria, mas adoro esse seu jeito de menina.

— Não prometo nada.

Amber morde o lábio inferior e coloca uma mecha de cabelo invisível atrás da orelha, seus fios já estão perfeitamente arrumados. Um ato normal, mas que dessa vez me faz engolir em seco.

Ela está muito perto agora.

Consigo ver a ponta arrebitada do seu nariz, agora avermelhado pelo choro, o relevo grosso dos seus cílios escuros se movendo e a forma como seu lábio inferior é ligeiramente maior do que o superior. E como, de repente, parecem tão macios.

Amber desliza os olhos para a minha boca e parece sentir no ar o que estou pensando. A tensão aumenta, tudo ao redor se escolhendo e esquentando, me tornando muito consciente dela.

Merda, seria muito mais fácil se ela conseguisse fingir que eu também não a atraio.

Levanto-me em um movimento brusco, decidido a colocar mais espaço para continuar a conversa.

— Aquele café que você me ofereceu mais cedo, ainda está de pé?

Amber sorri, parecendo feliz demais por apenas me ver aceitar algo tão banal e assente, caminhando em direção a cozinha. Seria juntar o útil ao agradável porque eu menti quando disse que não estava com fome.

— É claro que está.

Sem realmente ter intenção, meus olhos pousam em sua bunda enquanto ela anda, e eu puxo uma respiração ruidosa. É pequena, mas redonda e empinada, perfeitamente encorpada em uma calça rosa de um tom chamativo e a forma de um coração estampado atrás. Imagino a curva em minha mão, a forma como eu poderia apertar meus dedos contra a carne macia e como e suas curvas seriam capazes de formam um coração invertido perfeito, se inclinadas na posição certa.

Suponho que essa seja a peça de um pijama, já que em todas as ocasiões em que encontrei Amber, ela estava bem arrumada. Nunca produzida demais, mas um simples bonito e colorido que combina muito com sua personalidade. Ela tem um ar claro de alegria e simpatia, que depois de hoje começo a desconfiar que, grande parte das vezes, não reflete o que passa dentro de sua cabeça.

Muito menos do seu coração.



Amber

Feliz, pesco uma das xícaras dispostas no armário e a encho com o café fresco da cafeteira. Aproveito e pego o pedaço restante da torta que fiz.

Se eu entregar junto, ele não vai ter como negar, né?

— Aqui... — Coloco ambos em cima do balcão.

Enquanto empratava a sobremesa e pegava seu café, Taylor permaneceu sentado em uma das banquetas com os braços apoiados acima do balcão, que divide a minha cozinha da sala de estar onde estávamos conversando há pouco. Ele enviesa os lábios de um jeito quase imperceptível e puxa o prato para mais perto, comendo um pedaço da torta de limão.

Aguardo enquanto mastiga, com os olhos grudados nos seus.

— Você olha assim para os cadáveres que disseca no laboratório de anatomia?

Sorrio, tímida, crispando as mãos em frente ao corpo.

— Queria ver a sua reação, fui eu quem fiz.

— Sério? — pergunta de boca cheia, me fazendo rir.

Meu peito é tomado por um calor gostoso sempre que o vejo assim, sorrindo, parecendo realmente um garoto da sua idade. E comendo, a sensação é ainda melhor. É bom alimentá-lo, saber que está bem.

— Sim. Era receita do meu pai, aprendi a cozinhar com ele.

Taylor assente, pega mais uma porção e leva a boca antes de responder.

— Está ótima, Amber. Muito boa mesmo.

Agradeço, me sentando à sua frente. Pela divisão do balcão é como se ele ainda estivesse na sala e eu na cozinha.

Foi estranha a conversa que acabamos de ter, e eu me sinto um pouco constrangida depois de tudo que compartilhamos. Não esperava que ele fosse aparecer, muito menos iniciar esse assunto em específico. Eu já havia parado de pensar no fato de que ele possivelmente havia visto a cicatriz.

Taylor termina a sobremesa e se concentra na bebida.

— Então, o que quer falar comigo? — Experimenta o café, e tosse no primeiro gole. — Uau, Thompson! Você gosta de um café bem forte, hein...

Solto uma risadinha.

— Café bom tem que ser doce e forte.

Taylor dá de ombros, bebendo um gole pequeno antes de abandonar a xícara. Ainda bem que gostou da torta porque está fazendo careta para o meu café.

— Eu... hum... — balbucio, incerta sobre como iniciar o assunto. — Soube do corte da universidade.

A expressão dele muda drasticamente assim que toco no assunto.

— Estava tão imersa nas atividades que só descobri hoje, na verdade — continuo. É como se estivesse pisando em ovos. — Pelo que entendi, está oficializado, não é?

— Está sim.

Movo a cabeça.

— Um dos prédios é o seu... — Pauso o discurso ao som estridente do talher contra o prato, quando Taylor para de comer.

— É melhor não falarmos nisso.

É claro que ele ficaria na defensiva.

Dou a volta no balcão para ficarmos cara a cara. A intenção é ser levada a sério, mas seus olhos descem em um movimento fluido até meus lábios por um instante, e eu preciso respirar fundo com a nova proximidade.

Olhos nos olhos, Amber.

Nada de escorregar para dar uma espiadinha.

— Não seria nada legal se brigássemos de novo — argumento, tentando contornar a situação. — Não, justo agora.

— Exatamente por isso acho melhor não tocarmos nesse assunto.

— Pois eu discordo, acabamos de ter uma conversa muito mais pessoal e séria do que essa. — Ele abre a boca para contestar, mas eu ergo um dedo, interrompendo-o. — E antes que diga qualquer coisa, pense bem. Posso ser tão birrenta quanto você, senão mais. E acabei de te perdoar.

Taylor engole o que ia dizer e respira fundo, balançando a cabeça em uma negativa como se não acreditasse no que estava

ouvindo.

— Não sabia que além de ter essa boca sem freio, você é uma chantagista — acusa, sem remorso.

— Coisa de família. — Abro um sorriso, sem me importar com a alfinetada. — Estou falando sério, sei que vocês têm uma semana para se resolver. Pouquíssimo tempo para uma situação muito difícil. Já sabe o que vai fazer?

— Vou resolver. Sozinho.

Reviro os olhos, batendo o pé no chão.

— Meu Deus, se eu bater sua cabeça contra a porta é capaz de rachar a madeira! — deixo escapar, frustrada.

— Esse tipo de comentário me faz gostar muito mais de você, sabia? — Taylor escarnece de volta.

— Olha, eu sei que é orgulhoso, já percebi isso. Mas todo mundo precisa dar o braço a torcer às vezes. Não é vergonha receber ajuda.

O maxilar dele está tensionado e ele desvia os olhos dos meus. Percebi que fica desconfortável com esse assunto e talvez isso diga muito mais sobre ele do que consigo compreender.

— Eu nunca disse isso, Amber.

Solto o ar, avançando um passo para mais perto. A mudança é nítida, e rápida em sua expressão. O Sr. Cara Amarrada passou de zangado para aparentemente confuso com minhas intenções, quase perdido.

Interessante...

Talvez seja melhor conversar assim.

— Sua irmã não mora em um alojamento, não é?

— Não — responde. — Com o namorado.

Hum, meu palpite estava certo.

— Em um apartamento?

— Sim, Amber. Um bem caro, assim como o seu.

— Bom...

— Eu não vou morar com ela, se é isso que quer saber — afirma, antes que eu possa continuar. — Não quero atrapalhar e acredito que isso desgastaria o relacionamento dela cedo ou tarde. Se Olívia pedisse, não tenho dúvidas de que Greg acataria, mas não quero ser um estorvo.

Isso eu posso compreender.

— Eu entendo, mesmo. Você tem algum plano?

Taylor nega com um aceno de cabeça e coça a nuca.

— Pensei em algumas coisas, mas nada realmente bom — confessa. — Não estão contratando por aqui, e os únicos dois estabelecimentos com vagas em aberto têm salários péssimos. Tão baixos que eu não conseguiria pagar sequer um quarto em uma pensão fodida se quisesse continuar tendo o que comer.

Suas palavras apertam meu coração, e são elas que me fazem tomar uma decisão maluca. Antes que eu consiga pensar direito e analisar calmamente a proposta que estava prestes a fazer, as palavras escapolem pela minha boca:

— E se você morasse comigo?

Taylor me fita sem nenhuma expressão por um longo tempo, e então abre um sorriso. Parece bom, mas não é. Ele está relaxado demais, confortável demais. Está rindo porque pensa ser brincadeira.

— Não estou brincando.

Seu riso cessa imediatamente.

— Amber... — Ele corre os olhos por mim e nega. — Não, claro que não. Isso não daria certo. Aliás, você não deveria nem pensar em me propor isso. Sou praticamente um homem estranho e tenho o dobro do seu tamanho, não sou um cachorrinho que você pode levar para casa.

Sorrio quando noto que suas palavras possuem notas de preocupação. Seu principal argumento não é uma negação, mas relativo à minha segurança. Errado ele não está, estou pulando o "não aceite nada de um estranho" e indo direto para "leve um para casa".

— Você não vai me fazer mal — digo com mais confiança do que qualquer pessoa sã diria.

Talvez seja isso, eu esteja ficando louca.

Avisei que ele reduzia meus neurônios.

— Não posso aceitar.

Tenho vontade de levar a mão à boca e roer as unhas, mas me contenho. Não acho certo mentir, mas não é exatamente uma inverdade. De fato, fiquei preocupada, apenas não tanto quanto estou prestes a demonstrar:

— Fiquei assustada com o que aconteceu aqui — começo. — Você tem razão quando diz que eu deveria tomar mais cuidado, porque eu não tenho amigos aqui e estou sozinha.

— Amber...

— Não apenas em uma cidade nova, Taylor, mas um continente totalmente diferente. Eu... me sinto vulnerável às vezes.

Seus olhos agora são repletos de solicitude.

— Está se referindo ao que aconteceu no seu prédio dias atrás?

— Sim, no 3-A — eu respondo. — Está resolvido aparentemente, mas foi uma confusão. O prédio ficou abarrotado de policiais.

— Eu entendo, mas... — Taylor pausa, fitando-me com uma clara batalha interna. — A logística de tudo isso seria complicada. Para dizer o mínimo.

— Podemos dar um jeito.

— Não quero atrapalhar, estaria invadindo sua privacidade.

— O convite partiu de mim, Taylor.

— Eu não vou me sentir bem às suas custas.

— Pode ajudar no que puder.

— Sua mãe não vai compactuar com uma coisa dessas.

Abro e fecho os lábios.

Essa será uma conversa difícil, posso imaginar os gritos que a Dona Bárbara vai dar. Mas sei exatamente o que dizer para amansar a fera, seu drama e charme me vieram de fábrica e meu avô me treinou muito bem na arte da chantagem.

— Ela vai entender — eu asseguro.

— Você tem resposta para todos os meus argumentos?

Sorrio.

— Podemos ficar aqui o dia todo.

Seu suspiro audível tem som de derrota. Da sua, no caso. Pela sua expressão, eu sei que Taylor vai aceitar. Não porque ele não tem outra escolha, apesar de ser exatamente este o caso. Orgulhoso como é, aposto que sairia daqui com uma mão na frente e outra atrás. Se não estava disposto a aceitar a ajuda da sua irmã, imagina a minha. Mas porque eu o fiz acreditar que faremos uma

troca de favores, consegui mudar sua percepção e fazê-lo ver que não é um ato de caridade.

— Tudo bem, eu aceito — diz ele relutantemente, fazendo meu sorriso se ampliar. — Mas com uma condição.

Emburro a cara de novo.

— Está fazendo muito charme, Holt!

Dessa vez, ele sorri.

— Escuta antes de reclamar.

— Anda, fala então.

Ele rola os olhos para a minha impaciência.

— Vou aceitar, mas quero esgotar qualquer outra possibilidade antes disso. Se em três dias eu não conseguir resolver isso sozinho, venho pra cá, ok? — Eu assinto, com um movimento de cabeça. — E se isso acontecer mesmo, quero que prometa me deixar ajudar de verdade. Sei que não precisa se preocupar com dinheiro e o que recebo de Stanford não é muito, mas vou me sentir melhor assim, contribuindo com o básico.

Eu não esperava menos dele.

— Tudo bem — eu aceito.

— E se em algum momento disso você se sentir desconfortável ou algo assim, vai me dizer, entendeu? — exige seriamente. — Não quero que a minha presença aqui seja um fardo para você em momento algum.

Concordo.

— Eu vou falar. Sabemos que não tenho muito filtro, acho que isso já está subentendido — digo em tom leve. — Vai querer definir uma palavra de segurança ou algo do tipo?

Seu cenho se franze lindamente aos meus olhos, e tenho vontade de rir por saber que ele não entendeu.

Ah, bobinho!

— O quê?

— Nada não. Mais alguma coisa?

Ele pensa, pensa e por fim nega.

— Tenho que conversar com a Olívia, mas é isso.

— Ótimo! Então estamos de acordo. — Ergo a mão para ele. — Não foi *uma* condição, foram *umas* e você faz muito charme para um cara do seu tamanho, mas temos um trato.

Taylor ri, levantando-se da banqueta e ignorando a minha mão ao me puxar para um abraço. Vou de bom grado, adorando sentir seu corpo rígido contra o meu e seus braços fortes me envolvendo. É perfeito, mesmo com a nossa diferença de altura. Se desejasse, ele conseguiria apoiar o queixo no topo da minha cabeça, uma vez que consigo descansar meu rosto em seu peito.

Até sinto o coração que ele finge não ter.

— Você disse antes que não tem amigos aqui — lembra ele, ainda sem me soltar. — A partir de hoje, quero que pense em mim como um amigo, tudo bem? Alguém com quem pode contar, nem que seja para me fazer passar raiva com as barbaridades que saem da sua boca.

Sorrindo, eu me afasto o bastante para erguer o queixo e olhar para cima, encontrando seus olhos. Eles estão tão azuis quanto um pedaço de céu agora. Intensos e nunca límpidos, sempre à espera da próxima tempestade.

— Então nós seremos amigos? — eu confirmo.

Ele assente.

— Os melhores, Amber.



Depois que Taylor foi embora, veio a parte difícil. Até tomei um banho e enrolei o quanto pude, me convencendo de que, de repente, queria muito comer um bolo. Mas o momento inevitável chegou.

Não acho que ele vá conseguir mudar sua situação em três dias, é um tempo curto demais para acertar algo tão complexo. Por isso, estou tomando como certo que daqui a três dias, no sábado, Taylor virá morar comigo.

Será que eu enlouqueci de vez?

Papai, papai, é melhor acertar a mira desse meteoro. Caso contrário, vai me chamuscar também a partir de hoje.

Droga, eu só tenho uma cama.

Balanço a cabeça, afastando a logística que vou perder muito tempo nos próximos três dias pensando. Com um suspiro pesado, aperto a tecla chamar, aguardando mamãe atender.

Desconto a ansiedade em minhas unhas, roendo-as enquanto ouço o som da chamada.

— Oi, *mon amour* — ela atende. — Está tudo bem?

— Oi, mãe. Tudo e aí?

— Tudo ótimo. Nos falamos mais cedo, você nunca liga tão rápido.

É claro que ela iria estranhar.

— O que aconteceu? — questiona preocupada.

Então... adotei um gatinho.

Duas patas.

Barba por fazer.

Olhos atraentes.

Tanquinho...

— Preciso te contar uma coisa.

Minha voz deve ter denunciado algo porque logo o primeiro surto vem:

— Amber Thompson Fontaine, não me diga que está grávida! — Ela berra. — Apoio você a se divertir, disse isso, mas não a esse ponto. Você tem uma faculdade para terminar, uma vida inteira pela frente... Deus, sabia que devia ter conversado mais sobre camisinha com você!

— Mãe...

— Eu quero ter netos, claro que sim, mas não agora. Você nem estava namorando... Querida, achei que ainda era virgem! Eu vou pegar o próximo avião e...

— Mãe, calma! — digo mais alto, em meio aos risos.

Para ficar grávida tem que enfiar um P na V, mamãe. E P nenhum tem visitado a minha V desde... bom, nunca. De acordo com May, deve ter até teia de aranha aqui embaixo.

— Eu não estou grávida! Não é nada disso.

Ela se acalma, respirando fundo do outro lado da linha.

Já devia estar roxa, colocando roupas na mala.

— Então o que é? — pergunta sem fôlego. — Está comendo direito e dormindo bem, eu espero.

— Sim, mãe. Está tudo bem. Estou fazendo isso. — Ou quase.

— Então o que é? Não consigo pensar em nada.

Rio mais uma vez. Quem vê pensa que eu ligo raramente, e não que nos falamos sempre.

— Bom, não quero que você surte como acabou de fazer, mas... hum... — Droga, eu deveria ter pensado melhor em como contar isso. — Eu meio que... ah... vou dividir o meu apartamento.

Faço uma careta.

Sorte minha ela não poder ver.

— Ah, querida! Por que pensou que eu fosse ficar brava? Estou muito feliz. — Seu tom é animado. — Aliviada, na verdade. Até porque já disse, acho perigoso você morando aí sozinha, especialmente depois da confusão. É alguma amiga da faculdade?

— Amigo... na verdade.

Ela fica em silêncio e eu mordo o lábio, esperando. Estou afastando o telefone do ouvido quando mamãe volta a falar. A voz é mais controlada do que eu esperava, mas a mensagem que carrega não me surpreende.

— Não. Nem pensar.

— Mãe... — começo.

— Ficou maluca, Amber? — Ela me interrompe.

— Somos amigos. — Mais ou menos isso, completo mentalmente. Meio que definimos esse termo não faz nem quatro horas. Melhor não comentar essa parte.

— Ótimo. Vão ser amigos com você em seu apartamento e ele no dele, como pessoas normais.

Suspiro.

— Ele está passando por uma fase difícil, precisa de ajuda.

— Não importa.

— Importa, sim — contesto. — Ele não mora em apartamento, mãe. E, sim, em um dos alojamentos da faculdade que será demolido para construção de um novo hospital. Como se realmente precisássemos mais de um. — Explano a situação. — Ele é jovem como eu, cheio de sonhos como eu, mas com certeza não tem as mesmas condições. Ele não tem para onde ir.

Ouço seu exalar e prossigo:

— Não posso cruzar os braços e simplesmente não fazer nada.

— Filha, eu sei que se compadeceu. Mas não posso compactuar com isso, com você levando um garoto para casa. — Seu tom desceu uma nota, mais brando. — Mesmo sendo amigos, você o conhece há muito pouco tempo, está se colocando em risco.

Taylor disse a mesma coisa, isso quer dizer algo, não é? Algum vislumbre bom de caráter ou algo assim. É no que escolhi acreditar.

— Entendo que pense assim, mas... — É agora que a chantagem entra. — Não é diferente de quando aconteceu entre você e o papai.

Mamãe fica um instante em silêncio, talvez em choque.

— É t-totalmente diferente.

— Você precisava de ajuda e o papai lhe estendeu a mão. Estou fazendo o mesmo por esse cara. Não foi o que sempre me ensinaram?

— Eu não tinha potencial de ser um risco de vida para o seu pai.

— Mas era meio maluca. — Ando pelo apartamento, incapaz de ficar parada. — Olha, compreendo que se preocupa e não tiro a

sua razão, mas não posso simplesmente fechar os olhos e não ajudar.

Sou sincera em cada palavra e espero por um longo tempo uma resposta dela, que nunca vem. Até verifico a chamada para ter certeza de que não caiu.

— Mãe?

— Não sei porque te contei essa história... — lamenta ela, e eu sorrio. É a história de amor mais linda do mundo.

— Ele é um cara legal, eu sei me cuidar.

— Você gosta desse garoto? — pergunta finalmente.

— Não desse jeito. Somos apenas amigos.

Ela ri com ceticismo.

— Falando assim, até parece que você não conhece o final da história que acabou de citar... — zomba, mas eu movo a cabeça em negação. Taylor e eu seremos mais inteligentes.

— Já que você se decidiu, acho que não há nada que eu possa fazer, não é? Até porque fica difícil colocar juízo nessa sua cabeça estando aqui na França. — Outro suspiro. — Confio que vai saber se cuidar, você foi muito bem educada. E, bom, mesmo discordando, é papel meu como sua mãe, apoiar toda e qualquer decisão sua.

— Obrigada, mãe.

— Qual o nome dele?

— Taylor.

— Hum... — Esse é o som do desgosto. — Se cuide, por favor. É bom me ligar mais vezes a partir de hoje, entendeu? Vou ficar mais preocupada.

Amplio o sorriso.

— Pode deixar.

Conversamos mais um pouco, ou melhor, minha mãe repete mais vezes do que posso contar que ele precisa me respeitar e se qualquer coisa acontecer, devo ligar para ela. Dona Bárbara até confirma se sei de cor os números de emergência. Especialmente, ambulância e a polícia.

Depois de desligar, vou em direção a gaveta do criado mudo e pego meu diário. Já foi um, falta o outro.

"Oi*, papai.*

Novidades!

Adianto que o senhor não vai gostar nem um pouquinho, até acho que vai fazer tempestade hoje aí em cima por ficar bravo, mas juro que é por uma boa causa.

Acabei de conversar com a mamãe e saiba que já escutei todas as medidas de segurança possíveis, o surto dela foi grande o bastante para vocês dois. Pode ficar calmo aí com os anjinhos, porque eu aprendi a lição.

Taylor – a tentação que eu pedi para o senhor pensar duas vezes antes de colocar no meu caminho, lembra? Pois é – vai vir morar comigo. Vamos dividir o apartamento assim como você fez com a mamãe, ele também está passando por um momento difícil.

Com você e a mamãe, sabemos como terminou. Mas não se preocupe, ele é um cara legal e quer ser apenas meu amigo. Ele é quebradinho, quebradinho, com certeza não quer se envolver. Tão clichê, não é? Mas é a verdade, ele não tem interesse nenhum na minha V, dirá no nosso coração.

O que é ótimo, sigo firme no meu objetivo. Estou aqui para dar orgulho ao senhor, nada mais. Acho que vou até receber um A+ do Sr. Jurássico na próxima aula de anatomia.

Enfim, é isso. Ele se muda em três dias e a minha barriga já está embrulhada pelo frio no estômago. Parece que eu engoli um punhado de borboletas e que elas organizaram uma festa. Mas eu sei que vai dar tudo certo... Precisa dar, não é?

Sinto sua falta...

Sempre vou sentir.

P.S: Saudade de quando você lia Peter Pan pra mim todas as noites antes de eu dormir. Ainda não sabia que tudo aquilo se tornaria uma grande metáfora um dia, apenas que era um dos meus momentos favoritos. Hoje sei porque me disse aquilo, para o que estava me preparando. E o senhor tinha mesmo razão, o adeus não existe entre duas pessoas que se amaram imensamente.

Apesar de tudo, eu nunca te disse adeus.

Nunca vou dizer.

P.S 2: Amo você, papai.”



Aqui estou eu, engolindo em seco como se o Saara estivesse descendo pela minha garganta para conversar com a minha irmã. Minha hesitação não é pela notícia em si, mas porque sei que parte de Olívia ficará chateada por, na sua visão, eu ter aceitado tão fácil a proposta de Amber e declinado tão veementemente a sua.

Sabemos que não foi bem assim.

— Deve ser ruim... Bem ruim. — Ela me observa, quase sorrindo. — Você não faz essa cara e fica tão hesitante em me contar algo se não for.

Olívia destoa tanto desse ambiente. Sentada na minha cama, aqui no alojamento, noto como ela realmente não combina com esse lugar. Sua blusa de marca, seus cabelos impecáveis em cachos bonitos e as joias pequenas são exemplos perfeitos de que ela faz parte de um mundo do qual nunca vou pertencer.

Sou muito orgulhoso de que ela tenha seguido em frente e encontrado muito mais cor e beleza hoje do que sua vida inteira já

teve.

— Então... não vai me contar porque me chamou aqui?

— É sobre minha situação com os alojamentos.

Ela suspira, aliviada.

— Ótimo, vai deixar de ser cabeça-dura e aceitar vir comigo? Tenho certeza de que Greg nunca se importaria com algo assim.

Troco o peso de pé, negando.

— Não quero entrar novamente nessa conversa. Chamei você aqui porque quero que saiba por mim que estou indo morar com a Amber. — Decido ser rápido e claro.

Olívia me encara séria, os lábios se entreabrindo ao passo que um vinco se forma entre suas sobrancelhas.

— Morar? — confirma.

— Sim.

— Com a Amber?

— Foi o que eu disse.

Sua cabeça se move em negação. Olívia está respirando fundo e tem o queixo apertado, a expressão que sempre faz quando está descontente com algo.

— Por quê? — indaga.

— O arranjo vai funcionar melhor.

Ela se levanta e cruza os braços, me fitando magoada.

— Você preferiu ela a mim?

Minha irmã é ciumenta, inevitavelmente. Não posso negar que também sou um pouco, é um instinto de proteção e lealdade que desde muito cedo, mais cedo do que posso me lembrar, está vivo entre nós.

— Por favor, não coloque nessas palavras. Sabe que não foi questão de escolha.

— Claramente foi.

— Não. — Caminho até ela e coloco ambas as mãos em seus ombros, apertando levemente para atrair sua atenção. — Morar com você seria complexo, eu estaria me enfiando no meio de uma relação. Eu te expliquei isso, e esse continua sendo o motivo da minha recusa.

— Por isso preferiu ela...

Relevo seu tom hostil.

— Com Amber é diferente. Ela mora sozinha e se sente sozinha. Ocorreu um arrombamento em um dos prédios, e ela ficou assustada desde então. Sabe muito bem que aquela garota está em um ambiente completamente novo, viveu a vida toda com a família na França e de repente veio pra cá. Amber se sente naturalmente desamparada aqui, Olívia. E nós sabemos bem como é horrível se sentir assim. Será como uma troca de favores.

Minha irmã suspira.

— Vocês não eram nem amigos... — resmunga.

Seu tom beira o normal e isso me faz sorrir, porque consigo ver a compreensão em seus olhos. Ela continua odiando a ideia e preferindo me ter em sua vista, mas compreende onde quero chegar.

— Agora somos.

— Desde quando?

Aperto a ponta do seu nariz.

— Um tempinho. Tenho uma irmã abelhuda e mexeriqueira que me contou algumas coisas que me fizeram mudar de ideia.

Amber é uma boa menina.

Seus olhos me estudam.

— Gosta dela?

Puxo seu corpo para mim, envolvendo seus ombros com os braços e beijo a sua testa antes de responder.

— Meu coração é morto, e você sabe disso. A única pessoa que ainda sou capaz de amar é você.

Olívia assente.

— Eu gostava de ouvir isso..., mas hoje em dia não sei se me faz feliz — diz, surpreendendo-me. — Sabe, é bom ter o amor do Greg e até da Rachel. Quero que você também tenha mais pessoas para amar, porque apesar de morrer de ciúmes, quanto mais amor você estiver disposto a dar, mais vai receber. E você merece tanto...

Fico atônito por alguns instantes. Opto por sorrir, assentindo sem saber bem o que responder. E quando isso ocorre, sempre cedo para o mesmo caminho.

O caminho mais fácil.

— Desde quando ficou tão madura? — brinco.

Ela sorri e repete o gesto infantil, agarrando a ponta do meu nariz. Eu reclamo, afastando a sua mão, o que faz Olívia rir ainda mais.

— É sério. Por favor, se cuida.

— Estou indo para um apartamento de alto padrão, não para uma zona de guerra — rechaço, zombeteiro.

Olívia revira os olhos.

— Continua aí brincando! No fundo, eu sei que você entendeu.

Entendi, mas ela não precisa se preocupar com isso. Além de toda diferença óbvia, que para mim é um abismo grande demais a ser superado, Amber possui algo que prezo muito e que nunca, nunca mesmo, estaria disposto a tomar. Jamais permitiria que me presenteasse com isso sabendo que vamos acabar destruindo um ao outro no final.

— Não vai acontecer. — Eu asseguro.

Olívia deixa o alojamento depois de me beijar na bochecha e me fazer prometer que nossos encontros no parque irão continuar, que eu não os trocaria por outro programa. É fácil assentir e confirmar.

Um tempo depois, pego minha mochila e a única mala que tenho, saindo do prédio. Eric não teve a mesma sorte que eu. Nesse momento, está em um ônibus fuleiro de volta a sua cidade natal, com todos os sonhos e expectativas quebradas misturados às roupas na mala.

Antes de me afastar do prédio, fito a fachada uma última vez. Logo este edifício velho e decrépito estará abaixo, dando lugar a uma requintada e imponente construção que será sustentada por cimento e sonhos despedaçados.

A partir desse momento, tudo será diferente na minha vida. Sobretudo entre mim e Amber. Ela foi gentil em fazer aquela proposta e eu não engulo meu orgulho dessa forma há muito tempo. Essas ações, somadas, decretam um pouco mais o caminho na nossa história.

É o último passo que Amber e eu damos de olhos abertos. Desse ponto em diante, todos serão tomados no escuro de um sentimento tolo, determinado a crescer e a nos destruir. Em

contrapartida, é o primeiro passo da nossa subida, em direção à ruína de dois corações calejados, que nunca deveriam ter se cruzado porque nenhum deles merece mais sofrer.

A subida

“Eu estava perdido, então te encontrei
Nunca pensei que seria desse jeito
Te mostrei meu coração, deixei-o resguardado
Como uma ladra da noite, você o roubou.”

(Love lies – Bon Jovi)



PRIMEIRA SEMANA

Amber está levando isso como leva qualquer coisa dentro da sua vida: com um planejamento minucioso. E confesso que ela fica adorável, imersa em seu próprio mundo, pensando e calculando cada detalhe. Poucas coisas são mais sexys do que essa garota mordendo a ponta de uma de suas canetas – sempre cheias de formas – enquanto rabisca algo da faculdade, no caderninho vermelho que sempre carrega ou na bendita lista de regras.

Exatamente como está fazendo agora.

— Vai mesmo fazer outra? — pergunto com um sorriso, cruzando os braços ao me escorar no batente da porta da cozinha.

Amber sequer olha para trás ao responder:

— Vou. A outra sumiu... misteriosamente.

Comprimo os lábios para não rir.

Ante o silêncio, ela gira a cabeça para fitar a minha direção. Está com um pijama rosa de cetim e uma meia roxa, um rastro de felicidade mesmo tendo acabado de acordar.

Falando em dormir e acordar, foi a primeira coisa que pensamos quando me mudei para o seu apartamento. Afinal, por mais requintado e espaçoso que seja, conta com apenas um quarto. E dividirmos a mesma cama estava fora de cogitação.

Não sou nenhum idiota de me colocar em uma situação como essa, seria pedir para sofrer tortura psicológica todo santo dia. O meu corpo tem plena consciência de que ela é uma mulher muito bonita, e tê-la caminhando com essas roupas finas é o bastante para me fazer respirar fundo e desviar os olhos.

Além disso, dormir com alguém é um ato muito íntimo, independentemente de estarem se tocando ou não, de terem transado antes ou não. Você tem que confiar na pessoa ao seu lado para pegar no sono, precisa abrir um pouco das suas defesas mais profundas e ficar desguardado.

Tudo bem que Amber e eu tecnicamente já fizemos isso uma vez, e que eu não dormia bem assim há anos, mas foi diferente. Ela estava embriagada e carente, apenas por isso eu cedi. Não seria a mesma coisa hoje, amigos não dormem juntos.

Por isso, ela continuou em seu quarto como deve ser e eu fiquei na sala, no seu sofá muito confortável, porém pequeno demais para comportar um homem do meu tamanho. Tenho que me encolher um pouco e meus pés ficam para fora do estofado, mas não posso reclamar. Com certeza, não é o pior lugar em que já dormi.

Amber foi muito gentil ao oferecer parte da cômoda para que eu guardasse minhas coisas. Não precisei de muito espaço, apenas duas gavetas deram conta do recado. Um ato simples, que na prática ao longo dos dias se tornou... complicado. Preciso tomar banho no banheiro da sua suíte e me policio para sempre pegar uma muda limpa de roupa antes de entrar para não a constranger, mas apenas nessa semana eu me esqueci duas vezes.

Na quarta-feira, Amber deu de cara com meu peito nu, assim como no dia em que foi até o alojamento. Dessa vez, entretanto, ela deu meia volta bem rapidinho, fugindo de mim como o diabo foge da cruz.

Claro, não antes de soltar mais uma barbaridade típica dela.

Sorrio com essa lembrança, ela fica uma graça enrubescida.

— Está rindo de quê? — inquere, afiando os olhos.

— Nada importante — respondo em tom blasé, dando de ombros. Não se cutuca uma onça, nem mesmo quando a onça parece mais um gatinho doméstico. — Realmente vai pregar isso aí de novo?

— Eu vou — confirma, pregando a folha azul na geladeira com um imã. — E acrescentei mais uma regra. — Ela desce os olhos para o meu peito, conferindo, e volta a encarar meu rosto com uma careta. — Nada de andar pelado.

A regra nova é devido ao acontecimento de ontem à noite, em que eu esqueci de pegar uma roupa novamente. Mas agora estou vestido, uma calça de moletom simples e uma camiseta surrada do Bon Jovi, preta e com o símbolo da banda. Hoje é sábado, por isso tanto ela quanto eu estamos com roupas confortáveis até essa hora.

Aliás, outra regra da lista é que eu não posso ouvir rock alto enquanto ela estiver estudando. Até aí tudo bem, senão fosse pelo fato de que Amber estuda o dia inteiro. Sempre que a olho, está com a cara enfiada em algum livro.

Ela parece especialmente implicante com a minha banda em específico, faz essas caretas e reclama de qualquer música que apresento a ela. Nem parece que escuta Justin Bieber, Harrys Styles e era fã de One Direction... É quase uma heresia reclamar dos meus clássicos.

— Estou vestido — digo, apontando para a camisa de propósito.

Seus olhos se voltam à geladeira mais uma vez e ela inspeciona seu trabalho, colocando as mãos na cintura antes de me olhar.

— Não joga essa fora, tá? Promete.

Arqueio uma sobrancelha com um olhar tranquilo.

— Essa? Quem disse que joguei a outra?

— Lógica simples, Taylor — reponde ela, sempre tão analítica. — Se não fui eu, só pode ter sido você.

— Ou sumiu magicamente — sugiro, adorando o biquinho que ela faz. Aquele mesmo que sempre me dá vontade de morder. — Sabe, eu tenho uma teoria. Acho que você está colocando tanta coisa aí que deve estar pesando o papel. Nem a sua lista de boa convivência está aguentando.

Amber revira os olhos e tenta passar por mim, mas eu seguro sua cintura, impedindo-a. Um toque rápido e respeitoso para chamar a sua atenção, que resulta em seus olhos grandes castanhos fixos em mim. Não resisto, meu olhar desliza pelo rosto limpo dela e caí

em seus lábios por um instante. Segundos curtos que a fazem respirar fundo, esperando.

— Estou com fome... — Digo em tom manso.

Ela me olha, me olha e depois suspira, dando meia volta e conferindo o relógio da cozinha, constatando que está na hora do almoço. Abro um sorriso instantâneo quando a vejo vasculhar as panelas.

Acontece que, por mais orgulhoso que eu seja, nunca comi tão bem em toda a minha vida quanto durante essa semana. A comida dela é realmente divina, tanto os pratos salgados quanto os doces que adora fazer. Nunca consigo falar os nomes, já que ela é fã da culinária francesa e tudo nesse idioma é complicado, mas eu não ligo, o importante é o sabor. E eu me acomodei rápido, sendo cativado e conquistado pelo estômago.

Será que se eu pedir Amber faz bolo de chocolate? Daqueles bem *chocolatudos*, com massa, recheio e calda, tudo de chocolate.

Sempre quis comer um desses...

Não. Não tenho a cara de pau de pedir nada a ela.

Uma sensação ruim toma meu corpo quando penso que isso não vai durar muito tempo. Logo terei que procurar uma forma de sair daqui e voltar a andar com as minhas próprias pernas. A comida boa vai terminar, as risadas vão cessar e nossa amizade corre sério risco acabar. Também não vou mais sorrir para seu sotaque sempre que a ouço conversar com sua família no telefone. Acho charmoso, embora eu não entenda nenhuma palavra.

Balanço a cabeça, afastando essa névoa escura de insegurança para o seu canto de sempre. Lá dentro, bem enterrada,

cravada na parte escura da minha alma, bem ao lado do meu coração. Por hora, vou aproveitar todas as regalias.

— Vai ficar sentado olhando para mim? — questiona, pescando um ingrediente na geladeira. — Posso chamar você quando estiver pronto.

Abro um sorriso.

— Gosto de ver você cozinhar, e o cheiro é sempre muito bom — eu admito. — Quem sabe não aprendo algo daqui?!

Amber ri, negando enfaticamente ainda concentrada na panela à sua frente. Está pegando um monte de legumes na geladeira, e eu ainda me surpreendo em como ela os faz ficarem tão apetitosos.

— Impossível! Você não sabe ferver água.

Pior que não sei mesmo.

Por esse motivo, como não sou nenhum folgado, firmamos um acordo: Amber cozinha quando possível e, em troca, eu fico responsável por limpar a bagunça. Então ela sempre faz o nosso jantar e eu ajeito tudo depois, deixando a cozinha limpa como gosta. Não pense que é uma tarefa fácil, a garota pode ser um primor na cozinha, mas faz uma tremenda bagunça no processo. Ontem, quase a perdi no meio das panelas.

Dividimos outras tarefas também. Como a rotina dela é mais pesada do que a minha, pelo horário integral de aulas, e não vou poder contribuir tanto como gostaria financeiramente, eu limpo o apartamento. O que acaba sendo um trabalho duplo, na verdade. Nas duas vezes em que o fiz durante essa semana, Amber passou logo em seguida reorganizando tudo.

Faço a limpeza com apreço, tiro poeira de todos os móveis e só empurrei o pó para debaixo do tapete uma única vez. O problema é que Amber gosta das revistas na mesa de centro por ordem alfabética, das almofadas do tom mais escuro para o mais claro, da cozinha com os temperos alinhados na primeira prateleira e várias outras pequenas coisas.

Meu cérebro se retorce só de pensar, e eu estava seriamente refletindo em como poderia dissuadi-la dessa besteira quando acertei por engano, da segunda vez, a ordem das almofadas.

Ah, o sorriso dela não teve preço...

Agora, sei que na próxima semana e em todas as que vierem, enquanto estiver morando aqui, vou continuar me esforçando até decorar tudo. Até executar cada tarefa da forma como ela prefere.

— Ficou quieto de repente... — Ela comenta, esticando a língua para lamber a colher de pau. Abaixo os olhos para o balcão, odeio quando ela faz isso. — Tudo bem?

Limpo a garganta.

— Apenas pensando.

Amber tampa a panela e se aproxima mais de mim, colocando os cotovelos em cima do balcão e o rosto apoiado nas mãos. Seu cabelo está preso em um coque bagunçado, dando uma boa visão do seu rosto.

— Como estão as coisas com a sua irmã? — pergunta, preocupada. Deve ter pensado que esse fora o motivo do meu silêncio contemplativo.

— Estão bem. Olívia está aceitando melhor aos poucos.

— Hum... Ela já me adorava, agora então...

Rio da sua expressão.

— Nunca foi uma questão de gostar ou não de você. Sempre teve a ver comigo. É complicado, mas é só um ato de proteção.

Amber suspira, voltando a se mover pela cozinha.

— Sabe, — começa ela, picando alguns tomates para colocar dentro da panela — eu deveria colocar uma regra ali sobre segredos. Quem sabe, assim, eu descobrisse alguma coisa. Porque conversar com você às vezes é como brincar de Charada.

Eu sorrio, levantando-me.

— É bom saber que divirto você.

Aproveito para lavar o punhado de louça que ela sujou, assim terminarei junto com ela, e poderemos almoçar. Entre um prato e outro, eu espio o papel que fora grudado na geladeira há pouco.

A maioria das regras na lista dela são aceitáveis, como a da música, uma vez que leva muito a sério seus estudos e eu respeito e admiro isso. E outras, como as três primeiras:

1. Sempre falar a verdade.

Adorei essa.

2. Não trazer garotas/garotos para casa.

Como se eu fosse mesmo trazer alguém com essas intenções para casa dela. Amber, ao contrário, se quisesse trazer algum cara, eu não poderia fazer ou falar nada quanto a isso. Então, não posso negar que gostei dessa regra também.

3. Nunca abrir o meu caderninho vermelho com desenhos de corações. É pessoal. Muito pessoal!

Essa é a que me deixa mais curioso.

Amber escreve nesse caderno quase todas as noites, notei nisso quando fico acordado até tarde, já que ela dorme com a porta

entreaberta. Também me lembro dele do dia em que nos encontramos no gramado da faculdade tempos atrás. Nunca invadiria a sua privacidade quanto a isso, sigo essa regra religiosamente, mas não posso evitar ficar curioso com o que há lá dentro.

Conheço mais sobre Amber agora, é verdade, mas algo me diz que muito dela está dentro daquelas páginas. Fico inquieto em como ela pode ser tão doce, mesmo convivendo com a inquietude que guarda dentro de si, submersa na cacofonia dos seus pensamentos. Na minha opinião, ela se cobra demais.

Mas voltando a falar da lista, ela é bem maior que isso. No momento, está no item quinze, que é o recém adicionado da proibição da minha nudez. Não duvido que na próxima semana esteja maior. Isso, claro, se milagrosamente não acabar sumindo de novo...

Amber e eu nos sentamos no balcão assim que ela finaliza a comida. Consegui terminar a louça e lavar as minhas mãos enquanto ela gentilmente enche dois pratos.

— E então, — puxo assunto como quem não quer nada — esse seu vizinho... Ele é bem hospitaleiro.

Amber sorri, dando de ombros.

— O Joshua é gentil, sim.

Gentileza...

Aham, me engana que eu gosto.

— Sabe que a gentileza já passou dali faz tempo, não é? — eu rechaço, colocando mais uma colherada do *Ratatouille* na boca para me impedir de falar alguma besteira. Está delicioso, como tudo o que Amber faz.

— Como assim?

— Aquilo ali é interesse puro em você. É só olhar nos olhos dele.

Não me leve a mal, o cara parece ser decente, mas não faz o tipo da Amber. Não que eu saiba do tipo de homem com que ela sai, mas pelos filmes que a vejo assistindo na TV durante esses dias, ela tem um padrão bem alto. É difícil para um homem bater de frente contra o Brad Pitt ou o Henry Cavill, ainda mais o sardento do 5-B.

— É, eu sei — concorda ela, sem muita surpresa. Arrastando aquele bondinho todo, é claro que ela notou. — Mas não estou interessada.

Mastigo devagar para me impedir de perguntar rápido demais.

Uma, duas, três vezes...

— Ah, é? E por que não?

Um sorriso se desenha em seus lábios enquanto recolhe o prato com restos de comida ainda. Pelo que reparei, ela come muito pouco. Sei que é bem menor do que eu, mas me parece insuficiente.

— Porque Palo Alto para mim é um meio para um fim — responde simplesmente. — Agora, acho que você entende o porquê de tudo isso, não é? Stanford, a fraternidade, boas notas... Isso é muito importante para mim. Tem significado. Nada que me desfoque disso cabe na minha vida agora.

— Eu entendo.

Amber coloca o prato na pia, e passa por mim com um sorriso bonito. Recebo dois tapinhas no meu ombro direito.

— Você ainda tem que guardar a louça. Eu vou estudar agora.

Assinto, me levantando e dando um apertão brincalhão em sua bochecha. Nunca sei o que fazer com ela, ou onde é seguro colocar as minhas mãos. Eu evito abraços apertados.

— Já sei, já sei! — Digo erguendo a mão direita e contando nos dedos. — Pratos brancos no armário de cima, panelas no de baixo, nada de Bon Jovi no som e nada de andar sem camisa por aí.

— Acho que minha listinha está fazendo efeito no fim das contas.

É a minha vez de sorrir.

Sim, enquanto ela continuar ali...



Amber

SEGUNDA SEMANA

Ergo a meia preta do chão com o auxílio de um lápis, fazendo careta. Eu deveria pegar uma dessas e colocar dentro de uma omelete e dar para ele comer, isso sim.

Tá, tá. Eu sei que não vou fazer isso. Mas Taylor é muito bagunceiro, e isso me tira do sério! Acredito que ele não faça de propósito, o que não muda minha vontade de enforcar seu pescoço com uma dessas meias sempre que as encontro.

Quando não é a bagunça, é o chuveiro.

E eu nem estou falando sobre o desfile molhado dos seus músculos ao andar pelo quarto apenas com aquela toalha enrolada na cintura. Pois, esse já me tira o sono o bastante. Sempre que acontece, viro o rosto e saio o mais rápido possível do ambiente.

É, eu sei, estou sendo muito madura e respeitosa.

Só desejei que a toalha caísse umas duas vezes.

Talvez, cinco.

Enfim, estou falando da temperatura. O que aparentemente é um banho confortável para ele, me fez pular da primeira vez, quase derretendo meus ossos. Desde então, vivemos em pé de guerra com o termostato. Sempre que eu tomo banho primeiro, ele reclama que está frio e quando é o contrário, saio do chuveiro vermelha como um pimentão pelo vapor.

Uma vez me vinguei na pimenta...

Fingi ter derrubado um pouco mais no jantar, acidentalmente apenas no prato dele, já que eu não gosto. Logo depois, soltei um *“Tá calor, né? É assim que eu me sinto quando você deixa o chuveiro no modo Inferno-pessoal, sabe.”.*

Será que ele desconfiou?

Taylor não reclamou, ao contrário, bebeu um pouco de água e disse que, apesar da pimenta, era a melhor omelete que havia comido na vida. Depois, ainda me ajudou com a louça.

Meu coração afundou dentro do peito.

Seu comportamento foi o bastante para eu me sentir péssima e ficar arrependida. Envergonhada, acabei fazendo o dobro de café da manhã no dia seguinte na tentativa de recompensá-lo.

Mas tudo bem, não é de todo mal morar com ele. Ele consertou o chuveiro quando queimou na terça-feira e até deu um jeito nas portas do armário que estavam rangendo outro dia. Comentei que estavam me incomodando em uma conversa aleatória e no dia seguinte apareceram consertadas.

Taylor está cumprindo tudo o que prometeu, tanto financeiramente – não que eu o cobre isso – quanto com as tarefas

de casa, limpando o espaço e fazendo a organização da cozinha. Até lavou o banheiro direitinho esses dias.

Da roupa cuido eu, se Taylor o fizesse acabaria estragando as minhas peças que são de tecidos muito variáveis. Algumas não podem ser lavadas com outras, algumas não podem ir para a máquina e tem ainda as que podem ser lavadas apenas à seco. Por isso, eu cuido da tarefa e faço o mesmo com as suas, que em sua maioria são jeans e camisetas ligeiramente surrados e muito básicas.

Das cuecas, ele cuida. Não sou obrigada.

Ele não tem uma roupa colorida, acredita? Todas têm tons monocromáticos, variando entre preto, branco e cinza. No varal improvisado da lavanderia do apartamento, o contraste é nítido com as minhas.

Percebo como Taylor está se esforçando por mim, como presta atenção genuinamente sempre que conserto algo que fez ou explico como gosto. Ele não erra mais a sequência de cores das minhas almofadas ou dos temperos da cozinha. E acho adorável como sempre, sempre mesmo, agradece por tudo.

Só a minha lista de boa convivência é que continua sumindo...

Por isso, eu acordei agora, em plena duas da manhã.

Passamos boa parte do dia fora por conta das aulas e, quando estamos juntos em casa, nunca notei nada suspeito, o que me leva a pensar que ele só pode se livrar da minha lista de madrugada.

É hoje que eu pego esse cara de pau!

Saio da cama na ponta dos pés, tentando não fazer barulho. Taylor tem o sono leve, acorda até com uma agulha caindo no chão. Não será uma missão fácil. Estou torcendo para as minhas meias abafarem os passos.

Saio do quarto, me aproximando dele que está deitado no sofá. Solto um suspiro ao vê-lo encolhido e com os pés para fora. Fico incomodada que ele tenha que dormir assim, tão desconfortável. Estou pensando em comprar uma cama extra e colocar onde está o meu estúdio, tendo em vista que não estou usando o espaço. Mas preciso amadurecer a ideia e se decidir levá-la adiante, fazer tudo com muito jeito. Ênfase no *muito*. Um movimento brusco e Taylor pode acabar debaixo de uma ponte, e para a falta de sorte dele, orgulho não esquenta as noites frias.

Estou a ponto de me virar e continuar caminhando em direção a cozinha para concluir meu objetivo, verificando se meu papel continua preso na geladeira, quando um gemido chama a minha atenção.

Permaneço imóvel, em silêncio, esperando o som ecoar novamente para ter certeza se foi ou não algo da minha cabeça. Então ele se repete, alto e claro, e eu olho na direção de Taylor.

Não é um gemido de satisfação.

Pelo contrário, é quase um lamento de tão triste.

É como se ele sentisse dor.

Automaticamente eu me ajoelho ao seu lado, fitando seu rosto de forma mais cuidadosa. Sua expressão é contraída, a testa está suada e um vinco se formou entre as sobrancelhas, os lábios estão retorcidos e comprimidos em uma linha rígida.

Ah, meu Deus.

Será que ele está passando mal?

Respirando fundo, com as minhas mãos tremendo, eu toco a sua testa, afastando os fios do seu cabelo castanho ali grudados e provocando mais um gemido. Não me parece febril, mas continua a suar sem parar.

— Taylor? — Chamo baixo e ele não responde. — Taylor? Acorda, Taylor.

Ele geme de novo, aumentando o vinco em sua testa e começa a conversar, ainda com as pálpebras cerradas. São coisas desconexas e não parecem ser direcionadas a mim. É quando percebo que não está passando mal, está tendo um pesadelo.

— Não faz isso... para... não faz... — Sua voz está baixa e fraca, tão amedrontada que me faz engolir em seco. — Machucando... Para! Para! Não toca nela... não toca.

Com os olhos marejados, eu repito o gesto em seus cabelos, afastando os fios e acariciando seu rosto, tentando acalmá-lo. Mas Taylor não acorda, continua preso em seu pesadelo, a voz cada vez mais suplicante.

— Correr... correr e esconder... Olívia.... — Ele começa a mexer a cabeça e os membros, agitado. — Não posso... É o acordo... eu preciso, preciso... Olívia...

— Taylor...

— Não posso chorar... ela não gosta quando eu choro... — Taylor balança enfaticamente a cabeça, tornando-se mais agoniado. — Ele fica bravo também... mas eu não consigo evitar...

— Acorda, por favor!

— Eu estou com medo... tanto medo...

— Não fica com medo — digo com o tom mais calmo que eu consigo. — Estamos em casa, está tudo bem.

— Da última vez, ela...

Taylor geme de novo, agitando-se mais. Tomo a atitude de sacudir seus ombros com força e, dessa vez, consigo despertá-lo. Seus olhos se abrem confusos e turvos e demoram a se focar nos meus.

Nunca vi tanto medo dentro dos olhos de alguém.

Por um segundo, ele está vulnerável, desmanchando. Caindo aos pedaços mais rápido do que eu poderia juntar. Mas quando pisca, parte da dor some, se esconde.

— Amber?

— Oi... — suspiro aliviada, passando as mãos pelo meu rosto.

Noto minhas bochechas úmidas e, infelizmente, Taylor também. Ele ergue sua palma quente e toca a minha pele. Não percebi quando aconteceu, mas seu desespero me assustou ao ponto de lágrimas deslizarem pelo meu rosto.

— Está... chorando?

Limpo o rosto com mais afinco, abrindo um sorriso pequeno e dando de ombros sem responder.

Será que você vai ser mais uma pessoa de quem vou ter que esconder o que estou sentindo de verdade, Taylor? Para não te assustar e não te fazer ter algo a mais com que se preocupar?

— Você está bem? — pergunto.

— Estou... eu... — Ele suspira, franzindo o cenho e não conclui a frase.

— Estava tendo um pesadelo.

Suas bochechas erubescem aos meus olhos, estranhamente e pela primeira vez. Em outra situação eu sorriria e acharia sua reação adorável, mas não agora.

Agora eu estou assustada demais.

Preocupada demais.

O que será que aconteceu com você, Taylor?

— Ah, eu... — Ele se senta e nota minha mão enlaçada a sua. Mesmo com o clima estranho, eu não a solto. — Desculpe, eu acordei você?

— Não, eu vim espiar se você estava arrancando a lista de madrugada. Sabe, investigar essa desculpa fajuta de mágica.

Um sorriso pequeno se abre.

— Eu te disse que ela some magicamente, Thompson.

— Aham, sei.

Estico minha outra mão, ajeitando seu cabelo pela terceira vez hoje, mas dessa vez com ele desperto. Seus fios são muito rebeldes, as mechas insistem em cair sobre o rosto de um jeito charmoso. Uma bagunça que, nele, cai muito bem.

Suas pálpebras cerram por um momento e ele suspira, satisfeito com o carinho. Eu o faço mais uma vez até que volte a me olhar, demoradamente. Seus olhos passeiam pelo meu rosto, meus olhos e minha boca, refazendo o mesmo caminho para me encarar novamente. São tão intensos que me congelam e esquentam ao mesmo tempo.

Ficamos assim por um tempo até o constrangimento ganhar espaço e eu me levantar, indo até a cozinha para pegar um copo de água e um bombom na geladeira. Tenho sempre uma caixinha a postos.

Volto para a sala e ergo o copo e o bombom em sua direção. Ele arqueia a sobrancelha e enviesa os lábios em um quase sorriso quando nota os itens na minha mão.

— Ajuda... — eu me justifico.

— É mesmo? Aprendeu isso na faculdade?

Reviro os olhos, me sentando de novo no chão na mesma posição de antes.

— Só engole!

— Não deveria ser a menina a dizer essa frase...

Seu sorriso aumenta quando nota meu constrangimento.

— Come logo, vai.

— Hum... mandona. — Brinca ele, desembrulhando o doce e dando uma mordida. — Cuidado, eu posso gostar.

Ele está fazendo de novo.

Sorrindo e fazendo piadas para evitar que eu pense ou pergunte sobre o assunto. Mas suas palavras não saem da minha cabeça, muito menos a forma vulnerável com que as disse, com tanto medo, como se não fosse esse homem enorme, e sim, um pequeno e indefeso garotinho.

— Hum... isso é muito bom! — Elogia de boca cheia, tomando um gole de água. — Qual o sabor?

— Avelã e licor. Com o que estava sonhando?

Taylor bebe mais água e desvia os olhos por um momento.

— Parecia ser um sonho bem ruim... — comento quando se passa um tempo e ele continua calado.

— Estava mais para uma lembrança do que para um pesadelo.

— Acontece com frequência?

Sua mandíbula se tenciona quando assente. E lá estou eu mais uma vez, antes de me dar conta, segurando a sua mão. Sua palma abraça a minha sem hesitação, como se houvesse nascido para fazer isso.

É tão simples dar as mãos a alguém que em grande parte das vezes não notamos a grandiosidade desse pequeno gesto. Mas essa é a forma tátil mais simples de conforto. Não consigo o impacto que eu gostaria, mas tento fazer um pouco disso por ele agora.

Céus, até colocaria Bon Jovi para tocar se isso o fizesse se sentir melhor.

Odeio essa expressão triste em seu rosto.

— Mais vezes do que eu gostaria — confessa.

Engulo em seco, sem saber o que dizer. Só percebo que levei a mão à boca para roer as unhas pelo nervosismo quando ele as puxa em um gesto delicado e faz uma careta.

— Não faz isso...

— Desculpa.

— Por que está nervosa?

— Porque não gosto de te ver assim... — Pauso, olhando para ele. — Não sei o que fazer para ajudar. Principalmente porque não entendo o motivo.

A forma com que Taylor me olha agora é diferente, mais terna do que qualquer outra vez. Parece loucura, mas é como se tivéssemos acabado de nos conhecer. Como se estivesse me vendo de verdade agora.

— Por favor, esquece isso... — implora ele.

Eu não iria esquecer, me conheço bem a ponto de saber que ainda vou pensar por muito tempo nesse assunto. Contudo, sei o

que quer ouvir. Por isso, porque parece tão certo, eu minto:

— Já esqueci.

E ele finge acreditar.

Taylor se deita novamente e eu permaneço aqui, incapaz de me mover. Conversamos sobre várias coisas, qualquer assunto exceto o acontecimento há pouco, preenchendo vários minutos com banalidades. Em dado momento, estou escorada no sofá, inclinada e com a cabeça apoiada no braço do estofado, e ele pisca lentamente, quase adormecendo.

— Está me tratando como uma criança — reclama ele. — Vai para cama, eu estou quase dormindo.

Ainda consigo sorrir, mesmo sonolenta.

— Eu vou daqui a um pouquinho.

— Não seja teimosa, você também está com sono.

Faço uma careta para conter o bocejo que me toma, escondendo tarde demais meu rosto da sua visão. Por sorte, ele não viu nada, seus olhos já se fecharam.

— Não estou. Você é que está caindo de sono.

Ele quase sorriu.

— Você é impossível, Thompson. — É a última coisa que diz antes de ressonar baixinho, o peito expandindo-se devagar, em um sono tranquilo.

Velo seu sono, me aproveitando do seu belo rosto. Admiro a paisagem por minutos a fio, antes de adormecer também.



Acordo sentindo a maciez dos meus lençóis e me remexo, notando que não estou mais na sala com Taylor, muito menos no chão, e sim no meu quarto.

Coçando os olhos, eu sento na cama, espreguiçando. Olho para o relógio e pisco algumas vezes para me acostumar com a claridade que entra pelas janelas. Já são quase dez da manhã.

Arrasto os lençóis para o lado e me levanto indo direto ao banheiro para escovar os dentes e tomar um banho. Quando saio, vestida com o moletom da faculdade e uma legging, caminho pelo apartamento ajeitando meus cabelos em uma trança à procura de Taylor.

Vou primeiro à cozinha, encontrando o espaço vazio. A cafeteira, no entanto, está cheia. Encho uma xícara, continuando a minha busca. Faço uma careta assim que tomo o primeiro gole, constatando que nós nunca vamos gostar do mesmo café. Isso aqui parece mais água com pó do que uma bebida decente!

Não o encontro em parte alguma, então termino o meu café e volto para o banheiro depois de pegar uma caneta na escrivaninha, preenchendo o meu *planner* da semana. Deixo no espelho do banheiro porque é impossível esquecer das minhas tarefas olhando para elas todos os dias de manhã. E gosto de fazê-lo no Domingo para começar bem a semana.

— Sempre planejando alguma coisa...

Coloco as mãos no peito por reflexo, deixando a caneta cair e soltando um gritinho assustado. Taylor, escorado de forma despojada no marco da porta, começa a rir. Está com uma camiseta preta, típica dele, e os braços cruzados.

— Quase me mata de susto! — guincho. — Não devia aparecer assim do nada.

— Estava tão fofa que eu não resisti.

Suspiro.

— Onde você estava? Eu te procurei para tomarmos café juntos. Um de verdade, não a água choca que você fez.

Ele ri, revirando os olhos.

— Fui ver Olívia.

— Ah. — Arqueio as sobrancelhas, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha. — E tudo bem?

— Tudo, sim. Não tem com o que se preocupar.

Taylor se aproxima e começa a ler as minhas tarefas, sorrindo de lado para alguns pontos, até que eu o empurro para fora do banheiro, cansada de passar vergonha com as suas piadas. Ele sai aos risos, divertindo-se comigo e eu até tento, mas não consigo conter um sorriso.

— Vamos, eu tenho que fazer o almoço e você limpar a minha bagunça.

— O que vai cozinhar hoje? — pergunta ele em tom blasé.

— Ainda não sei. Por quê?

Ele me olha, me olha, e abre a boca para falar. Mas desiste rápido, abrindo um sorriso renovado e abraçando meus ombros enquanto andamos até a cozinha.

— Por nada, Thompson. Aliás, obrigada por ontem.

Fico surpresa por ele tocar no assunto, mas não por agradecer. É bronco e seu orgulho encheria o oceano Atlântico, mas Taylor não é ingrato. Ele sempre, sempre agradece.

— Não foi nada. Me levou para cama?

— Levei. Você se agarrou a mim como uma macaca.

Arregalo os olhos, negando.

— Não...

— Oh, sim! Com certeza sim. — Provoca debochado. — E você resmunga que é uma beleza, viu?!

— Eu não faço essas coisas.

— Estava dormindo, como pode saber?

Sinto minhas bochechas esquentarem.

— Droga!

Taylor gargalha de novo e dá um beijo na minha bochecha. Até suspiro porque, despretensiosamente, ele mira bem perto da minha boca. É apenas um pressionar rápido, mas eu sinto a maciez dos seus lábios e vejo como, ao se afastar, ele engole em seco, o pomo de adão sexy movendo-se para cima e para baixo.

Ai, papai, acho que o senhor não vai gostar nadinha do que vou escrever no diário hoje...



Morar com Amber é divertido, a rotina tem se mostrado incrivelmente prazerosa. É gostoso vê-la andando pela casa com suas roupas coloridas que deixam um rastro de felicidade por mim; resmungando alguma coisa; sempre planejando no seu *planner* ou estudando, concentrada, mordendo a ponta da lapiseira. Ou ainda, criando uma nova lista de boa convivência. Estamos na sétima!

Ela ainda reclama da minha música, franzindo o nariz empinado sempre que escuta. Descobri que tem uma lógica bizarra para organizar seus livros, por cor e autor na estante e, ainda, que nunca coloca tempos quebrados no micro-ondas. Prefere queimar a pipoca, deixando-a pôr três minutos, do que por 2:30 segundos.

Eu sei, Thompson é uma neurótica de carteirinha!

Mas é reconfortante chegar e encontrá-la em casa, ainda mais com uma camisa do Star Wars, sem maquiagem e balançando a bunda de um lado para o outro enquanto bate um bolo.

O quê? Eu a respeito, e sou mais aficionado nos peitos, mas é pedir demais que não dê nem uma espiada. Odeio pop, mas com ela dançando assim... Bom, eu até me renderia a escutar.

Penso em ir até ela e assustá-la de brincadeira, mas raciocino rápido que isso poderia acabar em um desastre, com massa de bolo para todos os lados. Não seria legal. Nunca limpei massa, mas duvido que saia fácil.

— Amber? — eu chamo.

Ela congela, ainda de costas, e então vira o corpo lentamente, as bochechas coradas pela vergonha. Então, eu também congelo, reprimindo um suspiro, porque para variar ela não está usando sutiã.

— Não ouvi você entrando. Está aí há muito tempo?

Limpo a garganta, lutando para encarar seus olhos.

Eu merecia uma medalha.

— Pode apostar que sim.

Ela joga a cabeça para trás e geme.

Eu tusso.

Por que diabos ela precisava fazer isso agora?

— Ai, droga! Eu não ouvi você chegando.

— Ah, qual é?! — Provoco, abrindo um sorriso. — Você dança bem.

— Aham. O dia que eu dançar bem esse tipo de música, você cozinha algo decente.

Fico sério quando analiso seu rosto com mais cuidado e percebo que está abatida, a pele pálida e os olhos ligeiramente fundos.

Dou um passo à frente, preocupado.

— Ei, está tudo bem?

Amber sorri.

— Está, Taylor.

— Tem certeza? — insisto.

— É claro que tenho.

Ainda desconfiado, eu assinto.

— Vamos ter bolo hoje? — pergunto espiando a massa dentro da tigela. Será que dei muita bandeira na animação? Não é massa de chocolate, mas bolo é bolo, é gostoso de todo jeito.

— Não é bolo — diz sorrindo. — Isso é a massa de panqueca, seu bobo.

— Ah.

— Vou fazer algumas para o jantar, tudo bem? Comprei frutas e cobertura, achei uma boa ideia para dar uma variada.

— Claro, é uma ótima ideia.

Amber desliza os olhos por mim, demorando no meu peito, meus braços e por último na minha mão, onde visualiza o tubo de folhas que estou carregando. Só então ela volta a encarar meu rosto.

— O que é isso?

— Roteiro de uma peça — respondo em tom murcho. Está sendo um sacrifício por mais que eu venere a obra escolhida. — Vai ocorrer um evento no teatro em duas semanas, vamos ter que apresentar uma adaptação de um clássico.

— Por que essa cara de enterro?

— Porque eu posso sentir o meu se aproximar.

Amber ri.

— Não gosta de atuar?

— Não é a minha praia — digo, dando de ombros. — Prefiro a parte por detrás do espetáculo. O roteiro, o cenário, essas coisas. Mas me escolheram para o papel do protagonista só Deus sabe o porquê.

A tigela descansa sobre a pia quando ela pega uma frigideira.

— Se não quer fazer, por que não sai?

— Porque vale metade da minha nota. Não posso arriscar perder tanto, minhas médias precisam ser boas por conta da bolsa.

Ela assente, começando a despejar pequenas porções no metal quente antes de girar o disco e por fim ter uma panqueca perfeita. Fico impressionado com a agilidade e destreza com que o faz. Amber faz parecer fácil.

— Posso ajudar se você quiser... — sugere ela.

— Você?

Mais dois discos foram feitos antes que olhasse para mim, confirmando.

— Bom, sim. Sei que não fazemos o mesmo curso, mas talvez eu possa ajudar com algo.

Penso um pouco, e inevitavelmente abro um sorriso. Será menos dolente fazer isso com ela, aposto que deixará o ensaio mais divertido.

— Você poderia ensaiar comigo.

Amber ri, colocando a última porção na frigideira e esperando um pouco antes de girar e desligar o fogo. Agora temos uma pilha perfeita de panquecas douradas e, posso jurar, bem macias.

— Acha mesmo que eu dou conta? — pergunta, girando o corpo para me olhar.

— Acho sim.

— Tudo bem, então. Depois do jantar?

Confirmo com um aceno.

— Combinado.



Comemos no sofá da sala, tentando não fazer lambança na minha cama improvisada. Peguei as mais incomuns, com morango, chocolate e mirtilo, enquanto Amber preferiu as clássicas com apenas mel e manteiga.

Na TV está passando uma série que estreou essa semana no *streaming*. Passamos a ter essa tradição de assistir alguns episódios juntos, gostamos de comentar e criar teorias para os acontecimentos.

— Acho que ele vai morrer... — comenta, enquanto aponta o garfo para mim.

Franzo o cenho.

— Por quê?

Amber dá de ombros.

— Nessa série tudo pode acontecer, ainda mais com tantos tiroteios. Se esqueceu daquele cara que morreu com uma pancada na cabeça do nada? — Lembra-me. — Aposto que esse aí vai morrer também.

— Acho que não...

Pego mais um pedaço da minha panqueca, terminando de comer.

— Ele tem família, não podem fazer isso — eu argumento. — O filho dele também está lá dentro.

Amber abre um sorriso.

— Sabe que isso é ficção, certo? É de mentira.

— Me respeita, Thompson! — digo ofendido. — É claro que eu sei.

Nos minutos que se seguem, um novo tiroteio se inicia e a adrenalina sobe a níveis estratosféricos. Adoro que ela goste dessas coisas mais violentas, que se divirta com filmes de ação e com séries como essa, mas odeio que esteja certa às vezes. Meu personagem favorito, o pai de família, realmente morreu. E da pior maneira possível, de forma tão altruísta que a cena não poderia ser mais comovente.

— Taylor? — chama.

Limpo a garganta.

— Uh?

— Você está chorando? — Amber quase monta em cima de mim para me olhar. — Que gracinha, você ficou emocionado!

Nego, empurrando seus ombros para trás enquanto ela ri. Pego seu prato e junto com o meu, deixando na mesa de centro e desligo a TV. Levanto Amber pela mão, obrigando-a a me acompanhar, até que fiquemos frente a frente.

Ela ainda está rindo.

— O que foi? Não precisa ter vergonha!

— Foi uma cena triste, ok? — digo, encerrando o assunto. *Foi um golpe muito baixo, eu gostava daquele personagem.* — Agora esqueça isso, e vamos ensaiar. — Pego o roteiro meio amassado na mesinha, e entrego a ela. — Esse é seu.

Amber segura o papel e o encara como se estivesse lendo hieróglifos.

— Esse é o único roteiro que temos? — pergunta erguendo os olhos para mim.

— Sim.

— Eu não sei as falas.

— Mas eu sei. — Afago seu ombro. — O mais difícil sobre atuar não é decorar as falas, é saber excluir todos ao redor que não fazem parte da cena e se tornar o próprio personagem.

— Mas estamos sozinhos.

— Exatamente. Será fácil, basta olhar para mim.

Ela anui e eu mantenho um sorriso tranquilizador. Quando observo suas bochechas ganharem um tom rosado, tomo nota de que estou fitando-a por muito tempo.

Pigarreio.

— Certo, vamos começar. Estamos aqui. — Aponto com o dedo o parágrafo que vamos fazer. — É uma peça de Shakespeare, por isso a linguagem é arcaica. As falas em negrito são minhas e as suas estão normais, tudo que estiver em itálico são as ações, ok?

Sua cabeça se move.

— Acho que sim.

— É fácil, você vai ver! — Encorajo. — Esse é o ato do primeiro beijo de Romeu e Julieta, que começa onde te mostrei. Mas não precisa se preocupar.

Seus olhos se voltam para mim, arregalados. São tão límpidos que não preciso me esforçar para ler a mensagem dentro deles.

— Me preocupar?

— É, vamos parar antes dessa parte.

— Por quê?

Abro um sorriso.

— Porque eu só preciso ensaiar as falas, Thompson.

Ela assente e eu respiro fundo, tentando entrar no personagem. Não é muito fácil, considerando que não tenho ambições em atuar, mas encarando-a fica ainda mais difícil. É complicado enganar meu cérebro que não somos nós dois aqui, e, sim, Romeu e Julieta.

— *Se minha mão profana o relicário em remissão aceito a penitência: meu lábio, peregrino solitário, demonstrará, com sobra, reverência* — começo.

Com um suspiro, Amber corre os olhos pelo roteiro, tentando localizar sua fala. Demora um pouco, mas ela a encontra e até se empertiga antes de falar:

— *Ofendeis vossa mão, bom peregrino, que se mostrou devota e reverente. Nas mãos dos santos pega o paladino. Esse é o beijo mais santo e conveniente.*

Aproximo-me um passo, recebendo um olhar curioso de Amber.

Quer dizer, Julieta.

De Julieta.

— *Os santos e os devotos não têm boca?*

— *Sim, peregrino, só para orações*. — A frase sai quente de seus lábios.

Engulo em seco e desço os olhos pelo seu rosto, da imensidão castanha dos seus, pelo nariz atrevido até encontrar sua boca. Entreaberta e rosada, quase seca até que passa a ponta da língua pelo lábio inferior. Não é um ato intencional, não é sensual de propósito, mas não deixa de ser sexy.

É quando o clima muda.

Drasticamente.

Agora sou eu aqui, não mais Romeu. E sei que não há um pingo de Julieta nela. Existe apenas Amber e eu, e algo diferente no ar. Quente, sufocante, uma tensão palpável que nos envolve e puxa para mais perto.

Li Shakespeare várias vezes, é um dos meus autores favoritos, mas essas palavras nunca me acenderam tanto até hoje.

— *Deixai, então, ó santa! Que esta boca mostre o caminho certo aos corações* — continuo a cena.

Ela me fita, compenetrada.

— *S-Sem se mexer, o santo exalça o voto.*

— *Então fica quietinha: eis o devoto*. — Aproximo-me mais a passos lentos. — *Em tua boca me limpo dos pecados.*

Noto a tensão se instalar em seu corpo. Ainda que não saiba o roteiro, depois da minha fala há um *ROMEU BEIJA JULIETA* bem sugestivo.

Sem conseguir resistir, ergo minha mão e afasto seus cabelos, aproveitando seu pescoço livre para tocá-la, subindo meus dedos até o maxilar. Detenho-me ali por alguns instantes, antes de acariciar a pele quente e rosada das bochechas. Ela é tão suave, tão macia.

Noto sua respiração mudar, o peito expandindo profundamente pela inspiração que toma, antes de perder o compasso e manter um ritmo superficial, ofegante.

No instante em que seus olhos deslizam para a minha boca e ela crava suavemente os dentes sob o lábio inferior, laço sua cintura. Nossos corpos se chocam com mais pressão do que

planejava, e o suspiro baixo e trêmulo que lhe escapa só piora a situação nas minhas calças.

Puta merda!

— Taylor...

— Não vou beijar você — eu prometo.

Amber fecha os olhos, soltando um som de desgosto.

Parece um gemido.

— Para de dizer isso.

— Desculpe...

Acaricio as pontas do seu cabelo, encantado com as mechas loiras e macias. Adorando como os fios ficam bonitos envolto no punho da minha mão.

— Apenas... não consegui me conter — admito, sentindo a ereção formada dentro das minhas calças latejar. — Queria descobrir como seria ficar assim, tão perto de você.

O corpo dela se inclina na minha direção.

— Isso é maldade... — Ela sussurra, ainda de olhos fechados. — Uns beijinhos não fazem mal a ninguém.

Abro um sorriso.

É claro que fazem.

Os beijos são a forma mais sutil de roubar, pouco a pouco, um coração. Você já tem roubado meus melhores sorrisos, Amber, os melhores momentos e, a cada dia, o pouco da minha sanidade. Se continuarmos assim, onde vamos parar?

Além disso, não dá para pegar um coração bonito como o seu e dar em troca um tão podre que já não bate mais.

— Isso significa que você quer me beijar? — o orgulho pedante dentro de mim me faz perguntar.

Seus olhos se abrem, as pupilas estão dilatadas.

— Não... — nega, arrastando a palavra.

— Parece que você está mentindo.

— Só pensei que, não sei, seria bom para você treinar essa parte também.

Assinto, sem acreditar.

Ela realmente mente muito mal.

— Não se preocupe, sou bom nesse departamento.

— Hum... Será mesmo? — Ela dá de ombros, provocando mesmo sem intensão. — Assim, sem querer ofender, mas é uma possibilidade.

— Improvável — devolvo, enrouquecido.

— Eu por outro lado, sou uma matraca, não é?

— Totalmente.

— Jamais seria capaz de mentir para você.

Solto uma risada anasalada.

— Apesar das suas boas intenções, — eu digo, abrindo um sorriso perigoso — parece mesmo que você quer me beijar.

Seus grandes olhos buscam meus lábios.

— Eu quero. Para te ajudar... com a... — Ela se perde, e volta a encarar meus olhos antes de continuar — Com a atuação.

— Que boazinha!

— Só não quero que passe vergonha e... — Ela se interrompe, parecendo lembrar de algo que a incomoda. O cenho antes relaxado, começando a se franzir a cada segundo. — Se você é o Romeu... Quem é a Julieta?

— Outra estudante de um período anterior. Por quê?

— Nada... Nada. — Amber força o corpo para trás, tomando distância. — Se não vai me beijar, vou fazer minhas tarefas. Tenho muitas matérias para colocar em dia.

Claro que tem. Afinal, quando não tem?

Mas ela não vai muito longe.

Amber gira o corpo, dando pouco mais de dois passos antes de cambalear, oscilando para trás. Por reflexo, eu a amparo pelos cotovelos, apoiando suas costas em meu peito enquanto tento olhar seu rosto, alarmado com a situação.

Ela está suando frio, a testa marcada por linhas que está forçando pela expressão extremamente contraída agora. Então, abruptamente, Amber me empurra, iniciando uma corrida trôpega até o banheiro.

Demoro a reagir e ir até ela, mas felizmente chego a tempo de segurar seus cabelos enquanto está inclinada no vaso sanitário, esvaziando tudo que acabou de pôr no estômago.

O problema é que ela não está bêbada agora. Então por quê?

Acaricio suas costas com a mão direita enquanto mantenho seus fios em um aperto firme com a outra, tendo cuidado para não deixar nada escapar devido ao cumprimento difícil de agarrar e as mechas mais curtas da franja.

Amber permanece assim por alguns minutos, até erguer a mão e apertar ela mesma a descarga, baixando a tampa e escondendo o rosto.

Aumento a pressão do toque em suas costas, querendo confortá-la e ouço um suspiro. Ela ergue a mão depois de um tempo na tentativa de me afastar novamente, mais levemente dessa vez.

Não surte efeito, não sei se por estar fraca ou por não querer realmente que eu a deixe sozinha agora.

— Vá embora — sussurra.

— Eu não vou a lugar nenhum.

— Não quero que me veja assim... de novo.

Abro um sorriso tranquilo, mesmo que não possa vê-lo.

— Talvez eu tenha cruzado seu caminho para cuidar de você. Parou para pensar nisso, Matraca?

Amber me olha de esguelha e suspira, levantando-se. Amparo seus movimentos até ela se mostrar firme o bastante para ficar de pé. Quando consegue, eu retrocedo alguns passos. Ela prende o cabelo em um coque bagunçado com o auxílio de uma presilha no banheiro, lava o rosto e escova os dentes duas vezes, antes de usar o enxaguante bucal.

Apenas depois disso, seus olhos voltam a me fitar.

— Vai me contar a verdade? — indago, cruzando os braços. — Notei que havia algo errado assim que cheguei e fui tolo em acreditar naquele sorriso meia boca que você deu.

Ela suspira, cedendo.

— Estava passando mal desde cedo.

— Devia ter me ligado.

— Por quê? — pergunta confusa.

— Eu poderia ir ao médico com você.

Amber me fita em silêncio por alguns segundos.

— Não deve ser nada, Taylor. — Seu sorriso é forçado. — Estou me sentindo melhor.

Sei exatamente o que está fazendo, está enganando a nós dois para não me preocupar, porque assim como eu, ela odeia

deixar o dia de quem gosta mais difícil.

— Talvez seja uma virose.

— Nem se formou e já está falando isso? — brinco, porque mesmo a situação sendo séria, é o que eu faço. Não sei dizer quem está mais errado aqui. Quem se engana mais ou camufla o que sente de verdade.

— Cale a boca!

Eu me aproximo, colocando sua franja atrás das orelhas para vislumbrar melhor seu rosto. Os lábios estão avermelhados e a pele levemente rosada por ser tão pálida. Seus olhos honestos estão cravados em mim.

— Está mesmo se sentindo melhor? — pergunto.

Amber sorri novamente, confirmando com um gesto de cabeça antes de vir me abraçar. Não espero um segundo para pescar seus braços, enlaçá-los no meu pescoço e envolver a sua cintura, descansando o queixo sobre a cabeça dela.

Isso está se tornando cada vez mais comum.

— Estou. Mesmo. — Ela responde e se afasta para me olhar. — Obrigada.

— Acho melhor você tomar um banho e se deitar — sugiro, ainda preocupado. — Precisa comer alguma coisa também. Posso fazer algo para você.

Sua risada atrevida agora é um conforto.

— Aí sim eu vou passar mal. Está querendo me matar?

— Vira essa boca para lá! — reclamo.

— Nem preciso. Com ela aqui você não faz nada.

Ela mal fala e já está com ambas as mãos sobre a boca, mais vermelha do que os tomates da nossa geladeira. Eu, por outro lado,

estou com os lábios entreabertos, literalmente de queixo caído. Riria pela sua falta de filtro se não estivesse tão perplexo e com as calças ainda muito apertadas pela peripécia.

— Você não disse isso...

Amber ri, histérica e leva as unhas à boca em seu comum ato nervoso. Eu puxo sua mão delicadamente, sabendo o que irá fazer. Faço um gesto de negação com a cabeça e beijo cada um dos seus dedos.

— Eu disse — começa ela, culpada. — Mas disse de brincadeira.

Aham, sei.

— Ah, é?

— Claro. Está perdendo o tino hein, geralmente é você que começa com as piadas — desdenha ela, abrindo um sorriso e se afastando para pegar a toalha. — Tem chá no armário. É só ferver a água e colocar o sachê. Pode fazer isso?

Quase reviro os olhos.

— Agora você pegou pesado!

Amber faz bico.

— Por favor, Taylorzinho.

Faço uma careta, obedecendo. Não sei quem ensinou esse bicho ruim a ser chantagista assim, mas está de parabéns.

— Não me chama assim!

Saio do banheiro ao som melódico da sua risada.

Contudo, assim que fecho a porta, me detenho por alguns instantes, em que minha mente viaja para um terreno proibido e inesperado. Então, seu grito me desperta, me trazendo de volta. Não me alarmo, porque logo depois vem um *“Vou te enforcar com*

uma das suas meias, Taylor" e eu sei que é pela temperatura do chuveiro.

Fazer o quê?! Depois de anos vivendo com um chuveiro pifado e que nunca esquentava direito, eu adoro um banho quente.



Amber

TERCEIRA SEMANA

Taylor está tomando banho, um bem demorado diga-se de passagem. Ultimamente, ele demora muito lá dentro.

Eu estou aqui, depois de finalizar minha parte do projeto para arrecadação de fundos que estamos organizando na KKM, tentando estudar toda a matéria que preciso. Mas estou lendo o mesmo parágrafo pela terceira vez, sem fazer nenhum progresso. Quero acreditar que é apenas uma reação biológica do meu cérebro cansado, e que por isso, as palavras já não fazem sentido.

Mas talvez não seja isso.

Ou melhor, não seja *apenas* isso.

Pego meu celular para mandar uma mensagem para May, e acabo me surpreendendo quando vejo algumas notificações de Jason, que além de ter começado a me seguir no Instagram, ainda curtiu umas cinco fotos.

Hum...

Vou até o contato de May, sem pensar muito no assunto e envio uma mensagem de texto. Com a sorte que tenho, ou deixo o celular cair quando Taylor sair do banheiro ou mando um áudio vergonhoso e ele acaba ouvindo.

Melhor não arriscar.

Amber: *May? Está aí?*

Ela não responde de imediato, então bebo um pouco do meu energético enquanto formulo algumas teorias. Estou morando com Taylor há três semanas e até hoje, não o vi com nenhuma garota. O que é estranho, considerando... Bom, basta olhar para ele.

Tudo bem que concordamos com o fato de não trazer ninguém para casa – naquela lista, sabe? A que continua sumindo. Deve ser a décima que eu faço. Parece que eu sou mais parecida com a Dona Bárbara do que eu pensava, afinal não deixo de me envolver em causas perdidas. E confesso que propus esse tópico em especial por puro capricho. Até porque, jamais levaria um cara qualquer para casa, muito menos conseguiria fazer algo sabendo de Taylor a apenas alguns metros de distância.

E se eu fosse uma daquelas garotas que faz muito barulho? Quando estou sozinha sou bem silenciosa, mas nunca se sabe. Acho que nunca mais olharia na cara dele de novo se me escutasse gemer.

Mas voltando ao Sr. Oito-gominhos, os homens são diferentes das mulheres em teoria quanto a isso, não é? Imagino que ele esteja sofrendo muito mais do que eu. Apesar de ter desejos, tecnicamente não sei o que estou perdendo. Taylor, ao contrário, está em abstinência.

Será que ele usa o chuveiro para isso?

Já fiquei mudinha e nunca escutei nada.

Talvez ele tampe a boca com a mão...

Oh, isso seria sexy!

Ou ainda, talvez ele resolva o “problema” fora de casa.

Hum... não gosto muito dessa ideia. E de toda forma, acho improvável. Quando não está na faculdade ou com Olívia, sempre está em casa comigo.

Suspiro, tentando afastar esses pensamentos. Normalmente, não sou assim, meu foco é uma coisa da qual me orgulho. Se é tempo de estudar, eu estudo; se é tempo de planejar, eu planejo; se algo sai errado, tenho ao menos três alternativas para fazer dar certo. Mas ultimamente...

Agora estou aqui, sentada a mais de quatro horas e avancei poucas páginas no estudo, embora tenha conquistado duas notas A+ semana passada. Prestei atenção nos barulhos sutis que Taylor fez ao arrumar a cozinha, tentando não me incomodar, como sempre; no seu cantarolar baixo enquanto organizava algumas coisas na sala – até que na voz dele, aquelas músicas não ficam tão mal, mas ele nunca vai ouvir isso de mim; e finalmente ele no banho. Depois que o chuveiro foi ligado, meu foco foi todo para o espaço.

Suspiro e pego o celular, bem no momento em que a resposta de May chega.

May: *Estava com a sua mãe agora a pouco. Ela e Luca vieram jantar com meus pais.*

May: *(FOTO).*

Abro um sorriso.

É uma fotografia linda, May está tirando a selfie, meus tios estão ao fundo se abraçando, tio Luca está fazendo pose – lindo e estiloso como sempre – e a minha mãe comendo uma torta cor-de-rosa que eu já imagino o sabor.

Que saudade!

Amber: *Como vocês estão?*

May: *Todos bem. Apenas Genô não veio, estava indisposta. Sua mãe não falou de outra coisa a não ser você, está tão orgulhosa que tivemos que empurrar a torta de morango na direção dela para que calasse a boca! Haha*

Solto uma risada.

Meu pai e eu usávamos da mesma estratégia às vezes.

May: *E por aí?*

É agora...

Amber: *Tudo bem. Hum... quero te perguntar uma coisa.*

Levo a mão à boca, ansiosa pela sua resposta. Estou um pouco constrangida em falar disso, mas não há pessoa que me deixe mais confortável para conversar sobre o assunto senão May.

May: *Pode falar.*

Digito rápido, sem pensar muito.

Amber: *Assim, você me disse uma vez que acha possível conciliar as coisas. Sabe, exercitar o cérebro e ter uma visita de P de vez em quando.*

May: *(emoji rindo)*

May: *(gif de P rodando, imitando a hélice de um helicóptero)*

May: *Claro que dá, amiga! Pau faz bem pra saúde.*

Resolvo tomar o último gole da minha bebida bem quando ela envia o gif, acabo engasgando e tossindo alto assim que vejo. Olho para a porta e respiro fundo, será que ele escutou? Não, e também não tem como saber.

O chuveiro ainda está ligado.

Amber: *MEU DEUS, MAY!*

May: *Você faz medicina, pelo amor de Deus! Já viu um pau antes.*

May: *Mas vamos lá! Se me mandou isso, parece que finalmente uma luz se acendeu nessa sua mente fantástica. Ai, eu nem acredito! Esperei tanto por esse momento.*

May: *É o cara que está morando com você, não é? Só pode ser, você nunca me mandou coisas assim antes.*

May: *Meu pai amado, ele deve ser quente.*

May: *Quando vou receber uma foto mesmo?*

May: *Acha que consegue tirar uma dele pelado?*

A sequência absurda de mensagens me deixa tonta, mas me fazem rir, um pouco encabulada. No fundo, sou tão introvertida quanto curiosa. Com Taylor, um pouco mais do segundo ultimamente.

Amber: *Respira, May!*

May: *Estou respirando, e vou te ligar.*

Arregalo os olhos e digito rápido.

Amber: *Não, não! Ele está aqui agora, não me mata de vergonha.*

May: *Tá bom, tá bom. Vamos à parte interessante, então...*

May: *Você quer dar pra ele, não quer?*

Suspiro.

Amber: *Apenas pensei que faz sentido o que você disse. Sexo sem compromisso e tudo mais. Relacionamentos continuam fora dos limites para mim, sabe que eles seriam uma distração do meu objetivo. Mas se eu seguir assim, vou formar com 24 anos sem ter ficado com ninguém.*

May: *É bem capaz de continuar assim até a sua especialidade. Transar pela primeira vez com quase trinta anos seria deprimente!*

Sim, seria. Se fosse uma escolha pessoal por celibato ou porque meu sonho é me casar virgem, tudo bem. Mas não é nada disso, não mesmo. Fora que eu também tenho desejos. Como toda mulher, gosto de beijar e estou curiosa para saber como seria ficar com um homem. Sozinha, eu já gosto muito da sensação.

Ainda mais um como Taylor, que é lindo, tem aquele jeito que sabe o que faz, e tem um corpo que seria capaz de me cobrir inteira. May tem razão, ele é quente! E não vou mentir, dei uma boa olhada no P dele também. Com as calças de moletom e pela manhã, enquanto ainda está dormindo, é claro. É impossível não notar tamanha... generosidade.

May: *Ele é legal, não é? Porque apesar de ser sexo sem compromisso, é sua primeira vez. Não queremos que você acabe traumatizada.*

Abro um sorriso.

Não mesmo. Se já estou demorando tanto para ficar intimamente com um homem pela primeira vez, imagina só se for um completo fracasso. Papai ficaria feliz, mas não quero ser freira.

Amber: *Ele é, sim.*

May: *E você é linda, aposto que ele está passando apertado. Qual o problema então?*

Amber: *Não sei se ele está interessado...*

Noto como me olha, é claro que sim. Aquela encenação nada inocente para a sua peça daqui a alguns dias também não sai da minha cabeça, podia jurar que iria ceder naquele instante e me beijar.

Será que ele se impede porque está morando comigo e tem medo que as coisas saiam do controle? Olhando para mim, Taylor deve pensar que sou uma garota fácil de se apaixonar, e talvez tenha medo que eu caia de amores por ele e, sem me corresponder, acabe sem um teto para morar.

May: *Como assim?*

Amber: *Não controlo muito o que digo, sabemos disso. Dei muitas pistas de que ficaria com ele. Pelo menos, uns beijinhos.* Mas ele nunca demonstrou nada.

May: *Esse homem tem um tremendo autocontrole, isso sim! Deve estar descabelando o palhaço todo dia no banho.*

Falando nisso... o chuveiro continua ligado.

Amber: *Não sei. E não sei o que fazer quanto a isso.*

May: *Larga seus pijamas coloridos de menininha e começa a usar aquelas camisolas que minha mãe te presenteou. Aquelas francesas que custam o rim de uma pessoa normal, sabe? Se ele não subir nas paredes depois disso, ele é gay.*

Rio, porque sei que May disse isso para me fazer sentir melhor. A verdade é que, talvez, eu possa estar muito mais atraída por ele do que ele por mim, e tudo bem. Às vezes, o interesse que temos por uma pessoa não é correspondido, e não há nada que

possamos fazer quanto a isso. Ninguém é obrigado a gostar de ninguém, somos obrigados apenas a ter consciência dos nossos atos, a ter responsabilidade emocional. E eu sei que Taylor não me faria sofrer intencionalmente. Juntaria suas coisas e sairia dessa casa sem olhar para trás muito antes disso.

Amber: *Às vezes, você me assusta!*

Amber: *Vou pensar melhor nisso, mas agora eu tenho que ir. Preciso estudar, tenho um teste amanhã (carinha triste).*

May: *Tudo bem, qualquer novidade me liga.*

May: *P.S: Quero a minha foto. Beijos!*

Rio. O dia que eu conseguir tirar uma foto daqueles oito gominhos sem ele ver, faço um pôster e prego no teto para dormir olhando.

Volto o meu telefone para a mesa e suspiro, tentando fingir que estou focada na minha leitura quando o chuveiro finalmente é desligado. Até pego a minha lapiseira e finjo rabiscar para concentrar meu foco, mas quando a porta se abre, fatalmente dou uma espiada.

Papai, papai...

Não diga que eu não te avisei.

O ruivo sardento, eu até entendo, mas isso... É pedir demais, poxa!

Envolto por uma nuvem quente e cheirosa de vapor, Taylor sai, passando os dedos pelos fios molhados. Ele esqueceu de pegar a droga da roupa de novo. Algumas gotículas devem estar pingando no meu carpete fofo e caro, mas quem é que liga?

Pele bronzeada, músculos fortes e delineados, aquele V marcado na bacia e oito gominhos perfeitos decorando sua barriga sarada. Para piorar, ainda tem o peitoral largo e braços fortes com bíceps pronunciados. Daria para estudar a anatomia humana inteirinha nesse espécime.

Quando finalmente consigo fitar seu rosto, ele tem os lábios curvados em um sorriso. Ligeiramente constrangido e um pouco satisfeito. Taylor dá de ombros e pede desculpas antes de vasculhar a cômoda à procura das suas roupas. Com as duas mãos, acredita? Ele deve ser um mestre dos nós, porque a maldita dessa toalha nunca caiu. Nem uma vez!

Assim que escolhe as peças, ele volta para o banheiro. Em cinco minutos, está de volta: seco, cheiroso e vestido com calças de moletom cinza, blusa branca e um par de meias. Meticuloso, como sempre.

— Está sentada aí há horas, vai acabar com a bunda quadrada. — Comenta ele, caminhando na minha direção. Taylor pega a garrafa de energético na mesa e faz cara feia. — Essa é o quê? A terceira?

— Segunda. Tenho muita coisa para estudar.

— Sei disso, mas assim não vai absorver nada. Chega um ponto em que não adianta insistir, nem com todo energético do mundo. — Ele cruza os braços. — E acho que você já atingiu esse ponto há umas duas horas.

Faço bico.

— É uma prova difícil... — tento argumentar.

Taylor olha por alto meus livros e anotações, e suspira quando nota que não vai adivinhar apenas bisbilhotando.

— Qual a matéria?

— É uma prova geral de estruturas básicas do corpo humano. Pode cair qualquer coisa de circulação, parte óssea, muscular e articular. Ou seja, é *enorme!* — arrasto a palavra com frustração.

— Certo. Percebi que isso vai demorar. — Ele sorri. — Você separa as anotações mais importantes e eu vou fazer um café, que tal? Vou te ajudar a estudar.

Pisco, surpresa.

— Vai... me ajudar?

— Vou. Você me ajudou a ensaiar para a peça, lembra? — *Como se eu conseguisse esquecer...* — Acho uma boa oportunidade de retribuir o favor.

Como disse, Taylor é sempre muito grato.

— Tem certeza? Deve ter suas coisas para fazer.

— Relaxa Thompson, estou com tudo sob controle. No máximo, tenho uma louça para lavar — ele brinca, sorrindo.

Sorrio também.

— Então eu aceito, obrigada.

— Já volto!

Ele se afasta, mas eu o chamo, fazendo com que se vire novamente na minha direção. Incrível como não reparei antes como o bumbum dele fica lindo nessa calça. Deve ser mais firme que o meu. Maior também.

Ergo os olhos de volta para os seus, mas acho que ele percebeu.

— Faz o café do jeito que eu gosto? — peço, manhosa.

Taylor demora a me responder.

— Pensando bem, não vou fazer café. Você bebeu muito energético e eu não quero que acabe tendo uma parada cardíaca aqui comigo. — Ele estremece de forma exagerada, como se estivesse sentindo um arrepio ruim. — Seria um desastre porque não faço ideia de como socorrer alguém.

Abro um sorriso pequeno, gosto como não pisa mais em ovos comigo. Se fosse na primeira semana, assim que se mudou para cá, Taylor teria se retratado pela piada devido a história do meu coração. Mas hoje não, e isso mostra que estamos nos conhecendo bem. Ele sabe que não ficarei chateada por isso, ao contrário, que gosto da maneira sem cerimônias com a qual me trata.

Taylor volta com duas xícaras de chá alguns minutos depois.

Faço uma careta? Faço, mas não adianta.

Para piorar, é de camomila. Odeio camomila! A caixinha só está disponível na minha despensa porque Dona Bárbara a abasteceu, com a justificativa de que eles poderiam me ajudar com o estresse.

Tomo apenas um gole pequeno, já que ele teve o trabalho de fazer e deixo a xícara de lado. Então nós vamos para minha cama, Taylor fica deitado de lado, voltado para mim na ponta do colchão, e eu fico sentada com as costas apoiadas na cabeceira com uma almofada no colo. Há uma imensidão de livros entre nós.

Taylor falou sério sobre me ajudar, não fez nenhuma piada ou me deixou fazer corpo mole. Repassamos tudo sobre circulação e algumas estruturas básicas com ele me pedindo explicação dos tópicos que vê nos livros. Dessa forma, consigo revisar o conteúdo de forma leve.

Agora, falta finalizar apenas a parte muscular.

— Vamos lá, Thompson! — Ele tenta me encorajar. — Estamos acabando.

Abro os braços dramaticamente, piorando minha postura de propósito com uma careta. Espero conseguir passar toda preguiça que estou sentindo.

— Eu tô cansada, Taylorzinho! — Faço charme.

— De onde você tirou esse apelido ridículo? — pergunta rindo, inconformado.

Eu abro um sorriso enigmático sem respondê-lo. Digamos que possuo um bom tato para apelidar as coisas, veio do DNA do papai.

O bom gosto é discutível.

— Sei que está cansada, mas a prova amanhã vale 30% da sua nota, não é? Repetiu isso uma dezena de vezes! Então vamos terminar isso aqui e você não vai acordar de madrugada com peso na consciência para estudar mais um pouco.

Arqueio uma sobrancelha, surpresa.

— É claro que eu reparo nisso — esclarece, diante a minha expressão. — E na próxima vez que isso acontecer, prometo que vou te agarrar nessa escrivaninha. E depois, vou te prender em cima dessa cama.

Oh-ou, péssima escolha de palavras.

É brincadeira V, não se anima não!

— Sabe, a gente podia jogar alguma coisa.

Taylor estreita os olhos para as minhas palavras, sorrindo.

— Por que eu acho que não vou gostar do final dessa frase?

— Porque provavelmente você tem razão.

— Qual jogo?

Mordo o lábio.

— Strip pôquer.

— Amber...

Não sei se sua careta é porque se lembra da noite em que Olívia sugeriu que Jason deveria tentar o jogo comigo, ou por outro motivo qualquer. De toda forma, eu não me abalo.

— É só uma brincadeira...

— Em que as pessoas acabam peladas. Sim, eu sei. Não vai rolar.

Foco, Amber.

— A gente não precisa ir tão longe, é só pra ficar divertido — eu atenuo, usando toda a minha persuasão. — Você anda sem camisa pela casa, qual o problema? Sinto como se não tivesse nada aí que eu já não tenha visto.

Estou me referindo aos seus oito gominhos, claro. Mas Taylor enviesa os lábios, mais debochado do que nunca, fingindo entender errado.

— Confie em mim, você não viu tudo. Falta muita coisa.

— Então o que acha de a cada resposta certa minha, você tirar uma peça sua? — Ofereço, começando a ofegar. — Isso me animaria.

— Acho que vou te levar à missa no Domingo, isso sim.

Bufo, chateada.

— Estou falando sério!

— Tudo bem, tudo bem... — Acata, malcontente. — Mas e se você errar?

Minhas bochechas coram, mas eu ergo o queixo, disposta a não recuar.

— Aí a peça que sai é minha — respondo mais baixo. — Mas eu estudei muito, com e sem você. Estaria mais preocupado se estivesse no seu lugar.

É uma péssima ideia.

Eu sei disso e ele também sabe.

Contudo, nenhum de nós dá muita importância para o fato, evitando pensar nas consequências a longo prazo. Ao som do meu coração retumbando forte no peito, Taylor puxa o livro para si, procurando uma pergunta. Por fora, tento manter meus olhos nos seus, mas não consigo evitar mexer insistentemente no cabelo. Não tenho vergonha do meu corpo, embora desconfie que provavelmente não sou a garota mais bonita que ele já viu. Estou mais nervosa pelo que pode acontecer.

Não deu tempo de pôr em prática o que May sugeriu há pouco. Mas, por sorte, estou com uma camisola azul-escura hoje. De repente, no entanto, fico apreensiva ao tentar recordar o modelo da minha calcinha e não conseguir. Todas são bonitas, sou mimada com todo tipo de roupa, inclusive *lingeries*. Mas amo cores, então tenho arco-íris no armário. Amarelo, por exemplo, não seria sexy. Ainda mais com esta camisola, não iria combinar.

Droga, espero que seja da mesma cor.

Ou preta, ele gosta muito de preto.

Sei que somos amigos, e eu quero que continue sendo assim. Não quero amor, não quero romance, não quero nada nisso. Mas beijo não mata, poxa. Uns amassos sem compromisso também não.

— Qual o músculo mais longo do corpo humano? — indaga ele.

Abro um sorriso enorme.

Essa foi moleza!

— Músculo Sartório — respondo e deslizo meus olhos por ele. — A camisa. Eu quero que você tire a camisa.

Taylor ergue as sobrancelhas.

— Vamos poder escolher?

— Claro.

Ele sorri, descrente, e olha para mim uma última vez antes de obedecer, puxando a camisa pela parte posterior da gola até retirá-la do corpo. Prendo a respiração, e logo depois suspiro em contentamento. Será que ele toparia me deixar deitá-lo e correr com um pincel pelo seu corpo, desenhando as artérias e veias principais? Posso jurar que aprenderia bem rápido assim. Seria um exercício ótimo!

— Já que abriu esse sorriso petulante Thompson, me diga o principal músculo responsável pelo sorriso.

Ai, ai... Outra fácil, Taylorzinho.

— Zigomático maior — respondo quase saltitando — Agora a calça!

Taylor gargalha, negando.

— Que diabos deu em você?

— Eu acertei, estou escolhendo.

— Não sei se notou, mas estou usando meias.

Rolo os olhos.

— Tudo bem! As meias então.

Elas saem e ele volta a se sentar. Percebo que a situação é mais grave do que pensava quando até seus pés parecem sexys. Longos, magros e bem cuidados. Já ouvi algo sobre certa teoria...

— Vou fazer uma difícil. — Anuncia ele, antes de voltar sua atenção para o livro. Alguns segundos se passam até que olhe novamente para mim. Dessa vez, com um sorriso diabólico. — Cite todos os músculos do manguito rotador.

— Supra-espinhal, infra-espinhal, subescapular e.... hum...

— Falta um.

Droga, eu sei que falta um.

Qual é o quarto mesmo?

Meu cérebro não consegue raciocinar com clareza e olhar o peito nu de Taylor ao mesmo tempo. Mal começo a contar os músculos mentalmente e já estou viajando no desenho do seu corpo de novo. Ele corre periodicamente e, quando sai mais cedo, vai caminhando para a faculdade, então, apesar de comer como se o mundo fosse acabar, é ativo fisicamente. Mas não parece ser o bastante para tantos relevos perfeitos.

Sabe, vai ver Taylor Holt tem uma parcela de culpa no aquecimento global.

— Eu não lembro — admito vencida.

Estou triste por ter esquecido, não posso fazer isso amanhã. Mas me concentro no presente, afinal, agora terei que dar conta da brincadeira safada que arranjei.

— Sabe o que isso quer dizer, não sabe? — Ele sorri perverso e desce os olhos por mim lentamente. — Eu quero que você tire... — Sinto cada pelo do meu corpo eriçar, principalmente quando ele ameaça inclinar o corpo semi nu na minha direção. — As meias.

Pisco, uma e outra vez.

Completamente surpresa.

— As... meias? Sério?

Não sei se estou aliviada ou decepcionada.

Mentira, acho que sei sim.

— O que achou que eu fosse pedir?

— Não sei! A camisola, talvez... — Erubesço. — Ou a minha calcinha.

Taylor engasga com a saliva antes de me olhar, e umedecer os próprios lábios com a ponta da língua. Se já não conhecesse meu jeito, com certeza teria ficado escandalizado. Mas ao contrário, ele parece divertido. E o sorriso que surge em seus lábios em seguida é a minha perdição.

— Se eu ver sua calcinha algum dia Amber, não será nessas condições — diz com suavidade, com a confiança que apenas um homem como ele poderia possuir. — Então, por favor, tire essas meias fofas para mim.

Esticando minhas pernas sobre a cama, inclino e retiro minhas meias cor-de-rosa. Cansada da brincadeira, retiro também os livros do caminho, inclusive o que está não mãos dele, e me sento a um palmo de distância.

— Queria conversar com você — disparo, decidida a expor meus últimos pensamentos.

Taylor me analisa e depois nega.

— Está tarde.

— Eu sei.

— É melhor você dormir agora para acordar bem amanhã.

— Meu sono passou — argumento.

— Se deitar a cabeça no travesseiro, ele vai voltar — devolve com aquela maturidade própria dele, que faz eu me sentir muito

mais nova do que eu realmente sou às vezes. — Podemos conversar sobre qualquer coisa que quiser depois da sua prova, ok?

Aquiesço contrariada.

Observo Taylor se levantar, agigantando-se sobre mim. Ele afasta uma mecha do meu cabelo e se inclina para beijar a minha bochecha, naquele mesmo ponto próximo a minha comissura labial. No limite do respeitável.

Meu corpo inteiro esquenta com o gesto.

Aceso, e pedindo por mais.

— Se eu ver você levantando para ler algo, juro que levanto e escondo esse livro de você — adverte, me fazendo sorrir. Embora eu tenha gostado mais da primeira ameaça. — Você estudou o suficiente e está preparada, vai se sair bem. Agora precisa de uma boa noite de sono.

Anuo, movendo a cabeça.

— Obrigada.

Não agradeço apenas pela sugestão, mas por tantas outras coisas que vem fazendo por mim. Ele não tem a mínima obrigação, mas mesmo assim se importa e cuida de mim.

Taylor se preocupa.



Hoje tenho uma aula bem cedo, então adiantei o despertador para conseguir fazer um café fresco antes de sair. É o acordo, regra número sete se não me engano: *“Quem acorda primeiro, faz o café”*. A lista sumiu outra vez, mas eu sigo a maior parte dela à risca.

Mudo de ideia quanto à bebida no meio da tarefa e espremo algumas laranjas, o bastante para encher dois copos grandes. Entro no quarto de Amber e encontro-a dormindo em uma posição estranha, de barriga para baixo com uma perna encolhida e os braços abertos, ocupando todo o colchão.

Espaçosa, não deve ter engatinhado quando criança...

Chegando mais perto, vejo seu rosto sereno: pálpebras cerradas, respiração tranquila e uma mecha de cabelo tapando parte do rosto, pousando as pontas em seus lábios. Não, não é uma cena bonita. Amber está desgrenhada e babada, o cabelo embolado e uma marca de saliva no travesseiro. Tão natural que me faz sorrir.

Pouso o copo na mesa de cabeceira, utilizando um dos porta-copos que recebo broncas por não usar. Procuro uma folha de papel e encontro uma pilha meticulosa ao lado do seu notebook na escrivaninha, mas desisto da ideia quando penso melhor. Sei que o mais eficiente para atrair sua atenção está no banheiro.

Pego apenas uma caneta e vou até o *planner* que ela mantém no espelho. Demoro para achar um espaço vago e fico satisfeito por, ao acaso, ter pego uma caneta colorida, fácil de distinguir das demais anotações.

Escrevo uma mensagem:

"Bom dia, Thompson. Se não viu o suco, ou ignorou, está na mesa de cabeceira. Volte e beba, por favor. Nada de café ou energético, você abusou ontem.

Boa sorte na avaliação de hoje. Tente não pensar demais, sei que vai arrasar como sempre. Toda informação que precisa está nessa sua mente esperta.

Ah, está um gelo lá fora. Não saia sem casaco."

Ela vai ficar chateada quando ver que ocupei todo espaço livre do papel, mas paciência.

Saio de casa em seguida, a passos apressados. Possivelmente vou me atrasar por causa do bilhete, mas não me importo. Amber me ofereceu várias vezes seu carro, e deixa a chave no aparador sempre que está em casa ou quando não precisa dele, mas não me sinto bem em usufruir disso. Nem mesmo estando atrasado.

Já sou grato demais por tudo que tenho aqui.



Saio do teatro ao fim da aula, tendo minha expressão enfadonha sendo substituída por um sorriso assim que pesco o celular no bolso e vejo uma mensagem de Amber.

Os ensaios estão sendo cansativos, sobretudo porque não me identifico com o papel. Estou acostumado a fazer as pessoas rirem, especialmente as crianças, mas estar encarnando Shakespeare, como o próprio Romeu, é diferente. E chato pra cacete!

Matraca: *Oi, tive uma aula cancelada. Podemos voltar juntos para casa.*

Ela enviou o texto há alguns minutos.

Engulo em seco quando meus dedos digitam uma mensagem automática, tão natural que sequer exigiu uma reflexão complexa. Isso está começando a me assustar. A realidade de que Amber e eu agora temos vidas interligadas, entremeadas como um campo de rosas. O problema é que sou eu quem tem os espinhos, sou eu a pessoa com o maior potencial para nos machucar.

Taylor: *Acabei de sair do teatro. Ainda está por aqui*?

Ajusto a alça da mochila no ombro e caminho a esmo, verificando as notificações no celular. Alisson, a garota que ajudei no começo do semestre e também minha atual Julieta, acaba de me

seguir no Instagram. Não conversamos muito, não algo que não seja relacionado aos ensaios ou ao *script*, mas ela parece ser uma garota legal.

Outra mensagem de Amber chega, atraindo toda a minha atenção.

Matraca: *Sim, passei na cafeteria. Sabe que não sou nada sem meu café e alguém me sabotou essa manhã.*

Solto uma risada baixa.

Taylor: *Estou cuidando de você.*

Matraca: *Tá, tá! Mas continua sabotando meu café e teremos um problema.*

Sorrio. Ela pode dizer o que quiser, nos dias que exagerar na dose, vou continuar fazendo suco de laranja pela manhã.

Taylor: *Onde você está?*

Matraca: *Perto da biblioteca e você?*

Taylor: *Parque.*

Matraca: *Chego logo. Você está mais perto de onde estacionei o carro.*

Taylor: *Ok.*

Sento-me no banco, sacando uma cópia folheada de *Orgulho e preconceito* da mochila e abrindo onde pausei na leitura. Será útil para matar o tempo até ela chegar.

Fico concentrado poucos minutos antes de uma mão tapar meus olhos. Pela risada infantil e pelo tamanho das palmas, não levo dois segundos para adivinhar quem é. Escondo suas mãos com as minhas, tão maiores, e tento me soltar, mas ela não cede, insistindo em perguntar quem é.

— Diz quem é — insiste, infantil.

— Eu sei que é você, Thompson.

Amber me liberta e cruza os braços na cintura.

— Você é um chato às vezes, sabia?

Rindo, eu me levanto e a puxo para perto, seguro seus braços pelos cotovelos e subo para envolverem meu pescoço, enlaçando sua cintura fina logo depois para um abraço. Ela vem, naturalmente, me apertando contra o seu corpo pequeno.

Noto algumas pessoas passando por nós e sorrindo como se fossemos um casal de namorados. É quando eu a solto, imediatamente. Não tenho vergonha dela e muito menos que nos vejam juntos, mas porra, não somos um casal.

A realidade da nossa bolha – o apartamento – em que somos tão próximos, é uma área segura e sem julgamentos, aqui fora a realidade bate, assim como os diversos olhares surpresos por eu estar novamente com uma garota. Tendo em vista o que aconteceu no ano passado, um sentimento de autoproteção me toma. Não tenho nada a perder com o coração que tenho, ele já não bate mais, não tem esperança de conserto. Mas o dela não, o dela é bonito. É repleto de amor e compaixão... É puro. Não posso ser o responsável por estragá-lo.

— Oi. — Ela diz sorrindo, sem se atentar ao nosso redor e muito menos a briga interna que estou travando comigo mesmo. —

Como foi seu dia?

— O mesmo de sempre, ainda naquela peça. E o seu?

Ela faz uma careta, dando de ombros.

— Tirei um B no teste.

O tom triste da sua voz me faz suspirar.

— A nota saiu tão rápido?

— Eles nos revezaram na parte teórica e na prática, assim, enquanto realizávamos o teste, os professores tiveram tempo hábil de corrigir — explica ela. — Então eu tirei um B. Sabe o que significa isso? B de burra, Taylor!

Seguro a sua mão e não fico surpreso quando encontro as unhas com o esmalte desgastado nas pontas. Como eu a vi passando todo esse arco-íris em forma de esmalte recentemente, sei que o fez assim que recebeu a nota, nervosa e decepcionada consigo mesma.

Isso me incomoda tanto...

Odeio que não se sinta boa o bastante.

Queria que pudesse se ver com meus olhos.

Para mim, Amber é incrível por si só.

— Você não é burra, e sabe disso.

Ela dá de ombros.

— Não é o que o B na minha mochila está dizendo.

— Pelo amor de Deus, você deve ser a garota mais inteligente que eu conheço! — digo em tom gentil. — Junto com a minha irmã, claro.

Um sorriso luta para romper a tensão dos seus lábios, mas apesar de vencer a batalha, abrindo-se para mim, Amber faz uma negação de cabeça.

Compreendo que ela tem suas questões, assuntos dentro de si que ninguém será capaz de resolver além dela, tão mal resolvidos que precisarão ser trabalhados com o tempo. Mas a minha vontade agora é sacudi-la pelos ombros e implorar que entenda que não necessita pensar sempre no que fazer, que não precisa ter cada segundo da vida planejado e que não tem de ser perfeita sempre.

Amber tem direito de errar, de fazer besteira, de viver sem se sentir tão sufocada. E, principalmente, tem direito de fazer isso tudo sem se culpar todos os dias depois.

É natural, todos nós erramos. É assim que reconhecemos o sucesso quando ele vem, depois de entender e sentir como é cair diversas vezes. Somos humanos, e é assim que nós evoluímos. Mas entender isso não depende da sua família, da sua mãe ou do seu falecido pai – apesar de que tudo isso, adjunto, compor o estado mais caótico dela–, e também não cabe a mim. Essa é uma mudança que deve partir primeiro de dentro dela.

— Obrigada por dizer isso, mas eu sei a verdade. — Ela devolve no mesmo tom. — Preciso estudar e não perder em mais um ponto.

Mordo a língua para não retrucar e dizer que se ela passar mais tempo estudando, acabará sem dormir, porque é a única coisa que lhe falta fazer.

É um saco se importar com as pessoas. Depois que você começa não dá mais para parar, e ver quem gostamos se autodestruir é péssimo. Pior ainda quando não é a primeira vez.

— Vou discutir isso com você quando estiver com um *Mocha* em mãos — brinco para aliviar o clima. É isso que eu sempre faço, não é? — Assim você fica mais calma, emburradinha.

Amber ri, empurrando meu ombro e se pondo a andar.

— Está aprendendo hein! — diz sobre o ombro, depois de jogar os cabelos para trás de um jeito bonito.

Eu a alcanço, descansando o braço em seu ombro enquanto caminhamos. Tenho que diminuir as minhas passadas e andar no ritmo dela para não fazê-la sofrer, mas quem se importa?!

— Deus, você é muito chantagista! — Acuso e ela ri, sem se ofender.

Alguns passos depois, envolvidos em uma conversa fluida, noto Olívia vindo em nossa direção, conversando e rindo com Rachel. Riso esse que cessa, minando sua expressão contente, assim que nota nossa presença. Ou melhor, assim que nota a intimidade entre Amber e eu.

Sei porque ficou assim.

Sei o que entendeu.

— Oi, Liv — cumprimentei indo até ela para lhe dar um abraço.

— Oi... — Ela corre os olhos por nós mais uma vez. — Estão andando juntos para cima e para baixo agora?

— Olívia... — repreendo pela grosseria.

Minha irmã suspira, assentindo ao meu pedido. Continuo semanalmente me encontrando com ela no parque, conversando e a mantendo a par dos assuntos assim como faz comigo. Isso inclui falar sobre a minha situação com Amber por mais que eu sempre tente declinar. Não porque tenho algo a esconder e com certeza não por não confiar nela, mas ultimamente não compreendo o que está acontecendo. Sinto como se estivesse perdendo o controle.

Cumprimento Rachel e Amber faz o mesmo com as duas.

— Onde estavam indo abraçados? — Rachel questiona.

Quase reviro os olhos, nunca gostei muito dela. Rachel é mimada, e se acha superior a todos. Para piorar, além de abelhuda, é fofoqueira. O carma da sua vida é ser perdidamente apaixonada por Jason, caso que desde o ano passado eu espero vir à tona e estourar. Não por vingança, mas por ser um fato.

Seu amor não correspondido não vai demorar a se transformar em outro sentimento, obrigando todos ao redor a lidarem com as consequências. É o que dizem, não é? Entre o amor e o ódio existe apenas uma linha. Por sinal, muito fina.

— Para casa — Amber responde.

— Vocês parecem íntimos... — Liv comenta, movendo os olhos entre nós mais uma vez. — Está rolando alguma coisa que eu não sei?

Agora Amber e eu estamos lado a lado, com a postura ereta demais, o completo oposto do abraço relaxado em que estávamos caminhando. Estou pronto para responder quando as palavras de Amber atropelaram meu discurso apaziguador.

— Não. Taylor continua me dando beijos apenas na bochecha — responde e começa a tagarelar. — Somos apenas amigos. Eu não me importaria em dar uns beijinhos nele, não agora que sei que é solteiro e apenas seu irmão. Já até disse que a boca dele não vai cair, e também que nenhum de nós vai morrer por isso. Mas o Taylorzinho é duro na queda!

Belisco seu braço com um sorriso.

— Ai! — Amber reclama.

Os lábios de Olívia tremem em um quase sorriso e ela arqueia as sobrancelhas. Agora sua atenção está toda voltada para

Amber, até se esqueceu de mim.

— É mesmo? Então ele está se fazendo de difícil?

— Sim, e pra piorar ele ainda me faz passar vontade. — Amber responde com um tom chateado. — Ele andava seminu a todo momento quando morava com você? Porque lá em casa, sempre esquece de pôr uma roupa.

— Ele criou o hábito depois que ganhou músculos. — Olívia responde em tom de desdém, provocando uma risada em Amber.

Todo aquele esforço tinha de dar algum ganho, afinal.

— Ah, entendi! Sempre fiquei na dúvida se era apenas calor ou se ele queria mesmo sair exibindo seus oito gominhos por aí.

Até Rachel ri, dando uma checada nos meus braços nada sutilmente. A jaqueta está na minha mochila, o teatro estava quente demais para que eu precisasse usá-la. Mesmo com o tempo sereno aqui fora, não a coloquei novamente, ficando apenas com a camiseta branca.

— É um hábito. — Minha irmã confirma, olhando rápido na minha direção.

— Eu até criei uma lista de regras para ele parar com isso, mas não adiantou. Taylor sempre as some. — Amber continua tagarelando. — Só não descobri como ele faz isso ainda.

— Eu não faço nada, já te disse que é mágica. — Eu me defendo.

Ela olha para mim e revira os olhos.

— Está vendo? — pergunta, voltando sua atenção para a minha irmã. — Ele ainda tem a cara de pau de negar!

Elas riem e eu faço uma careta. Vejo dentro dos olhos de Olívia que ainda está mordida de ciúmes, mas fico feliz que esteja

se esforçando com Amber. Afinal, é o que faço com Gregory desde que nos apresentou. Mesmo com todas as minhas ressalvas e preconceitos, sempre o tratei com cordialidade.

— Acho isso um absurdo, porque sumir a lista tudo bem, mas ficar desfilando na minha frente é demais. Como se não bastasse, ele adora aquelas calças de moletom, sabe? Ele tem várias, e elas destac... Ai! — Amber guincha quando leva outro beliscão. Esse foi mais forte, sei bem o que ia dizer. Ela acha que eu não noto esses olhinhos safados dela, mas tomei vários banhos frios por eles. E eu odeio água gelada. — O que foi?

— Por favor, cala a boca! — Peço, rindo.

Ela pisca e olha para Olívia e Rachel à nossa frente, sendo finalmente compelida pela vergonha. Suas bochechas coram conforme repassa tudo o que disse, e agora que finalmente fez uma pausa, Amber percebe que não só disse tudo isso, como disse para minha irmã.

— Ah... Acho que eu... hum... vou ir buscar o carro. — Amber olha de relance para mim e abre um sorriso amarelo para as meninas — Prazer em ver vocês.

Observo-a sair, quase correndo e não consigo não rir acompanhando seus passos. Com um gesto de cabeça feito por Olívia, Rachel também caminha para longe, deixando-nos a sós. Bom, parcialmente, já que a orelhuda caminha devagar, doida para pescar um pedaço da conversa.

Concentro-me na expressão da minha irmã: olhos afiados e um sorriso pequeno nos lábios, quase imperceptível.

— E então... — Ela se aproxima, deixando transparecer um pouco mais do sorriso. Eu mantenho uma treinada expressão de

pôquer, que embora seja habilidosa, nunca enganou Olívia. — Isso foi curioso. Tem algo que quer me contar?

Nego, calmo.

— Não está rolando nada entre nós.

— Não *ainda*, você quer dizer.

Escondo as mãos nos bolsos do jeans, incomodado.

Sabe aquela conversa que Amber queria ter depois do nosso joguinho sem-vergonha? Pois é, nunca aconteceu. Ela acabou perdendo a coragem e eu não retomei o assunto, até porque pelo seu comportamento nos últimos dias, tenho uma vaga ideia do que queria discutir.

Não tenho plena certeza se resistiria, não com ela olhando fundo em meus olhos, pedindo abertamente por aquilo que pensei tantas vezes. É difícil pra caralho falar *não* para Amber com aqueles grandes olhos castanhos e aquela boquinha tagarela.

— Como assim?

— Ora, Taylor! — diz impaciente. — Conheço você durante a minha vida inteira, e acho que nunca te vi sorrir tanto assim como antes de se mudar para a casa dela.

— Tem sido legal, só isso. — Dou de ombros. — Somos amigos, Olívia. Apenas amigos.

Seus olhos se afiam mais e preciso me concentrar para não desviar os meus. É assim que ela pegava minhas inverdades na infância. Nunca a enganei quando mentia que não havia comido mais biscoitos.

— Está dizendo que não gosta dela? — pergunta, sondando.

— Não foi o que eu disse.

— Então você gosta.

— É claro que eu gosto, Olívia.

— Não desse jeito, Taylor. Você me entendeu.

Não posso ser hipócrita e dizer que não ficaria com Amber se a situação fosse outra. É uma tentação enorme tê-la tão perto com seus lábios rosados e agora seus recentes pijamas de cetim, andando pela casa. *Não sei quem está tentando me jogar no inferno sugerindo que ela os use, mas eu já estou sentindo as chamas na minha bunda!* Entretanto, misturar as coisas é um risco enorme, que não estou disposto a correr com a confusão em que a minha cabeça se encontra nesse momento.

Amber quer ficar comigo, mas ela não está disposta a abrir seu coração, posso sentir isso. Para mim, essa parte fácil de tesão livre e sem compromisso é justamente uma das mais difíceis. É mais fácil meu coração falecido voltar a bater do que eu ceder e levá-la para cama. E olha que o primeiro é bem improvável.

— Não sei porque pergunta algo que sabe a resposta, Liv — reclamo com certa impaciência. — Quantas vezes vou ter que te dizer que a única pessoa que ainda amo nesse mundo é você? Posso até gostar de Amber, mas não é a mesma coisa.

Olívia suspira.

— Ela quer ficar com você.

— Ela não está apaixonada por mim, se é o que está sugerindo.

Outro suspiro.

— Se você diz...

— Tenho certeza disso — aponto aborrecido. — Não vai acontecer nada, não estou disposto a tocar um dedo nela com a

minha cabeça fodida desse jeito. Sabe como esse assunto é delicado para mim.

Olívia se aproxima, e segura a minha mão.

— Está mesmo bem?

— Estou ótimo — confirmo em tom firme. — Amber cozinha maravilhosamente, nunca comi tão bem na vida. Ela é divertida e tem sido bom não estar tão sozinho. E o sofá dela, embora seja pequeno, é a melhor cama em que eu dormi. Não que seja difícil superar o alojamento.

Os olhos de Olívia amolecem, quase marejando, e eu me arrependo imediatamente pelas minhas palavras. Não quero levar a mente dela para aqueles momentos de novo.

Mas é inevitável...

— Ou o prostíbulo — comenta ela, lembrando-se com extremo pesar.

Engulo em seco, desviando o olhar do seu e assentindo.

Odeio pensar nesse assunto.

Odeio cada lembrança que tenho de lá.

Sinto tanto nojo que poderia vomitar agora mesmo.

Tudo nessa vida tem relação com sexo, exceto o próprio sexo. Sexo tem a ver com poder, como Oscar Wilde bem disse. Perdi as contas de quantas vezes isso se mostrou verdade. Sobretudo, quando o poder é infringido em alguém mais frágil, alguém que não é plenamente capaz de se defender.

— Desculpa, não quis tocar nesse assunto. Sei que você se incomoda. — Ela apressa-se em dizer. — Foi um comentário infeliz.

Coço a cabeça, assentindo.

É, foi sim.

O Audi vermelho vira a esquina, estacionando longe o bastante para não ser invasivo, mas razoavelmente perto para que eu possa vê-lo. Amber até finge estar alinhando o retrovisor quando eu a flagro olhando interessada na nossa direção, mas não é muito sutil na manobra.

Sou uma incógnita tão grande para ela que ainda não entendo como pode ser tão boa a ponto de me oferecer um teto.

— Já vou indo... — Beijo a testa de Liv. — Vejo você amanhã?

Minha irmã abre um sorriso largo, assentindo.

— Vou estar no parque te esperando.

Caminho em direção a Amber, tentando não pensar na sensação que está tomando meu corpo sempre que estou indo ao seu encontro, sabendo que isso irá ocupar muitas das minhas noites dali em diante.

O sentimento não está retrocedendo, ao contrário, está expandindo-se rápido e sinto que falta muito pouco tempo para me sufocar, para me fazer perder a razão e finalmente enlouquecer de vez.

Nunca foi assim.

Nunca senti isso.

Nem mesmo por Yasmin.



Amber

QUARTA SEMANA

Taylorzinho: *Você vai vir, certo?*

Abro um sorriso bobo quando vejo sua mensagem.

Amber: *Até parece que eu perderia isso.*

Amber: *Estou terminando de me arrumar.*

Isso é parcialmente verdade, só tomei banho. Ainda tenho que arrumar a bagunça que meus cabelos estão, escolher um vestido e usar um pouco de maquiagem. Não devo demorar muito de qualquer forma, mas imaginando como ele deve estar nervoso, decido omitir que estou atrasada.

Taylorzinho: *Senta na segunda fila quando chegar, ok? Reservei um bom lugar para você e Olívia.*

Amber: *Tudo bem. Quebre a perna.*

Amber: *É assim que falam, não é?*

Taylorzinho*: (Risadas)*

Taylorzinho: *É sim. Chega logo.*

Culpada com a ideia de chegar após o início da peça, escolho logo um vestido verde-água de mangas compridas e comprimento curto. Tomo tempo para modelar o cabelo, aprisionando as mechas em um coque frouxo, e cinco minutos para a maquiagem. Então saio apressada de casa, pegando meu embrulho, grata por encontrar o elevador vazio no meu andar.

Como o teatro é próximo do apartamento, mesmo com saltos, não vejo necessidade de utilizar o carro, prefiro ir caminhando.

Quando finalmente chego ao local, respiro fundo. Já fui ao teatro diversas vezes e não é uma superprodução, apenas uma peça estudantil. Mesmo assim, estou inexplicavelmente ansiosa.

Admiro por poucos segundos o ambiente, notando como foi bem arrumado. A iluminação é amarelada e estão terminando de checar o som, as pesadas cortinas vermelhas ainda estão fechadas e o espaço está quase lotado.

Começo a conferir os cartões colocados sobre os assentos na segunda fileira, como Taylor disse, e sorrio quando encontro um com meu nome. Sento-me e coloco a caixinha que trouxe sobre o colo. O cartão ao lado é de Olívia, mas ela ainda não chegou.

Para matar o tempo, navego pela rede social, sorrindo quando encontro uma foto de May e um garoto bonito, de cabelos loiros e olhos azuis ao seu lado. Pela expressão dela, tenho certeza não são apenas amigos. Vou cobrar explicações mais tarde.

Sinto alguém se sentar ao meu lado, então bloqueio o aparelho e me preparo para o discurso simpático que treinei em casa. Estou cansada de fazer papel de boba na frente de Olívia. Mas estaco surpresa ao me deparar com outra pessoa.

— Jason?

Ele sorri.

— O próprio. Ou você já se esqueceu do meu lindo rosto? — pergunta charmoso.

Franzo o cenho, ainda sem entender.

— O que está fazendo aqui?

— Vim ver a peça.

Deslizo os olhos por ele e noto como está bem vestido. Ao contrário das vezes em que nos encontramos, não está de moletom ou o casaco do time, apesar de eu reconhecer as marcas de grife até mesmo em seus trajes casuais. Agora ele está com uma camisa simples e um blazer Armani.

Lindo, tenho que admitir.

— Para irritar o Taylor? — eu indago.

Ele exala e olha para frente, fitando as cortinas. A verdade é que esse assunto não mexe apenas com Taylor, mexe muito com Jason também, percebo isso agora.

— É mais complicado que isso. — Volta a olhar me olhar. — Pode ser uma surpresa para você, mas nem tudo que faço tem a ver com o Ty. Muito menos é pensado calculadamente em machucá-lo, Amber. Tenho amigos no curso de teatro.

— Não foi o que eu quis dizer — aponto suavemente. — Mas sabe como ele vai se sentir quando te ver aqui.

Ele ri, sem humor.

— Não vou sentar aqui do seu lado, só vim conversar um pouco com você — explica. — E quanto a isso, bom, pode até parecer, mas o mundo não gira em torno dele.

Levanto as sobrancelhas, surpresa com a sua alegação. É a primeira vez que não vejo o deboche predominando em seu tom, há algo mais.

— O que aconteceu com vocês? — *Até parece que eu não ia perguntar.*

Jason me fita por um longo tempo, mas nega.

— Não acho que cabe a mim falar. Ainda mais agora que vocês estão juntos.

Meu cenho se franze.

— Não estamos juntos.

Um sorriso pequeno se desenha em seus lábios.

— Ah, não?

— Não, nós... — Hesito, procurando uma resposta. — Estamos morando juntos, mas não estamos *juntos*. Não desse jeito.

Seu sorriso se amplia conforme ele aquiesce.

— Entendi.

— Então você pode me contar o que aconteceu... — Tento de novo.

— Eu não saberia nem por onde começar. — Pelo seu tom, a resposta parece ser dada a ele mesmo e não a mim.

— É tão ruim assim?

— O lance entre nós não foi. Não teoricamente. — Assisto a coluna de sua garganta se mover, trabalhando arduamente. — Mas veio depois de muita, muita merda.

— Eu não entendo...

— Taylor não te contou nada, não é? — Eu respondo com um gesto de cabeça, negando. — Imaginei. Ele é muito fechado, sempre foi.

— É frustrante!

— É, sim. Mas todos que gostam dele aprendem a ter paciência. Eu diria a você que vale a pena, mas não posso. Não com a rixa entre nós — rechaça com um tom estranho. — O trauma dele é fodido, Amber. Tão fodido que se fosse eu no lugar dele... Sinceramente, não sei se teria aguentado.

Suspiro, buscando o ar que parece ter fugido do ambiente. Até a saliva parece difícil de engolir agora, com a minha mente simulando diversas situações. Nenhuma delas é agradável.

— Ele demorou a te contar?

— Nos conhecemos ano passado e foi quase no fim do segundo semestre que Taylor se abriu sobre algumas coisas — Jason responde. — Não tudo. Sobre a sua infância, ele não fala muito. Soube mais do que aconteceu depois, parte da adolescência até quando estava quase na maior idade. A única pessoa que realmente sabe de tudo é a Olívia.

Obviamente.

— Exatamente, e você não deveria estar falando nisso. — O tom cortante de Olívia atrai nossa atenção. Ela está parada próxima de nós, tão perto que eu estranho não ter notado antes. Droga. — Pode dar licença do meu lugar?

Jason sorri e puxa minha mão direita para dar um beijo antes de sair e sumir em direção ao fundo do teatro. Olívia então se senta ao meu lado, colocando a bolsinha preta no colo. Ela está linda com um vestido de mangas curtas da mesma cor. Nesse tom tão básico, seus olhos se destacam, ficando ainda mais parecidos com o do irmão, o tom de azul tão profundo como uma parte do mar.

Apesar da beleza, agora eles estão doloridos.

— Está interessada no Jason? — cospe ela.

Quase mordo a língua diante da minha surpresa.

— Não! — respondo de imediato. — Só estávamos conversando.

— Sobre meu irmão, eu percebi — escarnece, movendo a cabeça. — O que acha que Taylor iria pensar se soubesse disso? Se ele não se abriu é porque não se sente pronto, Amber.

Desvio os olhos dos seus, envergonhada.

Ela estava começando a ser legal comigo, mesmo com a minha boca grande, e agora voltamos à estaca zero. Nunca pressionaria Taylor, tanto é que em todas essas semanas eu não o fiz, mas sei o que pareceu. Ainda mais para Olívia que flagrou a conversa pela metade.

— Sei disso. E não quero pressioná-lo, não mesmo — começo a me explicar. — Mas ele sabe coisas pessoais sobre mim, Olívia. Coisa muito íntimas, e não me conta nada dele. Nós dividimos a mesma casa, a mesma cozinha, o mesmo banheiro... Temos uma rotina. Apesar de tudo isso, às vezes, por mais carinhoso que seja comigo, ainda sinto que é um estranho.

É Olívia quem parece engolir em seco agora.

— Você gosta dele? — pergunta olhando profundamente para mim.

Mais do que me parece saudável.

— Gosto.

— Estou falando de verdade, Amber — diz ela quando eu respondo rápido demais.

— Não assim... desse jeito — respondo, sem conseguir ser firme nas palavras. — Mas eu me preocupo, nós somos amigos.

— Tem que ser muito burro para não notar onde isso vai parar... — resmunga ela, e eu não entendo bem o que diz.

— O quê?

— Nada. — Olívia gira o corpo na minha direção. — Olha, fui em quem contei ao Taylor sobre o seu transplante, ouviu? Eu vi o Fontaine na sua ficha e, bom, uma coisa levou a outra.

Pisco, atônita.

— Você o quê?

— Eu sei que foi errado, mais ainda contar para ele. Eu sinto muito, Amber... — diz ela, soando sincera. — Não sei como passaram por isso, se ele mentiu ou algo assim. Mas essa é a verdade, foi um erro meu que Taylor protegeu porque é isso que ele sempre faz, acoberta e me defende acima de tudo.

Respiro fundo, sem saber ao certo como digerir isso.

Provavelmente, eu deveria ficar brava, mas esse fato me uniu a Taylor. Se eu soubesse disso assim que bateu na minha porta aquele dia, acho que teria ficado chateada e talvez isso até me impedisse de lhe oferecer ajuda. Contudo, hoje, depois de tantas semanas e de conhecê-lo melhor, não me sinto da mesma forma.

— Está brava? — pergunta.

As luzes se apagam e um burburinho baixo começa. Não estamos completamente no breu, mas é difícil distinguir muito mais do que a silhueta de corpos na plateia.

— Acho que não. No fundo, eu até compreendo. Vocês dois são assim, muito próximos. E, bom, é uma situação bem particular, entendo porque contou a ele — digo por fim.

— Está falando sério? — Ela parece surpresa.

— Estou. Mas nunca mais faça isso, Olívia — ressalto com seriedade. Uma coisa é ficar enraivecida pelo fato, outra bem diferente é ignorar o que ela fez. Posso ser empática, mas não sou idiota. — Da mesma forma que Taylor tem direito de resguardar seu espaço e contar o que passou e como se sente em relação a isso apenas quando se sentir confortável para tal, eu também tenho. Não foi justo você ter me tirado esse direito.

— Tem toda razão. Eu sinto muito.

Suspiro, dando de ombros para encerrar a conversa. Não posso ter certeza se ela capta o movimento, mas imagino que sim.

— Acha que ele vai me contar um dia? — interpelo após algum tempo.

Ela demora a responder. Pelos ruídos, os assistentes de palco seguem ajeitando os últimos detalhes com as cortinas ainda fechadas enquanto aguardamos.

— Se quer saber, acho que Taylor gosta e confia em você. Mas esse não é um assunto fácil para ele. — Olívia pausa, suspirando. Está pensando no que pode me contar, eu imagino. — Aconteceram muitas coisas conosco quando éramos crianças. Eu sofri, mas com meu irmão foi muito pior. Sou dois anos mais velha que ele e foi uma barra, então você pode imaginar. A pior coisa que uma criança na situação de Taylor pode fazer é criar coragem de ter esperança depois de tanto sofrimento. Depois que se faz isso, você começa a se importar. Então ao invés de vegetar, você está sentindo a mesma dor excruciante várias e várias vezes.

Entorpecida, abro e fecho os lábios, sem saber o que dizer.

— Ele abriu o coração repetidas vezes, Amber, recebendo apenas golpes duros como resposta... Até que finalmente

conseguissem matá-lo. — A voz de Olívia agora é ligeiramente embargada. — Estou te contando isso apenas porque não quero que faça o mesmo com ele. Se são apenas amigos, tudo bem. De verdade, não me importa que rótulo vão dar. Mas estou implorando para não ser mais uma pessoa a machucá-lo. Ele não aguenta mais.

Isso parte meu coração porque mesmo sem entender, mesmo em códigos, essa mensagem é triste. E eu odeio que Taylor tenha passado por tanta coisa, ainda mais tão jovem.

— Sinto muito que tenham passado por isso... o que quer que seja — digo, porque não posso esquecer que menos traumático ou não, também é a história de Olívia. — Mas eu nunca faria isso, nunca seria capaz de machucá-lo.

— Muitas das vezes não temos a intenção, não é? E o fazemos da mesma forma. É assim que a vida é, não é justa.

Olívia é interrompida por um microfone, que anuncia o início da peça.

— Só... tenha cuidado com ele — ela implora baixo, antes de se calar.

Apenas assinto, piscando rápido para afastar a emoção repentina que me toma. Entendo o que ela disse, entendo bem como a vida pode ser injusta.

Um silêncio sepulcral perdura por alguns instantes até o teatro ficar completamente escuro e as cortinas serem abertas. Fico encantada diante da luz que se acende, demonstrando toda a beleza dos cenários e a melodia baixa que começa a tocar. Mas sei que não vou aproveitar tanto a peça como previa. Embora eu me esforce para concentrar no que estão dizendo, sei que as palavras de Olívia vão permanecer na minha cabeça por um longo tempo.

Durante toda a peça, mantenho meus olhos nele, lindo trajando aquela roupa de época que lhe cai tão bem que chega a ser uma injustiça. Sei que Taylor não ficou satisfeito em ter sido escalado como protagonista, e não sei tanto quanto eles sobre Shakespeare, muito menos a visão da professora para escolhê-lo, mas ele está perfeito, sorrindo, encantado como um homem apaixonado. O amor lhe cai tão bem que devia ser rotineiro.

A parte que ensaiamos começa e eu me empertigo na cadeira, vidrando ainda mais os olhos.

— Se minha mão profana o relicário em remissão aceito a penitência: meu lábio, peregrino solitário, demonstrará, com sobra, reverência. — Ele diz altivo, encarando Alisson.

É claro que eu consegui descobrir o nome dela.

A garota mantém os olhos fixos nos dele, fitando-o de forma intensa como uma digna Julieta faria, e então abre um sorriso leve, recatado. Ela também está linda em um vestido de modelagem antiga. O tecido é opaco, mas com devido requinte.

— Ofendeis vossa mão, bom peregrino, que se mostrou devota e reverente. Nas mãos dos santos pega o paladino — ela diz, desviando o olhar por um rápido momento, demonstrando certa timidez. — Esse é o beijo mais santo e conveniente.

— Os santos e os devotos não têm boca? — indaga ele.

Arrepio-me de novo com a sua voz, mesmo estando aqui, na plateia. Taylor é um Romeu diferenciado, ainda mais quente que o original. E droga, essa tal de Alisson é uma garota de sorte, vai ganhar um beijo antes de mim.

— Sim, peregrino, só para orações.

Ele abre um sorriso lupino e desliza a língua pelo lábio inferior, tão sexy e dominante que atinge meus ossos.

— Deixai, então, ó santa! Que esta boca mostre o caminho certo aos corações.

Julieta respira fundo, demonstrando nervosismo e indecisão.

— Sem se mexer, o santo exalça o voto.

— Então fica quietinha: eis o devoto — rebate ele dando um passo na direção dela. — Em tua boca me limpo dos pecados.

Romeu extingue a distância entre eles, e eu fico tensa ciente do que vem a seguir. Quase fecho meus olhos, me recusando a vê-lo fazer isso, mesmo que em um papel cenográfico. Porque, sério, qual é o problema dele me beijar se ele beija até uma estranha? Ou uma quase estranha já que passaram muito tempo juntos, ensaiando.

Suspiro, descontente.

A mão dele, no rosto dela, acaricia a pele ali. Então ele desce os lábios, aproximando suas faces vagarosamente prestes a tocar a boca de Julieta. Estão tão próximos, que seus lábios quase se roçam, mas no último segundo ele desvia o foco, dando-lhe um beijo demorado na bochecha.

Meu queixo quase toca o chão diante da surpresa. Olho ao redor e noto que algumas pessoas têm reações similares à minha, inclusive a própria Julieta. Exceto Olívia, ela não. A irmã de Taylor está serena como se esperasse por aquilo.

— Ele deveria beijá-la... — comento sem me conter.

Olívia olha de relance para mim. Devido a nossa proximidade ao palco, consigo ver o prenúncio de um sorriso.

— Sim, ele deveria.

— Por que será que não o fez?

— Como eu vou saber, Amber? — devolve, dando de ombros.

O restante da peça ocorre sem novas surpresas, não que eu esteja prestando atenção. Até o último roteiro, o que ensaiamos, Taylor a beijaria. Não consigo parar de pensar nos motivos pelos quais a cena foi alterada.



Aguardo Taylor na porta do teatro com uma caixinha de bombons de avelã e licor. Desde que os experimentou, tornaram-se seus favoritos.

Olívia foi até o camarim para parabenizá-lo assim que a peça acabou já que iria jantar com Greg, sem querer interromper o momento deles ou invadir o antro de atores, eu preferi esperar na saída.

No momento em que o vejo sair, procurando-me com os olhos, abro um sorriso largo e corro na direção dele, sendo recebida por um abraço de urso. Taylor me segura pela cintura e sem esforço tira meus pés do chão, me fazendo rir.

— Você foi incrível! — digo quando me desce, ainda sem me soltar.

— Não é bem a minha praia, você sabe — sua voz sai contra os fios do meu cabelo. — Obrigada por vir.

Abro distância entre nossos corpos e ergo minhas mãos, entregando a caixinha.

— É comum trazer algo para presentear os atores. Achei que não fosse gostar muito de rosas, então trouxe seus bombons favoritos.

Seus olhos e seus lábios sorriem.

— Você não existe!

Taylor recebe a caixa e então olha cuidadosamente para mim.

Parece estar me vendo de verdade agora.

Com um olhar lento, ele inspeciona meus cabelos presos, o rosto, demorando na minha boca pintada de batom. Desliza os olhos para o meu pescoço, seios, e então para o vestido de forma geral. Seus lábios enviesam suavemente quando fita meus sapatos, suspirando.

— Eu mereci um par de saltos? — pergunta.

Assinto, dando uma voltinha.

— É uma ocasião especial.

Anui, refazendo o caminho até meus olhos.

— Você está deslumbrante.

— Obrigada...

Coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha. Apesar do gesto típico, estou satisfeita.

Um grupo de jovens deixa o teatro rindo alto, fazendo barulho, e rapidamente eu os reconheço. Alisson tem um buquê enorme de rosas vermelhas e os outros integrantes assobiam, olhando para nós, tentando chamar a atenção de Taylor.

Ele olha na direção deles, sorrindo e faz um gesto banal.

— Vem, vamos embora. — Ele me chama, buscando a minha mão.

Eu a afasto, negando.

— Não, nem pensar.

— Por que não?

— Você devia comemorar. — Aponto com o queixo a direção da algazarra. — Com eles, seus amigos.

— Não estou a fim.

— Qual é? — Empurro seu ombro, brincalhona. — Vocês tiveram muito trabalho e foi um sucesso, você merece um porre. Posso até buscar você se ficar muito embriagado, é só ligar para mim.

Taylor procura novamente a minha mão e eu cedo dessa vez. Sua palma grande envolve a minha como se fosse um abraço, aquecendo muito mais do que apenas minha pele.

— É muito gentil da sua parte oferecer isso, mas minha noite valeu só por você ter vindo. Queria ver você e Liv ali, torcendo por mim, e já tive isso. — Ele passa o braço pelo meu ombro, sem desfazer o contato das nossas mãos. — Agora, vamos. Prefiro comemorar com você em casa.

Sorrio, incapaz de não ficar feliz com aquilo.

— Não veio com o carro? — pergunta ele.

— Não, é perto.

— Mas está de noite, é perigoso.

Rolo os olhos, fazendo charme.

— Estou viva e inteira, não estou?!

Durante o trajeto, vamos comendo os bombons que trouxe para ele. Na caixinha vem cinco, aceitei um e fiquei contente em vê-lo devorar os outros quatro. É inexplicável a sensação que toma meu peito quando o vejo se alimentar expressando tamanho

contentamento por algo tão banal. Taylor é sempre tão grato e feliz por gestos ínfimos que faz meu coração doer.

Mas então, eu interrompo meus passos e nossa conversa, invadindo seu caminho e o obrigando a parar também. Não consigo deixar de pensar no que aconteceu, e talvez seja melhor conversar aqui na rua do que cercada pelas paredes do apartamento. Mais seguro também.

Ele me olha com uma sobrancelha erguida, tão surpreso quanto aparentemente interessado. Puxo uma respiração profunda, como se o ar que nos cinge estivesse repleto de toda coragem da qual eu preciso.

— Por que não beijou a Alisson hoje?

O cenho de Taylor se franze e ele pisca algumas vezes, talvez procurando as palavras certas para me responder. Seus olhos não desviam dos meus em nenhum momento, por isso sou capaz de ler a dúvida dentro deles.

Não quero nem pensar no que ele vê dentro dos meus.

— Não consegui com você lá — confessa.

— Não queria que eu visse?

Taylor abre um sorriso pequeno.

— Eu não beijo qualquer garota, Thompson. Prefiro gostar dela antes — diz, afastando minha franja do rosto. — Teatro nunca foi minha pretensão, então não preciso me preocupar com o quanto fui profissional. Não me senti bem em fazer aquilo com você ali, então não fiz.

Anuo.

— Eu... fiquei com ciúme.

Não sei explicar como acontece, mas os olhos de Taylor mudam bem na minha frente, ganhando um brilho tão genuíno que me faz entreabrir os lábios e molhá-los por senti-los secos. Meu coração bate tão forte agora com ele me olhando dessa forma que tenho medo de que possa ouvi-lo.

— Por que ficou com ciúmes? — pergunta, dando um passo para mais perto.

— Porque ela ganharia um beijo seu antes de mim.

Avanço um passo na sua direção, completando seu movimento e nos deixando mais próximos do que jamais estivemos antes. Quando volto a inspirar, sinto o cheiro amadeirado do seu perfume e resisto ao impulso de fechar os olhos. Obrigo-me a mantê-los bem abertos porque nunca pude fitá-lo assim, tão perto.

Taylor descansa a testa na minha e envolve minha cintura, suspirando. O ar quente que sua boca emana direto para a minha, me faz engolir em seco, de desejo e apreensão. Subo meus dedos pelos seu braço, sentindo a textura firme dos músculos em contraste à pele macia até atingir os ombros, onde me agarro para ter apoio. Ele roça o nariz no meu, como um beijo infantil de esquimó. É a primeira vez que Taylor faz isso, um gesto tão simplório e ao mesmo tempo tão íntimo e carinhoso.

— O que está fazendo comigo, Amber? — pergunta ele, sua voz está rouca e baixa agora. Eu mal consigo respirar. — Onde está o juízo que me diz para ser cuidadoso com você? Não posso te machucar... Não posso *me* machucar mais.

Enlaço seu pescoço e permanecemos assim, respirando o mesmo ar. Não avanço, não me atrevo. Por mais que esteja desejosa, tenho medo de destruir o momento. Parecemos envoltos

por uma bolha de vidro, disposta a quebrar a qualquer instante. Ela é frágil, quase tanto quanto os nossos corações.

— Você não precisa dele, não agora — murmuro em resposta. — É só um beijo...

Ele discorda, respirando fundo de novo e me puxando para mais perto. Já estou na ponta dos pés com Taylor curvado na minha direção, mesmo de salto. Nossos peitos estão unidos e os quadris pressionados. O único apoio que tenho é o seu corpo segurando o meu, mas incrivelmente não tenho medo de cair.

Na verdade, estar com Taylor é exatamente o oposto.

Com ele, eu sempre quero subir mais alto.

Sinto-me capaz de tocar o céu.

Quem sabe, até voar.

— Não é só um beijo — ele sussurra. — Não sei o que vai acontecer depois, mas sei que, assim que beijar você, tudo será diferente.

Abro a boca para responder, algum encorajamento mal elaborado porque no fundo nada me importa agora, nada além da minha necessidade absurda de ser beijada por ele até ficar sem ar.

Taylor avança, talvez disposto a ceder ou talvez para finalmente declinar, dizendo não ser uma boa ideia. Acho que nunca vou saber. Nesse exíguo instante que separa as nossas decisões de ações, uma *coisa* toca minha perna, fazendo-me gritar.

Agarro-me mais a ele enquanto berro, tentando me afastar do agressor.

Isso quebra completamente o momento.

Ele me puxa para trás, me colocando em segurança atrás de suas costas, antes de finalmente olhar para baixo. Quando o faz,

solta a gargalhada mais gostosa que já ouvi.

— Do que você está rindo? — questiono frustrada.

Porra, papai, o senhor não facilita hein!

Ops! Desculpa o palavrão!

— Você não vai acreditar...

— O quê?

— Achei uma coisa mais bonita e mais adorável que você, Thompson. Está correndo sérios riscos de ser substituída.

Franzo o cenho e tento olhar por cima do seu ombro. Descubro ser uma tarefa impossível, então faço um caminho alternativo, inclinando o corpo para o lado. Abro um sorriso imediato quando vejo o que me tocou.

— Um cachorrinho! — soltei um gritinho agudo, pegando o cão no colo.

Ele é minúsculo, tão pequeno que é impossível não ser um filhote. Tem o pelo amarronzado e faz manha quando é envolvido pelos meus braços, ansioso por um pouco de carinho. É nítido que foi abandonado, não tem coleira, e está mal cuidado. Não consigo entender como uma pessoa é capaz de fazer isso com seres tão indefesos, sejam eles animais ou crianças.

Taylor sorri quando me vê, menos de cinco minutos depois, completamente apaixonada pelo que acabara de me assustar.

— Vamos levar ele — declaro.

Ele ri, levantando as sobrancelhas.

— Como é?

— Vamos levar ele.

— Amber...

— Não posso deixá-lo aqui. Está todo sujo e deve estar faminto. Vamos levar ele e dar um banho, tenho certeza que podemos cuidar dele juntos. — Ergo a cabeça para Taylor, dando de ombros. — Vou levá-lo de todo jeito. Se não quiser ajudar, não sei nem se gosta de cachorros, eu cuido sozinha.

Ele se aproxima, acariciando a cabeça do animal. O cachorro se inclina todo, quase saltando para o seu colo. *Será que é fêmea?*

— Eu gosto de cachorros... — Seus olhos encontram os meus. — Estou rindo porque você parece ter uma perigosa tendência de tentar abraçar o mundo com esses braços curtinhos. Não é a primeira vez que leva alguém abandonado para casa.

Abro um sorriso.

— Bom, até hoje não me arrependi.

Com o cachorro nos braços, Taylor retira sua jaqueta e a coloca sobre meus ombros quando o vento aumenta, passando a andar ao meu lado. Não toco no quase-beijo e ele também não o faz, embora, tenho plena certeza, ambos estamos pensando no assunto.

— Temos que dar um nome para ele.

Taylor pensa um pouco.

— Que tal Jovi?

Rio, negando enfaticamente.

— Você não vai pôr o nome da sua banda nele.

— Então dá uma sugestão.

— Hum... que tal Eugenol?

Ele até interrompe o passo, olhando incrédulo para mim.

— Que diabos é isso?

— Um composto químico — explico, sem entender sua reação.

É bonitinho, não é?

A risada debochada de Taylor discorda.

— Credo, não! — Nega com uma careta exagerada. — Não quero que ele sofra bullying no parque.

— É melhor que Jovi!

— Jamais, Amber. Eugenol só não é pior do que... sei lá, Dipirona. — Ele me olha ultrajado, apontando para o cachorro. — Só falta isso, você querer batizar o coitado do nosso cachorro com o nome de um medicamento.

Nosso cachorro.

Acabo rindo no fim, concordando que talvez não soe tão bem, mas ainda detestando Jovi. Sem nenhuma surpresa, parece que essa será mais uma coisa com a qual vamos discordar. Para o bem do nosso cachorro, espero que pela primeira vez entremos em um consenso.



Amber

QUINTA SEMANA

Oi, papai.

Acho que tenho muita coisa para te contar...

Taylor e eu adotamos um cachorro há alguns dias, e ele é a coisa mais linda desse mundo. Levamos o animal no veterinário e felizmente ele não estava doente, recebeu apenas um bom banho e todas as vacinas necessárias. Ainda não escolhemos um nome porque não conseguimos entrar em um consenso, mas estamos trabalhando nisso.

Até aí tudo bem, sabe como eu gosto de animais. Aliás, estou sentindo muita falta do meu cavalo, o Caramelo. Mas ontem à noite, quando Taylor e eu chegamos em casa, o sofá e todas as minhas almofadas estavam destruídas.

DES-TRU-Í-DAS!

No começo, pensei que a casa havia sido assaltada ou algo assim, devido ao episódio do 3-A. Mas quando entramos, tudo estava no lugar. E depois de encontrar o cachorro em cima de uma almofada, rasgando o tecido, não tivemos mais dúvida. Ele estava com a prova do crime em meio àqueles dentinhos sacanas.

Pequeno e fofo como é, não achei que poderia fazer tanto estrago. Mas o ordinário me enganou!

Sei o que está pensando e eu ainda não tenho uma solução para isso. Não tenho banheira, o tapete da sala é desconfortável demais e se eu comprar outra cama, de toda forma, ela vai demorar chegar. Então, até o momento, a única ideia que tive é essa aí que o senhor já deve ter pensado e não gostado nem um pouco.

Não consegui guardar o pensamento para mim e falei com Taylor, que, para variar, reclamou. Ele forrou o sofá ontem com uma coberta só por birra, acredita? Mas pelos resmungos durante a noite, sei que não conseguiu dormir. Logo, acho que não temos outra escolha.

Mas essa não é a única novidade.

Hoje é o aniversário do bronco. Não que ele tenha me contado, descobri pelo Facebook já que por acaso o adicionei como amigo. Sabe o que é mais louco? Quando procurei Olívia para sugerir que fizéssemos algo, ela amou a ideia.

Planejamos o que conseguimos às pressas, mas acho mesmo que Taylor vai gostar. Do jeitinho marrento dele, mas vai. Olívia inclusive me deu a dica do que fazer para agradá-lo, acho até que está começando a gostar de mim.

Isso me deixaria feliz, sobretudo porque estou cada dia mais ligada ao irmão dela. É, eu sei, parece mesmo burrice. Prometi não

deixar nada me desviar desse caminho, de seguir seus passos e te dar muito orgulho, porém é inegável que gosto da companhia dele e da rotina que criamos juntos.

Acho que você bufa aí de cima sempre que eu peço um beijo para ele, né? É, eu imagino. Mas uns beijinhos não vão me distrair, nem outras coisinhas se Taylor topar fazer. Sei que não quer ouvir, mas daqui a pouco vão ter teias de aranha aqui na minha V. Sinto muito, mas não, não quero ir para um convento, papai. Além do que, May me convenceu, e você sabe que ela é tipo o tio Luca, sempre dá bons conselhos.

Enfim, preciso ir agora. Estou arrumada, apenas esperando eles chegarem. Taylor foi encontrar a irmã no parque como sempre faz – inclusive acho muito fofo esse lance entre eles –, e Olívia vai dar uma desculpa furada de querer conhecer minha casa, já que até hoje não esteve aqui. Ela vai vencê-lo pelo cansaço. O que pode demorar, sabemos como ele pode ser pertinaz, mas estou torcendo para dar tudo certo.

Não estou escutando essa música ruim à toa!

Sinto sua falta, pai.

Sempre vou sentir.

P.S: Saudade de quando você me ensinou a andar de bicicleta. Eu estava com tanto medo quando você tirou as rodinhas que fiquei com dor de barriga, lembra? Mas você me deu toda coragem que eu precisava. Sabia que se caísse, você estaria lá para me pegar. Foi o primeiro medo que eu venci, o primeiro orgulho que te dei. É uma memória bonita e cheia de saudade, mas agora ela é manchada pelo medo. Se eu cair agora, quem vai me pegar?

P.S 2: Amo você.”

Fecho o diário e guardo na primeira gaveta da mesa de cabeceira, como sempre. Levanto-me, dou uma checadinha no espelho e sorrio para o reflexo, seguindo meu caminho.

Antes que eu saia, o cachorro se levanta da almofada no canto do quarto, abanando o rabo, todo feliz como se não estivesse no cantinho do pensamento.

— Você está de castigo! — Falo com ele. — Esqueceu do que fez com o sofá? Vou tirar sua bolinha por uma semana.

Ele abaixa as orelhas, manhoso.

— Agora você faz essa carinha de culpado... Mal entrou na família e já está aprendendo a chantagear.

Ouço o som das trancas e sei que é Taylor entrando. Apresso os passos, conseguindo despontar na sala no momento em que ele entra com Olívia.

Concentro-me em seu rosto, tentando captar sua expressão enquanto dá alguns passos para dentro e observa o ambiente com o cenho franzido. É meio infantil, mas foi o que conseguimos fazer com o pouco tempo.

Pelo espaço há algumas bandeiras coloridas, fiz questão de colar o símbolo dos álbuns do Bon Jovi nelas, copos vermelhos em excesso, apesar de sermos apenas nós três, e algo guardado na geladeira.

— O que é tudo isso? — pergunta olhando para mim.

Não me passa despercebido sua surpresa, o pomo de adão subindo e descendo rápido enquanto engole em seco, percorrendo meu corpo. Estou com um vestido preto, justo, de mangas médias que termina no meio das coxas. O destaque está entre os seios,

com um decote ousado pelo comprimento, terminando alguns dedos antes do umbigo. A fenda é fina, não revelando demais, mas considerando as peças que geralmente uso, entendo a sua reação.

Apesar da minha cicatriz, ficou muito bonito. Nunca enxerguei essa marca como algo feio, na verdade. Cubro em muitas ocasiões para evitar perguntas, mas ela representa tudo pelo que passei. É a condensação de todo amor e dor daquele momento. É a minha marca de orgulho.

No fundo, acho que todas as cicatrizes são. Elas são a nossa história, marcadas em nossa pele como uma tatuagem feita pela vida.

— Uau... — Ele diz baixinho, parecendo esquecer do que havia perguntado.

— Organizamos isso para você, é a sua festa de aniversário. Surpresa! — Olívia grita, vindo para o meu lado com um sorriso. Ela também está linda em um macacão branco que lhe cai muito bem e os cabelos presos em um rabo de cavalo alto.

— Ou você achou que iria mesmo conseguir esconder isso de mim? — pergunto, sorrindo. — O Facebook te entregou, espertinho!

Taylor solta uma risada anasalada, coçando a cabeça enquanto fita a mim e a Olívia com olhos cintilantes. Acho que nunca o vi assim, com esse brilho no olhar e um sorriso tão verdadeiro, ambos parecem estar vindo da parte mais profunda do seu coração. A felicidade combina tanto com ele, que não deveria nunca ser algo momentâneo, mas eterno, permanente.

— Fizeram tudo isso para mim... — murmura, como se não pudesse acreditar. Está tocando Bon Jovi... Sem contar os símbolos

dos meus álbuns favoritos nestas bandeiras.

— É, essa parte foi a Olívia — confesso olhando para ela. — Sua irmã me contou seus preferidos. Teria ficado melhor com mais tempo, eu poderia ter planejado, sabe.

— É claro que teria... — Taylor concorda, divertido.

— Amber está sendo modesta, você não vai acreditar quando ver o que ela fez. Eu fiquei impressionada!

Taylor dá um passo à frente.

Parece uma criança de tão radiante.

— Isso é incrível! Obrigado. Somos só nós?

— Sei que você preferiria algo mais íntimo — responde Olívia e ele assente. — Até convidei a Rachel e o Greg, mas eles não puderam vir. Greg tem uma simulação de audiência importante amanhã, então está preso atrás de uma pilha de papéis nesse momento. E a Rachel... bom, o de sempre.

Taylor rola os olhos e eu os encaro interrogativamente.

Disso eu não estava sabendo.

— O que Jason fez dessa vez? — ele pergunta.

— Além de estar interessado em qualquer garota exceto ela? — Olívia devolve, irônica. — Aliás, vi que ele comenta todas as suas fotos, Amber.

A atenção de Taylor volta imediatamente para mim.

O sorriso minguou.

— Ah, é? — questiona ele.

Limpo a garganta, soltando uma risada nervosa. É nesses momentos que eu odeio ser transparente, aposto que conseguem ver cada uma das emoções passando pelo meu rosto.

— Sim, mas... Sabe, todo mundo faz isso hoje em dia — eu respondo.

O cachorro entra na sala, atraindo nossa atenção e encantando Olívia de imediato.

— Você disse que ele era fofo, Taylor, mas eu não imaginava o quanto! — Olívia comenta, acariciando o pelo agora limpinho e cheiroso. — Ele é tão mansinho.

— Nem tanto assim... — Taylor discorda, trocando um olhar de cúmplice comigo.

— Qual o nome? — Olívia pergunta.

Abro um sorriso.

— Ainda estamos decidindo. — Sou eu quem responde.

— Como assim?

— Estamos tentando entrar em consenso — explica Taylor.

Olívia ri, pondo-se de pé novamente. Não foi apenas ela quem adorou o cão, ele parece encantado com a morena bonita também.

— Vem, vamos! — Eu os chamo. — Vamos aproveitar a festa.

Taylor nos acompanha até o balcão, na ausência do sofá da sala, e Olívia lhe entrega seu presente, uma mochila da Gucci. Com certeza, foi o namorado quem pagou e percebo pelo sorriso forçado de Taylor que ele provavelmente não vai usar, ainda que a sua esteja desgastada.

— Obrigado, Liv... — ele agradece. É claro que agradece.

— E agora o da Amber.

Crispo as mãos pela ansiedade quando ele olha para mim, esperando.

— Não precisava ter me comprado nada — apressasse em me dizer.

— Eu não comprei.

Seu cenho se franze.

— Não?

— Não. Como disse, descobri hoje que é seu aniversário, então não tive como me planejar. Tivemos que organizar tudo durante o dia em meio as minhas aulas e as práticas de Olívia no hospital. — Faço uma careta. — Foi uma loucura!

Taylor assente e então segura a minha mão sorrindo ao notar as minhas unhas. Como sempre, estou com um esmalte colorido diferente em cada unha, a novidade é que hoje eles estão intactos. Apesar de todo estresse do dia, não roí as unhas sequer uma vez. Queria que estivessem bonitas.

— Muito bem... — sussurra, dando uma piscadinha. — E mesmo sem planejamento, devo dizer — Taylor olha ao redor com um sorriso pequeno —, isso foi incrível!

— Eu não *comprei* nada, mas não quer dizer que não *fiz* nada — corrijo, com um sorriso misterioso.

Com muito cuidado, retiro o largo prato decorativo da geladeira. Em cima dele, há um bolo de chocolate feito às pressas, porém com muito carinho. Massa de chocolate, três camadas de chocolate diversas, doces e amargos, e uma calda cremosa por cima. No topo, uma única vela. Apesar de saber que Taylor está completando 22 anos, não consegui achar uma com a sua idade a tempo.

Juro que ao me ver retirando a sobremesa da geladeira, seus olhos brilharam, refletindo algo muito próximo a emoção.

— Fez... um bolo para mim? — balbucia.

— Fiz, sim.

Taylor está perplexo.

— De chocolate?

— Sim, de chocolate — digo, rindo. — Não é muito, e eu vou comprar um presente decente depois, mas-

— É perfeito, Amber... — Ele me interrompe.

Sinto minhas bochechas corarem, mas assinto com satisfação. Olívia também está sorrindo, arqueando a sobrancelha para mim como um “eu avisei que ele ia amar”. Seus olhos também correm entre mim e Taylor, observando nossas reações, parecendo ver algo que ainda não somos capazes.

Colocando o bolo sobre o balão, afasto-me um pouco deles para buscar os pratos, talheres e a caixinha de fósforos.

— Já posso comer? — Taylor pergunta, girando a cabeça para me olhar.

— Não antes do *Parabéns*. — É Olívia quem responde.

— Não precisa disso.

— Precisa, sim. — Eu me meto.

Seu suspiro de derrota nos faz rir. Faço questão de acender a vela, e empurrar o bolo para ficar na frente dele. E, assim, de modo simples, cantamos os parabéns. Minha voz combinada a da Olívia soa muito desafinada, sorte nossa as risadas em meio a música deixam tudo melhor.

— Você tem que soprar a vela — eu o lembro.

— Não precisa disso.

— Claro que precisa, você tem que fazer um pedido. — Abro um sorriso. — Deixa de ser teimoso! Fecha logo esses olhos e pede

algo que você quer muito.

Com o canto dos lábios erguidos, ele cede ao pedido e se inclina para soprar a vela. Posso notar, pelo curto segundo que seus olhos se fecham, que ele também faz um pedido. Fico mordida de curiosidade para saber qual foi.

— É seu primeiro aniversário de verdade. — Olívia comenta, apertando meu coração.

Taylor apenas dá de ombros, como se não fosse grande coisa.

— É verdade? — pergunto a ele.

— Sim.

Pisco rápido para evitar a emoção que me toma porque não quero chorar agora e estragar o momento. Essa é uma noite feliz, uma noite que uniu sua irmã e eu para fazermos algo bom para Taylor. Mas é estranho para mim, que sempre tive tudo na vida. Sequer me lembro de algumas festas de tantas que tive e de tantos tipos.

Se eu queria um pula-pula, eu tinha. Se queria uma festa de princesas com a própria Cinderela, eu tinha. Se queria uma viagem como presente ao invés da comemoração, para qualquer lugar do mundo, existia essa opção. Pensar que outras crianças, como Taylor, não tiveram um terço disso isso, me dói. Não somente pela festa e pelos presentes, mas se ele não teve um simplório bolo de chocolate como tanto queria, o que mais será que faltou?

Olívia insiste que precisamos de uma foto, e eu programo meu celular com o temporizador, apoiando-o no balcão com o auxílio de um pote para capturar a imagem de nós três.

Observo com satisfação eles comerem o bolo logo em seguida, enquanto conversamos amenidades. Ambos parecem gostar da minha receita, já que os sorrisos não cessam. E pasmem, Olívia e eu temos mais em comum do que pensávamos, a começar pela afeição pelo pop que fez Taylor e seu rock clássico revirarem os olhos.

Está sendo uma noite agradável, e o fato de participar de algo tão íntimo com eles aquece meu coração apertado pela saudade da minha própria família.

— Onde é o banheiro? — Olívia pergunta quando acaba de comer.

— Aquela porta é a do meu quarto — eu aponto para ela. — O banheiro é lá dentro. Como é um apartamento universitário, não tenho um social.

As sobrancelhas de Olívia se erguem.

— Vocês dividem tudo por aqui então. — Comenta antes de seguir a direção que apontei, deixando Taylor e eu a sós.

Não quero nem pensar o que está passando pela cabeça dela agora. Se Olívia soubesse que a partir de hoje não será apenas o banheiro...

— Tem conversado com Jason? — dispara Taylor.

Encaro seus olhos. Bem que notei aquele seu olhar no momento em que sua irmã comentou, e é verdade que Jason me seguiu e ainda curtiu várias fotos, mas eu não retribuí o flerte virtual.

Movo a cabeça, confirmando.

— Não retribui essa coisa online, mas conversamos ocasionalmente; Já esbarrei com ele no prédio da área da saúde e

também não é difícil ver a turma dele quando ocorre alguma prática integrada.

Seu maxilar está cerrado e ele assente com claro desgosto.

— Nas ocasiões em que isso acontece, vocês conversam — pressupõe.

— Às vezes. Ele não é de todo mal.

Não digo isso para irritá-lo, não mesmo. E, sim, porque depois da conversa no teatro, começo a pensar que talvez Jason seja alguém muito machucado também.

Não tenho como tomar partido sem saber o que aconteceu, não seria justo. Sei que Taylor é uma boa pessoa, ele me mostra isso diariamente, mas não conheço seu passado. Não posso prejulgar alguém baseada nos conceitos dele, preciso da minha própria ponderação.

— Não diria isso se soubesse quem ele realmente é...

Aproximo-me um passo.

— Talvez, não. Mas você não me conta.

— “Só ficarei livre desse segredo, quando ele tiver perdido todo o valor”.

Reviro os olhos, com um sorriso lutando para se abrir. Mesmo frustrada, tenho que admitir que esse jeito intelectual, apaixonado pela arte e literatura, funciona comigo.

— Para de citar *Orgulho e preconceito* como se fosse me fazer ficar menos chateada com você — eu recrimino.

Taylor sorri, antes de começar responder. Mas é interrompido por Olívia que volta sem se atentar a nossa conversa.

— É realmente um apartamento lindo. — Ela elogia.

— Obrigada.

— Tenho que ir agora Taylor. — Avisa com o celular em mãos. — Já está tarde e como Greg vem me buscar, não quero atrapalhá-lo a estudar.

Olívia tem uma ótima média pelo que eu sei. Apenas por ter entrado como uma bolsista, isso mostra muito da sua dedicação e inteligência. Ainda assim, ela consegue conciliar tudo isso com um namorado. Curioso...

— Tudo bem.

— Boa noite, Amber. Cuida bem do meu irmão!

Sorrio para ela, em despedida.

— Vou tentar.

Taylor a acompanha até a porta para se despedirem. Enquanto o faz, vou para o quarto e mudo de roupa. Retiro o par de saltos que estou usando e faço minha rotina de *skin care*. O cachorro me acompanha, voltando para a sua cama, dando a noite por encerrada.

Quando passo pela sala novamente, já vestida com um pijama, noto a porta entreaberta e o som de vozes. Como ainda estão conversando, retorno à cozinha, disposta a ajeitar parte da bagunça.

Tenho muito o que fazer.

A noite não acabou.



Amber

Estou terminando de limpar a cozinha quando braços fortes me envolvem por trás, abraçando minha cintura. Apesar de ser uma tarefa de responsabilidade do Taylor, hoje é seu aniversário, não quero que ele se preocupe com isso.

— Larga isso... — ele me pede.

— Estou quase acabando.

Taylor pega o prato das minhas mãos, devolve para a pia e segura os meus punhos. Depois de abrir a torneira, ele enxagua minhas palmas. Enquanto estou atônita pelo gesto, ele pesca um pano e as seca, girando meu corpo para ficar de frente para o seu.

— Vem aqui, Thompson...

Suas mãos agarram as laterais da minha cintura e ele me ergue sem dificuldade, me colocando sentada em cima do balcão como se eu fosse um dos potinhos acima da pia, leve como o vento.

— Boa menina. — Ele sorri, eu respiro fundo. — Onde está nosso cachorro?

— Dormindo no quarto. Por isso, está tão quieto.

Desde o que fez, mais parece um anjo do que um animal. Isso me lembra que, além da caminha dele, temos apenas outra cama, que por sinal Taylor e eu vamos dividir esta noite.

O som do prato deslizando para fora do armário atrai novamente minha atenção. Ele também pega uma faca, buscando o bolo que guardei na geladeira em seguida para cortar uma fatia generosa da sobremesa.

— Vai comer outro pedaço? — pergunto rindo.

Pelas minhas contas, ele comeu mais de três. O bolo já está quase acabando.

— Não. Está uma delícia, mas esse é para você.

— Para mim?

Taylor guarda as coisas e se aproxima com o prato em mãos, pegando uma colher no caminho. Recebo ambos com um sorriso, experimentando um pouco.

Está bom mesmo.

— Notei que você não comeu — comenta, observador.

Ele puxa uma das baquetas e se senta, os olhos fixos nos meus. Respiro fundo e tento me concentrar no bolo para não divagar novamente, babando nele. Mencionei como está lindo hoje? Ele está. E olha que não há nada demais em suas roupas, é apenas outra de suas camisas surradas da cor preta.

Tão injusto.

— Quando fico muito concentrada, esqueço de comer.

— E eu não sei? — rebate, me deixando sem argumentos contra isso porque, sim, ele já conhece bem as minhas manias. — Considere este como se fosse o primeiro pedaço.

Arqueio uma sobrancelha, rindo.

— O bolo já está acabando.

— É, mas esse foi o único pedaço que eu tirei — ele argumenta. — Acho que você não faz ideia do que isso significou para mim... Não realmente. Mas foi o melhor presente que poderia me dar.

Meu riso se transforma em um sorriso quase tão doce quanto suas palavras. Tenho vontade de encher a casa com vários bolos como este.

— Foi apenas um bolo...

— Foi bem mais do que isso, Amber. Foi um gesto de carinho, e eu dou muito valor a todos que recebo.

Ofego, assentindo, sem saber o que dizer. Como mais um pouco do bolo para ganhar tempo, mastigando devagar enquanto ele fita meu rosto, deslizando os olhos com atenção por cada traço, como se me visse pela primeira vez.

Mudo o foco da conversa:

— Acho que Olívia está começando a gostar de mim — comento.

— Ela está te conhecendo.

Brinco com a colher, sem entender sua resposta.

— E daí?

— E daí que é quase impossível te conhecer e não gostar de você — diz em tom blasé, como se fosse algo muito óbvio.

Nego, rindo.

— E a minha boca grande?

— Fica quase ofuscada perto das suas outras qualidades.

— Me acha tão linda assim? — Era para soar como uma piada, mas a forma como ele me encarou fez minhas bochechas esquentarem.

Taylor abre um sorriso charmoso e se levanta.

Estou sentada com uma perna dobrada embaixo da outra, solta, com o pé balançando, mas interrompo o movimento com sua proximidade. Ele sustenta o contato visual até chegar perto o bastante para me tocar. A ponta dos seus dedos acaricia suavemente a minha panturrilha.

— O que está fazendo? — pergunto baixo.

— Chegando mais perto para podermos conversar.

Reprimo um sorriso.

— Eu estava te ouvindo bem dali.

— Bom..., mas eu não — retruca ele, dando de ombros. — Respondendo à pergunta, não estou falando do seu rosto ou do seu corpo. Embora eu tenha que admitir, você estava radiante naquele vestido.

— Se soubesse que tinha gostado tanto, teria ficado mais um pouco com ele e com os saltos.

Posso estar enganada, mas juro que Taylor parece suspirar. Seus olhos descem por mim e para o pijama, e, dessa vez, não estou deixando a desejar. É um conjunto curto de short e blusa de cetim branco com alguns detalhes em renda na mesma cor, como a parte do busto e a barra da peça de baixo. Estou até com uma calcinha combinando.

— Isso também não é nada mal... — Observa ele. — Adoro você assim, descalça ou de meias, pequena e confortável. Sem maquiagem, apenas você.

Abro um sorriso.

— Vou me lembrar disso.

Deixo o prato ao meu lado e engulo em seco quando seu toque desce até o meu pé descalço e começa a massageá-lo. Por sorte, não sinto cosquinhas.

— Mas realmente não estou me referindo a nada disso. — Ele retoma o assunto. — Dentre todas as suas virtudes, sua beleza não entra nem para o top 10, Amber. Para a sua sorte, essa sua boca grande também não. Sei que Olívia está vendo isso agora, e por isso está se aproximando de você.

— Por isso e por você, já que somos amigos.

Seu cenho se franze, e eu espero uma resposta que nunca vem. Taylor se concentra no que está fazendo, dando o assunto por encerrado. No instante que aumenta a pressão, atingindo um ponto perfeito entre o peito do pé e meu calcanhar, fecho os olhos e gemo baixinho, sentindo meu corpo inteiro relaxar.

— Humm... Isso é bom...

— Eu morei em um orfanato, Amber — revela, de repente.

Puxo uma lufada de ar e abro os olhos, tentando me concentrar nos seus. Encontro suas íris fixas em mim, observando cada reação minha. É típico de Taylor contar algo tão pessoal assim, em um momento no qual tem todo controle.

— Com a Olívia?

— Parcialmente — responde. Fico surpresa por dar continuidade ao assunto. — Eu estive em mais de um orfanato.

A pressão ainda é gostosa, mas é constante agora. Taylor está usando meu pé como uma daquelas bolinhas antiestresse, respirando fundo sempre que responde a um questionamento.

— Por muito tempo?

— Sim...

— Sinto muito que tenha passado por isso — digo com pesar.

Taylor abre um sorriso triste.

— Todos dizem isso, e sabe porquê? Em teoria, todos imaginam como deve ser, tem uma imagem de solidão bem formada.

Ele me fita por um longo tempo. Não digo nada por medo de desencorajá-lo, apenas retribuo o olhar da melhor forma que posso, tentando mostrá-lo que pode confiar em mim.

— Viver lá dentro durante tanto tempo... é diferente. É cinza e triste, Amber. — Ele continua. — São paredes construídas de carência e abandono, sustentadas por sonhos soterrados de crianças que não tem um pingo de esperança dentro delas. Crianças e adolescentes que estão vegetando, passando pela vida sem viver realmente, esquecidas no sistema.

Tento piscar rápido e olhar para cima, mas inevitavelmente uma lágrima caí, deslizando pela minha bochecha. A dor nos olhos de Taylor aumenta quando a nota. Erguendo uma das mãos para impedir o fluxo, ele enxuga com carinho minha bochecha.

— Não chore.

— Desculpa, eu só... — Respiro fundo. — Não queria que tivesse passado por isso.

— O pior não foi ter morado em um, Amber, mas ter acreditado que eu iria sair de lá. Que, no fim, tudo daria certo. — Sua mão volta para o meu pé, retomando a massagem. — Fizeram eu me importar, ter esperança. E isso é uma droga na maior parte do tempo porque quando você acredita de verdade em algo, você

sobe alto, sonhando. Mas quando cai, você se quebra. O impacto é duro, machuca. E às vezes, depois dele não sobra mais nada.

— Está falando do seu coração?

Ele assente, mal movendo a cabeça.

— Seu coração pode estar ferido, Taylor. Tanto que você acredita que ele seja capaz apenas de bater, mas esteja morto para qualquer outra coisa. — Ergo uma mão para tocar seu peito. — Para mim, os corações nunca morrem de verdade. Eles sofrem e padecem, mas não podem morrer porque nenhum desses sentimentos ruins são o que os mantém vivos de verdade. Nossos corações são sustentados de amor, e o amor não machuca. Nunca. Ele cura.

Seus lábios se enviesam em um sorriso pequeno e orgulhoso quando ele desvia os olhos, concentrando-se nas unhas do meu pé, também pintadas uma de cada cor assim como a das minhas mãos.

— Entendo que pense assim, não esperava menos de você... — Seus olhos voltam aos meus. — Mas quando as pessoas que você mais ama no mundo foram justamente as responsáveis por dar e arrancar toda esperança dentro de você, é difícil acreditar nisso. São palavras bonitas, mas não é a realidade de todos.

Aquiesço, voltando minha mão para o balcão sem contra-argumentar. É o meu ponto de vista contra o seu, baseado no que vivemos, no que sofremos e em tudo o que recebemos. Somos pessoas diferentes, com visões de mundo diferentes, que nenhum de nós pode julgar.

Não posso julgá-lo sem saber pelo que Taylor passou, sem saber no que a sua dor o transformou, e nem depois disso, se um dia ele se sentir preparado para me contar. Onde mora respeito,

compaixão e empatia, não existe lugar para julgamento – era o que mamãe sempre me dizia.

— Muita gente decepcionou você, não foi?

— A maioria das pessoas assume responsabilidades que não são plenamente capazes de cumprir... — É o que ele responde. — Assumir responsabilidade emocional com uma criança, fazê-la acreditar que pode sonhar e depois destruir isso...

É cruel – completo mentalmente por ele, quando se interrompe.

— Quem fez isso com você? — pergunto com a voz embargada. — Quem te levou para esse lugar?

Taylor nega.

— Chega de falar disso.

Respiro fundo na tentativa de me recompor, um pouco frustrada. Mas movo a cabeça ao assentir, respeitando o tempo dele. Foi pequeno, mas é um progresso, certo?

Seus olhos acompanham meu movimento, parecendo notar a delicadeza do tecido que cobre meus seios e a existência do pequeno laço entre eles, tornando-se mais escuros pelas pupilas dilatadas.

Seu peitoral está preenchido por respirações cada vez mais fortes também. Eu vejo o desejo enlaçado às suas íris de forma clara, mas me dói ver a dor dentro delas também. Sinto no meu coração o sofrimento do seu. Agora que sei de tudo isso e que há muito mais, acho que sempre sentirei.

— Desça a outra perna. — Seu tom é grave, rouco.

Obedeço, sem hesitar. Taylor transfere a massagem para o outro pé, repetindo os mesmos movimentos que fez no anterior,

fazendo um suspiro baixo de prazer escapar pela minha garganta. Então, ele inclina o corpo para frente e beija demoradamente minha bochecha, mantendo os lábios em contato com a minha pele por um tempo longo demais.

— Vou te contar mais quando eu me sentir pronto, tudo bem?

— Nem mais uma pista? — pergunto em tom de brincadeira.

Ele sorri.

— Você não tem jeito...

— O que te fez me contar isso tão de repente? — questiono curiosa. Estamos morando juntos há mais de um mês e ele nunca tocou no assunto.

— Desde que me lembro, eu sempre quis ganhar um bolo de chocolate — confessa. — Minha mãe sempre prometia e, apesar de descumprir repetidas vezes, eu sempre acreditava. Criança é assim, não é? Um poço de inocência e ilusão. Bom, o fato é que nunca aconteceu. No orfanato, muito menos.

— Por que não depois?

Parece estranho que Olívia nunca tenha feito isso por ele, sabendo que é algo que Taylor sempre quis. Algo tão simples.

— Bom, do orfanato até aqui foi um caminho difícil para mim e Liv, a vida ficou melhor depois que entramos em Stanford. Não sobrava grana para muita coisa e a prioridade precisava ser o básico. Fora que nenhum de nós sabe cozinhar — explica ele. — Então minha irmã conheceu o Greg. Sempre o tratei bem, mas mantinha certa distância do apartamento dos dois. Ela fazia alguns jantares em datas especiais, pois sabia que eu não seria capaz de faltar. Nestes, eles encomendavam algo de um buffet ou restaurante

requintado. A comida era sempre muito pomposa e de baixa caloria, Greg é meio chato com essas coisas de dieta.

Faço uma careta que o faz rir. Nós nos alimentamos bem aqui, mas eu não deixo de fazer algumas besteiras deliciosas de vez em quando.

— Agora faz sentido você ser tão fã da minha comida — comento, nada modesta, e Taylor concorda.

— Por isso foi tão importante para mim — ele continua. — Especialmente o ato. Mas, claro, também o sabor. Acho que nunca comi nada tão bom na vida.

A felicidade dentro de mim transborda na forma de um sorriso largo.

— Que bom que gostou.

Taylor também sorri, observando meu sorriso. Está me olhando mais profundamente do que qualquer pessoa já me olhou na vida.

— Obrigada... — ele agradece.

Entreabro os lábios para dizer que não é necessário, afinal, se tivesse conhecimento sobre tudo isso, teria feito um bolo muito antes. Mas as palavras ficam perdidas no meio do caminho entre meu cérebro e a minha boca. De repente, me sinto presa, como se estivesse sendo envolvida por uma órbita quente que apaga tudo ao redor. Nada que não seja Taylor e eu aqui, juntos, nesse momento, permanece.

Ele aumenta a pressão, massageando os músculos da planta do meu pé. Esqueço completamente do que estávamos conversando e do que eu deveria responder, e novamente não contenho um gemido baixo.

Se ele é bom assim aqui...

— Já te vi te pijama antes, mas esse... — diz baixo, correndo os olhos pelo conjunto que estou usando.

Obrigada, May.

— Esse nem é tão bonito...

— Tenho meus palpites de que, em você, tudo fica lindo. — Ele levanta os olhos, e eu encontro suas pupilas dilatadas tornando seu olhar escuro e até mesmo diabólico. — Sobretudo na ausência de um sutiã.

Respiro fundo, obrigando-me a manter o contato visual. Provavelmente não é de bom tom mostrar o quanto me afeta, apesar de ele ter uma boa noção por me ouvir gemer com sua massagem nos pés. Mas eu simplesmente não consigo evitar ser tão transparente.

— Não gosto de usar em casa. O aro me aperta.

— Ah, eu sei... Mesmo tentando te respeitar, não pude evitar notar a ausência da peça diversas vezes. — Ele admite. — Especialmente, com esses tecidos finos que usa pra dormir.

Contente com sua confissão de que repara tanto em mim, deslizo meus olhos por ele, notando como a camisa justa evidencia seus braços fortes e o tronco em forma. Volto ao rosto quando ele passa a língua pelo lábio inferior, umedecendo.

Suspiro, cravando os dentes no meu próprio.

Taylor Holt é sexy.

— Faz ideia de como está olhando pra mim?

— Não... — minha voz tem som de dúvida.

Estou fitando-o como ele olhou para o bolo de chocolate mais cedo. Apenas por essa comparação, é possível ter uma ideia.

— Como se me pedisse silenciosamente para massagear outros locais — sopra, aquecendo meu corpo. — Para subir mais um pouco e talvez beijar a sua boca, roubando seus gemidos enquanto isso.

Fecho os olhos por um momento.

— Você está me fazendo ficar molhada... — confesso com as bochechas quentes de vergonha.

Seu peito treme com o grunhido pesaroso que viaja até o meu interior, afundando a cabeça na curva do meu pescoço e percorrendo a minha pele com beijos molhados.

— Puta merda, Amber.

Agarro mais a pedra de granito, com medo que meu toque possa fazê-lo se afastar por mais que eu queira agarrar seus cabelos e puxar sua boca para a minha agora mesmo.

Será que agora vai?

Por via das dúvidas, olha para o outro lado, papai.

E, pelo amor de Deus, nada de meteoro!

— Estávamos indo tão bem nas últimas semanas... — Lamenta ele.

Taylor larga meus pés, subindo sua carícia pelas minhas pernas e coxas, roçando na renda do short, apenas para apertá-las no processo. Antes que eu possa pensar em algo inteligente para dizer, seus lábios macios tocam novamente a minha pele. Minhas pálpebras pesam, e eu fecho os olhos.

Ele beija meu ombro, próximo a alça fina do pijama, que resvala um pouco, quase caindo, e sobe com os beijos pela minha clavícula e pescoço. Saboreando, ele vai até a minha orelha, afastando uma mecha de cabelo para beijar aquele ponto sensível

abaixo dela e traçar a linha do meu maxilar até o canto dos meus lábios.

É quando ele para.

Inevitavelmente, um gemido de protesto escapa dos meus lábios.

Abro meus olhos, atordoada, a tempo de vê-lo sorrir. Um sorriso diferente, contido e sombrio, mas capaz de revelar todo desejo do momento. Ele nunca me olhou com tanto fogo nos olhos, muito menos sorriu assim, como se fosse capaz de me reduzir às cinzas. É mágico, belo e terrivelmente assustador.

— Está olhando muito para minha boca... Quer me beijar?

Taylor sabe que sim.

— Eu... — gaguejo sem encontrar a minha voz. Onde está a língua que mal consigo manter dentro da boca? Aparentemente, meu cérebro está em uma pane tão grave que sequer tagarelar eu consigo.

— É um fato notável você estar tão quieta.

Estamos muito próximos agora, uma de suas mãos está na minha perna, brincando com a pele quente e eriçada, a outra está apertando a minha cintura. Seu corpo está entre as minhas coxas, me aprisionando sem precisar de mais nada. Consigo sentir como está excitado agora e isso me acende ainda mais.

Com um carinho suave, que me faz inclinar o queixo na tentativa de roçar nossos lábios, ele continua a me provocar, sem se mover um milímetro além disso. É frustrante, mas é gostoso também.

— Por que você continua se recusando a me beijar? — consigo perguntar. — Se não quer, tudo bem. Mas não brinca

comigo.

Ele percebe meu tom e se afasta.

Apenas o suficiente para conseguir me olhar.

— Ainda acha que eu não quero beijar você? — Eu não respondo. Meu cérebro não consegue operar. — Caramba Amber, eu quero! Quero muito.

Vejo a indecisão dentro dele, a parte racional tentando convencê-lo de que é uma péssima ideia enquanto o desejo tenta tomar frente. Suspiro, desviando o olhar que cai bem em cima do bolo ao meu lado.

Sem pensar, pego a cobertura de brigadeiro com o indicador, olhando sugestivamente para Taylor. *Não é não*, mas como ele admitiu que quer...

— O que você vai — Ele se cala assim que lambuzo sua bochecha com o doce. Sua expressão de choque é impagável. — Você não fez isso...

— Fiz. Fiz, sim.

Seus olhos se afiam.

Usando uma pressão mais forte, os dedos de Taylor infiltram nos meus cabelos pela nuca e ele puxa os fios, movendo-se para aproximar nossos rostos enquanto faz o mesmo com nossos corpos pela mão que ainda agarra minha cintura. A proximidade faz com que eu seja capaz de senti-lo onde mais desejo, e isso entorpece todos os meus sentidos.

Inspiro profundamente, antes de pegar um pouco mais de cobertura e passá-la em seu lábio inferior desta vez. Taylor está imóvel, com a respiração pesada conforme eu me aproximo,

esticando a língua e utilizando a ponta para deslizar pelo seu lábio, retirando os resquícios do doce.

Torço para que não se atente ao rubor no meu rosto ou como minhas mãos tremem um pouco. Pela forma com que o aperto dos seus braços fica mais intenso e ele geme sofrido, fechando os olhos por um momento, acho que está tão inebriado quanto eu. No segundo em que volta a abri-los, sinto que posso me partir em pedaços se ele não me tocar.

— É muita responsabilidade cuidar de mim e de você, Taylor — sussurro, pertinho. — Um beijo não vai nos machucar.

Outro grunhido deixa seus lábios, dessa vez mais desesperado.

É quando a linha fina se rompe.

Quando tudo cai aos pedaços.

— Que se dane, porra!

Sua boca cobre a minha, afoita, com toda ansiedade e desespero que cultivamos ao longo desse tempo. Eu me rendo, entreabrindo mais os lábios e o beijando de volta na mesma intensidade, derretendo contra seu corpo.

É como se uma estrela acabasse de explodir, um encontro tão intenso de luz e sombras que o alinhamento da Terra parece ter mudado, como se gravidade deixasse de existir por alguns instantes, e se reconstruísse em uma realidade apenas nossa.

É delicioso.

E muito, muito ruim.

A maciez da sua boca me destrói, fazendo-me subir alto, sem medo de cair. O jeito como ele venera os meus lábios com os seus e toca a minha língua com a sua é tão sincero, tão apaixonante, que

me deixa tonta. Meu coração nunca bateu tão forte até hoje e, no fundo, acho que sei porque ele está gritando, agitado e desesperado dentro do meu peito. Taylor Holt acaba de roubar uma parte significativa dele.

— Taylor... — Gemo perdida, contra a sua boca.

Quero mais.

Preciso de mais.

Preciso trazê-lo para mais perto.

Apesar de ter a sensação que ele está certo e que esse beijo foi uma péssima ideia, talvez a pior que já tenhamos tomado até hoje, não consigo evitar, não consigo parar. Beijá-lo, tocá-lo, tudo é como um vício.

Suas mãos passeiam por mim, firmes, pesadas e calejadas, parando pouco abaixo da cintura e pouco acima do quadril. Como estão abertas, pelo tamanho, seus dedos conseguem apertar o meu bumbum. Ele se aproveita disso, me puxando para frente em um encaixe perfeito dos nossos quadris. Não consigo controlar o suspiro alto ao senti-lo rígido contra mim.

Minha cabeça está girando.

Ele é tão duro.

Tão gostoso.

Tão quente.

Nunca fui beijada assim.

Desesperada para que o beijo fique mais rápido, e totalmente controlada pelo calor insuportável que toma meu corpo, subo uma das minhas pernas pela sua. Uso do contato para tentar aplacar o desejo dentro de mim, subindo lentamente e prendendo-a em seu quadril, envolvendo seu corpo antes de descê-la de novo.

Faço isso três vezes antes dele gemer rouco contra minha boca, quebrando o beijo, e agarrar a minha perna, fincando os dedos longos contra a carne e me obrigando a ficar imóvel.

— Não, assim não... — Ele implora, gemendo. — Devagar.

Suspiro, assentindo.

Tudo para ele não parar.

Descanso minhas pernas em sua cintura, sem movê-las, concentrada em tocar seus cabelos enquanto nossas bocas voltam a se conhecer, mais calmamente dessa vez. O beijo ainda é apaixonado e vigoroso, mas há uma censura contida agora.

Permanecemos assim, perdidos um no outro por longos minutos até finalmente encerramos o beijo à procura de ar. Antes de se afastar, ele deposita beijos castos em meus lábios até conseguir despertar um sorriso meu.

Abro os olhos e movo as mãos para a frente do seu cabelo, penteando as mechas rebeldes para trás. Fico surpresa quando ele inclina o rosto em direção ao toque e suspira, satisfeito.

— Deus, adoro quando você faz isso...

Sorrio.

— Não imaginei que amasse tanto assim chocolate. Se soubesse que bastava fazer um bolo para você me dar um beijão desses, já teria cozinhado um bem antes — digo, fazendo-o rir. — Vai me agradecer sempre assim?

Taylor apoiando a testa na minha, ainda com os olhos fechados.

— Você só pensa na minha boca? Estou me sentindo objetificado.

— Apenas perguntando — argumento, sorrindo. A verdade é que eu penso em várias partes dele. Recorrentemente. — Sua boca não caiu por me beijar, mas podemos repetir mais algumas vezes para te convencer se ainda tiver alguma dúvida.

— Que bom...

— É? — confirmo.

— Aham... Talvez eu ainda tenha algumas.

Sinto um beijo tocar meu pescoço, e depois os lábios se arrastarem pela pele. Um arrepio ascende pela minha coluna quando sinto a ponta úmida da sua língua. Inclino a cabeça para dar mais acesso a ele, mas com o movimento, pressiono mais meu quadril no seu. Taylor se interrompe, o corpo tenso de repente.

— Puta merda!

— Tudo bem aí? — pergunto confusa.

Ele solta o ar asperamente, entredentes.

— Preciso de um minuto...

Faço carinho na base dos seus cabelos, encarando seu rosto contraído. Retribuo seu gesto com beijos molhados pelo maxilar e bochecha, acabando com todos os resquícios de chocolate. Ao me afastar, noto que seus olhos ainda não se abriram, mas sua expressão contraída cedeu, tornando-se serena. Os lábios dele estão ligeiramente inclinados em um sorriso, como se estivesse... sonhando.

— Olha para mim — eu peço.

Ele abre os olhos ao meu comando.

— Estou olhando — diz suavemente e se inclina para perto. — Me beija, Amber?

Sorrio.

— Sorte sua eu ser tão boazinha.

Mergulho meus lábios no seu sorriso e o beijo novamente, mantendo o ritmo lento. Movemos nossos lábios sem pressa, degustando e conhecendo. Depois desse beijo, vem outro, outro, e mais um.

Nos afastamos apenas para ter tempo de respirar, de puxar um pouco de fôlego. Trocamos algumas palavras e sorrisos e logo nossas bocas estão unidas de novo, como se não conseguíssemos mais nos desgrudar.

A cada beijo, sinto como se subíssemos alto, ignorando todos os alertas vermelhos e avisos, em um ritmo caótico. Estamos ascendendo tão rápido que não conseguimos precisar verdadeiramente as consequências dos nossos atos pelo caminho.

Estamos seguindo apenas a vontade dos nossos corações. Um que acaba de dar a sua primeira batida após tantos anos e o outro que está amedrontado que esse sentimento provoque a última batida do seu. De uma forma ou de outra, somos dois corações machucados, reconstruindo-se mutuamente.

Chegando até o topo.

Até o topo

“Eu nunca quis as estrelas
Eu nunca atirei para a lua
Eu gosto deles bem no lugar onde estão
Tudo o que eu quero é você...
Porque não consigo encarar a realidade
Tudo o que estou tentando dizer,
É que tudo o que eu quero é você”

(I WANT YOU– BON JOVI)



Olho para ela, deitada no meu abraço e penso em como é perfeita aqui, como parece incrivelmente certo esse encaixe.

Estamos sentados no tapete, com as costas escoradas no móvel, já que graças ao cachorro não temos mais um sofá usável, apenas um amontoado de madeira e tecido rasgado. Meu braço está envolvendo seus ombros e seu corpo está inclinado sobre o meu, a cabeça apoiada no meu peito. Estamos assistindo outra série juntos. Dessa vez, uma das favoritas de Amber.

— Ficou quieto de repente... — ela comenta, inclinando o rosto para me olhar. A sala está escura, apenas a luz do luar que atravessa as amplas janelas de vidro e da TV iluminam o espaço, porém eu consigo ver cada detalhe do seu rosto por estarmos próximos. Especialmente a boca dela, inchada e rosada pelos meus beijos. — Já se arrependeu?

— Me arrependi de quê?

— De me beijar, ora — dispara. — Sei que o fez por impulso, e que a sua consciência não iria demorar a atormentá-lo por qualquer que seja o motivo.

Abro um sorriso tranquilo.

— Estou pensando nisso, mas não com arrependimento.

Decerto não consigo parar de pensar no que fizemos. Estou em um impasse, entre me sentir culpado por ter cedido sem saber ao certo o que nós estamos fazendo, com receio de onde isso vai nos levar porque gosto mesmo dela, e completamente viciado na primeira e única dose que tive do seu beijo.

Chega a ser irônico, na verdade. Logo eu, que prometi várias vezes nunca deixar nada no mundo fazer isso comigo, me permitir ficar refém da porra de um vício.

Quando você ultrapassa o limite do querer e passa a depender de algo, qualquer coisa que seja, você é um viciado. A partir desse ponto, você é uma pessoa cega, desesperada para conseguir aquilo que precisa, disposto a estraçalhar qualquer coisa ou qualquer um que passar pelo caminho, sem se importar.

Amber e eu temos uma boa relação, uma rotina fixa, estamos dividindo um apartamento. Romper esse limite foi algo irrefletido e que precisa ser pensado com cautela a partir de agora. Não estou preocupado em perder o único lugar que eu tenho para ficar ou a sua companhia maravilhosa, apesar de eu adorar todas essas coisas. Mas, sim, a ter mais uma culpa para carregar, de ser o responsável por contaminar com a minha escuridão toda luz que ela carrega consigo dentro do peito.

Se eu precisar dormir embaixo de uma ponte ou nunca mais olhar para ela para evitar isso, eu o farei. Sem hesitar.

Por hora, contudo, afundo todos os meus conflitos internos naquele lugar escuro da minha mente, mantendo um sorriso calmo no rosto. Apenas um babaca falaria todas essas merdas para ela agora, ainda mais sem entender direito o que está sentindo.

Preciso conversar com Liv...

Amber faz aquilo que amo, erguendo a mão pequena e tocando os meus cabelos, afastando as mechas rebeldes que caem sobre a minha testa para poder olhar meu rosto com atenção. Todas as vezes que o faz, meu peito lateja como um machucado aberto, pulsando. É como se sua mão atravessasse meu tórax e agarrasse meu coração em um aperto insistente, como se precisasse que ele voltasse a bater, a se importar com alguma coisa. Qualquer coisa.

Espero que ela não seja o tipo de garota que cria esperanças com coisas impossíveis. Eu sou uma causa perdida.

— Não sei exatamente o que estou pensando agora — continuo a nossa conversa. — No geral, acho que estou confuso. Você não está?

— Não precisa pensar muito, foi só um beijo. Um bom beijo — responde ela, esquivando-se da minha pergunta, e então seus olhos se franzem. — A não ser que você não tenha gostado...

Abro um sorriso que se transforma em uma risada discreta conforme noto o que quis dizer. *Uma porra que não gostei!*

— Não seja boba — digo com humor.

Toco o ombro dela e deslizo os dedos até a cintura, tocando suavemente na parte externa dos seios cobertos. Amber tem os lábios entreabertos e não está olhando para mim agora, está observando meus dedos se arrastando através da camiseta, como

se nunca tivesse imaginado tal coisa, como se nunca tivesse visto a mão grande de um homem contra o corpo dela.

— Acho que você sabe que eu gostei. O *quanto* eu gostei.

Nada discreta, ela encara a minha virilha, onde a situação agora está controlada, e ri sapeca. Enquanto nos beijávamos na cozinha, precisei de um minuto para não perder o controle. Foi um gesto heroico na verdade, quase não havia sangue circulando para a minha cabeça. Ao menos, não na de cima.

— Sim, eu vi — murmura, fechando momentaneamente os olhos. — Pude sentir também...

Balanço a cabeça em uma negativa, puxando o ar com força, e tento manter minha atenção na TV. Estou envolvido nessa trama ruim graças a ela, e agora sinto uma necessidade ridícula de saber quem é essa tal *Garota do Blog*. Concentro-me nessa tarefa pelos próximos minutos para tentar desviar meu foco de Amber com esse pijama fino de seda e lábios rosados ao meu lado.

— Taylor... — ela chama.

É uma tortura ela ser tão desinibida, divertida e ter a língua tão afiada. Especialmente por eu saber que, debaixo de todas essas camadas, sua essência é muito mais complexa. Há nuances lindos de doçura, benevolência, zelo e reserva. Amber é uma garota tímida, por mais que na maior parte do tempo não pareça ser, e eu aposto um braço que é inocente demais para seu próprio bem.

— E então... qual é a desse Chuck Bass? — pergunto, mudando de assunto.

Amber revira os olhos.

— Você é tão chato... — resmunga.

No episódio que estamos assistindo, os quatro “amigos” estão juntos para conseguir sair de outra enrascada postada pela garota misteriosa na internet. Para falar a verdade, todos os episódios são assim. É como um looping infinito.

Faço uma careta.

— A história nunca vai mudar? Vai ser sempre isso aí?

— Mais ou menos isso — responde com tranquilidade.

— Por que diabos estamos maratonando então?

Ela ri, é claro que ri.

— Essa é uma daquelas séries ruins que muita gente adora. Eu adoro, e você prometeu ver comigo até saber quem é a pessoa por trás das mensagens.

Exalo.

— Posso resolver isso em dois segundos com uma pesquisa rápida no Google.

É brincadeira, e ela sabe.

Amber sai do meu abraço para se sentar sobre os calcanhares, de frente para mim. Foi só acompanhar seus movimentos para saber que não iria desistir tão fácil do assunto anterior e que deve ter mordido a língua para não falar rápido demais.

— Vai me beijar de novo?

Mesmo esperando uma pérola, quase me engasgo com a saliva. Seus grandes olhos castanhos estão completamente transparentes, denotando toda ansiedade que há dentro dela à espera da minha resposta.

— Você quer que eu te beije de novo? — devolvo a pergunta para ganhar tempo de digerir a sua, mesmo sendo evidente que ela

quer ser beijada novamente. Até tenho uma resposta pronta, mas, ao contrário dela, geralmente penso antes de falar.

— Quero — confessa simplesmente. — Se você quiser também, podemos dar uns beijos de vez enquanto. Sabe, sem compromisso. Quem sabe, até... outras coisas.

Abro um sorriso para disfarçar os pensamentos que me tomam.

Precisei criar uma lista de coisas broxantes para situações como essas: pensar em velhinhas tricotando, vestiários repletos de homens suados, unicórnios dourados, o *planner* que ela tem no banheiro... Já tenho uma lista maior do que a da cozinha – que por sinal continua *magicamente* sumindo.

Tem sido assim desde a minha primeira semana aqui, em que passei a ver Amber com seus shortinhos curtos; andando de toalha pela casa; inclinada com leggings apertadas na estante, arrumando milimetricamente suas coisas; o suplício dos seus pijamas ausentes de sutiã... Porra, até as marias-chiquinhas elaboradas que ela usa! Inúmeras situações que têm sempre o mesmo resultado sobre o meu corpo. O mesmo desfecho também: longos banhos frios.

Thompson acaba com meus banhos quentes.

— Você nunca viu uma comédia romântica na vida? — questiono, cético. — Isso nunca funciona, Amber. O “sem compromisso” sempre acaba no “estou apaixonado por você”.

Ai! Outra pulsação teimosa aqui dentro.

Ela pensa um pouco no assunto, dando de ombros em seguida.

— Você é um cara incrível, Taylor. Um que talvez fosse perfeito para mim se a situação fosse outra. Mas mesmo sendo tão

legal e gostoso assim, acabaria me distraindo e eu não posso permitir isso — explica, muito séria. — Não vou me apaixonar por você.

Sua mão se ergue, mas eu sou mais rápido, colocando a mecha de cabelo atrás da sua orelha antes de voltar meus olhos para os seus. Esse é o tipo de assunto que a tira da zona de conforto, e sempre que fica incomodada com algo ou ansiosa, repete o gesto. Ou rói as unhas.

Eu já a conheço tão bem...

— Achei que meu coração tivesse uma tranca — comento, pensativo. — Mas o seu parece ter uma ainda maior.

Ela faz uma careta.

— Não acho que meu passado seja tão ruim como o seu parece ser para justificar isso. Sabe, muita gente perde o pai e vive uma vida normal.

— Cada um lida com a dor que guarda dentro de si da melhor maneira que consegue, não é? — Abro um sorriso calmo, relembrando as palavras que ela já me disse. — Eu acho seus motivos bem nobres, na verdade. Às vezes, até parece mais um sacrifício do que um sonho... Sempre quis cursar medicina?

Um vinco se forma entre suas sobrancelhas e ela demora a responder, como se procurasse alguma resposta planejada em sua mente e ficasse assustada por não encontrar.

Será que alguém já te perguntou se esse é o seu sonho de verdade?

Se é o que vai te fazer feliz?

Ou apenas aceitaram de bom grado a sua atitude, acreditando assim como você que por ser bonito era o correto?

— Por que a pergunta? — seu tom é receoso.

Empertigo meu corpo, ajeitando a postura, quando noto seus ombros tensos. Talvez eu não devesse ter comentado, apesar da intimidade que criamos, muitos assuntos ainda estão em um terreno proibido.

— Bom, você tem um mini estúdio de balé em casa e desde que vim morar aqui, você não ensaiou lá uma vez sequer. Entretanto, tem essa corrente... — Toco no pingente de bailarina que pende em seu pescoço. — E várias coisas pela casa também, como suas canetas. Tudo isso me faz pensar que a dança foi algo muito importante para você. Você não dança mais?

— Não, e faz... muito tempo.

— Algo aconteceu?

Amber pensa, negando com a cabeça.

— Eu gostava quando era pequena, tinha prazer em fazer aquilo. Mas, no fundo, acho que o motivo de eu gostar tanto era porque sempre foi uma coisa minha com meu pai, entende?! Era incrível acordar e saber que ele estaria à minha espera, com o café da manhã feito e meu tutu rosa na mão. — Ela pausa, desviando os olhos como se visualizasse a cena em sua cabeça. — Ele me chamava de *ma ballerine rose*.

— O quê?

Ela sorri e traduz:

— Minha bailarina cor-de-rosa...

Respiro fundo quando noto a saudade em sua voz. Depois de passar tanto tempo convivendo com o mesmo sentimento é fácil vê-lo espelhado em alguém. É triste porque são suas memórias mais

bonitas que o ferem de dentro para fora, em forma de um aperto incansável que diminui, mas jamais cessa.

— Sinto muito por ter tocado nesse assunto. — Eu me desculpo.

Amber funga, embora seu rosto esteja seco e abre um sorriso.

— É uma memória boa... — diz com orgulho. — Depois que ele morreu, eu continuei por um tempo. Não era a mesma coisa, mas fazia eu me sentir perto dele. Acho que ajudou com o luto de alguma forma. Então veio o *Lycée*[JR1], toda preparação para passar em uma boa universidade, tudo que sugou cada segundo do meu tempo. Quando dei por mim... — Ela pausa e pisca, parecendo se dar conta. — Não havia nada além desses objetivos para eu me agarrar. Sabia que o balé não duraria e que escolhendo esse curso, eu o teria comigo para sempre. Por isso, tenho que ser boa nisso. Preciso ter êxito, Taylor.

Seguro a mão dela, acariciando a pele com carinho. Envolvo sua palma até que esteja completamente coberta pela minha; uma falsa ideia de que sou capaz de protegê-la.

— Você é humana, e nenhum de nós é perfeito. Você está dando o seu melhor, qualquer um ao seu redor consegue notar isso, Amber. Mas não se cobre tanto assim... — Imploro, incomodado por vê-la desafiando os limites do seu próprio corpo para satisfazer seu cérebro que vive incansavelmente para traçar o caminho do pai. — Seu pai estará com você *sempre* e *para sempre*, independe de qualquer coisa. Pode se sentir mais perto dele aqui em Stanford, mas você tem uma parte dele, a mais bonita que se pode ter de alguém, dentro de você.

Ela aquiesce, respira fundo e olha para cima. Lábios comprimidos, pálpebras abrindo e fechando com avidez. Sabendo de suas intenções, seguro seu queixo, aproximando um pouco mais nossos rostos.

— Você pode esconder do mundo o que está sentindo, mas já disse que não precisa esconder de mim — reafirmo minhas palavras. — Quero que ria sempre que tiver vontade, que fale todas as besteiras que passam pela sua cabeça e, especialmente, que se sinta confortável para chorar sempre que estiver triste ou com saudade, tá bom?

Amber assente, vindo de mansinho na minha direção até estar sentada no meu colo. Respiro fundo um pouco surpreso pelo gesto, mas no momento que ela se inclina na minha direção, apoiando os braços e me fitando afetuosamente, eu cedo. Apoio ambas as mãos no começo dos seus quadris e a abraço apertado.

Seus músculos relaxam, e eu suspiro satisfeito.

— Você é o melhor amigo do mundo inteiro, sabia? — diz, afastando-se para olhar para mim. — Tive sorte de você cruzar o meu caminho;

Reviro os olhos, brincalhão.

— Se quer que eu acredite nisso, vai ter que fazer outro bolo de chocolate.

Amber gargalha, limpando o rosto.

— Vai me chantagear para sempre com isso agora, não vai?

— Com certeza — admito sem culpa. — Acho que esse seu gênio-ruim está pegando em mim.

Ela sorri marota.

— Posso te chantagear de volta pedindo beijos.

Finjo pensar seriamente no assunto.

— Terão que ser beijos muito bons porque seu bolo é realmente uma delícia. — Pauso entortando os lábios, ao negar. — Sabe, não sei se seria uma troca justa...

Amber entreabre os lábios, chocada, e me acerta com um tapa. Eu rio, murmurando um som de dor mesmo que suas mãos não façam o mínimo estrago.

— Seu idiota!

Rio mais, e escorrego no tapete, ficando mais confortável. Ela faz o mesmo, inclinando-se para mim, e então nenhum de nós está ligando para os problemas adolescentes da série clichê que está passando na TV.

— E você, porque escolheu o teatro? — pergunta, curiosa.

— Foi natural para mim, por vários motivos.

— Como...?

Quando a sua realidade não é tão bonita, o que resta é o faz-de-conta, penso. Nele, é possível criar universos alternativos capazes de dar o conforto que a vida real às vezes não consegue. É por isso que as pessoas amam música, amam ler e amam ir ao teatro ou ao cinema.

— No orfanato havia crianças de todas as idades, e eu sempre fiquei mal pelas menores. Elas tinham mais chances de serem adotadas, é claro, mas ser tão jovem naquele lugar conseguia ser ainda pior. Eu vi tantas vezes as governantas explicarem porque elas estavam lá, porque não tinham uma família, um pai e uma mãe em casa como todos os colegas da escola, que me deixava enjoado. Mas mesmo depois de ouvir que eles estavam sozinhos no mundo e caso não encontrassem algum estranho que

gostasse de um deles o bastante para adotar, ficariam naquele lugar por muito, muito tempo, a maioria se ajoelhava à beira da cama todas as noites para rezar. — Conto a ela, lembrando de um menino em particular, o mais novo naquele orfanato. Além de jovem, o mais franzino e choroso. — Já ouvi de tudo: um pai; uma mãe; alguns irmãozinhos; um cachorro. Alguns presentes quando era época do Natal. Mas esse garotinho não, ele não pediu nada disso.

— O que ele pediu? — pergunta, vidrada em mim.

Abro um sorriso melancólico.

— Ele pediu felicidade — respondo. — Felicidade, Amber.

Seus ombros caem.

— Pobrezinho...

— Aquilo mexeu comigo... Mesmo com doze anos, eu me senti na obrigação de fazer algo. Qualquer coisa. Foi quando comecei a fazer teatro improvisado com o que tínhamos disponível — continuo. Lembro-me de que não era muita coisa. A maior parte de tudo que estava ali, era como a instalação: decrépita. — Alguns desenhos que tive a chance de ver, algumas imitações engraçadas, ventriloquismo com alguns bonecos velhos... Qualquer coisa que os fizessem rir.

Amber limpa a bochecha sorrindo e encosta a testa na minha, seu suspiro emocionado de ar quente atinge os meus lábios e eu a trago para mais perto. Por um segundo, penso em nunca mais soltá-la.

— É uma lembrança muito bonita... — diz em tom afetuoso. — Mas eu continuo sentindo muito por você ter estado em um lugar como esse. Mesmo não sendo o mais jovem, você era apenas uma criança.

Aproximo nossas bocas, os lábios roçando um no outro sem nunca se tocarem em um contato mais íntimo. Quero muito beijá-la de novo e sentir sua língua gostosa, apertá-la contra mim e ouvir outro daqueles doces sons que ecoam do fundo da sua garganta, satisfeito por deixá-la fora de órbita apenas com um beijo.

Mas é bom ficar assim também, sentindo seu coração acelerado no meu peito, suas mãos fazendo um cafuné lento nos meus cabelos e seu peso no meu colo.

Doce, quente e presente.

— Tenho muitos momentos felizes. Ninguém é feito apenas de dor, Amber. — Começo a subir a mão pelas suas costas, acariciando sua pele morna abaixo do tecido do baby-doll. — Costumamos falar que a vida não é justa, principalmente quando as coisas não saem como gostaríamos. Mas eu acredito que certas coisas parecem piores até ter seu sentido completo revelado, até que tenhamos discernimento para entender a razão pela qual aconteceram. Recebemos dádivas no caminho e não notamos, não damos a devida importância, estando preocupados demais em reclamar de tudo ao redor. Depois de tudo isso, eu passei a dar valor a cada coisa boa que recebo. Especialmente os gestos de carinho com que sou presenteado.

Pela sua expressão, ela entendeu que estou falando do bolo.

— Vocês passaram alguma dificuldade lá dentro? — ela pergunta.

— A comida vem do governo, racionalizada e apática como se fosse feita para animais — digo a verdade. — Algumas coisas que fui obrigado a comer lá, eu não daria nem para o nosso

cachorro. Mas nunca passei fome e tenho que ser grato por isso, poderia ser diferente.

Ela assente.

Gosto de como conseguimos conversar sobre tudo, de como conseguimos nos entender tão profundamente. Amber aflora meu desejo de falar, de me abrir. Sinto que poderia ficar a noite inteira aqui nesse tapete, conversando com ela e nem notaria o tempo passar.

— Sabe que, cedo ou tarde, vamos ter que conversar direito sobre a ausência desse sofá e o fato de que agora temos apenas uma cama, não é? — Ela me lembra. — A menos que esteja pensando em expulsar o nosso cachorro da caminha dele.

— Não, isso seria muita maldade — digo, rindo.

— Seria mesmo.

— Realmente não se importa? — Sinto obrigação em perguntar. — Me deixar dormir com você é invadir demais a sua privacidade. Não quero que fique desconfortável comigo.

Ela nega, antes mesmo de responder verbalmente.

— Não se preocupe com isso. De verdade, se estiver tudo bem para você, está tudo bem para mim também.

Assinto.

Não sei como será daqui em diante, se o mais conveniente seria comprar uma nova cama ou o que faremos, até porque não posso me esquecer de que sou apenas um hóspede passageiro aqui. Aliás, tenho que começar a pensar em alternativas, não posso depender de Amber até o fim do ano.

Conversamos mais, tão distraídos que a tela desliga, entendendo que não estamos mais assistindo após ignorarmos o

“você ainda está aí?” na tela do streaming. O ambiente fica mais escuro pela ausência da iluminação da TV, mas vejo quando Amber boceja, fechando os olhos por um momento antes de abri-los novamente para fitarem os meus.

Em um movimento fluido, eu me levanto com ela no colo, obrigando suas pernas a envolverem meu quadril e seus braços a agarrarem mais forte os meus ombros.

— O que está fazendo? — pergunta baixinho.

— Te levando para a cama.

Ela afunda a cabeça na curva do meu pescoço, soltando uma risadinha sonolenta contra minha pele.

— Ah, é?

Rio mais, jogando seu corpo na cama sem muita cerimônia.

Ela cai, toda linda e sorridente, com os cabelos desarrumados, algumas mechas espalhadas pelo rosto, ondulando no colchão macio enquanto os lábios desenham um beicinho. Ainda tenho vontade de mordê-lo.

Eu bem que poderia roubar um beijo de boa noite...

Exalo, tenho certeza de que os próximos dias serão um martírio.

— Sim, para dormir — eu respondo. — Não estava quase babando em cima de mim agora a pouco?

— Por isso mesmo — rebate, sorrindo mais.

— Babando de sono, sua pervertida!

Amber se levanta, ainda de bico, e vai até o banheiro para escovar os dentes. Faço o mesmo em seguida, aproveitando para trocar de roupa. Quando retorno, ajudo-a a tirar a colcha da cama e as almofadas decorativas que organiza todos os dias de manhã em

um degradê perfeito. Comprimo os lábios para não rir, achando sua reação infantil mais adorável do que qualquer outra coisa.

Enquanto tiro as últimas, mantendo apenas o conjunto de travesseiros, esbarro o quadril em uma caixa disposta acima da mesa de cabeceira. O objeto cai e só não abre pela presença de um laço bem feito na parte de cima. Pelo cartão timbrado, que eu não entendo uma palavra do que está escrito, parece um presente.

— O que é isso? — pergunto, pegando a caixa e voltando-a para o lugar.

— Ah, minha tia Julie quem mandou. — Amber responde, ainda mexendo na cama. — Ela trabalha com moda e, pelo bilhete, essa é a última coleção de uma grife brasileira. Chegou hoje mais cedo, mas com a correria do seu aniversário, sequer tive tempo de abrir. Ainda não sei o que é.

— Entendi.

Observo enquanto ela dobra direito a colcha que retirei da cama e embolei na forma de uma trouxa malfeita.

— Vai querer colocar algumas almofadas entre a gente ou confia em mim? — zomba ela, abraçando uma almofada de pelúcia amarela.

Confiar, eu não confio, mas...

— Não seja boba! Vai ser como um novo tratado de Tordesilhas, você é Portugal e eu sou a Espanha. O meio dessa cama é a nossa linha imaginária.

Ela ri, deitando-se e puxando a manta para se cobrir. Eu faço o mesmo, após apagar a luz e conferir o cachorro que continua dormindo em sua cama com uma cara de anjo tão fajuta quanto a de Amber.

Deito rígido como um pedaço de madeira no colchão, ainda desconfortável com a situação.

— Você sabe que, com o passar do tempo, Portugal começou a invadir as terras espanholas, não sabe? — sussurra.

Sorrindo, eu olho para ela, que tem os olhos fechados e a respiração vagarosa. Amber estava caindo de sono ao final da nossa conversa na sala, achei mesmo que não demoraria muito a dormir.

— Está dizendo que vai me bolinar, Thompson?

Ela sorri.

— Não, apenas que sou muito espaçosa e nunca dormi com ninguém antes — confessa com a voz estranha por estar em meio a outro bocejo. Nada graciosa essa menina. — Talvez eu ronque, ou te chute. Ou acorde em cima de você. É melhor ter essa conversa agora para me poupar do constrangimento amanhã.

— Se vir para o meu lado, eu te jogo de volta para a sua parte da cama — ameaço, fazendo-a rir baixo. — Boa noite, Amber.

Ouço um resmungo e seu corpo se movendo.

— Não vou ganhar nem um beijo de boa noite?

Luto com um sorriso diante do seu pedido, tentando não escancarar meu contentamento.

— Vem aqui, Matraca.

Ela vem, chegando perto e me permitindo encontrar seus lábios novamente, em um beijo preguiçoso. Exploro sua boca como se não houvesse acabado de fazer isso mais cedo, ainda impressionado com a doçura dos seus lábios. Adoro seu sabor, acima do creme dental ou de qualquer sobremesa.

Amber agarra meus cabelos, tentando me trazer para mais perto. Aperto sua cintura com avidez, colando mais os nossos corpos antes de deslizar minhas mãos pelo seu quadril até a coxa esquerda, puxando-a para enlaçar meu quadril. Ela solta outro daqueles murmúrios baixos que me arrancam do prumo, me fazendo beijá-la com mais ímpeto.

Sua mão, a que está em meu cabelo, desce pela minha nuca e para o meu braço direito, mudando de ideia no meio do caminho antes de voltar o toque para meu rosto. A ponta dos dedos acaricia meu maxilar com o mesmo toque de reverência e carinho dos meus em sua pele, totalmente o oposto do nosso beijo que se torna cada vez mais forte.

Quando nossos lábios se afastam, depois de um longo tempo e, ainda assim, cedo demais, ela sorri, ofegante, com a boca roçando na minha e então se afasta. Não sei se o suspiro é meu ou seu, talvez de ambos, mas o som momentaneamente satisfeito preenche por completo o ambiente.

Demoro a pegar no sono, rodando na cama, ainda pensando no que estar deitado aqui ao seu lado, prestes a dormir com ela, significa para nós. Mas aos poucos o calor do nosso amasso quente se dissipa e o cansaço do dia me vence.

Agarro o travesseiro, deitado de bruços quando minhas pálpebras pesam. Olho em sua direção, em meio a escuridão do quarto, entregando-me ao sono.

No meio da noite, fico levemente consciente do corpo de Amber movendo-se para mais perto do meu. Sinto seus braços em mim, abraçando meu tronco, e sua perna no meio das minhas, seu

peito quase em cima das minhas costas. Mas logo estou dormindo de novo, em um sono tranquilo como poucos que já tive.

Tenho muitas dúvidas e começo a perceber que não é apenas a minha cabeça que está atordoada com o que acabou de acontecer. Mas uma certeza eu tenho, nessa noite não terei pesadelos.

Ao lado de Amber, eu nunca tenho.



Amber

Sorrio ao retirar os biquínis da caixa que a tia Julie me enviou. São lindos, com cores vibrantes, estampas chamativas e tamanhos... minúsculos.

Normalmente, eu uso os normais e gosto de alguns maiôs, porém não fico incomodada em usar algo mais ousado. Tenho dois parecidos guardados de uma viagem que minha madrinha fez ao país, então sei que, apesar de pequenos, são confortáveis e de ótima modelagem.

É uma coincidência incrível hoje ser o dia do *Beach Med*, evento que eu havia me esquecido completamente até o *planner* do celular me lembrar com uma nota automática. É, eu sei, muito útil! Não sei porque Taylor faz cara feia para ele.

O evento é outra festa organizada pela fraternidade, a KKM. Contudo essa é notoriamente famosa por ser aberta aos outros cursos. A praia de Laguna Creek fica completamente lotada por universitários.

— Amber... — A voz de Taylor surge do outro lado da porta que está trancada, uma vez que estou teoricamente trocando de roupa. Na verdade, sequer escolhi o biquíni. — Está terminando? Não me importo de esperar, mas Olívia está ligando de cinco em cinco minutos.

Sorrio.

Por opção própria, é claro que Taylor nunca iria a um evento desses. Pode ser aberto aos outros cursos, mas o encontro com todas as turmas de Medicina está garantido, fora a comissão organizadora. Isso traz Jason à conversa por tabela.

Mas, depois de ontem, com muito jeito e ligações ininterruptas da sua irmã, conseguimos convencê-lo. Quando o assunto é ele, temos uma incrível habilidade de nos unir.

Acho que receber atipicamente um pedido meu para ir a uma festa – apenas porque estou com a matéria adiantada– também influenciou sua decisão.

— Estou acabando — respondo. — Um minuto.

— Só pra eu saber, você é uma daquelas mulheres que dizem estar quase prontas e ainda não começaram a fazer nada? — questiona ele, fazendo-me prender uma risada. — Porque se sim, vou me sentar com nosso cachorro no tapete e assistir um filme.

Dramático.

— Faça isso, eu já saio.

Ouço seus passos quando se afasta e volto a minha atenção para os biquínis. Decido provar primeiro o amarelo, tomara que caia. Depois de vestir a peça, olho o resultado no espelho do banheiro. O busto está bonito e parece firme, a calcinha deste é um pouco maior do que a dos outros.

No caminho de volta para o quarto, uma ideia maluca atravessa minha cabeça. Calor se espalha pelo meu estômago e sobe pela espinha até as minhas bochechas. Mesmo assim, depois de respirar fundo, puxando quase todo o ar do quarto, eu cometo essa loucura.

Abro a porta devagar e dou alguns passos, flagrando Taylor conversando com o cachorro em seu colo, sem a TV ligada.

— Nós temos que arranjar um nome para você — diz enfático. — Você merece isso e, finalmente, uma coleira bem legal.

O cachorro late, balançando o rabo como se concordasse e gostasse muito da ideia. Eu não duvido que concorde, aposto que está impaciente por um nome.

— Ainda continuo achando Jovi o nome certo para você. — Ele continua. — Ou quem sabe, BJ. Será que se eu sugerir este Amber vai desconfiar?

Aham, claro que vou.

Vai achando que eu sou boba, vai.

Limpo a garganta, atraindo a atenção dele.

Taylor se vira para mim de forma natural, esperando qualquer coisa menos me ver seminua em um biquíni brasileiro. A cena é impagável! Ele arregala os olhos e engole em seco, entreabrindo os lábios. O cachorro em suas mãos cai, sendo felizmente amparado pelo seu colo, mas seu queixo não tem tanta sorte.

— Amber...? — murmura, como se visse uma miragem.

— Ficou bom? — pergunto, fingindo não notar o tom excessivamente grave da sua voz surpresa. É gostoso saber que mexo com ele assim. — Gostei da cor, mas não sei... — Seguro

meus seios juntos, examinando o decote. — O que acha da parte de cima?

Quando Taylor não responde, ergo a cabeça, arqueando uma sobrancelha.

O cão sai correndo e ele pigarreia, pegando uma almofada e abraçando no colo antes de voltar a olhar para mim. Ainda bem que tem outros planos dentro do teatro porque essa falsa cara de paisagem que está fazendo é péssima, não engana ninguém. Tem o mesmo sucesso que eu tentando manter minha boca fechada.

— Cheia... — responde simplesmente.

— Cheia?

Taylor ri, nervoso.

— O que quer que eu diga? É... bonita.

Seus olhos descem por mim e sobem de novo. Ele até tenta manter os olhos nos meus, mas eventualmente eles escorregam para os meus seios.

— Você realmente gosta deles, não é?

— Você precisa mesmo dessa resposta?

Sorrio

— Eu também gosto — digo, sem modéstia. — O problema com peitos é que se você tem seios grandes, nunca vai parecer magra.

— Sério, Thompson? Você é tão pequena que eu poderia muito bem levantá-la com um braço só.

O que é sexy de se imaginar... Algo em mim gosta de saber que Taylor em todo o seu porte é capaz de me fazer de boneca, colocando-me ao seu bel prazer, se eu deixar.

— Não é só isso, meus ombros sempre ficam marcados pela alça do sutiã — eu explico. — Por isso, eu me recuso a usar um quando não é estritamente necessário. Mas sem estar contidos por um, meus peitos ficam atrapalhando.

— Atrapalhando o quê? — retruca, indignado. — Não diga blasfêmias na minha presença, Matraca.

Movo a cabeça.

Eu me referia às roupas, mas é claro que ele não compreendeu.

— Você é homem, nunca entenderia!

O canto dos lábios de Taylor se ergue.

— Afinal, onde arranjou esse biquíni? — ele pergunta.

— A encomenda que chegou ontem, aquela caixa da minha tia, lembra? As peças são da nova coleção praiana de uma grife brasileira.

— Que coincidência...

— Pois é.

— Vieram muitos modelos? — questiona, reparando melhor nos detalhes da parte inferior.

— Sim. Pelo menos, cinco peças — eu conto. — Por isso estou indecisa. São todos lindos.

Observo seu corpo mover-se no tapete, sem achar uma boa posição, denotando como está desconfortável.

— Posso te mostrar mais algumas peças e você me ajuda a escolher? — peço manhosa, usando meu tom mais adocicado.

Taylor assente, antes de responder verbalmente. Mas ciente de que minha coragem é passageira, quando ele começa a falar já

estou entrando novamente no quarto, pronta para bater a porta. Tanto, que não tenho certeza se diz o que realmente ouço:

— Ajudo, claro que ajudo... Depois vou me jogar de cima desse prédio. Afinal, pareço gostar muito de sofrer.

Abro um sorriso e retiro a peça, vestindo agora um modelo estampado em tons de verde e azul de modelagem cavada. O busto é simples na frente, mas possui várias tiras na parte de trás.

Abro a porta mais uma vez e Taylor olha para mim, examinando a peça. Dessa vez, além da surpresa há um sorriso pequeno teimando alcançar seus lábios. Posso estar enganada, mas aposto que está gostando.

— E esse, o que achou? — questiono.

— Gostei do modelo, mas o primeiro é mais bonito. — Opina seriamente antes de tombar a cabeça olhando melhor a peça.

— Sério? Gostei tanto dessa estampa.

— Também é muito boni... — ele se interrompe quando eu me viro.

Olho para ele por cima do ombro e arrasto meus cabelos para a lateral. Meus fios são médios, mas o faço mesmo assim, dando uma visão melhor da amarração que fiz do top nas costas. De quebra, do meu bumbum também. É pequeno, menor que o dele, mas é firme e redondinho. Ainda bem que tio Luca arrastava May e eu para a academia pelos cabelos.

— É... hum... — pigarreia. — Esse ficou... muito bom também.

Quando estou girando de volta, Taylor se levanta de supetão, fazendo-me fitá-lo com olhos duvidosos. Ele apanha o celular e

coloca na bermuda que está usando, respirando fundo, encarando tudo na sala com exceção de mim. Parece atordoado.

Por falar em suas roupas, ele está lindo com uma camisa branca simples e uma bermuda escura. Até agora estou me roendo por dentro para saber se ele é daqueles que usam sungas ou calções de banho.

Nada de tempestade hoje por pouca coisa, papai.

Fica tranquilo aí em cima! Quero muito Sol.

— Quer saber, acho melhor eu não te ajudar a escolher. Não entendo muito disso — diz coçando a nuca com uma careta quando volta a olhar meu rosto. — Vou arrumar a cesta com as coisas gostosas que você fez enquanto se decide, ok? Não quero te apressar, mas Olívia vai acabar pisando no nosso pescoço.

— Tudo bem — concordo, sorrindo.

— Vamos no seu carro? — pergunta, já se afastando para a cozinha.

— Sim, se importa em dirigir?

Adoro o meu carro e gosto da praticidade de ter um veículo para me locomover. Mas quando Taylor dirige, posso brincar com o rádio e fingir que estou conversando com ele enquanto analiso a geometria perfeita do seu maxilar marcado.

— Posso, claro.

Assinto e saio da sala, decidida a me arrumar de verdade dessa vez. Por fim, acabo escolhendo um biquíni preto no tradicional modelo brasileiro: calcinha fio dental e o busto “cortininha”. Apesar da cor simples, ficou muito bonito em mim modéstia à parte.

Tenho que me lembrar de agradecer tia Julie pelos mimos!

Por cima dele, visto um vestido magenta de tecido leve e confiro minha bolsa de mão: protetor solar, óculos de sol, canga, toalha... Paro, aposto que Taylor não está levando nada. Pego uma toalha extra por precaução e fecho o zíper.

Taylor parece quase aliviado ao me ver voltando, composta em um vestido de verão. Sequer imagina que o menor dos biquínis está por baixo. Bobinho.

— Pegou tudo? — indago, notando que está segurando a cesta que montei.

— Peguei, Thompson.

Depois de deixar comida para o cachorro e certificar de que há água fresca em sua vasilha, Taylor e eu descemos juntos até a garagem onde meu carro está estacionado. Jogo as chaves para ele, que as ampara no ar com um sorriso charmoso, e entramos no automóvel, seguindo o trajeto para Laguna Creek logo em seguida.

A praia é distante do apartamento, já que Palo Alto é afastado da costa litorânea da cidade. Então, sabendo que o caminho será longo, ligo o som, me divertindo com as reviradas de olho que Taylor me lança sempre que coloco alguma música do One Direction.

— Sério que vai me fazer escutar isso durante todo o caminho? — interpela com a voz sofrida, dando uma olhada rápida para mim antes de voltar sua atenção para a estrada.

— Melhor que o seu rock de mil novecentos e bolinha!

Ele ri da minha expressão e nega, discordando.

— Não fale mal dos clássicos, meu bem.

— Tá, tá! — murmuro revirando os olhos. — Vou colocar outra música antes que você fique irritado com meu belo gosto

musical e acabe batendo esse carro.

Agora sim, ele faz uma careta bem feia.

— Credo, Amber, vira essa boca pra lá! — reclama. — Já está querendo causar um desastre? Ainda não chegamos nessa parte.

— Claro que não! Por isso, estou trocando — rebato, mudando a trilha sonora e deixando na primeira música do Bon Jovi que eu encontro. Odeio lembrar que é a mesma que ele me apresentou na cafeteria. *All about lovin' you.* — É a primeira música que me mostrou deles...

Taylor abre um sorriso sincero, desviando os olhos da estrada por outro momento.

— É uma das minhas favoritas.

Um silêncio confortável paira entre nós e eu presto mais atenção na letra da melodia dessa vez. Na cafeteria, além de toda birra com o gênero, eu estava mais focada nele do que em qualquer coisa ao redor. Fora que a situação era no mínimo desconfortável.

Ainda me incomodo ao recordar aquele dia e em como ele foi embora sozinho na chuva.

"Querida, você estava lá para me ajudar a superar
Já estivemos por aqui algumas vezes
Vou deixar tudo bem claro
Me pergunte como chegamos tão longe
A resposta está escrita em meus olhos"

Taylor olha para mim e eu desvio o olhar. Foco na paisagem que passa rápido pela janela do passageiro, sem apreciar nada em

específico, apenas me afastando da intensidade dele, que sempre me queima.

“Toda vez que olho para você, vejo algo novo
Que me deixa mais animado do que antes e me faz te querer mais
Não quero dormir essa noite, sonhar é perca de tempo
Quando olho o que a vida vem se tornando
Tudo se resume a amar você”

— Não acredito... — murmura, me fazendo voltar a encará-lo com o coração acelerado. — Você está cantando?

Calo meus lábios imediatamente quando noto que, sim, eu estava cantarolando a droga da sua música idiota. Melosa, açucarada e ruim.

É só o que me faltava!

Troco a faixa, sem respondê-lo, me distraindo com a Lady Gaga ao som das suas risadas e sorrisos satisfeitos. Eu me sinto como uma criança fazendo pirraça, mas não me importo. Canto mais alto quando *Bad romance* começa a tocar.

Acredita que ele faz careta para mim?

E pior, não sei se é apenas pela música ou pela minha voz.

No chuveiro, eu não me acho tão ruim.

— Ainda não gosto do seu rock velho e nosso cachorro nunca vai se chamar Jovi. Ou BJ, Holt. — Aviso categórica assim que a música muda, usando seu sobrenome de propósito. Não é tão charmoso como quando ele faz o mesmo. — Eu não sou boba.

O que ele faz? Apenas sorri. Aquele mesmo sorriso lindo de covinhas que é, sem dúvidas, o meu favorito.

Ao chegarmos à praia, Olívia, Jason e Rachel estão em uma área separada, com um guarda-sol aberto, sentados em uma toalha. Jason está de sunga, ao lado de Rachel que ainda está vestida com short e camiseta. Não há como não reparar, Jason tem um corpo muito bonito – ombros fortes, abdômen sarado e pele vistosa. Não tem oito gominhos como Taylor, apenas seis, e ele também não é tão alto, mas não deixa de ser uma bela visão.

Ao nos ver chegando perto, Olívia se levanta, sorrindo e vindo até nós. Ela está linda com uma canga estampada e um chapéu simples, escondendo seu rosto assim como os óculos de sol.

— Vocês demoraram muito! — reclama, olhando brava para o irmão, que apenas dá de ombros, como se a culpa fosse de fato dele e não minha. — O que aconteceu?

— Eu atrasei a gente — admito.

— Certo... — diz ela, dando de ombros. Talvez entenda porque é mulher. — Vem, deixem suas coisas aí! Os barris de cerveja já chegaram e vocês perderam muito tempo de curtição. Logo vai anoitecer e começará o luau.

Eu me sento ao lado da Rachel e cumprimento tanto ela quanto Jason com um sorriso simpático, que é retribuído apenas por ele.

Essa aí não vai gostar de mim tão cedo...

Taylor acena para Rachel, sendo educado, e desconsidera a presença de Jason como todos previam, colocando nossa cesta próxima a mim antes de estender umas das toalhas ao meu pedido e retirar a camisa.

Meu pai do céu!

Literalmente.

Não importa quantas vezes eu o veja assim, acho que nunca vou me acostumar com esse V bem marcado em sua bacia e os relevos fortes dos músculos destacados. Sério, ele corre e tudo, mas não é possível... Deus tem mesmo seus favoritos.

— Se babar mais, vai fazer da areia outro mar, Amber! — Olívia brinca, rindo enquanto olha para mim. Taylor e eu então fazemos o pior sinal de culpa imaginável, trocando olhares tímidos.

Droga!

— Acho que ela já fez mais que babar... — Rachel alfineta.

Jason está inesperadamente quieto. Ao encará-lo, vejo seu cenho franzido. Será que voltamos à fase em que ninguém acredita que Taylor ficaria mesmo comigo?

— O que está rolando, hein? — pergunta ela, retirando os óculos para olhar para o irmão.

— Como assim? — Taylor sonda.

— Vocês estão estranhos... — Ela segue desconfiada. — Aconteceu algo depois que eu saí?

— Aliás, fiquei chateado por não ter recebido um convite — debocha Jason, recebendo um olhar feio de nós três. O quarto olhar, de Rachel, está ocupado demais fitando-o com um filtro cor-de-rosa.

Olívia se move na minha direção, presumido que possivelmente é mais fácil arrancar a verdade de mim. Não posso dizer que ela está errada.

— Bom... — começo.

Acontecer, aconteceu, não é?

Finalmente, aliás.

Será que Olívia ficará brava se eu contar que consegui alguns beijos? Ou que até pedi mais?

— Deixa de ser curiosa, Liv! — Taylor recrimina, me calando antes que eu possa tagarelar em detalhes todos os acontecimentos de ontem.

Se sua irmã acata sua fala, eu não sei, mas ela parece se esquecer do assunto quando Rachel se levanta, retirando o short e a blusa que está usando, ficando apenas com um biquíni azul, convidando-a para darem um mergulho.

— Está quente demais, vamos nadar?

— Vamos. Você vem, Amber? — Olívia chama, retirando o chapéu e a saída de praia, revelando o maiô branco de frente única que está usando.

Fito Taylor, que está distraído mexendo dentro da cesta, procurando algo para beber. Para minha infelicidade, ele parou o showzinho na metade e não retirou a bermuda. Ainda estou com o meu bolão mental, se está com uma sunga como Jason ou se vai usar um calção de banho.

— Já vou. Preciso passar o protetor antes — eu respondo. — Acabei me esquecendo de passar antes de sair de casa.

— Ah, eu também! — Rachel se lembra, indo até a sua bolsa.

— Ok, vejo vocês na água. Não demorem!

Olívia se afasta e eu procuro o meu protetor dentro da bolsa, antes de puxar o vestido para fora do corpo e dobrá-lo cuidadosamente, guardando a peça logo em seguida para não se sujar com a areia.

Quando ergo a cabeça, pego os olhos de Taylor deslizando sobre mim. Ele parece ainda mais atônito com essa peça do que com o biquíni amarelo que o surpreendi na sala.

— Esse... — balbucia ele. — É sem dúvidas o meu favorito.

Abro um sorriso, sem me conter.

— O meu também. É bem brasileiro.

Seu pomo de adão se move violentamente quando ele engole em seco, anuindo. É claro que reparei que ele aprecia muito meus seios, e esse modelo em particular realça meu busto.

— E bem... pequeno.

— A marca de Sol fica mais bonita assim — justifico, espalhando o produto pelos meus braços.

— Passa nas minhas costas, Jason? — A voz de Rachel quebra nosso contato.

Olho para ela, que tem o protetor erguido e olhos pidões para o moreno. Ele também estava olhando para mim, mas diferente de Taylor, não disfarçou seu olhar e abriu um sorriso perverso no rosto.

— Passo, claro — confirma, pegando o protetor das mãos dela. — Vai querer que eu passe em você também Amber?

Paro o que estou fazendo, terminando de espalhar o produto nas minhas pernas e olho para ele.

— Bom...

— Não precisa. — Taylor me interrompe, antes que eu consiga decidir se é ou não uma boa ideia. Não posso negar que fico satisfeita. — Eu passo pra você.

Passo a embalagem.

— Está bem!

Sento sobre os calcanhares, de costas para ele, e coloco as mãos sobre as coxas, aguardando. Taylor toma o cuidado de afastar as pontas do meu cabelo que agora está solto antes de começar. Escuto quando abre a tampa do protetor e coloca um pouco do produto nas mãos.

Minha respiração engata no segundo em que as mãos dele começam a passear pelos meus ombros, quase em uma massagem, deslizando suavemente pela minha pele. São pesadas e ásperas, mas tão gentis. Quando se dá por satisfeito nessa região, ele desce para as omoplatas, raspando os dedos na corda do biquíni que faz um laço nas minhas costas.

— Isso parece se desamarrar muito fácil... — seu sussurro é grave.

Fito de esguelha Jason e Rachel, ela tem um sorriso encantado e ele olha para o bumbum dela. Faço uma negação sútil com a cabeça ao observar a cena.

— Eu dei um laço firme — respondo Taylor, no mesmo tom.

Suas mãos descem mais, arrepiando a minha pele quando atingem a lombar. Ambas as mãos espalmadas, pelo tamanho, atingem a minha cintura com a ponta dos dedos e, um pouco abaixo, o meu quadril, raspando dessa vez no laço lateral da calcinha.

Ouço o exalar profundo contra o meu pescoço, antes de sentir a textura dos seus lábios em um beijo rápido.

— Acabei.

Olho para ele, ainda sem me mover.

— Ah... Obrigada.

Taylor sorri, desviando sua atenção novamente para a garrafa de cerveja em que toma um grande gole. Rachel também se levanta, parando perto de mim.

— Você vem? — ela pergunta.

Aquiesço, preciso de água fria.

Olho para os garotos.

— Vocês não vão nadar? — pergunto.

— Quero comer algo antes. A viagem abriu meu apetite. — Taylor responde com os olhos cravados em mim.

Limpo a garganta e olho para o outro.

— Vou daqui a pouco. — Jason diz, deitando-se com os braços cruzados atrás da cabeça. — Quero aproveitar o Sol.

Assinto, levantando e vou com Rachel para o mar, à procura de Olívia. Espero que tenha comida o bastante para se distraírem e não acabarem se matando. Não seria legal se um deles acabasse enterrado na areia.

— E então... — Rachel puxa conversa enquanto andamos — Você e o Taylor, é claro que tem alguma coisa rolando.

Olho para o céu a fim de ganhar tempo. É um dia bonito, ensolarado e com poucas nuvens. A temperatura quente e a brisa fria combinam perfeitamente com o mar imenso à nossa disposição. O cenário me traz lembranças e saudade! Adoro nadar, especialmente no lago particular que fica dentro do meu Haras na Itália.

— Por que acha isso? — pergunto em tom calmo.

Fico muito orgulhosa de não ir contando tudo.

Estou evoluindo, afinal.

— Bom, basta olhar para vocês.

Somos obrigadas a recuar um passo quando um cara passa por nós, correndo com uma garota no ombro em direção à água. Ela reclama enquanto se debate, mas parece estar se divertindo.

— Como você gosta do Jason? — devolvo a pergunta.

Ela dá de ombros, pensando. Respiro fundo quando a água toca os dedos do meu pé, já chegamos ao mar.

— Não pense que não sei como ele é galinha e que dá em cima de todas as garotas do Campus. Eu sei, sim — confidencia, olhando na direção dele agora bem ao longe enquanto a água começa a cobrir nossos corpos. — Mas ele é uma boa pessoa, há um garoto legal acima daquela fachada. E, bom, sim, eu gosto dele. E tenho esperanças de que um dia Jason vá notar isso, que sou a garota certa para ele.

Mordo a língua para não dizer nada. Como garota, fico tentada a aconselhá-la a proteger seu coração, mas não o faço. Primeiro porque não somos amigas e ela não me pediu um conselho, segundo porque não é meu papel dar juízo de valor ao seu relacionamento com Jason. Ou seja lá o que eles dois tenham.

Afundamos no mar, sendo obrigadas a dar braçadas para nos afastarmos da costa. Olívia nos avista, e rapidamente vem até nós. Ela tem um sorriso largo e apanha um pouco de água salgada para jogar em nossos cabelos assim que nos encontramos.

Limpo meu rosto, entrando na brincadeira.

É bom ter isso. Interação entre garotas, o jeito de rir e conversar que só acontece entre meninas. Sem May, sinto falta disso.

— O Greg não vai vir? — pergunto a Olívia, estranhando a ausência do seu namorado. Eles sempre estão juntos.

— Não, ele viajou esse fim de semana para a casa dos pais em Chicago. Problemas de família.

— Entendi.

Nós nadamos um pouco, divertindo-nos com a água gelada e o Sol sob as nossas cabeças. Faz tanto tempo que não sinto essa sensação que mesmo com os dedos enrugados, não estou nem perto de querer sair.

Eu mergulho, emergindo na direção da praia e capto o momento exato em que Taylor caminha rumo ao mar. De repente, desejei que meus olhos fossem câmeras fotográficas para registrar esse momento.

Provavelmente a cena não se desenrola em câmera lenta, mas é exatamente assim que eu a vejo. Com passos largos e firmes, com aquelas coxas grossas salpicadas por pelos suaves e aquela sunga branca apertada. *Branca, papai... assim o senhor não colabora!* A vista acima só melhora, com o peitoral bem marcado, abdômen e braços fortes.

Um grupo de universitárias para, para observá-lo, e eu odeio a sensação que toma o meu peito. A mesma que me acometeu no teatro enquanto ele atuava com Alisson. Uma raiva ínfima, um descontentamento profundo. *Que diabos!*

Fico tão focada em Taylor que apenas após alguns segundos é que noto Jason ao seu lado. Afastados como se não se conhecessem, mas seguindo a mesma direção, nadando em braçadas largas até nos alcançar.

— Achei que não fosse nadar... — Olívia graceja e seu irmão puxa a ponta do seu nariz em uma brincadeira.

— Estava cuidando do meu estômago — defende-se e então olha para mim, sorrindo. — Aliás, os sanduíches estavam deliciosos.

— Ninguém nunca te disse que nadar de barriga cheia é perigoso? — advirto, olhando brava para ele.

Taylor dá de ombros, sem graça.

É um bronco mesmo!

— Comi apenas dois.

— Você nada muito bem. — Jason fala comigo, me obrigando a desviar os olhos para fitá-lo.

— Estou acostumada. O Haras da minha família tem um lago fabuloso.

— Que bacana! — Ele sorri, nadando para mais perto. — Acho que não fui o único a notar um clima entre você e o cara-amarrada... — aponta com o queixo para Taylor. Pela sua expressão e pelo silêncio repentino das garotas, sei que estão escutando a conversa. — Conta pra gente, está acontecendo alguma coisa?

— Por que quer saber? — Rebato, sem entender onde ele quer chegar.

O rosto relaxado e sorridente de Taylor agora está tenso. Queixo apertado, sobrancelhas contraídas e olhos astutos, alternando entre mim e o moreno questionador.

— É, não sei porque diabos está tão interessado, Jason! — Rachel guincha, intrometendo-se na conversa pelo ciúme.

— Chega disso! — Olívia reclama, jogando água na tentativa de aliviar o clima. — Não viemos aqui para brigar. Pelo amor de Deus, não ajam como crianças!

O clima fica tenso, mas se dissipa aos poucos conforme continuamos a nadar. Ao nosso redor, vários outros universitários mergulham e se divertem, alguns se beijando na água, alguns praticando jogos na costa da praia e outros apenas nadando.

Aproveito para mergulhar novamente, nadando rápido e com maestria, balançando os pés e afastando as colunas de água para tomar distância. Percorro um longo caminho até ser obrigada a emergir e respirar fundo, enchendo os pulmões de ar.

Ao abrir meus olhos, noto que estou afastada de onde estava, próxima a uma grande rocha. Coloco as mãos no peito quando sou pega de surpresa e sinto um par de mãos tocando minha cintura.

Giro rápido, pronta para gritar ou dar uma bofetada no sujeito, mas a única coisa cafajeste que eu encontro é o sorriso torto de Taylor.

Acredita que ele fica ainda melhor molhado?

Sorrindo, com os cabelos ensopados e gotas de água salpicadas pelo rosto, seus olhos estão fixos em mim, ainda mais bonitos nesta vista paradisíaca e com os cílios mais escuros pela umidade.

— Você nada como um peixinho, Thompson.

Rio, empurrando seu ombro.

— Você me assustou! — reclamo.

— Desculpe.

— E quanto ao comentário anterior, vou levar isso como um elogio. — Faço um gesto superficial com a mão. — Apesar de que você deveria ter usado sereia, não peixinho.

Ele sorri.

— Sabe que quase me infartou com esse biquíni minúsculo, não é? — pergunta, nadando para mais perto de novo. — E passar aquele protetor solar... Porra, que martírio!

Deixo meu corpo afundar, escondendo um sorriso. Permito que Taylor veja apenas os meus olhos por um momento devido à oscilação do mar. A região onde estamos é bem acidentada, com áreas mais profundas que outras.

— Ah, é?

— É, e acho que você sabe... — Ele pausa, analisando meu rosto. — Fez para me provocar?

— Não — digo com sinceridade. Ele pode até ter sido uma das causas, mas não foi a principal. Vesti a peça por mim, porque me senti bem e bonita com ela. — Gostei de como me senti.

Taylor sorri mais ao escutar a minha resposta. Seu rosto se aproxima do meu e sinto nossas pernas roçando levemente antes de uma das suas mãos deslizar para a minha cintura e depois para o quadril.

— E como você se sentiu?

Resfolego.

— Bonita. E sexy.

— Não precisa de qualquer peça para isso — diz doce, apesar do seu tom estar mais grave agora. — Você é assim sempre.

— Mesmo sem maquiagem ou com uma toalha enrolada no cabelo? — questiono, fazendo charme.

— Ou bagunçada e amassada pelo sono da manhã? Sim, principalmente assim. Mas com esse biquíni você não está apenas bonita e sexy, Amber...

Sua mão brinca com o laço lateral da minha calcinha. De repente, não é mais o Sol em nossas cabeças que está aquecendo meu corpo, mas o homem à minha frente.

— Você está definitivamente gostosa pra caralho!

Arrepios nascem na minha espinha, tocando meu ventre e me fazendo estremecer. A gravidade parece deixar de existir, sinto meu corpo mais leve do que a imensidão celeste que nos envolve. Taylor sabe me levar alto, quase tocando o céu, e às vezes faz isso apenas com suas palavras.

— Você ficou incrível com essa sunga também... — eu admito, chegando mais perto.

O aperto em minha cintura se intensifica, e eu aprecio o gesto, batendo lentamente meus pés. Não estou preocupada em como ele consegue se manter com apenas um braço sem afundar no mar, apenas com seu toque.

— Não consegui parar de olhar para o seu...

— Thompson! — Ele me interrompe, rindo. — Eu sei, eu sei. É difícil não olhar uma coisa desse tamanho.

Arregalo os olhos, tendo um ataque de risos enquanto tento negar.

— Deus, não! — respiro fundo, quando consigo voltar a falar. — Estava falando da sua barriga.

Ele ri ainda mais ao ouvir a minha justificativa, demonstrando que nunca pensou outra coisa, queria apenas me provocar.

— Aham, sei...

— É sério!

— Desiste, você não me engana mais.

Reviro os olhos.

— Você é muito convencido, sabia?!

Ele dá de ombros, mergulhando o rosto na curva do meu ombro, dando um beijo casto antes de chupar a pele salgada do meu pescoço. Inclino um pouco a cabeça, dando mais acesso a ele, e subo as minhas mãos pelos seus braços até os ombros, agarrando seus músculos para ter estabilidade. O ponto em que estamos não é tão fundo, e dou graças por isso.

— Não faz ideia do quanto quero te beijar agora... — Sopra ele com a voz morna no meu ouvido, mordendo o lóbulo levemente.

Solto uma respiração entrecortada.

— Com sua irmã aqui?

— Eles estão afastados agora. A praia está lotada, duvido que alguém esteja prestando atenção em nós — argumenta enquanto desliza os lábios macios pelo meu maxilar. — Ou em qualquer coisa na verdade.

Com certeza não estão.

— Tem razão... — subo a mão pela sua nuca e agarro os fios encharcados, obrigando Taylor a erguer a cabeça e abrir seus olhos para mim. — Então me beija.

Não vejo aquela resistência inicial em seus olhos, apenas desejo e carinho em proporções extraordinariamente iguais. Não faço ideia do que estamos fazendo, mas sei que ele me quer da mesma forma com que eu o quero. Com toda dúvida, confusão e provável desastre que virá depois.

Fecho meus olhos e entreabro os lábios, sentindo suas mãos em mim e ansiosa pela promessa de mais um beijo. Beijar Taylor Holt é como tocar a Lua e eu tenho gostado muito de visitar o céu.

Porém, segundos se passam e não sinto seus lábios tocarem os meus como previa. Ao abrir os olhos, encontro seu olhar distante, focado em Olívia que nada até nós. Ao lado dela, Jason e Rachel. Ela está sorrindo demais inclusive, aposto que esse cafajeste soltou alguma pérola.

Abro distância entre nossos corpos, engolindo em seco. O Sol forte será uma ótima desculpa, mas a verdade agora é que estou rubra pelo constrangimento da situação.

Há quanto tempo estavam vindo até nós?

O quanto foram capazes de ver?

Suspiro, desconfortável.

Tudo parece mais fácil dentro da nossa bolha perfeita, no conforto do apartamento. Sempre que saímos de lá, é como levar um choque de realidade. Sobretudo, no que diz respeito a irmã dele. Ela está simpatizando comigo agora, mas não sei se isso se manteria caso soubesse das minhas intenções. Olívia é muito protetora.

— É melhor nadarmos de volta — Taylor orienta.

Concordo com um aceno e começamos a vencer a distância entre eles, nadando em direção a parte mais rasa.

— O que estão fazendo? — Olívia pergunta em tom curioso quando nos encontramos.

Não sei se sou salva pelo gongo ou se o papai ficou bravo lá no céu com a minha peripécia, mas uma onda imprevisível e forte nos atinge em cheio, cobrindo nossas cabeças e nos afundando na água.

Sinto o peso das colunas de água sobre mim e fecho os olhos para não entrar em pânico, movimentando os braços para

subir. Quando consigo emergir, tossindo um pouco por ter sido pega se surpresa, percebo que talvez os genes da minha mãe tenham sido predominantes, afinal.

Especialmente, os da vergonha-alheia.

A primeira pessoa a olhar para mim é Taylor, mas ele não é o único. Quando seu olhar desce explicitamente para os meus seios, arregalando-se tanto que parecem prestes a pular das órbitas, eu faço o mesmo e tenho vontade de afundar mar abaixo de tanta vergonha.

Com a onda, os laços da parte superior do meu biquíni se soltaram e a peça se perdeu, me deixando nua da cintura para cima. Imediatamente cruzo meus braços na frente dos seios, mas acabo afundando, sem pensar muito bem nas consequências ao parar de mover meus pés.

Taylor vem até mim, mas eu insurjo, protegendo-me com um braço apenas e nadando para longe sem a mínima ideia do que fazer. Paro quando estou próxima a outra rocha, tiritando de medo, torcendo para não atrair a atenção de mais ninguém.

— Parece que ela tem um imã para o azar... — Ouço a voz de Rachel comentar.

— Para, Rachel! — É Olívia quem a recrimina.

A gargalhada de Jason chama a atenção de todos, inclusive a minha. Viro-me para ele com os olhos ardendo, agradecendo pelo meu rosto já estar molhado. Com um sorriso nos lábios, ele levanta algo da água, que boiou em sua direção.

É o meu biquíni.

Só pode ser brincadeira!

— Olha o que o mar trouxe para mim. Quer que eu amarre para você, princesa? — Ele se oferece, nadando até mim.

Antes que possa cruzar uma distância significativa, Taylor o interrompe, explanando a mão em seu peito e roubando a peça de suas mãos sem dificuldade. Ele nada até mim e dessa vez eu permito que se aproxime, ficando de costas.

— Você está bem? — É a primeira pergunta que me faz.

— Estou.

— Me deixa amarrar?

Assinto.

Seguro na pedra e permito que passe o biquíni por mim, habilmente amarrando as cordas sem afundar. Eu achava que eu nadava bem, mas Taylor está de parabéns.

— Pronto.

Viro para ele com uma careta, embora esteja me sentindo melhor agora com a peça fujona de volta ao meu corpo.

— Rachel tem razão, eu só passo vergonha...

— Foi um comentário maldoso. — Ele me tranquiliza, começando a nadar na direção dos outros novamente, assim como eu. — Isso foi apenas um acidente.

— Um baita de um acidente!

Rindo, Taylor olha para mim e sussurra:

— Veja pelo lado bom, ainda bem que não foi a calcinha.

E então eu estou sorrindo também.

Porque é isso que Taylor Holt faz.

Ele me faz sorrir.

Sempre.



Quando o Sol se põe e a noite ganha um brilho escuro, decidimos parar de nadar. Fiquei aliviado, tanto por sentir meu estômago roncar quanto por Amber. Voltamos para o mar depois de horas jogando na costa da praia, mas sei que ela não esqueceu do incidente.

Incidente, que, aliás, me fez precisar disfarçar uma ereção a cada minuto do dia em que me lembrei da visão magnifica de seus seios.

— Não fica assim, Amber...

Abraço seus ombros quando atingimos a areia.

— Você está falando isso porque não foi você! — Retruca com o mesmo bico que está nos lábios desde o acontecimento. — Queria ver se tivesse perdido sua sunga e mostrado seu P para todo mundo.

Solto uma gargalhada, e ela acaba rindo também.

— Ia infartar umas dez garotas... — continua, mas agora em um tom diferente. Mais fechado, quase irritado.

— Nada diferente de você. O idiota do Jason quase se afogou — digo a contragosto. Odeio a forma como ele a olha.

— Está exagerando!

Não respondo.

Talvez estivesse, mas continuo incomodado.

Observo Jason e Rachel ao nosso lado, juntamente com Olívia. Eles estão conversando e rindo, todos esquecidos da má sorte. Minha irmã olha em nossa direção, encara meus olhos, depois meu braço envolvendo o corpo de Amber, antes de voltar a prestar atenção na amiga que toca seu cabelo.

Sentindo a consistência granulosa da areia molhada, noto imediatamente quando algo esbarra nos meus pés. Desenlaço o ombro de Amber e me abaixo, pegando o objeto e passando na água para vê-lo melhor.

Minha boca fica seca e sinto minhas mãos tremerem ao ver nitidamente o chaveiro. Pesado, feito de ouro, caro demais para ser deixado intencionalmente para trás. Na ponta, dois penduricalhos que me recordo muito bem: um pingente com a letra A e uma arma.

— Taylor, você está bem? — Ouço a voz de Amber, mas não consigo me mover ou deixar de fitar o objeto nas minhas mãos.

Será que estava aqui apenas me esperando?

Seria loucura demais ter esperança de que o passado perdido estivesse batendo à porta agora?

Provavelmente. Até porque, não sei se seria capaz de perdoá-lo pelo que fez. Comecei a amar odiá-lo porque, por muito

tempo, foi a única coisa que tive. Entre o rancor e a saudade, preferi o primeiro. Machucava um pouco menos.

— É dele? — A voz de Olívia é a única capaz de me trazer de volta.

Demoro um pouco para conseguir respondê-la:

— Eu não sei...

Ela se aproxima, tocando com seus próprios dedos, precisando ter certeza de que os seus olhos não a estavam enganando.

— Como é possível? — indaga, atônita.

— Não é. Isso é...

— Loucura.

Notando o desespero em meus olhos, ela segura a minha mão, pegando o chaveiro e encerrando o assunto. Olívia está assustada, é claro que está, mas ela sabe o que esse pequeno objeto pode desenterrar.

— É apenas um chaveiro parecido, Taylor — conforta em tom firme. — Deve haver milhares de modelos iguais a esse por aí.

Respiro fundo, assentindo.

É o mais fácil e, talvez, o mais racional a se fazer.

Mas quais as chances? Ainda mais com aquele pingente em A, que eu nunca esqueci o nome.

— Está tudo bem? — Amber pergunta, sem se conter. Quando volto a olhar para ela, noto a preocupação genuína em seus olhos.

— Está — respondo forçando um sorriso.

Rachel e Jason também interromperam seus passos e ambos encaram Olívia e eu. Apesar de serem amigas, minha irmã nunca se

abriu com Rachel, então Amber e ela estão confusas. Jason, por outro lado, sabe sobre o Sr. H e toda a bagagem emocional que a história carrega.

— Vamos, estou com frio. — Olívia reclama, pondo-se a andar.

Todos nós a seguimos de volta para onde estávamos com as toalhas na areia e o guarda-sol ainda aberto. A primeira coisa que faço é fechá-lo, colocando o objeto no fundo da bolsa. Logo depois pego uma das toalhas extras que Amber trouxe e começo a me secar.

— Obrigado por evitar que eu morra de hipotermia — zombo, segurando a toalha. Ainda estou tenso, mas isso nunca impediu meu humor.

Amber abre a boca duas vezes, mas nada sai. Como esse não é seu comum, pressuponho que seu comportamento seja pela cena que acabou de presenciar. Ela está confusa, como seria diferente? Eu ainda sou uma incógnita.

— Por nada — diz por fim. — Você sempre esquece as roupas quando vai tomar banho, é claro que não lembraria de trazer essas coisas para a praia.

Faço um gesto de cabeça em concordância e visto a minha roupa, a mesma peça com que vim. Amber está terminando de se secar, inclinada para alcançar as panturrilhas e eu desvio o olhar, não querendo parecer um maníaco por não conseguir tirar os olhos dela.

Tudo bem reparar nela, afinal, além de ser uma mulher muito bonita, também mora comigo. Foi uma batalha perdida tentar não dar uma espiada respeitosa nos seus shorts, pijamas, legging...

Para ser sincero, com quase todas as roupas. Mas esse biquíni... Puta merda! O tecido ínfimo enfiado entre as bochechas da sua bunda ou a tira de pano contra seus seios, tudo me deixou tonto. Foi como levar uma martelada, direto na cabeça.

Passo os dedos entre os fios do meu cabelo, tentando desanuviar minha mente desses pensamentos e arrumá-los. Ele está comprido na frente e muito úmido pelo mar, deve estar uma bagunça. Thompson bem que podia vir até aqui e passar os dedos por ele, aproveitar e me fazer um carinho.

Sorrio comigo mesmo.

Depois suspiro.

Quando todos já vestiram novamente as suas roupas, vamos para o luau montado do outro lado da praia. O número de universitários agora é um pouco menor, alguns foram para casa e outros acabaram passando mal pela quantidade excessiva de álcool que tomaram.

Parei de beber cerveja desde que mergulhei a primeira vez, pensando em estar sóbrio para voltar dirigindo em segurança. Amber está se divertindo, aposto que estará cansada na volta.

— Está lindo, não é? Os arranjos com flores dentro das cascas de abacaxi foi ideia minha. — Olívia comenta, sorrindo. Ela organizou grande parte dessas coisas com ajuda de voluntários e alguns membros da fraternidade.

Rachel concorda, afinal foi uma das ajudantes na montagem. Mas é o olhar encantado de Amber que chama minha atenção e me faz sorrir.

— Isso é incrível! Esses pontos de luz espalhados são como estrelas — ela diz, apontando para as lâmpadas presas ao longo

das toras de madeiras fincadas na areia.

Além da decoração com as luzes e a madeira, há algumas mesas espalhadas pelo lugar. Em cima delas estão arranjos paradisíacos com flores organizadas dentro de abacaxis vazios, algo que lembra o Havaí. Mais ao longe, um bar improvisado, já servindo drinks frutados, sucos e cerveja, e uma área com um palco de madeira polida que funciona como uma pista de dança para a música animada que está tocando.

— Vem, a gente tem que dançar! — Olívia anuncia puxando Amber e Rachel pelo braço na direção do tablado.

— Só tem casais lá — argumenta Amber.

Minha irmã geme, batendo o pé.

— E daí? Só por isso vamos ficar aqui? — Olívia arqueia uma sobrancelha, sem aguardar uma resposta. — Nada disso, vamos dançar. Eu vim para me divertir, tenho uma semana fodida de provas a partir de terça-feira.

As meninas aquiescem, vencidas. Rachel antes de ir, olha para Jason, convidando-o para acompanhá-las. Não entendo como espera outra resposta senão uma negação. Conhecendo-o bem, como eu infelizmente conheço, Jason deve ter batido o olho em pelo menos três garotas em quem vai tentar investir essa noite.

— Você não vem? — Amber me pergunta com olhos pidões. Eu nego. — Ahhh, por que não?

— Porque não sei dançar — eu argumento. É mentira. — E porque estou com fome, quero ver se eles têm alguma comida no bar.

Ela ri, revirando os olhos antes de se afastar com as meninas. Sei o que pensou, praticamente devorei quase tudo que

trouxemos na cesta sozinho. Aposto que está me chamando de guloso em seus pensamentos.

Caminho em direção ao bar, assim como Jason. Não quero a sua companhia, sua presença me irrita. Mas sendo sincero, estou mais incomodado pelo chaveiro do que pela presença dele agora.

Faço meu pedido, escolhendo um suco de frutas tropicais e devorando a porção de amendoins salgados disposta em cima do balcão. Jason, ao meu lado, depois de flertar com a garçonete, pede uma cerveja.

— Aqui, meu número... — A moça passa um papel ao trazer a garrafa.

— Obrigado, princesa — graceja ele com um sorriso.

Perdi as contas de quantas vezes saímos juntos antes de tudo acontecer, e em como eu ficava boquiaberto com a quantidade de calcinhas que Jason conseguia conquistar em apenas uma noite. Ele tem um bom papo, apesar do péssimo caráter.

Dou um gole no suco, fitando a pista de dança.

Não consigo localizar Amber e Olívia, apenas Rachel que está mais à frente. Com a escuridão da noite e apenas as lâmpadas espalhadas, a iluminação está baixa, como uma boate a céu aberto.

— Acha que o chaveiro era mesmo dele? — Jason pergunta.

Penso em não responder, em simplesmente ignorar a sua presença. Contudo, não posso mudar o fato de que ele sabe sobre partes da minha vida e que entendeu cada um dos sentimentos passados pelos meus olhos no momento em que encontrei aquela porra no mar.

— Por que acha que vamos simplesmente começar a conversar? — questiono cético.

— Porque acima dessa rixa besta, eu me importo com você.

Rio, irônico.

— Se importa? Uau, isso é realmente uma surpresa.

Jason bufa, tomando um gole da sua cerveja.

— Não combina com você agir como um babaca, Ty.

Eu odeio tanto essa droga de apelido.

Levanto do banco, abandonando o copo em cima do balcão. Os olhos de Jason se erguem, e apesar da rigidez em seus ombros, ele não se move.

— E o que combina comigo, Jason? — rosno. — Ser tão previsível e manipulável? Ah não, melhor, acho que o visual de corno, não é?

Meu peito está subindo e descendo rápido, expandindo-se com força pela raiva correndo livre pelo meu sangue. Antes, esse cara era meu melhor amigo, hoje tenho que cerrar os punhos e apertar forte os dedos até que os nós fiquem brancos, tentando descontar toda a minha frustração no ato para evitar quebrar seus dentes.

Não quero fazer uma cena, ainda mais em um lugar tão cheio. Sobretudo, não quero estragar a noite das garotas.

— Por que sente mais raiva de mim do que dela? — Jason pergunta.

Eu esperava que ele revidasse, que se levantasse e empurrasse os ombros para trás, peitando-me como sempre faz. Mas ele não se levanta e o tom melancólico da sua voz me surpreende.

Jason não precisa mencionar seu nome para que eu saiba sobre quem estamos falando. É claro que, envolvendo nós dois, o

assunto só poderia ser um: Yasmin. A bela e sórdida garota de olhos verdes.

— Ela não está aqui, está? — devolvo, ríspido.

Esse é sem dúvidas um dos motivos. Entretanto, no fundo, sei porque a minha consternação sempre fora maior por ele. Fui perdidamente apaixonado por Yasmin, tanto que me vi completamente cego de desejo, rendido aos seus encantos. Foi assim desde a primeira vez em que a vi e ainda mais depois da nossa primeira vez juntos. Mas eu não a amava. Fui muito, muito apaixonado, mas nunca a amei.

Jason, eu amava. Ele foi meu primeiro e melhor amigo, a única pessoa que permiti se aproximar além de Olívia depois de tudo. Por isso, doeu tanto quando me traiu daquela forma. Pelas minhas costas... e por tanto tempo.

Hoje, parando para pensar, essa pessoa é Amber. Ainda temos muito o que resolver e eu ainda não me sinto pronto para contar tudo o que ela precisa saber sobre mim. Embora eu esteja pensando cada vez mais nesse assunto.

Não queria, mas gosto e confio nela. Tanto que tenho um medo absurdo de que acabe sendo apenas mais uma pessoa a me trair. Ou a me abandonar.

Eu não sei perdoar.

— Ela não era nenhuma santa... — Jason argumenta.

— Acha que eu não sei? — Devolvo com o cenho franzido. — Nunca pensei isso da Yasmin.

— Pois parece que pensa. É a única explicação para você colocar um fardo de culpa muito maior nas minhas costas por um erro que cometemos juntos.

Aperto mais os dentes, cerrando o maxilar.

— Eu culpo a vocês dois — cuspo. — Satisfeito?

Jason faz um gesto inconformado com a cabeça e se levanta, me fazendo recuar para não ficar tão próximo. Apesar do gesto, sua postura é bem mais amigável do que a minha, que se mantém hostil, a um fio de esquecer o diálogo. A barista atrás de nós lança olhares furtivos, notando a exaltação, e comenta com o barman.

— Achei que me culpasse mais porque achava que aquilo tudo partiu de mim... — continua ele — que fui eu a dar o primeiro passo.

— Eu culpo. Independente da primeira ação ter sido sua ou dela.

Jason pausa, como se lembrasse de algo. Então uma enxurrada de sentimentos perpassa seu olhar, e eu não entendo quando vejo carinho e ressentimento lutando dentro dele.

— Yas sabia ser insistente... — diz simplesmente, por fim.

— Sim, ela sabia — sou obrigado a concordar.

Tudo que fazíamos era algo da vontade dela. Até quando eu pensava ser minha, estava enganado. Linda e manipuladora, uma combinação perigosa de mulher na vida de qualquer homem.

— Mas isso não faz diferença — continuo austero. — Se fosse o contrário, eu não teria cedido. Independente das investidas. Era o que eu esperava de você como meu amigo.

Jason engole em seco, como se tivesse um bolo de areia preso na garganta, mas não desvia o olhar. Ele merece uns pontos por isso. Não deve ser fácil encarar todos os sentimentos ruins dentro dos meus olhos agora.

— Sabe que isso não é justo.

— Justo? Quer falar de justiça comigo? — Rio com escárnio. — Merda, me poupe Jason! Logo você que sempre teve tudo o que bem quis na palma da mão. E quando não teve, pegou sem se importar.

Apesar do que digo, sei que não estou sendo razoável. Mas não consigo me importar o bastante para parar. É assim que algumas pessoas são, não é? Só sabem machucar quando são machucadas. Não são capazes de dar a outra face.

— Você tem um passado fodido, mas não é a única pessoa com problemas, porra! — Brada e empurra meu peito. — Eu também enfrentei merdas.

Aperto a mandíbula, devolvendo o gesto.

Agora, algumas pessoas ao nosso redor estão alerta, e me dou conta de que talvez nossa discussão não esteja tão contida.

— Vai usar o divórcio dos seus pais como desculpa agora? Essa é nova! — Minha voz sai dura, ríspida e eu não me importo quando seus olhos vacilam. — A única coisa velha aqui é você se recusar a admitir. Está sempre jogando a culpa nas pessoas, Jason.

Ele avança e eu não fico atrás, erguendo sua camisa pelo colarinho. Ouço a voz do Barman pedindo para que nos afastemos, mas não ligo, continuo com minha atenção focada e meu punho erguido.

É quando uma mão se fecha no meu braço, suave e pequena, e eu me deparo com Liv. Ela tem um sorriso tenso e tenta, descontraidamente, me puxar pela mão na direção da pista de dança. Acho que ninguém além de mim vê como está assustada e como está me implorando silenciosamente para não fazer uma besteira, para não me deixar levar pelas provocações dele.

Odeio dançar, e ela sabe disso. Mas acabo cedendo, ciente de que se ficar mais um segundo aqui, Jason e eu acabaremos aos socos. Violência nunca é a resposta, o problema é que apenas pessoas racionais pensam dessa forma, e eu estou cego de raiva.

— Vem, vamos dançar... — Ela diz, mesmo quando já me fez dar alguns passos em sua direção rumo a pista, afastando-me de Jason.

Puxo o ar, focado em manter um pé na frente do outro.

— O que pensa que está fazendo? — rosna baixo, preocupada.

Suspiro, coçando a nuca.

— Desculpa, Liv. Jason me tira do sério.

Chegamos à pista de dança e Olívia ergue os braços para envolver meu pescoço. Ela começa a dançar a música latina que está tocando, mas eu permaneço imóvel, apenas olhando para ela. Eu não vou dançar.

— Te disse para relevar, Taylor. Pelo amor de Deus, vocês parecem duas crianças birrentas!

Faço uma careta.

Ainda estou descontente, mas nunca altero o tom de voz com Olívia.

Olho ao redor, vendo as pessoas se movendo e encontro Rachel e Amber dançando sozinhas. Como se sentisse meu olhar queimando em sua pele, em meio a um rodopio, ela olha para mim. Linda, suada, com as bochechas coradas por horas no Sol. Os cabelos loiros estão bagunçados pela maresia e um sorriso brilhante enfeita seu rosto como se eu fosse sua pessoa favorita no mundo.

Sempre que abre um desses, Amber Thompson faz miséria de mim. Basta um olhar para meu coração palpitar, gritando algo que ainda não consigo entender.

Sim, eu sei, para um coração morto e enterrado, o meu está bem comunicativo ultimamente.

É só o que me faltava...

Amber parece feliz, sem nenhuma preocupação em seus olhos. Isso faz eu me sentir mais calmo inexplicavelmente, embora eu não tenha certeza se ela viu o showzinho ridículo que acabei de dar.

— Ela não viu a discussão — Olívia conta, chamando minha atenção.

Será que estou passando tanto tempo com a boca sem freio que peguei o hábito de pensar alto?

— O quê?

— Amber não viu — repete ela — Interrompi vocês antes que a confusão chamasse atenção. Além do barman pedindo para vocês pararem e a moça assustada com a confusão, aqui na pista de dança ninguém notou nada. A música está alta.

Encaro seu rosto.

— Como você viu então?

Liv rola os olhos, fazendo graça.

— Culpa desse meu senso de proteção que faz com que eu fique sempre de olho em você.

Consigo abrir um sorriso, sentindo meus músculos distensionarem. Beijo a testa dela, grato por Olívia sempre saber como despertar o melhor de mim.

— Obrigado.

Ela sorri.

— Se lembra do que conversamos quando estava indo embora depois do seu aniversário?

Exalo, recordando suas palavras.

Não parei de refletir sobre o assunto ainda.

— Lembro.

— Pois bem, pense nisso.

Dando o assunto por encerrado, permaneço imóvel ao seu lado enquanto ela dança outra música sem se importar em me ter rígido como uma estátua. Quando está ofegante o bastante, voltamos ao bar para pedir duas águas. Segundos depois, Amber vem até nós, ainda mais suada.

— E você disse que não dançava... — zomba ela, confessando que ficou de olho em mim.

— Eu não dancei.

— Mas estava na pista. Posso jurar que vi uma rebolada.

Um gosto amargo invade minha boca, mas eu forço um sorriso para ela.

— Devia dançar com ela — Olívia sugere.

Fito minha irmã.

— Eu não danço.

— Taylor...

Suspiro e encaro Amber. Seus olhos estão presos em mim, ansiosos por uma resposta. Obviamente, eu nego.

— Por que não? — Amber quer saber.

Coloco uma mecha de cabelo atrás da sua orelha, carinhosamente.

— Quem sabe outro dia? Estou cansado, quero ir para casa — confesso. — Você se importa?

Ela nega.

— Claro que não. Vou pegar minhas coisas.

Observo ela se afastar para pegar a bolsa e volto a fitar a minha irmã. Rachel e Jason estão na pista de dança nesse momento, beijando-se fervorosamente. É provável que acabem indo embora juntos, então talvez Olívia precise de uma carona.

— Vai com os pombinhos ou quer uma carona? Amber não vai se importar.

— Não, tudo bem — ela nega, rindo. — Como vou acabar segurando vela de todo jeito, melhor ficar e aproveitar mais um pouco.

— Ah, vai começar...

Inclino em sua direção e beijo seu rosto, pedindo para que se cuide e que dirija o carro de Jason na volta. Ele bebeu e Rachel dirige muito mal. Não sei como não bateu o Mustang rosa ainda.

Olívia concorda, então saio em busca de Amber. Acabo cruzando com ela refazendo o trajeto, à minha procura.

Depois de pegar a cesta de suas mãos, seguimos juntos até onde estacionamos o carro. Sua mão procura a minha e, mesmo surpreso, eu envolvo rapidamente a sua, mantendo um aperto firme enquanto caminhamos.



Estaciono o carro na garagem do prédio e olho para o banco do passageiro com um sorriso no rosto. Amber está dormindo com a

cabeça inclinada sobre a janela em uma posição muito desconfortável. Os pés sobre o banco e os braços abraçando o corpo, como se fizesse dos membros um cobertor.

— Isso me lembra a primeira noite que dormimos juntos... — murmuro comigo mesmo, abrindo a porta e dando a volta no carro. — Espero não precisar te colocar embaixo do chuveiro dessa vez.

Abro a porta e Amber resmunga, tentando encontrar uma posição mais confortável, ainda sem abrir os olhos, recusando-se a acordar.

Pego seu celular no painel, colocando-o na bermuda, e desprendo o cinto com cuidado para pegá-la no colo. Fecho a porta do passageiro e aciono o alarme. Ela se agarra a mim, aninhando-se como se eu fosse um urso de pelúcia.

— Hum... delícia... — murmura, sonhando.

Abro um sorriso de lado.

Com o que será que ela está sonhando? Pelo “delícia”, há chances impressionantemente iguais dela estar na sala de aula e ter acabado de receber um A+ em um teste difícil ou ter me visto pelado.

Acho que vou morrer sem saber.

Subo com ela nos braços e com algumas manobras, consigo pegar as chaves e entrar no apartamento. Assim que a porta bate, o cachorro vem correndo, afoito e cheio de saudade.

Essa é a essência dos animais, eles nunca viram a cara para você. Não importa o que você faça, eles estão sempre ali, latindo, abanando o rabo, prontos para dar carinho.

— Oi, rapaz... — cumprimento. — Sentiu saudade?

Ele late mais forte, como se respondesse, me fazendo sorrir.

— Sua mãe está desmaiada, deve até ter babado na minha camiseta — comento enquanto levo Amber para o quarto, colocando-a deitada.

Pensei em acordá-la para tomar um banho, mas ela se aninha rápido demais, abraçando uma almofada e destruindo a minha coragem de romper seu sono tranquilo. Está adorável assim, adormecida, mas aposto que amanhã pisará no meu pescoço por ter permitido que dormisse suja em sua imaculada colcha branca.

Movo os fios loiros da sua franja que caem pelo seu rosto e sorrio, imaginando essa cena. Ela, neurótica, pegando sua caneta de bailarina e criando mais uma lista para acrescentar uma nova regra: *Regra 45: Não deixar Amber dormir imunda em sua colcha favorita.* Eu cruzaria os braços e riria, claro, achando-a fofa em suas meias coloridas e cabelo trançado, tentando colocar ordem na casa.

Suspiro.

Parece que alguém aqui está muito, muito ferrado...

Decidido a não pensar no assunto, vou até a cozinha e encho a vasilha de comida do cachorro. Aproveito para brincar com ele, acariciando sua orelha e prometendo um passeio no parque por termos o deixado sozinho por muito tempo hoje.

Sinto uma vibração estranha na minha bunda e me lembro do telefone de Amber. Pego o aparelho e vejo o nome *Mama* na tela. Como Amber está em sono profundo, apenas deixo o telefone chamar e vou até o banheiro, tomando um banho quente e longo para tirar toda areia e sal da pele. Eu vou dormir cheiroso e limpo.

Para variar, esqueço da roupa e vou até o quarto para pegar uma calça de flanela. Como Amber está babando no travesseiro,

mudo de roupa ali mesmo, retirando a toalha e vestindo a calça com agilidade. Depois sorrio de lado, aposto que ela se atiraria daqui de cima se descobrisse que perdeu isso.

Seu telefone continua a vibrar, sua mãe está insistente do outro lado da linha. Ao pegá-lo dessa vez, percebo que é a quinta ligação dela. Delibero sobre atender ou não, cogitando a hipótese porque o assunto parece ser urgente.

Em meio ao meu devaneio, a chamada cai e outra se inicia, então eu atendo, levando o aparelho ao ouvido ainda um pouco receoso.

— Alô?

— Quem é você? — A mulher do outro lado da linha pergunta desconfiada. — Por que está atendendo o telefone da minha filha?

— Ela está dormindo...

— Dormindo? — Sou obrigado a afastar o telefone pelo grito. — Se você tiver levado a minha menininha para casa e se aproveitado dela, juro que te caço e me certifico de que nunca vai ser pai nessa vida! Eu capo você!

Prendo uma risada.

Estou um pouco assustado, admito, mas se não conhecesse Amber, é provável que eu estivesse mais. Estabanada do jeito que é só poderia ter uma mãe biruta.

Aposto que a sua família é mesmo incrível.

— Meu nome é Taylor, estou morando com ela — eu esclareço. — Estávamos em Laguna Creek, em um evento da faculdade. Ela acabou pegando no sono. Como estava insistindo, resolvi atender. Achei que fosse importante.

— Ah! — Sua mãe exclama, surpresa. — Então é você o menino que eu estava doida para conhecer.

— Eu sou?

— É, claro. Estou cobrando de Amber algum sinal seu desde quando foi morar aí. Uma ligação, uma chamada de vídeo, qualquer coisa — comenta ela. — É melhor conhecer seu rosto caso precise te caçar. Não me entenda mal, mas não te conheço e está morando com meu bebê.

Sorrio.

— Tem toda razão. Mas, bom, espero que nunca cheguemos a esse ponto.

— Isso depende de você, querido — ameaça e eu engulo em seco pelo tom. Apesar do “querido”, não foi carinhoso. — Mas voltando ao que disse, liguei exatamente por isso. Ela me contou sobre esse evento e que era em uma cidade vizinha, disse que mandaria uma mensagem assim que chegasse em casa. Estava preocupada.

Olho para Amber, toda espalhada na cama. Quero só ver o que farei para conseguir um espaço ali quando for me deitar.

— Entendo, mas está tudo bem — conforto sua mãe. — Ela só ficou cansada e acabou pegando no sono.

— Hum...

— Posso mandar uma foto dela suja de areia e babada para você se quiser. Nesse momento, ela está deitada na cama como uma lagartixa.

Ela ri do outro lado da linha.

— Você é simpático... Deus queira que não seja bonito também, caso contrário minha filha deve estar encrencada —

comenta baixo. Franzo o cenho sem ter certeza se escutei direito.

— O quê?

— Pode pedir para ela me ligar amanhã assim que acordar, por favor?

Não foi isso que ela disse antes.

— Posso, claro. Farei isso.

— Ótimo. E, ah, vou querer te ver em breve, ouviu rapaz? Diga a Amber que se eu não conseguir uma chamada de vídeo logo, vou aparecer de surpresa aí.

Prendo um sorriso.

— Eu digo.

Desligo o telefone após me despedir da sua mãe e respiro fundo. Isso foi estranho e bem constrangedor, mas pela determinação em sua voz, não duvido que seja capaz de aparecer de madrugada na nossa porta, mesmo estando em outro continente.

Eis a questão de que desculpa Amber e eu iríamos inventar por estarmos não apenas na mesma cama, mas também abraçados, já que ultimamente só dormimos assim.



Amber

“Oi, papai.

Já faz um tempo, não é? Eu sei, desculpe. Os últimos dias têm sido... complicados. É, acho que essa realmente é a palavra perfeita, complicado.

Passei mal hoje novamente. A mesma sensação ruim de que tudo ao redor está girando, com pontadas fortes na cabeça, antes da dor na barriga me obrigar a colocar tudo o que comi no sanitário.

Eu sei, bem estranho.

Estou tomando meus remédios disciplinadamente, como sempre fiz desde o transplante. Também não me sinto fraca como se estivesse gripada ou com alguma virose. Não sei o que é, e estou começando a ficar preocupada. Mas limpei tudo, sem deixar pistas para Taylor desconfiar de algo quando chegar.

E falando nele...

Certo, acalme-se aí em cima e me escute. Sei que o senhor não gosta dessas conversas, ainda mais quando eu menciono a

minha V e o P dele na mesma frase, mas hoje preciso que me ouça, a situação é séria.

Faz alguns dias desde o Beach Med, em que viajamos juntos para Laguna Creek. Desde então, ele tem agido de forma estranha. Não sei bem o que é, não consegui decifrar mesmo prestando muita atenção nele durante os dias que se seguiram. Taylor continua preocupado comigo, nossa rotina se mantém a mesma, mas ele parece... distante.

Em virtude disso, criei algumas teorias:

1. *O Chaveiro misterioso que ele encontrou na praia;*
2. *Olívia;*
3. *Minha peripécia com os minúsculos biquínis da tia Julie.*

Todas possíveis razões, embora eu não possa ter certeza. A verdade é que a sensação massacrante da dúvida vem me corroendo.

Agora, por exemplo, a noite já caiu faz tempo e nada dele chegar. Em geral, Taylor vem direito da faculdade para casa, assim como eu, o que me leva a pensar que, se está demorando tanto, deve estar com a irmã. Eles passeiam no parque às vezes, conversando para saber como o outro está.

Fofo, né? Também acho.

Fico pensando se a minha vida seria diferente se eu tivesse um irmão, um disposto a fazer tudo por mim como Taylor. Se o senhor tivesse dado a bendita fábrica de sorvete para a minha mãe, quem sabe tínhamos conseguido. Ainda mais se lhe prometesse uma linha especial sabor morango.

Brincadeira.

Não tenho o que reclamar, sou muito amada.

Tão amada que Dona Bárbara, nossa maluca favorita, ligou e conversou com o Taylor. Ele não me contou exatamente o que falaram, apenas que ela estava preocupada, mas nós conhecemos a peça, com certeza ela soltou alguma pérola.

Ah, e falar com ele só atinou a sua curiosidade. Recebo mensagens quase diárias com seu lembrete de que, se eu não organizar uma chamada de vídeo logo, ela vai acabar aparecendo de surpresa na minha porta.

Por que estou postergando o inevitável?

Queria dizer que não sei, mas seria mentira.

Assim que bater os olhos em Taylor, mamãe vai desconfiar.

Resumindo todo meu desabafo, estou muito encrencada. Sempre que chega perto demais de mim, Taylor me faz esquecer todos os motivos pelos quais devo ficar longe. Preciso fazer as coisas direito por aqui, preciso tirar boas notas e ter uma carreira tão promissora quanto a do senhor. Colocar sentimentos nesse cálculo pode destruir tudo isso, e não estou pronta para ver meu futuro cuidadosamente planejado por horas a fio, ruir diante dos meus olhos.

Esse é o meu cérebro, que é racional e inteligente. Agora tenta falar isso para o teimoso do nosso coração...

P.S: Saudade de quando você protegia minha infância, de quando me contava sobre a Fada do Dente, o Papai Noel, o Coelhinho da Páscoa... Queria que estivesse aqui para me enganar mais uma vez, para mentir e dizer que vou ficar bem e que, independente do rumo que as coisas tomem entre Taylor e eu, tudo

ficará bem também. Que ele não vai me machucar, nem mesmo sem intenção, e que não farei o mesmo com ele.

P.S 2: Amo você, papai."

Por coincidência, assim que fecho o diário, a porta se abre e Taylor entra. Pelo sorriso largo, que alcança a pele ao redor dos seus olhos reluzentes, ele parece animado. Pelas mãos também, uma vez que mal consegue mantê-las paradas.

Levanto-me do tapete já sorrindo, mesmo sem entender o motivo da sua reação, e vou até ele.

— Oi, o que aconteceu? Você parece feliz.

Ele enviesa mais os lábios e se inclina para beijar a minha bochecha, como sempre faz. Ou assim, ou beijando a minha testa. Taylor é sempre muito carinhoso e cuidadoso com quem gosta, percebo mais disso a cada dia que passamos juntos.

Sempre suspiro feliz ao me dar conta de que ele é assim, em especial, com sua irmã e comigo.

— Se lembra da peça que eu fiz? — pergunta acalorado. — De Shakespeare.

Assinto.

Romeu Quente.

— É claro que lembro.

— Naquela noite havia alguns olheiros da off-Broadway no teatro — conta, me deixando estupefata com a novidade. — Como foi uma produção relativamente pequena, nunca imaginamos isso.

Ergo a mão para tocar seu rosto, acariciando seu maxilar que está levemente áspero pela barba de dois dias.

— Gostaram de você, não foi?

— Sim, gostaram — admite.

Solto um riso anasalado e inclino a minha cabeça para o lado, arqueando uma sobrancelha. *É claro que gostaram.*

— O que pretende fazer em relação a isso? Mudou de ideia sobre não gostar de estar em cima dos palcos?

Um arrepio percorre minha espinha com esse pensamento. Imagino um Taylor diferente dali em diante caso siga esse caminho, divagando sobre um astro de cinema que tem inúmeras fãs e que pode fazer papéis ousados com mulheres lindas em filmes de romance.

E se fosse convidado para um filme picante?

Minha garganta fecha com esse pensamento.

— Não, eu não gosto de atuar — reafirma, fazendo meu cenho se franzir. Ele então passa a mão direita pela minha testa enrugada, sorrindo, como se brincasse de desfazer as linhas de expressão marcadas ali. — Eles conversaram comigo hoje quando estava saindo da aula. Por isso, demorei. Expliquei que não tenho interesse em ser ator, mas que gosto de lidar com as produções. Sobretudo os roteiros.

— Tudo o que ficar atrás das cortinas — completo por ele. — E aí?

Seus ombros se erguem em dúvida.

— Ainda não sei, mas disseram que vão ficar de olho em mim — responde. — Falaram também que pensariam na possibilidade de um estágio quando meu semestre acabar.

Orgulhosa, eu me jogo em seus braços, sendo recebida por um abraço caloroso. Aperto seu corpo, segurando seus ombros com as mãos enquanto ele envolve a minha cintura.

— Estou muito feliz por você, isso é incrível! — digo, afastando um pouco para observar seu rosto.

— Não é nada ainda. Apenas uma conversa promissora.

Nego, sem deixar suas palavras banalizarem o momento.

— É, claro que é. Aposto que não conversaram com muitas pessoas.

Taylor abaixa os olhos e nega. Fico encantada com essa faceta envergonhada que não vejo comumente nele.

— Não precisa ficar feliz por algo tão bobo, Amber...

Fito seus olhos, seriamente.

— Olívia deve ter ficado radiante com a notícia, não é?

Não imagino algo assim acontecendo em sua vida e Taylor não contando a ela a novidade, unidos como são.

Confirmando minhas suspeitas, ele anui.

— Pois é, eu também estou. Te ver vencer, conquistar o que você quer, também faz parte dos meus sonhos.

Seu sorriso se apaga lentamente e seus olhos ficam atônitos, não desviam dos meus, mas parecem desacreditar.

Será que ninguém nunca torceu junto com você pela sua felicidade, Taylor?

Olívia, eu presumo que sim, mas eu me refiro a alguém que não seja sangue do seu sangue, alguém que o faça apenas por gostar imensamente de você.

— Afinal, é isso que os amigos fazem, não é? — emendo, com um sorriso.

Isso, amigos.

Eu estou feliz por ele como uma amiga.

Sua melhor amiga.

— Acho que sim...

Limpo a garganta, notando o clima estranho que de repente paira sobre nós. Então puxo o ar, tomando uma respiração profunda, tendo uma ideia para amenizar a situação.

— O que acha de eu fazer um bolo? — sugiro, vendo seus olhos ganharem um brilho renovado. Taylor sempre fica contente demais por gestos simplórios.

— De chocolate? — sonda ele, me fazendo rir.

— É, de chocolate. Com muita calda e tudo o que você gosta.

Seus lábios se abrem, mas ele murcha, desistindo da resposta quando olha para a mesa de centro onde meu notebook e meu diário estão dispostos. Ao lado deles, várias apostilas abertas.

— Não quero atrapalhar — diz, mudando de ideia. — Está tarde e, bom, você parece ocupada. Tem algum teste na Segunda?

Seguro seu braço, puxando seu corpo para a cozinha.

— Tenho, mas estudei durante todo o dia. Só parei quando estava com dor de cabeça — conto. — Quando você chegou, eu já tinha terminado. Estava apenas escrevendo.

Taylor hesita.

— Está tarde, Amber. Deve estar cansada.

Olho para o relógio preso na parede e confirmo que está mesmo tarde, são quase onze horas da noite. Mas não temos que levantar cedo amanhã.

— Não estou... — Pauso quando tenho outra ideia, ainda melhor que a primeira. — O que acha de me ajudar? De cozinharmos um, juntos.

Seus olhos se arregalam e eu prendo um sorriso.

— Eu não sei cozinhar — diz em tom culpado. — Nada. Nadinha mesmo.

— Posso ensinar você... se quiser. Não é complicado.

Ainda meio surpreso, Taylor assente, abrindo um sorriso em seguida, demonstrando gostar da ideia.

— O que acha de tomar um banho enquanto eu separo os ingredientes? — proponho. — Assim que voltar, nós começamos.

— Parece bom.

Observo-o sair da cozinha em direção ao quarto e alguns minutos mais tarde, como o apartamento está silencioso e o cachorro dormindo, escuto o chuveiro ser ligado.

O som me faz despertar, então começo a fazer o que sugeri, pegando os ingredientes no armário e dispondo-os pelo balcão. Farinha de trigo, açúcar, ovos e leite, um de cada vez, até todos estarem sobre o granito juntamente com uma forma untada, os recipientes de medidas e a batedeira.

Quando termino de separar tudo, sinto o cheiro amadeirado de Taylor. Um misto de sabonete, vapor e algo só dele. Minha boca fica seca quando o observo entrar na cozinha com uma calça de moletom cinza-claro.

Sem camisa.

Isso não vai dar certo.

— Não temos uma regra sobre você andar pelado por aí? — questiono com ambas as mãos na cintura.

— Primeiro que não estou pelado, segundo que não estou vendo nenhuma lista na geladeira. — Ele tem a audácia de zombar de mim. — Sumiu magicamente de novo?

Rolo os olhos.

— Debochado!

Estou começando a pensar que deveria parar de criar novas listas, já gastei quase um caderno e elas nunca ficam na geladeira. E droga, ainda não sei como Taylor consegue sumi-las sem deixar rastros.

— Então, por onde começamos? — pergunta ansioso, estalando os dedos.

— Primeiro vamos misturar os secos na tigela, depois acrescentar os líquidos para só então ligar a batedeira.

Taylor faz uma careta.

— É fácil, você vai ver — encorajo. — Vamos lá, coloque a farinha de trigo, o cacau em pó e o açúcar.

Os olhos dele percorrem os ingredientes na mesa e ele pega o primeiro, o mais fácil, constatando ser o chocolate pela cor escura.

— Quanto? — pergunta quando chega com o pote próximo a tigela da batedeira.

— Tudo que está aí. Deixei as frações corretas separadas para você, assim agilizamos o serviço. Fora que essa parte não tem segredo, é só seguir a receita.

— Você faz parecer fácil — comenta ele, entornando os ingredientes secos. — Mas aposto que diz isso porque tem prática. Seu pai fazia como está fazendo comigo?

Abro um sorriso nostálgico.

— Sim, bem como estamos fazendo. Minha mãe é uma negação na cozinha também — conto, rindo ao recordar algumas memórias. — Então ficávamos só nós dois. Eu adorava ajudá-lo, com o tempo peguei amor por cozinhar também.

— São lembranças lindas.

Sim, são sim.

— Agora que todos os secos estão aí, você vai mexer com o fuê, apenas para misturá-los levemente. — Eu instruo.

Taylor tenta, mas acaba fazendo errado. Pego então a tigela e o fuê, demonstrando.

— Assim, bem de leve. Tenta de novo.

Ele presta bastante atenção nas minhas mãos, reproduzindo os mesmos movimentos em seguida. Quando consegue, eu abro um sorriso, demonstrando que fez certo.

— Agora você vai colocar os ovos e a manteiga, depois o leite — continuo.

Empurro os ingredientes para ele, que os pega, colocando dentro da tigela na exata ordem que falei. Logo depois, aviso que pode ligar a batedeira e Taylor o faz subitamente, causando uma nuvem de farinha ao redor de nós.

Rindo, eu desligo com dificuldade o aparelho.

— Merda, desculpa! — Ele me encara, fitando uma mancha de farinha em minha camisola, próxima a minha barriga.

— Tudo bem. Liga na velocidade mais baixa dessa vez. — Mostro a ele, e seguro junto a parte de cima da batedeira. — Isso, assim... Agora é só manter por uns cinco minutos para todos os componentes da massa incorporarem.

Solto sua mão e deixo que se concentre em bater o bolo, sorrindo ao notar sua expressão extremamente concentrada, como se estivesse realizando uma tarefa muito complexa.

Ao notar que é o suficiente, peço a Taylor para desligar e pego a tigela.

— Untar a forma é bem simples, é basicamente passar um pouco de manteiga e depois farinha, como eu já fiz com esta — digo com a forma em mãos, expondo-a a ele. — Depois de bater a massa, acrescentamos o fermento, mexendo com a espátula, e então basta virá-la aqui.

Despejo todo o conteúdo na forma e bato algumas vezes o fundo dela no balcão para estourar as bolhas que se formaram.

— Agora vamos levar ao forno? — Taylor questiona.

Movo a cabeça.

— Sim. — Vou até o fogão, ligando o forno para pré-aquecer. — Geralmente, sempre a 180º.

Enquanto o forno aquece, Taylor e eu cuidamos da bagunça que fizemos. Guardo os ingredientes usados e pego os novos para adiantarmos a calda enquanto ele lava a louça.

Coloco a massa no forno para assar e espero que ele termine e volte para mim, secando as mãos.

— Agora é só esperar? — indaga auspicioso.

Rindo, eu nego.

— Não, falta a calda. Mas essa parte é gostosa de fazer.

Ele caminha até estar ao meu lado, ambos de frente para o mármore onde já dispus o pedaço de chocolate em barra, o creme de leite e uma garrafa de vodca.

Taylor me olha desconfiado, pegando a garrafa.

— Tem certeza que vai usar isso? — indaga.

— Aham.

— Não pode desmaiar antes de terminar a receita, Peso-pena.

— Implicante! — digo rindo. — Ao invés de fazer uma calda tradicional no fogão, vamos fazer uma ganache simples. E pra isso, precisamos da bebida. É uma cobertura mais cremosa e menos doce, você vai gostar.

— Gosto de tudo que você faz.

Paro um instante.

Respiro fundo.

— Então... — Volto a olhar para os ingredientes. — Vou derreter o chocolate no micro-ondas e depois é só misturar a caixinha de creme de leite e uma tampinha de vodca. O álcool ajuda a não deixar a calda endurecer rápido.

Ele aquiesce com um gesto de cabeça.

— Entendi.

Faço como disse, levando o chocolate para derreter e logo volto com o recipiente morno, despejando a quantidade certa do creme de leite e de vodca antes de repassá-lo para Taylor misturar.

A primeira tentativa é falha, e resulta na bancada suja de chocolate.

— Droga! — ele resmunga, limpando.

Que homem mais sem jeito.

— Vamos fazer assim — digo, passando por baixo dos seus braços e ficando de frente para a bancada assim como ele, consequentemente de costas para o seu corpo. — Eu vou fazer e você me acompanha, ok?

Ele demora a responder, e quando o faz, pigarreia antes.

— Certo.

Nossas mãos se moldam juntas, uma das suas agarrando a tigela por cima da minha e a outra segurando a minha mão que se

move para misturar a cobertura com o auxílio do fuê.

Mesmo sem nossos corpos estarem se tocando, consigo sentir como o seu corpo está retesado, os braços e as mãos tensas. Engulo em seco ao perceber a mudança no seu padrão respiratório, que começa a ficar mais forte, as inspirações cada vez mais profundas, fazendo seu hálito quente bater de encontro a pele exposta do meu pescoço.

Minha camisola é um vestido curto de alças finas, feito de renda azul e cetim, e meu cabelo está preso em um coque frouxo. Não há nada para me proteger quando sinto seus lábios tocarem a minha pele.

Fecho os olhos, sentindo todo o meu corpo se arrepiar pelo contato suave que deixa meus pelos eriçados. Meus movimentos cessam, e estou prestes a abrir os olhos quando sinto de novo.

Mais beijos seguem o primeiro.

Todos lentos e molhados.

Depositados sem pressa.

Taylor faz questão de não romper o contato dos seus lábios contra a minha pele. E, céus, como gosto de sentir sua boca em mim.

— Adoro seu cheiro... — Sussurra, ainda plantando beijos a esmo pela minha nuca e avançando lentamente rumo ao meu ombro direito. Minhas mãos tremem sobre a bancada. — Adoro sua pele e seu cabelo. Adoro como reage a mim sempre que chego perto... Não preciso sequer encarar em seus olhos agora para ter certeza de que estão cristalinos, refletindo tudo que passa pela sua mente. Adoro a imensidão castanha deles, que sempre são pura sinceridade.

Respiro, mas o ar inteiro do cômodo parece ter sido roubado porque o oxigênio não chega aos meus pulmões. Estou ofegando e não me sinto capaz de fazer nada além de continuar como estou, parada, esperando.

Pelo que exatamente, ainda não sei.

Para que ele pare e se afaste?

Para que ele continue e chegue mais perto?

Para que continuemos trabalhando juntos na receita fingindo que esse momento não aconteceu?

— Você esteve distante os últimos dias... — consigo dizer, mas sinto minha boca seca e tenho de molhar os lábios para continuar. — Não sabia no que estava pensando ou se fiz algo errado. Desde aquele dia na praia, você se fechou e... senti como se estivesse perdendo você.

Suas mãos seguram as minhas em cima do mármore frio e sobem, deixando um rastro quente de pelos arrepiados, percorrendo minha pele com a ponta dos dedos até segurar firme em meus ombros e me girar, me obrigando a encará-lo.

Seus olhos azuis estão escuros, focados. Os lábios entreabertos, por onde sua respiração desce quente contra meu rosto. Taylor está curvado sobre mim e eu adoro isso.

— Você não está me perdendo — assegura.

— Foi algo que fiz na praia ou a conversa que teve com a minha mãe? — pergunto, precisando saber o motivo.

Ao me contar do telefonema, ele afirmou que estava tudo bem. Quando retornei à ligação, levei apenas um puxão de orelha bem merecido por ter me esquecido de ligar. Não há sentido lógico,

mas como ele se tornou mais distante logo depois, é inevitável ligar uma coisa à outra mesmo sem uma aparente conexão.

— Não foi nada disso, eu juro — responde, subindo uma das mãos para o meu rosto. — Só estive pensando, refletindo sobre o que tudo isso significa. As coisas parecem diferentes para mim. Muito diferentes.

Aquiesço, concordando.

— Um diferente ruim?

Ele pensa um pouco antes de responder:

— Não sei — confessa, sincero. — Agora, com certeza, não. A longo prazo... eu não sei.

Encaro seus olhos tépidos, tentando enxergar dentro deles alguma resposta útil para o turbilhão de dúvidas que habitam em mim ultimamente. Entretanto, encontro apenas mais perguntas sem respostas.

Taylor parece tão perdido quanto eu.

— Então você vai se manter longe de mim?

Um sorriso derrotado se desenha em seus lábios.

— Eu deveria... Sabemos que sim — responde baixo, sua voz um pouco mais grave a cada palavra dita. Sinto meu coração bater rápido em resposta. — Mas eu não consigo, Amber. Machuca me policiar constantemente para não tocar você, não demonstrar carinho, tentar entender se... — Ele hesita. — Se não estamos confundindo as coisas.

Tomo uma atitude, espalmando ambas as mãos em seu abdômen e subindo-as por sua pele nua e quente até alcançar seu peitoral rígido. Paro no exato ponto em que a minha mão direita toca seu coração, e eu o sinto bater forte contra a minha palma.

— Não gosto quando você fica longe... — Minha voz é um sussurro.

— Eu também não, mas estava tentando fazer a coisa certa.

— Isso não parece certo para mim.

Ele suspira.

— Não quero te machucar, Amber. Ou me machucar mais.

— Já te disse que cuidar de dois corações é muita responsabilidade — sussurro de volta. — Estou com saudade.

Sei que ele entende, pela forma com que sua expiração sai ruidosa contra meus lábios, como se ele tentasse se agarrar a qualquer coisa. Eu, por outro lado, estou me segurando nele. Apenas nele. Completamente enlaçada ao seu corpo, confiando.

Não consigo pensar em qualquer coisa que não seja isso, mas talvez eu devesse me agarrar a algumas cordas de controle e autoproteção também, assim como Taylor está tentando fazer.

Tudo que sobe, uma hora desce.

E talvez nossa queda seja dolorosa demais.

— Deus, eu também... — Seu polegar acaricia a pele das minhas maçãs. — Tanta, que não pareceram apenas alguns dias, mas semanas.

— Não faz isso de novo — eu peço.

— Não vou — ele cede.

Não sei quem se move primeiro, se sou eu ou ele, se é a minha ansiedade ou o seu desespero, apenas sei que no segundo seguinte nossos lábios estão juntos em um beijo profundo, tão cheio de saudade que rouba nosso fôlego rápido demais.

Arfo quando sinto sua língua correr pelo meu lábio inferior, em um pedido silencioso para que eu dê passagem, permitindo que

aprofunde o beijo. Sem pensar, eu entreabro os lábios, permitindo que saqueie a minha boca.

Fico assustada ao constatar que eu daria muitas coisas a ele, apenas se pedisse. É perigoso ser tão irracional.

Suas mãos apertam a minha cintura, trazendo meu corpo para mais perto. Sinto calor alojar em meu estômago e arrepios ascenderem pela minha espinha. Agarro seus ombros, movendo em seguida uma mão para a sua nuca e mais acima, segurando seus fios para impedi-lo de se afastar.

O beijo com mais ímpeto porque preciso dele mais perto.

Preciso das suas mãos em mim.

Preciso que seus toques não cessem.

Amo a forma desesperada com que me beija porque quando o faz, tudo ao redor desmorona. Taylor me faz acreditar que não existe nada no mundo além de nós dois.

Quebro o beijo quando meus pulmões queimam.

Ofego, olhando para ele.

— Quero mais... Preciso de mais.

Sinto minhas pernas tremerem quando ele rosna ao som das minhas palavras, empurrando a vasilha com chocolate e agarrando a parte posterior das minhas coxas, me erguendo com seus braços até me ter sentada na bancada com as pernas abertas e seu corpo entre elas.

Logo sua boca está cobrindo a minha novamente e eu me delicio com a sensação, explorando como posso seu torso esculpido, cada músculo incrível que parece ter sido talhado a mão.

Quero apertá-lo inteiro.

Suas mãos não ficam atrás, ora acariciando a minha coxa, ora apertando minha cintura, mas sempre mantendo uma entre os fios do meu cabelo, me mantendo onde quer que eu esteja, alimentando nosso beijo.

— Precisa me fazer parar... — Sua voz é quase um gemido.

— Não... eu não preciso.

Meu corpo está consumido pelo fogo que ele criou, fazendo-me derreter entre as pernas e a minha mente anuviar-se com a fumaça.

— Puta merda, estou perdendo o controle...

Corro a ponta da língua pelo seu lábio inferior. O gesto faz com que ele feche os olhos e gema sofrido, um som rouco que mais parece um rugido de tão grave e intenso. Quando volta a abri-los, seu cenho se franze aos meus olhos, como se fosse incapaz de acreditar no que vê, como se não soubesse se é real.

Taylor me fita como se eu fosse um sonho.

Seu sonho.

Como se estivesse amedrontado em piscar e acabar acordando.

— Estou aqui... — digo e trago sua boca para mergulhar na minha mais uma vez, suspirando aliviada quando nossos lábios se encontram de novo.

O aperto em meus cabelos se torna mais forte. Não a ponto de machucar, mas como um gesto possessivo muito bem-vindo. Minha cabeça se inclina um pouco para trás e seu corpo se espreme contra o meu, me trazendo para frente com a mão aplanada na base da minha coluna.

Seu peito toca o meu em todas as vezes que respiramos, coração contra coração, ambos acelerados.

Subo minhas pernas pelas suas e as prendo em seu quadril, aproveitando a nossa posição para tentar chegar mais perto. Com o anseio crescente dentro de mim, eu quero que ele faça alguma coisa. Qualquer coisa que possa calar a minha mente, que dê alívio para tensão abaixo do meu estômago ou para as batidas incessantes no meu peito que parece prestes a romper a caixa torácica.

— Taylor...

Devido a nossa diferença de altura, mesmo em cima da bancada alta de mármore, não consigo obter êxito na minha intenção. Apenas quando ele cede, inclinando o corpo para mim e abaixando-se um pouco, eu o sinto ali. Bem ali. Onde eu mais desejo.

Gemo, extasiada.

— Está molhada... — pragueja. — Consigo sentir, mesmo com as roupas.

Eu estou. Muito.

Sinto a mão quente de Taylor deslizar do meu quadril para a pele quente e eriçada da minha coxa, apertando a carne ali antes de prosseguir em um percurso lento até o meio das minhas pernas. Ele me fita durante todo decurso, que leva muito mais tempo que o necessário, como se me desse a chance de interrompê-lo caso quisesse.

Eu não o faço. Estou concentrada demais nas sensações do meu corpo e em arrastar os lábios pelo seu queixo e maxilar. Fecho

os olhos e aproveito, gosto da textura áspera aqui, especialmente com a barba por fazer.

Seu polegar corre pela parte interna da minha coxa, acariciando a pele sensível ali até deixar a minha respiração presa na garganta. Volto minha boca para sua enquanto continua a avançar até contornar a renda da minha calcinha, seguindo a borda, sem me tocar de fato.

Sinto-me capaz de desmaiar a qualquer momento.

Deixo uma das minhas mãos escorregarem por suas costas definidas, deslumbrada com a curva da sua lombar até apalpar mais embaixo. Suspiro e Taylor sorri, arqueando uma sobrancelha entre um beijo e outro, que logo recomeça. Não consigo manter minhas mãos ou minha boca longe dele.

— Aposto que estava doida para fazer isso... — murmura ele, afastando nossos lábios para beijar meu pescoço. Sua mão toca a alça da minha camisola e ele brinca com o tecido, deixando-me impaciente.

— Se você fosse menos cabeça-dura — ofego —, teria conseguido pegar na minha também.

Sua risada toca minha pele ao mesmo tempo que o som viaja até meus ouvidos, aquecendo mais o meu corpo. Desistindo da provocação, ele abaixa a alça da camisola de vez, expondo um seio e logo o cobre com a mão.

Abro meus olhos, querendo observar a cena. Sinto-me tímida por estar tão exposta e frágil em suas mãos, ainda que, nesse caso, Taylor tenha dado uma espiada não autorizada nos meus peitos. Mas minha curiosidade é maior do que qualquer receio agora.

Ao perceber o que estou fazendo, tentando observar a forma como me toca, seus olhos escurecem e se tornam nebulosos, e sua boca desce para substituir onde seus dedos tocaram.

— Ai, meu Deus! — gemo alto, sem ar, agarrando seus cabelos com mais força.

É hoje que esse meteoro cai.

Sua língua acaricia a pele ao redor e umedece o seio túmido até o primeiro estremecimento tomar meu corpo. Quando gemo mais alto, observando com pálpebras pesadas, ele suga, aumentando a força conforme aperto os fios do seu cabelo.

— Não parei de pensar nisso... — confessa, reduzindo o ritmo e pincelando meu seio com a língua. Taylor aproveita esse momento para agarrar o outro também, que estava se sentindo enciumado por não ter sido convidado para essa festa de língua e chupões que estão me deixando ensandecida. — Em como seria tê-los na minha mão ou na minha boca. Ah, Amber... eu já pensei em tanta coisa errada envolvendo você.

Arqueio as costas, tentando oferecer mais do meu corpo a ele, tentando equilibrar as sensações que eu não conheço, nascendo dentro de mim. Rasgando e me consumindo de dentro para fora.

— Eu quero... — minha voz sai estranha, então pigarreio, tentando deixá-la menos rouca, menos afetada.

Seus olhos encontram os meus.

— O que você quer?

— Quero tudo que quiser me dar.

Taylor parece ter sido acertado em cheio, e cambaleia um pouco para trás ao ouvir as minhas palavras. Não o bastante para

se afastar, mas o suficiente para parar o que estava fazendo e encarar meu rosto de perto, arquejante.

Há fogo dentro dele, eu posso ver.

— Não vou transar com você.

Engulo.

— Mas eu quero...

Desvio os olhos para a sua calça em que uma protuberância cilíndrica está marcada, impossível de ser ignorada em toda sua imponência.

— E você me quer também — emendo.

Ele exala entredentes.

— É claro que eu quero. Mas não vou transar com você.

Bufo e abro a boca para contestar, criando diversos argumentos em minha cabeça. Mas ele é mais rápido, e destrói tudo que está passando na mente ao avançar e finalmente me tocar intimamente, deslizando os dedos sobre mim.

Mordo com força meus lábios na tentativa de interromper o grito que parte do fundo do meu peito. Achei que estava preparada para a sensação, mas o contato da sua mão explorando, dentro da minha calcinha, é quase demais.

— Tá, tudo bem... — concordo gemendo. — Só continue... Ai, isso... Continue o que está fazendo.

Ele mantém os dedos em mim, percorrendo aquela região quente e úmida com maestria. Eu oscilo em sua direção, ainda um pouco tímida, mas movida pelo instinto dentro de mim.

Quero mais disso.

Dele.

Dessa sensação.

Consigo sentir o calor do meu ventre e da minha coxa se espalhar pelo meu corpo, queimando centímetro por centímetro.

— Taylor...

Um dedo desliza mais fundo, devagar e eu estremeço.

— Adoro quando diz meu nome assim.

Ainda explorando, ele se interrompe ao tocar a minha entrada, sondando a região, sem avançar. Sinto meu corpo ficar tenso, e procuro seus olhos. Apesar de querer muito prosseguir, ainda me sinto receosa com a experiência.

— Não vou enfiar — assegura ele. — Pode relaxar, Amber. Você confia em mim?

A resposta deixa meus lábios depressa:

— Sim...

Até tento abaixar o rosto e espiar, mas sua mão é ocultada parcialmente pelo tecido erguido da minha camisola e da calcinha que ele não retirou. Então, fecho os olhos e tento descobrir como voltar a respirar.

Taylor continua a mover os dedos por mim, delicado e gostoso, mas chega um ponto que é insuficiente. Sinto-me vazia, como se faltasse algo. Na tentativa de suprir isso, deslizo meus quadris para frente, forçando um contato maior.

Quando ele o faz, lendo bem o meu corpo e aumentando a pressão, um suspiro alto e satisfeito me escapa.

É disso que preciso.

De mais.

Mais forte, mais rápido.

— Por favor... — peço quando apenas deslizar o quadril para frente não é o bastante. Taylor avança, mas sempre volta a manter o

ritmo lento, me torturando.

Abro os olhos e o flagro olhando para mim, hipnotizado.

— Assim? — Minha resposta fica presa na garganta, sendo substituída por um gemido quando ele intensifica os movimentos fazendo círculos menores, concentrando-se dessa vez naquele pontinho magnífico acima. *Oh, meu Deus!* — Ou assim? — pergunta movimentando os dedos com mais velocidade.

É gostoso assim.

Muito gostoso.

— Por favor... — repito de olhos fechados, perdida.

— Por favor o quê, Amber? Quero ouvir você dizer... — sua voz tem certa urgência. — Preciso que diga, que fale com todas as letras que me quer fazendo isso.

Não entendo, mas o faço.

Não consigo pensar direito.

— Eu quero... — gemo — Eu quero. Estou quase lá...

Conheço a sensação de atingir o orgasmo, cheguei ao ápice sozinha antes diversas vezes. E digamos que a frequência que tenho resolvido a questão sozinha aumentou consideravelmente com a presença de Taylor aqui. Mas agora é diferente. A sensação por si só é melhor, e tê-lo aqui, grunhindo contra meus lábios, movendo os dedos pelo meu ponto sensível é indescritível.

— Deixe vir, quero te fazer ver estrelas. — Nunca ouvi sua voz soar tão necessitada e quando abro meus olhos, estremeço. Sua expressão é intensa e seus olhos estão quentes, ele parece consumido por puro desejo.

Sinto meu corpo enrijecer.

Estou perto.

Seus lábios me beijam a pele em diversos pontos, sem nunca diminuir a velocidade com que me faz feliz com seu toque no meio das minhas pernas. Sinto-o rígido e quente contra a minha coxa, aumentando meu desejo, e quando ele volta a beijar meu seio, sou consumida.

Fecho os olhos, gemendo palavras desconexas e sussurradas que, tenho certeza, não fazem o menor sentido. Tenho que apoiar uma mão no mármore da bancada porque não posso contar com a minha coluna. Mesmo me sentindo segura no aperto dos seus braços, é como se estivesse desintegrando. Como se meus músculos se tornassem gelatina, como se eu não fosse nada mais que massa de modelar em suas mãos.

O prazer que corre pelas minhas veias é tão intenso que não sei como respirar enquanto as ondas mornas e deliciosas me invadem.

Eu estou voando alto.

Cada vez mais alto.

Meu corpo continua aqui, mas algo mais profundo dentro de mim se eleva com cada movimento e gesto seu, com cada palavra sussurrada contra a minha boca ou a minha pele. A maioria delas sobre como me acha linda ou o que adora em mim.

Há algo em Taylor que faz eu me sentir no topo de um edifício, prestes a pular em direção ao desconhecido. Ele está me destruindo da melhor maneira possível, está permitindo que eu toque o céu e veja estrelas por detrás das minhas pálpebras fechadas. Está permitindo que eu me acostume com algo que vai me fazer ficar dependente. Obcecada.

— Uau, olha só você... — diz entre os fios do meu cabelo, quando tira sua mão de mim e me abraça, afundando a cabeça na curva do meu pescoço.

Respiro fundo, tentando encontrar o compasso certo do meu coração e fazer meu corpo cessar os tremores, relaxando pouco a pouco. Uma das mãos de Taylor acaricia minhas costas sem pressa, deslizando os dedos pela minha pele.

Assim que consigo voltar a respirar normalmente, abro os olhos. Ele me faz corar ao levar os dedos que estavam em mim até os lábios e fechar os olhos por um segundo, enquanto os chupa.

Quase sou consumida por outra onda de prazer ao observar o gesto e o sorriso deliciado que ele abre em seguida. Tendo-me cativa, Taylor ergue as alças da minha camisola e me olha com carinho.

Esse pequeno gesto me faz sentir muito mais do que deveria.

A expressão amena de Taylor se deforma aos meus olhos, transformando-se em uma careta. Estou prestes a perguntar o que houve quando o ar entra pelas minhas narinas e eu arregalo os olhos, entendendo o que cortou o clima afinal.

O bolo.

O bolo queimou!

Acabou de se esturricar, para ser mais exata.

Empurro seu peito e me coloco de pé, cambaleando um pouco com a consistência das minhas pernas e me lembrando de ajeitar a calcinha. Logo que consigo, vou até o forno.

Tomo uma péssima decisão ao abri-lo, pois a fumaça aprisionada sai, me fazendo tossir.

É Taylor quem resolve a situação, abanando um pano de prato para afastar as colunas de fumaça, desligando o forno e abrindo a janela em seguida. Ainda tossindo, ele envolve minha cintura e me leva para fora da cozinha.

— Você está bem? — pergunta preocupado.

Engulo, sentindo um gosto ruim na boca, mas assinto.

Minha garganta queima um pouco.

— Estou. Afinal, sempre que cozinho bolo de chocolate, eu me dou bem — argumento risonha. — Mesmo quando ele queima.

Taylor gargalha alto.

Mesmo com a mudança de clima, ainda noto sua ereção por baixo da calça, o que me lembra de que eu fui a única pessoa a tocar o céu essa noite. Então eu me aproximo sorrateiramente e ergo as mãos para tocar seu rosto, afastando as mechas rebeldes do seu cabelo daquele jeito que o faz fechar os olhos, satisfeito com o carinho.

— Sabe, eu gostaria de retribuir...

Os olhos dele, que fecharam brevemente com meu gesto, voltam a se abrir.

— O quê?

Dou de ombros, enlaçando seu pescoço, tentando não perder a coragem. Quero fazer isso, conhecer mais do seu corpo e fazê-lo se sentir da mesma forma como me senti hoje. Adorado.

— Quero tocar você... — digo e mordo o lábio em seguida, tímida.

Taylor sorri e ergue meu queixo com a mão, desfazendo suavemente a pressão dos dentes no meu lábio inferior.

— Não, ainda não. — O tom dele é firme.

Franzo o cenho, confusa com o motivo que o impede de ser tocado por mim, que torna tão mais grave o ato quando praticado para o seu prazer, mas não contesto.

Afasto-me um pouco, anuindo em concordância, respeitando sua decisão. Eu o provoco, assim como faz comigo, mas dessa vez Taylor não titubeou, ele negou firmemente. *Não é não*, independente de quem seja a pessoa a dizê-lo.

— Vou arrumar a bagunça que deve ter ficado a nossa cozinha. — Aponto para o cômodo onde a maior parte da fumaça já se dissipou. De repente, estou um pouco constrangida. — Sinto muito pelo bolo.

— Bom, eu não — contesta, me fazendo sorrir.

No meu primeiro passo para longe, ele me detém.

— Vamos para a cama, Thompson.

— Preciso arrumar a bagunça.

Taylor move a cabeça para os lados, e segura meu rosto.

— Cuidamos disso depois. Essa noite eu só quero conversar com você e te abraçar até dormimos, tudo bem?

É uma batalha perdida refrear meu sorriso ou procurar qualquer resposta que não seja:

— Tudo bem.



De mãos enlaçadas, trago Amber para o quarto, ainda arrebatado pela visão do tecido estreito da calcinha que mal cobria sua boceta pequena, que se mostrou não apenas vermelha pela depilação recente, como também úmida.

Nem que se passem mil anos, vou me esquecer da forma com que o corpo dela se contorceu sobre os meus dedos, dos seus doces gemidos de prazer e da sua confiança ao me olhar por detrás dos cílios pesados enquanto me permitia fazê-la gozar nos meus dedos.

Tudo que desejei foi retirar a calcinha rendada de Amber e abaixar minhas calças, deslizar para dentro e segurá-la firme contra mim. Tenho certeza de que seria incrível. Mas a lembrança da sua virgindade me fez colocar a cabeça no lugar.

Ainda me sinto excitado, os músculos tesos e a pressão incômoda na virilha, enquanto a ajudo retirar as almofadas e a colcha da cama, antes de nos deitarmos.

Assim que estou deitado e ela engatinha para o meu abraço, passando a perna esquerda pelo meu quadril e o braço para descansar em cima do meu peito, erguendo o rosto para me olhar, eu me esqueço do incômodo. Parece perfeito apenas estar aqui com ela.

Amber obviamente notou quando me afastei, passando mais tempo fora de casa nos últimos dias ou ficando na sala até que o sono a vencesse e acabasse dormindo, antes de eu ir me deitar. Tudo isso pela confusão turbulenta que minha mente se tornou.

Não consigo parar de pensar no que Olívia disse no meu aniversário.

Nisso e aquela merda de chaveiro.

— Você está bem? — Rompo o silêncio, preocupado em como está se sentindo depois do que fizemos.

Cruzamos um limite importante e a voz incansável dentro da minha cabeça precisa ouvi-la dizer que se sente bem com o que aconteceu, que não forcei a barra com ela.

Amber suspira.

— Sim.

— Estou falando sério — insisto.

Seus olhos ficam confusos, mas ela assente enfaticamente em confirmação. Só então o ar deixa meus pulmões.

— Estou me sentindo ótima, na verdade — continua com um sorriso pequeno. — Mas não entendo sua relutância em ficar comigo. Acho que deixei bem claro que ficaria... sabe, intimamente, com você.

Abro um sorriso, não pelo que disse, mas pela forma com que disse. *Ficar intimamente*, não *transar*, *trepar* ou *foder*. A mistura

desse seu temperamento ingênuo demais atrelado a nova faceta dela que acabo de descobrir, uma que gosta de assistir, que se excita em me ver fazendo coisas com ela, explode meus miolos.

— Sexo é uma coisa complicada para mim — eu confesso. — Além disso, a primeira vez de uma garota deve ser especial.

Suas bochechas ficam rosadas e eu ergo a mão para tocar a pele quente e macia delas. Estamos parcialmente no escuro, iluminados apenas pela luz da lua que banha o quarto devido às cortinas abertas, mas nada me impede de admirar seus traços. Especialmente, a boca inchada e avermelhada pelos meus beijos.

— Como tem tanta certeza que sou virgem?

Porque você não fala pênis e vagina; porque na primeira noite em que dormimos juntos, depois do cachorro estragar nosso sofá, você disse que nunca dormiu com ninguém antes; porque acabou de falar “ficar intimamente” em detrimento a qualquer outra palavra; porque vejo a inocência dentro das suas íris castanhas... Resumindo, por vários motivos.

— É possível saber muito sobre uma pessoa apenas prestando atenção nela — respondo simplesmente.

Ela dá de ombros, banalizando o fato.

— Tudo bem, mas a menos que você tenha algo contra virgens e se relacione apenas com mulheres experientes, não temos um problema — argumenta decidida. — Será especial se for com você. Confio que tomará cuidado, que não vai me machucar.

Faço uma careta, sentindo um gosto amargo tomar minha boca. Ela não devia confiar tanto assim em mim, os homens costumam ficar cegos quando estão tomados pelo prazer.

Este é outro vício que eu odeio.

— Vou te machucar de qualquer forma se isso acontecer — eu ressalto.

Ela bufa, saindo do meu abraço e sentando-se na cama. Faço o mesmo, escorando as costas na cabeceira enquanto a observo cruzar as pernas, dobrando-as e colocando as mãos nos tornozelos.

— Odeio como trata isso — reclama, chateada.

— Como o que é?

— Como uma possibilidade tão distante que beira o impossível!

Suspiro.

Por onde começar a explicar que meus problemas estão muito além disso? Não é Amber aqui e muito menos falta de desejo, ainda estou semirrígido debaixo do tecido. É mais que isso, é uma marca dolorosa que o passado imprimiu em mim, uma que nunca vou deixar de reviver enquanto meu cérebro funcionar, trazendo aquelas memórias de novo e de novo. Um asco profundo que até hoje me enjoa o estômago.

— É complicado... — Escolho as piores palavras para me justificar e seu olhar fica ainda mais cabisbaixo. Diante disso, tento tomar outro caminho: — Nunca fiquei com uma virgem antes.

Ela empertiga os ombros, falando com propriedade.

— Não tem mistério. É só enfiar seu P na minha V e pronto.

É impossível controlar minha risada, que involuntariamente suaviza o clima.

— Juro que se eu acabar mesmo transando com você, não te deixo gozar até ouvir um nome decente para o meu membro. — Eu prometo. — Aceito qualquer coisa: pau, cacete, piroca, falo, rola...

Amber prende um sorriso, arregalando os olhos.

— Que boca suja, Taylor! — guincha, rindo logo em seguida. — Isso seria muita maldade.

— Maldade é chamar essa bendita rola de P, Thompson! — digo ofendido, apontando para a protuberância dentro das minhas calças.

Ela morde o canto dos lábios, olhando para onde eu aponto e depois erguendo lentamente os olhos para mim. Mais uma vez, sou obrigado a respirar fundo e engolir em seco. Não é possível que não esteja ficando claro para ela o que faz comigo.

— Não sei. Não vi ainda — diz na maior cara de pau.

Meu riso é quase um gemido lamentoso enquanto faço uma negação de cabeça, desacreditado de qual pecado cometi para ter sido presenteado com essa boca sem freio dela.

— E não vai ver hoje. Para de me provocar.

Ela suspira, como se fosse a voz da experiência.

— Vai preferir mesmo passar vontade?

— Eu estou bem. — *Apenas sofrendo de um caso sério de insuficiência crônica de bolas azuis.*

Sorrio ante o resmunga dela, que volta a se deitar de barriga para cima, fitando o teto por um tempo. Permaneço na mesma posição, apenas olhando para ela, fascinado em quase poder ouvir as engrenagens da sua mente funcionando.

Gosto de como é esperta, inteligente.

— Já que não vamos fazer nada legal — diz ela, ampliando meu sorriso. — Conta para mim como foi a sua?

— Minha primeira vez?

Sua cabeça se move.

— Não. Nem pensar. Foi vergonhoso!

Ela ri, virando o rosto para me olhar.

— Por quê? Errou o buraco? Só tem dois lá embaixo, não é tão difícil.

Acabo rindo também.

— Não. Eu não errei.

— Você... durou pouco? — palpita, deixando claro que não vai abandonar o assunto tão cedo. — Sei que vocês homens têm esse pequeno problema.

— Quem dera. Pior.

Ela pensa mais um pouco e então arregala os olhos.

— Ah, meu Deus! Você ficou nervoso e não rolou, né?

— Se esse é seu jeito delicado de dizer que broxei na minha primeira transa... Sim, foi exatamente isso.

Fito seus olhos curiosos, confortável em conversar sobre o assunto. Afinal, nós falamos sobre qualquer coisa, salvo algumas cicatrizes do passado.

— E como foi?

Rio, dando de ombros.

— Não foi, Thompson. Não aconteceu. Perdi a virgindade outro dia.

— Não... — Ela morde o lábio de novo e coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha, continua fazendo isso sempre que está inquieta. — Estou perguntando como é... sabe, broxar.

Meus olhos se transformam em fendas quando crispo o cenho. Encaro seu rosto, tentando entender se compreendi o que quis dizer.

— Está mesmo me pedindo para descrever a sensação?

Ela confirma.

Abro um sorriso.

— Você não existe...

— Só estou curiosa.

Adoro isso em você.

Penso um pouco, tentando colocar a sensação em palavras para poder descrever como ela quer.

— É como tentar levantar alguém desmaiado. Você tenta e tenta, mas não dá pra manter... ereto. — Tento, mas percebo que não foi um bom exemplo. — É como jogar sinuca com uma corda, Thompson. Não dá pra acertar o buraco.

Amber gargalha tanto que coloca as mãos sobre a barriga, e eu rio junto ao som das suas gargalhadas. Aos poucos, conseguimos nos acalmar, e a forma com que me olha, limpando o canto dos olhos molhados, me dá a certeza que as perguntas ainda não acabaram.

— E sobre o outro... tipo?

— Outro tipo? — questiono, confuso.

— O outro tipo de sexo — diz, abaixando o tom. Amber comprime os lábios quando permaneço em silêncio, ainda sem entender onde ela quer chegar. — Homens realmente gostam de fazer o anal, não é?

Com meu recém-adquirido conforto com Amber, eu nem pisquei antes de começar a rir.

— Está mesmo me perguntando isso?

A Matraca faz beicinho.

— Por que está rindo?

— Bom, pra começo de conversa é só anal, não *o* anal — digo suavemente, ainda sorrindo. — E, sim, acho que talvez. Quer dizer, sim. Alguns caras com certeza gostam.

Ela assente, pensativa.

— Então você já fez?

Engasgo.

— Amber.

— E você não fica pensando que está entrando...

Ergo a mão, interrompendo suas palavras.

— Não.

— Mas...

— Não.

— Você nem sabe o que eu ia dizer!

— Sei, sim. Conheço você, bocuda. Sei exatamente o que ia dizer.

Ela se cala felizmente, e se esgueira para cima de mim, sentando-se sobre o meu colo. O corpo pequeno e feminino se encaixa com perfeição sobre o meu, e me rouba um suspiro quando ela se move para ficar mais confortável.

— Obrigada por ter essa conversa comigo — sussurra pra mim. — Eu gosto muito que nós sejamos assim, e que eu possa falar sobre qualquer coisa com você.

— Sempre.

Um latido chama nossa atenção e observamos o cachorro se levantar e sair do quarto, abanando o rabo. Provavelmente, está indo até a cozinha beber um pouco de água ou comer a ração que deixamos disposta na tigela.

Seguro as coxas de Amber, movendo os polegares em círculos sobre a pele, trazendo sua atenção de volta para mim. A camisola dela ainda tem uma mancha de farinha, mas nenhum de nós dá muita atenção a ela.

— Cheguei tão afobado com a notícia que não perguntei como foi o seu dia. — Eu me lembro. — Conta para mim.

Amber dá de ombros.

— Nada demais. Tive um dia cheio de aulas, vim para casa, passeei um pouco com o cachorro, depois fiquei conversando com May. Enquanto você não chegava, fiquei escrevendo.

Desconfio que o caderno vermelho cheio de corações é um diário, mas nunca cheguei a perguntá-la explicitamente sobre isso. Algumas vezes, quando chego em casa primeiro e ela esquece de guardá-lo, fico tentado ao vê-lo em cima da mesa de cabeceira.

Sempre declino, no fim.

Prometi respeitar a privacidade dela.

— May é a sua prima, não é? — confirmo e ela assente. — Você parece ter uma família incrível, fala um pouco deles pra mim.

Um sorriso bonito curva seus lábios. Amber se ilumina bem na minha frente ao lembrar com carinho da sua vida na França.

— Ela é minha prima, mas acima do laço de sangue, é minha melhor amiga — diz, ainda falando sobre May. — Temos bons momentos, como as viagens para o Haras. Fazíamos tudo juntas quando éramos pequenas, na verdade. Exceto o balé, ela sempre detestou as aulas.

Sorrio.

— Os melhores amigos discordam.

— Acho que sim.

— Gostaria de ver você dançando um dia.

Fiquei curioso desde que soube que era uma bailarina e que todas as pistas, em seu colar ou na ponta de sua caneta favorita, não eram mera coincidência.

— Pensei em fazer isso essa semana... Faz muito tempo que não sentia vontade de dançar de novo.

— Devia fazer isso — encorajo.

Encaro seu rosto enquanto pensa no assunto e, por fim, assente.

— Meus tios também são incríveis. Tenho um emprestado, o melhor amigo da minha mãe, que se chama Luca. Ele sempre tem os melhores conselhos, é um poço de beleza e sensatez. — Elogia com saudade. — Tia Julie, mãe de May, foi quem me mandou aquela caixa com os biquínis. Ela me mima sempre que pode.

Suspiro com a menção daquele pedaço minúsculo de tecido.

— O biquíni-tortura-Taylor... É, eu ainda me lembro.

Ela ri, endiabrada.

— Falando nesse dia, minha mãe continua cobrando uma chamada de vídeo. Está decidida a ver você — relembra, ainda rindo. — Você tem sorte! Se fosse meu pai, ele teria vindo até aqui há tempos. Talvez até enxotado você do apartamento se te pegasse sem camisa. Ele iria chutar seu bumbum bonito.

Solto uma gargalhada.

Seus pais fariam aquilo que bons pais fazem, cuidar e proteger seus filhos acima de tudo e de todos. Por isso, sua mãe está inquieta para me conhecer. Ela precisa saber se pode ficar tranquila com sua filha em minha companhia.

— Acha que ele não iria gostar de mim?

— Com o tempo... Provavelmente, sim. — É o que ela responde. — Mas você teria que vencê-lo a base de muitas atitudes. Papai sempre mostrou como nos amava assim, apesar de sempre se declarar com palavras também. A questão é que ele era ciumento, disse que se algum homem tocasse minhas mãos antes dos 35, jogaria um meteoro do céu.

O sorriso nostálgico dela se amplia a cada palavra.

— Aí você pôs a mão dentro da minha calcinha hoje — continua ela, me fazendo rir.

— Acho que tenho sorte de não ser um pedaço de carvão agora.

Rindo, Amber confirma.

— E você? — sonda, apoiando os dedos no meu peito. — Posso saber algo mais?

Sinto-me culpado por não conseguir ser tão aberto quanto ela, então, eu me esforço para contar algo. Penso por um tempo e Amber pacientemente aguarda, sem me pressionar.

— Desde que fomos para o orfanato, Olívia e eu, tenho pesadelos todas as noites. — É o que decido contar. — Não importava a que horas eu dormia ou mesmo se eu estava em um cômodo com dezenas de outras crianças, sempre tive sonhos ruins.

Na verdade, são mais memórias do que sonhos, completo mentalmente. Não é fruto da minha imaginação, por mais que eu tenha desejado desesperadamente várias vezes que fosse.

— Lembro de quando veio para cá. Fiquei em choque porque você parecia tão assustado... — Amber curva as sobrancelhas, angustiada. — Por um momento, fiquei congelada, sem saber o que fazer.

Seguro sua mão que ainda toca meu peito e enlaço nossas palmas, trazendo seu rosto com a outra mão em sua nuca para beijá-la. Dessa vez, é um beijo casto, um mover suave de lábios sem progredir para um contato mais íntimo. Apenas um gesto de conforto e carinho.

Um beijo de boa noite.

— Não tenho pesadelos quando durmo com você — digo baixo contra os lábios dela. — Nunca. Nem uma vez.

O sorriso que Amber abre, me faz sorrir também.

— Que bom...

A forma como estamos usando um ao outro é peculiar e também formidável. Por algum motivo, Amber consegue me afastar do meu passado, impedir minimamente que eu me afogue nas lembranças e em meus pesadelos. Em contrapartida, eu a ancoro, tentando recorrentemente retirar o peso extra sob seus ombros, mostrando que não precisa ser perfeita sempre, que não precisa carregar um mundo de expectativas e planos nas costas.

É um meio chocante e recíproco de cura.

É incrível como pessoas despedaçadas pela vida conseguem ajudar umas às outras a respirar. A viver após ter apenas sobrevivido durante tanto tempo.

— Estou ficando com sono... — murmura, os olhos piscando lentamente.

Está tarde, já é madrugada.

— Vem aqui, vamos dormir.

Escorrego novamente na cama para me deitar levando seu corpo, ainda por cima. Ela boceja e se aconchega em mim, o queixo apoiado no meu peito para conseguir me olhar. Ergo a mão e toco

seus cabelos, correndo os dedos pelos fios loiros, observando seus olhos se fecharem pouco a pouco até sua cabeça tombar.

Talvez devesse me esforçar mais para me abrir com ela. Não quero tocar na minha infância agora, mas poderia contar o que aconteceu entre mim e Jason, por exemplo. Até porque Amber já foi obrigada a testemunhar várias cenas.

Suspiro e olho para cima, concentrado no teto branco e em contar suas respirações. Certifico de que ela está em sono profundo, ressoando baixo em cima de mim, me abraçando com intimidade, para então sussurrar contra seus cabelos, quase adormecendo também:

— Não estava morto como eu pensava... — digo sobre o meu coração. — Se estivesse, não estaria pulsando nesse exato momento. Acho que, no fim, estava apenas nocauteado. Sangrando e gangrenando, sem nunca cicatrizar. Talvez esperando por você, mesmo que eu ainda não soubesse que um dia iria te encontrar.



OITAVA SEMANA

Abro um sorriso, caminhando rumo à saída do prédio com o telefone grudado no ouvido. Agora é assim, May não consegue passar um minuto sem mencionar algo sobre Anthony, o novo namorado. Eu bem que fiquei desconfiada com a foto que ela postou, sei reconhecer pelos olhos dela quando gosta muito de alguém.

— Ele disse que vai me levar para velejar no fim do semestre — comenta, animada. — Não é a coisa mais romântica do mundo?

Abro um sorriso, estou feliz por ela.

— Com certeza. Vocês são um casal lindo.

May solta outro suspiro apaixonado.

— Agora que já falamos muito de mim e te atualizei sobre todas as novidades, — um belo eufemismo esse “muito” aí — quero saber as suas. Como anda a relação com aquele gostoso?

Sim, eu acabei cedendo e enviando uma foto.

Foi um bom negócio, aliás.

Sem nenhum interesse pessoal, capturei uma imagem de Taylor cochilando no sofá – é, acabei comprando outro. O mais engraçado é que em um consenso mudo, continuamos dormindo juntos – e enviei a ela. Meu celular quase travou com a quantidade de figurinhas obscenas que tive como resposta.

— Achei que estivesse apaixonada... — repreendo enciumada.

Com quem? É um mistério.

— Estou apaixonada, não cega. — Rebate, rindo.

Reviro os olhos, desfazendo minha expressão feliz e despreocupada de antes pouco a pouco. Não pela menção do assunto, mas pela inquietação que aflora dentro de mim. Tenho evitado pensar nisso. Mas sei que logo terei que encarar o que está acontecendo.

Não posso postergar para sempre.

— Amber... está tudo bem? — Sua voz agora é suave, cautelosa.

Até por telefone May nota quando algo está errado. Ninguém no mundo me conhece melhor do que ela e a minha mãe.

— Acho que estou encrencada... — confesso quase sem voz.

May fica muda por um momento e então, como se uma lâmpada se acendesse repentinamente em sua cabeça, ela grita. Não posso vê-la, mas aposto que está boquiaberta.

— Oh, meu Deus! Finalmente transou com ele?

Afasto um pouco o telefone antes de colocá-lo novamente no ouvido, suspirando. Preparo-me para confessar que não, o assunto é bem pior. Se ele tivesse apenas enfiado o P na minha V e arrancado minha virgindade junto com as teias de aranha que já habitam lá embaixo, o problema seria menor. Bem menor.

— Não, não é isso... — pauso quando vejo Jason passando pelos corredores.

Está com a cabeça baixa e se move rápido, sua pressa é tamanha que acaba colidindo com outro universitário. Eu observo a cena com estranhamento e acabo sendo flagrada.

Seus olhos se encontram com os meus por uma fração de segundo, mas vejo o sofrimento dentro das suas íris. Jason é inconsequente, arrogante e cafajeste, mas talvez, debaixo de tantas camadas feias, ele seja apenas mais um coração quebrado. Alguém que padece sem carinho.

Quando ele se afasta rumo aos banheiros, eu respiro fundo, balançando a cabeça e voltando a me focar na voz de May ao telefone. Não deveria me preocupar com isso, muito menos ser tão curiosa.

— Amber? — ela chama.

— Estou aqui — digo, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha. — É que eu não sei bem o que te contar. Ainda estou confusa em relação a isso, a ele, mas... está ficando difícil ignorar.

Há uma pausa do outro lado da linha.

— Está apaixonada?

Mesmo esperando essa pergunta dela, fico atônita por alguns instantes, como se tivesse batido a cabeça contra a porta.

Céus, será que estou?

Isso seria muito, muito ruim.

— Não sei... Nunca estive apaixonada antes, May, como posso saber?

Ela suspira.

— Mas gosta dele, certo?

Aperto mais o telefone, cessando o passo e escorando as costas em uma parede próxima, desistindo de sair do prédio.

— Gosto... Muito.

— Amber, isso é uma coisa boa! — Afirma, e pela sua voz está sorrindo. — Quer dizer, por tudo que me conta, vocês têm uma relação incrível. Você se preocupa com ele e é recíproco. Com exceção do sexo que ainda não aconteceu, vocês possuem os três pilares mais importantes para uma relação: amizade, respeito e cumplicidade.

Não posso mentir e dizer que nunca pensei em nossa relação como algo a mais, afinal é inevitável fazer as refeições juntos, dormir na mesma cama, dividir o mesmo banheiro e não imaginar a vida de um casal. Ainda mais depois dele ter me levado às estrelas. Admitir isso, no entanto, seria apenas a ponta do iceberg.

— Nossa relação é ótima, sim. E não me vejo sem a nossa rotina — desabafo, um pouco amedrontada com as minhas próprias palavras. — Mas sabe o que isso significa para mim. As matérias estão aumentando e vão continuar assim ao longo dos anos, May. Quando eu chegar na residência será ainda pior, jornadas de até 76 horas semanais. Levar isso com um relacionamento é loucura! Sei que não vou conseguir dar total atenção para ambos e sabemos o que vou escolher se precisar abrir mão de um dos dois.

Gosto muito, muito mesmo de Taylor. Porém, se precisasse escolher entre ele e a minha carreira, não pensaria duas vezes antes de escolher o meu trabalho. Para mim seria como sacrificar um sonho que construí ao redor das memórias mais bonitas que tenho do meu pai, e eu nunca seria capaz disso.

— Compreendo seu receio, e também sei de todos os seus planos. Se esqueceu de que conversávamos por horas sobre os nossos futuros? — Lembra-me. Um sorriso pequeno surge em meus lábios. — Sempre fui indecisa, pensei em vários planos, mudando sempre de ideia no último segundo. Quase esgotando as letras do alfabeto após tantas alternativas.

Solto uma risadinha. Amo isso nela, como conseguia se jogar de cabeça em tudo, como é liderada pelas emoções.

— Mas você nunca foi assim, Amber — ela continua. — Você sempre teve tudo cuidadosamente planejado. Se eu buscar nas minhas memórias, você sempre soube o que queria, e sempre soube o que precisava fazer para alcançar. Você é focada, determinada, pragmática. E talvez seja por isso que esteja tão assustada, porque Taylor é o primeiro ponto fora da curva na sua vida. Ele é a única coisa que você não conseguiu prever e se planejar para lidar. Ele é novidade, é diferente e faz com que se sinta diferente também. Então escute bem, você pode até estar assustada, mas o amor é assim. Ele não avisa quando vai bater à porta, não manda uma correspondência ou pode ser anotado em um dos seus *planners*. Não amiga, o amor é imprevisível. Ele surge com força, dos caminhos mais improváveis e, às vezes, das pessoas que menos esperamos. Ele simplesmente dá às caras um belo dia e nos obriga a lidar com ele.

Inspiro e expiro tanto que sinto que roubei todo o oxigênio do corredor. Ela está certa, eu estou apavorada com a relação entre mim e Taylor porque não sei o que vai acontecer. Não consigo prever um desfecho e viver de modo tão imprevisível me deixa angustiada.

Preciso de um plano.

Preciso saber que não vou destruir tudo.

Preciso ter certeza de que ele não vai quebrar meu coração.

E que eu não farei o mesmo com o dele.

— Ainda está aí? — pergunta ela depois de um tempo, quando não digo nada.

Assinto e depois verbalizo, esquecendo por um instante de que May não está aqui, que não pode ver meus olhos arregalados e como minha boca está seca.

— Estou... E, sim, acho que estou assustada — confesso. Ergo minha mão livre até a boca, descontando um pouco da minha frustração. — Queria que estivesse aqui.

— Eu também, estou com muita saudade. Mas escuta, não se cobre tanto e se permita viver um pouco. Você consegue lidar com a faculdade e um relacionamento se assim desejar. Na verdade, às vezes até acho que é do que precisa, tudo nessa vida é baseado em equilíbrio e ultimamente você tem passado longe disso nos estudos. Talvez Taylor te ancore um pouco, reduza essa cobrança interna que te corrói continuamente.

Abro um sorriso pequeno, não pelas suas palavras, mas por ela me decifrar tão bem. Até o momento minhas médias não caíram, ao contrário, recebi uma notícia fabulosa que estou ansiosa para contar a Taylor.

Ele já faz isso, retira o peso extra dos meus ombros sempre que pode. Sempre está de olho na quantidade de café e energético que tomo, me recriminando suavemente quando exagero. Nas semanas de prova, ele assume todas as atividades do apartamento, com exceção do jantar, cuidando de tudo para que eu tenha mais tempo para estudar.

— Tudo bem, vou pensar nisso.

— Ótimo.

— Obrigada por ser a melhor amiga do mundo todo.

May ri.

— É, eu sou mesmo — diz sem modéstia. — Promete me ligar? Tenho que ir agora, mas quero saber o desfecho dessa história. Já posso te ver escrevendo vários planos em uma folha de ofício com as vantagens e desvantagens antes de se decidir.

Solto uma risada divertida porque sim, esse é o tipo de coisa que eu faria.

— Prometo. Amo você.

— Também amo você. Beijos!

Desligo o telefone e permaneço estática alguns segundos, absorvendo a conversa que acabamos de ter. Ao chegar em casa, encontrarei Taylor e talvez meu cérebro dê pane, então é melhor aproveitar meus últimos segundos de racionalidade.

Quando me dou por satisfeita e aprumo meu corpo, colocando-o em movimento novamente, quase vou de encontro ao chão nos primeiros passos com o corpo que se choca com o meu. O impacto é evitado apenas porque minha cintura é laçada e acabo caindo por cima.

Depois de soltar um gemido surpreso, felizmente sem me machucar, ergo os olhos e encontro Jason abaixo de mim. Seus olhos estão ligeiramente inchados e avermelhados. A menos que estivesse usando alguma droga no banheiro, ele estava chorando.

— Desculpe — diz ele, levantando-se e me colocando de pé sem dificuldade. — Você está bem?

Pisco, reagindo.

— Ah, estou. Você está?

— Você é leve, não me causou impacto.

Balanço a cabeça em uma negativa, não estava me referindo a isso.

— Não estou falando da queda, você está com uma cara péssima — digo sem muito tato para ser mais sutil. Escapuliu.

Jason desvia os olhos um pouco constrangido, mas sorri pela minha indiscrição. Sorte minha ele saber que não foi falta de polidez.

— Problemas — diz, simplesmente.

— Quer conversar?

Seu sorriso se amplia, mas esse não é provocativo como os que me lança sempre em tentativas falhas de flerte, é forçado, não alcança os olhos. É tão falso quanto a pose descontraída que tenta manter agora.

— Não, mas obrigado.

Suspiro e até tento morder a língua, mas não adianta.

Aliás, nunca adianta.

— Guardar esses sentimentos faz muito mal. Sabe que esses rancores psicológicos podem virar câncer, certo? — digo, séria, baseada em nenhuma evidência científica.

Jason ri, negando e então dá de ombros.

— Tem certeza de que estamos fazendo o mesmo curso? — Zomba ele. Dou de ombros, sem me abalar. — Não acho que vai querer ouvir meus problemas amorosos.

Minhas sobrancelhas se erguem. Desconfiei ser algum problema de família, nunca algo assim. Jason não faz o estilo de quem sofre por amor, ele parece ser bem resolvido demais, daqueles que seguem em frente com uma semana no máximo.

Bom, ou talvez eu tenha me enganado.

Mamãe dizia que não é certo julgar ninguém. Quando olhamos para alguém estamos vendo o reflexo do nosso próprio julgamento e nunca a essência dessa pessoa de verdade. Mesmo sendo criada em meio a isso, aparentemente cometi o erro de julgar Jason.

— Bom, então eu já vou indo.

Com um aceno, eu me afasto.

Não dou mais do que três passos.

— Amber? — Jason chama.

Viro meu rosto, ainda de costas. Ele parece atipicamente nervoso, as mãos crispadas e os ombros curvados para baixo.

— Aceita tomar um café comigo? — Ele sorri quando nota minha feição receosa. — Para conversarmos. Recusei seu convite no automático, mas acho que preciso mesmo falar com alguém.

Concordo com um aceno.

Saímos do prédio caminhando lado a lado em silêncio. Observo seus movimentos pelo canto do olho, mas mesmo que fosse indiscreta e o encarasse explicitamente, duvido que Jason notaria. Ele parece imerso em outra realidade.

Droga, deve ser sério.

Acabamos na mesma cafeteria que vim com Taylor quando saímos tarde da noite da biblioteca, é a mais próxima de onde estávamos.

— Lá dentro ou aqui fora? — Jason questiona.

— Acho melhor lá dentro.

— Ótimo.

Entramos no local e escolhemos uma mesa pequena em um canto mais afastado. O lugar é realmente charmoso, especialmente durante o dia. Os raios de sol adentrando pela janela, os arranjos de flores recém colhidas e o cheiro de café me fazem suspirar.

Mal nos sentamos e uma atendente simpática veio até nós sorrindo com um bloquinho branco e caneta nas mãos. Desconfio que seja nova, nunca a vi aqui.

— Boa tarde, o que vão querer? — ela indaga.

— Um cappuccino, por favor. — Jason pede.

Ela alisa o avental por um minuto antes de desviar os olhos de Jason e encarar os meus.

Como estamos no fim da tarde e normalmente nesse horário eu estaria em casa, cozinhando algo para o jantar, peço apenas uma bebida também, desconsiderando meu desejo por um muffin para não perder o apetite para o jantar que ainda quero ter com Taylor.

— Um chá gelado, por favor — digo a ela.

A atendente sai e então eu me volto para Jason, esperando. Como ele sugeriu o convite, apenas o fito, sem querer ser muito invasiva.

Um sorriso charmoso se desenha em seus lábios, levantando-se no canto direito da sua boca antes de contagiar o restante.

— Vai ficar aí, do outro lado da mesa, me encarando? — Zomba, provocador. — Eu sei que sou bonito, mas seu namorado não vai gostar.

Quase engasgo com a minha própria saliva.

— N-namorado?

Ele ri da minha expressão.

— Claro, o Ty. — Seu rosto tomba para o lado e seus olhos se afiam. — Ou não estão juntos?

Pigarro, tentando encontrar a minha voz.

— Não estamos namorando — respondo firme.

Seu sorriso aumenta, mas logo se desfaz. A moça volta neste momento com nossos pedidos e eu me ocupo com o meu chá gelado por um tempo, torcendo para que a temperatura diminua o rubor das minhas bochechas.

— Entendi. Mas estão íntimos.

Sim, estamos. Antes era uma coisa pessoal, restrita aos limites do meu apartamento. Na maior parte das vezes, acho que sequer nos lembramos das pessoas fora daquelas paredes. Mas então começamos a ir juntos para casa, a nos encontrar para almoçar, a nos abraçar sempre que cruzávamos o caminho um do outro. Já era tão normal fazer isso em casa que naturalmente se tornou fácil fazer fora também.

— Não estamos juntos, apenas compartilhamos da mesma rotina — reitero e mudo o foco da conversa. — Você disse que queria conversar.

Jason toma uma respiração profunda e assente, os dedos brincando com a borda da xícara branca que guarda sua bebida.

— Briguei com Rachel — conta, sem rodeios.

Tento não ficar tão chocada, mas não obtenho muito sucesso.

— Ah.

Ele sorri, sem graça.

— Eu disse que era um problema amoroso — diz levantando os ombros.

— Certo... O que aconteceu?

— Ela se declarou.

Até mesmo eu que conheço a história apenas superficialmente, estava esperando algo assim acontecer. Basta olhar para aquela garota para ver como é apaixonada por Jason. Infelizmente, basta olhá-lo para ver que não sente o mesmo.

— E você a rejeitou...

— Não exatamente. Mas brigamos.

Aproximo-me dele, inclinando o tronco sobre a mesa.

— Não pode ficar erolando a garota assim, Jason! — Fito seus olhos com seriedade. — Se gosta dela, conversem e se acertem. Se não, deixe isso claro também. Não é tão difícil.

Que tal colocar seus próprios conselhos em prática? — minha mente caçoa.

— Sei que deveria esclarecer as coisas com ela, mas é mais complicado do que parece, Amber. Gosto dela, só não... — Sua fala se encerra com um suspiro cansado.

E então eu entendo.

— Você está apaixonado por outra pessoa?

— Perdidamente — confirma com um sorriso infeliz. — Eu a amo.

Abro um sorriso e ergo minha mão para tocar a sua. Jason aceita o carinho, cobrindo minha palma com a sua, analisando nossos dedos juntos por alguns instantes.

— Me fale dela — peço.

Seus lábios se entreabrem, mas ele hesita, desviando os olhos dos meus.

— Não sei se é uma boa ideia.

— Por que não?

Ele me olha.

— Porque é a Yasmin.

Franzo o cenho, encarando seus olhos com dúvida.

— Você não sabe sequer o nome então... — Ele conclui.

Minha dúvida apenas aumenta com suas palavras.

— Do que está falando? — pergunto.

— Yasmin é a ex do Ty. A primeira e única namorada dele.

Por pouco meu queixo não toca o chão. Puxo minha mão da sua em um reflexo, colocando uma mecha de cabelos atrás da orelha antes de crispá-las no colo.

Não é difícil fazer as contas: a aversão ferrenha entre Jason e Taylor e agora mais uma peça para o quebra-cabeças, Yasmin. Se ela era a namorada de Taylor e Jason é apaixonado pela garota, é possível ter uma ideia de como a situação é desastrosa.

O doloroso clichê do triângulo amoroso, em que um coração sempre sai partido. Embora, nesse caso, o amor pareça ter feito mais vítimas.

— Acho que já fez as contas — comenta ele, quando não digo nada. — Realmente, não acabou muito bem.

— O que aconteceu?

— Ela o escolheu. Vocês sempre escolhem ele.

Não entendo onde quer chegar.

— Vocês estavam juntos quando Taylor apareceu? — pergunto com o estômago embrulhado. Não gosto de pensar em Taylor como o vilão, mas realmente não faço ideia de como as coisas se desenrolaram.

— Não. É... complicado.

Bufo, frustrada.

— Você me chamou para conversar, não foi? Então me fala.

Jason afasta sua xícara ainda cheia e me olha com mais atenção. A tensão em seus músculos é perceptível, assim como seu maxilar cerrado.

— Não acho que o Ty vai gostar que você descubra.

Prendo a respiração, meu coração acelerando.

— Por quê? Ele fez algo ruim?

Quando Jason nega, eu solto o ar, aliviada.

Cedo demais.

— Ty sempre dizia que os vícios são uma merda porque independentemente do que seja, sempre tem potencial de te levar à destruição — conta, fazendo a preocupação voltar a rondar meu peito. A essa altura, abandonei meu chá também. — Levei algum tempo para entender qual era o dele.

Drogas? Álcool? Sexo? Céus, nada parece se encaixar no homem com quem convivo durante todos os dias. Como ele pode ser viciado em algo e eu nunca notei?

— Não precisa fazer essa cara.

— Só estou... preocupada. Eu moro com ele.

Jason abre um sorriso pequeno.

— O vício do Ty é a bondade... — fala baixo. Tão baixo que parece estar envergonhado. — Ele sempre colocou os outros à frente de si próprio, sempre sacrificou seu bem-estar em prol daqueles com que se importava. Não foi diferente comigo ou com a Yasmin, exceto pelo fato de termos agradecido suas ações ao traí-lo pelas costas.

Levo a mão à boca, surpresa e um tanto quanto chocada com sua declaração.

— Vocês ficaram juntos quando ela ainda estava com Taylor? — esclareço.

Jason assente.

— Sim... Éramos amigos, muito amigos.

Nego, esquecendo do que fui ensinada sobre não julgar.

— Amigos não fazem isso, Jason. Desculpe, mas se gostasse mesmo do Taylor nunca teria feito algo assim. Nem você, nem essa Yasmin.

Ele suspira ruidosamente, afastando o corpo da mesa e apertando as costas contra o estofado, como se precisasse da distância entre nossos corpos para continuar aquela conversa.

— Imaginei que fosse pensar assim.

— O que aconteceu? — eu insisto.

Jason toma um minuto, abaixando os olhos como se lembrasse. Observo seu rosto contemplativo até que ergue novamente os olhos e começa a falar.

— Ano passado eu vim para Palo Alto, morava em Washington e a vida que iria levar aqui seria tão confortável quanto em casa — diz com um sorriso. Não é feliz. — Desde o minuto que pus meus pés aqui, tive um apartamento enorme mobiliado, um carro do último modelo do ano escolhido por mim e uma mesada abastada.

Não posso evitar pensar que até esse ponto não somos diferentes.

— Então, eu trombei com Taylor em um jogo de futebol — continua. Arqueio uma sobrancelha e ele sorri. — É, ele fazia parte do time. O Ty saiu depois do que aconteceu, não suportava mais olhar para mim.

— Ficaram amigos então?

— Os melhores... por um tempo.

— Ele se abriu para você?

Jason entende a minha pergunta, sabe que o principal objetivo dela é provar a mim mesma que Taylor confia em mim, apenas é muito reservado. Um adulo ao meu ego ferido de quem dorme e acorda todos os dias ao seu lado e afasta todos os seus sonhos ruins, mas que não serve para ser sua confidente.

— Não logo. Levou tempo e até hoje não sei de tudo — conforta-me. — Especialmente sobre o que passou na infância com Olívia. Taylor não gosta de falar.

Aquiesço.

— E se quer saber, — ele continua. — acho que essa merda contribui para ele se fechar ainda mais. Você é uma garota legal, Amber. Mais legal do que eu já fui um dia. Não duvido que Ty já teria

contado o que sei a você se não fosse pelo grande receio dele em confiar.

Remexo, desconfortável no assento. Quanto mais escuto, menos sei como vou encarar Taylor quando chegar em casa.

— Quando Yasmin apareceu? — pergunto, abandonando meus pensamentos.

— No segundo jogo da temporada, ela chegou atrasada duas semanas do curso. Adivinha? — Ele abre outro sorriso infeliz. — Teatro. Não posso negar que ela e Taylor sempre combinaram.

— Você a conheceu depois?

— Antes, na verdade. Derrubei ela no corredor assim como fiz com você hoje. — Ele conta. — Senti faíscas assim que botei meus olhos nela, e em todas as vezes que nos encontramos. Nossa química sempre foi palpável, bastava ficar sozinho com ela para que eu me sentisse obrigado a apertar as mãos em punhos dentro dos bolsos para evitar tocá-la. Se quer saber, acho que eu me apaixonei por ela antes mesmo do nosso primeiro beijo. — Jason ri sem humor. — Talvez assim que botei meus olhos nela.

Minhas sobrancelhas se juntam, formando um vinco entre elas diante da minha confusão. Como essa história adorável se transformou em um caso tórrido de traição?

— O que deu errado?

Jason crispa as mãos em cima da mesa.

— Ela amava o Ty — responde. — Era apaixonada por mim, assim como eu por ela. Mas Yasmin sempre amou o Taylor... Sempre.

— Não entendo.

— Eles passavam muito tempo juntos, quando não estavam comigo e com Olívia, estavam no teatro. As coisas são intensas nas apresentações, especialmente para calouros do primeiro período.

Meu estômago embrulha.

— Yasmin e eu flertávamos muito, isso durou por uns quatro meses. Sempre soube que a queria, e estava ensaiando o momento perfeito para convidá-la a um encontro. — Jason continua. — Mas no dia em que decidi levá-la ao melhor restaurante italiano da cidade, Ty me chamou no alojamento. Chegando lá encontrei seu colega de quarto, Olívia e Yas... agarrada ao seu pescoço, mais feliz do que eu já a havia visto antes. Não levou cinco minutos até que ele revelasse a novidade do namoro.

— Jason... — murmuro baixo, quase um sussurro. — Sinto muito.

Ele ri, mas seus olhos marejam. Obviamente ele os ergue, fingindo olhar uma das lâmpadas para se impedir de demonstrar como está afetado.

— Já se esqueceu que eu sou um dos vilões?

Nego, mas aperto novamente sua mão.

Rapidamente, dessa vez.

— Não prometo manter esse pensamento quando contar o restante da história — eu aviso. — Mas, até o momento, você é apenas um cara legal e muito apaixonado que acabou de levar um duro golpe. Não é fácil amar alguém e não ser correspondido, não consigo imaginar como ficou machucado.

Sua cabeça se move, ele parece um pouco surpreso, mas não comenta nada sobre isso.

— Decidi respeitar o relacionamento deles e parar de pensar em Yasmin daquela forma, por mais difícil que fosse — Jason diz. — Mas ela não facilitou. Não sei o que passava na cabeça dela, mas era como se tivesse o mesmo desejo que corria, pulsando pungente em minhas veias de estar perto.

— Então acha que apesar de tudo ela gostava de você?

Ele dá de ombros, repuxando os lábios.

— Acho que Yasmin achava divertido. Incitar, provocar e me ver recuar torturado. Sempre indo embora sozinho porque eu não conseguia pensar em ninguém que não fosse ela. Enquanto isso, ela voltava para o alojamento com o Ty.

— Taylor não sabia? Nunca desconfiou?

— Ele confiava em nós. Nunca cogitou essa possibilidade.

Suspiro.

— Por isso disse que o vício dele era a bondade?

Jason assente.

— Também. A verdade é que Taylor foi muito bom para mim e para ela. Quando chegou aqui, Yas não tinha sequer um lugar para ficar e Taylor quase cedeu a própria cama do alojamento por compaixão a garota. Na verdade, ela dormiu algumas noites em seu quarto enquanto ele cochilava na biblioteca e na cafeteria 24h.

Sou obrigada a respirar fundo relembrando a imagem de Taylor deitado, dormindo em cima dos livros, parecendo tão habituado àquela posição desconfortável.

Ele realmente estava habituado.

— Apenas por ele, Yas conseguiu um quarto, mesmo após terem fechado as inscrições. — Jason conta. — Ty ficou em cima do reitor até saber de uma desistência de outro aluno.

— Ele gostava mesmo dela... — Minhas próprias palavras doem dentro de mim. Tenho vontade de chegar em casa e dar um tapa bem dado em Taylor... Depois puxá-lo para mim e beijá-lo até não conseguir respirar. Não soltá-lo nunca mais.

— Gostava, mas quando ele fez isso, eles ainda não eram namorados. Apenas amigos. — A forma como Jason conta, com um sorriso miúdo e triste, denota o orgulho que sente por Taylor, mesmo com a mágoa enorme que hoje habita entre eles. — Quanto a mim... Bom, como disse, dinheiro nunca foi um problema, mas...

— Por que você mesmo não fez isso pela Yasmin se dinheiro não era problema?

— Eu gostava dela e me sentia atraído, mas ainda não era amor. Talvez eu tenha errado aí, porque apenas assisti o Ty correndo atrás de tudo, mesmo sem condições, acomodado no meu canto. Não fui ensinado a me importar, Amber... E eu sei que não justifica, mas não encarava aquilo como um problema meu.

— E ainda diz que a amava?

Ele me encara e assente, inequívoco.

— Eu amava... Ainda amo.

Um silêncio desconfortável preenche o ambiente, pesco novamente meu chá e tomo um gole. O copo já está suado e a bebida perdeu parte do frescor, o que me faz olhar ao redor e constatar que o céu está negro, o pôr-do-Sol já havia passado.

— O que Taylor fez por você? — pergunto, dando continuidade ao que dizia antes que eu o interrompesse.

— A relação com o meu pai não é boa... Ele é empresário do ramo têxtil e queria que eu seguisse o mesmo caminho. Assumir os negócios da família, entende?! — Jason ri, sem humor. — Acho que

ele é um dos poucos pais que fica decepcionado com a escolha do filho de cursar medicina.

— Deve ter sido difícil.

Essa não é a minha realidade, sempre contei com muito apoio da minha família, por isso não digo mais nada. Pode parecer um fato pequeno, mas pressões exercidas continuamente, expectativas inalcançáveis e uma preocupação constante para atingir a perfeição podem destruir uma pessoa.

De um jeito amável, ao cuidar de mim, Taylor me mostra isso todos os dias. Mas Jason não tem ninguém para fazer o mesmo por ele.

— Nossa relação já estava muito desgastada, depois de tantas brigas — ele continua. — Foi a primeira vez na vida que me posicionei e defendi o meu sonho. Foi a primeira vez que fiz algo por mim, algo que realmente queria. Me mudei para Palo Alto, com todo conforto porque não pegaria bem o filho do grande empresário H. F. Malone passar alguma necessidade, mas sem sequer um telefonema do meu pai. Ele simplesmente se cortou da minha vida, dizendo que ao escolher meu sonho estava sacrificando a nossa família.

H. F. Malone...

Esse nome me parece familiar.

— O que aconteceu depois? — inquiro, deixando transparecer a minha curiosidade.

— Bom, eu já era amigo do Taylor e apaixonado pela Yas. Cerca de dois ou três meses depois que começaram a namorar, recebi um telefonema da minha mãe, dizendo que estavam se divorciando e que meu pai ameaçou deixá-la na miséria. Foi quando

entendi que nunca fui eu, ou ela, ou meu sonho, o problema sempre fora ele, que enxergava dinheiro e oportunidades onde haviam pessoas.

Suas mãos apertadas se desenlaçam para bagunçar os fios do seu cabelo e esfregar a testa.

— Eu fiquei péssimo. Sobretudo, pela minha mãe. Ela sempre foi doente de amor pelo meu pai, e repassando na minha mente alguns momentos, hoje entendo que nem sempre o relacionamento dos dois fora saudável. — Ele suspira. — O fato é que, eu não consegui resistir, Amber... Estava abalado demais, confuso demais... Daria tudo por alguns segundos de carinho ou prazer.

Suas palavras começam a fazer sentido na minha cabeça e então, eu consigo completar as lacunas que faltavam.

— Ela continuou flertando com você mesmo namorando com Taylor. — Opino e ele confirma. — Então, nesse dia vocês se encontraram e as coisas saíram de controle.

Jason assente outra vez.

— Estávamos no alojamento do Ty, esperando-o chegar. Como um bom amigo, ele me cederia seu ombro disposto a fazer tudo que estivesse ao seu alcance para me fazer sentir melhor.

Fecho os olhos por um segundo, com pesar.

— Ele flagrou vocês — constato o óbvio.

Jason, para minha surpresa, nega.

— Não ainda. Transamos duas vezes na cama dele, porque eu mal conseguia ficar longe dela. Quando acabou, ela disse que aquilo nunca iria se repetir.

Minha mente dá um nó, não consigo absorver tanta informação tão rápido. Não sei o que pensar de Jason, muito menos sobre Yasmin. A única certeza que tenho é que nessa história, Taylor foi o mais machucado.

— Mas se repetiu, não é?

Seus olhos, envergonhados e marejados se desviam dos meus quando ele responde:

— Diversas vezes — sua voz soa baixa. — Não importava o que ela disse ou o fato de que eu amava Taylor também. Ty me defendeu do meu pai quando ele veio até o Campus e explodiu comigo no meio do campo de futebol, ficou do meu lado, me apoiando durante todo o divórcio. Mas era inevitável... — Ele dá de ombros, vexado. — Bastava olhar para Yasmin para tudo deixar de existir.

— Droga, Jason! Entendo que amava, mas isso não foi certo.

— Acha que não sei? Eu errei.

— Traição não é erro, é escolha. É atravessar o peito de alguém para alcançar outro sem medir consequências de destroçar o coração que está entre o de vocês.

Ele apenas suspira, mas não tenta se defender.

— Foram meses assim, acho que mais de um semestre.

— Isso é tempo demais...

Jason aquiesce.

— Sim. Estava incomodado com a situação e tão apaixonado por ela que implorava para ficarmos juntos, da forma certa. Para que ela terminasse com ele e desse uma chance para o nosso amor. Eu acreditava que Taylor entenderia.

Pelo que contou, é provável que sim. Apesar de toda bondade, por mais desmedida que seja, tenha limite.

— Mas então ele nos flagrou — Jason continua. — Novamente em um momento de tesão desenfreado no alojamento. Estávamos tão preocupados em não deixar o cara que morava com ele nos ver, calculando os horários que estaria fora enquanto esperávamos por Taylor, que não notamos quando chegou mais cedo. Ela estava de quatro, com a bunda para cima enquanto eu metia fundo... Com uma intimidade e entrega que deixaram claro não ser a primeira vez.

Afasto-me da mesa e deslizo pelo encosto, chocada demais.

— O que Taylor fez?

— Ficou possesso de raiva, é claro. Acima de tudo, muito magoado. Mais comigo do que com Yas, por alguma razão.

Talvez ele gostasse mais de você.

— Eles terminaram? — pergunto.

— Depois de uma troca de socos entre nós?! Sim, ele gritou em alto e bom som que nunca mais queria ver Yasmin. Isso foi no fim do ano passado, então o restante do semestre foi borrão para mim. — Pausa, olhando para xícara por um momento. — Procurei Yas, queria fazer dar certo, mas ela me rejeitou. Repetiu olhando nos meus olhos várias vezes que eu transava bem, mas que nunca seria bom o bastante para merecer seu coração. Esse ela já havia entregado a Taylor, e sempre seria dele.

Engulo em seco.

É como se tentasse passar um amontoado de agulhas garganta a baixo. Não sei dizer o motivo, mas suas palavras também me machucam.

— Onde ela está agora?

— É um mistério...

— Como assim? — indago de cenho franzido.

— Antes das aulas terem fim, ela simplesmente sumiu. E até hoje não voltou.

— Isso é muito estranho.

— É, sim. Especialmente por ela não ter condições de tirar um ano sabático ou algo assim. Cogitei que houvesse se sentido humilhada e voltado para sua cidade natal, mas nunca tive certeza.

— Não tentou procurá-la lá?

— Diversas vezes. — Confirma, como eu já esperava. — Mas ela conseguia ser ainda mais fechada que Taylor. Além do seu número de telefone e saber que se mudou do Texas para cá, eu não sabia de nada mais.

Assinto.

— Ela nunca tentou contatar Taylor?

— Que eu saiba não. Mas não é como se ele e eu conversássemos civilizadamente.

— Acha que... — Hesito por um momento. *Quero mesmo saber a resposta?* — Que ele ainda gosta dela?

Jason me fita por um longo tempo, estudando meu rosto antes de abrir a boca para responder. Entretanto, ele se cala, engolindo a primeira resposta e dando de ombros, antes de dizer:

— Apenas nós conhecemos nosso próprio coração.

Assinto a contragosto, ainda com aquela sensação ruim no peito. Não gosto do que esses pensamentos, relativos à Yasmin e Taylor, fazem comigo.

Essa inquietação parece me corroer de dentro para fora.

— Por isso não consegue dar uma chance a Rachel, por mais que ela seja uma garota incrível e louca por você — verbalizo o que já está claro.

— Meu coração está ocupado. Yas criou raízes dentro dele e por mais que tenha sumido por aí, não parece ter a mínima intenção de abandonar meu peito ou meus pensamentos.

— Sinto muito...

Seu cenho se torna plissado

— Ainda sente muito? Mesmo depois de tudo que te contei?

Assinto.

— Você errou, isso é indiscutível. Aliás, você e Yasmin erraram — digo resoluta. — Mas ninguém deveria sofrer por amor. Amar deveria ser algo fácil, simples, não algo que te fere diversas vezes antes de te curar.

Jason pisca, surpreso e então diz:

— Talvez seja, talvez o amor nunca machuque. Talvez as decisões que tomamos pelo caminho dessa trajetória é que acabem nos ferindo depois.

Dou de ombros, sem argumentos quanto a isso.

Tomo uma respiração profunda e pego a minha mochila, rodando a chave que pesquei no bolso lateral entre os dedos e segurando minha carteira colorida nas mãos.

— Preciso ir, está tarde — eu digo.

Na verdade, não vejo a hora de voltar para casa. Mesmo sem saber como vou lidar com Taylor.

— Tudo bem, é por minha conta — diz, me interrompendo no momento em que estava prestes a pegar uma nota.

— Obrigada. Você vai ficar bem?

Jason sorri. Mesmo sendo pequeno, alcança seus olhos. É o primeiro sorriso singelo da noite.

— Provavelmente, melhor do que eu mereço.

Eu me levanto, colocando a mochila sobre os ombros e caminhando para fora dali. Mas paro, com uma última pergunta rondando meus pensamentos. Giro os pés e o encontro com a cabeça baixa, parecendo não ser capaz de se levantar dali.

— Jason — chamo e ele me encara. — Por que me contou tudo isso?

Ele dá de ombros e abre outro sorriso pequeno.

— Não sei, Amber. É fácil gostar de você.

Movo minha cabeça, embora não faça o menor sentido para mim. Pode ser que Jason considere que eu mereça saber por estar cada vez mais próxima de Taylor. Apesar de preferir ter escutado dos lábios do dito cujo, concordo que sim, eu mereço mesmo saber.

Porque, falando sério, não é possível que seja outro motivo a não ser este. Basta me conhecer para saber que não vou conseguir guardar o assunto e que, assim que cruzar a soleira do apartamento, vou despejar tudo antes que possa respirar.



Amber

Minhas mãos estão trêmulas quando giro a chave e abro a porta. Ao encontrar o apartamento banhado pela escuridão, deixo um suspiro aliviado escapar. Jogo a chave no aparador ao lado da porta e começo a desamarrar meus cadarços.

O cachorro corre até mim, feliz, abanando o rabo. Faço carinho em suas orelhas e me desculpo pela atenção que não dei a ele nas últimas semanas pelos meus projetos na fraternidade.

Busco sua ração e encho suas tigelas de comida, ele se ocupa com a vasilha do quarto quando vem me acompanhar e se esquece de mim conforme se alimenta. Rio, terminando de tirar os tênis e indo para o banheiro.

Hoje não é o dia típico de Taylor ir conversar com Olívia, mas pela quietude do lugar, é a única hipótese que consigo pensar para ainda não estar em casa. Terei tempo para uma ducha e, quem sabe, preparar o jantar.

Tomo um banho demorado, passando mais tempo imersa em devaneios do que limpando o corpo. Quando me dou por satisfeita, constatando que lavei os cabelos duas vezes, saio enrolada na toalha rumo ao quarto. Como o apartamento ainda está quieto, retiro a toalha rapidinho e visto um pijama limpo.

Saio do quarto acendendo as luzes pelo caminho até a cozinha, abro a geladeira e separo alguns ingredientes para fazer uma omelete. Assim que pego os ovos, a cebola e a pimenta, a porta se abre. Largo os itens em cima do balcão e me estico até conseguir espiar a porta e flagrar Taylor entrando.

Ofegante.

Suado.

Gostoso.

Balanço a cabeça, apagando esses pensamentos.

Ou, ao menos, tentando.

— Oi — diz com um sorriso.

Taylor se mantém onde está, provavelmente não vindo me abraçar como de costume apenas por estar transpirado. Mas manter essa distância não me ajuda, posso correr os olhos por ele e reparar em cada detalhe.

Os cabelos meio molhados de suor, as bochechas ruborizadas e os lábios entreabertos por onde pequenas lufadas de ar ainda escapam. Piora quando meus olhos descem e encontram o peito esculpido por baixo da camiseta úmida, sem contar a forma obscena com que as mangas se agarram aos seus bíceps.

Ai, papai, você fica colocando essas tentações no meu caminho... Isso não vai terminar bem.

Sua risada me desperta, e ele dá um passo à frente.

— Está tudo bem? — indaga, correndo os olhos por mim. — Está parecendo meio aérea.

É, culpa sua.

— Aham. Chegou tarde... — Comento como quem não quer nada, voltando para a cozinha. Taylor me segue.

— Cheguei e você não estava, então fui correr um pouco. — Explica. — Não queria jantar sem você.

Abro um sorriso.

— Você não queria jantar um sanduíche — eu corrijo. — Estava me esperando para que eu pudesse cozinhar.

Taylor faz uma careta risonha, sem argumentos.

— Você tem me acostumado mal.

— Você é muito folgado!

Ele ri.

— Trouxe rosquinhas para comermos de sobremesa. — Sorrio, sabendo que escolheu as minhas favoritas. — Vou tomar um banho. Quando acabar, venho ajudar você, Thompson.

Movo a cabeça.

Taylor sai e eu volto a encarar meus ingredientes, preferindo guardar todos na geladeira e fazer algo melhor do que uma simples omelete. Adoro quando ele me ajuda na cozinha, sempre tão dedicado e sorridente.

Resolvo ir até o quarto para pegar meu notebook e consultar a receita do *Steak tartare* que quero fazer. É um prato francês, um pouco peculiar, mas é fácil de ser feito. Espero que Taylor goste.

Tento não me deixar levar pelo som da água correndo no cômodo ao lado, mas é uma missão difícil fugir dos pensamentos de que ele está pelado e molhado bem ao meu lado.

Papai me castiga nesse exato momento, corando minhas bochechas quando, ao abrir a tela do computador, ainda no quarto, vejo uma mensagem da minha mãe. Um texto simples, reclamando que não liguei nos últimos dias e pedindo notícias. Compreensível. O problema é que cometo o erro de responder agora e, além de visualizar no mesmo minuto, ela inicia uma chamada de vídeo.

Encaro a porta do banheiro e calculo mentalmente há quantos minutos Taylor está lá dentro. Ele demora demais no banho, devo ter pelo menos mais dez minutos. Sento-me na cama e atendo a chamada, abrindo o sorriso mais meigo que consigo. Um que diz: *Oi, mãe, estava estudando, não imaginando a anatomia humana do meu... hum... colega de quarto.*

— Não me olha com essa cara chantagista de cachorro que caiu da mudança como seu pai fazia — dispara ela, e eu tenho vontade de sorrir mais. — Por que não me ligou?

— Fiquei atolada com as tarefas da faculdade.

Até brava, dona Bárbara é linda. Ela está com os cabelos presos e um robe vermelho, os olhos atentos como se procurasse algo errado.

Que saudade!

— Estou com saudades, *mama* — emendo, marota.

Seu cenho se distensiona e a feição se abranda. Ela até tenta interceptar um sorriso, mas não consegue.

— Também estou. Como estão as coisas aí?

— Minhas notas continuam impecáveis.

Ela sorri.

— Não estou falando das suas médias filha, mas de você.

— Ah, bom...

— Como está? Faz tanto tempo que está longe.

Sinto meu coração se aquecer.

— Estou bem. Faltam pouco mais de dois meses para o fim do semestre, logo estarei em casa.

Seu sorriso se alarga, e o meu morre antes de nascer. Apesar de ter sido eu a dizer, não me atentei a essa conta até então. O que vai acontecer quando o semestre acabar? Vou voltar para a França, para a minha família, mas e Taylor? E depois?

— Amber? — chama.

Volto a olhar para tela com um sorriso amarelo, tentando esconder minhas aflições. Não funciona, percebo pela expressão da minha mãe que não. Mas antes que possa falar algo, a porta se abre roubando minha atenção.

Em uma nuvem cheirosa e quente de vapor, Taylor sai do banheiro. A passos lentos, cabeça baixa e apenas a maldita toalha envolta da cintura. Praguejo baixinho ao notar seu torso nu com gotículas de água deslizando por entre os músculos talhados. Mais uma vez, ele esqueceu de pegar uma muda de roupa antes de entrar.

Ele não me nota e segue sua rotina, virando de costas para procurar uma peça de roupa. Não acendi a luz do quarto, visto que não iria demorar, mas a luz do banheiro e da tela do notebook banham o ambiente o bastante para enxergar. Contudo, Taylor está distraído demais cantarolando uma música do Bon Jovi.

— Não me diga que esse é o tal Taylor! — Mamãe berra em choque.

Sempre dei um jeito de contornar a situação e acabei não apenas sem cumprir a chamada de vídeo como me pediu, como

sem mandar uma foto dele também. Foi um milagre May não ter dedurado a imagem a ela.

O maior problema é que com seu grito, Taylor se assustou. Ele deu um pulo em direção à cômoda ao notar nossa presença e, no processo, a toalha acabou caindo.

CAINDO!

Puxo uma respiração profunda e arregalo os olhos. Ele se apressa em pegar a toalha e envolvê-la na cintura, porém, eu sou mais rápida, agarrando o notebook e saindo aos tropeços do quarto. Trombo o dedo mínimo no pé na cama ao levantar e arranho o braço na soleira da porta.

Chego esbaforida à cozinha, dispondo o computador em cima do balcão e rezando para todos os anjos, especialmente o papai, para que minha mãe não tenha visto nada. Mesmo sendo impossível. Pela posição em que eu estava, ela também teve uma visão privilegiada.

Durinho, redondo...

Um bumbum mais bonito e maior do que o meu.

— Amber Thompson Fontaine! — Mamãe grita tão alto que o 5-B escutou. — Esse cara anda pelado pelo seu apartamento?

Faço uma careta.

— Teoricamente, não.

Anda sem camisa, mas pelado não.

— Mas estava pelado agora! Eu acabei de ver!

— Teoricamente, sim.

Dona Bárbara bufa e faz cara feia.

— Trate de se explicar, mocinha. Agora!

— Ele não anda pelado por aí, mãe. Foi um episódio infeliz — digo, mas minha mente, que repete a cena em um looping infinito, discorda. Foi feliz, *bem* feliz. — Às vezes, ele se esquece de pegar uma muda limpa de roupa. Só isso. Acontece raramente.

Baita mentira, acontece sempre.

— Por Deus, filha! Esse rapaz ao menos te respeita?

— Muito, mamãe — digo, sem hesitar.

Ele se esquece da roupa e me provoca andando sem camisa, mas sei que ela vê a verdade em meus olhos agora. Taylor jamais me desrespeitaria.

— São apenas amigos?

— Ahhh... — alongo a sílaba.

Sinto uma mão tocar meu ombro e me deparo com um Taylor muitíssimo embaraçado. Sorriria para ele se não me sentisse tão tensa também. Se mamãe já perguntava tanto dele, agora então...

— Oi, Sra. Fontaine. Perdão pelo que aconteceu. — Ele se dirige a minha mãe em um tom cordial. Seu rosto está mais vermelho do que a minha calcinha. — Isso nunca aconteceu até hoje. Bom, a toalha cair não.

Minha mãe o observa, eu a encaro e Taylor desvia o olhar para mim. Nós dois sem muito tato com a situação, desconfortáveis com o olhar afiado da loira no computador.

— Espero que você respeite e não se aproveite da minha filha — diz em tom firme, ameaçador. — Não sei se ela contou, mas o melhor advogado da França, além de tio, é padrinho dela. E amigo íntimo da família. Consigo te caçar até o fim do mundo.

Para minha surpresa, mesmo desconfortável, Taylor sorri. É um sorriso todo torto, quase um pedido de socorro, mas ele ganha

alguns pontos pelo esforço.

— Ela disse. Amber fala muito de vocês. — Move os olhos para mim. — Sente muita saudade.

Olho para mamãe e assinto com vigor.

Hora de apelar para o lado emocional...

— Sinto, especialmente de você e da May. — Ajudo a desviar o foco da conversa.

Mas não funciona. Claro que não funciona. Aprendi isso com ela e o vovô, que passaram a tradição da chantagem na família desde que nasci. Mamãe já está mais que treinada, eu ainda sou uma mera aprendiz.

— São só amigos? — ela repete a pergunta.

Engulo em seco e olho para ele.

Taylor hesita por um momento antes de assentir e me dar um beijo na bochecha. Meu rosto já estava afogueado, agora me sinto como um hidrante: vermelha e imóvel.

— Possuo um carinho enorme pela Amber — diz doce. — Ela me ajudou em um momento difícil, como a senhora bem deve saber, e tem sido boa para mim. Tento ser a melhor versão de mim mesmo para ela.

Pisco, encarando-o, sentindo aquela sensação nova se espalhar pelo meu corpo. Coração aquecido e boca contorcida em um sorriso bobo.

Oh, droga!

— Quero acreditar que sim. — É tudo que mamãe diz.

Sem querer prorrogar o clima, eu me volto para ela.

— Mamãe, chegamos tarde e ainda não jantamos. Te ligo depois, tudo bem? Prometo programar uma conversa digna entre

vocês.

Ela faz careta, mas assente.

— De preferência com ele vestido. E logo. — Faz questão de ressaltar.

— Combinado. Amo você!

Fecho o notebook, suspirando audivelmente.

Assim que encaro Taylor, começamos a rir histericamente. O som é nervoso, mas a risada acaba tomando forma e se tornando genuinamente divertida. Rimos tanto que sinto minha barriga doer e então noto que estou curvada em sua direção.

Seu sorriso se suaviza e ele desliza os olhos por mim, desde o pijama até o sorriso largo que tenho no rosto, e então se aproxima. Percebo suas intenções enquanto avança os dois passos que nos separam, me dando a chance de me afastar.

Inspiro profundamente e ergo o queixo para olhá-lo nos olhos.

Ele vai me beijar de novo.

— Me desculpa? — Pede em tom baixo.

— Não foi culpa sua, foi um acidente.

— De toda forma.

— Tudo bem — eu digo. — Mas talvez levar uma muda de roupa para o banheiro de hoje em diante seja bom.

Ele ri.

— Tem razão. Não sou como você que se lembra de tudo.

Ótimo momento para esfregar meu planner na cara dele...

— Certeza de que é só esquecimento? — questiono ao invés disso, e pela sua expressão, parece surpreso com a pergunta.

Ele estreita os olhos, me analisando.

— Está sugerindo que eu faço de propósito?

Inclino a cabeça, dando de ombros.

— Você faz?

— Por que eu faria?

Para me fazer babar com esse seu corpo obsceno, por exemplo. Para me lembrar do que não há nos meus livros de estudo, como esse seu sorrisinho safado.

— Não sei, me diz você.

— Estamos parecendo duas crianças conversando.

Abro um sorriso, não pelo que disse, mas porque chega a ser irônico. Já desejei tanto, inconscientemente, que a droga da toalha caísse e nada. Hoje, bem na frente da minha mãe, o nó se desprendeu.

Suas mãos tocam meu rosto e atraem novamente a minha atenção. O polegar faz uma carícia simples, movimentos circulares na pele quente das minhas bochechas, e eu tenho vontade de fechar os olhos, me inclinar em sua direção.

— No que está pensando, Amber?

— Eu? — digo, ganhando tempo. A verdade é que estou pensando em como estou encrencada. Não consegui superar o episódio da cozinha, nesse mesmo balcão próximo a nós, e agora não vou conseguir superar seu bumbum também. — Em nada. Não estou pensando em nada.

O canto dos lábios dele se ergue.

— Por que acho que está mentindo para mim?

Taylor vence o espaço entre nós, o corpo quase colado ao meu, e eu cometo o erro de mergulhar nos olhos dele. Já vi que mesmo em momentos felizes, eles são um pouco tristes. Mas agora

eu sei o motivo de parte dessa mágoa estar ali, e simplesmente não consigo ignorar.

— Eu saí com Jason hoje — disparo, sem pensar.

O clima se quebra no espaço de um segundo.

O sorriso dele se fecha imediatamente, e o brilho bem-humorado abandona seus olhos. Com a expressão confusa, Taylor recua um passo, deixando os braços caírem ao lado do corpo e ficando longe de mim.

— Você o quê?

Hesito.

— Eu... saí com ele — repito, bem mais baixo.

— Saiu... tipo em um... encontro? — ele cospe a última palavra.

Arregalo os olhos, negando.

— Quê? Não. Claro que não!

— Mas disse que saiu com ele.

Suspiro, acho que escolhi péssimas palavras para iniciar essa conversa. Mas até que combina bem, péssimas palavras para um péssimo momento. Taylor me olha como se eu tivesse contado que joguei nosso cachorro da sacada.

Falando nele, ele bem que poderia aparecer e quebrar esse clima azedo. Podia fingir que precisava alimentá-lo ou colocar um pouco de água fresca, mas a tigela da cozinha está abastecida e intocada.

— Nos esbarramos no corredor e fomos até a cafeteria. Ele estava mal e eu me compadeci — esclareço. — Apenas isso.

Taylor ainda possui a expressão contorcida.

— Espero que tenha sido ótimo o café.

Ele se afasta, me dando as costas. Franzo o cenho sem entender sua reação, especialmente a ironia em sua voz. Por isso seguro seu ombro, e os passos dele cessam de imediato. Jamais seria capaz de mover o corpo dele, é física básica, mas bastou um leve contato para que ele parasse e voltasse a me olhar.

— Não faça isso — peço, querendo evitar uma discussão.

— E o que exatamente eu estou fazendo?

Suspiro.

— Está bravo.

— Bravo? Por que eu ficaria bravo, Thompson? Você tem todo direito de sair com ele ou com quem quiser, é uma mulher livre.

Bufo, aborrecida.

Apesar das palavras, eu sei que ele está chateado. Resta a questão saber pelo quê. Não posso evitar pensar se ele teria a mesma reação por um garoto qualquer ou se sua indignação é baseada puramente em Jason.

— Tenho mesmo — concordo, cruzando os braços. — Até porque Jason e eu apenas conversamos. E como disse, ele estava péssimo.

Taylor ri, sem humor.

— Ou fingiu estar mal para ganhar sua atenção. Ele é bom em fingir, sabia?! — Alfineta, cerrando a mandíbula. — Espero que a conversa tenha valido à pena.

Ameaça se afastar novamente.

— Taylor...

— O que foi? — seu tom é impaciente.

Até cogito ficar quieta, sabendo que esse possivelmente não é o melhor momento para iniciar uma conversa. Mesmo que negue,

ele está bravo, e mais uma vez não sou o foco principal da briga.

Eu não deveria insistir.

Mas não consigo parar, é mais forte do que eu.

— Ele me contou tudo.

Todo aborrecimento deixa seu rosto, dando lugar à dúvida enlaçada em seus olhos turbulentos. Prendo a respiração quando ela também cai, e dá lugar a tantas emoções que não consigo distinguir apenas uma com clareza.

— Tudo? — sonda.

Assinto lentamente.

— Tudo o que, Amber? — Ele insiste.

— O que aconteceu entre vocês dois e a Yasmin.

Taylor se afasta um passo, surpreso. O cenho está franzido, enfeitado com uma ruga entre as sobrancelhas.

— Ele não tinha o direito...

Olho magoada para ele.

— Está tão chateado assim por ele me contar? Quanta coisa você sabe sobre mim?

— Não é essa a questão.

— Claro que não, mas se fosse o contrário seria, não é?

Ele pisca, parecendo mais atônito que antes.

— O que quer dizer?

— Que por mais chateada que eu tenha ficado quando você descobriu sobre meu pai daquela forma, não agi assim com você — argumento, séria. — Entendo que é reservado, especialmente pelo que passou. Mas caramba, não confia em mim?

— É claro que confio.

Ele não titubeia, mas suas palavras não aliviam em nada o que estou sentindo.

— Não parece. Afinal, não teve coragem de se abrir. — Interrompo-o com um dedo quanto ele ameaça falar. — E eu nunca, nunca te pressionei quanto a isso Taylor.

Contrariado, ele concorda.

— Eu sei — murmura.

— Se quer saber, não corri atrás de Jason implorando para ele me contar. Estava disposta a escutar de você quando estivesse pronto para me dizer.

Seu queixo se aperta, e ele me fita cético.

— Mas aparentemente mudou de ideia bem rápido, já que sabe de tudo.

Faço uma negação de cabeça, chateada em como ele está reagindo.

— Não acredito que está mesmo me dizendo isso.

— E eu não acredito que você aceitou ouvir o que ele tinha a dizer — diz, rosnando as palavras. Seu tom não se altera comigo, mas posso ver tudo o que usaria em volume sendo convertido em raiva dentro dos seus olhos.

Avanço um passo.

— Jason falou muito bem de você, sabia? — digo, irritada também. — Ressaltou cada qualidade sua e como sempre foi um ótimo amigo e namorado.

As sobrancelhas dele se erguem, quase sumindo entre as mechas bagunçadas do cabelo que cai pela sua testa. Quis encerrar a discussão por aqui e me aproximar para tocá-las, penteá-las com os dedos como tanto gosto e ver seu semblante de contentamento.

Não imaginei que seria assim, não queria estar brigando ao invés de conversar. Mas o assunto não parece perto de se encerrar, Taylor está ainda mais abespinhado pelas minhas palavras.

— Ah, ótimo! Agora você está o defendendo — diz com um sorriso infeliz. — Uau, isso é realmente a chave de ouro para esse dia de merda!

— Quer saber, não dá para conversar com você! — Ergo as mãos na defensiva, recuando em direção a sala. — Não agora. Está sendo infantil, Taylor!

Ele me segue.

— Estou? Talvez você deva enviar um convite para Jason, quem sabe prefira dividir o apartamento com ele? E, quer saber, por mim tudo bem, já que consegue conversar melhor com ele do que comigo.

Quase reviro os olhos.

Que homem mais cabeça-dura!

— Taylor... — murmuro cansada.

— Não seria a primeira vez que uma garota fica em dúvida entre nós dois.

Entreabro os lábios chocada e recuo até bater as costas no sofá.

Não acredito que disse isso para mim.

Não acredito que me comparou com Yasmin.

— Você não disse isso...

Conforme me olha, vejo sua expressão atenuar minimamente ao fitar meus olhos magoados. Mas não o bastante para continuar a conversa como dois adultos e muito menos se desculpar.

Taylor apenas me dá as costas novamente, andando a passos apressados dessa vez. Da mesma forma que entrou, ele deixa o apartamento sem olhar para atrás. A madeira faz um baque seco quando ele a bate, e então eu escorrego até estar sentada no chão.

Vários minutos se passam até que eu resolva me levantar, sem fome ou vontade de voltar a cozinha para fazer o prato que havia planejado, tomando o rumo do quarto. O cachorro, está deitado em sua cama, dormindo após ter devorado sua vasilha de ração, sem sequer desconfiar da briga que acabou de acontecer.

Vou até a mesa de cabeceira para pegar minha caixa de lenços e volto para o sofá, abraçando as pernas, chateada com a forma com que me tratou. Gosto dele e de como cuida de mim, mas não gosto da pessoa que se transforma quando está magoado com algo.

Assoo o nariz pela milésima vez e saio da sala, me afundando nas cobertas quentes da minha cama. Queria dormir, mas apesar dos olhos inchados, ainda estou alerta. Aproveito para conversar um pouco com o papai e tentar acalmar as inquietações dentro de mim. Se ele estivesse aqui, seu abraço saberia deixar esse desastre melhor.

Conto meu dia a ele, tentando me focar na parte boa quando recebi aquela notícia. Mas brigo com o papai por ter permitido que a toalha caísse na frente da mamãe. Se ele quisesse derrubar em outro momento, eu não teria ligado. Estava quase pedindo isso de Natal.

Falo sobre Taylor também.

Confesso o que me assusta.

O que estou sentindo.

Fecho o diário e na tentativa de continuar a me ocupar, me distraio montando meu *planner* da próxima semana, organizando todas as minhas tarefas e horários na faculdade e na fraternidade. Já faz um tempo que separo alguns horários com o nome de Taylor, disposta a passar um tempo com ele. Hoje, contudo, tenho vontade de rabiscar seu nome até ser impossível distinguir as letras.

Quando volto a olhar para o relógio, vejo que são quase uma da manhã. Levanto-me da cama e vou até a janela, fitando a rua calma abaixo, fazendo companhia para a escuridão da noite e o silêncio ao meu redor.

Não consigo dormir, não sem saber onde ele está.

É inevitável ficar preocupada com Taylor quando mais uma hora se passa e o relógio agora marca duas da manhã. O tempo corre rápido, e nada dele voltar para casa.

Será que foi brigar com Jason?

Talvez, tenha ido ver Olívia.

Será que vai dormir lá?

Será que vai voltar aqui apenas para pegar suas coisas e então ir embora?

Suspiro frustrada, checando o celular pela quinta vez em menos de dez minutos, novamente me deparando com nenhuma notificação. Sem mensagens ou ligações.

Sentindo minha inquietação, o cachorro ergue a cabeça e vem até mim, brincando com meus pés até que eu me ajoelhe e o traga para o colo. Foi decisão minha trazê-lo para casa, mas até ele está apegado a Taylor.

— Ele não vai nos deixar, não é? — converso com o cachorro. — Quer dizer, ele não pode. Não pode simplesmente sair e nós deixar sem notícias, preocupados em onde vai dormir ou se algo aconteceu.

Ele late, e eu interpreto o som como uma concordância.

Meus olhos marejam de novo.

— Nossa conversa foi toda errada... Não era para ter acontecido assim, muito menos ter aquele desfecho. — Faço bico, chateada com o dia. — Será que consigo me enfiar debaixo das cobertas e acordar de novo ontem, onde nada disso havia acontecido? Sem Jason despejando tudo aquilo em cima de mim, sem a mamãe sendo presenteada com a vista panorâmica do bumbum de Taylor e, especialmente, sem a nossa discussão?

Até hoje, nunca brigamos. Ao menos, não desde que estamos morando juntos. Esqueci aquele episódio do refeitório há tempos.

Eu sou neurótica e ele se diverte com minhas manias.

Ele é orgulhoso, bronco, mas se importa comigo.

É assim que funciona.

Não somos as pessoas de cedo, discutindo um com o outro como se fossemos duas crianças. Ele foi grosseiro e eu insistente. Taylor não deveria ter agido daquela forma e com certeza não deveria ter dito o que disse, mas eu o conheço. Sabia que precisava recuar e mesmo assim insisti.

Nós dois erramos.

Todo relacionamento, mesmo uma amizade, deve ser baseado na troca constante da razão. Ambos sabendo quando

insistir e recuar, entendendo a necessidade de se dividir o controle. Não foi o que fizemos hoje.

Suspiro, trazendo o cachorro para ocupar o lugar de Taylor na cama para ficarmos aquecidos e eu me sentir menos solitária. Dormir, sei que será impossível. Ao menos, não até que eu tenha alguma notícia daquele cabeça-dura.



Saio de casa com as mãos crispadas e o coração batendo rápido, minha mandíbula está tão cerrada que meus dentes doem. Minha vontade é ir até a casa de Jason e socar novamente o rosto daquele filho da puta.

Não gosto dele perto de Amber.

Ele não tinha o direito de contar tudo a ela, muito menos tentar bancar o bom moço arrependido.

Jason e Yasmin não prestam.

Ponto.

Foderam pelas minhas costas, me fizeram de idiota pela porra de um semestre. Não dá para simplesmente aparecer com um pedido de desculpas e um *"Nós erramos, mas ele sempre foi ótimo"* e acreditar que vai acertar tudo. Não sou perfeito, estou longe de ser, mas fui um bom amigo para ele e o melhor namorado que pude para Yasmin.

Caminho rápido pelas ruas meio a esmo, noto superficialmente um casal voltando para casa e um carro de polícia estacionado próximo ao apartamento. O casal se beija, apaixonado, e a felicidade deles me faz mudar de rumo. Meu estômago repentinamente enjoado.

Não gosto dele perto de Amber.

Hoje foi um dia péssimo! Ao chegar em casa, estava ansioso para ver Amber, sabendo que ela salvaria minha noite com sua boca sem filtro, sorriso bonito e um jantar gostoso. Pareci a porra de um viciado em abstinência ao andar pelo apartamento e notar que ela não estava em casa.

Fiquei assustado com a minha própria reação, com a dependência tola e infeliz que eu estava criando, então saí para correr. O objetivo era não parar até que as minhas pernas estivessem dormentes e meu cérebro precisasse se preocupar com a integridade física do meu corpo. Até esquecer as ideias estúpidas que ultimamente começam a rondar meus pensamentos.

Especialmente depois de beijá-la.

Especialmente depois de sentir sua boceta macia nos meus dedos.

Especialmente depois de constatar que nada nunca seria tão lindo como aquela garota inocente entregue a mim, em confiança plena e pura, de que cuidaria bem dela e lhe proporcionaria prazer.

Não adiantou.

Quando voltei para casa, meu cérebro ainda não estava entorpecido de endorfina o bastante. Os pensamentos idiotas ficaram ainda mais presentes com Amber ali, de cabelos bagunçados e com outra camisola fina, sem sutiã. Só piorou quando

sorriu, deslizando os olhos curiosos por mim. Merda, a única coisa eu queria é saber se ela gemeria ou gritaria ao gozar no meu pau, se gostaria profundo e lendo ou rápido e forte. Saber se preferiria desmanchar na minha boca ao invés dos meus dedos.

Balanço a cabeça.

Antes que eu entenda o que estou fazendo, ligo para Olívia. É tarde, então após dois toques, quando ela atende, sua voz é apreensiva.

— Taylor? Está tudo bem?

Respiro fundo, sentindo a dor começar a incomodar minhas pernas. Percebo que andei muito, estou próximo ao parque que habitualmente nos encontramos.

— Pode me encontrar no lugar de sempre? — peço.

— Posso. Está tudo bem?

Continuo o caminho sentindo a fisgada nas minhas panturrilhas em exaustão.

— Eu... preciso conversar.

Ela fica quieta por apenas um segundo antes de concordar.

— Vou pedir ao Greg para me levar.

— Obrigado.

Desligo, avistando o conhecido banco de madeira branca. Deixo meu corpo cair no assento, e apoio os cotovelos nos joelhos, escondendo o rosto com as mãos.

Não gosto dele perto de Amber.

Respiro fundo várias e várias vezes.

Sou arrancado dos meus devaneios quando uma mão toca meu ombro e, ao erguer os olhos, me deparo com Olívia. Ela está

com uma calça de flanela e um moletom enorme, que deve ser do namorado.

— Como você chegou tão rápido?

Minha irmã abre um sorriso calmo ao me fitar.

— Você me ligou há vinte minutos, Taylor.

Pisco, confuso.

Não notei o tempo passar.

Olívia se senta ao meu lado, puxando as pernas para cima do banco como sempre faz e inclinando o rosto sobre os joelhos para olhar para mim.

— Você está com uma cara horrível, sabia disso? — Ela diz com uma careta.

Jason estaria pior se eu tivesse ido até seu apartamento.

— Te acordei? — pergunto, pensando pela primeira vez que talvez pudesse ter interrompido algo.

— Não. E mesmo que tivesse, não teria problema. Estou aqui pra você.

Suspiro ao som das suas palavras. Deixo minhas costas se apoiarem no encosto da cadeira, relaxando a coluna. Meus músculos, entretanto, continuam tensos e doloridos.

— Mesmo assim, desculpa ligar a essa hora. Greg trouxe mesmo você?

Liv confirma.

— Sim, e vai me buscar.

Assinto uma vez.

Talvez eu devesse me aproximar dele, afinal. É inegável como cuida bem da minha irmã. O brilho nos olhos dela sempre que fala dele são a prova viva disso.

— Ótimo. Eu a levaria em casa se ele não viesse, mas tarde como está, andar a pé, mesmo comigo, seria perigoso.

— Sei disso. Agora fala, o que aconteceu?

Rio, sem humor.

— Foi um péssimo dia! Eu só... precisava conversar.

— Sério assim?

Cruzo os braços.

— Por onde devo começar? Perdi aquela vaga na off-Broadway antes mesmo de ganhá-la; cheguei em casa sendo recebido pela grande notícia de que Amber e Jason passaram a tarde juntos e ele se sentiu no direito de contar sobre Yasmin a ela; e nós discutimos. — Despejo e então ergo as sobrancelhas, lembrando de mais uma coisa. — Ah, claro, mostrei minha bunda a mãe dela também.

Quando Olívia não diz nada, giro o rosto para olhá-la. Sua boca está entreaberta e a testa tão plissada que parece uma roupa amarrotada.

Ela estava surpresa pelo telefonema, sabe que apesar de ser minha irmã gosto de resolver as coisas sozinho para não a preocupar. Mas agora, depois das minhas palavras, Olívia está em choque.

— Acho que me perdi no meio da sua fala... — Ela diz, piscando rápido. — Como assim ficou pelado na frente da mãe da Amber?

Suspiro, coçando a cabeça.

Tudo bem, essa parte seria cômica se não tivesse sido precedida por um dia de merda e eu nunca tivesse ficado tão desconfortável e envergonhado na vida.

— Longa história.

— Que bom que me chamou para conversar— diz, sem se abalar. Em um segundo, ela está recomposta. — Vamos lá. Tópico 01: como assim perdeu a chance com aquele olheiro? Eles te adoraram!

Dou de ombros.

— Eles querem o pacote completo.

— Você é o pacote completo!

Nego.

— Tudo bem eu me identificar mais com a produção, roteiro e o aspecto mais cenográfico da coisa, mas tenho que estar disposto a fazer alguns papéis periódicos — eu explico. — Sobretudo no começo da carreira. Disseram que ter esse tipo de experiência é fundamental para um roteirista ter sucesso e entender a dinâmica entre os atores.

— Faz sentido.

— É, eu sei que faz — concordo, deixando minha cabeça se apoiar no encosto do banco conforme deslizo no assento e fito o céu.

Ao contrário da minha mente nublada e meu coração tolo que ultimamente faz tanto barulho quanto uma tempestade, o céu escuro está calmo e estrelado. Tão bonito que não combina com o dia de hoje.

— Por que não quer tentar? Sei que não gosta, mas é uma boa oportunidade para a sua carreira.

Tombo o rosto na direção dela.

— Eu tentei, Olívia — digo suspirando. Como tentei... — O problema são as peças românticas, sempre travo antes de beijar a

garota.

A surpresa perpassa em seu rosto, e ela inclina o queixo, descrente com a minha confissão. Quem me dera fosse mentira.

— Não está falando sério...

— Pior que estou.

— Por que isso? Quer dizer, mais romântico do que eu, você sempre foi. Mas são beijos técnicos, não é?

Confirmo com um gesto de cabeça.

— Esqueci de mencionar uma coisa... — comento mais baixo. Sufoquei essa conversa dentro da minha própria cabeça. Evitei pensar, dirá dizer em voz alta, mas não dá mais para ignorar os fatos. — As coisas entre Amber e eu estão... complicadas.

Seu rosto se ergue para me fitar com mais atenção. Se existe uma pessoa preocupada com o meu coração é ela. Olívia se importa com cada mísero caco que existe no meu peito.

— Defina *complicadas*.

— Perdemos o controle — confesso. — Da relação íntima de amizade que temos, acabamos nos beijando e... bom, as coisas... esquentaram.

Olívia geme e dá um tapa forte no meu braço.

— Taylor! — guincha. — Você se lembra da conversa que tivemos no seu aniversário? Quando te dei aquele bendito puxão de orelha e você afirmou de pé junto que não iriam se envolver assim.

Desvio meus olhos culpados dos seus.

— O primeiro beijo foi exatamente nessa noite.

Ela rola os olhos.

— Está de brincadeira comigo. Só pode estar! Falei sério com você.

É, eu sei que falou. Ainda me lembro com exatidão daquele momento, quando me colocou contra a parede e, acuado, acabei assegurando que não levaria minha relação com Amber para aquele âmbito.



Olívia se despede de Amber e eu a acompanho até a porta. Ainda estou um pouco perplexo com a surpresa que as duas montaram para mim. Meu aniversário já trouxe certa dor pelo que aconteceu, mas lido melhor com isso hoje, tanto que fiquei feliz pela surpresa. Até agora, Miranda e Kevin não me vieram à cabeça.

— Vai ficar com esse sorriso bobo até quando? — Ela zomba assim que cruzamos a soleira.

Encosto a porta para nos dar mais privacidade, apesar de estarmos no meio do corredor.

— Não sei do que está falando — desconverso. — Obrigada por isso, por ter organizado tudo com a Amber. Significou muito pra mim.

Seu sorriso se amplia, e ela toca minha mão.

— A ideia foi dela. Amber descobriu seu aniversário pelo facebook jurássico que você mantém e veio falar comigo. — Sua voz se torna mais suave. — Ela fez aquele bolo de chocolate com tanto carinho que eu tive vontade de chorar.

Engulo o nó que surge em minha garganta, sem ideia de como responder àquilo. Sei o que o fato a fez pensar, sei para onde a mente de Olívia viajou com as lembranças.

— Desculpa nunca ter feito um pra você... — diz baixo, o tom pingando culpa.

Nego, puxando seu corpo para mais perto e a abraçando.

— Você sempre cuidou de mim. Isso é o que mais importa.

— Sabemos quem cuida de quem aqui, Taylor.

Abro um sorriso e beijo sua testa.

— Cuidamos um do outro.

Desvio minha atenção quando o vizinho que tem um penhasco por Amber passa pelo corredor e presta atenção demais em mim e Liv. Ele abre um sorriso pequeno, entendendo errado nossa relação, e esperançoso de que talvez a sua relação com Amber possa progredir, eu imagino.

Claro, só por cima do meu cadáver.

Ele não é bom para ela.

O sardento é... esquisito.

Não, definitivamente, não combina com Amber.

Olívia se afasta e flagra alguns segundos daquela batalha infantil de macho alfa. Então cruza os braços, olhando seriamente para mim.

— Quem é? — inquere apontando com o queixo em direção a porta que acabou de se fechar.

— Um vizinho.

Suas sobrancelhas se erguem.

— Você não olhou para aquele garoto como se fosse um vizinho, Taylor. Se raios laser saíssem dos seus olhos, o garoto seria uma salsicha fatiada agora.

Aperto os lábios para não rir.

Ele parece mesmo uma salsicha.

— Ele é estranho. Só isso. Fica dando em cima da Amber.

Minha irmã suspira e olha para a porta, dessa vez a do apartamento que acabamos de sair, como se verificasse se Amber pode ou não ouvir nossa conversa. Ela é falante e curiosa, mas não é enxerida, deve estar arrumando a cozinha agora.

— Vou dizer isso, apesar de achar difícil você não ter notado antes — começa, olhando fundo em meus olhos. — Acho que Amber está gostando de você. E, bom, se ainda não está, não vai demorar.

Mal consigo engolir a saliva.

— Por que acha isso?

— Ora, Taylor! Você é bonito, gentil e ainda é engraçado. É um pacote perigoso demais para qualquer garota, ainda pior para as que são como Amber. É só olhar a forma como ela olha para você.

Sei o que quis dizer, Amber está sozinha aqui e não tem muitos amigos. Acabei me tornando o porto seguro dela em Palo Alto.

— É apenas carinho, Liv. Somos amigos.

Minha irmã não se convence.

— Olha, por mais irritante que seja, ela é uma boa garota. Tem que ter em mente o que isso significa para você.

Cruzo os braços na defensiva.

— Como assim?

Meu pescoço está quente e sinto uma tensão incômoda em cima dos meus ombros. Não gosto do caminho dessa conversa. Não quero pensar nisso agora.

— Vocês estão morando juntos, as coisas podem acabar ficando... intensas demais. Não quero que se machuque, embora

realmente acredite que viver nessa de lobo solitário não seja algo saudável para você. Mas também não acho justo que ela se machuque. — Olívia pausa. — Ela viveu em meio a história de amor mais linda que eu já ouvi. Eu amo você, mas não fique com ela se não estiver cem por cento disposto a amá-la como merece.

Pigarreio, desconfortável.

Amor e Amber.

Essas palavras juntas retiram as forças das minhas pernas. Nunca desmaiei antes, mas sinto que posso em breve se essa conversa continuar.

— E mesmo que seja algo casual, convenhamos que não temos muitos exemplos por aí de situações como essa que deram certo. — Ela emenda rápido. — Não estou dizendo que me oponho que tenha um relacionamento, claro que não. Aliás, não tenho nem esse direito. Apenas pedindo que tome cuidado porque me importo muito com você.

Anuo, ciente de que suas palavras têm fundamento. Não sou capaz de digeri-las agora, mas eventualmente serei obrigado a pensar nisso. Por hora, talvez, eu as afunde em um canto da mente assim que bater a porta.

— Não precisa se preocupar. — Asseguro com o tom mais firme que consigo. — Somos amigos. Apenas amigos.

Olívia então foi embora, eu entrei... e beijei Amber.



— Planejava cumprir o que te disse — continuo a conversa. — Mas quando voltei, Amber estava na cozinha, limpando a louça.

A louça é responsabilidade minha, mas ela estava cuidando da tarefa por ser meu aniversário. — Faço questão de ressaltar. — Então eu a fiz comer um pedaço do bolo porque notei que não havia experimentado. Ficamos próximos e... aconteceu.

Sinto um arrepio subir pela minha coluna ao lembrar do momento, em como suavemente ela deslizou a cobertura pelo meu lábio e depois lambeu. Aquela garota doce fez pensamentos sujos surgirem na minha cabeça.

— Ai!

Dessa vez o tapa atingiu a parte posterior da minha cabeça, pouco acima da nuca. E foi mais forte.

— Você foi estúpido e sabe disso! — Ralha Olívia.

— Sei. E piora, porque eu gostei pra caralho.

Minha irmã suspira e então abre um sorriso.

— Resumindo: você perdeu o controle em menos de o quê? Meia hora depois que me disse aquilo? Talvez nem isso. Está na cara que gosta daquela tagarela. — Afirma, convicta. — O que nos leva ao tópico 02: Jason contanto tudo a ela.

Perco a disposição de corrigir minha irmã sobre Amber no momento em que, além de estar sem argumentos quando a isso, ela toca neste ponto.

Minha raiva ressurge e eu crispo as mãos.

— Quase saí do apartamento direto para o dele, ansioso pelo momento em que aquele babaca abriria a porta para eu poder acertar meu punho na sua cara. Ainda estou tentado com a ideia, na verdade.

— Fez bem em me ligar ao invés de fazer isso.

Olho para ela, cético.

— Não estou tão satisfeito com essa conversa como estaria ao ver o olho dele roxo. Ou um dente quebrado.

Olívia apenas revira os olhos para o meu comentário e estica as pernas para o meu colo. Seguro sua panturrilha e aperto, descontando com cuidado a aflição dentro de mim.

— Como aconteceu? — pergunta.

— Como aconteceu o quê?

— A conversa entre eles.

Dou de ombros.

— Amber só disse que se esbarraram e acabaram na cafeteria. Depois, ele contou tudo a ela.

— Assim do nada?

Dou de ombros.

— Parece que ele estava mal ou alguma merda assim. — Encaro seu rosto. — Se quer saber, acho que ele fingiu e Amber caiu no papo. Mas não posso afirmar. Não escutei muito bem depois que disse isso e, sendo sincero, não a deixei se explicar.

— Então acha que ele montou um teatro intencionalmente?

— Ele é bom em fingir, Liv. Me enganou por seis meses, esqueceu?

— Ele e Yasmin — corrige.

Suspiro.

— Tanto faz.

— Fiquei sabendo que Rachel e ele brigaram, então talvez não seja mentira — comenta. — Quer dizer, sabíamos que isso ia acontecer cedo ou tarde, não é? Ela se declarar e receber um chute na bunda.

Concordo.

Ainda terminou melhor do que eu esperava, na verdade. Rachel é imprevisível e, bom, Jason não é confiável. A relação dos dois sempre teve tudo para ser destrutiva e acabar respingando em todos nós no fim.

— O pior foi a tentativa vã de fazer papel de vítima — rosno. — Sair como o vilão arrependido atrás de redenção. Um filho da puta!

— Ai! — Reclama ela, quando eu aperto forte demais.

Faço uma careta culpada e alivio a pressão.

— Desculpe.

— É tão ruim assim Amber saber sobre o que aconteceu?

Olho para o espaço deserto e calmo ao nosso redor, soltando o ar.

— Estive pensando nos últimos dias em como contar a ela. Não tudo, mas esse lance entre Jason e eu — esclareço. — Tanto por confiar nela e me sentir confortável para isso, quanto porque, depois do que aconteceu, senti que devia isso a ela. Sei sobre o seu passado, sobre suas alegrias e tristezas mais profundas. Como isso já não pesasse na minha balança imaginária, deixei as coisas entre nós saírem do controle. Depois de beijá-la, esse sentimento aumentou. Eu me senti... mal por não oferecer a mesma honestidade e compreensão com que fui recebido.

Ela puxa as pernas e eu a encaro.

— Certo, eu já entendi! — declara, serena.

— O quê?

— Porque está bravo.

— Eu acabei de dizer, Olívia. Ele contou tudo e tentou sair como arrependido.

Um sorriso se desenha em seus lábios fazendo um belo conjunto com minha expressão confusa. Ela parece ter juntado os pontos, mas eu ainda estou perdido na conta.

— E logo depois emendou que já estava pensando em como fazer isso. Que não se sentia incomodado em dividir com ela. Apenas não sabia como fazê-lo ainda.

— O que isso tem a ver? — questiono, ainda sem entender.

— Tem a ver que você é tão cabeça-dura que sequer percebeu! — Olívia sorri mais. — Não está bravo pro Jason ter aberto o jogo com ela, está bravo porque o fato dele ter feito isso denota alguma intimidade entre os dois. E você odiou isso, porque advinha? Você gosta dela, cabeça-oca! Está apaixonado.

É como se um elefante houvesse se sentado no meu peito. Meu coração lateja, e não consigo mais fazer o ar entrar ou deixar os meus pulmões.

Merda, se não estivesse sentado, teria caído.

— Se for desmaiar, curve o tronco e coloque a cabeça entre as pernas, vai ajudar a levar todo esse sangue acelerando seu coração de volta para a cabeça — Olívia diz, risonha.

Quando olho assustado para ela, minha irmã se aproxima, apoiando a cabeça no meu ombro e segurando minha mão, olhando para as árvores à nossa frente.

Acho que estou tremendo.

Porra, essas árvores não deveriam se mexer.

— Assusta, não é? — Ela continua a falar. — Sentir que você precisa daquela pessoa na sua vida, que inconscientemente se tornou codependente do sorriso, da risada e até das coisas bobas que nunca fez questão antes. Então surge o medo de perder.

Porque você sente que se perder aquilo, se perder aquela pessoa, nada será como antes. Por isso há o ciúme, você quer cuidar e resguardar aquilo a qualquer custo.

Não sou capaz de dizer nada, apenas constatar como suas palavras se encaixam com perfeição na confusão de sentimentos dentro de mim. Afinal, hoje mesmo cheguei aflito para encontrar Amber, sabendo que apenas ela seria capaz de tornar meu dia melhor.

Namorei antes, minha relação com Yasmin até esse desfecho ridículo era boa. Mas nada na minha vida se compara ao que tenho com Amber hoje. É como se nós dois tivéssemos uma... linguagem própria.

— Quando percebi que estava apaixonada pelo Greg, senti meu coração bater tão rápido que tive um medo real de infartar — continua ela. — Demorei a entender que era meu coração migrando para o dele e o dele para o meu. Bom, ao menos uma parte.

Isso é meloso.

E assustador.

Assustador pra caralho!

— Não deveria estar apaixonado por ela. — É a única coisa que digo após tanto silêncio.

— Se funcionasse assim, acredite, a vida seria bem menos complicada. — Comenta, erguendo as sobrancelhas e voltando a olhar para mim. — Mas seria menos divertida também. É a imprevisibilidade dos corações que torna o amor algo tão sublime, Taylor.

Encaro o sorriso dela com pânico.

— O que eu faço agora? — Olívia amplia o sorriso ao ouvir minha pergunta. — Pare de sorrir, pelo amor de Deus! Não é engraçado.

— Eu sei que não. Mas estava ansiosa por esse dia. Estava passando da hora de eu conseguir passar algo para você como uma boa irmã mais velha.

Suspiro, ainda tentando voltar a respirar.

— Calma, grandão! — Ela ergue as mãos em defesa e continua. — Agora você tem que decidir o que vai fazer. Pode continuar agindo como um babaca com a Amber, mascarando esse ciúme até ele te sufocar ou encarar as coisas de frente. Pedir desculpas, conversar como adultos, e contar a ela o que está sentindo.

Sim, isso é inegável, com toda relação que construímos, eu deveria ter reagido melhor. Mesmo sendo algo que me machuca, eu não deveria ter explodido com ela. Merda, muito menos comparado Amber com Yasmin.

Thompson já me disse isso uma vez e tem total razão em suas palavras, ter cicatrizes não dá o direito de ferir de volta. Machucar alguém não vai me consertar.

— E se ela não sentir o mesmo?

— Nesse caso, você vai continuar a respeitá-la. Mas sem esses episódios de descontrole que sempre acabam em beijo — responde sem rodeios. — Mas se quer saber, duvido que não seja recíproco. Como disse, os olhos dela brilham quando veem você. Sabe o que dizem sobre a pupila dilatar, não é?!

— E se ela sentir o mesmo? — Faço essa pergunta com muito mais medo do que a anterior.

Liv se inclina e beija minha mandíbula tensa, atrapalhando meu cabelo como se eu ainda fosse um garoto de dez anos. Mantenho meus olhos nos seus, tentando encontrar neles todas as respostas que eu preciso.

— Bom, aí eu acho que finalmente será o início da sua história de amor.

Estou tonto. Tenho que engolir três vezes para umedecer minha garganta seca, e com certeza não sou capaz de me manter de pé agora. Aparentemente é necessário muito mais coragem para voltar para casa e acertar as coisas com a minha garota do que para socar um imbecil.

— O que nos leva ao tópico 03, que me desculpe — Olívia ri retomando a conversa —, é o que está me deixando mais curiosa. Como assim a mãe dela viu sua bunda?

Dessa vez eu consigo rir, mesmo que de nervoso. Liv me acompanha, me encarando como se eu tivesse enlouquecido.

— Sempre esqueço de pegar uma muda de roupa antes de ir pro chuveiro, então acabo saindo de toalha para pegar uma depois do banho. Hoje eu estava distraído, remoendo essa coisa da off-Broadway e não reparei em Amber no computador — eu explico. — Quando a mãe dela gritou, eu me assustei e a toalha acabou caindo. Eu a peguei rápido, mas não rápido o bastante.

Olívia gargalha.

— Excelente! Já tem uma ótima impressão com a sua futura sogra.

Faço uma careta e a empurro pelo ombro, fazendo seu tronco cair do banco sem muito esforço. E assim, eu rio da cara descontente que ela faz.

— Acho que nunca fiquei tão envergonhado na vida — continuo. — Pedi desculpas, mas sinto que sempre que olhar pra mim, a mãe dela se lembrará disso.

— Ah, com certeza! Me lembre de tocar no assunto quando formos jantar em família.

Perco a respiração.

— Deus, calma! — eu reclamo. — Vamos com calma.

Minha irmã continua rindo, divertindo-se com minhas reações.

— Tudo bem, vou parar com as piadas. Caso contrário, é bem capaz de você sofrer uma síncope.

Retiro o celular do bolso para verificar as horas e noto que Olívia e eu conversamos muito. O tempo passou rápido, já é madrugada.

— Melhor você ligar para o Greg, está tarde. São quase três da manhã.

— Nossa! Tem razão.

Enquanto minha irmã liga para o namorado, abrindo um sorriso pequeno quando ele atende, meu cérebro começa a pensar no que farei ao chegar em casa. Amber estará dormindo, mas eventualmente teremos que conversar.

— Greg deve chegar em 15 minutos — diz assim que encerra a chamada.

Eu me levanto, colocando ambas as mãos no bolso.

Certo, consigo ficar de pé. Isso é um bom sinal, não é?

— Ele estava dormindo?

— Estava. A faculdade tem exigido muito dele nos últimos dias, muitas simulações de audiência e condutas de processos.

— Ele não ficou bravo? — pergunto erguendo uma sobrancelha.

Olívia nega, sorrindo.

— É difícil tirar Greg do sério, ainda mais quando se trata de mim. Sei que você o enxerga apenas como um mauricinho, mas agora que conhece a Amber, tem que admitir que eles não são todos iguais. — Argumenta, me obrigando a assentir. — Ele nunca tentou comprar o seu afeto, Taylor. Tudo que faz por mim, faz porque me ama, não porque precisa mostrar algo a alguém ou me manter apaixonada devido à sua conta bancária.

— Sei disso. Vou tentar me aproximar mais dele — eu digo. — Ou não ser tão esquivo.

Seus olhos aumentam de tamanho e seus lábios desenham o sorriso mais largo que ela deu essa noite. Suas íris estão cintilantes de felicidade.

— Está falando sério?

Abro um sorriso também.

— Estou. Eu prometo.

Com um gritinho infantil, Olívia comemora, jogando-se em meus braços. Eu a seguro, fingindo revirar os olhos, mas acabo rindo. Gosto dela assim, feliz. E passou da hora de eu superar as desavenças que tenho com Gregory, sei que as intenções dele com a minha irmã são sérias.

— Obrigada.

— Não precisa agradecer. Só estou sendo um irmão decente.

Pouco mais de dez minutos depois, Gregory estaciona sua SUV branca na rua mais próxima, a alguns metros de onde

estamos. Eu acompanho Olívia até o carro e o cumprimento, trocando um aperto de mãos e algumas palavras. Minha irmã quase saltita até o banco do passageiro após notar o gesto simples.

Gregory me oferece uma carona, mas eu nego. Dessa vez, não por uma implicância ou orgulho, apenas porque prefiro voltar caminhando e ter tempo para colocar minha cabeça em ordem.

Estou dando as costas e voltando a andar quando ouço meu nome ser chamado. Encontro Olívia pendurada na janela do motorista, esticando o corpo sobre o colo do namorado.

— Sei que não quer ouvir isso agora. Mas, sabe, realmente acho que Jason se arrepende. Foi cruel o que ele fez com você, mas às vezes a mágoa que guardamos causa muito mais danos a nós do que a quem a direcionamos. Não vai querer envenenar esse seu coração de ouro, ainda mais agora que colocou outra pessoa importante para você dentro dele. — Diz ela, me fazendo suspirar. — E caso não tenha pegado a indireta, estou falando da tagarela.

Quase sorrio.

— Eu entendi.

— Manda uma mensagem quando chegar? Está tarde e você vai voltar caminhando. Vou ficar preocupada.

Confirmo com um aceno.

Ela volta ao assento, depois de dar um beijo casto em Gregory. O motor ronca e o carro se afasta, dobrando a primeira esquina, deixando-me sozinho com meus pensamentos.



Amber

Escuto o exato instante em que as trancas rodam e a porta é aberta.

03h:24min.

Chuto as cobertas para longe, onde estava em um casulo de preocupação com o cachorro e corro para a sala. Não faço questão de ser sutil e muito menos de forjar alguma expressão hostil ou superior. Eu não sou assim, e estou preocupada.

Taylor abre a porta e acende a luz do abajur ao invés da lâmpada, provavelmente imaginando que estou dormindo e receoso em me despertar.

Aham, até parece!

Ele dá dois passos antes de erguer o rosto e me notar. Consigo ver o contorno do seu corpo e vagamente seu rosto, por isso tenho esperança de que não perceba meu estado lamentável.

— Amber? Está acordada?

Deveria dar alguma resposta sarcástica para a sua pergunta boba, mas acabo fungando alto demais. Não consigo dizer uma palavra, apenas me manter imóvel. Meu desejo é correr para abraçá-lo, mas me contenho, ficarei machucada se me afastar. Não sei com quem estou lidando agora, o *príncipe-Taylor* ou *Taylor-imaturo* da briga de cedo.

— Está chorando? — A voz dele é baixa, quase um sussurro.

Quando não respondo, ele estica a mão até o interruptor e acende a luz. Então é impossível esconder. Tenho certeza que estou ridícula, com os cabelos bagunçados, olhos inchados e nariz vermelho, mais patética ainda neste pijama velho xadrez e com o rosto amarrotado.

Talvez por isso, eu cedo, corro até ele e o abraço, envolvendo sua cintura e escondendo o rosto em seu peito. Taylor não demora meio segundo para me envolver e apertar o corpo contra o meu.

Soluço, relaxando pouco a pouco, o bolo na minha garganta cedendo a cada vez que uma de suas mãos desliza pelas minhas costas ou afaga o topo da minha cabeça, murmurando um som carinhoso de silêncio.

É o príncipe-Taylor.

— Fiquei preocupada... — consigo dizer. Minha voz soa horrível. — Você saiu e não voltou. São quase quatro da manhã, eu pensei... pensei...

— Amber...

Taylor me afasta suavemente e analisa meu rosto, limpando minhas bochechas com os polegares. Seu cenho franzido e lábios pressionados, demonstram como está desconfortável com a situação.

Mantenho a cabeça cabisbaixa e aperto os dentes contra o lábio inferior.

— Achou que eu não ia voltar, é isso? — pergunta e eu aceno afirmativamente, entristecida. — Mas todas as minhas coisas estão aqui.

— Eu sei, mas... hum... pensei que voltaria apenas para buscá-las. — Fungo. — Pensei que fosse ficar com Olívia ou em qualquer outro lugar. Tudo para sair daqui.

Seus dedos erguem meu queixo, me obrigando a olhá-lo.

— Tudo isso pela nossa discussão?

Encolho os ombros, tímida.

— A gente não briga, não sabia como você iria reagir.

— Eu não vou embora — diz em tom firme. — Não a menos que você queira que eu vá.

Aquiesço, aliviada, mas uma lágrima desliza pela minha bochecha quando meus olhos marejam novamente. Taylor pacientemente a seca, com tanto carinho, que tenho vontade de me afundar em seu peito de novo.

— Depois, fiquei mais preocupada por não saber se estava bem — eu continuo. — Você não ligou, não enviou uma mensagem como sempre faz... As horas passaram rápido, pensei que tivesse acontecido algo ruim.

Noto a culpa em seus olhos, conforme ele compreende.

— Merda, me desculpe por isso. Não queria preocupar você.

Respiro fundo e tento me recompor, limpando o rosto com mais afinco e afastando alguns passos para poder olhá-lo melhor. Quando seus olhos deslizam por mim, tento arrumar meu cabelo, constrangida; o ato faz Taylor sorrir.

Não ligo que ele me veja com remela no olho quando acordo ou então babando em cima de um livro, temos intimidade o bastante para isso, e gosto da forma como me olha mesmo desarrumada. Mas chorar em sua frente sempre é algo que mexe comigo. Não estou acostumada a deixar as pessoas verem minha dor, gosto que estejam felizes e não se preocupem comigo. Não gosto de ser um fardo.

Estou sendo boba, não é? Não faço mais isso com Taylor, e nem preciso. Ele disse que posso chorar com ele, sempre que sentir vontade.

— Estava deitada com o cachorro — justifico. — Preferi ficar acordada embaixo das cobertas do que sentada no chão.

Taylor anui e engole em seco. O pomo de adão sobe e desce com dificuldade, denotando certo nervosismo enquanto se aproxima novamente de mim e segura minhas mãos. Seus dedos se enlaçam aos meus e ele desvia o olhar apenas por um momento, o suficiente para vislumbrar nossos dedos enroscados e voltar a encarar meu rosto inchado.

Nossas mãos se encaixam bem, apesar da diferença gritante de tamanho entre elas e de como a sua é mais áspera do que a minha. Gosto da sensação das nossas palmas unidas. Parece certo.

— Quero pedir desculpas por ter agido como um imbecil. Eu não deveria ter reagido daquela forma.

Concordo com um gesto de cabeça.

Afinal, ele foi um imbecil mesmo.

— Sei que é um assunto difícil. Se quer tanto que eu esqueça, posso fingir que Jason nunca me contou. Nada precisa mudar entre a gente.

Seus lábios formam um sorriso pequeno e ele ergue minha mão direita até os lábios, plantando um beijo doce na palma. Obrigo-me a manter nosso contato visual, mas meu coração tropeça dentro do peito, querendo correr até ele.

— Mas eu quero que mude — diz suavemente.

Pisco, confusa.

— V-você quer?

— Quero. Quero muito.

Não sei como reagir porque não faço ideia do que Taylor está falando. Ele prefere que eu não esqueça o assunto, é isso? Se sim, isso significa que iremos conversar sobre o que aconteceu?

— Tudo bem, então eu não esqueço. Podemos conversar no momento em que você se sentir confortável.

O sorriso dele se amplia.

— Adoro isso em você... Como é compreensiva, transparente... e linda. —Taylor aperta minha bochecha quando eu faço uma careta para o “linda” bem nesse momento. Sou bonita, mas não estou bonita agora. — Mas não estou falando disso. Bom, não exatamente. Sabe por que eu fiquei tão bravo?

A cada palavra sua consigo ficar mais confusa, mas aceno afirmativamente para a pergunta. Ele deixou bem claro.

— Porque não queria que eu descobrisse.

— Na verdade, eu estava planejando contar a você. Embora não importe mais.

Ergo as sobrancelhas surpresa por ele não ter se enraivecido por essa razão, e sobretudo por confessar que planejava me contar em breve. Agora que sei de tudo, dizer isso é fácil, mas acredito nele.

Taylor está errado sobre a importância disso, contudo.

Significa muito para mim.

— Por que não queria falar no assunto naquele momento? — palpito.

— Não. Porque eu estava com ciúmes.

Minha espiração engata e tenho certeza que meus olhos se arregalaram. Nem me dou ao trabalho de controlar meu rosto ou minha boca, estou atônita demais.

— Com ciúmes? — confirmo.

— Sim.

— De mim?

Taylor ri e se aproxima mais.

Ele é obrigado a se curvar para manter nossos olhos unidos, e sinto outra palpitação ao fitar suas írises tão de perto. Deus, tenho vontade de mergulhar no azul dentro delas e ficar lá para sempre.

— Com certeza de você — responde enfático. — Me deixe esclarecer as coisas, Thompson. Eu senti um puta ciúme porque, se Jason se sentiu confortável para se abrir assim, ele gosta de você. E esse pensamento me enlouqueceu.

— Por quê?

— Não posso perder você — confessa.

Nego, enérgica.

— Você não vai me perder. Somos amigos.

Ele se afasta um pouco e exala pesadamente. Pela sua expressão, acabou de levar um balde de água fria, mas eu não entendo o porquê. Não disse nada demais, disse? Droga, deveria ter dormido um pouco. Isso só pode ser efeito da privação de sono.

— Certo. Ok. Vou fazer mesmo isso. — Murmura, parecendo falar consigo mesmo. — Mas antes quero que prometa que as minhas próximas palavras não vão mudar nada entre nós. Se você não se sentir assim ou se ficar ofendida... Deus, eu não sei! Se não gostar do que ouvir, apenas apague dos seus pensamentos. Apenas esqueça e tudo volta a ser como antes, entendeu?

Anuo, porque mais do que assustada, estou curiosa.

— Estou apaixonado por você, Amber. — Confessa em um fôlego, mal tomando tempo para respirar. — Estou apaixonado pelo seu sorriso, pela sua mania de organização, pelas roupas coloridas que usa, pela forma como se importa comigo e sempre cozinha para mim... Pela sua determinação e foco em tudo que quer alcançar, pela sua ingenuidade de sempre ver o melhor das pessoas e sua transparência em não conseguir esconder nada do que sente... Pela sua boca sem filtros que é constrangedora às vezes, mas que me faz feliz como nada antes conseguiu fazer. Estou perdidamente apaixonado por tudo que envolve você, e estou apavorado porque não faço ideia do que fazer com isso. Especialmente se você não se sentir da mesma forma.

De todas as reações que eu poderia ter, pois acredite, muitos sentimentos estão disputando espaço no meu peito agora, desconfio que a pior vence. Em um segundo estou com os olhos esbugalhados, perplexa e congelada, no outro estou rindo. Histericamente.

Lágrimas saem dos meus olhos e meus lábios doem de tanto que estão repuxados, mas não consigo parar. O som apenas fica mais alto, mais enlouquecido, mais bizarro.

Taylor parece um quadro engessado, tão estupefato que poderia servir de modelo para uma das obras de Edvard Munch. Não tenho dúvidas que ele deve estar com vontade de tapar os ouvidos como “O grito” agora.

— Oh, meu Deus! — exclamo esbaforida, ainda rindo. — Isso é sério?

Suas sobrancelhas se juntam e ele dá um passo vacilante para trás.

— Bom, era... Até você começar a rir.

Forço meu corpo a cessar a histeria e respiro fundo várias vezes. Quase entro em desespero quando o ar entra em meus pulmões e parece não fazer efeito. Meus lábios doem e sinto minhas mãos tremerem.

Apaixonado.

Por mim.

Taylor Holt acaba de confessar que está apaixonado por mim.

— Por Deus, Amber, diga alguma coisa! — implora. — E se possível pare de rir.

Percebo sua aflição, como as mãos estão se movimentando, os ombros tensos e seus olhos atentos a todas as minhas reações. Contudo, não consigo formular uma frase completa agora. Então faço a única coisa que pode ser interpretada como um sinal verde.

Ainda com os olhos inchados e molhados pelo choro e pelo riso, vou até ele e enlaço seu pescoço, fitando seu rosto surpreso antes de ficar na ponta dos pés e cerrar minhas pálpebras.

Teria puxado seu pescoço, mas ele está rígido demais, e com certeza teria beijado sua boca de surpresa, porém, não consigo

alcançá-la com ele empertigado assim. Então apenas espero, e ao perceber que está aturdido demais até para reagir, sussurro:

— Me beija...

Ele beija. Imediatamente sua boca cobre a minha e eu suspiro feliz. Seu corpo se projeta na minha direção, curvando-se bastante, e eu me aproveito disso para tocar seus fios, massagear seu cabelo enquanto ele devora a minha boca.

É um beijo apaixonado.

Tão apaixonado.

As mãos de Taylor estão por toda parte, nas minhas costas, na minha cintura, na minha nuca, até se atrevem a descer para as minhas coxas e subirem quase tocando o meu bumbum.

Arfo contra seus lábios e me afasto a contragosto para tomar uma respiração profunda. Não me esforço para abrir os olhos, pois continuo a sentir sua boca próxima, ofegando sobre a minha. O ar quente e o contato superficial dos seus lábios contra os meus são como uma promessa.

— Estou interpretando esse ato como um “Não quero esquecer, Taylor. E, sim, sinto o mesmo por você.” — Ele aponta, preocupado. — Se estiver entendendo errado, vai ter que dizer com todas as letras. Você já me assustou pra caralho com essa crise de riso.

Abro um sorriso pequeno.

— Me desculpa.

— Desculpo se me beijar mais.

Meu sorriso se amplia e eu abro os olhos para encontrar a imensidão estrelada dos seus. Agora suas írises estão cintilantes, um misto de sentimentos correndo por elas. Taylor está

concentrado no meu rosto, tão encantado que eu desconfio estar sonhando.

— Foram muitas risadas... — comento.

— Sim, foram sim. Acho que cinco beijos para cada gargalhada estão de bom tamanho.

Taylor acaricia meu rosto com a costa da mão com delicadeza, como se fizesse a mesma pergunta, se sou real e se esse momento está realmente acontecendo. Em resposta, ergo meus dedos para tocar as mechas rebeldes de cabelo que lhe caem pela testa. Meu coração consegue bater ainda mais rápido quando ele fecha os olhos e solta um pequeno som de contentamento.

— Nunca mais quero brigar com você.

Os olhos de Taylor se abrem.

— Eu também não — afirma. — Não gosto de te deixar triste.

Inclino-me novamente, e dessa vez não preciso pedir. Ele me beija demoradamente. Seus lábios se movem com calma, apreciando os meus antes de mergulharem mais fundo, incitando minha boca a se entreabrir e sua língua a dançar com a minha, em um beijo mais profundo.

Arquejo diversas vezes e, a cada som que deixa minha boca, o aperto dele ao meu redor se intensifica. Quando seus lábios deslizam dos meus para o queixo, o maxilar e então o pescoço, eu gemo baixinho.

— Hum... isso é bom...

Taylor dedica um tempo na região, aspirando meu cheiro e brincando com a boca. Ele beija, chupa, algumas vezes forte e outras suavemente. No instante que arrisca uma mordida, eu

sobressalto, suspirando alto e apertando os dedos ao redor dos ombros dele.

Seu sorriso se molda abafado pela minha pele ao ouvir o som.

— Adoro seu cheiro — murmura contra minha pele.

Deslizo meus dedos pelos braços dele, adorando sentir os relevos em minhas mãos enquanto ele se diverte. Mas conforme desce, alcançando minha clavícula, esterno e então o topo dos meus seios, levemente visíveis pelo pijama, sinto a força deixar as minhas pernas.

Felizmente, ele percebe, decidindo ser um ótimo momento para me erguer. Suas mãos descem pelas minhas costas, me fazendo sorrir quando deslizam da lombar até a o começo das minhas pernas ininterruptamente.

É a primeira vez que pega no meu bumbum tão abertamente.

Deu até um apertão gostoso.

Suas mãos grandes agarram minha coxa e ele me levanta, automaticamente cruzo os tornozelos em suas costas e agarro seu cabelo com mais força, gemendo. Minha nossa!

— Você está... — engulo em seco sem terminar.

Olho entre nossos corpos e fito a protuberância dura dentro da sua calça que está me cutucando.

— Estou.

— Muito...

— Muito — repete enrouquecido. — Nada anormal quando sua boca está perto da minha.

Sorrio, envergonhada e exultante.

É uma sensação diferente, mas gosto de saber que o afeto tanto assim.

Estou um pouco nervosa, mas é gostoso quando ele me segura firme e pressiona nossos quadris, tenho vontade de agarrá-lo mais forte e esfregar meu corpo contra o seu.

Estava preparada para ter sua boca novamente na minha, mas Taylor me surpreendeu e esfregou os lábios pelo meu maxilar, contornando meu rosto até chegar na minha orelha, onde prendeu levemente o lóbulo entre seus dentes.

— Hum...

— Que arrepio gostoso... — murmurou ele quando estremeci em seus braços. Cada pedaço da minha pele se eriçando com seus carinhos. — Você é muito sensível.

— Você me faz ficar assim... Não consigo nem pensar direito.

Taylor grunhe ao som das minhas palavras.

— Não fala essas coisas pra mim.

— Por quê? — pergunto apertando as pernas ao seu redor.

— Porque vou acabar com toda água do prédio no próximo banho.

Solto uma risada, mas ele a cessa com seus lábios. Provavelmente, apreensivo por um novo ataque histérico da minha parte. Não me importo, sinto meu corpo todo aquecendo e derreto com seus lábios sobre os meus.

Nos beijamos mais um pouco, abraçados. Acho sexy o fato dele não demonstrar esforço para me manter nos braços, mostrando como é capaz de fazer o que bem entender comigo. Mas está

ficando quente, quente demais, então eu movo meus quadris e Taylor ofega, apartando nossos lábios.

— Amber...

— Não para... — Eu sussurro.

Ele nos coloca em movimento, os olhos mais escuros que antes. Mas então Taylor estaca, antes de alcançar o sofá e fita algo. Sigo seu olhar e vejo minha caixa de lenços sobre a mesa de centro e vários papéis usados ao redor, cobertos pelas minhas lágrimas.

Trago o rosto dele de volta para mim.

— Chorou tanto assim? — pergunta.

— Sim...

Ele exala, contrafeito.

— Amber... Escute, quero que saiba que sempre tem o poder entre nós. Para parar ou continuar qualquer coisa que façamos. Para me dizer o que precisa ou para me dizer que sou um idiota. Sempre.

Desvio os olhos por um momento e sorrio.

— Você foi um idiota. Mas não estou mais triste, ou brava. — Toco seu rosto. — Agora estou sentindo outra coisa e não quero que você pare.

Ele volta a me beijar, castigando minha boca com seu beijo profundo. A forma como sua língua toca a minha faz minha cabeça rodar, meu coração parece prestes a explodir dentro do peito.

Taylor para em frente ao sofá e quebra o beijo ao me colocar no chão. Ele se senta, mantendo meu corpo entre as suas pernas e sobe as mãos pela minha pele, absorvendo tudo de mim e suspirando. O olhar escuro e profundo quando volta a me olhar.

Muito lentamente, Taylor lambe os lábios. Seus bagunçados cabelos castanhos caindo sobre a testa, emoldurando seus olhos azuis como o oceano, agora brilhantes e endurecidos pelo desejo palpável.

— Vem aqui, — comandou ele. — No meu colo, Thompson.

Subo um joelho, apoiando no sofá ao lado do seu quadril, e depois o outro, descansando todo o meu peso em seu colo. Fecho os olhos um segundo, abro um pouco mais as pernas e aproveito a sensação da proeminência dura e rígida contra mim. Estou gostando da descoberta. Experimento uma rebolada leve e é tão gostoso que eu repito mais duas vezes antes dele segurar meu quadril com um arfar seco.

— Puta merda...

— Quero fazer uma coisa — digo e a cada palavra minhas bochechas esquentam mais. Esse desejo habita em mim desde o episódio na bancada da cozinha. Estava apreensiva, mas queria retribuir. Tudo o que ele faz comigo é tão gostoso...

— O quê?

— Quero... — interrompo, pensando em como dizer aquilo.

O canto dos lábios dele se ergue.

— Vai dizer algo safado, não vai?

Coro, confusa.

Eu ia, mas como ele sabe?

— Bom, eu...

— Você fica sem palavras quando está excitada. — Ele me dá um beijo rápido, mordendo a minha boca. — Adoro isso.

Deixo escapar uma risada embaraçada. Sim, no balcão também foi assim. É como se meu cérebro sofresse dano sempre

que me beija, e piora quando me toca.

Ao notar minha timidez, Taylor acaricia meu rosto e seus lábios desenham um sorriso afável.

— Pode me dizer o que quiser. O que quer fazer?

— Querotocarvocê — digo rápido, embolado.

Seu semblante é levemente surpreso, embora se esforce para não demonstrar.

— Amber, não tem que fazer isso se é uma tentativa sua de me recompensar pelo que aconteceu na cozinha. — Faz questão de esclarecer. — Gosto de tocar você. Adoro, na verdade. Então não precisa se sentir pressionada a retribuir.

Inclino o corpo abrindo um pouco mais as pernas para deslizar para frente e lhe dou um selinho. Nós dois suspiramos pelo contato dos nossos quadris sobre as camadas de tecido.

Céus, está quente demais aqui.

— Não estou dizendo isso porque me sinto pressionada. Eu *quero* fazer. — Vagueio a atenção entre os olhos dele. — Você não quer que eu faça?

Taylor ri, mas o som parece um gemido.

— É claro que eu quero, Amber. Só sendo maluco para não querer.

Assinto, animada.

— Então posso tocar você? — eu confirmo.

Suas mãos me movem um pouco para trás, me colocando sobre as suas coxas, um pouco afastada do quadril. Então ele as retira, abrindo os braços e os descansando na parte superior do sofá.

— Sou todo seu.

Certo...

Todo meu.

Vamos lá.

Incerta e curiosa, desço a mão dos seus ombros e deslizo os dedos lentamente pelo peito. Faço uma careta para as minhas unhas, que são muito curtas e não fazem desta uma cena sexy daqueles filmes para maiores de idade. Esse é um bom incentivo para parar de roê-las, na verdade.

Será que Taylor iria gostar delas maiores?

Deslizando pela sua pele e deixando um leve rastro rosado pelo caminho?

Oh, Deus, eu com certeza as deixaria compridas para testar essa teoria.

Continuo o trajeto, sentindo as reentrâncias de sua barriga sarada mesmo sob o tecido da camisa. Ao chegar na barra, eu a ergo um pouco, refazendo o caminho inverso por baixo do tecido até o peitoral.

Assim é mais gostoso.

Sua pele quente tocando meus dedos, os pelos finos e salpicados se arrepiando. Ele é todo rígido e quente. Faz saliva se acumular na minha boca.

— É bom? — eu pergunto.

Taylor lambe os lábios secos e assente, sem desviar os olhos dos meus. Ele está compenetrado em todas as minhas reações e ações.

Motivada, eu retiro sua camisa e volto a minha exploração. Desço um pouco mais dessa vez, tocando o cós da calça que está usando, correndo um dedo pelo elástico do moletom. Observo seu

peito se expandir com mais dificuldade enquanto faço isso e seus olhos se fecharem.

Espalmo a mão e finalmente toco a protuberância ressaltada em sua calça. Um toque suave, que logo se transforma em um aperto gentil. Uma carícia que é mais deleitosa do que eu imaginava. Faço novamente o mesmo movimento e ele grunhe, jogando a cabeça para trás.

— Taylor... — eu chamo.

Continuo acariciando sutilmente e ele demora a voltar a me olhar.

Está ofegante.

— Posso mostrar a você, se quiser.

— Quero. Não sei o que fazer.

— Você pode fazer o que quiser, o que tiver vontade. — Sua voz está diferente, mais áspera e rouca agora. — Não pense demais.

Como eu não pensaria demais? Ainda mais com Taylor crescendo ao toque da minha mão. Talvez, eu devesse ter treinado antes. Comprado umas bananas para brincar... Ou, quem sabe, algumas berinjelas.

— Tá bom.

— Vamos no seu tempo, linda. Mas para começar, tirar minha roupa é um bom primeiro passo.

Assinto, agarrando o cós da calça com ambas as mãos. Olho em seus olhos uma última vez antes de empurrar para baixo. A ideia era ir devagar, abaixar a calça e depois criar coragem para fazer o mesmo com a cueca. Contudo, eu me empolguei na hora de agarrar o elástico e, com o movimento, desci tudo de uma vez.

Engasgo e encaro Taylor.

Tenho certeza que meus olhos estão esbugalhados.

Parece aquelas caixinhas de surpresa que você abre e o brinquedo salta de repente de dentro, balançando.

— Respira... — diz suavemente, com um leve sorriso, acariciando minha coxa com a ponta dos dedos.

— É desse tamanho mesmo?

— Vai ficar maior se continuar tocando nele.

Maior?

Ofego.

— Certo...

Olho novamente para baixo. É longo, maior do que os livros de anatomia mostram, e bem mais bonito do que os das figuras. Mais liso, rosado, com a cabeça avermelhada apontando para mim.

— Te garanto que ele não morde, pode tocar.

Dou um sorrisinho nervoso.

— Certo.

— Agarre, sem apertar muito e mova de cima para baixo. — Ele orienta. — Você pode usar o indicador e o polegar para criar um anel e realizar o movimento. É gostoso desse jeito.

— Certo.

Taylor me obriga a erguer o queixo e fitá-lo.

— Ou podemos parar. Não vamos continuar se estiver desconfortável.

— Eu não estou.

— Mas está nervosa.

Tento negar.

— Por que acha isso?

— Porque você deve ter respondido “certo” umas três vezes.

Abro um sorriso e Taylor observa meus lábios se enviesando. Com uma mão ele agarra meus cabelos e me beija docemente por um longo tempo.

— Posso tirar sua blusa? — sua voz é grave quando pergunta.

Assinto, porque me olhando dessa forma tão pecaminosa e doce, depois de ter confessado estar apaixonado por mim, eu o permitiria fazer qualquer coisa.

Ergo os braços para facilitar o movimento e ele ergue o tecido, deslizando pela minha pele até me ter nua da cintura para cima e jogar a parte de cima do meu pijama no chão. Respiro fundo e me sinto ruborizar com seu olhar atento sobre meus seios e minha barriga. Depois dou um sorrisinho, ele está com as calças abaixadas e eu com o torso nu, não achei que fosse ser assim.

— O que foi? — questiona ao ver meu sorriso.

— Acho sexy estar assim com você, meio pelada, meio vestida.

Seu sorriso se amplia e se fecha junto com o meu no segundo em que nossas bocas se encontram novamente. Fecho os olhos e sinto ele tocar meu abdômen com a ponta dos dedos antes de subir pela linha alba até o esterno.

Resfolego quando Taylor avança e fecha a mão em torno de um seio. Gemo baixo, deslumbrada em como o toque das suas mãos pesadas é bom.

— Gostoso? — ofega.

Seu quadril está inquieto abaixo de nós e sua protuberância cilíndrica continua a me cutucar, ainda mais dura.

— Aham...

Depois da minha afirmação, ele continua brincando com ambos os seios, parecendo adorar tocá-los tanto quanto eu adoro sentir suas carícias em mim. Apenas quando estou suspirando, os seios túmidos e me movendo sobre ele, tentando trazê-lo para mais perto, é que Taylor cessa o contato, mordendo meu lábio inferior e depositando um beijo em minha bochecha.

— Pronta para continuar? — ele confirma.

Puxo o ar e assinto.

— Estou...

Desço as mãos novamente e dessa vez não hesito em agarrá-lo, embora não consiga fechar minha mão em torno dele. Ele está quente ali e conforme faço como me orientou, movendo para cima e para baixo, a pele se move.

Na minha terceira subida, Taylor ofega, apertando a minha coxa. Uma gota perolada surge na ponta e eu lambo os lábios, sentindo minha boca ficar seca.

Seu grunhido faz meus ossos tremerem.

— Fiz algo errado? — pergunto.

— Não... Só... continua.

Sigo movendo a minha mão, cada vez mais confiante conforme seu semblante se contrai. Ele tem os lábios entreabertos, por onde escapam seus ofegos, as sobrancelhas unidas e o corpo deslizando cada vez mais no sofá. Parece estar perdendo as forças, completamente entregue.

Tão lindo.

Tão sexy.

Tão... meu.

— Pode apertar mais... — orienta com a voz sufocada. Faço o que pede e então retiro a mão quando ele geme alto demais. — Não tanto.

Assinto.

— Desculpa.

Volto a minha mão e vou apertando aos poucos até ele arfar e então retomo os movimentos. Para cima. Para baixo. Para cima. Para baixo. Um pouco mais rápido conforme não me impede, tentando manter o movimento constante.

— É mais legal do que eu imaginava... — comento, concentrada.

Sinto a pressão familiar no meu ventre enquanto brinco com ele, adorando saber que sou capaz de fazê-lo sentir tanto prazer.

— Imaginava...?

— Ora, eu já pensei nisso antes. No geral, acho que é coisa da idade. Mas comecei a pensar mais depois que começamos a morar juntos e a nos beijar. — Confesso sem coragem para subir e encontrar seus olhos, sigo olhando minha mão trabalhar. — Suas calças de moletom não escondem muita coisa. E bom, eu olhava às vezes enquanto você estava dormindo. Sabe, de manhã quando estava... hum... precisando se aliviar.

— Ah, merda... — grunhe.

— Você também fica olhando para mim.

— Tento te respeitar... — Seu peito sobe e desce rápido, mal conseguindo falar. — Mas você não me ajuda... esses tecidos finos que usa... — Ele grunhe, cerrando a mandíbula. — Sempre sem sutiã...

Abro um sorriso.

— Também gosto dos meus peitos — gracejo, mordendo o lábio.

Taylor geme e volta uma das mãos para eles, fazendo-me dançar em seu colo. A forma com que ele aperta meu peito e brinca com a ponta entumecida faz meus olhos se revirarem. É como sentir pequenos choques elétricos que se espalham e esquentam, disparando pequenas ondas de prazer no meio das minhas pernas.

— Tô tão quente...

— Caralho, garota! — Soluço quando ele me agarra pelo cabelo e me faz inclinar até ficar com a boca perto da minha. — Me beija.

Ele não me espera atender ao pedido, tomando a minha boca em seguida. É difícil manter a sincronia de mover meus lábios e a minha mão, por isso Taylor acaba deslizando os lábios para o meu pescoço e subindo uma das mãos para a minha cintura, incentivando-me a mover em cima dele.

— Quero você rebolando em cima de mim — exige, com os olhos nos meus. — Mas se continuar assim...

A cabeça dele está jogada para trás agora, sobre o encosto. Ele respira rápido, o pomo de adão subindo e descendo. Uma fina camada de suor brilha na pele do seu pescoço e tenho vontade de esticar a língua para sentir o gosto.

— Se eu continuar você vai sentir o mesmo que eu senti, não vai? — indago e ele assente. — Então não vou parar.

Taylor grunhe baixo.

Respiro fundo quando seus quadris começam a investir contra a minha mão. Ele parece desnorteado, e eu nunca o achei tão irresistível antes. A respiração rápida, olhos fechados e leves

gotas de suor pela testa também, onde as mechas do seu cabelo liso se prendem.

— Faço mais bagunça... do que você.

Mordo meu lábio, achando graça. Tanto pela forma perdida com que diz, quanto porque uma ideia maluca perpassa a minha mente. Até pensei em não falar, mas escapuliu:

— E se eu pôr... sabe... a boca.

Taylor se engasga com um gemido e abre os olhos, fitando com atenção, como se precisasse de uma confirmação para o que eu disse.

— O quê?

Dou de ombros e me desconcentro, interrompendo meus movimentos. Seu gemido agora é mais alto, e frustrado. Parece que lhe dei a notícia do fim do mundo.

O pensamento me parece esquisito, mas é só um bocado de proteína e... bom, espermatozoides. É, não deve ser muito bom. Esforço para não demonstrar meu nojo, mas pela sua expressão, ele percebe.

— Deus... — Taylor respira fundo e esfrega os dedos sobre a testa antes de me olhar, parece prestes a morrer. — Pelo seu nariz franzido e essa cara de nojo, não acho que conseguiria engolir.

— Sou inexperiente, mas não sou tão boba — argumento ofendida. No máximo, gastaria nosso vidro de enxaguante bucal escondida no banheiro depois de cuspir, penso. Mas ele não precisa saber disso, ou ver.

Ele suspira e nega.

— Não importa, não gosto de oral.

Isso me deixa surpresa. Achei que todos os caras gostassem disso. Sabe, a fantasia de uma mulher com os cabelos ao redor de suas coxas e boca trabalhando.

— Não gosta de receber? Ou também não gosta de fazer?

Seu sorriso libidinoso faz calor voltar a brotar dentro de mim. Taylor beija minha boca e volta a minha mão, coberta pela sua, para sua ereção, retomando os movimentos. Dessa vez, em um ritmo mais cadenciado.

— Adoro fazer... pode ficar tranquila — promete, rouco. Está latejando contra a minha mão agora. — Apenas a ideia de fazer em você me faz ficar duro.

Sinto minhas bochechas ruborizarem e me foco na tarefa. Logo, sua mão solta a minha e se diverte ao correr os dedos pela minha perna.

— Cacete, se eu acordar agora juro que me jogo da janela...

Abro um sorriso pequeno, ele tem a boca muito suja. Mas acho que gosto disso, faz minha pele se arrepiar.

Experimento girar o pulso durante a descida e Taylor me presenteia com um gemido rouco, profundo, que ecoa do fundo do peito. Subo a mão de novo pelo seu eixo e repito a torção, mantendo rápido.

— Isso, Amber... não para... mantenha assim...

Então, eu não paro mais.

Concentro em manter o ritmo e tornar a experiência o mais aprazível possível. Sei que provavelmente não serei tão boa quanto as garotas com quem já esteve – meu nariz se torce para esse pensamento –, mas espero estar fazendo um bom trabalho.

Alguns minutos depois, ele estremece em minhas mãos, pulsando enquanto sussurra meu nome várias e várias vezes. Sinto o líquido viscoso pelos meus dedos, e abro um sorriso enorme, sabendo que consegui. Fiz Taylor perder o controle exatamente como fez comigo na cozinha.

Adoro ver seu corpo trêmulo e os grunhidos baixos de prazer por ter alcançado as estrelas essa noite.

— Jesus. — É tudo o que ele diz, respirando fundo algumas vezes antes de abrir os olhos e notar meu sorriso.

— Foi bom?

Seu sorriso é relaxado e lindo.

— Foi ótimo...

Mordo o lábio para evitar sorrir mais, mas não consigo. Acabo colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha com a mão limpa.

Se pudesse, faria Taylor se sentir assim o tempo todo. Amado, adorado, importante. Faria suas inseguranças e mágoas se derreterem com meus beijos. Afastaria todos os seus medos com gosto, amando ver sua entrega e seus gemidos agradecidos enquanto se permite ser todo meu.

Ao observar a cena, Taylor ergue meu rosto e distribui beijos por ele, penteando meus fios bagunçados para trás para poder olhar para mim.

— Você é a coisa mais linda desse mundo...

Sorrio, corada, beijando sua boca rapidamente. Gosto quando ele me elogia. Gosto ainda mais que tenha se divertido comigo agora.

Taylor olha para baixo e abre um sorriso sem graça. Minha mão está suja, assim como meu mais novo amigo e sua barriga.

Tudo coberto pelo líquido branco de textura estranha.

— Fizemos bagunça — ele diz.

Rio, negando.

— *Você* fez.

Estico meu corpo, sem sair do seu colo, e alcanço a caixa de lenços na mesa de centro. Pego alguns e tento limpar a bagunça, começando pelas minhas mãos, sua barriga e por último seu membro. Ele diminui de tamanho, mas não muito.

Mesmo após terminar com os lenços, ainda estamos melados. Olho para ele e faço uma careta, Taylor sorri.

— Acho melhor um banho — sugere.

Prendo uma risada ao vê-lo indo em direção ao banheiro com as calças arriadas e andando com dificuldade após me tirar do colo, novamente tendo o vislumbre do seu bumbum. Após admirar a vista, vou atrás dele.

Tomamos banho, ele primeiro e eu em seguida. O Sol já está quase nascendo quando Taylor fecha as cortinas de blackout e se deita na cama junto comigo. Ele está apenas com uma boxer preta e eu com meu conjuntinho da Lufa-lufa.

Assim que meu corpo se acomoda no colchão, ele vem até mim e ergue meu queixo, beijando meus lábios. Sua língua ganha espaço, movendo-se contra a minha e eu ofego baixinho.

Suas mãos agarram meu quadril e avançam por debaixo da camisa, provocando arrepios pelo meu corpo. Agarro mais seus cabelos, sem separar nossos lábios e Taylor se inclina para mim, colocando sua coxa firme entre as minhas, mantendo o tronco erguido, quase pairando em cima de mim.

— Amber?

— Hum... — murmuro, abrindo os olhos.

Por que parou de me beijar?

Encontro Taylor com um sorriso.

— O que acha de eu retribuir?

Ofego. Quero suas mãos em mim de novo, gosto da forma como seus dedos mágicos me fazem sentir. Achei que nada pudesse ser melhor do que chocolate, mas atingir as estrelas, sem dúvidas, é mais gostoso.

Mas eu nego.

— Por que não? — pergunta confuso.

Mordo o lábio e estudo seus olhos.

— Meu ciclo começou há dois dias. Não me sinto confortável.

— Ah.

Esperava que ele ficasse embaraçado, mas ele não está. Ao contrário, Taylor volta a me beijar por um longo tempo e então se deita de costas, arrastando meu corpo junto com o seu, me mantendo por cima. Descanso a bochecha em seu peito e aspiro seu cheiro, fechando os olhos, enquanto sinto seus carinhos em meus braços.

— Precisa de algo?

Sorrio.

— Algo?

— Algum remédio, ou algo doce. Ainda tem chocolate na geladeira, não é? — certifica-se. — Sei que a maioria de vocês gosta dessas coisas.

Abro os olhos, mas não me movo.

— Como assim... a maioria de nós?

Ele está falando sobre outras garotas? Bem agora? Yasmin foi sua única namorada de acordo com Jason, contudo, isso não o impede de ter tido outros relacionamentos casuais aqui e ali, não é?

— Mulheres, Amber — responde e sinto humor em seu tom. — Tenho uma irmã e cresci com várias outras meninas no orfanato. É inevitável não notar algo aqui e ali, por isso perguntei.

Relaxo, sentindo meu ciúme ceder.

De fato, o *príncipe-Taylor* está aqui agora.

— Estou bem, obrigada.

Suas mãos se movem para cima e para baixo, e então ele muda o foco, passando a acariciar minhas costas cobertas.

— Você disse que hoje tinha sido um dia ruim, o que aconteceu? — Pergunto, lembrando-me que seu humor estava fora do habitual mesmo antes da nossa discussão.

— Perdi aquela vaga na off-Broadway.

Ergo a cabeça, surpresa, mudando de posição e apoiando meu rosto nas mãos para poder encarar o seu.

— Como assim?

— Eles queriam que eu fizesse alguns papéis periódicos em peças, mas eu não estava sendo satisfatório.

Meu cenho se franze.

— Você foi ótimo naquela peça de Shakespeare.

Taylor sorri. Suas mãos tocam minha pele, por baixo da camisa, em um carinho descompromissado.

— Acontece que, de vez em quando, preciso beijar uma garota... — Um sorriso torto toma conta dos seus lábios. — E eu não estava conseguindo fazer isso porque não conseguia parar de pensar em uma matraca irritante que eu conheço.

Aperto os lábios para não sorrir e ergo a mão para dar um tapinha no seu ombro.

— Não brinca comigo, Holt!

Ele revira os olhos, sabe que uso seu sobrenome quando quero passar seriedade. Ao contrário dele que adora me chamar de Thompson e o faz com certo carinho.

— Não estou brincando.

Hum...

— Sério mesmo? — questiono desconfiada.

— Muito sério.

Penso um pouco e então deixo meu sorriso escapar. Estou feliz que me queira ao ponto de não conseguir ficar com mais ninguém, nem mesmo de mentirinha.

Mas então murcho em seguida. Sei o quanto isso é importante para ele e o quanto significa para o seu futuro. Taylor não pode se dar ao luxo de perder uma oportunidade como essa.

— Sabe, talvez você deva tentar de novo — eu sugiro.

Seus olhos estão confusos.

— Como assim?

— Ficarei um pouco enciumada, mas quero te ver realizar todos os seus sonhos. E se pra isso você precisar dar alguns beijos técnicos... — levanto os ombros — tudo bem. Desde que você não goste mais deles do que dos meus.

Taylor nos move na cama até estarmos deitados lado a lado, ele apoia o cotovelo no colchão e sustenta a cabeça com a mão, me fitando com um brilho diferente. Algo similar a admiração.

— Vou pensar nisso. — As pontas dos seus dedos contornam meu rosto. — Não tem com que se preocupar. Cada beijo seu é

melhor do que o anterior, e ainda sim, todos são os meus favoritos.

Meu sorriso aumenta.

— E o seu dia, como foi? — Ele pausa. — Bom, exceto a parte da tarde e à noite, que eu agi como um babaca. Não quero lembrar disso.

Concordo, mesmo que ele faça careta.

— Foi bom. Na verdade, estava ansiosa para te contar que aquele artigo científico que eu estava escrevendo foi aprovado — digo a ele. — Será publicado no *The New England Journal of Medicine.* O Sr. Jurássico até sorriu de tão orgulhoso.

— Uau!

Sorrio para seus olhos arregalados. É provável que Taylor nunca tenha ouvido falar nesse jornal, mas pela minha animação, notou que é uma grande oportunidade. Fora que ele sabe que meu professor de anatomia quase nunca sorri.

— Ainda não estou acreditando.

— Parabéns, você fez por merecer. Estava acreditando que acabaria com os estoques de café de toda cidade naquele ritmo. — Brinca com certa reprimenda enquanto começa a fazer cosquinhas pela minha barriga.

Rompo em uma gargalhada e tento afastar seu corpo, mas ele não cede, subindo a provocação para as minhas axilas. Apenas quando ergo o joelho inconscientemente e quase acerto o meio das suas pernas é que ele para, me olhando assustado.

Começo a rir ainda mais pela sua expressão.

Taylor está lívido, pálido de medo.

— Quase acertei seu P — digo, ainda rindo.

— Foi por muito pouco.

Ele volta a se deitar ao meu lado e abre um sorriso pequeno, girando o pescoço na minha direção.

— Ainda vou te fazer usar um nome decente. — Ameaça pela segunda vez. — Agora que viu e até tocou, sabe que é uma falta de respeito chamar meu pau de P.

Dou de ombros, fingindo não dar importância.

Seus olhos faíscam.

— Desafio aceito, Thompson.

Tenho que morder o lábio e olhar para o teto para não sorrir. Se for muito debochada, ele pode se irritar e me colocar sobre o colo, distribuindo tapas pelo meu bumbum. Ele tem cara que faz isso... E eu acho que iria gostar.

Papai, espero que o senhor tenha ido dar uma volta com os anjinhos aí em cima e não tenha se atrevido a espiar aqui embaixo hoje. Caso contrário, deve ter bufado tanto que o céu ficará nublado mais tarde.

— Sobre o que Jason te contou, se quiser fazer alguma pergunta...

Olho em sua direção, surpresa pela iniciativa da conversa. É um passo importante, Taylor está se abrindo para mim.

— Apenas se estiver tudo bem por você. Não quero te compelir a nada.

— Estou oferecendo essa conversa, pode perguntar o que quiser.

Sendo assim...

— Realmente nunca desconfiou de nada?

Taylor nega.

— Não. Nunca me preocupei com a possibilidade, entende? — Ele responde. — Por mim, tudo bem eles se abraçarem e serem amigos. Na verdade, eu gostava. Ambos eram importantes para mim, então logicamente quis que se dessem bem.

— Sinto muito que isso tenha acontecido. Você parecia gostar mesmo dela... amá-la.

Ele me olha mais seriamente.

— Estava muito apaixonado, ela foi a minha primeira namorada. E foi a primeira em outros sentidos também — confidencia. Sinto meu estômago afundar com essa revelação de que Taylor perdeu a virgindade com Yasmin. — Mas acho que nunca a amei.

— Quando você fala deles, parece nutrir uma mágoa maior pelo Jason do que por ela — digo com certo receio. — Na minha cabeça, não faz sentido. Ambos eram seus amigos e erraram com você. É algum “código dos caras” ou coisa assim?

— Não. Odeio admitir isso em voz alta, mas eu amava o Jason — confessa em tom consternado. — Vivendo em um orfanato, as crianças acabam muito próximas umas das outras. A carência se encarrega disso. Você busca afeto em qualquer lugar que pode encontrar porque isso é algo inerente a nós. O ser-humano possui essa necessidade de ser amado e querido. Mas aqui em Stanford foi diferente, Liv e eu tivemos uma nova chance, uma oportunidade onde ninguém nos olharia com pena ou como se fôssemos inferiores pelo que passamos. Minha amizade com Jason era especial por isso. Foi construída naturalmente, baseada em conversas e hobbies em comum como deve ser, e não por pena.

— Sinto muito... — digo baixinho.

— Eu também.

— Acha que um dia podem voltar a ser amigos?

Taylor demora a responder.

— Não. Eu não sou bom em perdoar.

Ficamos em silêncio, e eu tento me manter acordada, não quero que o momento acabe. Mas agora que meus músculos relaxaram de vez, o cansaço e o sono estão tomando conta do meu corpo.

Fico surpresa quando Taylor volta a falar:

— É complicado pra mim... — murmura. — Durante toda a vida, o único amor que nasceu dentro de mim, cresceu e perdurou é o que sinto pela Olívia. Então penso que esse deve ter sido o único verdadeiro.

— E a sua mãe? — questiono. Sei sobre o seu pai, que os abandonou quando criança, mas ele nunca fala da mãe.

Seus ombros se enrijecessem, mas ele não reage mal. Taylor apenas toma seu tempo antes de responder:

— Prometo te contar tudo em breve, tudo bem? Miranda é um assunto muito delicado para mim.

Miranda...

O nome dela é Miranda.

Concordo com um gesto de cabeça, contente por ele confiar em mim e prometer me contar o restante quando se sentir preparado.

Sou paciente, posso esperar.

— Tudo bem.

Volto a aconchegar meu corpo no seu e ele me abraça. Mesmo deitada em seu peito e bem sonolenta, ergo uma das mãos

para tocar seu rosto e acariciar a pele. Gosto de me distrair com a aspereza da barba por fazer nesta região.

— Mais alguma pergunta? — indaga.

— Não. Obrigada por ter essa conversa comigo e por confiar em mim. — Bocejo, praticamente dormindo. — É muito importante para mim.

Sinto um beijo em meus cabelos.

— Vou ser mais honesto com você a partir de hoje — promete. — Já tomei minha decisão. Vou te fazer muito feliz, Amber.



TRÊS DIAS DEPOIS

Chego em casa animado, planejando alguma piada infame ou um sorriso charmoso com um “Querida, cheguei” para poder ganhar um beijo dela. Comprei hamburguers e um pote de Ben & Jerry’s para que Amber não precisasse preparar nada e pudéssemos passar o restante da noite namorando no sofá. Pensei nisso durante todo o caminho e estava ansioso para colocar meu plano em prática.

Contudo, ao entrar no apartamento, Amber não vem para sala como sempre, sequer desponta a cabeça sobre o balcão da cozinha para me dar um *Oi*. Não sinto cheiro de algo sendo preparado ou de café, denunciando que está estudando. Apenas o cachorro corre até mim, latindo e abanando o rabo.

— Oi, garoto. Onde sua mãe está? — O cachorro late e eu rio. — Veio animado assim porque estava com saudade ou quer

comida?

Suas orelhas se mexem e ele abaixa a cabeça. Vou até a cozinha e ele me segue, latindo quando me vê pegar o pacote de ração para encher sua tigela. Saio da cozinha em direção ao quarto, mas Amber também não está sentada na cadeira com um livro aberto ou na cama, envolta pelo seu arco-íris de almofadas coloridas enquanto escreve no seu secreto caderno vermelho com corações.

É quando um gemido ecoa do banheiro, carregado de dor, seguido por um som grotesco, que soluciona as interrogações na minha cabeça.

Amber está em casa, ela está no banheiro.

Provavelmente, curvada sobre o vaso sanitário.

Está passando mal.

De novo.

A porta do banheiro está entreaberta, o que me faz hesitar por alguns segundos. Quero ir até ela, não quero que fique sozinha se sentindo assim, mas não quero invadir sua privacidade. Prometi que resguardaria seu espaço e não sei até que ponto posso considerar isso.

Exalo, coçando a nuca e deliberando.

Mas então um novo som surge, seguido por um fungado fraco.

Ela está chorando.

Ah, porra!

Meus pés se movem antes que eu entenda o que estou fazendo. Abro a porta e me coloco de joelhos ao seu lado, afastando as mechas da franja dela. Não preciso fazer o mesmo com o

restante do cabelo por estar preso naquela trança complexa que ela sempre usa.

Amber geme e vomita de novo, apertando as bordas do sanitário e eu afago suas costas, tentando transmitir algum conforto mesmo que eu saiba que afagos não ajudam em momentos como esse. Não adiantava com Miranda, por que funcionaria agora com Amber?

— Sai daqui...

— O que aconteceu?

— Sai daqui — repete, erguendo a mão para apertar a descarga.

— Não vou te deixar sozinha.

Amber suspira e soluça, indicando que ainda está chorando. Não consigo ver seu rosto agora que fez questão de abaixar a tampa do sanitário e escondê-lo de mim.

— Não quero que me veja assim.

— Você já vomitou em cima de mim, te vejo acordar com remela no olho todos os dias e te vi coberta por uma máscara facial hidratante horrorosa outro dia — relembro. — Nada disso me fez te achar menos bonita. Deixa de ser boba.

Os ombros dela continuam se movendo, indicando o pranto que ainda não cessou. Quando a movo, trazendo para os meus braços, ela não oferece resistência, faz do meu peito seu abrigo.

— O que está sentindo? — pergunto.

A voz dela soa estranha, embargada quando responde.

— Me senti enjoada de novo e uma dor forte na barriga. — Funga. — Pensei que pudesse ser algo que comi, mas me lembrei que tomei apenas uma xícara de café hoje.

Meu coração afunda dentro do peito.

Amber passou mal antes, e isso acontece com todo mundo. Mas agora o fato está se repetindo, não demonstrando ser isolado como pensávamos.

Há algo de errado com ela.

— Faz quanto tempo que está aqui? — Ela hesita. — Amber?

— Muito tempo... Tomei um remédio para dor, mas acabei vomitando de novo.

Merda.

Forço seu corpo a se pôr de pé, usando o meu como apoio. Ao tentar nos mover para fora do banheiro, ela reage, afastando-se trôpega para me encarar.

— O que está fazendo? — pergunta assustada.

Cruzo os braços.

— Tirando você daqui.

— Por quê?

— Vou te levar a um médico — digo o óbvio. — Tenho certeza que deve ter um plano de saúde, mas se for necessário, enfio você no Hospital Universitário. Não vou sentar no sofá da sala enquanto você passa mal.

Amber suspira, endireitando os ombros e ajeitando as mechas da franja. Seu esforço é louvável, mas ela está péssima. Sua testa está suada, os olhos injetados e o semblante cansado.

— Não vou a lugar nenhum — afirma. — Estou melhor.

Rolo os olhos, dando um passo à frente.

— Não é hora de ser teimosa.

— O bronco aqui é você, Taylor!

Exalo, contrafeito.

Ela não está bem, não é uma boa ideia curvá-la e dar uns tapas em sua bunda agora. Faço uma nota mental para fazer isso depois.

— Isso não está em discussão, Amber. É da sua saúde que estamos falando. — Olho sério para ela. — A menos que queira descer aquele elevador no meu ombro ou que eu acabe ligando para Olívia, obrigando-a a vir até aqui, vamos a um hospital. Não é a primeira vez que isso acontece e... — Esfrego a testa nervoso. — Você estava chorando, merda. Não vou te deixar sentir dor.

Sinto meus ombros tensos pela preocupação, mas ela não facilita nossa vida. Amber apruma ainda mais e me empurra para alcançar a pia. Fico imóvel, observando enquanto lava o rosto e escova os dentes duas vezes.

— Deve ser uma virose. — Conclui, enxugando a boca com a toalha. — Vou tomar um chá, outro analgésico e dormir um pouco. Amanhã estarei me sentindo muito melhor. Não precisa de todo esse alarde.

Bufo.

— Você só pode estar de brincadeira.

— Não estou. Agora pode me dar licença? Preciso de um banho.

— Amber...

— Taylor, eu estou bem. Obrigada por se preocupar, mas não vou a um hospital. — diz, resoluta. — E não adianta ligar para sua irmã, Olívia está um ano na minha frente no curso, mas não é médica. Você só fará com que ela perca tempo vindo até aqui.

Minha mandíbula dói por estar apertada, de insatisfação e preocupação. Sei que não posso realmente obrigá-la a procurar

ajuda, muito menos descer com ela fazendo birra no meu colo como uma criança de cinco anos. O porteiro é bem capaz de chamar a polícia.

Mas odeio essa sensação tomando meu corpo.

Impotência. Medo. Culpa.

Não quero nada disso de novo.

— Essa não é a primeira vez... — argumento usando um tom mais brando na tentativa de persuadi-la. — Você vive enfurnada com médicos, tem aula toda semana no Hospital Universitário, por que tanta recusa a ir a um?

Amber se aproxima de mim e ergue os braços para tocar meu cabelo. É a primeira vez que seu toque não distensiona meus músculos ou me faz fechar os olhos. Não é um gesto de carinho, é uma distração.

— Por favor... — imploro.

Ela nega, os olhos castanhos brilhando antes da garganta se mover. Amber quer chorar, mas sabe que isso romperá meu último fio de controle antes de arrastá-la para fora do apartamento, então ela faz o que faz com todo mundo. Engole o choro. Sufoca em uma parte que ninguém além dela pode ver. Esconde o que está sentindo e abre um sorriso bonito para mim.

— Estou bem. Juro. — Sua segurança ao dizer, quase me fazem acreditar na mentira. — Pode fazer um chá para mim? Preciso de um banho agora.

Encaro seu rosto por um minuto inteiro antes de assentir, contrariado. Deixo o banheiro à passos duros, sentindo a tensão se alojar nos meus ombros.

Ouço o chuveiro ser ligado quando atinjo a cozinha, colocando um pouco de água na chaleira. Mas ficar parado esperando a água entrar em ebulição deixa meus pensamentos inquietos.

Pego o celular no bolso e envio uma mensagem para Olívia.

Taylor: *O que é bom para dor no estômago?*

Lembro que na cozinha há apenas ibuprofeno, então deve ter sido esse remédio que ela tomou. Envio outra mensagem em seguida:

Taylor: *Exceto, ibuprofeno.*

Batuco os dedos no mármore do balcão, impaciente por uma resposta. Largo o celular e desligo o fogo quando a água começar a ferver, e pego uma caneca e um sachê de *English Breakfast* para fazer a infusão.

Escuto o som da mensagem e volto a pegar o celular, grato pela água ainda correr no banheiro. Amber normalmente não demora muito, apenas nos dias em que lava o cabelo. Tenho vontade de arrastá-la para o box sempre que vou tomar uma chuveirada depois dela e sinto aquele aroma doce de pêssego.

Liv: *Está se sentindo mal?*

Sabia que essa seria sua primeira pergunta. Respondo logo, sabendo que não tenho muito tempo.

Taylor: *Não. Amber está. O que posso fazer para ajudar?*

Ainda não conversamos depois da madrugada no parque. A verdade é que ainda tenho dúvidas sobre o ponto em que Amber e eu estamos. Afinal, ela me beijou de volta e ainda me presenteou com um orgasmo, mas não disse com palavras que se sente da mesma forma.

Liv: *Isso é adorável! Está cuidando dela?*

Rolo os olhos.

Taylor: *Responde, Olívia.*

Liv: *Não posso te dar certeza de nada, ainda mais sem vê-la. Mas se está com dor no estômago, ibuprofeno seria uma péssima escolha. Melhor tomar um antiácido.*

Não temos um em casa, terei que comprar um.

Taylor: *Certo. Obrigado.*

Liv: *Contou a ela?*

Minha irmã não precisa mencionar o assunto para eu saber ao que está se referindo. Não sei porque pensei que ela não iria perguntar.

Taylor: *Contei.*

Liv: *E...? Desenvolve.*

Abro um sorriso tenso.

Taylor: *Ela não disse o mesmo. Mas também não me deu um fora. Amber é confusa pra caralho! Não sei o que pensar.*

Olívia demora um pouco para responder, e eu fito a tela com o coração na garganta. A parte ruim dele ter voltado a bater é que tem essa mania chata de ficar inconstante.

Liv*: Parece que você tirou a sorte grande então, dizem que as melhores garotas são assim. Espero que se acertem.*

Taylor: *Você não é complicada.*

Tenho certeza que ao ler, Olívia entenderá o meu ponto.

Liv: *Para você, sou uma boa garota, determinada e inteligente. Sua irmãzinha. Mas Greg sabe o que passa comigo. Acredite, não sou fácil de lidar.*

Sorrio.

Taylor: *Vejo você na terça?*

Liv: *Com certeza. Se cuida!*

Taylor: *Você também.*

Hesito por um momento, mas então digito outra mensagem.

Taylor: *Manda um abraço para o Gregory.*

Faço uma careta assim que aperto enviar. Um abraço? Isso não combina comigo, não sou cordial a esse ponto. Mas eu prometi, não foi? Tenho que começar a me adaptar a isso. Tudo para a felicidade de Olívia.

Liv: *Ele mandou outro. Melhoras para a tagarela!*

Abro um sorriso, bloqueando o celular. Pego a caneca no balcão e coloco em cima da escrivaninha, sabendo que ela a notará ali quando sair do banho.

Olho para o aparador ao lado da porta e, pela primeira vez, pego a chave ali. Amber sempre me ofereceu o carro, então sei que não vai se importar. Não quero deixá-la sozinha por muito tempo e a farmácia mais próxima fica distante demais para tornar o trajeto a pé compensatório.

Demoro cerca de vinte minutos antes de entrar pela porta novamente, carregando uma sacola pequena nas mãos. Coloco a chave de volta no aparador e vou até o quarto. O apartamento está escuro e a luz que brilha do cômodo é fraca, apenas os abajures ao lado da cama estão acesos.

Encontro Amber deitada, vestida com uma camisa vermelha de Stanford, distraída com o celular. Ao notar seu cabelo levemente úmido, inspiro e sinto o cheiro de pêssego ultrapassar a porta entreaberta do banheiro.

— Como está se sentindo?

Ela tira os olhos do telefone e volta a encarar o objeto sem me responder. Averiguo a caneca que deixei em cima da escrivaninha e ela ainda está lá, mas vazia.

Caminho até a cama, sentando próximo a ela e encaro seu rosto. Seus olhos ainda parecem cansados, mas sua pele está vistosa. Pode ter sido pelo vapor, mas de toda forma, não está pálida como antes.

— O que foi?

— Você me deixou sozinha... — murmura, colocando o telefone sobre a mesa de cabeceira e finalmente olhando para mim. — Ficou tão bravo assim por eu não querer ir ao médico? É meu corpo, sabia? Eu decido.

Suspiro.

— Apenas me preocupo com você.

— Mas me deixou sozinha.

Abro um sorriso. Eu sou mais carente na maior parte do tempo, mas bêbada e doente, ela consegue me superar.

— Sim, eu deixei. — Ergo a sacola em minha mão e ela observa. — Fui comprar isso para você. Só temos ibuprofeno em casa, então peguei seu carro e fui comprar um antiácido. Olívia disse que isso ajudaria. Espero que não se importe pelo carro.

Amber pisca, e depois pisca de novo, sem reagir por alguns segundos. Quando suas bochechas começam a se tornar róseas aos meus olhos, contenho um sorriso.

— Sabe que não ligo para o carro, pode pegar sempre que precisar — afirma pela centésima vez. — Você mandou mensagem para sua irmã e foi até uma farmácia... — Ela desvia os olhos para

as mãos crispadas no colo. — Obrigada, eu... — Seus olhos voltam a encontrar os meus. — Obrigada.

Deixo a sacola sobre seu colo e vou até a cozinha buscar um pouco de água. Trago um copo parcialmente cheio e encontro Amber com uma base de unhas nas mãos. Outra coisa que estava na sacola.

— Ah...

Ela arqueia uma sobrancelha.

— Vi isso no mesmo corredor dos antiácidos — eu explico. — Diz aí que tem pimenta na composição, e você odeia pimenta. Achei que pudesse ajudar.

— A me fazer parar de roer as unhas ou a dor no estômago?

Olho feio para ela, que ri de mim.

— Isso foi... meigo. Obrigada.

Meigo?

— Gentil, legal... meigo não — eu reclamo.

Ela ri mais e abre o pacote do antiácido colocando sobre a água, provocando a efervescência da mistura antes de beber o copo inteiro com uma careta. Pego o copo de volta e a caneca, levando tudo para cozinha antes de voltar e me deitar ao seu lado. Ainda preciso de um banho, mas quero ficar aqui com ela.

— Está se sentindo melhor? — volto a perguntar.

Dessa vez, ela responde.

— Estou.

Amber se move, vindo para o meu colo. Estou sentado com as costas escoradas na cabeceira e seguro seu quadril quando se senta sobre minhas coxas e passa os braços por mim, afundando a cabeça na curva do meu pescoço, suspirando.

— Vou ficar ótima em breve graças a você.

Isso faz meu peito se aquecer. Mas não diminui a inquietação dentro dele.

Seguro seu rosto para poder encarar seus olhos.

— Se acontecer de novo, vamos ao médico — digo e ela desvia os olhos. — Amber?

Ela aproveita que o cachorro entrou no quarto e escapa, olhando e sorrindo quando ele nos encara na cama e sai do quarto como se quisesse nos dar privacidade. Deve ter sentido o clima pesado no ar.

Movo o rosto dela com o queixo, obrigando-a a me encarar. Não vou deixar que fuja da conversa. É um assunto sério.

— Por favor...

— Não vai acontecer de novo, Taylor.

— Mas se acontecer... — Suspiro, sem terminar. — Promete pra mim?

Amber aquiesce, sem me dar uma resposta verbal. Mas não insisto, sei que é o máximo que terei dela esta noite. Não faz sentido para mim ela ter algum receio dos hospitais, afinal cursa medicina e está enfurnada em um o tempo todo. Cada vez mais, conforme os anos forem passando.

Mas também não sei dizer o quanto ter feito aquela cirurgia aos dez anos, acordado depois de ter o peito aberto e descoberto a morte do pai influenciou na pessoa que ela é hoje. Muito, eu imagino. Não é uma coisa fácil.

— Está com sono? — inquiro quando vejo seus olhos se fecharem por um instante.

— Não. Você está?

Nego.

Ela sorri.

— Isso significa que vamos fazer uma visitinha no céu hoje?

Rio, maneando a cabeça.

— Não. Você ainda não está bem.

— Ver algumas estrelas pode ajudar...

Olho para ela, encantado em como pode ser tão adorável. Mimada, infantil, mas sim, adorável. Nunca conheci uma garota que me pedisse um orgasmo assim, ou que estivesse tão disposta a fazer eu me sentir importante da mesma forma.

— Podemos negociar.

— Mesmo? — Sem tom animado me faz ter vontade de sorrir mais.

— Mesmo. É só você falar que quer pôr a mão no meu pau de novo ou deixar que eu toque sua boce... — Amber tampa minha boca, rindo, toda tímida. Movo sua mão para longe. — Posso lamber também se não quiser meus dedos.

Ela ofega.

— Você fala cada coisa...

Rio.

— Acho que não vai acontecer, então... — provoco, estalando a língua no céu da boca. — Uma pena, você deve ser deliciosa.

Amber faz bico, é claro que faz.

— Isso é maldade!

— Já te disse que maldade é chamar minha rola de P.

Ela tem a audácia de rolar os olhos, fingindo que não se importa. Mas logo depois dá uma conferida rápida na minha virilha, mordendo os lábios com aquela cara de anjo fajuto dela.

Adoro nossos amassos, a ereção quase se formando dentro das minhas calças é prova viva disso, mas Amber não está bem. Ela está rindo e com um semblante melhor, mas só depois de engolir um analgésico, quase pôr o estômago para fora e tomar um copo grande de água e antiácido. Não vou deixar as coisas irem por esse caminho hoje.

Emerjo dos meus pensamentos quando ela se inclina para pegar seu caderno vermelho na mesa de cabeceira. Seguro sua cintura e tento não perder a batalha quando noto a renda branca da sua calcinha. Ela adora dormir de camiseta e calcinha agora que temos intimidade para isso.

Amber segura o caderno com carinho, deslizando o polegar pelas laterais antes de contornar um dos corações com a ponta dos dedos.

— Nunca ficou curioso? — pergunta, erguendo os olhos para mim.

— Claro que sim. Você escreve aí toda noite.

Ela sorri.

— Eu o deixo na primeira gaveta da mesa de cabeceira. Às vezes, em cima dela quando estou muito cansada. Tenho certeza de que sabe disso.

— É claro que eu sei.

— Nunca pensou em ler? Dar uma espiadinha?

— Pensar, eu pensei. Não consigo controlar meus pensamentos, Thompson. E te ver escrevendo religiosamente todas as noites me deixa curioso. Se quer um palpite, acho que é um diário — respondo. — Mas mesmo que não seja, eu não leria. Não importa onde você o deixa, é uma coisa sua. Você até colocou na

lista que ainda insiste em pregar na geladeira que era pessoal. Nunca invadiria sua privacidade dessa forma.

— Já que tocou nesse assunto da lista... Vai me contar o que fez com a última? Ou com as quase trinta antes dessa?

Rio.

— Ainda mantenho minha teoria.

Amber ri, inconformada. A última quase se manteve na geladeira graças a última clausula: *um beijo antes de sairmos todos os dias.* Mas aí, ela resolveu colocar outra quando mexi na sua escrivaninha a procura de uma caneta e acabei desorganizando suas tabelas de estudo.

Resumindo, outra lista destruída.

Digo, sumida magicamente.

— É um diário sim... — Ela encara o caderno e o abre na minha frente. As folhas brancas estão preenchidas por uma letra bonita, caprichada, pintando as páginas de preto. — Foi uma forma de manter meu pai presente. É vermelho assim porque antes de morrer ele deixou um vídeo, e a capa do DVD era parecida com essa. Ele fez questão de escolher a cor porque é a favorita da minha mãe.

Sorrio. A família dela é digna de ser admirada.

— Uau. Você ainda vê esse vídeo?

— Minha mãe e eu víamos uma vez ao ano, na data de quando recebi o coração dele, mas depois a tradição se perdeu — Amber conta. — Então não é algo assíduo, assistimos quando estamos com saudade.

— Parece mais verdadeiro assim.

Ela concorda.

— Foi muito gentil da parte dele deixar aquele vídeo, e ajudou com o luto no começo. Mas temos memórias lindas dele, do marido e pai maravilhoso que foi. Não precisamos mais ver o DVD anualmente para nos lembrar disso.

— E o diário consegue te conectar mais do que uma mensagem gravada — digo, deduzindo.

Um sorriso pequeno se desenha nos lábios dela.

— Exatamente. Conto para ele tudo que acontece, como eu faria caso ainda estivesse aqui — explica. — Ele sempre foi meu melhor amigo.

— Coisas boas e ruins?

Amber assente uma vez.

— Sim. Gosto de compartilhar minhas felicidades e, mesmo sem poder me consolar fisicamente, me sinto um pouco melhor quando divido as dores também. — Ela suspira e me encara. — É bobo, eu sei. Estou velha para isso, mas... Não sei, não consigo parar.

Nego, segurando seus pulsos com carinho.

— Não acho que seja bobo.

Seus ombros relaxam. Não acho que minha aprovação tenha todo esse peso, mas que foi importante para Amber saber que me importo com coisas que ela talvez nunca tenha contado para ninguém.

— Já contou isso para alguém? — pergunto.

— Não.

— Ninguém mesmo?

— Nem a minha mãe ou a May, embora eu tenha certeza que elas sabem. Minha mãe talvez tenha até lido algumas coisas

quando eu era adolescente, ela não respeitou tanto minha privacidade como você. — Amber sorri. — Acho que deve ter pensado que era meu lugar secreto para falar de meninos.

Sinto meu coração inchar dentro do peito.

— Obrigado por me contar. Estou me sentindo honrado.

Ela folheia o caderno até o meio, quase uma das últimas passagens que escreveu, e então entrega o caderno para mim.

— O quê? — questiono, segurando.

— Quero que leia esse trecho — diz, apoiando o dedo com o papel.

— Tem certeza?

— Tenho. Posso dizer agora, mas quero que leia quando eu escrevi há três dias. Dois, se contar que era madrugada.

— Tudo.

Movo os olhos para o trecho.

“Estou preocupada com ele. Não gostei do que disse, mas nem estou pensando nisso agora. Só quero que ele passe logo por aquela porta.

Talvez ele vá embora...

Eu odeio, mas é uma possibilidade.

Taylor é bronco o bastante para fazer isso. Mesmo sem querer ficar com a sua irmã, mesmo que não tenha um plano B no momento.

Mas eu não quero que ele vá, papai.

Sei o que disse para o senhor, que não deixaria o sentimento crescer e que estava aqui em Stanford para estudar. Apenas isso. Mas gosto dele. Muito. Talvez, até esteja apaixonada.

Eu sei, nunca senti isso antes, como posso saber?!

Mas eu sei.

No fundo, eu sei.

Sou apaixonada pela forma com que ele sorri porque as covinhas em suas bochechas se apertam e seus olhos se franzem levemente nos cantos. Ele tem um sorriso lindo, e me faz ter vontade de ser o motivo de todos eles.

Sou apaixonada em como se esforça para fazer as coisas do jeito que eu gosto mesmo que minhas manias pareçam bobas e descabidas para todo mundo. Mas não para ele. Taylor aprendeu a lidar com meu jeito metódico e não reclama quando conserta algo que fez ou se abaixo o volume do seu rock.

Sou apaixonada em como é fácil conversar com ele, em como fico ansiosa para chegar em casa e fazer algum programa que não desejo fazer com mais ninguém. Pode não ser real, pode não durar para sempre, mas construímos uma bolha mágica e não quero me despedir dos nossos momentos encantados.

Sou apaixonada em como ele fica com aquela toalha nos quadris após o banho também. É, essa que o senhor rogou praga aí de cima e fez cair na frente da mamãe. Mas sabe, apesar do mico histórico, até que valeu a pena. Ele já povoava minhas fantasias, agora então...”

Movo os olhos do papel para os seus. Meu coração está acelerado, quase tropeçando em seus próprios batimentos. Posso não ser inocente como ela, mas meu coração é inexperiente nesse assunto. É novidade ficar descompassado assim por uma pessoa, tentando descobrir os acordes certos para bater junto com o dela.

Amber dá de ombros, sorrindo sem graça.

— Não me olha assim. Continua.

“Quando isso aconteceu, papai?

Eu procuro, procuro..., mas não acho o exato instante.

Não estava planejado.

Eu estava disposta a não entrar em um relacionamento, disposta a pôr meus objetivos acima do sapatinho de cristal. Quando eu passei a ser essa garota, quase cortando os próprios dedos dos pés para ter mais um minuto de contos de fadas?

Não sei o que está acontecendo comigo.

Não sei exatamente o que mudou.

Mas sei que se Taylor realmente fosse embora agora, eu ficaria destruída.

Nosso cachorro também sentiria muita saudade.

Precisamos dele aqui.

Eu preciso.

Sou apaixonada por tantas outras coisas que poderia ficar horas e horas aqui contando para o senhor sem me cansar.

É frustrante!

E um pouco assustador.

Foi assim com a mamãe?

Estou aqui pensando. Será que consigo convencer Taylor do contrário caso seja essa a sua decisão? Sabe, sobre ir embora. Se eu conseguir parar de chorar agora, talvez possa fazer um bolo de chocolate para ele.

Não. Não farei isso.

Adoro o brilho em seus olhos azuis que os fazem parecer duas estrelas caídas do céu, mas ele não merece. Taylor não foi um príncipe hoje. Passou longe."

Paro de ler.

Realmente, eu não merecia.

Engulo em seco, fechando o caderno e colocando de volta na mesa. Pego a mão de Amber e beijo seus dedos.

— Fui um idiota. Perdão por ter te comparado com ela.

Amber suspira.

— Fiquei ofendida e chateada. Sei que não cheguei a conhecer a Yasmin, e eu odeio julgar as pessoas, principalmente outra mulher. Mas de uma coisa eu sei, ela te magoou e eu não faria isso. Não se eu tiver outra escolha.

Consigo me sentir ainda pior por aquela noite agora. É claro que Amber não faria o mesmo, não é do feitio dela. E sabia disso quando fiz aquele comentário imbecil.

— Eu realmente sinto muito.

Amber se inclina e beija minha boca, afastando-se rápido demais. É um beijo casto, mas mesmo se fosse profundo teria sido muito breve. Nunca tenho o bastante dela. Poderia beijá-la para sempre.

— Para de se desculpar. Não sou uma pessoa que guarda rancor, Taylor. — Minha garota sorri, inclinando a cabeça de um jeito charmoso. — Está tudo bem.

— Quando me declarei e você caiu na risada, fiquei assustado pra caralho, Amber — confesso com uma careta. O sorriso dela se amplia em resposta. — E não parei de pensar que

apesar de termos feito aquilo, você não disse o mesmo. Não sabia até onde era recíproco.

— Estou assustada. Não por você, mas porque não foi planejado. Acho que percebeu lendo isso. — Amber toma uma respiração sem desviar os olhos dos meus, completamente vulnerável. — Mas eu sinto isso. — Ela toca o coração. — Sinto aqui. Não consigo evitar. Estou apaixonada por você também, Taylor.

Tenho vontade de urrar pelo barulho que suas palavras provocam no meu coração. Gritar para o bairro inteiro ouvir. É assim que é se sentir amado? Sentir o toque da felicidade, ter algo pelo que valha a pena lutar?

Olhando para a imensidão dos seus olhos castanhos, eu tomo a minha decisão. Preciso dar mais um passo, me abrir um pouco mais. Amber merece isso. Ela desnudou outra parte dela para mim, posso dar um pouco de honestidade.

— Quero te contar uma coisa — digo. — Do meu passado.

Piscando lentamente, ela me fita surpresa.

— Não te mostrei isso para arrancar nada de você.

— Eu sei. Gosto ainda mais de você por isso.

— E quer me contar mesmo assim?

Sorrio. Ainda não consigo falar tudo, mas vou abrir outra parte da minha vida para ela. Amber pode ser doce, mas passou por muita coisa, e entende muito sobre as injustiças da vida.

— Você merece saber.



Amber

A apreensão gira no meu estômago, que por sinal está melhor depois de tomar o antiácido que Taylor foi gentil em buscar. Estou feliz que ele esteja disposto a abrir mais uma parte da sua vida. Isso significa que estamos progredindo.

— É sobre a sua infância? — pergunto.

Taylor nega e segura minhas mãos. Assim como fez com meus pés na cozinha, ele acaricia a minha pele como se me fazer carinho o acalmasse. Sou uma bolinha antiestresse humana, eu acho.

— Ainda não quero falar sobre isso, mas vai chegar o dia. Eu prometo. — Ele ergue os olhos para mim e eu assinto. — Isso é sobre o que aconteceu depois, quando Olívia e eu saímos do orfanato.

— Onde estavam?

— Longe de casa. Em West Point, Nebraska.

Longe de casa...

— Faz muito tempo?

— Quatro, cinco anos.

Um tempo relativamente longo, e, ao mesmo tempo, recente. Tenho certeza que as marcas que esses dias imprimiram em Taylor ainda estão latejando.

— Como te contei, passei por mais de um orfanato. No último, o St. Joseph's, eu estava com minha irmã. — Seu polegar acaricia o meu. — As coisas lá dentro não foram fáceis. Por mais amáveis que algumas pessoas fossem, não era um lar. Mas era melhor ter isso, comida racionalizada no prato, roupas usadas e uma cama dura para dormir a noite do que não ter nada. Esse foi meu primeiro pensamento quando Olívia completou dezoito anos, e eu entendi que as coisas estavam prestes a mudar.

Conheço o mínimo da legislação, então sei ao que está se referindo.

— Obrigaram vocês a sair?

— Eu ainda poderia ficar, tinha dezesseis anos na época — esclarece ele. —Mesmo assim, estava disposto a atravessar aquela porta com ela de qualquer jeito. Jamais deixaria Olívia sair sozinha, naquelas condições.

— Foi embora com ela então?

Ele sorri, mas não é um sorriso feliz. Há mais gratidão ali do que qualquer outro sentimento, o que não me admira.

— Não precisei. Anualmente, o orfanato abria um dia para a visitação e, ao longo dos anos, Liv e eu nos tornamos úteis para o lugar. Ela era boa com crianças menores, ainda acho que vai se especializar em cirurgia pediátrica algum dia. — Ele volta a sorrir, são lembranças boas. — Eu era o responsável pelas atrações de

fim de ano. Essa imagem de uma instituição amável e forte, atraía patrocinadores, arrecadava fundos. Nós éramos... lucrativos.

Olho para nossas mãos, voltando a me sentir enjoada. Sei que lugares assim sobrevivem de verba governamental e doações, mas não deveriam fazer com que as crianças se sentissem como um produto. Apenas um meio para um fim.

— Te... machucavam?

Ele hesita.

Meu coração quase para.

— Os meninos mais velhos se encarregavam disso. Com a solidão surge a revolta. Então sim, já levei alguns socos, mas dei alguns também.

Nada tão ruim quanto eu havia pensado. Afinal, garotos brigam. Garotos com frustrações e mágoas acumuladas ainda mais, eu imagino.

— O dinheiro que conseguiam, eles não investiam no local?

— Ao longo dos anos, nada mudou. — É o que responde. — As camas continuaram com um colchão precário, comíamos amido, farinha, algo que desse saciedade. No fim de semana, às vezes tínhamos frutas. Em dois dos Natais que passei lá, lembro ter comido um pedaço de carne.

Sinto meus olhos marejarem.

Passei todos esses anos com fartura em casa, podendo escolher o que queria comer e saciando todos meus desejos em Pâtisseries caras. Sei que é uma realidade do mundo, crianças sofrem, comem mal e até passam fome, mas odeio pensar em Taylor como uma dessas crianças.

Meu desejo é levantar agora mesmo e cozinhar uma dúzia de bolos de chocolate até que as covinhas em suas bochechas estejam apertadas por um sorriso.

— Ei. — Ele ergue meu rosto quando o abaixo, tentando me esconder. — Tudo bem.

Droga, não quero chorar sempre que me conta algo sobre seu passado, não quero que veja isso como pena porque não é verdade. Mas, inevitavelmente, os acontecimentos me tocam. Queria poder apagar todas as memórias ruins que ele guarda.

— Sinto muito que tenha passado por isso — sussurro.

Suas mãos agora estão em meu pescoço, os polegares acariciando as minhas bochechas.

— Eu tive sorte, Amber. Tive o que comer. — Ele argumenta, fazendo um misto de dor e admiração tomarem meu peito. — O fato é que ficamos lá até Olívia estar prestes a completar 20 anos e realmente não termos outra alternativa.

— E o que fizeram?

— Saímos de lá, sem lugar para ir. Dormimos em um abrigo durante a noite e rondávamos a cidade durante o dia. Foi uma época difícil.

Ele pausa e ergo minhas mãos para afastar o cabelo do seu rosto. Um suspiro lhe escapa, e a cabeça se inclina em direção ao meu toque. Taylor volta a falar ainda de olhos fechados:

— Só não chegamos a passar fome porque éramos atentos com o horário. Se chegássemos antes das 17h, eles serviam sopa. Se conseguíssemos uma vaga para dormir, o café da manhã. Café preto e pão simples.

Quando cesso os movimentos, seus olhos se abrem.

— Sempre conseguiram vagas? — pergunto.

— No inverno era complicado. Em alguns dias, não havia vagas o bastante. Nestes, Olívia entrava e eu ficava lá fora. — Ele sorri quando meu coração aperta mais uma vez. — Ela nunca tomava o café da manhã quando isso acontecia. Sempre trazia para mim.

Tomo uma respiração profunda.

— Isso durou quanto tempo?

— Algumas semanas. Liv e eu fomos à procura de emprego, mas não foi fácil. Não havia muitos lugares contratando e a maioria exigia experiência. E embora alguns lugares ofertassem subempregos a jovens, eu ainda não ter completado dezoito anos dificultava as coisas. — Taylor pausa. — Eventualmente, conseguimos algo. Minha irmã começou a trabalhar em uma lanchonete e eu em uma empresa de construção. Os salários eram péssimos, mas juntos nos possibilitava duas refeições por dia e uma diária em um hotel barato quando não conseguíamos chegar ao abrigo a tempo.

O cachorro volta a entrar no quarto, atraindo nossa atenção por um momento. Dou duas batidas na cama ao nosso lado e ele sabe o que significa. Pulando no colchão, ele vem direto à procura de Taylor.

Faço bico.

— Seu traíra! — Ralho com o cãozinho, tentando aliviar a dureza da conversa que estamos tendo antes de olhar para Taylor novamente. — Não pensaram em alugar uma casa?

— Estávamos planejando isso, mas queríamos poupar um pouco do dinheiro para imprevistos médicos ou alguma emergência

— explica, ainda acariciando as orelhas do cachorro. — Além disso, éramos jovens. Eu podia estar destruído, mas Olívia ainda tinha sonhos. Ela sempre quis cursar medicina, desde que a perguntaram pela primeira vez na escola. A matéria favorita dela era ciências, e depois química e biologia.

— O clichê do estudante da área da saúde — eu brinco.

Ele sorri.

— Mas a educação que ela teve não era páreo para os grandes colégios. Sabíamos que para chegar em uma boa universidade, Olívia precisaria se esforçar o dobro. Talvez o triplo para ganhar uma bolsa. — Suas palavras são duramente reais. — Em teoria, todos sabem que é complicado estudar e trabalhar, mas fazendo quase vinte horas extras semanais para ganhar mais gorjetas...

— Não consigo nem imaginar — comento e me arrependo um pouco por ressaltar meus privilégios mesmo que indiretamente.

— Odiava ter a noção da realidade na época. — Um rastro de dor cruza seus olhos, e uma ruga se ressalta entre suas sobrancelhas. — Mas era impossível, Amber. Olívia chegava tarde e dormia sobre os livros, mas não tinha nada a ver com esforço, e sim com limites. Minha irmã estava a um fio de ultrapassar o dela.

Ele se cala e eu não consigo pensar em nada bom o bastante para dizer. Faz sentido porque ele fica sempre tão incomodado em me ver estudando além da conta, ultrapassando o limite do saudável.

Agradeço por estar na cama com nosso cachorro agora, porque sinto que essa conversa pode piorar.

— Me deixava doente imaginar nossa vida... cinco, dez anos depois, e saber que a minha irmã poderia se tornar uma pessoa infeliz. Casada com um cara que conheceu no trabalho, com filhos, presa em uma vida que nunca desejou.

— Pensou em dizê-la para desistir?

— Era um sonho impossível, mas era o sonho dela — ele argumenta. — Sonhos não precisam ser possíveis, não é? Se fossem previsíveis e fáceis se chamariam realidade.

Sorrio por suas palavras.

— Então quando as coisas apertavam e Liv pensava em desistir, eu era o primeiro a dissuadi-la. Nossos dois anos nunca fizeram diferença de verdade. A felicidade dela sempre foi prioridade para mim.

Ambos precisaram amadurecer e crescer rápido demais, é por isso que a diferença de idade entre eles nunca se fez presente. Mas ao que parece, sempre foi Taylor a carregar as responsabilidades.

— E os seus estudos?

— Dei um tempo. Também queria ir para a faculdade, sabia que era a melhor chance de melhorar de vida. Mas se fosse para investir em um de nós, seria em Olívia.

— Não tinha perspectiva de crescer na construção? Ganhar espaço, ou uma promoção.

Taylor move a cabeça.

— Não é assim que funciona. Era trabalho braçal. Carregar toras de madeira, sacos de cimento, montar vigas.... — explica. — "*Os músculos importam, o cérebro não*", esse era o lema do meu chefe.

Forço um sorriso, e corro os dedos pelos bíceps dele.

— Pois ele estava errado, você tem os dois.

Estou tentando aliviar o clima, embora ele seja melhor nisso do que eu. É apenas uma distração na tentativa de me impedir de chorar, inconformada com a necessidade dele de matar seus sonhos para regar os da irmã.

— Talvez eu até deva agradecê-lo por esses músculos definidos e esse seu tanquinho... — continuo. — Sabia que comendo como você come, apenas uma corrida periódica nunca seria o bastante. Agora essas maravilhas estão explicadas.

Taylor ri.

— Estou me sentindo objetificado.

— Mesmo? Te chamei de gostoso.

— Você quer meu corpo nu, não quer? — pergunta, provocante. — Só está interessada em quão alto posso te levar ao céu. Você é uma interesseira, Amber Thompson.

Rolo os olhos.

— Esse V marcado em sua bacia é a minha terceira coisa favorita... — Inclino a cabeça para olhá-lo. — Gosto muito mais do seu coração e dessa sua cabeça esperta. O que quis dizer é que você é um cara incrível, e muito inteligente também.

— Obrigada por dizer isso. — Taylor enviesa os lábios em um sorriso perverso. — Mas esse seu top 3 mudaria se tivesse sentado no meu pau.

É a minha vez de rir. Dou um tapa em seu ombro, sentindo minhas bochechas serem tingidas pelo rubor. Até o nosso cachorro fica constrangido com o rumo da conversa, pulando da nossa cama para a dele, próxima à porta.

Se tudo der certo, eu vou me aproveitar sim, penso feliz. O P dele vai arrancar todas as teias de aranha que tenho aqui embaixo.

— Certo, melhor voltar a história — retomo o assunto principal, também não quero que ele desista de conversar sobre isso. — Como vieram parar aqui em Stanford?

— A firma de construção entrou em falência. Enquanto eu procurava outro emprego, Olívia... precisou sair do dela.

Analiso seu rosto.

— Precisou?

— O dono da lanchonete tinha um filho da nossa idade. Ele se atraiu pela minha irmã desde o começo, mas Olívia não estava interessada. — Taylor bufa. — Digamos que o babaca não sabia aceitar *não* como resposta e forçou a barra com ela.

— Ele chegou a... — Não consigo terminar a pergunta.

A mandíbula de Taylor se cerra, e quando nega, eu solto a respiração que até então não havia notado que estava segurando.

— Liv chegou chorando no abrigo naquele dia, estava tão mal que pagamos uma diária no hotel. Ela não queria me contar a verdade, sabia que assim que dissesse, jamais permitiria que ficasse naquele lugar. E nós precisávamos do dinheiro.

— Mas você arrancou a verdade dela, não foi?

— Não precisou de muito, ela estava muito assustada. — Taylor exala. — Quase fui até a casa do filho da puta! Estava com tanta raiva que poderia ter feito alguma besteira naquela noite. Foi Liv quem me impediu de sair.

Ainda bem, eu penso. Taylor tem o sangue quente, ainda mais se tratando de Olívia. Ele não é uma má pessoa, mas a raiva é capaz de transformar.

— Sem o dinheiro que ela recebia, suponho que seu salário não era o bastante.

— Não mesmo. — Seus olhos desviam dos meus. — Uma das garotas que trabalhava com Liv complementava a renda em um prostíbulo da cidade. Foi ela quem me contou que estavam... contratando.

Não consigo disfarçar minha expressão de choque.

Tudo bem que não faço ideia do que aconteceu ou o que ele passou, mas jamais pensei que tivesse trabalhado em um prostíbulo.

— Você... você...?

Ele me olha por alguns segundos e nega.

Solto um suspiro aliviado.

— É uma profissão honesta — diz, notando meu excesso de alívio. — Não é bonita. É muito sofrida, na verdade. Especialmente para as mulheres. Mas é o que coloca comida na mesa de muita gente.

Encolho os ombros.

— Não quis desmerecer. Só não queria que tivessem passado por isso.

— Olívia não foi. Eu não permitiria e também, de toda forma, o gerente estava interessado em garotos — esclarece ele. — Como disse, é um trabalho honesto. Mas não deixa de ser um vício. — Seu rosto se contorce. — Luxúria, ira e soberba... Era daquilo que aquele lugar era feito. Você poderia conseguir quase tudo com a quantidade certa de dinheiro.

— Você ainda era menor de idade, como entrou?

Ele poderia ter feito dezoito, mas a legislação para cassinos e ambientes adultos como esse, exigem vinte e um anos.

— Gostaram de mim. — Ele dá de ombros. — Então, o lugar me mantinha debaixo dos panos. Não acho que se esforçavam muito, afinal eu já parecia um homem e alguns dos policiais de West Point eram clientes assíduos do lugar.

É claro que gostaram dele. Um jovem bonito, sarado pelo trabalho braçal e desesperado. Tenho certeza que o consideraram perfeito para o papel.

— O salário era bom assim?

— O bastante para poder alugar uma casa pequena e simples na saída da cidade e manter Olívia lá, estudando como precisava — responde. — Eu trabalhava a noite, os fins de semana eram mais intensos. No restante da semana, continuava à procura de algo melhor e aceitava alguns trabalhos esporádicos. Não queria fazer aquilo para sempre. Apesar de respeitar, aquele lugar me enojava.

É a minha vez de buscar seu toque para me acalmar, voltar suas mãos para as minhas e apertá-las unidas, como um lembrete de que estamos aqui, no presente. Que todos os seus pesadelos, por mais horríveis que sejam, estão no passado, não podem atingi-lo mais.

— Você era... sabe... obrigado a ficar com alguém?

Taylor aperta os olhos e então entende.

— Eu não era um garoto de programa, Amber. Era pago para dançar, fazer apresentações... — Ele dá de ombros. — Coisas assim. A gorjeta era boa.

Então uma peça se encaixa na minha cabeça.

— Quando estávamos na praia e te chamei para dançar — começo, juntando os pontos. — Foi por isso que fez aquela cara?

Ele assente uma vez.

— Não gosto dessa parte da minha vida, e dançar traz isso à tona. Eu me sentia muito humilhado. Alguns clientes apenas assistiam e com mulheres era mais tranquilo. Mas já estive com as que achavam que poderiam me levar para cama com a quantidade certa. Ou as apalpadas inesperadas como se eu fosse a porra de um gigolô! — Sua garganta se move com dificuldade. — Pode parecer fácil, pode parecer divertido, mas estava longe de ser. Engolia tudo aquilo para chegar em casa com o jantar e ver Olívia um passo mais perto do seu sonho. Sabia que a longo prazo, valeria à pena.

Pisco rápido, disfarçadamente.

— E seus estudos?

— Pelos horários, eu conseguia estudar um pouco também. Mas acho que dei a sorte de ter nascido com um bom Q.I, nunca fui esforçado como a minha irmã. — Ele toca meu rosto. — Ou como você.

— Pois eu discordo. Parte de se esforçar está em abrir mão de coisas que quer em prol de um objetivo maior. — Encosto nossas testas, mantendo seu rosto perto ao segurá-lo pela nuca. — Você fez isso mais do que ninguém.

Taylor me beija suavemente. Os lábios se movendo sobre os meus com carinho; meus dedos apertando com mais pressão o seu pescoço conforme toda a tensão em seus músculos diminui.

— Você disse que via coisas das quais não gostava — eu digo assim que nos separamos, tentando juntar os pontos. — Por

isso reluta tanto em dormir comigo?

— Durmo com você todas as noites — diz sorrindo.

Mantenho-me séria.

— Sei que entendeu. Não pode ser só pela minha virgindade.

— Tem muito a ver com a minha infância. — Ele deve notar como estou confusa porque continua. — Digamos que não ajudou trabalhar em um lugar onde o sexo era a moeda. Vi mais de uma vez, meninas jovens e inocentes como você serem obrigadas a passar por situações que nenhuma mulher deveria. Elas engoliam o orgulho, faziam o que precisava ser feito e eu as encontrava chorando nos camarins ou no estacionamento depois. Era uma merda.

Primeiro o orfanato, depois esse lugar. Taylor também foi obrigado a engolir o orgulho muitas vezes, mesmo que não literalmente como essas meninas que citou. Não acho difícil acreditar que seja essa a razão pela qual é tão intransigente hoje em dia.

— E quanto a você? — Coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Disse que Yasmin foi a sua primeira. — Por algum motivo dói dizer isso. Estou com ciúmes mesmo sem razão para estar, nós nem nos conhecíamos. — Por que não ficou com ninguém antes?

Um sorriso tímido que não costumo ver em Taylor se desenha em seus lábios. Ele parece prestes a corar aos meus olhos.

— Queria estar apaixonado pela garota antes.

Um sorriso se abre em meus lábios pelas palavras e, principalmente, por ele. Mas então outra onda de ciúmes me invade, deixando um gosto amargo em meus lábios. Ele estava tão

apaixonado por ela que quis fazer amor com Yasmin. Mesmo que em um instante no passado, Taylor acreditou que ela era a garota certa.

— O que foi? — pergunta, notando que esmoreci.

Pisco, forçando um sorriso.

Mas ele percebe.

Claro que percebe.

— Estava apaixonado, Amber. Perdidamente. Te contei sobre isso.

— Eu sei.

— Terminou mal, como bem sabe. Mas a minha história com Yas foi bonita até certo ponto. — *Yas,* não *Yasmin*. Droga! — Ela era divertida e muito esforçada, fazia parte do mesmo mundo que eu.

Isso sim é como um soco no estômago.

— E eu não faço parte do mesmo mundo que você. — Minha voz é tão baixa que é quase um sussurro. — Não é?

Taylor suspira.

— Merda, não era para ter soado assim! Não foi o que eu quis dizer.

— Foi. Foi, sim.

Silêncio.

— De toda forma, essa é a verdade. Somos dois opostos, não é? Não há nada o que fazer quanto a isso.

— Uau... — Desvio os olhos. — Nunca pensei que um cara fosse diminuir meu valor pela minha conta bancária. Especialmente, você!

Sua mão aperta meu quadril, os olhos aumentando de tamanho.

— Essa conversa está sendo distorcida, Amber. Olha, há um abismo social entre nós, isso é um fato, não uma opinião minha. — Ele toca meu rosto, me obrigando a olhá-lo. Sua voz é firme. — Mas isso não muda o fato de que estou apaixonado. Achei que meu coração estava morto e enterrado, e foi *você* quem o fez voltar a bater. Você, Matraca. Não ela. Não precisa ter ciúmes da Yasmin.

Agora é Yasmin...

Analiso sua expressão.

— O que faria se ela voltasse?

Taylor pisca.

— Ela não vai voltar.

— Não pode ter certeza.

— Ela não vai voltar, Amber.

— Jason disse que nunca achou sequer rastro, por mais que tenha procurado. Isso quer dizer que ela pode estar em qualquer lugar, e pode voltar.

Agora, ele parece ainda mais surpreso.

— Jason... a procurou?

O interesse em sua voz me incomoda.

— Por que se importa?

— Só não pensei que *ele* se importasse tanto assim. — Taylor move a cabeça, como se afastasse aqueles pensamentos. — Deixa pra lá.

Continuo fitando seu rosto, impassível quanto a este assunto.

— Não fica assim... — pede.

— Você não me respondeu.

— Não precisa ter ciúmes dela, já disse. Podemos esquecer isso, por favor?

Tomo uma respiração, mas eventualmente cedo.

Ainda tenho outras perguntas sobre o que aconteceu e realmente não quero discutir agora. Nunca me apaixonei antes, então não sei como é ter alguém responsável por quebrar seu coração.

Espero realmente que Yasmin seja assunto encerrado.

— Precisou ficar lá por quanto tempo? — volto ao nosso assunto anterior. — No prostíbulo, eu digo.

— Quase um ano. Liv e eu obtemos êxito na entrevista e nos testes meses depois e fomos aceitos aqui em Stanford. Eu para o curso de teatro e ela para medicina. Segundo lugar, acredita? — Taylor abre um sorriso orgulhoso. — A universidade fornecia alojamentos e uma ajuda de custo para alimentação. Fomos aceitos obviamente, devido a nossa condição financeira. Mas no primeiro mês aqui, em uma das festas de admissão, Olívia conheceu Gregory.

— Tão rápido?

— Olívia não é boba, não colocaria tudo a perder por um garoto. *Mas Greg é diferente*, era o que Liv dizia. Ele se importava com ela e a incentivava a perseguir seus objetivos. Acho que por isso eles ficarão próximos tão rápido, sempre se entenderam muito bem.

Movo a cabeça.

— Olívia contou tudo a ele? Sobre o que passaram.

— Sim. Quando engataram o namoro, ele convidou Liv para morar no apartamento. Felizmente os pais dele gostam muito da minha irmã, e foi um alívio ela não precisar ficar nos alojamentos. Mas Olívia não achou justo aceitar a oferta sem se abrir com ele,

por isso ela contou. Disse que sem segredos, Greg passou a amá-la ainda mais.

Nos olhamos por um momento.

É inevitável não pensar em nossa situação frente a esse exemplo, mas não reflito muito sobre isso. Quando os braços de Taylor me embalam em um abraço íntimo, eu apenas solto o ar e relaxo.

— Obrigada por me contar — digo contra a pele dos seus ombros. — Significou muito.

Sinto beijos nos meus cabelos.

— Sou mais fechado do que Olívia. Não consegui esquecer ou superar as coisas tão rápido. Me desculpe por ser... — ele suspira — assim, às vezes. Juro que estou tentando melhorar.

Sei disso, posso ver seu esforço.

Além do mais, não estaria apaixonada se Taylor não fosse exatamente assim. Gosto dele com todas as suas qualidades e defeitos, não apesar delas. E gosto ainda mais que queira ser a melhor versão dele mesmo por mim.



O elevador abre no quinto andar e eu saio com um sorriso. O motivo? Além de estar chegando em casa, Joshua, o vizinho que ainda tenta levar Amber para sair, está ao meu lado. Ele parou de fingir que ia até o apartamento para pegar um pouco de açúcar quando comecei a abrir a porta, mas os encontros no corredor são eventuais. Infelizmente.

No fundo, não me importo realmente com essa paixão platônica. Depois de ter sido traído uma vez, sei que o pequeno incômodo que sinto é fruto da insegurança. Uma preocupação que se torna ínfima ao recordar que Amber não é como Yasmin, e que está apaixonada por mim.

Porra, ainda parece um sonho!

— Boa noite — digo quando as portas de metal se fecham.

Ultimamente, estou mais simpático.

Pássaros cantaram essa manhã.

— Amber está em casa? — pergunta ele.

Olho para Joshua, contendo um sorriso e confirmo com um gesto de cabeça.

— Deve estar deitada na *nossa* cama agora.

— Ah!

— Poupando energias para mais tarde, sabe?

Os olhos do ruivo aumentam de tamanho e ele assente, atrapalhado. Por um momento, acho que vai derrubar as chaves que está carregando.

— B-Boa noite. — Joshua gagueja, entrando no 5-B.

Rio comigo mesmo. Talvez eu tenha pegado pesado, mas sendo sincero, eu não dou a mínima. Entro no 5-A ainda sorrindo, e fico surpreso quando escuto uma leve melodia no ar. Claro, não é rock, muito menos Bon Jovi, não tenho tanta sorte. Mas também não é o pop ruim que ela normalmente escuta. Parece... música clássica.

Rondo a sala, seguindo o som e sou levado até aquela porta que quase nunca é aberta. Apesar do tempo aqui, entrei nessa sala poucas vezes desde que me mudei, apenas para ajudar com a limpeza dos espelhos. Mas Amber nunca fica aqui.

Tento não fazer barulho, retirando os sapatos no corredor antes de caminhar até a porta entreaberta. O som é mais nítido aqui, e empurro um pouco mais a porta para vislumbrá-la com clareza.

Contenho um suspiro, sem querer atrapalhá-la. Amber parece perdida em seu próprio mundo. Linda, com os cabelos presos e olhos fechados.

Escoro o ombro em um dos marcos de madeira, permanecendo na soleira enquanto um sorriso toma conta dos meus

lábios. Ela está com sapatilhas cor-de-rosa que sobem com uma fita delicada pela panturrilha. Não está com um tutu ou algo assim, apenas uma roupa preta que se assemelha a um maiô, que com certeza tem outro nome mais elaborado.

Amber está dançando.

Novamente.

Finalmente.

Depois de tanto tempo.

Seus movimentos são delicados, mas carregam força. Ela não parece estar seguindo um *script*, mas seu coração. Movimentando-se sem destino certo, motivada pelos sentimentos que lutam dentro de si.

É fascinante!

Seu corpo gira com agilidade usando de apoio apenas a ponta da sapatilha que toca o chão. Com uma perna dobrada e os braços formando um arco, ela rodopia e então avança, dando saltos altíssimos com as pernas abertas. Então pousa no chão, sem fazer barulho, delicada e leve como se fosse uma pluma. Os braços pincelam o ar e seu tronco parece desprovido de ossos pelas posições em que consegue se dobrar para fazer novos arcos em consonância com os braços e pés.

Então algo acontece.

Seu semblante muda, as sobrancelhas se curvam para baixo e os lábios puxam respirações pesadas. Os olhos permanecem cerrados, mas a forma leve como estão apertados faz algo estranho soar no meu peito.

É uma coreografia triste.

Sentimental.

Amber continua a pincelar o ar com os braços enquanto se move, mas os movimentos vão perdendo força até que ela para no meio da sala e cai de joelhos, inspirando e expirando rápido com a cabeça baixa.

Quero ir até ela, mas tenho medo de interromper seu momento. Pela forma com que seus ombros sobem e descem, ela pode estar tomando fôlego ou chorando, não há como dizer.

Após alguns segundos, ela inspira e ergue o rosto, me flagrando pelo espelho. Não consigo sorrir, embora encontre seu rosto seco, dando certeza de que não está triste. É outra coisa.

Amber me fita pelo que parece ser um minuto inteiro, antes de se pôr novamente de pé e girar o corpo na minha direção. Com um sorriso e pendendo a cabeça para o lado de forma charmosa.

Respiro fundo e quanto pisco, sinto meus olhos úmidos. Desvio a atenção dela, sorrindo de lado enquanto enxugo parte daquela emoção que felizmente não verteu em lágrimas pelo meu rosto.

— Por que está chorando? — ela pergunta, sem vir até mim.

Abro um sorriso amplo dessa vez, caminhando até ela. Paro apenas quando consigo envolver sua cintura fina e fitar seu rosto de perto, apreciando a ausência de maquiagem que me permite ver todas as suas perfeitas imperfeições. Adoro a forma como seus cílios grossos se movimentam enquanto pisca e o primeiro sinal do canto dos seus lábios sempre que ameaça sorrir.

— Porque isso foi lindo...

Limpo a garganta quando minha voz soa rouca demais. Céus, Olívia estaria rindo de mim agora.

Amber morde o lábio, desviando o olhar por um instante.

Linda, tímida e tão, tão meiga.

— Tive vontade de fazer isso hoje. Cheguei em casa e quis vir até aqui, quando dei por mim estava com as sapatilhas nos pés — ela conta. — Foi natural voltar a dançar.

Sorrio.

— Que bom.

A cabeça dela se move enquanto brinca com o tecido da roupa que está vestindo, atraindo meu olhar para seus seios cobertos.

— Um sutiã? — pergunto fingindo espanto.

Ela ri, alisando os seios antes de dar de ombros.

— É, sabe. Não é legal ter eles pulando.

Quase fecho meus olhos com a visão. Discordo completamente, vê-los pulando para cima e para baixo, meio suados como devem estar agora, é uma das minhas fantasias na verdade. Sobretudo se ela estiver em cima de mim.

— Vai continuar a dançar? — volto ao assunto anterior.

Adoraria ficar aqui e comentar sobre seus peitos fantásticos, mas isso é importante. Faz um longo tempo que aquelas sapatilhas não tocam seus pés e sei o peso que a dança carrega visto a tradição com seu pai.

Ela nega, parecendo ter descoberto a resposta para a pergunta nesse instante.

— Acho que não... É bom, mas não tão bom quanto antes. Não é algo que quero fazer pelo resto da vida, entende? — Ela pausa e apenas me olha. — Quero ser extraordinária em algo que me faça feliz de verdade, Taylor. — Sua voz sai baixa, quase um sussurro e eu entendo o porquê. Sua confissão é um segredo, algo

que está desabrochando dentro dela, mas que precisa florescer muito até ganhar espaço. É a ponta de um iceberg trazendo mudanças.

— Você será boa no que escolher fazer, se for esse o seu sonho, entendeu? — Ergo a mão para tocar seu rosto. — Mas para mim, você já é extraordinária.

Amber me abraça, erguendo os braços para envolver meu pescoço e aguardando enquanto a trago pelas coxas até o meu colo, para que possa me envolver com as pernas também.

Uma onda de emoção toma conta de mim, mas essa é diferente da primeira. Tomo consciência dos seus tornozelos cruzados atrás de mim, das suas mãos percorrendo minha nuca e a ponta dos meus cabelos. Dos seus seios pressionados contra meu peito, do leve brilho do seu suor em contato com as minhas mãos que tocam sua coxa, do seu quadril pressionado contra o meu e, especialmente, sua boca a milímetros da minha.

— Quero te beijar agora...

Ela sorri, remexendo-se no meu colo, provocando um suspiro. Subo minhas mãos e agarro sua bunda, mantendo-a parada. Amber é curiosa e ansiosa demais para o nosso próprio bem.

Preciso ser cuidadoso com ela.

— Pode me beijar sempre que quiser.

Um sorriso se forma em meus lábios. E ela nota, percebendo que há algo escondido por detrás das minhas palavras. Seus olhos castanhos brilham e se tornam maiores a cada segundo. Pela forma como fica ofegante, percebo que gostou da ideia.

— Não aqui — beijo sua boca de leve —, mais embaixo.

O aperto em meus cabelos se torna maior.

— Hum... *lá*?

Quase rio.

— Sim. *Bem lá*.

— Nunca fiz isso antes...

— Imaginei. Quer saber como é?

Minha garota apoia a testa na minha e resfolega, sussurrando baixo contra a minha boca:

— Quero.

Subo uma das mãos para a sua nuca e a puxo para um beijo, abrindo seus lábios com os meus para encontrar sua língua. Sinto arrepios ascenderem pela minha coluna e o sangue fluir até a minha virilha assim que sinto a textura macia, o gosto doce que apenas a boca dela tem. Amber se derrete contra meu corpo enquanto retribui com a mesma paixão, apertando as coxas e me mantendo perto pelo aperto firme dos dedos no meu cabelo.

É delicioso, mas não deixa de ser um vício.

Seu calor e carinho são como uma droga que já fizeram de mim um viciado, e sequer provei as melhores partes ainda.

Um grunhido me escapa pela garganta quando ela remexe e geme, afastando nossas bocas para plantar beijos pelo meu rosto. Aperto mais os dedos contra sua pele e a empurro contra a parede mais próxima, voltando a procurar sua boca por um instante antes de descer os lábios para a pele sensível do seu pescoço.

— O cheiro da sua pele suada assim... — Deslizo a língua sentindo o gosto levemente salgado. Seus quadris se projetam enquanto joga a cabeça para trás, ondulando sobre a parede ainda em meus braços. — Quero te lamber inteira.

— Taylor... — seu gemido acaba comigo, destrói parte da minha consciência. Principalmente quando noto que está adorando nos ver projetados no espelho.

Sugo sua pele com mais força e me aventuro até o topo dos seios, deslizando a língua, chupando e mordendo cada parte em êxtase por vê-la ofegar e clamar pelo meu toque.

— Tô tão quente...

Sorrio, desprendendo seu corpo da parede para levá-la até o quarto. Esse é o jeito dela de dizer que está excitada, com tesão. Não que eu precise de alguma confirmação. A forma sutil com que aperta meus quadris com as coxas, com que esfrega a boceta em mim e atinge minha virilha com seu calor, e os gemidos baixos que escapam dos seus lábios são tudo o que preciso.

— Vai ficar mais. — Mantenho nossas bocas próximas até chegar no quarto, que está com a luz acesa. — Gozar gostoso enquanto vê um céu estrelado por detrás das suas pálpebras fechadas.

Amber ofega quando a coloco na cama, cobrindo seu corpo com o meu. Pairo sobre ela, fitando seus lábios inchados pelo beijo por um instante antes de mergulhar novamente em sua boca e nos embolarmos de novo.

Suas mãos vão para o meu ombro e descem pelas minhas costas, retornando por dentro da camisa. Suas unhas não fazem estrago, mas a ponta dos dedos correndo pela minha pele quente é o bastante para me fazer segurar suas coxas e incentivá-la a abraçar meu quadril com as pernas.

Não vamos transar hoje. Mas me permito ter uma prova de como seria, arremetendo o quadril, encontrando seu corpo inquieto

abaixo do meu, imaginando como seria ver meu pau sumir dentro dela pela primeira vez.

— Hum... Isso é bom... — sussurra perdida.

Sorrio de lado, arrastando os lábios por seu maxilar e pescoço. É verdade, isso é bom, mas não é nada perto do quanto pode ser gostoso.

Céus, quero ensiná-la tanta coisa!

Quero ser bom para ela.

Melhor com ela.

Empurro outra vez e rebolo, quase revirando os olhos pelo prazer que sinto apenas por me esfregar. Estou usando jeans, mas a roupa de Amber é fina demais, não faz muito para esconder sua umidade.

— Tão molhada, porra...

Seu rosto é colorido pelo rubor.

— É assim que seria? — pergunta, sem folêgo.

— Transar com você?

— Sim...

— Seria melhor... com o tempo — Engulo com dificuldade. — Mas vou machucar você na primeira vez.

O toque dela no meu rosto me faz desacelerar um pouco para olhá-la, analisar como se sente em relação a isso. Seus olhos possuem certo medo, mas me conforta não encontrar dúvida.

— Sei que será perfeito... — ela sussurra.

— Vai doer. Provavelmente, muito.

Pelo que toquei, Amber não é apenas apertada, é pequena também. Basta fazer as contas com a circunferência que tenho no

meio das pernas. Mesmo sendo cuidadoso, o tamanho do meu pau não vai diminuir pelo carinho.

— Mas será com você — rebate como se isso justificasse tudo.

No fim, acho que justifica.

Faz sentido para nós.

Por alguma razão, ela confia em mim cegamente para isso. E eu tenho certeza que nunca tive algo tão precioso quanto essa garota nas mãos.

— Quando chegar a hora, farei de tudo para ser o melhor possível para você. — Eu prometo.

— Eu sei.

Amber toca a barra da minha camisa e eu permito que ela a tire, jogando em algum canto do quarto. Seus olhos descem por mim acompanhando o toque das suas mãos que deslizam desde o ombro até o cós da calça.

Grunho quando toca meu abdômen, próximo à virilha, e traça o caminho das veias sobressalentes na região mordendo o lábio. Minha ereção formada está dolorida, confinada dentro das calças e ansiosa pela libertação. Morando com ela, foi um milagre minhas bolas não ficarem pretas.

— Você é tão gostoso... — Solta de repente. — Do tipo que poderia enlouquecer qualquer garota.

Sorrio, buscando sua boca para um beijo rápido que acaba se tornando faminto. É impossível manter minhas mãos afastadas ou minha boca longe da sua. Há algo dentro de mim que quer venerá-la, mas há outra parte que quer devorá-la inteira.

— Enlouquecer *você* é o suficiente para mim.

Subo minhas mãos pelas suas coxas e depois tento de novo, puxando a peça pelo ombro. Embora eu tenha sentido o decote nas costas, não faço ideia de como tirar isso dela.

Amber empurra meu peito levemente, mas não deixo de beijá-la pelo gesto. Quando coloca mais pressão, eu me afasto, confuso, para vê-la erguer o tronco e puxar um fecho invisível na lateral.

Eu nunca acharia essa porra.

Ela mesma abaixa a peça dos ombros e desce até a cintura, olhando para mim. Noto rapidamente duas coisas: seus seios cheios, cobertos por um sutiã da mesma cor do maiô e a linha que divide seu tórax.

— Sei que já viu, mas... — ela hesita.

Movo a cabeça em concordância.

— Quer que eu apague a luz?

Amber considera, mas então nega. Ela move as mãos para trás, tirando o sutiã sem deixar de me olhar nos olhos.

Linda.

Corajosa.

Meiga até mesmo quando é sexy.

O sutiã se desprende das costas e então dos ombros e ela o joga para longe, tomando uma respiração profunda e destacando os seios túmidos na minha direção. Sinto a saliva se acumular nos cantos da minha boca com a vontade de beijá-los.

— São lindos... Você é linda. — Inclino meu corpo e beijo o topo da sua cicatriz, seguindo com os lábios até o fim dela. — E ela é linda também.

Retiro a peça que estava embolada em sua cintura, deixando-a coberta apenas pela calcinha. Sorrio ao notar o modelo rendado da cor lilás. Sensual pela renda, divertido e adorável pela cor. Exatamente como ela.

Mantenho minha calça por segurança, um lembrete de que hoje não é um bom dia para fazer dessa sua primeira vez. Amber é muito prática, mas não deixa de ser uma garota. Ela merece que seja especial.

Seguro as laterais da sua calcinha e a olho.

— Ainda está tudo bem eu te beijar aqui?

Ela assente vigorosamente.

— Vai fazer macarrão para evitar me encarar depois? — pergunto divertido. Amber vacila e então sorri. — Fale comigo, Thompson.

— Estou com medo de gritar alto demais...

Exalo, entredentes.

— Você realmente não faz ideia do que faz comigo.

Beijo sua boca mais um pouco, tomado por uma paixão renovada para manter o clima pós-conversa. Não preciso de muito, os minutos se alongam, mas com a vista fenomenal que tenho dela daqui – descabela, lábios inchados, calcinha molhada e bicos pontudos –, incentivos não são necessários.

— Não tenha vergonha de mim — peço quando me afasto, retirando a calcinha e começando a plantar beijos pelo seu corpo. *Sou sortudo demais*, é o pensamento que expande meu peito.

Do pescoço, avanço para minha parte favorita. Lambendo, chupando, correndo com a língua pelo mamilo e pele como estava ansioso, repetindo o processo no outro seio em seguida. Amber

ofega baixo, o corpo irrequieto abaixo do meu, as mãos indecisas entre meus cabelos e o lençol.

Desço os beijos pela sua barriga, brincando ao colocar a língua dentro do seu umbigo em um movimento provocante. Amber solta um gemido surpreso e se apoia nos cotovelos. Meu pau dá uma fisgada dentro da calça e contenho um suspiro, embora ela não esteja me tocando. Sempre que essa faceta dela aparece, sua curiosidade tímida me atiça.

Beijo abaixo do seu umbigo e seguro seus joelhos com delicadeza, abrindo mais suas pernas. Pensei que fosse tentar se cobrir ou algo assim, mas ela me surpreende ao permanecer na mesma posição, aguardando.

Fico tonto com a visão dela. Está molhada, brilhando, inchada em desespero pelo meu toque, e eu nem comecei a nossa brincadeira ainda. Os lábios pequenos me fazem imaginar que posso colocar tudo na boca e deixá-la tremer com a minha língua enterrada dentro dela.

— Você é pequena e bonita. — Declaro ao abrir sua carne rosada com os dedos, o aroma de sua excitação me fazendo gemer. — E tem um cheiro tão gostoso que faz meu pau babar.

Subo meus olhos para os seus e acompanho quando seus dentes se arrastam pelo lábio inferior. Seu peito expande rápido, com dificuldade pela respiração ofegante, mas são seus olhos brilhando de vontade que me colocam na borda de um precipício.

— Me beija, Taylor?

Ela nunca precisaria pedir duas vezes.

Mas preciso de alguns segundos de controle.

Ergo suas pernas e começo a plantar beijos por elas, iniciando na direita até a raiz da coxa antes de voltar para fazer o mesmo com a outra, deslizando minha boca por cada pedaço de pele macia e arrepiada. Ao atingir a parte interna da sua coxa esquerda, eu provoco mais, dando algumas mordidas.

Amber está elétrica, remexendo-se insistentemente pelo desejo crescente. Ela tenta mover os quadris e apertar as coxas sem sucesso, em busca de qualquer alívio que possa ter.

Mordo um pouco mais forte sua coxa e, enquanto está surpresa pelo ato, deslizo a língua pelo meio de suas pernas pela primeira vez. Ela se engasga com um grito e desmorona, os cotovelos cedendo, a cabeça apertada contra os travesseiros e os dedos torcendo os fios do meu cabelo com força.

Estou deliciado com a maciez de suas dobras, em como está excitada e como minha garota é saborosa. Fico ainda mais duro a cada lambida, mais excitado a cada vez que sinto seu sabor e as coxas trêmulas ao redor da minha cabeça.

— Ai, Jesus!

— Não, não... — Curvo os lábios cinicamente, encarando seus olhos, e dou uma lambida longa, segurando seus quadris quando tem o impulso de fechar as pernas. — Taylor. Repete comigo: Tay-lor.

Amber arqueja, frustrada.

— Isso não é hora... de brincar... — geme, aumentando o tom na última palavra. — Continua.

Obedeço, beijando-a mais uma vez. Mantenho a língua rígida, brincando com sua entrada apertada, e posso ouvir como ela

gosta disso. É inevitável não gemer também e chupá-la mais forte, quase investindo contra o colchão.

Quando sinto a tensão em suas coxas e os gemidos se tornarem mais audíveis, eu paro novamente e a olho, recebendo outro suspiro esmorecido.

— Diz pra mim o que você quer.

Amber arfa, tombando a cabeça para me olhar. Ela está uma bagunça gostosa pra caralho! Aproveito para ajeitar minhas calças e apertar meu membro por cima do tecido, tentando acalmar as coisas.

— Volta a boca para a minha V? — pede manhosa.

Meus lábios se curvam em um sorriso sacana. Giro os dedos em seu clitóris, fingindo considerar. Mesmo tocando superficialmente e não na pressão e velocidade que percebi que gosta, Amber suspira, quase fechando os olhos.

Está sensível. Falta tão pouco para ela gozar.

— Fala direito, e eu continuo — exijo.

— Taylor — geme, arrastando meu nome. — Eu não faria... todo esse charme... para pôr a boca no seu P.

Sei que não faria.

Mas isso nunca vai acontecer.

— Se lembra do que eu disse sobre não te deixar gozar? — Pergunto, sem interromper o movimento dos dedos. — Não sem ouvir um nome decente. Alguma coisa bem safada dessa sua boquinha santa.

Amber resmunga e mexe os quadris à procura de mais atrito. Sem sucesso, ela tenta agarrar meus cabelos, mas eu movo a cabeça para direita, escapando com um sorriso.

— Por favor... Por favor...

Paro. Não gosto de ouvir uma mulher suplicar. Sei que está fazendo por desejo, mas, ainda sim, isso me quebra por dentro. Se eu levar esse pensamento adiante, não vou parar de correr até estar a quilômetros desse prédio.

Retiro meus dedos e a cubro novamente com meus lábios, resvalando a língua até sua entrada antes de me concentrar no seu ponto de prazer. Sugo devagar, em um ritmo constante, bem acima do seu ponto de tensão. Sou presenteado por um gemido alto enquanto suas coxas me apertam a cabeça. Sinto seus músculos ao meu redor se tornarem mais tensos, contraídos em expectativa. Ela está perto de encontrar um abismo delicioso demais para impedir que deseje se jogar.

A cada gemido, a cada nota alta de um suspiro seu, meu corpo inteiro parece desmoronar. Meus músculos tremem, minhas mãos suam e meu abdômen contrai. O desejo corre por mim, arrepiando meu corpo e movo meu quadril em busca de contato sem que Amber precise fazer nada mais do que se partir em pedaços.

Duvido que eu já tenha estado tão duro quanto estou agora, ou sentindo tanto prazer sem ninguém me tocar. Especialmente quando ela grita, o corpo tremendo em minhas mãos em meio ao orgasmo.

Somente quando relaxa, corada e suada, é que volto a subir pelo seu corpo e pairar em sua boca. Beijo seus lábios lentamente, com carinho, antes de deixar meu corpo cair ao seu lado.

— Você goza tão gostoso pra mim.

Ela sorri e tapa o rosto com a mão. Parece meio fora de órbita agora, os movimentos meio lentos.

— Não fala isso...

— Já querendo ir fazer macarrão? — pergunto com humor.

Em seguida, engulo em seco, cobrindo os olhos com um braço. A pressão em minha virilha incomoda, precisando de alívio. Não vai adiantar rogar pela minha lista de coisas broxantes agora. E não quero parecer insensível e correr para o banheiro para bater uma.

Já descabelei tanto palhaço que quase abri um circo.

— Não, ainda não... — Ouço o farfalhar do lençol e gemo em seguida quando sinto pressão contra o meu quadril. Abro os olhos e encontro Amber, sentada no meu colo com um sorriso tímido. — Quero fazer uma coisa antes.

— E o que vai fazer? — pergunto, excitado.

Ela se inclina para mim.

— Poderia retribuir, mas acho que você não vai deixar... — Ela dá de ombros. — E talvez seja melhor eu treinar com outra coisa antes. Sabe, pra não engasgar. Ou morrer sufocada. Você é...

Solto uma risada torturada, que mais parece um gemido. Deus, não consigo pensar direito! Não com todo sangue concentrado na minha virilha, turgindo meu membro ansioso.

— Então quero fazer outra coisa. Posso?

— Sou todo seu.

Amber sorri e abre o botão da minha calça. Seus olhos não desgrudam da minha virilha enquanto desce o zíper, e então arrasta a calça e a cueca até o meio das minhas coxas.

Estou tão duro que me sinto capaz de gozar apenas com um aperto, e não quero que acabe tão rápido. Ela encara o meu estômago novamente, e não me passa despercebido a forma como ofega e seus olhos castanhos me queimam.

Amber corre as unhas pintadas por várias cores pelo meu estômago, verificando os musculosos firmes e gemendo baixinho diante do V marcado em meus quadris e a trilha de pelos aparados que levam até o meu pau duro pra caralho apontando para ela. É tão apreciativa e gulosa, que estaria mentindo se dissesse que isso não me excitou.

Ela senta em mim, a boceta escorregadia deslizando contra a parte inferior do meu pau. Grunho, engolindo um praguejo.

Amber começa a me acariciar dessa forma, como se ela estivesse me masturbando com a boceta. Sem me conter, apoio em meus cotovelos para que possa assistir a forma como suas dobras se pressionam contra mim, a forma de sua carne rosada, nua e aberta que me permite ver o clitóris inchado espreitando para fora em necessidade, mesmo após o orgasmo recente.

— Caralho, Amber... — Gemo, incapaz de me conter.

Ela sorri, o corpo inteiro estremecendo.

— É bom, não é?

— Perigoso demais...

— Mas assim é tão gostoso pra mim também — arfa gemendo.

A visão que eu tenho do corpo dela nessa posição, com a cintura tão fina e os quadris ressaltados é enlouquecedora. Amber está encharcada e com toda a pressão que exerce, o peso do seu peso inteiro pressionado contra o meu pau é uma aproximação de

como seria a coisa real entre nós. Não estou dentro dela, mas ainda é bom pra caralho. Tão sujo que é provavelmente a coisa mais excitante que fiz na vida.

Minhas calças estão puxadas para baixo, apenas o suficiente para liberar minha ereção e minhas bolas, e a forma como o colchão resvala na minha bunda e região lombar aumenta o meu tesão. Assisti-la angular a si mesma de modo que meu pau pressione sobre ela em todos os lugares certos de uma forma tão natural, e até mesmo descarada, é quase demais.

Gemo, erguendo as mãos para agarrar seus quadris, mas ela me dá um tapinha, querendo manter o controle. Grunho, excitado e surpreso com o gesto, sem conseguir pensar em qualquer outra coisa a não ser estar dentro dela. O desejo de possui-la, prendê-la com o meu corpo se infiltrou por todos os meus músculos, o tesão bombeando quente em cada veia do meu corpo.

O tesão é tamanho que a única coisa que consigo pensar é que eu a quero sobre esse mesmo colchão, os cabelos em uma bagunça loira contra os lençóis claros enquanto essa boceta se esfregando em mim toma todo o meu pau.

Mas então, Amber molha os próprios lábios com a língua, fechando os olhos um segundo para gemer, antes de me empurrar até a borda com suas próximas palavras:

— Taylor... — arrasta meu nome, a voz não é nada mais que um murmúrio rouco e desesperado. — Quero levar você ao céu de novo... Quero assistir você sentindo prazer...

Não respondo, meu queixo se aperta ao sentir algo mais intenso do que eu já senti em anos estalando na base da minha espinha e cortando todo o caminho até a minha pélvis. Um calor

imenso, como se meu baixo ventre estivesse em chamas, pegando fogo pelo pedido necessitado e reboladas gostosas da mulher em cima de mim. Dessa vez eu não vou gozar na sua mão como antes, mas em seu baixo ventre. Puta merda, talvez até mesmo respingue no meio das suas pernas.

— Sujar meu corpo como fez aquele dia no sofá — insiste, pressionando mais forte e, porra, eu vou obedecer. — Por favor...

Gemo, encantado com sua inocência perversa e me rendo quando trabalha mais duro e rápido em cima de mim. Minha mente roda com a visão dela moendo em mim e a memória do seu sabor e cheiro em todo o meu rosto ao vislumbrar o clitóris necessitado e duro.

É demais, caralho!

O orgasmo me corta, tão forte que turva a minha visão.

Ela geme também com a visão do meu gozo jorrando contra o meu estômago. E naquele momento, no auge na minha excitação e prazer, nossos olhos se encontraram e uma sensação estranha e desconhecida me toma.

Meu clímax diminui, mas a sensação de atordoamento não. Amber é a culpada, e piora ainda mais a minha situação ao arrastar o indicador pelas gotas de porra salpicadas em seu estômago, revestindo com o meu orgasmo, e o levou a boca, chupando com tanta vontade, como seus olhos diziam que ela faria com o meu pau se um dia eu permitisse.

Jogo a cabeça para trás, e respiro fundo.

Amber é o tipo de mulher que poderia me deixar duro uma e outra vez, o tipo de mulher que eu poderia passar uma semana me perdendo sem parar e depois eu ainda desejaria mais. Meu prazer

parece fadado a crescer na mesma proporção que meus sentimentos. E nem o céu parece ser um limite bom o bastante para ambos se tratando dessa garota.



Faço a curva na segunda rua, estacionando em frente ao laboratório de ciência e tecnologia. Faz alguns minutos que Amber me enviou uma mensagem, pedindo para buscá-la aqui para voltarmos juntos para casa.

Acabei pegando seu carro uma segunda vez hoje para ir até Menlo Park, uma cidade vizinha. Os olheiros da Off-Broadway me ligaram ontem para marcar a reunião em um dos teatros de lá.

Retiro o boné preto antes de sair do carro, correndo os dedos pelos fios a fim de arrumá-los um pouco. Ajeito as mangas da jaqueta e cruzo os braços, escorando as costas no automóvel para esperá-la.

O canto do meu lábio se eleva, pensando nos comentários dela ao me ver parado aqui, interpretando um bad-boy malvado como se eu não estivesse no Audi feminino dela. Sério, o carro dela cheira a pêssego, há tubos de batons e um absorvente no porta-

luvas. E tenho certeza que ela não consegue dirigir e escovar o cabelo, por que diabos mantém uma escova aqui então?

Os minutos se alongam e eu suspiro, trocando o peso de pé. Não me importo em esperar, mas tenho vontade de entrar novamente no carro e fazer o caminho de volta quando vejo certo alguém caminhar até mim.

— Pode dar meia volta e ir embora — digo ríspido, fitando a entrada à procura da massa de cabelos loiros de Amber. Felizmente, ela saiu com uma blusa rosa hoje, será fácil encontrá-la.

Jason não interrompe os passos até se colocar à minha frente, bloqueando meu campo de visão e tornando impossível ser ignorado.

Bufo.

— Está esperando a Amber? — Ele pergunta.

— Por que quer saber?

— Foi apenas uma pergunta.

Dai-me paciência.

— Estou. Não que isso te diga respeito.

— Ela vai se atrasar.

Sinto a tensão percorrer meu corpo e se alojar em meus ombros, pesando como se houvessem toneladas em cima deles.

— Como sabe disso?

— A turma dela ficou presa com o Sr. Campbell. Ele é o professor de anatomia. — Acrescenta, como se eu precisasse de uma explicação.

— Eu sei quem ele é. — Sei tanto que conheço até os apelidos que Amber o chama carinhosamente. Perdi as contas de

quantas vezes ouvi seus resmungos do quarto contra o Sr. Jurássico. Ela não gosta nem um pouco da matéria.

— Enfim, parece que houve uma tentativa de cola na turma dela — Jason continua.

— Descobriu isso apenas passando pela porta?

— Ele não conversa, grita. Não foi difícil.

Suspiro.

— Ela está bem, com certeza não foi ela.

— Sei que não — meu tom sobe uma oitava. — Amber nunca faria isso.

Jason abre um sorriso pequeno.

— Nunca vi ninguém fechar um teste daquele cara e Amber conseguiu. Ele a usou como exemplo para nós que estamos um ano a frente dela, acredita?

Troco novamente o peso do pé, sentindo a carga em meus ombros aumentar. O fato dele saber esse tipo de coisa sobre ela, me incomoda. Mas inevitavelmente me sinto orgulhoso pelo feito. Amber não me contou, e por alguma razão, acho que sei o motivo. Uma nota ruim é o fim do mundo, mas uma boa... apenas obrigação. Sabia que não estava errado, todos possuem vícios e ela não é diferente. O dela é a autocobrança.

Não são drogas, mas podem destruí-la da mesma forma. Nas noites em que a vejo se entupindo de café ou chorando por um A-, penso seriamente se já não está. Nesse ritmo, em cinco anos pode não sobrar mais nada.

— Foi impressionante — Jason diz.

Volto minha atenção para ele, que ajeita a jaqueta azul já perfeitamente alinhada. Ele coloca as mãos dentro dos bolsos do

jeans, e desfaz o gesto logo em seguida, como se não soubesse como se portar. Está agitado e parece desconfortável também. Isso é novidade.

— Por que está aqui? — interpelo, ainda na defensiva.

— Vi você esperando e pensei em avisar — responde. — Imaginei que estivesse esperando para irem para casa.

Sei que não é verdade.

— Não me faça de idiota. Por que veio falar comigo?

Vejo algo diferente em seus olhos. Jason rapidamente os abaixa, escondendo-se. Mas sou capaz de notar a hesitação ali, e algo mais. Uma tristeza velada que puxa suas sobrancelhas para baixo e encolhe seus ombros.

— Eu não deveria ter contado tudo a ela. — Ele volta a me olhar — A Amber, eu quero dizer. Não sem saber como se sentiria frente a isso. Mas não foi planejado, Taylor.

Puxo o ar e solto ruidosamente, atônito por um momento.

Se ele tiver achado outro jeito de me irritar, vou saber lidar com isso. Se ele quer provocar, tudo bem, tenho palavras hostis e um punho cerrado para resolver. Já quebrei a cara dele uma vez, posso fazer de novo. Se quiser me incitar por causa de Amber, tudo bem também. Ela está apaixonada por mim e confio no seu caráter. Mas essa vulnerabilidade... eu não sei lidar com essa porra!

Esse tom flexível como se ainda fossemos amigos é terrível.

Nós não somos.

Não seremos nunca mais.

— Fiquei sabendo que esbarrou nela no corredor... ao acaso. — Tenho certeza de que é capaz de notar o sarcasmo na minha voz.

— Você não acredita. Tudo bem, não posso te culpar.

— Não pode mesmo.

— Mas foi realmente ocasional.

— Claro que sim.

— Quase caí em cima dela. — Sua voz sobe um tom. — Se não tivesse colocado Amber por cima, ela poderia ter se machucado. Eu não faria isso de propósito.

Rio, sem humor.

— *Colocado Amber por cima*... — Fecho a cara. — Ótima escolha de palavras, à propósito. Assim vou ficar bem menos puto com você.

— Porra! — resmunga. — Então é sério, não é? O lance entre vocês.

Olívia sabe que nos acertamos. Felizmente, Amber não chutou minha bunda ou me tacou do edifício quando entrei arrependido, pela segunda vez, no 5-A. Mas contar isso para outra pessoa, ainda mais Jason... *O que ninguém sabe, ninguém estraga,* não é? Quero um pouco mais disso.

— Outra coisa que não é da sua conta — rechaço. — Está preocupado com a garota errada, onde está Rachel?

Seu rosto se retorce em uma careta.

— Provavelmente pensando em como arrancar minhas bolas. Ela está engolindo muita coisa, essa merda não vai demorar a estourar. Não sou bom com relacionamentos.

— Com nenhum deles.

Quando uma sombra atravessa seus olhos, me arrependo um pouco pelo que disse. Não sobre nossa amizade ou sobre seja lá o que tenha com Rachel, mas porque nem todo relacionamento fodido

em que se meteu foi culpa dele. O dos seus pais com certeza não foi.

— O que quis dizer é que eu estava mal, havia discutido com Rachel e então encontrei Amber — continua ele. — Ela é uma boa pessoa, ficou preocupada mesmo sem ter motivo para estar. Se eu a dispensasse, não teria ninguém para conversar, e eu... precisava daquilo.

Ainda odeio que tenham passado a tarde naquele café, a intimidade que aquele momento significou. A ideia dos dois serem amigos me enjoa o estômago, e sei que essa é a voz da minha insegurança falando.

— É da natureza dela.

— Ela é fácil de conversar, não é? Confiável e divertida. Quando dei por mim, estava falando. — Ele ri, com humor controlado. — Não tentei fazer parecer melhor do que foi. Contei exatamente como aconteceu, como Yas e eu erramos com você.

Desencosto as costas do carro, erguendo os ombros. Minha mandíbula está tão apertada que posso ouvir os dentes rangendo.

— E por que está me dizendo isso agora?

— Porque não consigo parar de pensar nisso desde então.

— Sua consciência pesada é problema seu, não meu!

Ele aquiesce, compelido.

— Sei disso, Taylor. Carrego essa culpa há mais de um ano. Já aprendi a lidar com ela.

— Então por que porra ainda estamos conversando Jason? — exaspero, olhando ao redor.

Onde Amber se meteu? Já estou cogitando ir até a sua sala de aula para salvá-la desse ancião maluco que gosta de dissecar

cadáveres.

— Porque eu percebi que... — Ele se interrompe por um momento, engolindo com dificuldade. — Nunca te pedi desculpas.

É como levar um soco no estômago.

Não, é pior.

— Um *eu sinto muito* não vai mudar o que você fez.

— Eu sei.

— Nem trazer nossa amizade de volta.

Jason não diz nada, apenas continua a me fitar daquele jeito infeliz.

Merda, não quero que ele se sinta culpado. Muito menos que peça desculpas. É mais fácil odiá-lo. É mais fácil odiar todos que falharam comigo. Prefiro vê-lo como o inimigo do que como o único amigo que tive na vida e perdi.

— Por que agora? Uh? Por que depois de tanto tempo?

Cruzo os braços e Jason suspira.

— Cara, nós nunca conversamos direito sobre o que aconteceu. — Ele começa, sem me responder de fato. — Trocamos socos quando soube e depois... apenas nos afastamos. Nunca tivemos a chance de uma conversa franca.

Rio, incrédulo.

— E você acha que merece uma?

— Não foi o que eu disse.

— Está me exigindo franqueza, sério?

— Só acho que esse poderia ser o caminho. — Jason desvia os olhos por um momento, voltando a mexer na jaqueta. — Conversar com a Amber me lembrou a importância do diálogo. Se fossemos mais maduros, talvez...

Ele não termina, deixa a sugestão pairar no ar, amparada pelas ondas densas de ressentimento. Dou um passo à frente e empurro seu peito, mas ele não reage. Jason apenas olha para mim.

Mas que porra!

— Não é questão de maturidade, é sobre perdoar. — Encaro seus olhos respirando com dificuldade, a raiva e a mágoa correndo líquidos pelas minhas veias. — E eu nunca vou perdoar você.

Ele assente uma vez.

Não é uma surpresa.

— Imaginei que você diria isso.

— Infelizmente, você me conhece bem.

— Mas eu não vou deixar de te pedir desculpa por isso.

Esfrego a testa tentando me acalmar.

Bocuda, onde quer que esteja, apareça logo. Um comentário indiscreto, bochechas ruborizadas, sua língua desenfreada... Qualquer coisa ajuda!

— Sinto muito por ter sido um filho da puta e ter dormido com a sua namorada. Sinto muito por ter feito isso pelas suas costas, você não merecia. — Ele pausa e quando volta a falar, sua voz vacila. — E sinto muito por ter estragado a nossa amizade.

Engulo com dificuldade.

— Não vai adiantar me dizer essas merdas — rosno baixo.

— Você esteve comigo nos momentos mais difíceis. Se eu fosse um amigo melhor, teria resistido a Yasmin mesmo amando aquela mulher.

Luto para conter o que suas palavras me causam porque não quero amolecer, não quero quebrar a casca que construí tão bem ao

meu redor. Saber que amava Yasmin de verdade, não melhora as coisas. Ao contrário, me faz ter um entendimento do assunto que jamais tive. Sempre pensei que foi apenas atração, no máximo paixão... Mas talvez isso fosse entre ela e eu, e não com *eles*.

Yasmin e eu tínhamos carinho, algo platônico que evoluiu para o físico. Ela era ferrada, eu era fodido, funcionávamos juntos. Mas não senti uma fagulha por ela do fogo que me queima quando estou com Amber, aquele calor indescritível que toma meu peito sempre que ela sorri para mim. Yasmin nunca conseguiu chegar até o meu coração, essa é a verdade.

Mas talvez tenha chegado ao dele.

Merda, se Jason sente por ela o que sinto por Amber, posso imaginar o inferno que foi nos ver juntos por tanto tempo.

— Houve uma época em que fomos quase irmãos, Ty.

— Você usou corretamente o passado. *Fomos*.

Ele limpa as mãos, novamente sem saber o que fazer com elas.

— Só queria dizer que, mesmo que nunca me perdoe, você ainda tem um amigo aqui, caso precisar. — Jason dá de ombros. — Sei que perdi vocês dois, mas ainda amo tanto a Yasmin quanto amo você.

Uma mão pequena agarra meu braço e eu me viro, encontrando Amber. *Graças a Deus!* Seus grandes olhos castanhos passam de mim para Jason e consigo ler as perguntas que trazem, ela está preocupada.

— Tudo bem? — pergunta, fixando o olhar em mim.

— Vamos embora.

Abro a porta do carro e entro. Jason acena para Amber, que dá a volta no automóvel para se sentar no banco do passageiro. Ligo o motor, mas minhas mãos congelam no volante.

— O Sr. Jurássico deu uma bronca histórica! Um dos alunos entrou no escritório dele, acredita? E o pior, foi mal sucedido na tarefa, pegou um gabarito errado e repassou para alguns alunos. Resumindo, a maioria afundou na última prova.

Amber tagarela, enquanto eu não consigo dizer nada.

— Exceto eu, claro. Eles até me ofereceram, mas jamais seria capaz de fazer isso. Se o Sr. Jurássico me encarasse por mais de três segundos, eu contaria tudo. E pior, papai ficaria triste lá em cima. — Pausa para respirar. —Tudo bem, não tirei um A+, só... A. Mas foi mérito meu. Isso conta alguma coisa, não é?

Jason se afastou do carro e não deu muitos passos até se encontrar com Rachel que agarra seu pescoço, sorrindo apaixonada. Ela não está brava como ele desconfiou, mas não acho que demorará a ficar, afinal ela nunca será a Yasmin.

— Ei. — Amber chama minha atenção ao tocar meu ombro. — Está mesmo tudo bem?

Hesito por um momento, mas não quero guardar o assunto para mim.

Falar com ela sempre ajuda.

— Jason veio me pedir perdão.

— Ah! — Seus olhos aumentam e boca se entreabre por um segundo, mas ela merece um crédito por tentar disfarçar a surpresa. — Uau, isso... Hum... O que você disse?

Sorrio amargurado, apertando o volante.

— Alguns insultos. Não estou me sentindo muito simpático hoje.

— Não seja sarcástico, ou use do humor para se esconder. Isso é importante. — Amber joga a mochila no banco de trás. — Você perdoou?

— Não — respondo. Então emendo: — Não consigo.

Silêncio preenche o interior do carro, restando apenas o som da minha respiração pesada e os ruídos abafados na rua. Quando volto a olhá-la, Amber tem um pequeno sorriso no rosto. Não é falso como o que dei a pouco, por que diabos ela está sorrindo?

— Por que está sorrindo?

— Sabe o que eu acho? — Ela pergunta, sem esperar uma resposta. — Que você esperou muito tempo por isso.

— Por um pedido de desculpas dele? — Rio, sem humor. — Porra, até parece!

Seu tom é duas vezes mais gentil quando ela continua:

— Não, Taylor. Por alguém que se importasse o bastante para pedir desculpas por ter magoado você. E agora que ele fez isso, você não sabe como reagir.

Engulo com dificuldade, os nós dos meus dedos contra o couro da direção estão brancos. Nunca parei para pensar nisso e parece absurdo suas palavras terem tanta precisão. Se fossem um dardo, teriam acertado em cheio o alvo.

Posso sentir a pontada na minha cabeça.

— Eu não vou perdoar — digo baixo.

Não sei como fazer isso. Nunca perdoei Miranda, nunca perdoei Heitor, não será Jason a romper essa linha. Se eu arrancar o rancor daqui, o que vai sobrar? Saudade. Não quero lidar com ela.

Amber se inclina e pressiona os lábios contra a minha bochecha, segurando meu rosto com as mãos. Seus lábios deslizam pelo meu pescoço com beijinhos molhados até atingirem meus ombros. Solto um suspiro quando o ar quente da sua respiração sopra contra mim.

Amo essa familiaridade.

Esse conforto.

Uma sensação estranha de lar mesmo sem estarmos em casa.

— A maioria das pessoas pensa que esse é um ato intencional, mas eu não acho que seja verdade. Perdão tem a ver com o que há dentro de você, com a sua essência. Você perdoa uma pessoa com isso aqui, — sua mão desliza até tocar meu peito, no rumo do coração — antes mesmo de cogitar fazer isso com a racionalidade.

Ela pausa, acariciando meu cabelo daquele jeito que amo. Solto um suspiro quando seus dedos se arrastam pelos meus fios, afastando-os do meu rosto. Quando consigo respirar normalmente, sinto seu cheiro. O aroma de pêssego que faz meu coração voltar ao compasso.

— Quanto mais amor recebemos, mais amor devemos dar, Taylor. E uma das formas mais bonitas de amor é o perdão.

Assinto, mas não digo nada. Não sei como articular palavras boas o bastante agora. Estava acostumado a admirar a minha irmã, mas tenho que admitir que talvez nunca tenha visto uma alma tão bonita como a dessa garota.

Estou tão apaixonado por cada aspecto dela.

— Você é maravilhosa.

Amber sorri e me beija.

— Você vai ficar bem?

— Vou. Obrigado.

Ela volta para o seu assento, coloca o cinto de segurança e retira o par de All Stars azuis que estava usando, para colocar os pés sobre o banco quando finalmente dou partida no carro. A janela do passageiro é aberta, trazendo uma brisa gelada e bem-vinda. Antes que eu possa virar a segunda esquina, o som está ligado no álbum *New Jersey* do Bon Jovi.

Os cantos dos meus lábios se elevam.

— Eu mereci isso? — pergunto, espiando em sua direção.

Flagro minha garota com os olhos fechados, a cabeça relaxada no banco para aproveitar a brisa. Ela fica linda assim, com os cabelos ricocheteando no ar, um sorriso doce nos lábios, embalada pela minha banda favorita.

Seus olhos se abrem para mim.

— Você merece tanta coisa Taylor, que eu nem saberia como começar a citar.



Amber

Olívia e eu estamos nos dando bem, mas não diria que somos amigas. Ao menos, não até ela me arrastar para o Shopping.

Fiquei realmente surpresa ao receber o convite nesta tarde. Estava desempoeirando a estante de livros enquanto vigiava se Taylor não jogaria a sujeira embaixo do tapete quando me ligou. Devo ter ficado muda durante um minuto inteiro depois que ela terminou, e sendo sincera, pensei em negar. Não por não querer me aproximar, eu sei que se nossa relação evoluir, Taylor ficará feliz e ambas queremos isso. Acontece que eu planejei esse fim de semana, coisas legais como cozinhar junto com Taylor e outras nem tanto, como o tópico de histologia pulmonar que preciso ler.

É, pois é, mais uma matéria para a conta.

Também não gosto de Histologia.

— E então? Esse rosa é lindo, combina com você. — Olívia comenta, mostrando um vestido de paetês e frente única, realmente muito bonito.

Estamos em uma loja da Macy's agora. Claro, passamos por todo corredor da Chanel, Burberry e Prada. Estamos mais nos divertindo do que fazendo compras, na verdade. Até agora, eu comprei um perfume novo e um par de sapatos, Olívia adquiriu duas novas blusas com o cartão do namorado.

— É lindo, Olívia. Mas estou cansada disso aqui, não está com fome?

Ela ri, devolvendo o cabide a arara.

Saímos da loja em seguida, recebendo um olhar impaciente da vendedora, aquele destinado a clientes que ficam mais de vinte minutos namorando as peças e então saem sem comprar nada.

— Podemos ir naquele restaurante — eu comento. Passamos por um restaurante árabe na praça de alimentação, e o cheiro fisgou meu estômago desde que colocamos os pés aqui. — Ou em outro se quiser algo mais saudável.

Seu nariz se franze ao olhar para mim.

— Posso imaginar o que Taylor fala de mim, mas não sou tão chata como ele faz parecer. Greg gosta de uma alimentação orgânica e de baixa caloria. E, pelo bom Deus, depois que o vi pelado, nunca mais critiquei nenhuma granola ou proteína que entrou na nossa casa. — Olívia se abana me fazendo rir. — Mas, sim, eu amo sorvete e qualquer uma dessas porcarias que aumentam os meus níveis de serotonina.

Ela é mais divertida do que eu pensava.

— Certo. Acho que é uma boa causa para se manter uma dieta saudável.

— Sem dúvida! Nem todos possuem aquele metabolismo ridículo do meu irmão.

Assinto uma vez, enquanto desviamos de um casal se abraçando para continuarmos a andar lado a lado.

— Nem me fale. Ele consegue comer dois pratos cheios de carboidratos e não fica com a barriga estufada. — Se estou soando indignada, é porque estou. — Quando vai tomar banho, o Sr. Oito Gominhos ainda sai com o tanquinho molhado, não importando que porcaria calórica botou para dentro.

Olívia solta uma risada, está com os olhos arregalados.

— Certo, garota. Essa é uma linha tênue! Sei que falei de Greg pelado, mas ouvir o mesmo do meu irmão... — Ela estremece de forma exagerada, como um arrepio ruim perpassasse seu corpo. — É nojento!

Gargalho.

— Desculpe. Não tenho irmãos.

— Eu não sei o que faria sem o meu... — Seu tom é terno.

Mordo o lábio e olho para ela.

— Ele me contou sobre o que aconteceu depois que saíram do St. Joseph's. Como precisaram se virar, o lance do prostíbulo... Enfim, tudo daquele ponto em diante até virem para Stanford. — Olívia não parece surpresa. — Tudo bem por você?

— É claro, Amber. Contei tudo ao Greg no início do nosso relacionamento e meu irmão não se importou — ela diz e a comparação soa densa demais. — E, bom, faz algum tempo que ele pensa em como te contar o que aconteceu. Sei que o progresso é gradativo, mas meu irmão realmente está se esforçando para se abrir com você.

Movo a cabeça.

— Sei disso. Hum... Sinto muito que tenham passado por aquilo.

— Ninguém tem um fardo tão grande que não seja capaz de carregar, não é? — Ela sorri. — Sou muito grata pelo que meu irmão fez, por colocar a minha felicidade acima das feridas antigas.

Viramos um corredor, e eu puxo Olívia pelo braço quando tenta me arrastar para a Walter Steiger. Já são quase oito horas, o céu já está escuro lá fora.

— Aqueles *scarpins* eram lindos! — Ela reclama.

— Eram, mas não estão mais bonitos do que aquele *Falafel* de que vi servirem quando chegamos. Sério, acho que estou prestes a desmaiar de fome!

Olívia suspira.

— Não posso te deixar comer...

— O quê?

— Nada.

Paro o passo, obrigando-a a me encarar.

— Você disse alguma coisa.

— Não disse não.

— Disse, sim.

— Deve estar mesmo com fome... Está delirando, pobrezinha. — Ela finge sentir a temperatura da minha testa, como se eu estivesse febril. — Melhor irmos para casa.

— Não, eu quero comer.

— Come em casa.

Rio.

— Se eu quiser *comer* em casa, terei que *cozinhar* algo Olívia — argumento. — Podemos comer aqui e eu levo uma porção para o

Taylor. Tenho certeza de que ele vai estar faminto à minha espera.

— Ah, pode apostar.

Escolha inteligente de palavras, Amber.

Parabéns, mico de novo!

— Quis dizer faminto de comida — esclareço. — Só para deixar claro.

Olívia faz outro som de enjoo.

— Por Deus! Nunca vou tirar essa imagem perturbadora da minha cabeça. — Ela finge conter uma náusea. — Eu poderia enfiar um lápis nos meus olhos e me lobotomizar nesse instante.

Rindo, caminhamos para fora do Shopping em direção ao estacionamento. Viemos no carro dela, já que insistiu em me buscar.

Tudo muito estranho, na verdade.

Ainda bem que foi divertido.

— Sem querer ser grosseira, mas... hum... eu não esperava esse convite — digo ao colocar o cinto de segurança. — Foi meio surpreendente.

Olívia sorri, digitando algo no celular antes de dar partida no carro. O trajeto de volta leva cerca de vinte minutos; ela fez questão de escolher o lugar mais afastado da cidade.

Cogitei a possibilidade de ela estar me levando até algum terreno baldio ou algo assim. Mas ela escolheu salvar vidas, não é? Seria improvável. A menos que tivesse se rendido ao lado negro da força e quisesse algum dos meus órgãos para o mercado negro, mas gosto de pensar no melhor das pessoas.

— Eu imagino. Mas faz um tempo que quero propor algo assim a você.

— Mesmo?

— Sim, Amber. Nós só começamos com o pé esquerdo.

— Os *dois* pés esquerdos.

O som da sua risada preenche o automóvel.

— O que importa é que hoje muitas coisas colaboraram para começarmos a mudar isso. — Ela me olha sorrindo. — Você não pode negar até que nos demos bem.

— É verdade, mas você está sendo legal comigo por causa do Taylor, não é?

Olívia se concentra na estrada, pensando.

— De certa forma, sim. Acho que isso vale tanto para mim quanto para você. Taylor vai gostar se formos amigas, ou no mínimo que tenhamos uma boa convivência. Sabe, ele se esforça muito com Gregory por mim.

— Ele te ama muito, claro que faria isso por você.

— E eu o amo muito também, exatamente por isso fiquei tão... arisca no começo. — Olívia suspira, trocando a marcha antes de uma curva. Relaxo no banco, depois de tudo o que sei, é compreensível. Se eu tivesse um irmão, talvez fizesse o mesmo. — Sinto muito por ter sido tão grosseira e ríspida quando nos conhecemos. Desde a Yasmin, fiquei superprotetora. Bom, *mais* superprotetora. Taylor passou por muita merda.

— Você não quer que ele se magoe, eu entendo.

— Apesar da nossa droga de infância, tê-lo às vezes me parece mais do que mereço. — Olívia para em um sinal e olha para mim. — Meu irmão pode ser intransigente às vezes.

— Na maior parte delas.

Ela sorri.

— E tem um orgulho desmedido.

— Poderia preencher oceanos.

— Mas ele é um bom homem.

Assinto, isso é inegável.

— É, ele é, sim.

— Taylor merece uma pessoa boa, e como eu ainda não te conhecia, fiquei preocupada. Você foi a primeira garota a despertar algo tão profundo nele. Algo que ele acreditava estar morto, mas eu sabia que estava apenas adormecido. Se quebrasse o coração dele... poderia não sobrar nada.

— Não quero magoá-lo, Olívia. — Apenas essa possibilidade me machuca.

— Ele também não quer magoar você.

— Gosto *mesmo* dele.

— Eu sei. Espero que o destino seja bom com vocês.

Ela volta a dirigir e eu tomo liberdade de ligar o rádio em uma estação de pop. Continuamos a conversar pelos minutos seguintes e até cantamos juntas o refrão de *I Kissed a Girl* da Katy Perry.

Quando o carro estaciona, eu me solto do cinto e abro a porta com um sorriso, saltando para fora. Acho que eu meio que precisava disso no fim das contas. É bom ter outra pessoa aqui para me divertir além de Taylor, especialmente uma garota. May está longe, então é bom ter uma amiga por perto.

Inclino-me na janela quando o motor do carro ronca novamente.

— Não vai descer? — pergunto.

— Não. Tenho algumas coisas para fazer agora.

— Ah, só um pouco!

Ela sorri.

— Acho que vai gostar de estar sozinha quando subir.

— Taylor deve estar fingindo que não está vendo o novo episódio da série que combinamos de assistir juntos enquanto me espera chegar para preparar algo ou para pedirmos uma pizza.

— Nossa, não deveria acostumar esse folgado assim.

Rio.

— Ele limpa toda a louça sozinho. E o deixo sentado na frente do forno contando os minutos quando quero tomar um banho antes do assado ficar pronto. Ele é bonzinho.

Olívia gargalha.

— Por essa, eu não esperava.

— Obrigada pelo dia Olívia, foi legal.

Ela me dá uma piscadinha.

— Pode me chamar de Liv, se quiser.

Abro um sorriso e espero a SUV branca sumir de vista antes de girar os calcanhares e caminhar para dentro do edifício.

Joshua também estava chegando em casa, encontrei com ele no corredor. Mas, dessa vez, ele me lançou um sorriso constrangido antes de fechar a porta do 5-B. Nada de *"você tem planos para o fim de semana?"* ou *"Abriu um novo restaurante na esquina, que tal irmos até lá qualquer dia desses"?*

Estranho.

Abro a porta do apartamento e fecho, jogando minhas chaves no aparador e colocando as sacolas e minha bolsa no chão. Preparo para tirar as sapatilhas, mas estaco no segundo pé quando noto algo errado.

Diferente, ao menos.

A iluminação está baixa e demoro a decifrar que o breu é impedido apenas pelo brilho do luar que invade o ambiente através das janelas e a luz artificial do corredor que está acesa. Mas o que faz meu coração errar as batidas são as pequenas velas baixas dispostas no chão, formando uma espécie de caminho. Como se não bastasse, entre elas há pétalas de rosas.

Lindas, vivas e perfumadas.

O melhor, são coloridas.

Tons de vermelho, rosa, amarelo e branco que criam uma sensação adorável de primavera mesmo que estejamos caminhando para o inverno. Elas despertam um sorriso largo no meu rosto que dura poucos segundos. É inevitável não pensar como vai demorar para limpar tudo isso.

É uma bagunça bem bonita, no entanto. Tenho que admitir.

Olho para baixo, encontrando um balão, pesado no lugar por estar preso a um cartão branco.

Uau, sim, um balão.

Em formato de coração.

Certo...

— Taylor? — Retiro a outra sapatilha e o casaco, jogando os sapatos ao lado da porta e arremessando a peça no sofá. Isso está com cara de armação. — Taylor, eu sei que você está em casa.

Nada.

Silêncio sepulcral.

Pego e abro o cartão.

Oi, Thompson. É, eu sei que fiz bagunça, mas prometo limpar tudo depois. Por hora, não pense nisso. Espero que não ache muito

cafona também.

Como essa sua mente esperta deve ter desconfiado, realmente foi tudo calculado. Mas a surpresa não acaba por aqui. Olívia e o Shopping foram apenas uma distração. O que acha de vir me encontrar no estúdio?

Estou pelado.

E tenho uma coisa firme para você.

Rio, colocando o cartão em cima da mesa e andando a passos apressados até o estúdio. Qual é, esse era um bom incentivo. Taylor Holt pelado? Eu subiria até o topo desse prédio pela escada de incêndio. Isso, sem contar que ele tem uma coisa *firme* para mim.

A porta está fechada e nela há outro bilhete, um maior. Está preso, mas sai com facilidade quando o puxo. Faço uma careta; vou passar cola em seus bonés se tiver usado isso para prender esse papel na madeira.

Uau, você veio rápido!

Animada assim para me ver sem roupas? Aposto que sim. Sempre soube que apesar dessa sua timidez, sua curiosidade te faz ser uma garota safada. Mas não chegamos nessa parte.

Antes que se decepcione, ao abrir essa porta você encontrará um homem completamente vestido. Aliás, levei muito tempo para me arrumar, até tentei domar meu cabelo, então um elogio seria legal.

E quanto a coisa firme, estava me referindo ao nosso jantar. Com certeza você não pensou que era outra coisa, certo?

Piadas à parte, estou suando como um porco do outro lado desse cômodo, ansioso para ver você.

Não quero errar nenhum passo.

Quero fazer desta noite algo inesquecível.

Preparada?

Um sorriso enorme distende minhas bochechas. Quando giro a maçaneta, ele consegue ficar ainda maior. Em um instante, uma camada de emoção toma meus olhos, obrigando-me a piscar algumas vezes para voltar a enxergar com nitidez.

Céus, não acredito que ele fez tudo isso.

Por mim.

Para mim.

Ah, Taylor!

Cubro a boca com as mãos enquanto examino o local. As mesmas pétalas de rosas estão dispostas pelo piso, e uma mesa pequena de ferro – ainda não sei onde ele a arranjou – está disposta no meio do lugar. Está coberta por uma toalha branca, e no centro há um jarro com duas rosas vermelhas e uma vela acesa. Ah, claro, há uma garrafa de vinho, duas taças e pratos cobertos por cloches também.

Então, eu o vejo. Parado no canto, uma mão em cada barra de ferro presa na parede, refletido lindamente no espelho enquanto ostenta um sorriso-molha-calcinha. Taylor é muito bom com *esses*.

Suspiro, deslizando os olhos por ele.

Certo, eu amo cores, meu guarda-roupa é a prova viva disso. Mas nada é tão sexy quanto esse homem vestido completamente de preto, couro e brim. Saliva se acumula nos cantos da minha boca

enquanto o inspeciono. Tenho vontade de correr até ele e me jogar em seus braços, beijar sua boca até esquecer meu próprio nome.

Resfolego, sentindo meus joelhos tremerem quando ele marcha até mim. A calça está perfeita, caindo pecaminosamente em seus quadris. A camisa de botões se agarra aos bíceps, evidenciando a pele macia, com veias saltadas dos seus antebraços pelas mangas arregaçadas. As duas primeiras casas estão abertas, dando o vislumbre dos pelos pálidos que enfeitam o peito forte e do seu pescoço quente.

O conjunto é demais para a minha sanidade.

— Sem palavras? — pergunta, parando a um passo de mim.

Seus olhos me fitam daquele jeito intenso como se fossem um mar aberto, convidando-me para mergulhar, para me aventurar em águas profundas e misteriosas. Desde que me beijou pela primeira vez, é assim que Taylor me olha. Como se estivesse de joelhos e quisesse me adorar, e ao mesmo tempo como se me desejasse tanto que fosse capaz de me devorar. Ele titubeia no limite dessa doce confusão, e a dicotomia me deixa à sua mercê, enlouquecendo pela expectativa.

— Totalmente.

— Bom...

— Isso é... — Arquejo, olhando ao redor por um instante. — Ninguém nunca fez algo assim por mim antes.

Seu sorriso aumenta.

— Fico feliz em ser o primeiro.

Arrepios ascendem pela minha coluna, e volto a sorrir quando suas mãos envolvem minha cintura. Deslizo os dedos por ambos os braços, sentindo todos os relevos até abraçar seu pescoço.

— O cheiro é bom — eu digo. — Delicioso, na verdade.

— Tomei um banho demorado.

Rio. Sim, posso sentir o cheiro gostoso sendo exalado dos seus poros e algo parecido com sua loção pós-barba, embora possa ver o prenúncio da barba por fazer em seu rosto. Gosto da aspereza da região. Especialmente lá embaixo.

— Estou falando da comida.

Ele sorri.

— Eu sei. O cheiro está ótimo, não é?

— Aham. Comprou de qual restaurante?

Taylor se afasta um pouco, o cenho franzido e uma expressão ofendida tomando seu rosto. Parece ter sido atingido no peito.

— Isso foi grosseiro. Por que eu não poderia ter cozinhado?

— Porque o cheiro está mesmo incrível — respondo rindo.

— Presto muita atenção quando cozinhamos juntos.

— Eu sei.

— E nem deixo as coisas queimarem com tanta frequência.

— Eu sei.

— Deveria ter mais confiança em mim, Thompson.

Prendo uma risada.

Tão fofo.

— É que é meio difícil deixar algo se esturricar sentado em frente ao forno, Taylor. Até porque sou eu que sempre seleciono a temperatura.

Ele ergue os braços.

— Tudo bem, é oficial. Você é uma ingrata, e não é nada romântica.

Rio mais, usando meus braços em volta do seu pescoço para trazê-lo para perto e conseguir beijar seus lábios. É um beijo rápido, molhado, que me faz agarrar o tecido negro da sua camisa.

Acaba cedo demais como todos os nossos beijos.

— Obrigada... — sussurro contra sua boca, abrindo os olhos.

Ele está sorrindo agora.

— Tudo pela minha garota.

Afasto nossos corpos para olhar melhor o que montou. Caminho pelo espaço, admirada com a delicadeza do que fez. Foi um ato muito atencioso. Mamãe vai virar uma casquinha-de-morango-derretida quando eu contar. May vai perguntar como foi *o depois*. Espero ter entendido certo e que realmente haja um *depois*.

— Você gostou mesmo? — pergunta ele, parece nervoso.

— Adorei cada detalhe.

— Ótimo. Posso voltar a respirar agora.

Sorrio.

— Assim... só pra ter certeza... — Mordo o lábio e olho para ele sobre o ombro. — É hoje que vamos fazer umas safadezas, não é?

Taylor gargalha, cruzando os braços como se estivesse me repreendendo. Não obtém sucesso, não com aqueles músculos me saudando. Nunca tive vontade de morder um braço antes, mas juro que minha boca formiga por aquele antebraço.

Não gosto quando brigamos, mas ele fica sexy se fingindo de bravo.

— Eu faço *tudo* isso, com o maior carinho do mundo, tentando ser um homem romântico e você só pensa nisso? Em safadeza?

Meus ombros se encolhem e minhas bochechas esquentam pelo sangue que começa a fluir até elas. Sei que não está falando sério, mas me sinto tímida. Só não quero perder a virgindade com 84 anos, poxa.

— Sabemos que eu não tenho... sabe, muita experiência nesse departamento. — Limpo a garganta, alisando meu vestido. — Bom, em nenhum dos dois. Sexo e romance não são algo que eu esteja acostumada a lidar.

Taylor agora mantém um sorriso ameno e vem até mim, tocando meus ombros. Ergo a cabeça e fito seus olhos, que me inspecionam com avidez. Agradeço mentalmente por estar apresentável, o cabelo bonito e um vestido legal. Mas ele me olha dessa forma encantada mesmo quando acordo amarrotada e amassada pela manhã.

— Hoje será calmo e bem romântico, é um acontecimento importante. Você merece isso e muito mais, e estou disposto a fazer desta experiência a melhor possível para você. — Quase me derreto por suas palavras. — Mas depois é outra história... — Taylor se inclina para sussurrar no meu ouvido. Suspiro, meu corpo se eriça com o contato dos seus lábios tão próximos à pele das minhas orelhas. O ar quente da sua respiração eriça os pelos da minha nuca. — Quando estiver acostumada, aí sim vamos fazer umas safadezas. E quando eu finalmente puder te mostrar o que posso fazer, você vai acordar rouca pela manhã.

Certo, acho que falta pouco para eu perder completamente a força nas pernas e virar uma poça. Bom, em termos técnicos, molhada eu já estou.

— Mas primeiro, vamos jantar. — Ele abre um sorriso angelical e beija minha bochecha, como se não tivesse acabado de dizer que consegue me deixar rouca de tanto prazer. — Espero que a comida esteja aceitável. Realmente, fui eu que cozinhei. Precisei de alguns tutoriais no Youtube.

Adorável, mas ainda estou presa nas últimas palavras.

— Sério, eu não me importo de ir direto para a sobremesa — comento nada sutilmente. — Sabe, em algum lugar do mundo, tenho certeza que a tradição é essa. Sobremesa antes do prato principal. Poderíamos tentar?

Recebo um sorriso sacana pela sugestão.

— Você é a sobremesa, a entrada e prato principal. — Ele pisca para mim. — Mas preciso mesmo que coma. Vai precisar de energia.

Arquejo, uma e outra vez.

Ok, tudo bem. Isso é o bastante para calar a minha boca e me fazer abrir a cloche.

Hum...

Inclino a cabeça e pego um garfo, espetando aquela montanha pálida sem saber ao certo o que estou tocando. O cheiro estava mesmo tão bom ou foi meu estômago faminto traidor? Porque a aparência é péssima! E, de fato, é muito firme. Acho que eu poderia quebrar um desses espelhos com essa coisa.

— Sei que não ficou como os que você faz... — Ele começa. — Acredite, não ficou igual ao do chef na internet também. Mas eu provei. É feio, mas não é mau.

Faço uma careta.

— Você tem certeza?

O espaguete está aderido, a vagem está queimada, o purê de batatas empelotado, e a carne... bom, não sei que crosta estranha foi essa que ele criou por cima. Não me lembro de ter comprado argamassa e guardado junto aos alimentos na despensa.

— Tem razão. — Ele exala, frustrado. — Isso parece horrível!

Sim, parece. Mas Taylor se esforçou, então eu abro um sorriso e dou uma garfada. Devo dizer, mereço algo por pegar uma poção tão generosa logo de primeira. Até porque, me arrependo amargamente no segundo seguinte.

Não, amargo não é bem a palavra.

Está mais para picante.

Tusso.

E tusso mais.

Taylor arregala os olhos e se levanta, dando batidinhas em minhas costas enquanto eu busco desesperadamente a taça de água. Sequer abrimos o vinho ainda.

— Jesus! Você está bem?

Tusso, tentando assentir.

— Estou. Só está um pouco... — Horrível? Apimentado? Eu não daria a uma plantinha, se tivéssemos mesmo uma. Até ervas daninhas morreriam com essa comida. — ... forte. Isso, forte. O sabor é... muito presente.

Seu rosto se distorce em uma careta.

— Está péssimo, não é? Nem eu consigo comer essa porra. Tem pizza na cozinha.

Tusso mais quando rio.

— Graças a Deus!

Em cinco minutos, ele está de volta com uma caixa. Rio quando afasta os pratos e me pergunta se eu me incomodaria em ter dois pesos de porta. A comida estar horrível não reduz sua atitude. Ao contrário, a considero ainda mais notável pelo esforço que não foi pequeno.

A aparência está ótima, e sorrio ao notar que a pizza é metade marguerita e metade caprese. Ele serve duas fatias enquanto eu pego a garrafa aberta de vinho e sirvo nossas taças. Estranho imediatamente a cor. Com um olhar desconfiado, eu provo e não contenho uma gargalhada.

— Suco de uva? Sério?

Ele dá de ombros.

— Você fica bêbada muito fácil.

— Tive meus momentos.

— Seu histórico é péssimo, Amber.

Tudo bem, há certa verdade nisso.

— Te quero completamente lúcida essa noite. — Ele me fita seriamente. — Consentimento livre e esclarecido do que vamos fazer.

Movo a cabeça efusivamente. Sendo bem sincera, a menção de algo acontecer essa noite é o bastante para me deixar bêbada de felicidade e apreensão.

Fecho meu sorriso apenas para mastigar a pizza. Depois de uma fatia, vem outra e quando dou por mim, acabamos com mais da metade da pizza. Leia-se: Taylor comeu uns ¾.

Sorrio, agora sim parece perfeito.

Suco de uva e pizza, isso é muito mais a nossa cara.

Taylor limpa as mãos quando termina a quarta fatia e se levanta, saindo do estúdio. Ouço uma melodia viajar até onde estou, nítida e lenta, embora venha do aparelho de som na sala de estar.

Ele volta com um sorriso brilhante e ergue uma mão na minha direção. Limpo minha palma e pego a sua sem hesitar, deixando meu corpo ser conduzido. Suas mãos envolvem a minha cintura e eu subo as minhas para tocar seu peito.

— Vai... dançar comigo? — Tento não soar chocada.

— Vou.

— Mas você odeia.

— Na maior parte do tempo.

— Entendi o motivo depois que me contou da boate. Não precisa fazer isso.

— Sei que não preciso. *Quero* fazer isso, e quero suas mãos me mim. — Ele aperta mais minha cintura. — Não me parece nenhum sacrifício.

Sorrio. Nossos passos são lentos, simples, meio desajeitados. Não sou boa com esse tipo de dança, mas ele sabe como conduzir. Relaxada, confortável em seu abraço dançante, reconheço a melodia tocando.

Ah, claro.

Estava bom demais para ser verdade.

— Você nunca vai desistir de me empurrar Bon Jovi goela abaixo?

Ele comprime os lábios, mas sorri mesmo assim.

Um sorriso travesso.

— Essa é uma frase sugestiva.

— O quê?

— É inevitável não pensar em uma piada infame.

Minhas bochechas coram.

— Sobre me empurrar coisas goela abaixo?

— É, coisas enormes e terríveis... — ele sussurra em um tom sexy. Minha respiração fica suspensa. Será que... sabe... aquilo...? Mas... — Tipo a sobremesa.

Escondo minha cabeça na curva do seu pescoço e começo a rir. Quando não esconde suas tristezas atrás disso, eu adoro seu senso de humor.

— Está tão péssima quanto a comida? — pergunto.

— Pior.

— Hum, isso parece uma aventura. Será divertido.

Nós dançamos duas músicas, movimentando pouco os pés, até que a mesma melodia que Taylor me apresentou a banda no Coupa Café se inicia.

All About Lovin' You.

Ele se afasta um pouco, olhando fundo em meus olhos. As notas continuam nos embalando e, mesmo a melodia sendo ruim, a letra se encaixa com perfeição ao momento.

“Por todas as palavras que eu não disse e todas as coisas que eu não fiz.
Essa noite vou encontrar um jeito”

Uma de suas mãos se ergue e resvala em minha pele quando afasta uma mecha de cabelo para emoldurar meu rosto, erguendo meu queixo em sua direção. Seu toque suave não é nada

perto de como me olha, das coisas que parece querer fazer comigo ou das coisas que ele me faz querer fazer com ele.

“Toda vez que olho para você, vejo algo novo.
Que me deixa mais animado do que antes e me faz te querer mais”.

Estremeço.

Minha respiração está irregular, o coração disparado, o sangue esquentando sob a minha pele. Subo na ponta dos pés e ele se inclina na minha direção. Fechar a distância entre nossos lábios é inevitável.

Ele muda o ângulo do beijo, segurando minha mandíbula para aprofundar o contato. Taylor tem um gosto único capaz de me entorpecer, e a cada segundo eu me derreto mais contra ele. É tão gostoso ter sua língua quente e exigente, sacudindo e brincando com a minha.

Quanto mais profundo se torna o beijo, mais difícil se torna respirar. Meu sangue corre rápido, aquecendo minha pele e outras partes específicas. Embora sua mão apenas aperte minha cintura e a outra mantenha meu rosto inclinado para receber mais do seu beijo, sinto seu toque em todos os lugares. Meus membros tremem e eu me sinto caindo em câmera lenta, paradoxalmente ganhando velocidade a cada segundo.

Seguro seu lábio inferior entre os meus, me sentindo ousada a ponto de puxá-lo com os dentes. O grunhido que abandona seu peito me atinge em cheio. Minhas pálpebras pesam, mesmo estando fechadas; o calor e a adrenalina ganham espaço e

devastam meu corpo, concentrando-se no meu baixo ventre no espaço de um segundo.

— Oh, Taylor...

Ele me beija com mais força, arrancando sons abafados e rendidos de mim. Não consigo respirar, e não me importo. Puxo seu corpo para mais perto pelos cabelos, apertando minhas mãos contra os fios. O aperto das suas mãos se torna mais vigoroso quando desliza para os meus quadris, provocando.

Deus, vou derreter em seus braços.

Desintegrar.

Sinto seus músculos com os dedos, apreciando os relevos fortes e rígidos e como seu coração parece fora de controle, acelerado contra a palma da minha mão. Deslizo mais, apreciando o desenho das linhas que dividem seu abdômen, mesmo sob a camisa, até atingir a fivela do cinto.

Taylor interrompe o beijo. Ofegante, desejoso, os olhos ardendo de paixão. Eu gemo frustrada, resfolegando, querendo mais. *Precisando* de mais.

Somos uma bagunça incrível agora.

— Não quero parar — confessa, rouco.

Puxo uma respiração profunda, esquecendo tudo que não faz parte disso aqui enquanto estou presa aos seus olhos.

Só existe nós.

Nosso apartamento.

Nossa vida.

Taylor e Amber.

Nossa gravidade particular.

— Então não para.

— Você tem certeza?

Ele não está me perguntando apenas se estou certa de *ir pra cama* com ele, está erguendo a mão e me pedindo silenciosamente para pular, para baixar todas as defesas e confiar plenamente. Para me desprover de toda e qualquer camada de autoproteção.

Taylor está prestes a me fazer voar tão alto que corro sérios riscos de romper a atmosfera. Hoje estrelas vão cair e céus vão desmoronar, algo intenso está prestes a surgir do encontro de luz e sombras. E eu mal posso esperar por isso.

Pode não parecer uma decisão sensata, mas meu coração grita tão alto sua resposta que se sobrepõe a toda cacofonia dos meus pensamentos.

Eu quero isso.

Quero ele.

Quero tudo que possa me dar pelo tempo que puder.

— Tenho certeza — sussurro.

Nossos lábios estão roçando um no outro, roubando ofegos e respirações entrecortadas, ansiosos para se juntarem novamente. Suas mãos continuam em mim, em carinhos lentos e sensuais que tornam meu raciocínio lento. É impossível formar ideias por mais de dois segundos com ele me olhando assim.

— Amber... — Ele chama quando fecho os olhos. — Depois disso, não haverá volta.

Assinto, lambendo os lábios.

— É um acontecimento importante.

— Eu sei.

— Vou te machucar... mesmo sem querer. Provavelmente, vai doer muito.

Engulo em seco por um momento, mas ele não está falando do meu coração. Acho. E meu hímen não é culpa dele.

— Sei disso, Taylor. Quero você mesmo assim. — Seguro seu rosto. — Mas você tem que ficar menos nervoso do que eu para isso funcionar.

Seu sorriso é tenso.

— Só preciso que tenha certeza.

— Eu tenho. Quis isso desde que me beijou pela primeira vez. — Apoio minha testa na sua. — Agora, apenas quero mais. Então, só volte a me beijar, tá bom?

No segundo seguinte, sua boca está novamente na minha. Um som de alívio e desejo preenche por completo o ambiente, e ao som desse sentimento crescente e assustador, Taylor e eu pulamos. Rumo ao desconhecido, a profundezas lindas e escuras, sem saber ao certo o que esperar do nosso salto de fé.

O salto de fé

“Primeiro você precisa
É isto o que você ganha por se apaixonar
Então você sangra
Você ganha um pouco, mas nunca é suficiente
De joelhos
É isto que você ganha por se apaixonar
E agora este garoto está viciado
Pois seu beijo é a droga”

(Bad Medicine – Bon Jovi)



Amber

“Sobre todas as coisas que eu demorei para acreditar
Sobre o amor, a verdade
E o que você significa para mim
E a verdade é, querida, você é tudo que eu preciso
Eu quero deitar você em uma cama de rosas”

Estamos no quarto, ainda embalados pela melodia romântica que ecoa da sala, e não vejo sinal do nosso cachorro em lugar nenhum. Abro a boca para perguntar, mas meus neurônios desistem de reagir.

Taylor está ajoelhado aos meus pés.

Ele ergue a cabeça com um olhar de apreciação enquanto passeia pelo meu corpo até encontrar meus olhos. Meu vestido está em suas mãos, deslizando até meus pés nesse instante. Ergo o pé direito e depois o esquerdo, coberta apenas pela lingerie preta agora.

— Uau... — sua voz está rouca.

Seus dedos tocam a calcinha na região dos quadris, resvalando levemente na minha pele. Puxo uma respiração, contendo qualquer vontade de me cobrir. Ele já me viu assim antes. Não era uma situação glamurosa, mas aconteceu. Sem contar o episódio do biquíni e da vista acidental dos meus seios.

— Você já me viu de calcinha e sutiã antes — eu digo. — Viu mais do que isso, na verdade.

— Mas essa é a primeira vez que está se despindo para mim.

Sorrio.

— Ainda não estou pelada.

— Posso dar um jeito nisso.

Seus polegares se engancham nas laterais e ele desliza a renda para baixo, até meus tornozelos, me obrigando a levantar os pés assim como fiz com o vestido.

Imaginei que fosse se levantar e me puxar para cama, ou ao menos tirar meu sutiã já que tem uma afeição especial pelos meus seios. Mas ele tem outros planos, e continua de joelhos.

Suas mãos em minha cintura deslizam até a minha lombar, pesadas e firmes. Sua confiança ao me tocar, me acalma. Ele aperta os dedos e um gemido alto escapa quando me beija... lá embaixo.

Oh, céus!

Apoio minhas mãos em seus ombros, amassando o tecido da camisa. Ofego em surpresa quando sua língua começa a me percorrer. Minhas pernas estão trêmulas, não tenho certeza se consigo fazer isso de pé.

— Taylor... — chamo baixo, gemendo.

Minhas pernas vacilam, mas ele não para, trabalha com ímpeto contra mim e desce as mãos atrevidas até o meu bumbum, me pressionando contra seu rosto. Quando cobre meu ponto de tensão com a língua e começa a sugar regularmente, gemo seu nome mais alto, empurrando e puxando sua cabeça, sem conseguir me decidir.

É demais.

Mas não quero que pare.

Eu morreria feliz com ele me beijando assim.

Por que diabos isso é tão bom?

Oscilo de novo, tremendo.

Céus, não posso confiar nas minhas pernas.

— Taylor... — Arfo. — Não consigo...

Uma lambida generosa faz cada parte no meu corpo estremecer, sinto o arrepio me percorrer da ponta do pé até os fios do cabelo. O som da sua boca e língua em contato com a minha pele é a coisa mais erótica que eu já ouvi.

— Oh, meu Deus...

Ele não desiste, apenas aumenta a pressão de suas mãos, dando a segurança de que não vou cair. Calor me invade, consumindo de dentro para fora. Minhas pernas se flexionam, tesas e trépidas, e meu corpo oscila de novo. O ambiente é preenchido por cada gemido meu, cada vez mais agudo, até que me curvo contra ele.

Meu corpo pulsa em contato com a sua língua, contraindo e relaxando. Estou ainda mais molhada quando ondas quentes explodem, me cegando por um instante.

Caramba!

Suspiro, e não tenho força para abrir meus olhos até Taylor se erguer, sem deixar de me amparar. Se ele me soltar, vou cair, tenho certeza. Sou apenas uma massa orgástica em suas mãos depois dessa onda de prazer. Ele beija meus lábios lentamente, e sentir aquele gosto estranho em sua língua faz meu rosto aquecer.

— Adoro... quando me beija... aqui embaixo — digo, arfante.

— E eu adoro sua expressão depois de gozar.

Seu polegar traça meu rosto, os olhos se fixam nos meus, inspecionando. E lá está ele, lambendo seus próprios lábios como se estivesse deliciado pelo meu sabor e quisesse guardar cada vestígio.

Coro mais, e mordo o lábio para não gemer.

— Preciso que esteja molhada e pronta, amor...

Céus, agora mesmo que vou desabar.

Taylor me chamou da palavra com A.

— Será desconfortável de toda forma, e eu sinto muito — ele continua. — Mas assim será mais fácil para você.

Pisco, tímida.

— Com certeza, eu não estou reclamando.

Um sorriso satisfeito se desenha em seus lábios. Suas mãos apertam gentilmente meu ombro e viajam até o fecho do sutiã, retirando a peça com facilidade. Ele está cara a cara com meus mamilos de novo, e devo dizer, eles o cumprimentam calorosamente.

Taylor suspira, as pupilas completamente dilatadas.

Meus peitos ganham do bolo de chocolate, afinal.

— Certo, eu adoro tudo em você, mas seus peitos... — Suas mãos moldam meus seios, uma em cada um, em um aperto gentil.

Gemo em aprovação, tonta pelo desejo dentro dos olhos dele. — Eles são minha parte favorita.

— Que tal você me mostrar a *minha* parte favorita? — Minha voz sai fraca, menos sexy do que planejei. Ele sorri, no entanto. Sobretudo ao notar que estou encarando a sua virilha.

Taylor volta a me beijar e mal noto meus pés se moverem até sentir o colchão abaixo de mim. Suas mãos estão em todo lugar, acariciando e apertando, mas sempre voltam até meus seios. Descobri que sou mais sensível do que pensava nessa região, especialmente quando ele aperta a pontinha, fazendo choques explodirem minhas terminações nervosas.

Deslizo os dedos pela extensão das suas costas e sinto o tecido incômodo entre nós. Bufo, inconformada. Isso precisa sair. Preciso dele pelado. Com dificuldade, movo minhas mãos e começo a desabotoá-la. Bufo na quinta casa porque ainda há diversas outras pelo caminho e a tarefa parece levar uma eternidade.

— Por que tantos botões?

Taylor ri do meu choramingo, enquanto beija meu pescoço. Impaciente, agarro a barra e forço o tecido a sair, subindo pela sua cabeça. Ele me ajuda, ainda sorrindo, mas acho que estraguei uns dois botões. Quem se importa?! Esqueço-me totalmente da condição de sua roupa quando tenho toda aquela pele exposta à minha disposição.

O Sr. Oito Gominhos chegou.

— Você é tão lindo... — digo baixo, mais para mim do que para ele.

— Não tanto quanto você.

Seguro seu cinto, sorrindo em apreciação à sua resposta. Tento algumas vezes, sem obter muito sucesso. A apreensão gira em meu estômago, em ondas que me estremecem e fazem meus dedos vacilarem contra a fivela.

— Droga! Da próxima vez me espera pelado.

Ele ri, mas para quando sua mão cobre a minha.

— Está tremendo...

Não há como mentir quanto a isso.

— Estou.

— De nervosismo?

— Um pouco.

— Isso quer dizer que mudou de ideia?

Encaro seus olhos tão preocupados.

— Não, apenas... — Sorrio, nervosa. — Esse é meu grande momento, não é? Acho que por ter demorado tanto, criei muita expectativa.

Taylor coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha e isso me faz sorrir, é como se quilos de tensão deixassem meus ombros apenas por esse gesto, por mais bobo que isso possa parecer.

— Espero conseguir atingi-las...

Seus lábios me beijam de leve.

Sorrio, voltando a mão para o seu cinto.

— Me ajuda a tirar isso.

Ele trabalha comigo contra o cinto e juntos conseguimos vencer, no segundo seguinte Taylor está coberto apenas por uma boxer preta. Suas mãos afastam meus joelhos, e ele se aconchega

novamente contra mim. Quando se inclina, pressionando nossos quadris, eu fecho os olhos.

Os movimentos são sutis, quase um experimento, da mesma forma que fez quando me flagrou dançando. Mas ele está tão duro, esfregando-se em mim enquanto seus beijos vão me aquecendo que, mesmo estando nua, sinto calor a ponto de começar a transpirar. Estou muito molhada agora, o que piora gradativamente conforme ele acha uma ótima ideia descer seus dedos mágicos até o meio das minhas pernas.

— Taylor... — Gemo, perdida.

Espalmo seu peito e ofego.

— É bom, não é?

— Hm... Uhum...

— Você está tão molhada... — ele grunhe, chupando minha pele com mais pressão. — Tenho vontade de descer e chupar sua boceta outra vez.

— Oh, Deus...

Ele tem uma boca suja, sempre teve, e eu *realmente* adoro isso. Especialmente quando está me beijando e apertando meus seios.

— Você é uma coisinha deliciosa. Tão doce... — Seu som de apreciação me faz gemer também. — Ainda posso sentir seu sabor na minha língua.

Sua boca se arrasta, plantando beijos molhados, sugando minha pele. Estou sensível, e com suas palavras, não demora muito para meu corpo voltar a tremer, as pálpebras pesando. Arquejo mais alto, apertando a cabeça contra o travesseiro, minhas costas formando um arco ao se afastarem do colchão.

— Ahh, assim... Bem assim...

Taylor é tão bom com os lábios correndo por mim, os dedos se movendo nesse ritmo perfeito. Não controlo mais minha boca, que se resume a sons inteligíveis e incentivos para que continue. De repente, não paro de chamar seu nome.

Quase...

Quase.

Quase!

Então ele para, tão rápido quanto começou. Bem quando estou prestes a agarrar uma estrela e partir novamente em mil pedaços. Mas eu não consigo mais alcançá-la, ela está se afastando de mim.

Abro os olhos, confusa. Mal consigo engolir, sentindo cada pedaço necessitado do meu corpo. Mas noto que estou apertando seus bíceps com frustração, minhas unhas curtas cravadas em sua pele.

— Taylor...

— Não vou te deixar gozar.

Resmungo algo que sequer eu entendo.

Não consigo pensar direito.

— Quer tanto assim... que eu use a palavra *pênis*?

Sua risada me atinge, embora ele esteja rígido contra a minha coxa e tenho certeza, ansioso por sua libertação. Conheço bem esse homem, a ponto de saber o prazer de quem será prioridade essa noite.

— Foi mais fácil do que eu pensava, na verdade. — Seus beijos continuam marcando minha pele em vários pontos. —

Embora eu gostaria de ouvir uma palavra mais safada do que essa classificação anatômica, nem usei todos os meus atributos ainda...

Choramingo.

— Podia começar a usar.

Seu sorriso me beija e eu me agarro mais a ele, cogitando agarrar sua mão e arrastá-la novamente para o meio das minhas pernas. Quando Taylor faz, é muito mais gostoso do que quando estou sozinha. Depois de me tocar algumas vezes, ele sabe a velocidade e pressão que gosto, sabe como deixar todos os dedinhos dos meus pés contraídos, antes de me partir em milhões de pedaços.

Contento em deslizar os dedos pelo seu corpo. Acaricio a pele, sinto a textura dos pelos arrepiados, aperto cada músculo que encontro pelo caminho, e não perco a oportunidade de traçar as veias saltadas que me fazem derreter. Sinto o abdômen se retesar com a minha exploração e seus suspiros de prazer atingirem meus ouvidos. Seu gemido é baixo e pesado, intenso e contido, assim como ele.

— Preciso de você no limite do prazer...

Ele beija um ponto atrás da minha orelha e eu fecho os olhos. Meu corpo treme e meus quadris rebolam em busca de contato, provocando um grunhido em Taylor quando me esfrego nele.

— Eu me sinto assim... — argumento ansiosa.

— Não, ainda não... — Ele beija seus seios, brincando com a língua na minha parte mais sensível. — Quero que fique tão louca para gozar que vai ansiar por um contato mais profundo. Necessitando que eu esteja dentro, amor. Duro e me movendo.

Arquejo.

Tudo bem, é um bom plano.

Um ótimo plano.

Mas não vai funcionar se eu morrer antes.

Ele continua com o toque, dedilhando o meio das minhas pernas até me deixar na borda de novo, e então para novamente. Agarro mais forte ao seu corpo, me movendo impaciente abaixo dele.

— Olha para mim...

Abro os olhos, piscando algumas vezes.

Demoro a me focar nos seus.

— Não te quero de olhos fechados porque tudo que você vai sentir a partir de agora é uma surpresa, o que vai fazer com que seu corpo reaja em choque. — Eu assinto lentamente. Amo o jeito como me olha. — Quero que me olhe o tempo todo e tente relaxar. Diga se for demais.

Assinto outra vez e seguro a barra da sua boxer, forçando o tecido para baixo. Ele não deixa de me olhar sequer um segundo, e vendo minha determinação se sobressair ao nervosismo, Taylor permite que eu o deixe nu.

Encaro seu membro imponente, saltado e duro entre nossos corpos. Toco por um instante, ainda encantada, embora não seja a primeira vez que faço isso. Eu amo essa parte dele, sem dúvidas. Adoro a textura da pele, adoro a rigidez e os sons que ele faz sempre que movo para cima e para baixo. Sua expressão entregue com pálpebras pesadas e lábios entreabertos me leva tão alto quanto seus dedos.

— Olhar para você assim, nua e excitada está acabando comigo... — Ele ofega, afastando a minha mão. — Piora, com esse

seu olhar guloso e mãos em mim. Me tocar agora *realmente* não é uma boa ideia.

Ele pesca um dos dois pacotes laminados na mesa de cabeceira. De fato, cuidou de tudo. Taylor se prepara para rasgar a embalagem com os dentes, o que por si só me deixaria ensopada. Seria sexy, eu posso imaginar. Mas o impeço, roubando o pacote de suas mãos.

— Posso colocar? — peço, erguendo o tronco.

Seus olhos me analisam antes de assentir. O tempo que leva para confirmar, faz minhas bochechas se colorirem pelo rubor. Taylor está respirando com dificuldade, e o brilho em seus olhos aumenta ao perceber o tom róseo na minha pele.

— Sabe como pôr?

— Só treinei com bananas. Sabe, treinamento de IST's no colégio.

— Então tire da embalagem e desenrole como se meu pau fosse uma banana, lembrando de apertar a ponta para tirar o ar.

Entorto os lábios quando minha mente volta a pensar em bananas e beringelas. Taylor *definitivamente* não é uma banana.

Retiro o preservativo da embalagem e seguro sua ereção. Minhas mãos estão trêmulas de antecipação, mas por mais cuidadosa que eu seja, a droga não desenrola. Levo alguns segundos para notar que está do lado errado.

Suspiro, pegando o outro pacotinho.

Taylor está com a mandíbula tensa, os olhos fixos em mim e nas minhas mãos, praguejando baixinho.

Abro a embalagem, estudando com cuidado, e desta vez coloco do lado certo. Desenrolo desajeitada, com dedos hesitantes,

levando um longo tempo. Vou cobrindo sua pele com pequenos avanços, receosa que algo possa dar errado. Pularia deste prédio se essa fosse a última embalagem que ele comprou e eu acabasse estragando.

Desenrolo.

E desenrolo.

E desenrolo.

Assim que alcanço a base, respiro aliviada, deitando novamente e encostando nossos quadris. Taylor joga a cabeça para trás e geme, inclinando-se para mim em seguida. Seus olhos estão tão escuros que parecem negros agora.

— Puta merda, Amber!

Pisco confusa, sabendo que coloquei certo agora.

— Eu arrancaria essa camisinha agora mesmo — sua voz é tão rouca e baixa que sinto meus batimentos dobrarem a frequência —, apenas pelo prazer de te ver colocando outra.

Mal consigo reagir a suas palavras quando sinto seu corpo se alinhando ao meu. Gemo baixinho, apreciando o contato e seus lábios voltando a distribuir beijos pelo meu pescoço. Ele só precisa pressionar para frente, e então será o meu primeiro.

Taylor respira fundo e parece tentar se concentrar. Ele afasta a boca da minha pele para pairar com o rosto sobre o meu, a milímetros de distância. Seus olhos estão fixos nos meus, a boca resvala na minha e sinto uma gota de suor deslizar pelo seu pescoço e tocar meus dedos que o agarram em um aperto firme.

— Pronta?

Seus lábios roçaram nos meus quando perguntou, e meu suspiro morre em seus lábios no segundo em que respondo:

— Pronta.

A pressão aumenta, e uma queimação desconfortável atravessa meu corpo. Tento me concentrar, encarar seus olhos e mergulhar dentro deles, isso sempre me acalma. Mas não agora, há dor ascendendo pela minha espinha e sinto as lágrimas se acumularem em meus olhos com o pequeno avanço.

Devíamos ter tentado com um dedinho antes.

— Está doendo... — murmuro.

Taylor também parece sentir dor ao me olhar.

Sua respiração está pesada, e as sobrancelhas estão curvadas para baixo.

— Quer que eu pare?

Agarro seus quadris e nego, incentivando-o a continuar. Será desconfortável e doloroso de toda forma, então prefiro sentir isso com ele. Taylor empurra mais um pouco e a queimação aumenta, em um impulso, tento fechar as pernas. Foi um ato involuntário, impedido pelo seu quadril, mas ele para de se mover e acaricia meu rosto com cuidado, me dando um momento.

Respiro fundo algumas vezes.

— Continua...

— Vou empurrar mais forte agora, tudo bem? — sussurra ele. Apenas aceno em resposta. — Me aperte, me agarre, faça o que for preciso quando doer, ok? Não me importo se gritar.

Suspiro, tentando me preparar. Sua boca encontra a minha e me beija profundamente, rouba um suspiro e me deixa sem fôlego, ávida por acompanhá-la. Me distraio com sua língua acariciando a minha, seus lábios castigando os meus, as pequenas mordidas e chupadas que fazem meu corpo trepidar. É quando sinto uma

pontada intensa e cravo minhas unhas em seus braços. Um grito me escapa e eu ofego com força, piscando rápido demais e me descuidando ao deixar uma lágrima cair.

Como dói...

— Já entrou tudo?

A ruga em sua testa é toda resposta que eu precisava.

— Nem metade, amor.

Gemo, chorosa, puxando outra respiração profunda.

— Por que você tinha que ser tão grande?

Seu sorriso é uma mistura de culpa e diversão.

— Você é pequena aqui embaixo. Mesmo molhada como está, é complicado — ele diz suavemente. — Mas vai me agradecer daqui um tempo.

Encaro seu rosto, desconfiada.

— Mesmo?

— Mesmo.

— Promete?

Taylor empurra mais um pouco, e eu choramingo, cravando minhas unhas curtas com mais força.

— Prometo, amor.

— Dói demais... Muito mais do que eu pensava... — Puxo o ar. — Você não pode empurrar de uma vez?

— Não é assim que funciona. Preciso ir aos poucos.

Suspiro, mas o som parece mais com um grunhido. Taylor limpa meu rosto com o polegar, mas outra lágrima cai quando ele avança mais um pouco.

— Ajuda... quando você me beija — eu murmuro.

Sua boca volta para a minha e seus dedos descem até o meu clitóris. Tento relaxar, e com seus movimentos circulares provocando ondas de prazer por mim, chego perto disso.

Ele continua a empurrar aos poucos, aumentando a pressão com que me beija e me toca conforme o desconforto também aumenta, lendo habilmente minhas reações. Uma pontada forte me atinge assim que ele se afunda um pouco mais, essa é mais intensa do que as outras, e eu sufoco outro grito em seu pescoço, fechando os olhos.

Esse é o momento.

O grande momento.

— Cacete... — Ele solta o ar ruidosamente quando entra por completo, apoiando a testa no meu ombro.

Respiro fundo, meu corpo se acostumando a tê-lo dentro de mim. Forço meus olhos a se abrirem para encará-lo, deixá-lo ver o quanto é bom tê-lo finalmente aqui. Onde ninguém mais esteve. Fundo como ninguém, senão ele, conseguiria.

Estou completamente cheia.

De todas as formas.

Meu corpo está trêmulo abaixo do seu e faz um ótimo conjunto com seus músculos tensos. Taylor apoia melhor os joelhos, mas seu corpo continua sobre o meu. Sinto seus dedos afastarem a franja do meu rosto e então seus lábios estão na minha têmpora, depositando um beijo carinhoso.

— Amber... — ele sussurra.

Uma palavra.

Uma prece.

Uma infinidade de sentimentos.

Como ele consegue me afetar desse jeito?

Como consegue fazer uma palavra que sai da sua boca perfurar minha pele e marcar profundamente a minha alma?

Como pode me fazer ter essa vontade absurda de morar para sempre dentro do seu coração?

— Escute, — ele olha fundo nos meus olhos — de todas as maneiras que importam, você é a minha primeira. Entendeu?

Deslizo as mãos para o seu peito e tento relaxar os quadris.

Sinto que posso explodir de emoção.

— Entendi.

— Você está bem?

Assinto, embora ainda arda e seja dolorido.

— Pode se mover.

— A ideia de sentir prazer sem você não me agrada.

Toco seus cabelos, daquele jeito que o faz gemer baixinho, e encaro seus olhos para dizer que está tudo bem. Quero perder a virgindade direito, quero saber como ele é me amando.

Taylor me analisa e exala pesadamente.

As arremetidas se iniciam. Ele desliza, entrando e saindo em um ritmo moderado. Lenta, profunda e apaixonadamente. Não precisa dizer com palavras para que eu entenda que está fazendo amor comigo.

Seus lábios me beijam, relaxando meu corpo um pouco mais a cada instante. Ele se inclina mais ao me ouvir suspirar, tomando o cuidado para manter o ângulo em específico que aquece meu corpo de dentro para fora, tornando a penetração o menos desconfortável possível.

— Ainda está doendo muito? — pergunta com a voz fraca.

Seu rosto está ligeiramente contraído e ele arqueja, atingindo meus lábios com o ar quente e excitado que deixa sua boca. Os músculos das costas, por onde minhas mãos passeiam, se tornam mais tesos a cada investida. Ele está se controlando tanto... e eu o adoro por isso.

— Está. Mas quando você sai é bom...

Ele apenas assente.

Não há nada a fazer quanto a isso.

Para sair, ele precisa entrar.

Precisa doer para ser gostoso.

Deslizo minhas mãos para sua lombar quando ele afasta mais meus joelhos e começa a rebolar. O movimento me pega de surpresa, e meu corpo se tenciona com força pela tentativa de ganhar espaço.

— Puta merda... — ele pragueja, a voz estrangulada. Seus olhos estão bem apertados e a respiração rápida.

— Tudo bem?

— Eu... eu deveria estar... te perguntando isso.

— Fiz algo errado?

Seus olhos se abrem quando suspira, parece estar sendo torturado. Então ele nega, o pomo de adão movendo-se enquanto engole com dificuldade.

— É só que... É difícil com você me apertando desse jeito... — Taylor empurra para dentro mais uma vez e geme baixo. — Você está quase sufocando o meu pau... Tenho certeza que não há mais sangue na minha cabeça... — Ele sai de dentro de mim, suspirando ao entrar de novo. — Ao menos não na de cima...

— Desculpa...?

Ele sorri, gemendo.

— Vou te agradecer daqui a um tempo.

Tento relaxar, aproveitando a sensação quando ele se inclina para beijar meus seios. Sua língua toca meu mamilo intumescido e eu ofego, apreciando a onda de calor que o gesto traz. No segundo em que Taylor repete o movimento, rebolando dentro de mim, bem devagar agora, eu gemo baixinho, aprovando o gesto.

A cada vez que desliza para dentro e sua língua passa pela minha pele, beijando e marcando, voltando periodicamente para minha boca, meu corpo distensiona. Então, novas sensações me invadem, ganhando espaço.

Está ficando mais gostoso agora.

— Taylor... — sussurro.

— Sabia que seria assim... — Ele chupa meu pescoço com força. — Perfeito. *Você* é perfeita. Tão apertada e quente...

Adoro a sensação do seu corpo movendo-se contra o meu e até me arrisco a tentar encontrá-lo. Cada gemido de Taylor, cada grunhido desesperado me leva alto. Estou extasiada com a forma entregue e lânguida com que me olha, como se eu fosse uma espécie de paraíso. Completamente espetacular.

Suas mãos agarram o lençol ao redor da minha cabeça com força, mas os quadris se esforçam para manter o mesmo ritmo. Ele está tremendo, ansioso e excitado, da cabeça aos pés.

— Tudo bem... — sussurro, fechando os olhos por um momento.

— Amber... — Não sei dizer se é uma advertência, ou apenas um grunhido. Só sei que adoro. A voz sexy de Taylor chamando meu nome é oficialmente minha coisa favorita no mundo.

— Pode ir mais rápido.

— Não sei se...

— Já não dói tanto.

— Provavelmente você... — ele geme, investindo de novo — não vai gozar... assim.

Acaricio seu peito e o toco com meus lábios, imitando os beijos e sucções que faz no meu pescoço. A penetração ainda é desconfortável, mas quando me beija ou arrasta os dedos por mim, sinto que posso sim agarrar uma estrela.

— Amber... — Ele grunhe. — Está me apertando de novo, amor...

Não é de propósito. Mas meus músculos internos estão se contraindo. São como meu diafragma, agindo sem consentimento.

— Pode ir mais rápido — sussurro contra sua boca, agarrando seus cabelos.

— Cacete...

O último fio de controle que afugentava seus músculos se esvai. Um rugido profundo escapa do seu peito e ele me beija com paixão, movimentando-se mais rápido. Resfolego, tentando acompanhá-lo, perdida demais nas sensações.

Mesmo meio fora de si, Taylor se lembra de me acariciar, fazendo círculos pequenos pouco acima de onde me invade. Seu toque reduz grande parte do incômodo e me faz ficar cada vez mais molhada, o que torna as coisas muito mais fáceis.

Em momento algum, seus olhos desviam dos meus.

— Juro que nunca senti nada bom assim, Amber...

Gemo contra seus lábios, sem saber como voltar a respirar. Seus dedos estão fazendo ser bom, e de repente a dor está

escondida em uma segunda camada. Quando volta a me beijar, sou um montinho respirante, ofegando e gemendo, puxando seu corpo para mais perto, deliciada com seu beijo e com cada grunhido do seu prazer.

— Não para... — peço sem fôlego.

Ele me toca no ritmo certo até meu corpo retesar e relaxar, convulsionando. Acho que solto um gritinho, não sei dizer. Mas tremo ao seu redor, sentindo meu corpo amolecer enquanto mergulho no seu olhar.

Seus movimentos fortes se tornam erráticos, e posso ver como saber que conseguiu de um jeito me fazer *chegar lá*, mexe com ele. Taylor inclina o rosto para trás e meu nome deixa seus lábios em forma de um sussurro rouco e perdido, enquanto goza dentro de mim. Achei que vê-lo tocando as estrelas através da minha mão fosse lindo, mas assim... Pairando em cima de mim, gemendo com os olhos fixos nos meus, ele tem seu melhor estado.

Fecho os olhos, repentinamente me sentindo mais vulnerável e sensível do que jamais me senti. Ainda estou com os olhos fechados quando o sinto deslizar para fora, uma sensação desagradável me invade quando ele se vai, seu corpo grande e quente deixando de me cobrir. Os segundos se alongam e a sensação se intensifica. Então escuto o som do chuveiro e me abraço, sem coragem de fitar o quarto vazio.

Sem ele, faz frio.

— Anh! — gemo surpresa, abrindo os olhos.

Encontro Taylor com uma toalha úmida nas mãos, concentrado em sua tarefa. O tecido está dobrado e morno, e noto que o barulho do chuveiro cessou. Ele desliza por entre as minhas

pernas com cuidado, reverência, enquanto segura um dos meus tornozelos. Minha ficha cai, percebendo que ele se afastou por isso.

Sorrio, emocionada.

É o *príncipe-Taylor* aqui, e ele está cuidando de mim.

— Saiu sangue? — pergunto baixinho.

— Não muito. A colcha ainda está limpa.

Ele me analisa, correndo os olhos por cada parte de mim. Percebo certa apreciação, mas há muito mais dentro dele agora. É como se precisasse ter certeza de que estou bem, inteira depois de tudo.

— Como está se sentindo?

— Cansada — digo, ampliando o sorriso.

Ele não sorri de volta.

— Está bem?

— Vou ficar melhor se voltar até aqui e me abraçar. Estou com frio.

Seus ombros estão tensos, mas ele faz o que peço. Abandonando a toalha, Taylor nos cobre com o lençol após se deitar, trazendo meu corpo para próximo do seu. Ele abraça forte a minha cintura e me permite escutar cada batimento do seu coração.

— Você não está arrependido, não é? — pergunto em um fio de voz.

Essa possibilidade enrijece meus pulmões por alguns instantes.

— Não. Com certeza, não.

Solto o ar.

— Há uma parte de mim que gosta de ser o seu primeiro — ele continua. — Algo neandertal e idiota, mas eu realmente me sinto

assim. Só precisava verificar como você está.

— Estou bem.

Apoio minha mão em seu peito e faço círculos imaginários. Seus dedos começam a deslizar pelas minhas costas.

— É, mas você gritou... chorou...

— E senti prazer — ressalto, porque ele fez ser bom. — Estou ótima, Taylor. E nada arrependida. Você foi perfeito.

Posso sentir seu corpo relaxando, os músculos distensionando e sua respiração se tornando mais calma. Seus carinhos são bons e a forma como sua respiração bagunça o topo dos meus cabelos parece simplesmente incrível. Tudo parece ampliado nessa nova intimidade recém descoberta.

É gostoso ficar assim, pelados.

— Quero que você fique assim para sempre... — eu me ouço confessar.

Ele me aperta mais.

— Nunca deixe de ser tão sincera, tão transparente. — Sua voz é apenas um murmúrio antes de seus lábios beijarem meus cabelos. — Nunca deixe de pedir tudo o que você quer, especialmente para mim. Quero cuidar bem de você.

Sinto meus olhos marejarem de um jeito feliz.

Há algo entalado no meu peito.

Algo gritando para sair.

Palavras que já não podem mais ser ignoradas.

— *Je t'aime*[JR2], Taylor...

Seu corpo move um pouco, mas sua respiração continua calma.

— O que isso quer dizer?

Sorrio e escondo meu rosto em seu peito, sem respondê-lo. Sei que já me ouviu dizer isso antes em telefonemas com a minha família, e que não sabe o que significa. Isso é perfeito, na verdade. É uma corda de proteção para nosso salto sonhador. Taylor Holt passou literalmente de um estranho charmoso, divertido e orgulhoso, para um sonho.

Meu sonho.

Alguém importante.

Insubstituível.



Amber

Há vozes.

Vozes altas e gritando.

Alguém está animado.

Ou bravo.

É, com certeza, bravo.

— Acho melhor não entrar assim...

— Eu tenho o *direito* de entrar assim. — O som feminino é estridente.

— Só estou dizendo que pode acabar vendo algo que não quer. E, se acontecer, a culpa será toda sua.

— Minha?

— Claro, isso é invasão de privacidade.

— Cale a boca!

Isso, calem a boca.

Agarro meu travesseiro rígido, quentinho e respirante. Ele tem um cheiro bom e me abraça de volta, não quero sair daqui

nunca mais. Meus músculos parecem feitos de borracha, não me sinto capaz de levantar um dedo. Há uma sensação profunda e diferente entre as minhas pernas, e eu me espreguiço, apertando as coxas juntas para sentir aquilo de novo.

Para lembrar depois.

Suspiro e sorrio, relaxada, mesmo que as vozes ao redor continuem gritando.

Por que eles não calam a boca?

Quero o silêncio de novo.

Meu quarto tem cheiro de sexo. Cheiro de sexo e Taylor. Quase me sinto tonta com essa mistura inebriante. Quero engarrafar a fragrância para *brincar* sozinha depois. O cheiro é puro feromônio.

Feromônios de um homem alto, gostoso e... hum... duro.

Sorrio mais.

É o lance de ereção matinal e tal, eu sei. Mas por mais que tenhamos dormido abraçados antes, Taylor é respeitoso em manter *O mastro* longe de mim. *Acho que ele vai gostar mais desse nome do que de P.* Mas não hoje, hoje eu posso subir e descer minha coxa, sentido seus suspiros em sono profundo. Descer a mão e até...

— AMBER!

Levanto-me sobressaltada, o coração batendo em um ritmo frenético. Pisco algumas vezes, confusa e atordoada. Quando volto à clareza, quero me afundar de novo nos lençóis. Com sorte, desaparecer. Nunca testei, mas pelos anjinhos amigos do papai, meu guarda-roupa bem que podia ter uma passagem para Nárnia.

— Você.... você... — Mamãe está atônita.

E eu petrificada. Devemos ser um espetáculo à parte porque tio Luca não consegue cessar o riso. Pela algazarra, Taylor também se levanta, meio grogue, coçando os olhos pelo sono. Quando se foca em nossa plateia, ele fica lívido.

— Por que toda essa risada? — May aparece, abrindo espaço entre Luca-risonho e Mamãe-raivosa, para ter uma vista privilegiada. — Ahhh! — Ela ri, correndo os olhos entre nós até se concentrar explicitamente em meus seios. — Hm... melhor se cobrir amiga.

Acompanho seu olhar e gemo de vergonha ao ver meus seios descobertos. Meus mamilos são exibicionistas, não há outra explicação. Não melhora eu me lembrar que estou completamente nua embaixo do lençol. Taylor é quem reage primeiro, puxando o tecido para cima e me cobrindo, sem fazer nenhum movimento brusco. Afinal, ele também está peladinho por baixo do pano.

Ah, ótimo. Não caiu meteoro, mas o papai bem que caprichou no castigo.

— Mãe... não é o que você está pensando!

Dona Bárbara cruza os braços, os olhos faiscando.

Tudo bem, foi uma frase feita e falaz. Afinal, acho que ela está pensando exatamente o que aconteceu. O homem mau deflorou sua garotinha. Exceto pela parte do homem mau, claro. Não é como se eu pudesse culpá-la, no entanto. Deveria ter sido mais franca sobre o que estava acontecendo entre nós. Mas nem em um milhão de anos, eu esperava que fosse aparecer mesmo aqui. Não de surpresa e com a corja inteira em companhia.

— Ah, é mesmo? — Ela arqueia uma sobrancelha. — Então se eu puxar esse lençol não vou encontrar os dois nus embaixo?

— Pela barraca armada dele, eu acho que vai... — tio Luca comenta.

Taylor se apressa em pegar o travesseiro e colocar sobre o colo.

— Hum... bom dia! — ele diz, hesitante, me fitando como se gritasse socorro. *Vai ver foi por isso que eu nunca namorei...*

Engulo com dificuldade, sem saber como lidar com a situação. Olho para May que abre um sorrisinho e mostra o polegar em aprovação. Claro, agora não há mais teias de aranhas aqui embaixo, apenas músculos doloridos. Enfim, isso não ajuda.

Mamãe examina Taylor.

— Eu prometi cortar o que tem no meio das pernas se desrespeitasse a minha filha, não foi? — Ela dá um passo à frente. — Está preparado para ser castrado?

Agora sim, ele está mais branco que papel.

Meu deus do céu!

— Sra. Fontaine...

— Ele não me desrespeitou, mamãe — digo, tomando a frente da conversa. É minha família, afinal.

— Ah, não? E como passou de um simples hóspede A UM CARA-DORMINDO-NA-SUA-CAMA? Eu bem que desconfiei com aquele episódio da toalha... — Ela suspira, exasperada. — Está acontecendo desde aquela época?

— A toalha foi um acidente — argumenta Taylor, defendendo-se.

— Ah! Estão falando da vista panorâmica daquela santa bunda, né? — May comenta. É claro que não segurei a língua dentro da boca e contei para ela.

Que arrependimento!

— Como assim toalha e... bunda? — Tio Luca está confuso. — O que foi que eu perdi?

A visão do paraíso.

Bom, parte dele.

Jesus, alguém me mata!

— Um acidente. — Mamãe responde, sem tirar os olhos de nós. — Ao menos, foi o que disseram. Agora eu já não tenho certeza.

Eu me encolho, puxando mais um pouco de tecido.

— Olha, eu quis... — Minha voz desceu uma quarta. — Ele não me compeliu. Ao contrário, foi muito gentil e respeitoso.

— Certo, acho que já basta disso. — É tio Luca quem diz. — Vamos esperar vocês na sala, meu bem. Se recomponham e vistam uma roupa, ok?

— Amber...

Tio Luca interrompe minha mãe com um olhar, colocando um braço em seu ombro para irem em direção a sala. Fecho os olhos por um instante, agradecendo a sensatez dele. Levar bronca pelada é cúmulo!

May continua plantada, com um sorriso que aumenta a cada segundo. Seus olhos vagueiam entre mim e Taylor, mas se fixam nele quando se espreguiça. Precisava mostrar os músculos se alongando nessa barriga sarada?!

— May? — eu chamo.

Ela pisca.

— Certo, ele é mesmo lindo. — May ri, olhando para mim. — E você parece ter se aproveitado muito de *tudo isso* noite passada.

Antes tarde do que nunca, hein?

Minhas bochechas esquentam, tingidas de cor.

— Podemos conversar depois?

— Ah, claro. Mas assim... — Ela examina meu estado por um momento. A julgar por como me sinto, devo estar acabada. Bom, acabada e satisfeita. — Quantas voltas no pirocóptero?

Meus olhos quase saltam das órbitas. Taylor ao meu lado, abafa uma risada. Ele já voltou a cor normal, eu ainda sou pura vergonha.

— May, por favor.

Ela ri.

— Certo, você me conta os detalhes sórdidos depois. — Ela se vira para Taylor. — Espero que tenha cuidado dela, ouviu? Sido realmente gentil e a feito gozar pelo menos três vezes.

Dito isso, minha prima sai, fechando a porta. Deixo meu corpo cair novamente nos travesseiros, gemendo. Não alegremente como na noite passada, infelizmente.

Sinto as mãos de Taylor afastarem os fios do meu cabelo.

— Pelas minhas contas, você gozou duas vezes — ele comenta. — Eu até me redimiria agora. Quer dizer, meio que tinha planos de te acordar com minha cabeça entre suas coxas, mas acho que isso não será mais possível.

Sinto um arrepio percorrer minha espinha.

Droga.

Mais um motivo para ficar brava.

— Sinto muito por... Bem, isso foi... — Faço uma pausa, procurando palavras. — Inesperado.

— É uma forma de descrever. Você está bem?

Giro a cabeça, o bastante para olhá-lo. É injusto eu estar dolorida, consumida e despenteada enquanto ele parece tão pleno e relaxado, não é? Juro que acordou mais belo essa manhã.

— Com o fato da minha mãe ter nos flagrado na cama? Oh, claro, ótima!

Ele sorri, geralmente é ele quem usa do sarcasmo.

— Estou falando sobre o que fizemos ontem.

— Ah! Isso.

— É, *isso*. Espero que não tenha se arrependido.

Eu disse que estava bem ontem, mas o medo velado em sua voz ainda está aqui essa manhã. Pela traição de Yasmin e as coisas que teve que testemunhar no prostíbulo, eu posso entender. Sua visão sobre sexo foi realmente deturpada ao longo dos anos.

— Não, claro que não — eu repito. Toco sua mão, que traça meu rosto com carinho e enlaço nossos dedos. — Você foi perfeito. Mesmo.

— Que bom. Está dolorida?

Minhas bochechas enrubescem um pouco mais.

— Estou, mas de um jeito bom. Acho.

Taylor sorri e se inclina na minha direção. Ele vai me beijar nos lábios, mas eu me viro no último segundo, recebendo um beijo estranho na orelha e uma risada.

— Acho que você nunca se esquivou de um beijo meu antes...

— Preciso escovar os dentes — eu digo, sorrindo.

Ele ri ao ouvir a minha justificativa.

— Tudo bem.

— E é melhor nós levantarmos.

— Aham. Você primeiro.

Pisco, compreendendo a situação. Se eu me levantar, terei que correr pelada até o banheiro. Isso, ou arrastar o lençol e deixar Taylor nu, já que não faço ideia de onde está o vestido que eu usava ontem. Gosto muito mais da segunda opção, mas acontece que ele é muito mais forte do que eu, conseguiria agarrar o tecido sem dificuldade.

— Você não vai segurar o lençol... vai?

Um sorriso perverso dança em seus lábios.

— Eu já te vi pelada. Noite passada, se não se lembra.

Suspiro.

— Eu sei. Mas estava meio escuro e o tesão que sinto por você nublou meus pensamentos.

— Hum... — ele geme. — Achei sexy seus lábios falando *tesão*, quer tentar dizer...

— AMBER! — O berro vem da sala, interrompendo qualquer coisa depravada que Taylor iria falar. Mamãe está impaciente.

— Certo, precisamos *mesmo* nos aprontar.

— É, precisamos. — Ele continua sorrindo.

Bufo, contanto a até três e correndo até o banheiro com o travesseiro tapando meu bumbum. Bato a porta quase tão forte quanto bate meu coração. Ouço a risada de Taylor e outra reprimenda da minha mãe, questionando nossa demora. Tive que abrir mão da vergonha, imagina só se trago o lençol para o banheiro e mamãe, inquieta, abre a porta do quarto?! Seria um desastre!

Bom, um desastre maior.

Céus!

Faço minha higiene matinal e tomo um banho rápido, notando que estou inchada entre as pernas. Sorrio, enquanto me enxugo, agradecendo as toalhas limpas que mantenho no banheiro. Meio que me sinto diferente hoje.

Saio encontrando Taylor vestido com uma calça, ainda sentado na cama e sem camisa. Olhos sonolentos e cabelos despenteados combinam muito com ele, tenho vontade de arrumar os fios e segurar seu rosto para lhe dar um beijo.

Pego um vestido limpo na cômoda, passando pelo corpo antes de arrancar a toalha. Taylor me observa, dono de uma intensidade penetrante. Cada movimento meu é acompanhado por seu olhar atento, que desliza pela minha pele como se me tocasse enquanto me movo. Quando chega a vez da calcinha, engancho um pé, depois o outro, remexendo um pouco os quadris para conseguir colocá-la sem mostrar nada.

Ele suspira.

— Acha que tenho tempo de tomar um banho...

— Claro.

— ... frio?

Eu rio.

— Preciso lidar com eles agora. Apareça quando estiver recomposto e — encaro sua virilha — você sabe, não *tão* acordado.

Taylor se levanta com um sorriso charmoso, vindo até mim. Sua mão envolve minha cintura e ele puxa meu corpo até estar bem próximo ao seu, meus seios quase pressionando seu tórax. Suspiro quando sua cabeça pende para baixo e sinto seus lábios tocarem meu pescoço em um beijo calmo. Estou engolindo em seco quando

ele se afasta, o bastante para encontrar meus olhos, e planta um beijo casto de bom-dia, antes de marchar até o banheiro.

Resfolego, saindo do transe quando ouço o chuveiro ser ligado. Decido pegar um elástico e prender meus cabelos em um coque frouxo, sentindo o quarto repentinamente quente. Corro os olhos pelo lugar, notando como está bagunçado, e sorrio ao notar nossas peças de roupa jogadas ao chão.

Então escuto resmungos atrás da porta.

Certo. Hora de lidar com a fera.

Saio do quarto fingindo uma tranquilidade que não estou sentindo. Mamãe está de pé, os braços cruzados e a feição inconformada. Ela é linda, possui poucas linhas de expressão, apenas algumas marquinhas ao redor dos olhos. Parece muito mais jovem do que realmente é. Mas se continuar apertando o queixo assim e franzindo tanto a testa... isso vai mudar em breve.

Tio Luca está relaxado, envolvido com algo no celular. May é a única sorrindo, minha amiga está orgulhosa e animada para falar da minha vida sexual recém descoberta. Já posso imaginar a enxurrada de perguntas.

— Hum... então... — Troco o peso de pé. Os três estão me encarando agora. — Fizeram boa viagem?

— Ótima — May responde. — Mas com certeza sua noite foi bem melhor do que a minha.

— E falando nisso, estou chateado por nunca ter recebido uma foto. — Tio Luca reclama em tom sentido. — Ricardo, não iria se importar, sabia? Aposto que adoraria olhar também.

Suspiro, mamãe é a única calada.

Lábios tão rígidos que estão quase sumindo de tão apertados.

Não é um bom sinal.

— Mãe... — Dou um passo à frente. — Eu ia contar sobre a gente.

— Mesmo? Quando? Quando eu tivesse netos?

Tio Luca ri.

— Está exagerando, Babi!

Mamãe bufa.

— Amber, você me assegurou que estava fazendo isso para ajudá-lo, que eram apenas amigos. — Ela me lembra e eu encolho os ombros porque é verdade. — E agora estão juntos?

— Mais ou menos.

Não estamos oficialmente namorando, não houve um pedido. Ele me chama de *amor*, mas sei como Taylor pode ser carinhoso.

— Percebe como isso soa? Ou você mentiu para mim ou ele se aproveitou de você.

Suspiro.

— Ninguém se aproveitou de ninguém, mamãe.

— Seu estado... — May ri, apontando para mim — discorda. Você está adoravelmente aproveitada.

Faço uma negação para ela, implorando para que fique quieta.

— É, e esse chupão no seu pescoço concorda — tio Luca aponta.

Ai, droga! Corando eu solto o elástico, deixando meus cabelos caírem para tapar o pescoço da inspeção alheia. May e meu tio não veem como Dona Bárbara está prestes a jogar Taylor

pela janela deste apartamento? Ou a me levar de volta à França pelos cabelos?

— Juro que não estou mentindo — eu continuo. — Ele foi um cavalheiro ontem e eu quis que acontecesse.

Mamãe me olha com mais cuidado.

— Não me importo que tenha namorados, filha. O amor é uma coisa linda. Mas não vê como a situação é complicada? — Ela suspira. — Ter uma amizade como base, antes de um relacionamento, pode ser ótimo. Quanto mais vocês se conhecem, mais confiança terão um no outro e isso é muito importante para um casal. Mas ele não é só um garoto por quem está interessada, vocês estão morando juntos. Você é jovem demais para dividir a vida com alguém, meu amor.

Crispo as mãos na frente do corpo e assinto.

— Eu entendo, mas não foi programado — argumento. — Taylor veio morar aqui porque precisava de ajuda e eu me sentia sozinha, apenas isso. Então fomos construindo uma amizade e... bom, as coisas simplesmente aconteceram.

— Ah, a sua mãe sabe bem como é isso — tio Luca diz.

Dona Bárbara apenas rola os olhos pelo comentário, sem deixar de me encarar.

— É divertido ficar com ele. Nós conversamos, temos uma rotina e acabamos nos beijando. Sei que parece absurdo, mas foi gradativo. — Coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Eu gosto dele, mãe. Gosto muito.

Céus, eu confessei mais do que isso noite passada.

Disse que o amava, e não me arrependo nem um pouco.

— E eu gosto dela. — A voz de Taylor atrai nossa atenção.

Ele sai do quarto e para ao meu lado. Está arrumado, vestiu jeans e um suéter azul escuro que realça seus olhos. Há uma sombra de barba em seu maxilar e queixo, mas o cabelo está disposto naquela bagunça charmosa. Seu olhar caí em mim primeiro, e ele sorri apertando meu ombro em apoio.

— Parece que estou vendo um remake do passado... — Tio Luca comenta.

O clima estranho paira no ar, Dona Bárbara não desistiu de analisar a mim e Taylor nada sutilmente. Eu alterno o olhar entre eles, sem saber se ofereço um café ou corro para fora do edifício. Parte de Taylor, com certeza ainda está tentada a fazer a segunda opção. Pelo olhar de May, relaxada no assento, falta apenas uma pipoca para o show ficar completo.

— Ah... onde está nosso cachorro? — pergunto a Taylor, tentando dissipar o clima com um assunto leve. Nada como um cãozinho adorável para distraí-los, não é? — Senti falta dele, não o vi em nenhum lugar.

— Na lavanderia. Já vou tirá-lo de lá.

— Coitadinho!

Taylor sorri.

— Coloquei água, comida e mudei a cama dele para lá. Assegurei que ficasse confortável por algumas horas.

— Mesmo assim.

— Não queria que ele ficasse latindo enquanto... — Taylor limpa a garganta, encarando minha mãe por um instante antes voltar a me olhar. — Bom, não queria uma criança envolvida... no programa dos adultos.

May e Tio Luca gargalham.

Mamãe não.

Claro que não.

Taylor coça a nuca, desconfortável, e sai para buscá-lo. Mamãe acompanha seus movimentos e quando volta a me olhar, eu abro um sorriso, recuando alguns passos em direção à cozinha. Acho melhor começar a pensar em uma rota de fuga.

— Onde pensa que está indo? — ela pergunta.

— Provavelmente, saltar pela janela — May diz com uma careta. — Acho que nós a assustamos.

— Eu disse que deveríamos ter batido — tio Luca argumenta. — Não é porque você tem uma chave reserva, que deve usá-la.

— Hum... Querem café? — eu pergunto. — Consigo fazer alguns biscoitos rápidos também. Se não tiver farinha, posso ir ao mercado buscar.

Eles sorriem, como se tivessem provado um ponto.

— Já está perto do almoço, meu bem — Tio Luca diz olhando para o relógio.

Droga.

— Só um café então?

— Poderíamos almoçar fora depois — May sugere.

Mamãe se move, assentindo para a minha surpresa. Ela caminha até mim e beija minha testa, sussurrando que estava com saudade. Aspiro seu cheiro e sorrio, envolvendo meus braços em sua cintura para abraçá-la. Apesar de todo constrangimento e as várias perguntas que ainda teremos que responder, é tão bom tê-la aqui. Todos eles, na verdade. É como ter um pedacinho de casa.

Ela se afasta, indo em direção a cozinha.

— O que vai fazer?

— Vou fazer o café e conversar um pouco com esse rapaz. — Mamãe informa, sem deixar brechas para argumentação. — Por que não fica aqui? May e Luca estão com muita saudade, creio que você também.

Olho para a minha prima e meu tio, depois para a entrada da cozinha.

— Hum... É, tá... claro.

O que mais eu poderia dizer?



Afago as orelhas do cachorro. Ele comeu toda a ração, mas ainda há um pouco de água na tigela, então creio que passou a noite bem.

Sei que eu passei.

As lembranças da noite de ontem estão marcadas firmemente em mim. Quando pedi à minha irmã para distrair Amber, estava determinado a elevar as coisas a outro nível. Ela sempre demonstrou como confiava em mim, como sentia vontade de finalmente romper barreiras e me ter como seu primeiro, então sendo impossível ficar afastado dela, o mínimo que eu poderia fazer era tornar a noite especial. Mas, porra, eu não estava preparado psicologicamente para tudo aquilo. Soube no instante em que nossos olhos se encontraram, ainda no estúdio de dança, que iríamos fazer amor, que eu iria adorar seu corpo, beijar e tocar cada parte até que estivesse pronta para me acomodar.

Essa consciência foi insignificante quando finalmente me afundei dentro dela pela primeira vez. Juro que meu coração errou uma batida. Foi além de Amber ser tão apertada e o sentimento crescente por ser o único homem a estar ali. Foi a forma como me olhou, como o canto dos seus lábios formaram um pequeno sorriso, como gemeu baixinho tentando me trazer para perto, como estava preocupada em como eu estava me sentindo, mesmo a noite sendo sobre ela e não sobre mim.

É terrível fazer esse tipo de comparação, mas o sexo nunca foi tão eufórico. Estive apenas com uma garota, mas minha experiência poderia ter sido vasta e ainda sim desconfio que nada seria comparável ao que tivemos ontem. Algo transcendental, uma conexão tão forte que expandiu cada minúsculo centímetro do meu coração.

Suspiro, apoiando as mãos na lavadora.

Céus, ela é uma delícia! Linda com aquelas pernas torneadas pela dança, os seios do tamanho exato para as minhas mãos ou minha boca, e como reage tão sensível a mim, cem por cento entregue. Não fiquei surpreso quando chupei sua boceta pela primeira vez, em como fiquei embriagado com o seu sabor e como soube que poderia fazer aquilo durante toda uma noite, sentindo quase tanto prazer quanto ela. Mas a forma como ela me apertou quando eu estava dentro... Puta merda, aquilo me deixou de joelhos.

Amber é como um torno quente, molhado e deliciosamente apertado, contraindo ao meu redor. A ideia de sentir prazer sem ela, realmente nublou meus pensamentos, sobretudo porque sei como é difícil para uma garota ficar relaxada o bastante para conseguir

gozar na primeira vez. Não preciso ter estado com uma virgem para saber como a tensão pode atrapalhar o orgasmo. Isso, sem levar em consideração o meu comprimento, que mesmo com todo cuidado, a alargaria de forma desconfortável. Mas quanto mais confortável ficava, mais ela me apertava, mais contraía e relaxava ao meu redor, e então foi como se ordenhasse o meu orgasmo, como se o encantasse para fora.

Tenho certeza que nunca gozei tão duro antes.

Thompson literalmente me fez ver estrelas.

Já ouvi algo sobre essas contrações, alguns caras do time falavam abertamente sobre as garotas com que transavam e ouvi algumas histórias no vestiário sobre as que tinham controle sobre esses músculos. Pelo que eu entendi, é algo que necessita ser praticado, então não imagino como Amber pode ter aperfeiçoado isso. Ou se vai acontecer de novo, já que ela disse não ter sido intencional.

De toda forma, abraçá-la depois foi igualmente bom. O sangue me aterrorizou por um pequeno instante, por mais ínfima que fosse a quantidade. Até que percebi como minha postura rígida a estava afetando, a ponto de ela perguntar se eu estava arrependido. O quão babaca isso era? Fui até ela e a abracei ao seu pedido, abrandando finalmente quando sorriu e assegurou que estava bem.

Dormimos juntos diversas vezes, mas essa foi a primeira vez em que adormeceu nua, embalada no meu abraço. Ela não sabe, mas caiu no sono muito antes de mim. Passei ao menos uma hora admirando-a, apreciando cada rastro do seu rosto e corpo. Como os cabelos estavam bagunçados de se esfregarem no lençol, como os

lábios estavam inchados, e como suas maçãs estavam coradas. Como sua perna esquerda ergueu para enlaçar meu quadril, ressaltando a curva deliciosa da sua cintura, ou a forma como o punho que acariciava meu peito perdeu força até finalmente pousar. Amber adormeceu ao som das batidas do meu coração tão apaixonado que mesmo estando nos meus braços, ela ainda foi a estrela dos meus sonhos. Ela passou literalmente de uma garota tagarela e colorida, que afastava meus pesadelos, a alguém que trouxe os sonhos de volta para a minha vida.

Alguém importante.

Insubstituível.

Depois, veio toda essa confusão. Meu rosto se contrai em uma careta involuntária ao pensar na bizarrice que essa manhã tem sido. O revés do flagrante após uma noite maravilhosa. Isso sem contar a péssima impressão que eu já havia causado à sua mãe com o acidente da toalha.

Fiquei realmente apavorado, especialmente pela ameaça. O olhar daquela mulher não mentia, sei que acabaria comigo sem hesitar pela filha. Isso me trouxe mais estima do que temor, após o susto cessar. Afinal, isso é mais do que posso dizer sobre a minha, mesmo sendo o que toda mãe deveria fazer por um filho.

Saio do meu torpor ante o latido do cachorro, que me fita como se reclamasse. Abro a porta da lavanderia e ele imediatamente corre para fora. O som das patas contra piso para rápido, e quando saio, encontro o animal sentado, abanando o rabo para a mãe de Amber.

A Sra. Fontaine sorri, acariciando o pelo acastanhado da cabeça do animal por alguns instantes. Ao contrário da minha

relação com a sua filha, a existência do cachorro não lhe é surpresa. Amber contou que o resgatamos e que estávamos cuidando dele durante um telefonema.

Os olhos dela se erguem para mim, o sorriso findando.

— Precisa de ajuda? — Eu ofereço.

Ela se delonga para responder, e a cada segundo que passa me encarando, questiono se não deveria erguer a mão e me apresentar adequadamente. Não que o bom uso da etiqueta faça diferença agora.

— O café...? — diz finalmente. Sequer é uma pergunta completa.

— Ah, Amber o deixa aqui.

Abro o armário de baixo, o mais próximo da pia.

— Na cabeça dela, o café precisa ficar longe da farinha de trigo e perto do açúcar — comento com um sorriso, que logo fica tenso. — Meio controlador, mas até que faz sentido.

Posso ouvir a conversa na sala, inclusive algumas risadas de Amber. De repente, quero ir até lá, tenho certeza que sua prima e tio serão mais fáceis de cativar. Mas os olhos da Sra. Fontaine permanecem em mim, analisando-me, e não tenho coragem de me mover. Não tenho certeza se é uma ameaça velada, mas ela parece estar descascando todas as minhas camadas com o olhar. Nunca pensei que fosse me sentir como cebola sendo despida, pronta para ser partida em pedaços.

— Acha que sabe muita coisa sobre a minha filha?

Dou de ombros, incerto. Seu tom não é curioso, então presumo que não seja uma pergunta amistosa. Está mais para um desafio.

— Estamos morando juntos há mais de nove semanas. — Opto por responder, mantendo o tom calmo. — É possível ter uma noção dos hábitos e manias um do outro. Especialmente as dela.

— Nove semanas... — Ela faz uma pausa longa, pegando o pote da minha mão. — Pouco mais de dois meses... Não acha cedo demais para ter ido parar na cama com ela?

Não estou usando gravata, mas juro que sinto algo se apertar em meu pescoço. A saliva desce difícil, com os músculos constritos pela apreensão. E olha que a Sra. Fontaine não faz ideia de que venho dormindo naquela cama há muito mais tempo, mesmo que o sexo propriamente dito tenha acontecido apenas ontem.

Essa é a minha primeira vez conhecendo “os pais” de uma garota. Yasmin não tinha pais vivos, então não sei qual o protocolo para a situação.

Limpo a garganta.

— Nós nos conhecemos há mais tempo do que isso — eu argumento, mas a frase parece estúpida ao deixar meus lábios.

Sua sobrancelha se ergue em desafio.

— Não deixa de ser pouco tempo.

Ela mexe na cafeteira, posicionando o filtro descartável dentro do aparelho e três colheres do pó de café. Eu me afasto para pegar um pouco de água filtrada e coloco ao seu lado para que possa terminar o serviço.

— Escute, Sra. Fontaine, eu sinto muito pela situação comprometedora que nos encontrou. Sei o que parece, especialmente depois do incidente da toalha e sabendo que estou aqui acolhido. Mas... — Puxo uma respiração, procurando boas

palavras. — Só posso dizer que gosto dela, e que não tenho a mínima intenção de machucar a sua filha.

Suas mãos se apoiam na pia por um momento.

— Às vezes, amar não é o bastante. — Ela me olha. — Dirá gostar, Taylor.

Seu tom é duro, mas vejo certa emoção nos seus olhos quando diz isso. Talvez, estivesse pensando no marido. Mal posso imaginar como deve ter sido difícil perder alguém que se ama tanto, que se escolheu dividir a vida.

— Eu sei, vi o amor ser insuficiente outras vezes.

Suas sobrancelhas se curvam para baixo, o olhar surpreso. Está tentando assimilar o que há por detrás das minhas palavras, mas ao contrário dela, não estou me referindo a um amor passional.

— De toda forma, o que quero dizer é que são muito jovens.

— Eu entendo, e compreendo como dois jovens podem parecer inconsequentes e pueris aos seus olhos. Nós normalmente somos. — Cruzo os braços, aprumando a postura. — Mas, por sorte, idade nunca foi uma questão de maturidade. Sou jovem, mas sou um homem, não pretendo agir como um moleque com Amber.

Ela dispõe um pouco de água e liga o aparelho, girando o corpo para ficar frente a frente comigo. Está ereta, altiva e me encara com mais curiosidade do que aversão agora.

— Só os tolos se acham sábios.

Abro um sorriso pequeno.

— Não foi o que quis dizer.

Pela forma como me olha, ela compreendeu, apenas não dará o braço a torcer. Não esperava mesmo que apenas algumas

frases fossem o bastante para conquistar sua confiança. Amber vale ouro, ela tem razão de se preocupar.

— Então diga como pretende agir. Por favor, estou curiosa.

Novamente seu tom é carregado de desafio.

É como caminhar em um campo minado.

— Sim, nós dormimos juntos. Mas eu não tocaria um dedo nela se não tivesse sentimentos por ela. Pode ser pouco tempo, mas o que quer que eu diga frente a isso? Nossa conexão não precisou de mais para se desenvolver. É como se... como se tivéssemos uma linguagem própria. — Digo sério, sendo sincero em cada palavra. — Com exceção da minha irmã, a única família que tenho, Amber é a única pessoa que eu quero ver quando a noite chega ou quando o dia se inicia. É a única que quero conversar e que me preocupo com o bem-estar. Isso deve significar algo.

Desta vez, são os lábios da Sra. Fontaine que quase se erguem em um sorriso. Mas ela não permite, apenas assente.

— Eu imagino que sim. — Ela avança um passo. — Mas se machucar a minha filha, faço questão de cumprir minha promessa e te deixar infértil, ouviu?

Concordo, ainda sentindo meus ombros tensos.

— Não vai acontecer.

— Ótimo. Você mencionou — ela agita a mão em um gesto banal —, essa coisa da organização dos armários. Amber tem algumas destas manias desde muito cedo.

Sua expressão se suavizou com as lembranças.

— O quarto dela sempre estava impecável, mesmo quando criança — continua. — Os brinquedos organizados, os livros na

estante... Amber não dormia se as princesas não estivessem dispostas em ordem de nome na prateleira.

É incrível como posso vislumbrar essa imagem com clareza.

Como apenas esse pensamento me faz sorrir.

— Ela é adorável. Tem umas manias mais... excêntricas hoje em dia, como a ordem das almofadas na sala, o tempo no micro-ondas e até uma lista de boa convivência que criou. — Brinco, apontado para o papel na geladeira. — Às vezes isso me preocupa um pouco, mas eu gosto de tudo nela, até mesmo disso.

Felizmente, sua mãe não ficou curiosa a ponto de pegar o papel que apontei. Quase me esqueci de algumas cláusulas... indiscretas que ultimamente habitam por lá. Devo dizer que gosto muito mais das novas do que das antigas.

— Ela... — a Sra. Fontaine hesita — ...ainda dança?

Essa pergunta me faz ficar sério e tenso novamente, pois percebo o tom levemente emocionado da sua voz ao perguntar.

— Não. Amber dançou apenas uma vez desde que vim morar aqui. E, bom, pareceu mais uma despedida.

Sua cabeça se move em compreensão.

— Ela amava...

— Amber me contou.

— Era uma tradição com o pai, não sabia até que ponto isso havia ficado dentro dela. Ela decidiu trazer as sapatilhas para Palo Alto, mesmo sem dançar em casa. — Há um suspiro. — Não sei o que pensei. Acho que, no fim das contas, a vocação dela é mesmo a medicina.

Coço a nuca, incomodado com o rumo da conversa. Esse é, sem dúvidas, um ponto que discordamos. Mas, provavelmente, eu

não deveria abrir a boca para discuti-lo.

Sua mãe me analisa quando fico repentinamente quieto.

— O que foi?

— Nada, eu só... — Balanço a cabeça. — Nada.

Não sou convincente.

— Por favor, diga. Há algo que eu não sei?

Respiro fundo, desviando o olhar para a sala de estar. Seu tio e prima estão brincando com o cachorro, retirando pétalas de rosas de sua boca. Merda, a surpresa ainda está toda montada, com as velas e rosas no chão.

Amber parece sentir a intensidade do meu olhar, pois gira o pescoço e inspeciona a mim e sua mãe sem muita discrição. Ela não pode nos ouvir, mas sua testa levemente franzida é um sinal de como está preocupada pela nossa demora.

Volto-me para a Sra. Fontaine.

— Não posso dizer por ela. E a senhora como mãe, deve conhecê-la muito melhor do que eu. — Pauso, ainda hesitante. — Mas se quer minha sincera opinião, não acho que Amber seja feliz cursando medicina. Foi apenas uma forma que encontrou para não deixar o pai ir completamente, e por ser uma ideia tão bonita, todos aceitaram.

Sua mãe nega, os olhos demonstrando confusão.

— Amber escolheu isso, eu não a forcei.

— Eu não disse isso.

— Ninguém forçou — ressalta, a voz subindo uma quarta. — Ela fala nisso há tempos, planejou a vida toda para alcançar esse objetivo.

— Ela não gosta de Anatomia humana. Detestou histologia, embriologia... Não sou um médico, mas tenho uma irmã a caminho de ser e a maioria dos estudantes gosta ao menos de uma dessas matérias.

O vinco entre suas sobrancelhas se torna maior, os olhos turvos, repletos de incompreensão.

— Ela adorava biologia no colégio...

— E suponho que essa era a matéria favorita do pai dela.

Pela forma com que me olha, está compreendendo meu raciocínio.

— A matéria que ela mais se identificou foi ética médica, que tem muito mais a ver com moral e história do que com a área da saúde — eu continuo. — Ela vive essa rotina diariamente, e em nenhum momento, eu vejo um sorriso quando fala da futura profissão. Apenas quando pensa como esse fato agradaria o pai. — Olho para Amber novamente, que dessa vez está rindo com a prima. — Ela é viciada em autocobrança, Sra. Fontaine. O sonho dela não é Stanford, é viver em função de orgulhar o pai.

Sua mãe parece sem ar e os olhos estão muito marejados. Um silêncio constrangedor invade a cozinha, sendo quebrado apenas pelos ruídos da cafeteira. Talvez, eu não devesse ter falado, mas de repente pareço possuído pela língua sem freio de Amber e me vejo continuando, incapaz de deixar o ar tenso que nos cerca perdurar.

— Sei que investiram muito nela. E como disse, é apenas uma opinião. Não quer dizer que seja verdade. — Sinto obrigação de dizer. — Mas é o que vejo todos os dias sempre que olho para

Amber. Acho que concorda comigo quando digo que o futuro dela vale mais do que um punhado de dinheiro.

A Sra. Fontaine solto o ar ruidosamente.

— Dinheiro não é problema.

— Claro que não...

Elegantemente, ela limpa os olhos marejados. Nenhuma lágrima caiu de fato, mas estava prestes a acontecer. Noto agora como são incrivelmente parecidas. As maçãs do rosto e o sorriso, os olhos Amber deve ter puxado do pai, os da Sra. Fontaine são esverdeados.

— Por que esse tom? — inquere ela.

— Se eu quisesse trocar de curso ou minha irmã desistisse de cursar medicina, isso seria complicado. Temos bolsas aqui, não podemos simplesmente sair e procurar outra área, pagar uma matrícula e reiniciar as mensalidades. — Explico. — Mas vocês podem. E se ela não é mesmo feliz aqui fazendo isso... acho que deveriam.

Novamente, seus olhos estão analisando os meus.

— Não sei porque, mas você parece tratar o dinheiro como algo tão fútil como a quem possui. — A Sra. Fontaine comenta.

Mordo a língua.

— Me desculpe. Não quis ofender.

— Não ofendeu. Só quero que saiba que ela, — aponta na direção de Amber por um instante — realmente teria condições de arcar com várias faculdades de medicina. Temos, sim, uma situação muito confortável hoje. Mas ela se esforçou muito para chegar até aqui, tanto que conseguiu uma bolsa pelas notas, assim como você e sua irmã.

— Ela... — Agora sou eu quem está atordoado. — Ela nunca me contou.

Sua mãe abre um sorriso.

— Ela não aceitou, não cogitou a ideia sequer por um momento. Amber sabe o valor do dinheiro e das injustiças da vida mesmo sem ter experimentado a dureza por trás disso, o pai dela e eu nos encarregamos disso. — Ela dá um passo à frente. — Então, por favor, se gosta mesmo da minha filha, não a veja apenas como um rostinho bonito. Ela é muito, muito mais do que isso.

Engulo com dificuldade, meu rosto arde pela vergonha. É óbvio que não vejo mais Amber assim, apenas como uma garota mimada, mas escolhi péssimas palavras. Sem dúvidas, mereci esse tapa moral de sua mãe.

Saber disso, que negou algo que conseguiu por mérito e decidiu arcar com a vaga... É estranho que esse fato faça algo no meu peito se expandir, não é? Que seu gesto altruísta transforme o *gostar* em algo maior. Muito maior. Que me faça querer puxá-la para os meus braços nesse instante e beijá-la, olhar fundo em seus olhos para ver aquele brilho específico de quando olha para mim.

— Eu sei. Ela é incrível.



Amber

— Só enfia na boca.

— Eu nunca fiz isso antes, Thompson!

— Bom, sabe que a melhor forma de aprender é fazendo, certo?

— Isso quando se sabe por onde começar.

Eu suspiro, rindo.

— Taylor, é só colocar os lábios em volta e chupar. Não é tão complicado.

— Isso é meio nojento, e você sabe!

— Concordo, mas é uma delícia. — May assegura, entrando na conversa. — Tem esse líquido meio viscoso, mas é realmente gostoso. Você só precisa dar uma chance. Não dá pra dizer que não gosta sem provar.

— Eu me apaixonei assim que provei. — Tio Luca concorda. — Aliás, você poderia usufruir logo disso e passar para mim?

Taylor suspira, emburrado. Então estica a língua, colocando a ostra apoiada nela e chupando o conteúdo para dentro. Estamos no restaurante há alguns minutos, e May insistiu em pedir uma porção de frutos do mar. Assim que Taylor comentou nunca ter provado antes, eu tive que insistir.

— E então, bom? — pergunto.

Ele mastiga o molusco, meio contrariado. Então nega, forçando-se a engolir. A careta que faz em seguida é hilária.

— Argh! Isso é péssimo!

É a primeira vez que minha mãe dá um sorrisinho. Não é mais que um levantar de lábios, mas é significativo. Ela também não gosta de ostras.

Rio, enquanto Taylor toma dois copos de água e se concentra nos camarões, a única coisa que pedimos que ele realmente gostou.

— Estou muito feliz que vieram — digo à minha família. — Eu estava com tanta saudade...

— Sei que faltam pouco mais de dois meses para você voltar à França, querida, mas não pude aguentar. — Mamãe estica a mão para segurar a minha. — Precisava ver você.

Sorrio, mas sinto Taylor ficar tenso ao meu lado. Ainda não sei como as coisas ficarão entre nós quando o semestre acabar e eu voltar para Paris. Ainda terei o apartamento aqui e voltarei para o próximo semestre, mas serão quase três meses separados pelo recesso. Não em Estados distintos, mas com um oceano entre nós.

— Não aguentava mais conversar com você apenas pelo telefone ou por videochamada. — May faz uma careta. — Paris é um tédio sem você!

— Note que, por você, ela desconsiderou a Torre Eiffel, o Louvre e outras maravilhas históricas que, em geral, é o que faz as pessoas se apaixonarem pela cidade luz. — Tio Luca brinca, e toma um gole do seu vinho branco. — Realmente, uma bela declaração de amor. Você que se cuide para superar essa, rapaz.

Taylor ri ao meu lado. Fico feliz que esteja mais confortável com a minha família agora, especialmente com meu tio. Assim que chegarmos em casa, no entanto, vou querer saber o que tanto conversou com a minha mãe. Eles demoraram tanto para fazer aquele bendito café que sequer tomamos.

— Vocês pretendem ficar? — pergunto.

May assente, mas é minha mãe quem explica:

— Um ou dois dias. No Hilton Garden, o lugar mais próximo que conseguimos do seu apartamento.

— Disseram que o restaurante interno deles é ótimo. — Tio Luca comenta. — Estou ansioso para provar a torta de noz pecã.

Mamãe cutuca as costelas dele com o cotovelo.

— Deixa Genô ouvir essa heresia! Se você contar que alguma torta de hotel é melhor do que as dela, ela vai me proibir de te dar um pedaço sempre que mandar uma para minha casa.

É uma brincadeira, mas o clima fica pesado.

— Logo ela estará fazendo novas tortas, você vai ver... — Ele assegura com tom terno.

Olho para os três, sem entender.

— O que aconteceu?

— Genô foi hospitalizada essa semana, problemas no coração novamente — May responde. — Terá que fazer outra cirurgia.

Suspiro e olho para mamãe sentada à minha frente. O melhor cardiologista da França não está mais aqui como da última vez que Genô precisou, isso me deixa apreensiva no mesmo instante. Ela é como uma avó para mim.

— Ela é forte. — Mamãe diz, como se precisasse convencer a si mesma e não a mim. — O prognóstico é bom. Tudo vai ficar bem.

— Tenho certeza que sim. O que será das férias no Haras sem a comida deliciosa dela? — Sorrio com as lembranças, e mudo de assunto para dissipar o clima. — E a tia Julie, por que não veio?

— Semana de moda de Milão. — May responde. — Deve estar gritando com alguma modelo agora mesmo. Ou zelando pelo ego frágil de algum estilista pomposo. Parece incrível, não?

Sorrio.

— Quase tanto quanto as roupas que ela vai nos fazer experimentar assim que voltar de viagem.

May ri, piscando para mim.

— Você não reclamou das camisolas. Ou dos biquínis.

Coro e sinto a mão de Taylor apertar a minha coxa por baixo da mesa. Ao olhar para ele, encontro suas sobrancelhas erguidas e a sombra de um sorriso, que ameaça levantar seus lábios.

— Minha torturadora... — Ele sussurra baixo, o bastante para que apenas eu ouça, acobertando o movimento com um beijo em minha bochecha.

Abafo uma risada.

— Vocês são adoráveis juntos, sabia? — Tio Luca comenta sorrindo, atraindo nossa atenção. — Formam um casal muito bonito.

— Não é? — May concorda. — Aposto que se eu perguntar, ele acerta o tamanho do sutiã dela.

Enrubesço com os comentários e, apesar de sentir o olhar de Taylor queimando no meu rosto, não me viro para ele. Não me admira quando o silêncio paira na mesa, já que nenhum de nós diz nada.

Mamãe pede licença para ir até o toalete e May inicia uma conversa com Taylor sobre o curso de teatro aqui Stanford. Noto como sutilmente, ela está se ocupando em conseguir o máximo de informação sobre ele, assim como a minha mãe, preocupada com suas intenções.

Tio Luca desliza para o assento do lado, ficando à minha frente, e se inclina um pouco na minha direção.

— Isso é preocupação, e um pouco de medo também. — Seu tom tranquilo me acalma, embora mamãe não tenha sido muito comunicativa com Taylor. — Você esconder em que pé a relação de vocês estavam não ajudou. Mas ela ama você, meu bem. E posso dizer que está começando a gostar do seu namoradinho também.

— Taylor, tio.

Ele sorri mais.

— Taylor. Pois é, acho que ela gosta dele.

Encaro Taylor que agora está rindo de algo que May disse. Acho que ouvi o nome de Anthony, o namorado dela.

— E por que acha isso? — pergunto, voltando a olhá-lo.

Tio Luca apenas dá de ombros.

— Basta olhar para ele para ver que se importa com você. Tenho certeza que Babi viu isso.

Assinto e peço licença, dando um beijo na bochecha de Taylor antes de me levantar e ir até o toalete à procura da Dona Barbara. Encontro-a de frente para o espelho.

— Mãe...

Ela me olha e sorri, estava imóvel com um batom na mão.

— Tudo bem? — eu pergunto.

— Tudo, querida.

— Você parece... contemplativa. Está chateada comigo?

Mamãe guarda a maquiagem na bolsa e faz um gesto, chamando-me para mais perto dela. Com exceção de nós, o ambiente está vazio.

— Por um garoto? É claro que não!

Assinto, deixando uma respiração tensa escapar.

— Queria que o tivesse conhecido de outro jeito. Não o bumbum dele e depois o flagrado na cama comigo.

Ela ri.

É a primeira vez hoje.

— Isso vai dar uma boa história algum dia, por mais que eu odeie admitir. — Ela toca meu cabelo, me fitando amorosamente. — Gosta mesmo dele, não gosta?

Assinto, tentando conter um sorriso.

É uma batalha perdida.

— Gosto demais.

A porta se abre e May entra com um sorriso.

— Sabe como funciona, não é? — Ela diz. — Uma mulher se levanta e todas da mesa sentem a necessidade de fazer o mesmo.

— Então você veio retocar a maquiagem também? — mamãe pergunta.

May faz careta.

— Até parece que vieram fazer isso, estão falando dele que eu sei. — Minha amiga sorri. — Sei que Tia Bárbara está um pouco receosa, mas Taylor parece ser um cara legal, Amber.

— Ele é o primeiro namorado dela, eu não tenho que gostar dele — mamãe argumenta. — Sabe que se seu pai estivesse aqui, o interrogatório seria diferente, não é? Eu sou amorosa demais, mesmo tentando não ser. Alec teria arrancado ele da sua cama a pontapés.

Nós rimos. Céus, a cena teria sido muito pior. Posso imaginar Taylor e aquela bundinha linda correndo pela rua da frente do nosso prédio e meu pai grunhindo atrás dele.

— Ele realmente é um cara legal, mas não é meu namorado — eu pondero.

Mamãe me analisa.

— Ele dormiu com você... e não é seu namorado?

Dou de ombros.

Parece pior quando ela repete.

— Taylor confessou estar apaixonado, se declarou para mim e bom... — Minhas bochechas esquentam. — Vocês viram parte do que ele montou.

— Ah, aquilo foi adorável! — May sorri. — Achei muito romântico, especialmente por as pétalas de rosas serem coloridas.

— E não foi apenas aquilo — eu conto, encantada. — Ele tentou cozinhar, mesmo sendo péssimo nisso. Acendeu velas também e até dançou comigo, mesmo tendo motivos para odiar fazer isso.

Não vou contar nada tão íntimo dele a elas, não é preciso que saibam do prostíbulo ou outras cicatrizes de Taylor para gostarem dele.

— Ele foi realmente cuidadoso com você, não foi? — mamãe pergunta, sorrindo.

Coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Sim. Taylor foi paciente e gentil... fez ser perfeito.

May suspira.

— Por favor, segura esse! Lindo daquele jeito e ainda romântico?! Só falta dizer que fala sacanagem na cama. — Ela se abana, nos fazendo rir. — Ah, e não vamos nos esquecer daquela santa bunda!

— Sempre soube que com toda essa praticidade, o romance teria que ser todo por conta do garoto — mamãe concorda.

Eu rio, envergonhada.

Elas sabem que eu teria ficado satisfeita apenas pelo seu cuidado, sem rosas e aquela surpresa tão elaborada. Entretanto, não posso negar que o fato dele ter se dado ao trabalho de pensar em algo especial me fez ficar ainda mais apaixonada.

— Anthony vai pregar essa sua boca com fita isolante quanto voltar para França — eu brinco com minha prima. — Aliás, como vocês estão?

— Ótimos. Ele é um pouco sensível demais, mas não posso reclamar. É atencioso, me levou para velejar e montou uma cesta de piquenique linda com todas as minhas comidas favoritas. — Ela sorri, satisfeita. — Acho que temos sorte.

— Eu com certeza tive. — Mamãe diz com carinho, referindo-se ao meu pai.

— Mas sério, — May segura minha mão — nesse ritmo, ele não vai demorar até fazer o pedido. E se ele se deu ao trabalho de fazer cartões à mão para a sua primeira vez, pode esperar um pedido de namoro mais doce do que os sorvetes da sua mãe.

Arregalo os olhos.

— Espera, vocês... leram?

— Eu li, porque acha que não demorei a aparecer no quarto? — May ri, engrossando a voz. — "*Estou pelado. E tenho uma coisa firme para você"*. Ele estava se referindo ao que eu estou pensando, não é?

Mamãe suspira.

— Quando estou começando a gostar dele... — ela resmunga.

Aperto os lábios.

— Na verdade não, era a sobremesa — repondo. — Fui ludibriada!

— Certo, mas tenho certeza de que você fez mais do que ver a *outra coisa firme* depois. — May ri. Ela está amando isso, esperou ansiosamente pelo dia em que um garoto fosse me tirar do prumo. — Mas ainda sobre o assunto do pedido, o que você acha, tia? Eu acho que ele deve alugar aqueles aviões que desenham com fumaça no ar. Tipo "namora comigo, Thompson?". Ah, eu achei tão fofo ele te chamar assim!

— Para o bem dele é bom que não envolva outro bilhete dizendo que está pelado à espera dela. — É o que Dona Bárbara responde.

May ri mais, e eu coro. A única coisa que me lembro de ter reclamado foi exatamente das roupas dele, de como eram difíceis

de sair e como eu queria que tivesse me esperado igualzinho veio ao mundo.

— Não exagere! — repreendo May, rindo. Olho para mamãe. — Você vai adorá-lo assim que o conhecer melhor, prometo. Ele me lembra o papai às vezes, olha para mim da mesma forma que ele olhava para você.

Os olhos dela brilham quando sorri, dessa vez.

— Que bom, meu amor. Eu fico feliz.

— Não sei o que vai acontecer desse ponto em diante, mas, com ou sem namoro, eu prometo manter minhas médias — digo firme. — Taylor não me atrapalha, ao contrário, ele me incentiva muito. E continuo mantendo meu ritmo de estudos.

— Sabe o que eu penso sobre isso... — May comenta, suspirando.

Mamãe dá um passo e emoldura meu rosto com as mãos.

— Não me importo com quantas notas A vai tirar durante seu tempo aqui, estou mais interessada em quantos sorrisos. — Ela beija minha testa, seus olhos parecem mais emocionados. — Quero que você seja feliz. Com ou sem Stanford, entendeu?

Assinto lentamente, embora confusa.

— Podemos voltar agora?

— Sim, eu estou morrendo de fome e ainda quero fazer muitas perguntas — May concorda, pondo-se a caminhar.

— Ah, pois eu também! — Mamãe ergue um dedo. — Vou dissecar aquele garoto como se fosse um sapo!

Olho para elas com os olhos arregalados. May envolve meu braço e abaixa o tom, embora eu tenha certeza, mamãe ainda possa escutar pela proximidade.

— Então... qual o tamanho? — Ela indaga, movendo as sobrancelhas.

— May.

— É grande, não é? — Ela afasta as palmas, criando um espaço vago entre elas. — Desse tamanho?

— Não vou fazer isso.

— Maior? — Aumenta a distância, arregalando os olhos verdes.

— May!

— O quê? Eu Não consegui ver os dedos dos pés dele, mas ele tem tipo uns três metros de altura. Quer dizer, logicamente, ele tem que ser enorme.

— Dois metros — corrijo. — Próximo disso.

— Então...?

Suspiro, e agarro suas mãos, movendo até estarem na distância certa. Faço com total constrangimento, mas é impossível não rir da expressão pasma da minha prima.

— Sua vadia sortuda! — ecoa com um sorriso gigantesco. — Sabe que vou cobrar todos os detalhes sórdidos mais tarde, não é?

— Não seria você se não o fizesse.

— Tem razão, mas você me deve isso.

Lanço um olhar divertido a ela.

— Posso saber porque?

— Contei o desastre da minha primeira vez com aquele infeliz do Leon que mal sabia onde enfiar aquela coisa minúscula a você — argumenta com uma careta. — Até parece que não vou querer saber tudo sobre a transa mais fofa e *longa* dos últimos tempos. *Bem longa.*

Rio, encabulada, balançando a cabeça.

Eu a amo tanto.

— Você não presta, May Fontaine!



Amber

NONA SEMANA

Acordo no meio da noite, sorrindo ao sentir o braço pesado de Taylor ao redor da minha cintura e eu, como habitualmente, deitada quase em cima do seu corpo. Com cuidado, eu me movo e consigo levantar sem acordá-lo. Ainda é noite e casa inteira está silenciosa, por isso eu ando pé ante pé em direção a cozinha, enchendo um copo grande de água.

Segurando o vidro gelado do copo entre os dedos, vagueio até a sala e apoio os quadris no estofado, abrindo um sorriso ao recordar os últimos dias.

Minha família ficou hospedada no Hilton Garden por quatro dias, antes de retornar a França. Jantamos juntos durante esse tempo, uma vez aqui no apartamento quando insisti em cozinhar e as outras noites no restaurante do hotel. Foi ótimo tê-los por perto, e

foi ótimo depois da despedida, voltar para casa de mãos dadas com Taylor e saber que eu não estou sozinha.

— Está tudo bem? — A voz rouca e áspera de sono me faz girar o rosto. — Senti assim que saiu da cama.

Contenho um sorriso.

— Fiquei com sede.

— Está bem com sua família indo embora? Pensei que depois dos últimos dias a despedida deles pudesse ser dolorosa após tantos meses de saudade.

Assinto lentamente, refletindo sobre isso.

— Acho que sim, mas foi tão bom vê-los que não consigo ficar triste — respondo com um pequeno sorriso. — May adorou você.

Mamãe foi quase simpática no fim da viagem, ainda muito superprotetora. Luca e May ao contrário, foram facilmente conquistados. Inclusive fizeram um convite informal para que Taylor conheça o Haras em breve, e como ele não possui passaporte, meu padrinho o ajudou a fazer o pedido online. O terreno que estamos pisando é muito incerto, mas não fiquei incomodada. Decidi simplesmente não pensar sobre isso.

— Nós trocamos os números de telefone — conta ele, mesmo que eu já saiba disso por May. Foi ela quem propôs, uma vez que ele está morando comigo e caso haja uma emergência, eles podem precisar contatá-lo. — A primeira mensagem que ela me mandou foi... — Ele sorri, pigarreando. — *Oi, bonitão. Você é um cara legal, admito. Mas se machucar a minha prima, eu ajudo minha tia a cortar suas bolas.*

Rio, tomando um último gole de água e colocando o copo sobre o aparador, disposto em um dos braços do sofá. Volto a encarar Taylor, e ele acompanha o movimento da minha língua ao secar as últimas gotas de água em meus lábios com interesse, fazendo meu corpo engatar uma respiração difícil.

— Ela só quer que meu coração fique inteiro — justifico.

A cabeça dele se move lentamente.

— É o meu principal objetivo também.

Deslizo os olhos em uma inspeção rápida pelo corpo que conheço tão bem e é capaz de me cobrir inteira. Assim como o toque das mãos firmes contra a minha pele e a sensações que provoca em cada célula do meu corpo.

Admiro pela milésima vez os antebraços fortes com veias saltadas, o peito amplo e o abdômen musculoso. Um contraste drástico com a minha estrutura feminina sempre que sua compleição alta e corpulenta se aproxima.

— Você acaba comigo quando me olha assim. — Taylor confessa, rouco.

Com um arfar seco, volto a buscar seus olhos.

Azuis como o mar.

Agora escuros como a noite.

— Não há uma regra nessa casa sobre você ser proibido de andar pelado? — minha voz sai fraca, perdida.

Um sorriso discreto surge em seus lábios.

— Precisa de mais roupa do que isso, Thompson? — devolve maliciosamente, e eu perco a batalha ao ceder e escorregar os olhos para fitar sua pele dourada e exposta, a exceção da calça de flanela, colada nos quadris com um volume evidente.

Deus, será que vamos fazer de novo?

Cada vez que fazemos é mais gostoso.

— Estava sonhando com o quê? — pergunto em um ofego, dando voz a minha curiosidade.

Assisto o exato momento em que seu sorriso se amplia.

— Quem disse que preciso sonhar? — devolve. — Durmo todas as noites com uma garota linda e gotosa por quem sou apaixonado, você não pode me culpar.

Estou respirando rápido, tão rápido que sinto os efeitos no meu tórax, expandindo-se. Taylor também percebe, e capta o exato momento em que a alça da minha camisola escorrega. Os olhos escuros acompanham todo o movimento, encarando a pele exposta do meu ombro como uma carícia poderosa.

Ele se aproxima com um passo firme, lento demais. Eu me afasto, recuando na mesma velocidade. Não porque eu não o quero, mas porque a forma atordoada com que me encara deixa minhas pernas bambas.

Nossas atenções nunca se desviam por completo um do outro. Em qualquer outro universo, nossos passos são próximos aos de uma dança. Uma que apenas Taylor é capaz de entender a magia dos movimentos que eu faço livremente. A coreografia de nossos corpos é perfeita, melhor do que qualquer balé que já dancei.

A camisola que, até então, não me incomodou, de repente parece apertada. Como se ao ficar excitada, tudo dentro em mim começasse a vibrar a mais fina camada sobre a pele pinicasse em incômodo.

— Essas roupas que você usa... — Não tenho certeza se refere-se ao modelo da minha camisola, ao tecido ligeiramente transparente ou a ausência de um sutiã.

— Você não gosta? — arquejo ao sentir minhas costas baterem contra a parede. Tenho certeza que meus olhos estão arregalados diante a expressão satisfeita dele.

— Gosto — afirmou com sua habitual confiança. — Gosto das que não sexys também. Mas prefiro quando elas estão fora do seu corpo. — Com os olhos fixos nos meus, ele ergue a mão até a outra alça e lentamente a abaixa, os dedos longos resvalando em cada centímetro desprotegido da minha pele enquanto provoca arrepios incontroláveis. — De preferência, no chão.

A seda desliza sem esforço, desnudando meus seios. O tecido da camisola se acumula em minha cintura, no ponto em que meus quadris começam, e eu o assisto engolir em seco, o pomo de adão a se mover lentamente ao passo que Taylor chupa os próprios lábios.

Ele volta a me encarar, e tudo o que sou capaz de enxergar dentro dele é desejo. Um desejo tão forte que sinto por todo o meu corpo, tornando a junção entre as minhas pernas dolorosamente molhada.

— E o que vai fazer agora? — questiono, lutando para respirar. — Deixar minha roupa caída no chão?

O som grave que rompe por sua garganta faz com que eu aperte as coxas, tentando aliviar parte do desejo. Posso sentir um fio de umidade escorrendo por elas, marcando a minha calcinha.

— Pode apostar, amor. — Ele se curva de leve, e passa um dos braços em volta da minha cintura, puxando-me para cima, para

junto dele, de modo que nossos corpos ficam perfeitamente alinhados. Tremo, engasgando com um gemido. Meus dedos dos pés mal roçam o chão, mas não importa. Taylor está me erguendo.
— Prefiro a realidade com você a qualquer sonho.

Sinto os lábios dele buscarem os meus, os dedos largos a se espalhar pelo meu corpo com a urgência de dois amantes que não tem tempo. Embora ambos saibamos que temos o resto da noite, e parte da manhã se quisermos.

A boca exigente para de se mover cedo demais, e um choramingo me escapa. Taylor não se afasta, apenas cola o corpo no meu, prensando-me contra a parede e intensificando o contato. Meus seios túmidos raspam em seu tórax nu, sentindo-o quente e duro. O quadril é empurrado contra minhas pernas abertas, provocando um suspiro em minha garganta ao senti-lo em todo seu comprimento e espessura.

Enfiando a perna musculosa entre as minhas coxas, Taylor me mantém de pé com seu corpo e volta a me beijar, entreabrindo meus lábios e aprofundando o beijo, buscando minha língua com a mesma avidez que suas mãos me apertam e se arrastram pelo meu corpo, deixando deliciosos rastros quentes.

— Taylor... — eu imploro.

Ofegantes, nós nos encaramos em meio ao beijo.

Uma de suas mãos sobe, acariciando o contorno do meu maxilar e emaranhando-se em meus cabelos em seguida.

— O que você quer? — exige, rouco.

— Você sabe...

— Sei. Mas quero ouvir você dizer.

Arquejo, necessitada.

— Preciso de você.

Sua boca deixa a minha e desce pelo meu queixo e pescoço com pequenas mordiscadas. Gemo, sentido todo o corpo latejar, implorando para que algo aconteça e me alivie logo. À essa altura, cada grunhido rouco que escapa dos lábios de Taylor é acompanhado por um suspiro meu, sedenta de vontade de senti-lo novamente dentro de mim.

— Amber... — Meu nome é uma mistura de desejo e encanto em sua boca. — Quero tomar você contra a parede. Depois, quero fazer amor na nossa cama.

Minha cabeça se move rápido.

— Esse... Esse é um bom plano.

Taylor

Sabia que precisava controlar meus desejos e não ser duro com ela no começo. Mas desde que tirei sua virgindade, Amber e eu temos transado todas as noites, nos aproveitando que a família dela ficou hospedada no hotel enquanto esteve aqui. E em todas as vezes, eu a preparo com os dedos ou com a boca, e assim que me empurro para dentro dela, beijo todo seu pescoço gostoso, até que se acostume com a invasão e fique relaxada para continuar.

Subo os dedos por debaixo da camisola até encontrar a calcinha. Rendada e pequena, delicada como todas as que Amber costuma usar. Essa é de um rosa tão claro que me lembra a cor da boceta dela, e me faz salivar.

— Acho que não vou tirar sua calcinha hoje... — digo, arrastando os lábios pela pele macia. — Gostei dessa. Quero colocá-la de lado e entrar logo em você.

Amber arfa, os olhos arregalados.

— Gosto dessa ideia.

O canto dos meus lábios se ergue.

— Então enfie essa mãozinha pequena nas minhas calças, amor — comando enrouquecido. — E puxe meu pau para fora.

Abaixo o olhar e a assisto Amber puxar o elástico da minha calça, junto com a cueca, e empurrar para baixo. O suficiente para conseguir enfiar a mão e agarrar o pau, apertando levemente com os dedos ao colocá-lo para fora.

Puta merda!

A trago para mais perto e coloco a calcinha para o lado, exalando entredentes com o vislumbre da boceta delicada, pequena e pronta para mim. A sombra de um sorriso curva os lábios de Amber no momento em que fecha os olhos e me sente esfregar contra suas dobras, pressionando o clitóris com a glande e deslizando para baixo, até a entrada.

— Porra! — praguejo ao pressionar, invadindo-a apenas com a cabeça do meu pau.

Suas mãos pousam sobre os meus ombros, enquanto ela geme baixo. Movo um dos meus braços, que envolvia a cintura fina para trabalhar contra o clitóris inchado com círculos pequenos, esfregando com pressão, do jeito que ela gosta.

— Por favor...

— Você quer que eu te faça gozar, é isso?

— Eu... — Ela inala, incapaz de terminar, mas ela não precisa porque está gozando agora. Uma e outra vez, sinto sua boceta apertar a cabeça do meu pau, pulsando ainda mais quente e molhada.

Seu corpo ondula suave e sensual enquanto Amber cavalga cada onda de prazer rolando dentro dela. Seu rosto é um misto entre concentração e prazer. O cenho franzido e os lábios entreabertos, resfolegando entre uma rebolada e outra, tão bonita que chega a ser injusto.

Saber que eu posso fazê-la se sentir tão bem, gozar tão gostoso apenas com a mais rasa das penetrações me deixa selvagem.

— Tão bonita sentindo prazer... — elogio, bem a tempo que ela abra os olhos. — Principalmente tomando meu pau.

Abrindo e fechados os lábios, ela puxa o ar, ainda fora de órbita.

— Camisinha — consegue sussurra.

Porra, eu quase me esqueci!

Os segundos que nos separam da mesa de cabeceira no quarto parecem uma tortura. Mas o lembrete sobre o preservativo me faz ter uma ideia, concluindo que a mudança de ambiente pode ser interessante.

Caminho com ela nos braços até o quarto. Amber aperta as pernas ao redor da minha cintura e suspira, começando a plantar beijos no meu pescoço, sugando a pele e ronronando baixo no meu ouvido. Então ela resolve morder o meu ombro, e eu grunho, apertando sua bunda em advertência.

Pego um pacote de camisinha dentro da gaveta, guardando no bolso da calça, e nos coloco em movimento, saindo para fora do quarto.

— Taylor... — chama, confusa.

— Sem cama hoje, amor.

— O sofá? — suspira, erguendo a cabeça para me olhar. — Ou talvez o balcão? — sugere, com os olhos castanhos cheios de curiosidade.

Grunho ao imaginar a cena na minha cabeça, ela com as pernas abertas para mim no balcão, ou me cavalgando no sofá, já que ainda é muito cedo para curvá-la contra o braço e tomar seu corpo gostoso de quatro. Tenho certeza de que Amber será uma visão espetacular com essa cintura final e quadril largo, a bunda bonita que vai formar um coração invertido na posição certa para me receber.

Hoje, porém, sei o que quero.

— Seu estúdio — respondo.

— Meu estúdio?

Amber geme quando chupo o pescoço dela, e arrasto os lábios até o ombro, mordendo a pele delicada assim como fez comigo. Ela estremece nos meus braços, rebolando contra mim em busca de alívio.

— Você gosta de olhar — respondo contra seus lábios, o tom cada vez mais grave por imaginar a cena. — Vou satisfazer seu desejo, Thompson.

Abro a porta do estúdio, acendo parte das luzes e pressiono o corpo pequeno contra a primeira parede de espelhos que encontro. Com Amber estável, agarrando uma das barras de dança, eu tomo meu tempo, começando a deslizar minhas mãos por ela.

— Acho que eu vou gostar disso — ela sussurra pra mim. Os olhos acompanhando meu toque, notando a aspereza da minha mão contra seu corpo deliciado, tão mais pálido e macio.

— Vou me certificar que você goste.

Meu indicador desliza pelo pescoço, indo até o meio dos seios antes de descer em direção ao começo dos quadris, onde a camisola de ceda ainda está amontoada. Eu poderia deixá-la nua logo, mas algo sobre a expectativa de estar dentro dela, antes que eu possa retirar suas roupas me excita.

Inclino-me, ajoelhando, e lambo seu corpo. Desço a boca, raspando a barba contra a pele delicada, antes de abocanhar um seio. Uso a língua para exercer pressão contra o bico, sabendo exatamente onde tocar para tornar gostoso. Remexo os lábios ao

redor, trabalhando com a boca toda, sugando até sentir o mamilo tocar o céu da minha boca.

— Oh, meu Deus! — ofega mais alto.

Dou atenção ao outro seio, girando o mamilo intumescido que estava há pouco na minha boca, apreciando como ele se encaixa bem contra a minha palma. Gosto tanto dos seios dela, de chupar os mamilos, de lamber o meio deles e sentir o suor brotando embaixo, a pele se arrepiando ao redor.

Amber se contorce sob a minha boca, começando a estremecer.

A reação do corpo dela mostra o quanto quer mais.

E eu não hesito em dar a ela.

Desço para a barriga, chupo e beijo cada a caminho do ventre plano. Puxo a calcinha rosa para o lado, ergo o queixo para olhar minha garota. Olhos em mim, lábios entreabertos e o peito subindo e descendo com a respiração difícil.

Abro suas pernas, e me encaixo no meio delas. Com os dedos, abro os grandes lábios e aspiro o cheiro doce da excitação. Não perco tempo, lambo a abertura, tocando a entrada com a língua e gemo com a primeira nota do sabor.

Amber começa a se debater, mordendo os lábios e tentando a todo custo não gritar. No segundo que suas pernas começam a tremer, eu agarro as coxas, sentindo a pele arrepiada.

— Não acho... — geme, puxando o ar. — Não acho que consigo... fazer isso de pé.

Mordisco a carne, e arrasto a língua para lamber a coxa.

— Consegue.

Volto a enterrar o rosto na boceta doce, endurecendo a língua para provoca-la, de dentro para fora e de fora para dentro. Envolvo-a com a língua de todos os jeitos, e chupo com gosto cada centímetro da carne macia.

Posso senti-la inchar, o clitóris endurecendo contra a minha boca, implorando por atenção. Adoro sua boceta lisa, e como fica mais molhada a cada golpe da minha língua. O sabor de mulher tão gostoso, que ainda quero sentir na minha boca, contra a minha barba quando estiver dentro dela.

As mãos de Amber buscam meus cabelos, bagunçando-os e eu ergo o rosto. O estado em que se encontra, ansiosa e excitada, faz meus lábios se curvarem em um sorriso perverso, mostrando o quanto eu estou me divertindo.

— Taylor... — Ofega, os olhos quase se fechando. — Não vou aguentar se você continuar assim.

— Quer gozar?

Ela adoravelmente choraminga.

E o som doce faz meu pau contrair.

— Quero você... dentro.

— Posso pôr a língua — sugiro, safado. Amber faz biquinho, contrariada por não ter sua vontade atendida e que eu esteja fingindo não compreender.

Ela abre os olhos e move a cabeça, negando lentamente.

— Quero outra coisa.

— Meu pau? — provoco, fitando a boceta encharcada e inchada, pulsando para mim. — Quer meu pau enfiado em você, amor?

— Você sabe...

Ergo meu corpo, deslizando o tronco sobre o dela, apenas para sentir os mamilos túmidos contra o meu peito, arrepiando a minha pele. Fico encaixado com o quadril no meio das pernas dela.

— Sabe o que eu quero? — sussurro de volta em seu ouvido.

— O quê? — gemeu.

Agarro a camisinha no bolso do moletom e rasgo o envelope com os dentes, cobrindo a minha ereção com agilidade e descartando a embalagem de qualquer jeito no chão.

— Você é muito melhor nisso do que eu... — comenta, encarando o meu pau. A forma desejosa com que o fita consegue me deixar ainda mais duro, pulsando de vontade de estar dentro dela.

Amber arfa, no segundo em que passo a mão por baixo da sua cabeça e seguro seus fios loiros, fazendo-a olhar para mim.

— Quero você agarrada a mim — respondo à pergunta. — Quero ver sua boceta doce me chupando com tanta vontade que será impossível parar até gozar. — Roço a glande encapada por seus grandes lábios, abrindo-os, sendo abraçado pela carne quente. Toco a entrada pequena e molhada, que ao meu contato, se alarga. — Quero que seus gemidos se tornem insuportáveis de serem segurados e que seu rosto mostre o quanto gosta de me ter profundamente enterrado em você — continuo. O sussurro se transformando em um gemido áspero quando meu pau a penetra, sentindo o aperto, o interior pulsando e cedendo aos poucos, o corpo prendendo ao redor.

As unhas curtas de Amber se enterram nas minhas costas, e seus pés minúsculos tocam a minha bunda quando envolve os meus quadris e se aperta contra mim. Ela treme a cada avanço, e

eu solto um suspiro pesado no segundo em que minhas bolas batem contra ela, e estou dentro.

— Quero você a todo tempo, Amber — admito, enrouquecido. Perdido. — Gosto tanto de você, amor. Principalmente quando a sinto sendo minha.

— Eu também gosto... — geme. Sua boceta me abraça por completo, virilha contra virilha. As paredes contraindo e relaxando ao meu redor, tentando aceitar o membro que lateja dentro dela. — Gosto de tudo que faz comigo.

Respiro fundo. O aperto do seu corpo delicado, quente e disposto, começando a grudar no meu pela fina camada de suor é delicioso.

Arremeto, segurando sua bunda. Saio quase todo, e volto a estocar. Amber geme alto, incapaz de manter o olhar fixo no meu ao jogar a cabeça para trás.

— Oh, meu Deus!

Seguro o maxilar delicado.

— Olhos nos meus — exijo.

Sinto o estremecimento tomar seu corpo, e ela obedece, voltando a me olhar. A entrega em seus olhos castanhos me fez grunhir, acionando um gatilho tão poderoso em meu corpo que por um instante penso que sou capaz de gozar apenas com essa imagem dela.

Amber morde o lábio inferior e empurra o quadril em busca de contato, esfregando-se timidamente contra mim, as unhas fincando-se contra os meus ombros. Deixo que ela se divirta, empurrando de volta, sentindo-a cada vez mais excitada e

confortável, engolindo minha ereção enquanto estoco. Abrindo as pernas para me ter enlouquecido ante a sua entrega.

Com uma dificuldade que quase chega a ser palpável, ela aproxima o rosto do meu e geme, evitando que os barulhos se tornem altos demais.

— Mais... Mais Taylor — pede baixinho.

— Que pecado, amor... — Arrasto os lábios até chegar ao ouvido dela. — Quero ouvir você gemer pra mim.

Ela move a cabeça.

— Não quero que o andar todo escute.

— Acho que vou ter que arrancar de você. — Inclino e roço minha boca na dela por um instante, antes de me afastar e sorrir. Com um movimento preciso, saio de dentro dela, ouvindo seu resmungo e movo seu corpo.

Com facilidade, coloco Amber no chão, de costas para mim e frente a frente com o amplo espelho que vai do chão até o teto. As mãos agarrando com força a barra de dança. A imagem me faz arrancar a camisola dela, e eu grunho com visão do corpo suado, os cabelos bagunçados e as coxas tremendo de saudade de mim.

— Olhe pra gente — peço a ela, que encara a nossa imagem no espelho. Meu corpo tão maior e mais largo atrás do seu, minha pele bronzeada em contraste com a sua, tão mais pálida, avermelhada pelos meus beijos e a minha barba. — Veja como é bonita, amor... Como somos bons juntos.

Amber geme mais alto apenas com a visão, e eu abro um sorriso.

Agarro ambas as bandas da bunda, tão durinha e empinada, e afasto a calcinha cor-de-rosa novamente, voltando a invadi-la. A

nova posição a fez retesar, então escorrego uma mão para baixo, buscando sua boceta pela frente. Agarro o clitóris, masturbando-a até que relaxe e se acostume de novo com a penetração.

— Acho que nada pode ser mais gostoso que isso... — diz, gemendo alto no final. Ela arqueia a coluna para me receber um pouco mais, e eu dou tudo a ela. — Cada vez consegue ser melhor.

— Você vai gozar no meu pau, em todo ele dessa vez. — Retiro até quase ver a ponta e estoco de novo, lendo e profundo. A sensação da renda da calcinha roçando no a carne da minha ereção aumenta o meu prazer. — Gozar tão forte que todo o prédio irá ouvir quando gritar meu nome.

— Mais forte... — pediu arfante. — Pode ir mais rápido.

Observo a imagem dela no espelho. Pálpebras pesadas, boca entreaberta e a pulsação acelerada na garganta – enquanto meus dedos circulam em movimentos ritmados sobre o clitóris inchado, o quadril arremetendo profundamente dentro dela.

Amber estremece da cabeça aos pés. O som molhado da sua boceta me engolindo ressoa alto pelo estúdio pela ausência de móveis, e afasto seus cabelos para beijar a nuca exposta e morder a pele delicada dos ombros. O grito que escapa de seus lábios quase me faz gozar.

— Ah, amor.... que boceta mais gostosa — rosno, sentindo o gozo se aproximar. — Como eu gosto de estar dentro de você.

— Taylor... Eu acho que...

— Diz pra mim.

— Acho que vou... — Ela tenta de novo, perdendo outra vez. — Eu vou...

— Goza, Amber. — Rebolo dentro dela, apenas para ouvi-la gemer mais alto. — Agarre logo uma estrela. A maior e a mais bonita que conseguir. Não vou parar até te sentir pulsando ao meu redor.

O nível de satisfação que sinto ao assisti-la me olhar sobre as pálpebras pesadas e curvar os lábios apenas um pouco, antes que formem um O sensual, perseguindo seu orgasmo deveria ter me preocupado. Felizmente, eu mal consigo pensar com grande parte do fluxo sanguíneo tugindo meu pau. Meu cérebro não tem muito com o que trabalhar agora.

A cena de Amber alcançando uma estrela é digna de uma pintura, uma que eu poderia olhar eternamente, pensando nesse anjo loiro. O gozo se avoluma quando meu pau é esmagado pelas contrações do seu orgasmo. Fecho os olhos para conter o ímpeto, mas os sons ofegantes dela na tentativa de recuperar o fôlego, destroem todo o meu esforço. Gozo com tanta força que sinto a porra jorrar sem parar na camisinha.

— Você ainda vai acabar comigo — exalo, chupando o pescoço suado dela.

O corpo de Amber pende para frente, exausta a ponto da testa se apoiar contra o espelho. Aperto os braços ao redor do corpo languido, ao passo em que tento acalmar minha respiração e as batidas embevecidas do meu coração.

— Sou eu quem me sinto acabada.

Abro um sorriso.

Saio delicadamente de dentro dela, retirando a camisinha para dar um nó, e deixando em um canto no piso. A Matraca vai me fazer engolir se encontrar ali amanhã de manhã, mas vou me

certificar de colocar no lixo antes que perceba. Para a minha sorte, ela está cansada demais agora.

Pego seu corpo nos braços, e ela envolve meu pescoço, fechando os olhos e suspirando. Inclino a cabeça para beijar seus cabelos bagunçados, e ela ergue os olhos castanhos para mim.

— O que foi? — eu pergunto.

— Chegou a hora do príncipe Taylor. — Amber abre um sorriso. — Admito que eu gosto das duas versões. Da que acabou de me mostra e da que sempre vem depois disso.

— Príncipe, é?

Ela confirma.

— Que sempre cuida de mim.

Meu sorriso aumenta.

— Suponho que seja uma honra, então vou te deitar na nossa cama e te abraçar até você pegar no sono — eu prometo. — Então eu posso deixar de ser um príncipe pela manhã, e te acordar metendo a minha língua dentro de você.

O suspiro de Amber me faz rir. Mas eu realmente cumpro o que digo, e não só levo a bocuda pra cama, cobrindo-a com o lençol, como a trago para perto, mantendo seu corpo pequeno no meu abraço, deitado em cima do meu.

Afasto gentilmente os fios de cabelo loiro e beijo seu rosto. Toco a têmpora, a bochecha e o queixo com meus lábios, ouvindo seus suspiros. Quando mordo a ponta da orelha, ela ofega, abrindo os olhos.

— Bom dia, dorminhoca.

Amber sorri, fechando os olhos por um momento, antes de se virar para mim. Seus cílios batem lentamente, ainda despertando quando ela ergue as mãos para tocar meu cabelo do jeito que eu amo que faça.

— Bom dia...

— Dormiu bem? — pergunto.

Ela ri, as bochechas se tingindo de rosa.

— Maravilhosamente bem...

Amber se espreguiça e eu fico hipnotizado pelos seus cabelos bagunçados e como seus olhos castanhos parecem mais claros pela manhã. Ao notar que estou admirando-a, ela sorri, os dentes cravados no lábio inferior.

Essa é a carinha safada dela.

— Melhor levantarmos dessa cama agora... — Beijo seu queixo, seu pescoço e o ponto acima da sua clavícula. — Ou vou mudar de ideia e não te deixar sair mais. Tenho várias ideias de como poderíamos passar o dia todo aqui.

Sua risada me faz sorrir, especialmente pela forma como desliza os olhos por mim. Posso ver as pupilas se dilatando, a língua apontando para umedecer o lábio repentinamente seco. Ela repara na camisa branca e na calça escura que estou usando, demorando a voltar ao meu rosto.

— Não seria má ideia, sabe.

Afasto o lençol que resvala pelo colo dela e beijo o topo dos seios, satisfeito ao ver seus olhos se fecharem e o suspiro entregue que preenche o ambiente. Volto até a sua boca e lhe dou um beijo

casto, esforçando-me para não dar a atenção que os seios túmidos merecem.

— Adoraria te manter aqui por toda manhã... — digo próximo aos seus lábios. — Mas temos mesmo que sair agora. Quero muito te levar a um lugar.

Olhos curiosos se abrem.

— Que lugar?

Sorrio, saindo da cama.

— Se você se arrumar bem rápido, enquanto faço nosso café da manhã, posso pensar em te contar no caminho.

Pego meu boné em cima da mesa de cabeceira e saio do quarto, tomando a direção da cozinha com nosso cão no meu encalço. Tentei fazer ovos mexidos e um bolo de massa pronta, pareceu fácil pelas instruções online. O plano era levar café da manhã na cama e surpreendê-la quando acordasse, mas o bolo queimou e não cresceu, os ovos ficaram estranhos e escuros.

Enquanto Amber se arruma, disfarço a minha peripécia, limpo a bagunça e pico algumas frutas. Monto uma salada e faço café fresco... do jeito que eu gosto. Assim que termino, verifico a tigela de comida e água do cachorro. Deixo ambas cheias, sabendo que vamos ficar fora durante todo o dia.

Ouço passos se aproximando e ergo a cabeça. Encontro Amber em um vestido verde, solto e delicado. Os cabelos presos em um rabo de cavalo alto, onde um lenço rosa está preso. E nos pés, um par de sandálias brancas.

— Vou precisar de um casaco? — pergunta, sentando-se no balcão. — Uau, isso parece estar surpreendemente gostoso!

— São frutas picadas, nem eu consigo estragar isso. E quanto ao casaco, — empurro uma caneca de café para ela —acho melhor levar um. É cedo e onde vamos não há lugar para se proteger.

Amber assente.

— Eu pego antes de sairmos. — Ela beberica o café e faz careta. — Nossa, você continua sem saber fazer um café decente...

Forço uma expressão ofendida.

— Fiz isso com carinho, sabia?

— Carinho demais, pó de menos. — Amber ri, esticando-se para me dar um beijo. — Que tal tentarmos equilibrar isso da próxima vez?

Pego uma blueberry e acerto sua testa. Seus olhos se arregalam enquanto gargalha pelo movimento surpresa, e eu acabo rindo também.

Apesar do clima agradável, meus ombros estão pesados e tensos. Acordei com duas mensagens de Yasmin, como se fosse algo comum conversarmos. Como se ela não houvesse me traído e passado a porra de meses sem dar notícias. Não que eu esteja interessado em saber seus rastros, embora suspeite de onde está.

Não respondi, evidentemente.

Mas não sei como contar isso para Amber. Ou mesmo, se devo contar algo a ela. Não quero criar uma situação desnecessária. Aposto que Yasmin vai continuar escondida onde se meteu. Esse deve ser apenas mais um jogo doentio que logo perderá a graça.

Até parece que ela sente mesmo saudade...

— Acabei! — diz toda menina, sem perceber meus conflitos internos.

Amber leva a louça para a pia, depois corre para o quarto para pegar o casaco. A caneca à minha frente permanece cheia, ela se forçou a dar apenas alguns goles porque, ruim ou não, ainda é cafeína. Termino minha xícara enquanto a assisto ajeitar a jaqueta jeans, a mesma que estava usando quando nos conhecemos. Ela enfia a mão no bolso e sorri, retirando uma embalagem.

Noto a marca *Toffifay* escrita no topo da embalagem do chocolate.

— Ainda não jogou isso fora? — questiono sorrindo.

Ela dá de ombros.

— Não achou que eu iria jogar naquele gramado lindo, achou? Como não usei a peça depois, acabei me esquecendo de que estava aqui.

— Fiz sua noite mais doce aquele dia?

Amber nega.

— Se tivesse me beijado na boca, sim. Você me deu uma bitoca mixuruca e me fez de lixeira.

Comprimo os lábios para não rir.

— Sabe que foi brincadeira.

— Sei. Mas agora você está me devendo um desses doces... — Amber segue nosso cachorro com os olhos quando ele passa por nós indo até sua vasilha de comida. — E um para ele também.

— Você só está pedindo dois para comer ambos, não vai dividir com ele. — Encaro o cachorro. — Ela está te usando, amigão!

A Matraca ri e olha para o papel. Seus olhos aumentam de tamanho e quando voltar a me fitar, percebo como estão brilhantes. Quase posso ouvir as engrenagens da sua cabeça funcionando.

— Você teve uma ideia, não foi?

Seu aceno é vigoroso.

— Acabei de perceber que isso aconteceu quando nos conhecemos — ela responde. — É algo nosso, Taylor! Foi a primeira vez que nos vimos.

Assinto uma vez.

— Certo...

Amber sorri, ela sabe que não acompanhei o raciocínio. Não faço ideia de onde quer chegar com isso, por mais adorável que tenha sido o comentário.

— O que quero dizer é que estamos há dias, meses, pensando em algo perfeito para nomear o cachorro. Todas as sugestões que partiram de você, eu vetei porque tinham algo a ver com a sua banda. E, bom, você tem certa razão quando não gosta dos meus nomes. — Ela franze o nariz para as próprias palavras. — Pensa, esse não seria um nome perfeito? É *nosso*, assim como o cachorro.

Agora eu entendi, mas ainda acho uma escolha um pouco excêntrica. Já disse a ela que não quero que nosso cachorro sofra bullying no parque.

— É um bom argumento, mas... — Faço uma careta. — Toffifay? Sério?

Amber pende as mãos na cintura.

— Prefere Dipirona? Porque BJ nunca vai rolar!

— Toffifay é horroso, Amber.

— Hum... — Ela bate um dedo no lábio, pensando. Quase esqueço do que estávamos falando. — Que tal Toff?

Não é o nome mais bonito do mundo, penso abrindo um sorriso. Mas é único, sem dúvidas. Olho na direção do cachorro e testo.

— Toff? — chamo.

Ele para de comer e olha.

Amber e eu rimos, impressionados, trocando um olhar.

— Você gosta de Toff, rapaz? — eu confirmo.

Ele balança o rabo e late.

Amber bate palmas.

— Temos um nome! Temos um nome! — Ela grita.

Sorrio pela animação deles.

— Agora só falta uma coleira — eu digo. — Podemos providenciar isso na volta, se o passeio não for demais.

O cenho dela franze pelo comentário, mas Amber não diz nada.

Saímos do apartamento poucos minutos depois.

Brinco com seus dedos enquanto descemos pelo elevador e sorrio quando entramos no carro. Ela gosta que eu dirija, e eu gosto de tê-la com os pés no banco, olhos fechados e cabelos contra o vento, mesmo que se apodere do som e sempre terminemos ouvindo algum pop-estourador-de-tímpanos. Mas hoje nada disso prende minha atenção. A saliva desce ácida, necessitando de esforço para vencer os músculos contritos pela tensão. Quase não consegui tomar aquela xícara de café com essa pedra emocional enterrada no estômago. Estou apreensivo com a direção que estamos seguindo, onde decidi levá-la.

Minha decisão veio antes da mensagem estúpida de Yasmin, faz dias que estou ponderando isso. Contudo, não posso negar que

o contato foi como um sinal. Algo positivo de que estou no caminho certo. Nunca contei a Yasmin sobre isso, nunca me senti confortável por mais apaixonado que estivesse. No fim, havia mesmo uma razão para este sentimento, embora eu ainda não soubesse. Não me sinto assim com Amber, ela me tem por completo.

Olho para o lado, sorrindo para o pé pequeno com as unhas pintadas uma de cada cor. Amber está cantarolando uma letra estranha enquanto sorri e desafina. No refrão, tenho vontade de tapar os ouvidos, e mesmo assim algo dentro de mim se aquece.

Volto a me concentrar na estrada e solto o ar, tentando me acalmar. Prometi que seria bom para ela, e parte dessa promessa começa agora.

— Hum... — Ela observa a cidade ficando para trás e a placa "*Bem-vindo a Temecula: cidade dos girassóis*" a alguns metros de nós. — Não achei que iríamos tão longe.

— Precisamos ir para o que quero te mostrar.

Sinto seu olhar queimar, mas me esforço a encarar o caminho.

— E isso está em Temecula?

Posso compreender a confusão. Fora toda surpresa, ela reparou no número de habitantes. É uma cidade interiorizada e muito, muito pequena. Sua mente deve estar fervilhando com as possíveis razões que me levaram a trazê-la aqui.

— Sim... — Mudo a marcha e toco sua mão, pousando nossas palmas enlaçadas em cima da sua coxa por um instante. — Eu cresci aqui. Bom, é onde eu nasci e fiquei parte da minha infância antes dos orfanatos.

Amber aperta os dedos contra os meus.

— Taylor...

Lanço um olhar na direção dela, e abro um sorriso triste.

— Vou te contar tudo. Chegou a hora.

Depois dessas palavras, o restante do trajeto é cruciante. Mesmo com as janelas abertas e a brisa fresca, o ar é denso, pungente. A música não é o bastante, até porque Amber parou de cantarolar e pela forma como respira está apreensiva com o que vai descobrir. Eu também estou com o que vou contar.

Seguimos em silêncio por cerca de vinte minutos até a fachada antiga e, infelizmente muito bem conhecida por mim, aparecer. Os portões estão abertos pelo horário, e nunca fitei tanto àquelas barras de ferro quanto agora em que desliguei o motor e sei que temos que descer.

Tiro o boné, colocando-a sobre o lado direito do painel, acima do porta luvas, e tomo uma respiração profunda.

Quero contar a ela, mas a ferida dentro de mim é corrosiva. Já sinto os pontos se abrindo, estourando e sangrando. E eu sei, antes mesmo de colocar os pés para fora do carro que hoje será pior. Se pensar em seu nome machuca, se dizer em voz alta abre minhas feridas de novo, contar como morreu me deixará em pedaços.

Detenho-me em frente aos portões, sentindo o corpo fraco, entorpecido. Puxo uma respiração profunda e encaro meus dedos quando Amber volta a enlaçar sua palma na minha. Ergo os olhos e encaro os seus, castanhos, sinceros e tão, tão tristes. Não é difícil de imaginar a razão para estarmos em frente a um cemitério.

— Você tem certeza? — pergunta suavemente.

Sei que se eu decidir voltar, ela não ficará chateada. Amber respeita cada limite que eu impus, provando o quanto gosta de mim e o quanto me respeita. Por isso, rompo meu entravo e dou um passo à frente, apertando sua mão. Chegou a minha hora de demonstrar como confio e gosto dela.

— Tenho. Quero contar.

Ela assente.

Deixo meus passos assumirem o comando, nos levando até aquela lápide escura e sem flores. Não sei se me ajoelho ou se simplesmente caio, sem conseguir sustentar minhas pernas naquele curto instante em que vejo o nome ali. Apenas sei que Amber está ao meu lado. Ajoelhada, aberta, disposta a juntar todos os cacos que estou prestes a deixar cair quando abrir o peito.

— Ah, meu Deus, ela... — Amber me olha, reconhecendo o nome das nossas conversas. A primeira coisa que leu na lápide foi *Miranda Holt*.

Assinto, engolindo em seco.

— ... morreu — completo. — E a minha história começa exatamente aqui, onde os *dias ruins* ganharam de todos os *dias bons*.



DOZE ANOS ANTES
TEMECULA

Sorrio, encarando a paisagem ensolarada onde o casal apaixonado está. Eles se beijam brevemente, é um pouco nojento, mas a forma como o homem olha para a mulher é bonita. Há carinho ali e muito amor.

Eles quebram o contato um momento para pegar uma garotinha fofa no colo e abraçar um menino que parece ter a minha idade. Pensando bem, poderia ser eu e Olívia, se a situação fosse outra. Mas não me lembro do meu pai e a minha mãe... bom, ela tem dias bons e ruins.

Hoje é um dia bom, eu penso, descendo do caixote de madeira em que estava para ver o filme na televisão da vizinha. Margie é legal, acho que até sabe que faço isso porque não tenho

uma TV. Mamãe a vendeu há muito tempo, disse que precisou para comprar outras coisas, mas nunca chegou nada novo em casa.

Eu deveria estar na escola agora, assim como Liv, mas cabulei aula. Não gosto de como alguns garotos me olham e zombam da minha roupa. Além disso, sempre que falto um número considerável de dias a diretora liga para casa. Sempre levo bronca, mas como precisa ir até a escola, mamãe tem *dias bons* por quase uma semana.

Isso é raro.

Dou algumas voltas na rua para matar o tempo, até passo em frente a confeitaria da cidade. Bolos lindos com coberturas vibrantes, imagino que sejam saborosos também. Mamãe prometeu me dar um bolo de chocolate outra vez. Meu aniversário é daqui a dois dias e ela sabe o quanto quero um, então acho que dessa vez ela vai cumprir. Sei que não pode me dar uma bicicleta como Tony – um menino da minha classe – se gabou ontem por ter ganho, mas fico feliz em ter um bolo para dividir com ela e Liv. Talvez, soprar algumas velas se mamãe puder comprá-las.

Percebo algumas crianças voltando para casa com os pais, e tomo o caminho da rua do colégio para esperar pela minha irmã em frente aos portões. Ela sabe que vou estar aqui, é o combinado.

Noto quando é interceptada e sorri para um garoto de um jeito estranho antes de vir até mim.

— Oi, esperou muito? — pergunta sorrindo; suas bochechas estão vermelhas.

— Não, demorei um pouco para sair da sala.

Liv fica chateada quando mato aula, diz que estudar é importante. Às vezes queria ser mais como ela, que aos doze anos

sabe tão bem o que quer. Suas professoras ficaram orgulhosas com o desejo dela de cursar Medicina; mamãe estava em um *dia ruim*, então apenas acenou, rindo como se fosse alguma piada. Roubei um girassol para fazê-la sorrir naquele dia, para que não ficasse chateada.

— Quem era aquele? — Eu pergunto, lembrando do garoto que a cumprimentou.

Sei de poucas coisas, mas sei que Liv é minha responsabilidade. Mesmo sendo mais novo, sou o homem da casa. Cinco anos atrás, meu pai nos deixou, desde então é papel meu cuidar da minha mãe e irmã. É por isso que mamãe me chama de homenzinho.

— Ah! Ele? É... hum... o Dave.

— Está falando assim por quê?

Liv, pisca, abraçando os livros.

— Assim como?

— Gaguejando. — Aperto suas bochechas. — Está vermelha também.

Ela dá um tapa na minha mão.

— Não estou, não!

— E está vendo seu rosto como, gênia? — eu implico. Liv rola os olhos, mais vermelha que antes. — É seu amigo?

— Pare com isso, Taylor! — reclama, pondo-se a andar. — Vamos logo, esqueceu que temos que chegar cedo hoje?

Resmungando, eu a alcanço, tomando o caminho de casa. Sei que minha irmã é inteligente, mas alguns meninos são muito idiotas. Mamãe disse que preciso ficar de olho para que nenhum

garoto a machuque. Dave pode ser maior do que eu, mas conserto aquele nariz torto dele rapidinho se fizer Liv chorar.

A porta range ao ser aberta e sorrimos ao notar o espaço atipicamente arrumado. Quase nunca acontece, mas sabemos o que quer dizer. Significa que mamãe saiu do quarto.

Sabia que os próximos dias seriam bons!

— Mãe? — Liv chama.

Ouvimos alguns barulhos na sala e mamãe aparece.

— Meus amores, chegaram cedo! — Ela vem até mim e bagunça meus cabelos. — Oi, homenzinho. — Então beija a testa de Liv. — Oi, minha princesa.

Olívia prende a respiração pelo odor. Mamãe está vestida e parece limpa, está até sorrindo. Mas apesar de ser a mulher mais bonita do mundo para mim, ela sempre tem esse cheiro.

Ultimamente, todas as coisas que adorava nela estão se desfazendo. Os olhos azuis estão fundos, os cabelos longos estão estranhos agora, como se um toque fosse capaz de fazê-los quebrar, e o vestido azul que está usando é largo demais. Em uma palestra na escola, aprendi que corpos assim não são saudáveis. Foi quando comecei a entender que mamãe estava doente.

— Eu fiz cookies — anuncia, tirando um prato coberto do armário.

Liv e eu arregalamos os olhos quando ela abre a geladeira e pega um pouco de leite também. Não me lembro da última vez que tivemos algo assim, mamãe sempre diz que devemos comer bem na escola. Eu sempre repito o prato, Liv não porque tem vergonha. Mas ela tem alguns amigos ricos, como o menino da bicicleta e uma

garota gordinha que leva os melhores lanches, então se dá bem às vezes.

— Você está bem? — Liv pergunta a ela.

Eu a olho, contendo a vontade de pegar um biscoito. Como não fui à aula, não pude lanchar, então não comi nada desde ontem. Estou controlando a respiração para impedir que meu estômago ronque alto demais.

Mamãe sorri. O sorriso dela já não é bonito, mas gosto de vê-lo mesmo assim. Mesmo quando não é feliz, ela faz parecer que tudo vai ficar bem.

— É claro que sim. Fiz cookies, não é? — Seus olhos encontram os meus. — E daqui a dois dias é o aniversário do meu homenzinho, preciso estar bem para fazer um bolo.

Abro um sorriso largo em resposta, sabia que dessa vez ela iria cumprir a promessa. Quando Liv pega um biscoito, eu a sigo, tomando um gole grande de leite.

— De chocolate, não é? — pergunto de boca cheia.

— Que nojo! Dá pra ver o biscoito dissolvendo. — Olívia reclama, fazendo careta e apontando para mim. — Fecha essa boca!

Mamãe ri de nós.

É realmente um dia bom.

Quase fecho os olhos e desejo que dure bastante dessa vez.

— Sim, com muito chocolate, eu prometo. Agora comam e subam para o quarto.

Sua resposta me entristece. Sabemos como funciona, desde que Kevin marcou o pulso de Olívia, mamãe pede para ficarmos no quarto sempre que ele vem visitá-la.

Acontece que ele sempre acaba com os dias bons.

— Kevin vai vir? — Liv é mais corajosa em perguntar.

Como outro biscoito rápido, não vamos ter muito mais tempo e ainda estou com muita fome.

— Vai. Ele e eu precisamos... resolver algumas pendências. — Mamãe tenta sorrir de novo. — Não deve demorar, mas vocês sabem o que precisam fazer, não é?

Nós assentimos. É o acordo. Sabemos que não podemos sair do quarto mesmo que escutemos a mamãe chorando, gritos ou aqueles barulhos estranhos que Olívia disse serem gemidos. A sala fica com um cheiro estranho no dia seguinte, e Kevin fala muito palavrão. Chamou mamãe de cadela, uma vez.

Não gostamos dele.

— Sim, mãe... — respondemos em uníssono.

Alguns minutos mais tarde, eu já havia comido três biscoitos e Liv dois, ambos tomamos todo o leite do copo. Subimos para o quarto como mamãe pediu e trancamos a porta. Não podemos abrir mesmo que ela ou Kevin chamem enquanto ele está aqui. Antes, ela ficava com a chave, mas quando *ficava ruim*, ela já abriu a porta. Então agora fica comigo, o homem da casa.

Eu sempre obedeço, e sempre cuido para que Liv faça o mesmo. Mas durante a madrugada, eu acordo. Há gritos e Kevin está xingando novamente. Tento cobrir a cabeça ao notar que minha irmã ainda dorme, mas não consigo pegar no sono. Passaram-se, pelo menos, cinco horas desde que estivemos na cozinha, e meu estômago voltou a roncar.

Suspiro, pensando. Talvez eu possa descer as escadas e ir para a cozinha sem que me vejam. Sou pequeno, silencioso, posso

fazer isso. Eles ficam estranhos com aquela fumaça, às vezes riem de nada em particular, às vezes não parecem saber o que está acontecendo, é provável que não me vejam.

Mamãe ficará brava se me pegar.

Kevin com certeza vai me machucar.

Quero ficar aqui onde é seguro.

Mas estou com fome...

Liv provavelmente só está dormindo porque teve o lanche da escola e porque uma das amigas lhe deu um tampão de ouvido que bloqueia grande parte dos ruídos. Ela mentiu que eu tocava bateria e fazia muito barulho, sua amiga Madison, que viajou para algum lugar com neve, os deu a ela. Se os gritos continuarem aumentando assim, no entanto, ela despertará em breve mesmo com os protetores gastos.

Sento-me na cama e calço um par extras de meias para cobrir as que estão furadas; preciso abafar meus passos. Abro a porta com cuidado, girando a chave lentamente e logo depois a fecho de novo, sem trancar. Ando um passo de cada vez, um pé na frente do outro, torcendo para a madeira velha da casa não ranger. Ao alcançar as escadas, seguro no corrimão frio, abaixando um pouco para descer.

Até a metade do caminho, tudo ocorre bem. Uma das tábuas da escada chia no quinto degrau e paro de respirar por um segundo, mas ouço o barulho da descarga do banheiro em seguida. Apresso os passos, pois sei que não tenho muito mais tempo. Não espero que no último degrau, bem no último, um corpo pare na minha frente.

Droga!

Fui flagrado.

— Você sabe que não pode descer! — Mamãe ralha baixo. Ela está com aquele cheiro estranho de novo e com olhos bizarros. Vermelhos e confusos. — Volte lá pra cima agora.

Suspiro, erguendo o corpo. Meu coração está batendo rápido pelo susto e mesmo sendo ela aqui, às vezes tenho medo do seu estado.

— Estou com fome... — sussurro.

— Você tem que voltar.

— Só queria pegar mais um biscoito...

— Você precisa voltar!

— Não iria nem abrir a geladeira para não fazer barulho.

Ela me olha e então suspira, girando o corpo em direção a cozinha.

Penso que vai buscar algo para mim, e talvez ela iria, mas as dobradiças do banheiro rilham nesse secundo. Mamãe fica imóvel e me encara assustada. Eu não tenho tempo de subir as escadas novamente ou correr para a cozinha, sabemos disso. Então ela agarra meu braço e me empurra para dentro do primeiro esconderijo próximo, o armário da sala. As madeiras são vazadas, o bastante para que eu consiga espiar, mas não há como Kevin me notar aqui.

— Precisa ficar escondido. Fique quieto e não faça barulho, ouviu? — mamãe implorou. — Tape a boca e não deixe ele te ouvir. E, por favor... não chore.

Meus olhos estão ardendo pelas lágrimas contidas, mas sei o que vai acontecer se Kevin me encontrar. Ele não gosta de crianças e da última vez que chorei, ele me bateu mais por isso. E prometeu fazer pior.

Movo a cabeça, tapando a boca e mamãe fecha a porta. Sou bem pequeno para a minha idade, minhas professoras disseram isso. O lado bom é que consigo caber aqui, na cristaleira da vovó. Antes, ela ficava com várias taças e pratos, algumas peças bonitas também.

Mamãe vendeu tudo.

Prendo a respiração e fico silencioso, piscando depressa. Kevin aparece na sala segundos depois e meu coração bate mais rápido. Ele é coberto por tatuagens, tem a cabeça raspada e o sorriso é como o dela. Algo estranho, amarelado... podre. Ele usa muitos anéis e as roupas são estranhas, mas o mais assustador sobre ele é a forma como olha. Kevin não precisa ameaçar para fazer entender que vai doer.

— E então, cadela? Sabe porque eu vim.

Ele está aqui há horas, provavelmente logo vai embora. Eu deveria fechar os olhos e não me mover, tentar não ouvir nada também. Por alguma razão, contudo, meus olhos estão fixos e atentos.

— Sei o que disse, Kevin. Mas eu... não posso p-pagar. — Mamãe suspira, está tremendo da cabeça aos pés. — O valor é alto e eu não tenho mais o que vender.

— Você ainda tem um fogão e uma geladeira.

Mamãe nega.

— Se esqueceu dos meus filhos? Eu não posso deixá-los pior do que já estão.

Kevin agarra os cabelos dela e puxa com força. Mamãe choraminga, tentando segurar a mão dele. Ele é magro como ela, mas é forte por alguma razão. Houveram dias que Liv e eu tivemos

que levar nossa mãe apoiada nos ombros até o andar de cima depois que ele saiu.

— Não vou ficar sem o meu dinheiro! — Ele ruge tão alto que faz meus ossos tremerem.

— Kevin...

— A menos que você queira pagar de outra forma — diz, sorrindo. — Você sabe o que fazer com essa boca porca.

Mamãe chora, os lábios e queixo trêmulos. Aperto mais minhas mãos em volta da boca para não deixar um soluço escapar quando começo inevitavelmente a chorar. Mal consigo respirar sem fazer barulho, mas eu me esforço, sabendo que tenho que ficar bem quieto.

— Não gosto de fazer isso... — mamãe diz tão baixo que mal a ouço.

— E eu não gosto que me façam de idiota, sua puta! — Ele a joga no chão com força. O barulho dos joelhos dela contra o piso velho de madeira faz meu coração doer. — Chega, cansei de te dar prazos.

Mais lágrimas molham seu rosto, sobretudo quando ele tira uma arma da parte de trás da calça. Kevin a deixa sobre o chão, próximo a eles e abaixa as calças até o joelho, fazendo o mesmo com a cueca. Faço uma careta quando mamãe segura o pênis dele, e tenho vontade de vomitar quando o coloca na boca.

Kevin faz aqueles sons estranhos que escuto do quarto e em dado momento dá um sorriso, mas mamãe não parece achar divertido como ele. Ela ainda está chorando e fica engasgando a todo momento, do mesmo jeito de quando levo duas colheres cheias de comida e não consigo engolir tudo. Só que pior.

— Melhor enfiar bem fundo... — Ele diz, torcendo os cabelos dela em sua mão. — Ou eu faço ir fundo por você.

Não faz isso...

As mãos dela tentam afastá-lo, socar seu peito ou empurrá-lo pela barriga, mas ele não se move. Os quadris dele investem com mais força e mamãe engasga muito, parecendo ficar mole e fraca, prestes a cair por não conseguir respirar.

Para... não faz...

Kevin a libera, ainda segurando seus cabelos. Mamãe puxa o ar desesperadamente. Ela chora, soluçando muito, e a cada lágrima que desliza pelo rosto dela, uma minha faz companhia, escorrendo pela minha bochecha.

— Por favor... Por favor... — Mamãe não para de repetir.

Kevin sorri de novo e volta a colocar o pênis na boca dela, empurrando mais forte que antes, fazendo com que chore mais alto e abafado. Consigo ver alguns fios de cabelo dela soltando-se pelo aperto violento.

Para! Para! Para!

Não toca nela... não toca.

Quero sair daqui e ajudar, mas não consigo me mover. Mal lembro como respirar e meu coração bate tão forte que faz meu peito doer. Mantenho a pressão das mãos contra meus lábios para não fazer barulho, mas esse é o único ato que sou capaz.

É como se eu estivesse preso no lugar, com as pernas congeladas e olhos vidrados, por mais que eu deseje desesperadamente fechá-los.

Não quero ver isso.

Kevin faz sons mais altos, parecendo se divertir ainda mais. Como ele pode sorrir com ela chorando? Como pode achar legal se ela parece sentir dor? Posso ver como está assustada e isso me faz chorar mais pelos minutos seguintes.

Ele finalmente se afasta, retirando o pênis da boca dela, que agora não parece esticado como antes. Mamãe tosse quando é libertada, cuspindo algo no chão e puxando respirações profundas.

— Tenho que admitir, você até que faz isso bem... — Kevin diz.

Ele sobe a cueca e a calça novamente, fechando e apertando o cinto. Mamãe está imóvel, apenas as costas oscilam enquanto continua a chorar.

— Se tivesse seguido o caminho que aconselhei, não estaria endividada...

Mamãe soluça.

— Agora está pago, não é? — ela diz fracamente.

Ele ri alto, fazendo com ela erga a cabeça para olhá-lo.

— Ah, acreditou mesmo que seu boquete valesse mais de dois mil dólares? Puta que pariu, Miranda! — Kevin pega a arma novamente, e mais lágrimas deslizam pelo rosto dela. Pelo meu também. — Já me enjoei de você. Sem grana, você não serve para nada.

Mamãe agarra o tecido da camisa dele, e Kevin a empurra com mais força. Ela está tão bamba que cai de costa, sustentada pelos cotovelos.

Não quero ver isso.

Encolho mais meu corpo, suprimindo um soluço quando o vejo apontar a arma. Já vi aquilo em filmes e ouvi algumas coisas no

bairro, sei o aquilo pode fazer.

Eu poderia sair e empurrar Kevin, não é? Talvez eu consiga deixá-lo no chão por um tempo enquanto mamãe corre para o quarto com Liv para se esconder. Ele me bateria, provavelmente muito já que estou chorando. Mas mamãe secaria minhas lágrimas com beijos depois, ela me abraçaria e prometeria que tudo ficaria bem. É o que meu pai faria se eu tivesse um, então é o que eu, o homem da casa, deveria fazer.

Eu correria até ele e faria se conseguisse me mover.

Juro que faria.

Quero mexer os pés, sair daqui e ajudar.

Mas não importa o quanto tente, eu não consigo.

Estou congelado, tremendo.

Com medo.

Tanto medo.

— Kevin, Kevin... — Mamãe soluça o nome dele. — Por favor, meus filhos...

Ele a olha, inclinando a arma de um lado para o outro como se estivesse brincando com o objeto. As unhas dela se arrastam no chão, como se precisasse de algo para se agarrar, mas não fazem nada mais que barulho. Um barulho feio e oco que viaja por cada espaço da sala quase desprovida de mobília.

Não quero ver isso.

— Não é como se você fosse uma mãe decente para aqueles pirralhos, não é? Está drogada o tempo todo.

— Eles não têm ninguém...

— Aposto que ficarão bem melhor sem você — diz baixo, inclinando-se. Então cospe no rosto dela. — Na verdade, o pai foi

esperto em ir embora. Você era uma mulher linda quando te conheci, mas agora está acabada como todas as vagabundas que rondam aquele beco de drogados.

— Mas... nós... Nós estávamos juntos. V-você disse.

— Ah, claro, ter se envolvido comigo por um tempo foi bom, não é? — Ele inclina a arma de novo. — Mas não vou te emprestar mais dinheiro ou dar drogas de graça em troca de uma boceta. Ao menos, não a sua. Garotas mais bonitas do que você chegaram à cidade.

Mamãe ergue uma mão, como se tentasse se proteger. Mesmo se pudesse, vacilante como está, sua palma não seria o bastante.

Socorro, eu grito em silêncio.

Mas ninguém me ouve.

Ninguém aparece.

Ninguém faz nada.

Eu não faço nada.

— V-você disse que iríamos conversar, q-que iríamos resolver...

— Estamos conversando, Miranda. E por que acha que estou aqui? Eu vim resolver.

Mamãe fica parada e balança a cabeça em negação, chorando mais. Kevin para de brincar com a arma e aponta contra a cabeça dela. Consigo ouvir a voz fraca pedindo “por favor” e “mais tempo” repetidas vezes enquanto mais lágrimas molham seu rosto, e o meu.

Não quero ver isso.

Kevin não recua e meus olhos continuam vidrados no momento em que ele puxa o gatilho. Acho que nunca ouvi um som tão alto, meus ouvidos zumbem e doem, mas nada parece pior do vê-la desabando no chão. Mesmo com a visão borrada pelas lágrimas, eu vejo seu rosto quando tomba, virada para mim. Seus olhos azuis estão abertos, mas ela não me olha de volta. Não parece haver mais nada dentro dela agora.

Mamãe não está bem.

Kevin a machucou.

Ele a machucou para sempre.

Ouço seus resmungos enquanto sai da casa, batendo a porta. Quero me levantar, mas meus músculos ainda estão pesados. Meus soluços escapam agora que ele foi embora, mas fico imóvel, tremendo e chorando até ouvir a madeira da escada guinchar.

É quando desperto.

Algo me faz levantar e correr de dentro do armário em direção às escadas. Corro rápido, escorregando pelas meias, e paro a tempo de encontrar Liv descendo os degraus. Sei que mamãe não está bem, não com todo aquele sangue ao redor dela, posso sentir algo doendo em mim também. Por isso, tenho que estar aqui, proteger minha irmã já que não pude fazer o mesmo por ela.

Passo os braços ao redor do corpo de Olívia. Ela está quente por estar a pouco debaixo das cobertas, ao contrário de mim que sinto meu corpo inteiro tão frio e duro quanto um cubo de gelo.

— Taylor... O que aconteceu? — Sua voz é sonolenta, não parece realmente acordada. — Ouvi um barulho alto, e você não estava na cama.

Apenas soluço, apertando seus braços, mantendo-a no lugar.

Ela não pode descer.

Mamãe não ia querer que ela a visse assim.

Não posso deixar.

— Mamãe disse para não descer e... — Liv para repentinamente. — Espera, por que está chorando?

Não respondo, e diante do meu silêncio, ela tenta descer outro degrau, debatendo-se.

— K-kevin machucou a mamãe... — digo por fim, com dificuldade.

Minha irmã para de se mexer por um momento.

— Ele... bateu nela?

Soluço.

— Ela não vai ficar bem dessa vez, Liv...

Sinto quando seu corpo fica frio, os olhos sendo cobertos por tantas lágrimas quanto os meus. Ela chora, soluça e então tenta sair do meu abraço para ir até a sala, voltando a se agitar com mais vontade. Eu resisto, uso toda força que tenho para não soltá-la, embora esteja chorando e me sentindo tão fraco quanto ela. Minha irmã cede após algumas tentativas, e nossos corpos caem sentados e trêmulos no degrau.

Permanecemos um longo tempo assim. Penso em chamar ajuda, mas se eu a soltar, Liv correrá para sala. Então fico quieto, abraçando-a até a noite virar dia. Horas se passam e nada acontece. Nossas lágrimas secam, os soluços minam, mas o medo e a dor ainda continuam aqui. Parece que não irão embora nunca.

Quando meus olhos já estão pesados, a madeira da porta estala ao ser aberta. Ouço passos e ergo a cabeça; o temor dentro de mim cresce, mas meu coração não se acelera, ele mal parece

bater agora. Vejo um homem velho se aproximar a passos hesitantes, está vestido de marrom e tem um distintivo no cinto.

Olívia que está quase em cima de mim, e me segura com mais força ao sentir a presença de alguém.

Ele se aproxima com muito cuidado. Arredio, eu encaro seus movimentos. Se precisarmos fugir, terei que empurrar Liv para longe para que ele não consiga pegá-la. Ela vai saber que precisa ir para o quarto e trancar a porta.

— Oi, rapaz...

— Fica longe.

— Não vou machucar vocês.

— FICA LONGE! — grito, apertando minha irmã.

Ele recua um passo, erguendo as mãos.

— Calma... vai ficar tudo bem.

Silêncio.

— Eu vim ajudar. Aqui... — Ele pega e abre o distintivo, apontando para mim. — Você já viu um desses, não é? Parece um garoto inteligente. Sou policial do décimo terceiro distrito daqui de Temecula. Vim ajudar.

Pisco, analisando seu rosto.

Ele não parece estar mentindo e realmente tem um distintivo que não parece de brinquedo. Mas outro cara surge atrás dele e eu tenciono, desconfiado outra vez.

— Quem te chamou? — eu pergunto.

— Sua vizinha da frente. Margie, não é?

Movo a cabeça.

— Ela ouviu barulhos, gritos, e ficou preocupada. Ligou para certificarmos se está tudo bem, já que duas crianças moravam na

casa — explica ele em tom calmo. — Seu pai ou sua mãe estão?

Nego.

— Meu pai foi embora. Faz tempo.

Seus cabelos são brancos e pretos, os fios misturados. Seu olhar parece carinhoso, como os pais que buscam os filhos na escola olham para eles. Nenhum homem nunca olhou para mim assim antes.

— Tudo bem. E a sua mãe? — ele insiste.

Abro a boca e um soluço seco me escapa ao lembrar. Lágrimas não marcam minha pele, mas também não consigo fazer a voz sair. Afasto um dos braços de Olívia e aponto em direção à sala.

O policial faz sinal para o outro homem que está atrás dele na direção que apontei, nos deixando sozinhos.

— É a sua irmã? — Ele pergunta sobre Liv e eu assinto. Ela ainda está com o rosto escondido no meu pescoço, voltou a chorar. — Tem mais alguém em casa além de vocês?

— F-foi embora...

Ele avança calmamente, parando a alguns centímetros de distância dos meus pés. Liv e eu nos apertamos forte, mas ele não parece ter intenção de nos separar. Apenas mantém um sorriso pequeno e ergue uma mão, tocando meu cabelo. Chego a apertar os olhos, com receio do toque. A mão de Kevin era pesada, doía, mas a desse homem não é, me lembra dos carinhos da mamãe, bagunçando meus cabelos quando os dias eram bons.

— Sei que estão assustados, mas vai ficar tudo bem, ok? — Ele volta a repetir. — Vou cuidar para que isso aconteça.

Não aceno em resposta, não sei se posso confiar nele.

No entanto, não me ponho a correr com minha irmã também.

— Qual o seu nome? — pergunta. Continuo encarando, mas não respondo. — Olha, meu nome é Heitor. E aquele homem que entrou comigo é o Michael. Ele tem um filho do seu tamanho chamado Fred.

Eu gostava dos *Flintstones.*

— Como o do desenho?

Ele sorri.

— Sim, como no desenho.

— Vocês são policiais bons?

— Trabalhamos duro. — Ele me olha e então sorri novamente. — Ah, sim, somos policiais legais. Os policiais bonzinhos.

Hum...

— Meu nome é Taylor... e o dela é Olívia.

Liv se vira e olha para Heitor, me encarando em seguida. Não nos afastamos ao vê-lo avançar outro passo e se ajoelhar. Está agindo da mesma forma que eu ajo quando quero brincar com o gato de Margie, que entra no quintal às vezes, como se fossemos escapar a qualquer instante.

— Muito bem, Taylor e Olívia... — Ele se vira para o homem, o que disse se chamar Michael, que faz uma negação de cabeça. Heitor suspira, olhando novamente para nós. — Você pode me contar o que aconteceu aqui?

Engulo.

— Mamãe... ela... — As palavras mal saem — ... não está bem. F-Foi minha culpa.

Heitor pisca, surpreso e olha para minha irmã. Liv não diz nada, então seus olhos voltam para os meus. Agora ele também

parece assustado.

— Sua culpa?

Balanço a cabeça confirmando.

Eu não ajudei.

— Tudo bem, falamos disso depois. Agora vão ter que confiar um pouco em mim, ok? Vou cuidar bem de vocês.

— Vai nos levar presos? — eu pergunto.

Ele nega e pega minha mão. Tenho o impulso de me afastar, mas não me segura para machucar, ele só... segura.

— Não. Vamos até a delegacia agora, mas prometo que as pessoas lá são legais. Além disso, temos café e donuts. — Heitor abre outro sorriso pequeno. Gosto que seus dentes sejam brancos. — O que acha disso? Aposto que estão com fome.

Eu realmente estava, então concordo.

— Nós vamos, Sr. H — eu digo. — Mas Liv e eu temos que ficar juntos.

Ele me encara por um longo tempo, como se não conseguisse me entender, antes de mover a cabeça, concordando.

— Eu prometo.

Ele prometeu.



DIAS ATUAIS
TEMECULA

Quando termino de contar a ela o que aconteceu naquele dia há doze anos, dois dias antes do meu décimo aniversário, Amber tem lágrimas nos olhos.

— Eu sinto tanto... — sussurra.

Forço um sorriso.

Essa garota não existe.

Amber parece ter tido seu coração partido em dois pelas minhas palavras, realmente sofrendo por algo que não aconteceu com ela. É como se sentisse minha dor, meu fardo e a minha culpa em seus ombros, como se compartilhasse da tragédia ao meu lado, mesmo sem ser possível.

— Você era apenas um garoto, e ter testemunhado tudo aquilo... — Ela exala com a voz embargada, apertando minha mão.

— Ah Taylor, eu realmente sinto muito.

Minha voz falhou em diversos momentos, meu rosto agora se encontra molhado como o dela. Não é fácil falar sobre isso, especialmente por relembrar que fui tão fraco, covarde em não ter saído daquela cristaleira e reagido. Contudo, há algo bom em Amber finalmente conhecer minhas cicatrizes. A forma como me olha e como aperta a minha mão expressa que ela não se importa com as partes feias que guardo dentro de mim.

— Tinha dez anos, praticamente. Assim como você, quando perdeu seu pai. — Encaro seus olhos. — Quando Olívia me contou sua idade, quis te abraçar e nunca mais soltar, Amber.

Seus lábios desenham um sorriso emocionado. Seus olhos estão mais claros pelo choro, vítreos como de costume. E, pela primeira vez desde que nos conhecemos, eu me sinto tão transparente quanto ela.

— Por isso disse que perdeu muitas pessoas e de várias formas quando perguntei — ela diz, entendendo. — Sua mãe assim, seu pai para o abandono...

— Jason e Yasmin para traição — eu completo.

Amber aquiesce.

— Meus pesadelos sempre são flashes do dia em que Miranda morreu — digo, a voz soando disforme pela rouquidão. — Algumas vezes com o dia que Kevin me deu a pior surra. Mas o primeiro é mais recorrente.

— Pensei que fosse ruim, você estava muito assustado quando te flagrei na sala naquela noite. Mas isso... — Ela me olha, erguendo a mão para tocar meus cabelos. Amber traz todos os dias

bons, sempre que faz isso. — Posso entender sua reluta em se abrir.

— Dói falar no assunto.

Engulo com dificuldade, me preparando para as suas perguntas. Mas enquanto ela nos permite ter um minuto de silêncio, eu brinco com sua palma, desenhando as linhas e apertando nossos dedos unidos, acalentando-me com sua pele.

— Nunca teve notícias do seu pai?

— Não — respondo. — Eu tinha cinco anos quando ele nos deixou. Liv sete, acho que por isso ela sempre sentiu mais falta dele do que eu. Nós nunca o procuramos.

Dou de ombros. Particularmente, eu nunca tive vontade, minha irmã apenas deixou o assunto morrer. Éramos só nós dois, eu por ela e ela por mim, aprendemos isso rápido.

— Ele teve cinco anos para voltar e reparar o que fez antes que fôssemos destruídos de vez — continuo. — Sabia onde nos achar.

— Miranda começou a se envolver com drogas depois dele partir?

Nego.

— Uns três anos depois — respondo, após pensar um pouco. — No começo, ela foi bem pelo que me recordo. Nossa casa era a mesma, almoçávamos juntos aos domingos e embora não ficasse muito em casa por causa do trabalho, Liv e eu entendíamos. O dinheiro era regrado, mas me confortava saber que ela chegaria e passaria no nosso quarto para dar um beijo de boa noite, ou que espalharia girassóis pela casa. Foi um momento difícil, mas ela fez parecer que tudo ficaria bem.

Na época, eu não tinha o discernimento que tenho hoje. No entanto, era compreensivo e entendia quando explicava porque sopa enlatada sete dias por semana e porque não podia comprar mochilas novas ou brinquedos como as outras crianças.

— Eram as flores favoritas dela? Os girassóis.

— Coisa da cidade, eu acho — respondo. — A economia daqui depende muito do óleo de girassol e da exportação de flores para floriculturas nas cidades vizinhas. Há campos por todos os lados, então acho que ela as pegava voltando para casa. Olívia não tem certeza, mas diz que nosso pai costumava trazer alguns buquês para ela quando éramos menores.

Um casal passa ao longe, atraindo minha atenção. O homem mais velho abraça a mulher que chora copiosamente. Pela dor latente, a perda parece ser recente.

Fico cabisbaixo, Liv e eu sequer pudemos ir ao funeral de Miranda.

— Eu meio que procurei você na internet, sabe. Você não falava muito, então fiquei curiosa. — Amber confessa timidamente e eu volto a olhá-la. Sorrio por suas palavras, afinal fiz o mesmo com ela. — Você tem poucas fotos lá, mas eu me lembro de uma. Um girassol.

— Era uma boa memória. Representou tudo de bom que Miranda foi por muito tempo. Em seus *dias bons*. Todas aquelas fotos contam muito, na verdade. Miranda no girassol, Liv porque é tudo que tenho e aquela foto minha. Eu tinha onze anos, foi tirada por Heitor no primeiro evento do orfanato, aquele que comentei com você para angariar fundos. Ele levou uma gravata e me ensinou a

usar. — Abro um sorriso torto. — Hoje isso é bobo, mas na época... Foi a primeira vez que me senti um homem.

Ela sorri.

— Isso é adorável, na verdade. Ele parecia ser uma boa pessoa.

Maneio a cabeça.

— Foi minha tábua de salvação no momento em que parei de acreditar em coisas boas. Eu estava tão indefeso que me apeguei rápido. Sr. H, com o tempo, acabou sendo uma forma carinhosa de me referir a ele. — Eu conto com um sorriso que murcha logo depois. — Não durou muito.

Tomo uma respiração e olho para o céu. Temecula tem um clima particular, dias ensolarados sobrepostos por dias nublados, embora quase nunca chova. Hoje o céu está escuro. Talvez a luz ultrapasse as nuvens mais tarde, mas o clima consternado de agora não poderia ser mais adequado.

— As coisas pioraram rápido quando Miranda foi demitida do emprego. Ela trabalhava em dois lugares, então eventualmente se atrasava nos turnos. Até porque precisava checar como eu e minha irmã estávamos. — Eu prossigo com a história. — Nunca vou ter certeza, mas acho que ela entrou em depressão na mesma época em que conheceu o Kevin. As duas coisas juntas foram nocivas.

— Pelo que disse, ele era um traficante, não é? — pressupõe.

— Sim, e se interessou pela beleza dela. Miranda se parecia com Olívia nos dias de hoje, exceto pelo comprimento do cabelo e os olhos de um tom mais claro. Na sua boa fase, poderia dizer que

são quase uma cópia. — Abro um sorriso. — Eu costumava dizer que ela era a mulher mais bonita do mundo.

— Vê muito da sua mãe nela?

Movo a cabeça, negando.

— Com exceção do físico, elas são completamente diferentes.

Olho novamente para nossas mãos precisando me focar na âncora que me mantém aqui, que me impede de afogar em lembranças que odeio relembrar.

— Eu diria que Miranda era destrutiva. Egoísta e passional demais, apesar de ter sido uma boa mãe por um tempo.

— Você não a chama de mãe?

— Me acostumei a tratá-la pelo nome. Sempre que precisava falar dela, como nos depoimentos gravados durante as investigações, me pediam para chamá-la de Miranda. — Pauso quando as lembranças tornam falar um ato difícil. — Perdi o costume, eu acho.

— Entendi.

Sinto meus olhos arderem e olho para ela.

— Eu a amava, Amber. Mesmo. Muito. Mas depois que entendi o que fez, como nos colocou em perigo e como... — Mais uma pausa. Tenciono a mandíbula até sentir meu queixo deixar de tremer. — Eu sei que estava doente. O vício a destruiu aos poucos e ela sucumbiu, mas algo dentro de mim guarda muita mágoa sobre isso. É algo que não consigo me desfazer. Nunca a perdoei e não sei se um dia vou.

Amber fica em silêncio por alguns segundos.

— Miranda me parece uma mulher perdida. Eu a vejo como alguém que não sabia como cuidar de si própria, muito menos de vocês. — Seu toque ascende pelo meu braço e sua mão pousa no meu ombro. — Ela foi negligente, isso é inegável, mas aposto que amava você e sua irmã mais do que tudo no mundo.

Suas palavras de conforto são bem-vindas. Em especial, porque por mais rancor que eu carregue com a memória dela, minha culpa sobre o assunto é muito maior.

— Ela começou a ficar muito mal conforme o vício progrediu. Mais *dias ruins* do que *dias bons*, como eu costumava chamar — digo baixo, a voz ainda vacilando pelos músculos constritos da garganta. — As coisas de valor da casa começaram a desaparecer e as visitas de Kevin a aumentar. Ele não gostava de nós, ou de crianças no geral, não sei bem. Só sei que não podíamos ficar no mesmo ambiente que ele. Não desde o dia em que segurou Olívia tão forte que os dedos da mão ficaram marcados ao redor do pulso dela, e eu levei uma surra por ter entrado na frente.

— Ele machucou vocês na frente de Miranda?

Confirmo com um aceno.

— Mais de uma vez. Então ela beijava cada lágrima que derramávamos e sussurrava como nos amava enquanto cuidava de cada machucado — conto a ela. — Aconteceu mais vezes comigo, mas no geral, era algo mais verbal. Desde o pior episódio, esse em que Kevin machucou Liv e me bateu mais por tê-la defendido e chorado no meio da surra, passamos a ficar escondidos no quarto. Era o acordo.

— Enquanto isso, eles ficavam no andar de baixo.

Confirmo com um aceno.

— Os barulhos eram ensurdecedores às vezes. Dependia muito da droga, eu acho. E eventualmente, gemidos quando transavam. — Exalo, controlando a onda de náusea que me atinge. — Não era claro para mim na época, eu senti muita repulsa e medo, mas não assimilei a gravidade do que ele fez antes de atirar. Hoje eu sei que a estuprou cruelmente na minha frente antes de assassiná-la.

Amber fica cabisbaixa, parecendo igualmente enojada. Eu me sinto da mesma forma, nauseado, como se agulhas lacerassem a minha garganta a cada palavra e se assentassem no meu estômago.

— Agora eu entendo porque teve tanta reluta comigo, e me sinto péssima por ter feito certos comentários. — Ela me olha e suspira. — Sempre achei um pouco estranha a sua necessidade de assegurar meu consentimento quando estávamos juntos. E porque sempre pergunta se estou bem, se tenho certeza.

Esperava que ela me entendesse melhor depois de hoje, mas fico surpreso em como junta as peças da minha personalidade com tanta facilidade. Talvez porque mesmo quando eu me escondia, ela era capaz de ver. E o que não via, o que não compreendia, Amber respeitava.

— Minha terapeuta disse que eu lidava mal com sexo porque o via como algo sujo, violento. Foi o primeiro contato que tive, e era difícil superar aquela impressão. — Eu elucido, confirmando que está certa. — Miranda não estava confortável, pediu mais de uma vez para que parasse e, inclusive, tentou afastá-lo. Foi violento e não consentido. Mesmo entendendo com o tempo que o ato não é sempre assim, que as pessoas sentem vontade e compartilham

prazer, ver homens assediando e até forçando garotas no prostíbulo foi como ter a mesma dose de merda de novo. Isso sem contar os que se achavam no direito de me tocar ou forçar um boquete apenas porque eu trabalhava naquele lugar. Passei a ver o sexo como um vício, assim como as drogas.

— Jason comentou que você costumava dizer que todos os vícios eram algo ruim — ela comenta. — Ele até disse que o seu era a bondade, por ser tão zeloso com aqueles que gosta.

Faço uma careta.

— Com certeza, eu me arrependo de certas boas ações — digo, amargurado. — Isso não me torna tão bom no fim das contas, não é? Pensei muitas vezes como seria se nunca tivesse me envolvido com Yasmin ou aberto minhas defesas e construído uma amizade com Jason. E o veredito é que, se pudesse voltar no tempo, provavelmente viraria as costas para ambos.

— Acho que a maioria pensaria assim no seu lugar. Mesmo que algumas dores valham a pena no fim, a maioria de nós prefere não passar por elas tendo outra escolha.

A admiro mais uma vez, ainda impressionado com sua capacidade de me encantar com cada pensamento sagaz de sua mente esperta e indulgente.

— Depois de me envolver com Yasmin, tive progresso — eu continuo. — Exigia que dissesse com todas as letras que queria aquilo e, mesmo assim, ficava incomodado. Quebrando o clima mais vezes do que posso me lembrar, afastando-me abruptamente quando flashes acendiam na minha mente, mesmo vendo que o olhar de Yasmin jamais teve um pingo de medo. Foi um longo caminho até que ela conseguisse me ajudar a superar isso. Sexo

oral, no entanto, nunca foi uma possibilidade. Sempre que vejo uma mulher naquele ângulo, de joelhos... — Balanço a cabeça. — Não consigo, eu não... É demais para mim.

Amber desvia os olhos.

— Você... você se sentiu assim comigo? — Sua garganta se move, a voz tão baixa quanto possível. — Sabe, incomodado.

Quase me dou um soco ao entender como minhas palavras podem ter soado para ela.

— Ainda tenho certos receios quanto ao sexo, Amber. Por isso, resisti tanto para ficar com você. Além dessa merda, você era virgem. Se eu fizesse algo errado, você teria uma péssima memória, algo que não poderia mudar e que se arrependeria para sempre. Se eu te machucasse, jamais conseguiria me perdoar. E eu me conheço, não sou capaz de carregar outra culpa. — Ergo o rosto dela pelo queixo, mantendo seus olhos nos meus. — Mas o que aconteceu conosco foi diferente. Você sabe que em todas as vezes que ficamos juntos foi mais do que sexo. Tenho certeza de que, apesar do prazer e das sacanagens, você sentiu meu coração descontrolado quando eu estava dentro de você.

O olhar dela se suaviza um pouco mais a cada palavra. A tensão em seu corpo se abranda, e solto o ar quando ela assente, voltando a abraçar minha mão como um sinal de apoio.

— Fez terapia por muito tempo?

— Por anos. As consultas aconteciam no orfanato, havia um programa social de apoio psicológico às crianças carentes. Heitor se encarregou de que Liv e eu participássemos.

— Ele ficou com vocês por um longo tempo, então.

— Sim. Depois de nos encontrar naquela escada, fomos para a delegacia. Eu ainda estava desconfiado, mas ele me ofereceu donuts e, bom, você me conhece.

Amber sorri, mas me analisa.

— Sua psicóloga já disse algo sobre isso? — questiona. — Seu humor peculiar que eu amo, mas nem sempre é saudável.

— Ela disse que foi a forma que encontrei para me proteger, uma armadura de indiferença e sarcasmo, afundando tudo o que me machucava a fim de deixar apenas coisas boas na superfície. Disse que uso humor como escape, sobretudo ao me sentir vulnerável. — Encaro seus olhos. *Assim como você quando escolhe sorrir e dizer que está tudo bem, mesmo sendo um poço de ansiedade e autocobrança*, eu quase digo. *Ou com suas manias de organização, que talvez não sejam apenas manias.*

— Heitor faz você se sentir vulnerável?

— Como a porra de um garotinho!

Um garoto idiota e esperançoso, parado em frete ao St. Joseph's por horas. Sozinho. Esperando.

— O que aconteceu na delegacia? — interpela, dando prosseguimento ao assunto.

— Eu me lembro de depor e falar sobre Kevin, mas a minha principal preocupação era saber onde estava minha irmã. Heitor ficou comigo enquanto o outro policial, Michael, ficou com Olívia. — Narro como foi aquele dia. Essa não foi a única promessa quebrada. — Sabia que Liv estava assustada, que precisa de mim, então fiquei agitado. Heitor só conseguiu me acalmar quando explicou que ela estava na sala ao lado, apenas contando do que se lembrava, assim como eu.

— Você disse que esteve em muitos orfanatos, mas que não estava com Olívia neles. — Amber se lembra. — Imagino que se separaram nesse momento.

Assinto.

— Temecula é uma cidade muito pequena, o departamento de polícia tem poucos oficiais, há apenas uma confeitaria e uma igreja — Exponho. — Logicamente, há também um orfanato, que na época, contava com uma única vaga. Eu fiquei com ela por ser mais jovem.

— Heitor não tentou interferir?

— Embora tenha prometido nos manter juntos, ele não podia fazer nada. Demorei um pouco para entender isso, Heitor teve que ser muito paciente e explicar repetidas vezes que aquilo estava fora da sua alçada por mais que desejasse ajudar. Por alguma razão estúpida, eu sempre confiei nele.

— Para onde levaram Olívia?

— Minha irmã foi para West Point, escoltada por um policial e uma assistente social. Eles nos deram cinco minutos para nos despedir. Cinco minutos, acredita? — Rio, sentindo meus olhos marejarem outra vez. — Eu a agarrei tão forte, que outro policial teve que entrar na sala para nos soltar. Heitor me segurou, me impedindo de correr enquanto outro homem a levava embora. Eu me lembro claramente desse momento, embora anos tenham se passado. Da forma como meu coração pareceu perder o compasso ínfimo que tinha, de cada grito dela e cada lágrima minha, de como sua mão foi a última parte dela a se afastar, deslizando pela minha até estar a quilômetros de distância. Liv pediu repetidas vezes para

eu não a deixar ir, como se eu pudesse realmente fazer algo. Nunca esqueci essa imagem dela.

Suas sobrancelhas se curvam para baixo, assim como os ombros, em uma feição sentida. Então ambos olhamos para cima quando um trovão ecoa alto; é um excelente momento para deixar outra lágrima cair.

— Isso foi tão cruel... — sussurra, abraçando-me de lado, a cabeça apoiada no meu ombro. — Mal posso imaginar como vocês, sendo tão unidos, ficaram. Sem contar que haviam acabado de perder a mãe. Espera — Amber volta a posição de antes para me olhar —, Olívia não foi ao funeral?

— Nenhum de nós foi — respondo. — Muita coisa estava acontecendo. Autópsia, interrogatórios, o processo com a assistência social para os orfanatos, mandatos contra Kevin... Quando acabaram, o estado simplesmente financiou uma cova, sem cerimônia. Por isso, por mais que eu odeie vir aqui, eu ainda me forço às vezes. Foi a segunda vez que eu falhei, que eu devia ter estado ao lado de Miranda.

Amber emoldura meu rosto com as mãos. Sua expressão é séria, lábios pressionados e olhos austeros.

— Sabe que não foi sua culpa, certo? Você não podia fazer nada.

Não respondo.

No fundo, sempre soube que Amber seria como a minha irmã, trataria o assunto de forma complacente e permissiva, tudo para atenuar o meu fardo.

— Taylor, se tivesse saído daquela cristaleira provavelmente estaria machucado. — Seus olhos marejam. — Ou, céus, talvez

aqui ao lado dela! Você nem deveria estar lá, mas o melhor que poderia fazer foi realmente ter ficado quieto.

Afasto meu rosto do seu toque, consternado.

— Você não entende... Podia ter terminado pior, mas eu precisava ter tentado. — Encaro seus olhos, quebrando mais um pouco. — Mesmo sendo uma chance ínfima, ela era minha mãe, Amber. Eu não podia ter sido tão covarde, precisava ter tentado.

Ela me fita tristemente, chorando em silêncio. Não espero que concorde comigo, conheço bem sua personalidade, mas não duvido que tente me confortar. Por isso, desvio os olhos e continuo antes que possa dizer algo mais sobre o assunto. Em relação a isso, eu não mereço conforto e por mais que Amber e Liv se importem comigo, nenhuma das duas jamais será capaz de tirar essa culpa de mim.

— Heitor me visitava no orfanato duas vezes por semana. Me ressenti inicialmente por Olívia, mas ele era a única pessoa que se preocupava comigo àquela altura. Então, eu me apeguei a ele. Heitor me levava para passear, contava sobre sua vida, sobre a esposa Annalise e as aventuras na academia de polícia. — Encaro Amber. — Se lembra daquele chaveiro na praia?

— Sim. Você ficou atordoado.

— Trouxe muitas lembranças — finalmente, eu explico. — Heitor carregava um idêntico. A arma pela profissão, a letra A pelo nome da esposa. Eles eram muito apaixonados um pelo outro, era bonito de ver.

— Ainda acha que pode ser dele?

Nego.

— Acho que foi uma coincidência infeliz que serviu de combustível para minha mente atormentada. Ainda procuro por peças que possam explicar porque ele foi embora — eu confesso. — Vai entender quando eu terminar que, se ele quisesse voltar, já o teria feito. Mesmo sendo bom para mim por um tempo, Heitor não foi muito diferente do meu pai.

Amber assente com pesar.

— Tenho certeza que pensava muito em Olívia, especialmente quando estava sozinho. A união entre vocês sempre me pareceu linda, mas depois de saber tudo isso... Simplesmente, não consigo vê-los arrancados um da vida do outro.

— Pensei em Liv todos os dias. E depois do primeiro mês, quando os acontecimentos se assentaram e pareceram mais permanentes, percebi que precisava tomar uma atitude. Comecei um voto de silêncio por um mês e recusei tudo que me deram para comer. Foi quando Heitor e os funcionários começaram a me levar a sério, e finalmente viram como ficar afasto da minha irmã estava me fazendo definhar.

— Ele te ajudou a ir para o St. Joseph's então?

— Ele prometeu. Mas duas semanas se passaram e nada aconteceu. Estava prestes a completar meu segundo mês naquele lugar quando decidi fugir. — Conto, sem surpreender pelo meu comportamento bronco e autossuficiente. — Saí no meio da noite sem o mínimo senso de direção de como chegaria em West Point. Roubei um livro de geografia da biblioteca, mas sinceramente não foi muito útil. Acabei perdido no meio do nada.

Seus olhos se arregalam, e eu abro um sorriso pequeno. A situação era uma merda, mas foi uma pequena aventura.

— Meu Deus, Taylor! E o que você fez?

— Nada. Literalmente nada.

— Como assim?

— Quis me convencer de que era um homem e que conseguiria resolver a situação, mas assim que escureceu, eu me sentei em um canto e comecei a chorar. Estava com frio, com sono, com fome e completamente amedrontado. Nunca me senti tão sozinho antes. — As palavras saem e as lembranças voltam, cristalinas como água, como se eu ainda fosse aquele garoto perdido. — Dizem que gêmeos têm conexões profundas, mas na ausência de um pai e com uma mãe desajustada, dois irmãos acabam sendo partes um do outro. Fui descobrir depois, mas nessa mesma noite Liv teve uma crise de choro e acabou acordando todo St. Joseph's. Ela também estava testando algumas estratégias como a greve de fome, para me levarem até lá.

— Isso é adorável, mas tão injusto que me aperta o peito. — Amber suspira. — Não me diga que passou a noite ali, sozinho ao relento.

Faço uma careta culpada.

— Dormi encostado às madeiras da varanda de uma casa. Foi o lugar mais coberto que encontrei caso chovesse, e era a única casa com um tapete grande de *Bem-vindos*, que eu usei para me cobrir durante a noite. — Conto. — Fui encontrado pela moradora no dia seguinte. Para a minha sorte, ela era uma boa mulher. Contei que estava perdido e ela me disse que estávamos em Wildomar, uma cidade vizinha à Temecula. Ou seja, ainda muito distante de West Point. Ela me cedeu comida e pedi para que ligasse para a

delegacia quando me perguntou se eu sabia o número de casa ou o contato dos meus pais. Felizmente, ela conseguiu falar com Heitor.

— Ele foi te buscar?

Abro um sorriso.

— No mesmo minuto. Heitor já estava no meio de uma busca na cidade e região por mim, colocou todo o departamento para procurar assim que deram a minha falta na ronda e flagraram o lençol que usei para escapar. Lembro de como minhas mãos tremiam enquanto eu o esperava. Tinha certeza de que estaria bravo, e possivelmente nunca mais voltaria a me ver depois dessa peripécia. Isso me aterrorizou. Mas Heitor não gritou comigo ou reclamou. Ele apenas perguntou se eu estava bem e porque fugi, e eu contei a verdade, que não poderia ficar afastado de Olívia. — Solto uma risada anasalada. — Ainda admiti que fugiria de novo, acredita? Que faria isso até acertar o caminho para o West Point.

Amber sorri.

— Não esperava menos de você — diz afetuosamente. — Frente a isso, o que ele fez?

— Disse que resolveria as coisas, prometeu que conseguiria uma transferência nem que isso custasse o seu emprego — respondo. — Mas para isso, eu precisava ficar no orfanato e ser paciente. Não seria do dia para noite, levaria tempo, e eu precisava entender isso. Além do que, não era seguro sair à noite com Kevin na cidade.

Amber entreabre os lábios, em choque.

— Ele não foi preso? — questiona indignada.

— Pelos depoimentos, eles o detiveram. Mas não em flagrante e haviam pessoas... favoráveis a ele no sistema. Sabe,

negócios sujos da cidade, oficiais corruptos. Não sei ao certo o que aconteceu, mas ele conseguiu a fiança. — Encaro o gramado mal cuidado abaixo de nós. — Pesquisei sobre ele um tempo depois, enquanto estava trabalhando na construção. Kevin foi assassinado por uma dívida de drogas. Fiquei satisfeito com essa merda de carma. — Encaro seus olhos. — Doentio, não?

Amber mantém uma expressão tranquila.

Seus olhos nunca me julgam.

— Eu diria que é humano. Apenas isso.

Abro um sorriso.

— Você é boa demais para mim.

Ela revira os olhos.

— Não fala isso. Heitor cumpriu a promessa?

— Cumpriu. Três semanas depois, eu estava indo para o St. Joseph's — respondo. — Heitor disse que continuaria a me visitar, mesmo a quilômetros de distância, e realmente o fez. Todos os fins de semana ele dirigia até West Point e passava o sábado comigo e Olívia. Às vezes, saíamos sozinhos para pescar ou atirar em latas. Comer hambúrgueres à beira do lago era meu programa favorito.

— Parece divertido.

— Era. Especialmente quando Annalise ia. Por ser sempre tão carinhosa, minha irmã e eu nos afeiçoamos rápido a ela também. — Dou de ombros. — Acho que sempre ansiei como seria ter um pai. Um homem de verdade que nunca iria me abandonar, que seria capaz de proteger e amar, que me olharia com aquele afeto palpável que Heitor demonstrou ao me encontrar em pedaços naquela escada.

— E você idealizou essa imagem de pai perfeito em Heitor. — Amber conclui cabalmente. — Eles não tinham filhos?

— Ele era um homem velho, cinquenta e poucos anos. Annalise era mais jovem, mas apaixonada demais pelo trabalho. O tempo passou e quando resolveram tentar, os ovários dela já não produziam mais óvulos de qualidade. Algo assim. — Dou de ombros, meu conhecimento sobre o assunto é limitado. — O fato é que não podiam mais engravidar. Com o tempo e com as visitas recorrentes, Heitor conversou comigo sobre a possibilidade de adoção. Fiquei feliz, seria a primeira vez que teria uma família como aquelas que eu via ao meu redor.

— Ele parecia gostar mais de você.

— Éramos mais apegados. Liv teve uma fase introspectiva nessa época, foi como ela conseguiu lidar com os traumas, assim como eu usava do humor. Então era complicado conseguir penetrar naquela armadura. — Eu explico. — Mas Heitor sabia que eu nunca aceitaria ser adotado sem ela, sobretudo depois da confusão dos orfanatos distintos. Sempre fomos o pacote completo ou nada feito. Ao me fazer a proposta, estava ciente disso. Parando para pensar, deve ter sido a melhor época da minha vida. Ficava ansioso para ver seu carro dobrando a esquina, sabendo que sairíamos para algum lugar divertido. É uma das partes que mais sinto saudade.

— Posso imaginar uma história linda a partir disso, mas sei como termina já que ficaram no St. Joseph's até a maioridade — Amber diz. — O que deu errado?

— Eu nunca soube — confesso. — O processo durou alguns meses e, no começo, a rotina se manteve. Eles vinham nos ver e até passamos alguns fins de semana na casa deles aqui em

Temecula. A casa era enorme e linda, havia até uma piscina. Heitor disse que poderíamos ter quartos decorados e que faltava pouco para sairmos de lá. Ele cumpria a maior parte das promessas, então eu me apeguei a isso com cada grama de força que eu tinha.

Pauso e respiro fundo ao notar a emoção transparecendo no meu tom, tornando minha voz grave e frágil.

— Então, repentinamente as coisas ruíram. Annalise deixou de vir e Heitor aparecia cada vez menos. Faltava apenas uma assinatura, então eu não me importei. Afinal, o que poderia dar errado? — Rio, sem humor. — Eu não tinha muita coisa, mas arrumei com carinho aquelas poucas roupas e as camisetas novas que ele havia me dado ao longo das visitas. Liv e eu nunca fizemos questão de presentes, mas era bom finalmente ter alguns brinquedos e roupas quentes de verdade. Naquele dia, minha irmã preferiu esperar na recepção, mas eu estava ansioso demais, então insisti em ficar em frente ao orfanato, sentado nas escadas à espera dele.

— Oh! Ele... — Amber suspira, esmorecida. — Ele não apareceu, não é?

— Não. Fiquei por horas até me obrigarem a entrar, quando já havia anoitecido. Depois, por outro dia e então uma semana. Eu continuava a me sentar ali e esperar como se fosse algum atraso bizarro e ele fosse mesmo aparecer. Meses se passaram e Heitor não só não apareceu como nunca mais deu notícias. Simplesmente, foi embora. Me abandonou sem olhar para trás.

— Eu não posso acreditar... — Ela lamenta. — Pelo modo como agia, ele parecia gostar de vocês. Especialmente, de você. Como pode fazer isso?

Aperto sua mão novamente.

Era o que eu me perguntava todos os dias.

— Agora você sabe de tudo — digo encarando seus olhos. — Ficamos naquele lugar até sermos obrigados a sair e, desse ponto em diante, contei a você o que aconteceu.

Sou pego de surpresa quando Amber se joga nos meus braços. Mesmo aturdido, envolvo seu corpo e seguro firme. Ela suspira, apertando-se contra mim, coração contra coração. Estranhamente, todos os cacos estão de volta ao meu peito, doloridos, estilhaçados e pungentes, mas consideravelmente menos bagunçados que antes, como se Amber não fosse apenas a responsável por despertar os primeiros batimentos do meu coração partido, como também a reparar algumas partes feridas e solitárias.

— Obrigada por confiar em mim — diz bem baixinho, no meu ouvido. — Sinto muito que tenha passado por tanta coisa, mas estou orgulhosa por ter se tornado um bom homem acima de tudo.

Ela se afasta o bastante para me olhar, sem sair dos meus braços. Seus grandes olhos castanhos se prendem nos meus quando sua testa repousa sobre a minha.

— Sei que tem muito ressentimento dentro de você, Taylor. E muita culpa, embora eu não ache que você realmente mereça carregar alguma. — Seus dedos afastam meus cabelos. — Mas vejo muita coisa boa também. Muita mesmo.

Ela se aproxima até que nossos lábios estejam unidos, e eu quase derreto. Sobretudo porque leio cada nota desse beijo inocente e amoroso. Amber está prometendo jamais fazer o mesmo que as pessoas que me machucaram fizeram.

Ela não vai me trair.

Ela não vai me abandonar.

Quando nos levantamos, ela se inclina sobre o túmulo de Miranda.

— Você fez uma coisa certa, sabe? Tem bons filhos. — Ela diz, colocando uma mão sobre a lápide. — Eu te agradeceria se estivesse aqui porque, sem você, eu não teria conhecido o melhor homem depois do meu pai. Então, acima de tudo, obrigada Miranda.

Amber enlaça nossas palmas em seguida, e me puxa para fora dali, me emerge de tanta dor em busca dos momentos presentes. Sinto meus olhos marejarem por algo que não é tristeza, mágoa ou ressentimento. Meu coração está aquecido por bons sentimentos, e está batendo tão rápido que me pego dando sorrisos bobos a caminho do carro.

Acho que Olívia não será a única garota que saberei amar, afinal.



Amber

DIAS ATUAIS
TEMECULA

Fico surpresa quando Taylor não pega o retorno, e infiltra-se ainda mais na cidade. Estou gostando da visita, e de como tudo aqui e pitoresco. Tão diferente de Palo Alto, e ainda mais da França, embora Temecula possua certa beleza.

— Onde vamos? — pergunto, girando o pescoço para olhá-lo.

Seus olhos estão um pouco vermelhos, assim como os meus. Apesar de termos dormido juntos, talvez esse tenha sido o momento de maior intimidade e fragilidade mútua que compartilhamos. Eu chorei, ele chorou e nossas lágrimas molharam o chão sob onde sua mãe está enterrada. Cada palavra do seu passado me dói vivamente, mas sinto que estamos mais unidos que nunca. Tão próximos quanto poderíamos.

— Pensei em dar um passeio antes de voltarmos para casa — responde, me olhando por um instante. — Quero te levar a outro lugar. Fazer desse dia muito mais do que despejar meu passado em cima de você.

Abro um sorriso. Taylor quer expurgar a onda de emoção no ar, terminar o dia com um sorriso e não com dois rostos inchados.

Sabia que ele era um cara complexo, parte de mim talvez tenha se atraído por isso, mas algumas camadas dele são realmente encantadoras. Há muito rancor guardado, muita mágoa vazia por pessoas que não tiveram boas ações com ele, mas há partes bonitas que sequer sei dizer se ele enxerga.

Taylor se culpa por não ter ajudado a mãe, mesmo sendo ressentido por ela ter colocado Kevin em suas vidas. Ele nunca hesitou em defender Olívia e fez o que pode para mantê-los juntos. Isso, quando era apenas uma criança. Uma vez li que “se você quer saber como um cara vai te tratar, olhe para como ele trata as mulheres da família dele”. Esse pensamento agora me faz sorrir porque não tenho dúvidas de que estou com alguém que vale ouro.

— Ei, tudo bem? — pergunta, tocando minha mão após mudar a marcha.

Percebo que ainda estou sorrindo, mas não disse nada.

— Sim, eu apenas... estava pensando. — Aperto sua palma e a libero para abrir o vidro do carro. Uma chuva fina corre lá fora agora. — Então, em que lugar de Temecula você quer me levar?

— Tem uma lanchonete temática que é incrível. Bom, era, não sei se ainda está aberta, mas podemos tentar. Espero que o Sol se abra logo.

Faço uma careta.

— Duvido, o céu está horrível! — comento. — Costuma ir até esse lugar?

— Sim, Heitor me levava enquanto estava no orfanato daqui.

Que homem estranho, como pode tratar uma criança assim com tanto carinho e simplesmente desaparecer depois? Ele comprou roupas, brinquedos, os levou para passear e prometeu um futuro, deu-lhes esperança. É difícil imaginar que escolheu abandoná-los.

— O que você costumava pedir? — eu pergunto.

Taylor abre um sorriso torto.

— Tudo que eu podia comer.

Rio.

— Sério.

— Hum... Batata-frita, hambúrguer, pizza... — Ele dá de ombros. — Não eram coisas saudáveis, mas ocorria poucas vezes, acho que por isso Heitor não ligava. Olívia e Annalise pediam salada e frango.

— Sua irmã disse que você a faz parecer mais careta do que ela realmente é, e que nunca foi tão chata assim para comida— eu digo, lembrando da conversa que tive com Olívia no shopping.

— Ela adorava batatas e carne também. — Ele admite, sorrindo. — Acompanhava Annalise porque se sentia mal pelas coisas que ela não podia comer por ser diabética.

— Nunca pediu bolo de chocolate então?

— É um lugar simples, as únicas sobremesas eram balas, pirulitos, chocolate Toffifay.... — Taylor me lança uma piscadinha. — Bolos, apenas na confeitaria da cidade. E não, nunca pedi para ir. Miranda era minha mãe e sabia cozinhar, por isso eu pedia, mas

você não saberia de nada se Olívia não tivesse contado. Não era obrigação de ninguém satisfazer meu desejo bobo.

— Não era um desejo bobo.

Taylor sorri.

— Era, sim. Mas fico feliz que você o realizou.

Ele estaciona em frente a um enorme letreiro em forma de sorvete, escrito *Catch a Flave*, onde as luzes de neon estão desligadas por ainda ser dia. Desço animada, caminhando de mãos enlaçadas com Taylor até o interior. E quanto vejo a decoração, abro um sorriso.

O piso é ladrilhado em preto e branco, as mesas são quadradas e os assentos são pequenos sofás pretos. As paredes puxadas para o vermelho combinam perfeitamente, sobretudo com o letreiro *Back to the 50's*[JR3] piscando aqui dentro.

— E então?

— Esse lugar... — balanço a cabeça, estupefata. Nunca vi uma jukebox antes, e até mesmo o uniforme temático das garçonetes é uma surpresa a parte. — É incrível! Simplesmente incrível.

Taylor ri do meu entusiasmo. As pessoas ao nosso redor agem com indiferença por estarem habituadas, mas para mim é algo totalmente novo. Nem mesmo os pontos de pintura desgastada ou o cheiro de gordura são capazes de diminuir o brilho do lugar.

— Costumava ficar assim como você — comenta ele. — Admirado como se não fosse um estabelecimento, mas um parque de diversões. Era divertido, especialmente quando ligávamos a jukebox.

— Quase posso imaginar.

Nós sentamos em uma mesa, frente a frente, e fizemos nossos pedidos. Escolhi um sanduíche tradicional e ele sorriu de orelha a orelha quando pediu um hambúrguer do tamanho da minha cabeça.

— Vai mesmo conseguir comer uma coisa desse tamanho?

— Hum... — Ele mastiga deliciado. — Você tem quantos metros mesmo, Thompson?

Entreabro os lábios, chocada e atiro uma batata nele. Taylor ri por conseguir pescar ela com a boca.

— Não acredito que disse isso! — digo rindo.

— Você teve que maliciar para entender, então a minha mente não é a única safada por aqui. — Ele tem a ousadia de dizer. Cachorro! — Mas não se preocupe, prefiro você a qualquer hambúrguer. É muito mais saborosa.

Arqueio uma sobrancelha.

— Espero que a qualquer bolo de chocolate também.

Ele sorri lindamente antes de dizer:

— Qualquer coisa contra você é uma batalha perdida, Thompson.

Mordo meu sanduíche para me ocupar, e ter algo para olhar enquanto minahs bochechas se aquecem por suas palavras.

Começamos conversar sobre amenidades, rindo em meio a várias calorias que deixam o clima ainda mais gostoso. Mesmo após aquele hambúrguer monstruoso, Taylor pede dois milkshakes, insistindo que eu preciso provar. Realmente estava certo ao afirmar que os da *Catch a Flave* eram melhores do que qualquer um que eu já havia tomado. Taylor escolheu um de chocolate, com muita cobertura e biscoito Oreo, e uma espiral tão grande de chantilly que

me fez entreabrir os lábios, chocada. Eu preferi um de morango, com a fruta *in natura* e alguns confeitos.

— Nossa! — gemo, sorrindo. — Eu me casaria com esse milkshake!

Gargalhando, a cabeça dele se move.

— Depois sou eu quem penso com a barriga.

Quando nos levantamos, vinte minutos mais tarde, pensei que estávamos indo embora, mas ele me surpreendeu ao ir até a máquina de música e jogar algumas moedas para fazê-la tocar. Arregalo os olhos quando *The Time Of My Life* começa a tocar.

Eu não sou a única surpreendida, as pessoas ao redor começam a nos encarar e cochichar. Encaro o sorriso sacana de Taylor e seus ombros se movendo com as bochechas quentes de vergonha, lutando para conter um sorriso.

— Você não vai fazer isso... — solto, alarmada.

— Ah, eu vou!

— Taylor...

Seus lábios se curvam mais quando ergue as sobrancelhas em desafio.

— Amber — devolve no mesmo tom.

— Você odeia dançar.

— Mas gosto de substituir memórias ruins por bons momentos com você. Lembre-se, eu poderia ter escolhido uma do Bon Jovi. — Ele dá uma piscadinha. — Então seja uma boa garota e traga essa bunda bonita aqui, meu amor.

Nego, sorrindo.

— Não mesmo!

— Vai me fazer te buscar?

— Você não ousaria... — eu duvido.

O constrangimento dá lugar a diversão quando vejo Taylor imitar Patrick Swayze, movimentando os ombros e girando os quadris como se estivéssemos em um clássico sexy de época. Ele bem que poderia com esse rosto incrível, todo esse charme essa jaqueta de couro surrada.

Contenho um sorriso mordendo o lábio.

Céus, tenho vontade de subir em cima dele.

Pedir pra fazer amor comigo usando só essa jaqueta.

— Você está ridículo... — zombo, mesmo sendo mentira.

Um casal olha para nós e sorri enquanto um senhor sentado nas banquetas reclama pelo barulho. Na sua grande maioria, os clientes estão encantados, e quem pode culpá-los?!

— E você está linda nesse vestido — diz em tom charmoso, grave, puxando-me pela mão para mais perto. — Deveria se afastar e se jogar nos meus braços para imitarmos aquela cena famosa. Prometo pegar você.

Rio mais e nego, cedendo apenas a deixar seus braços me envolverem. As mãos apertando minha cintura, nosso rosto bem próximo e olhos vidrados um no outro. Ele é tão lindo assim de perto, sobretudo sorrindo pra mim.

— Sabe — ele murmura —, sempre que dançava, eu me recordava do prostíbulo. Mas desde o jantar no estúdio, sempre que penso em música e corpos se movendo, eu penso em você. Em como foi te ter nos meus braços, balançando timidamente para me acompanhar, me olhando como se eu fosse o melhor presente do mundo.

Acaricio seus cabelos e deslizo o toque até parar em seu rosto, emoldurando com uma palma seu maxilar bem marcado, coberto pela barba por fazer. Os efeitos dela ainda estão presentes em manchas rosadas pelo meu corpo.

— Independente do que aconteça, sabe que nunca vou me esquecer de você, não é? — Trago Taylor para perto; ele ainda continua dançando. Meu corpo se soltou um pouco, o bastante para acompanhar suavemente o seu outra vez. — De como é bom e de como me faz feliz.

Ele me olha profundamente, como fogo baixo, aquecendo e queimando, consumindo tudo o que pode de mim. Taylor segura minha nuca com pressão e faz minha boca encontrar o caminho da sua, desvanecendo tudo ao redor em um beijo lento e apaixonado.

Sua boca dita a intensidade do beijo e eu me derreto contra ele, suspirando e cedendo, agarrando e puxando seus cabelos sempre que sua língua resvala na minha.

Ao me afastar à procura de ar, ele se mantém, me fazendo engolir em seco por sentir cada célula do meu corpo clamar pelo dele. Taylor beija a ponta do meu nariz com reverência e então me abraça pelos vários segundos que a música leva para terminar.

Sinto meu coração nas alturas.

— Sabe, amor... — sussurra no meu ouvido, a voz rouca me causando arrepios. — Isso me fez querer voltar correndo para casa.

Umedeço meus lábios repentinamente secos.

— Algum programa especial?

— Com certeza. Afundar bem fundo e gostoso... — É preciso muito esforço para manter meus olhos nos dele e não fechá-los

quando minhas pálpebras parecem tão pesadas. — Naquele nosso sofá para ver uma série com você.

Estapeio seu ombro, rindo.

— Você está terrível hoje, hein?!

Ele sorri, perverso.

— Agora... — Desliza os olhos escuros pelo meu rosto, parando na minha boca um segundo antes de voltarem aos meus. — Você está imaginando quantos dedos cabem ou até onde eu posso enfiar minha língua em você?

Pisco, fechando o sorriso.

— Taylor. — É só o que consigo dizer, e soa como um gemido.

Satisfeito, ele se inclina e beija a minha bochecha.

— Você é adorável! Vamos embora.

Acertamos a conta com a garçonete e tomamos a saída, ainda sendo alvo de atenção e comentários de todo pequeno público da lanchonete temática. Passamos cerca de uma hora lá dentro, por isso fico surpresa quando saímos e raios de sol cobrem nossa cabeça. O clima mudou drasticamente de cinza e feio para um azul vivo e brilhante, quase tão bonito quanto os olhos do homem ao meu lado.

— O tempo estava horrível...

Taylor pega minha mão a caminho do carro.

— É o que dizem, não é? Depois de uma tempestade, sempre vem um arco-íris. Isso, ou estamos com sorte. — Ele lança um olhar rápido quando entramos novamente no Audi. — Quero te levar a mais um lugar antes de irmos para casa, ok?

Abro um sorriso.

— Estou adorando o passeio, podemos ir a quantos lugares você quiser. Desde que se lembre de fazer uma parada em um Petshop na volta — eu digo. — Temos uma coleira personalizada para encomendar.

— Uma linda coleira azul.

— Não acha que verde seria mais bonita? — eu argumento.

Taylor ri.

— Vai começar...

Assisto ele passar os dedos pelo cabelo, pegando o boné preto que deixou no carro e colocando na cabeça, assim que entramos no carro. Taylor dá a partida, e retorna à avenida principal da cidade.

Não me preocupo em ligar o rádio, o silêncio é confortável e estou ocupada demais analisando a geometria perfeita do maxilar gostoso dele enquanto dirige por mais alguns minutos.

— Sua baba vai escorrer e pingar no banco.

Aperto os lábios para evitar sorrir, e retruco:

— Sempre tão convencido e emocionado...

— Então não estava babando em mim?

— É muita arrogância da sua parte perguntar.

Ele ri, movendo a cabeça em descrença.

Ao me olhar, seus olhos se reduziram a duas pequenas fendas, me desafiando em silêncio. Taylor sabe que nada tão surpreendente vai sair da minha boca, mas a intimidade que criamos tem sido um bom contrabalanço para minha timidez.

— Tem razão, eu não preciso de uma resposta verbal — argumenta ele, erguendo o canto dos lábios. — Posso aproveitar que está de vestido e verificar se está falando a verdade. Ou se a

nossa conversa na lanchonete mais cedo te fez derreter, tão doce e gostosa como aquele seu milkshake.

Tento conter o suspiro, e ser discreta ao apertar as coxas.

— Você não faria uma coisa dessas — duvido, adorando provocá-lo.

— Thompson, Thompson... — Ele recrimina, rouco. — Desse jeito vamos acabar detidos por atentado ao pudor.

Remexo meu corpo ansioso no assento. Olho nada discretamente para as calças de Taylor e meus lábios se curvam ao notar o volume ali. Com essa conversinha safada não tenho dúvida do que acontecerá assim que batermos a porta do 5-A.

— E a culpa será sua...

— Minha? Você é quem está me encarando com esses olhinhos safados... — continua, colocando a mão sobre a minha coxa e dando um apertão gostoso. — Essa sua cara fajuta de anjo não me engana mais.

Acabo rindo, e passo a encarar a paisagem na janela, observando os estabelecimentos simplórios e as pessoas caminhando tranquilamente pela rua pelos minutos seguintes.

Em meio a essa vista trivial, toco a vidro, embevecida quando vislumbro um campo enorme de girassóis se aproximando. O carro mal está estacionado quando eu abro a porta e pulo para fora, ansiosa para ver aquilo mais de perto. Há uma cerca de madeira ao redor, mas é possível ver as flores curvadas em direção ao Sol e o caminho desnudado para visitações.

— É tão bonito...

Taylor sorri pelo meu encantamento outra vez.

— Imaginei que fosse gostar.

Murcho ao ver a cancela fechada.

— Eu adorei. É uma pena estar fechado.

Ele ri, me levantando pela cintura. Solto um gritinho até notar que está me ajudando a passar pela cerca. Apoio minhas mãos e termino de descer. Mal coloco os pés no chão e Taylor já está ao meu lado, cruzando a barreira com habilidade.

Encaro seu rosto, alarmada.

— Estamos... invadindo? — sussurro.

E lá está aquele sorriso zombeteiro.

— Não precisa cochichar, não tem ninguém nos seguindo.

Sou muito certinha, então meu coração se acelera por estar tecnicamente fazendo algo ilegal. Ele sabe disso, do contrário não estaria se divertindo tanto com as minhas reações.

— Relaxa, é apenas um campo de flores.

— Eu ainda posso ser presa.

Ele ri mais, colocando-se atrás de mim, ambas as mãos pressionando meus ombros, me obrigando a olhar para frente.

— Não por um policial — aponta, emblemático. — Vai ficar tudo bem, Thompson. Olhe para tudo isso.

Suspiro, é ainda mais bonito por dentro. Cada girassol forte e vivo ao alcance dos meus dedos, criando uma massa amarelada, brilhando em contato com os raios de Sol que comanda a direção de cada flor.

— Isso é lindo demais...

Taylor se move, parando ao meu lado. Delicadamente, seus dedos colocam uma mecha do meu cabelo atrás da orelha, desnudando completamente meu rosto.

— É mesmo... — ele diz, então sorri. — Quer passear?

Assinto, e agarro sua mão quando a ergue. Caminhamos por entre uma linha estreita, sendo cercados por flores de ambos os lados. Toco algumas, sorrindo, e até me arrisco a correr, afastando dele, sabendo que virá me pegar. E ele vem, depois de darmos algumas voltas pelo campo. Quase caio com meus movimentos desastrados, mas ele agarra a minha cintura bem a tempo, evitando a queda.

— Essa foi por pouco hein!

— Sábia que você ia me pegar.

Nós dois notamos minhas mãos sujas de terra.

— Thompson... — ameaça.

Abro um sorriso brincalhão e deslizo dois dedos pela bochecha de Taylor, deixando o rastro de duas marcas marrons antes que ele possa reagir. Para me impedir, ele teria que me soltar, e meu príncipe não faria isso.

— Tarde demais!

Taylor suspira.

— É injusto você ficar me sujando.

— É injusto você ficar bonito mesmo nesse estado também — aponto, recebendo um balançar sutil de cabeça vindo dele com resposta.

Ergo os olhos para o céu um instante, e percebo que muito tempo se passou desde que chegamos em um ponto mais aberto do campo, o Sol à essa altura está quase se pondo.

Sou surpreendida ao voltar a encarar Taylor, e encontrá-lo com o telefone em mãos. Ele traz meu corpo ainda mais perto e ergue o aparelho em nossa direção até nos deixar enquadrados

lado a lado. Ergo uma mão para apoiar em seu maxilar e aproximo nossos rostos.

Ele está com meu sorriso favorito agora.

— O que vai fazer? — pergunto olhando nosso reflexo na câmera.

Gosto de como ficamos bem juntos, mas sempre que penso em nós dois, lembro que as semanas estão passando rápido demais. Em breve, entraremos em contagem regressiva para o fim do semestre.

— Tirar uma foto.

— Nossa? — ecoo bobamente pela surpresa.

Ele desvia os olhos da câmera para os meus.

— Tudo bem? — certifica-se.

Sorrio, movendo os dedos pela barba.

— Tudo.

Volto a olhar para a lente, reparando na forma como seus lábios se curvam levemente agora. Ele faz apenas um clique, uma única tentativa, que realmente fica perfeita.

— Ficou linda. Vai me enviar?

— Talvez depois. — Ele diz. — Agora sente-se, quero ficar um pouco com você aqui. Logo vai anoitecer e teremos que voltar.

Nos sentamos no chão sem cerimônia. Mal me importo que meu vestido seja de um tecido frágil e caro, que agora está em contato com um punhado de grama.

— O que está fazendo? — pergunto. Taylor não guardou o aparelho, está entretido com algo. Geralmente, essa sou eu, ele não é muito tecnológico.

— Quero postar essa.

Meus olhos aumentam de tamanho. A surpresa faz até mesmo meu coração acelerar. Compreendo plenamente o que aquele mural significa para ele agora, então o fato de querer me eternizar ali faz meus olhos arderem de emoção.

— Não sei o que pôr na legenda... — Ele inclina o celular para mim. — Escolhe você.

Pego o aparelho, admirando a foto por mais alguns segundos, sem ideia do que escrever. Vasculho minha mente à procura de alguma frase bonita, mas nada parece bom o bastante.

— Vai demorar muito? — Taylor provoca.

Aproveito que estou encarando a tela para piscar algumas vezes, sem que ele note.

— Calma, estou pensando.

— Sabe, tem sempre uma legenda nas fotos do seu pai. — Ele comenta. — *Je* alguma coisa. O que quer dizer?

Ergo lentamente os olhos do telefone, como se um movimento falso fosse me delatar. Afinal, eu não poderia contar o que significa agora. Não depois de dizer quando ficamos juntos pela primeira vez. Sei o que estou sentindo, não tenho dúvidas de que o amo, mas talvez seja cedo demais. Sobretudo depois de hoje. O coração de Taylor é algo para se lidar com muita cautela.

— Um dia eu te conto...

Ele ri, interpretando minha resposta como uma brincadeira.

— Você já disse para mim.

Minhas bochechas coram.

— Eu disse.

— Então qual o problema? Além disso, eu sempre posso pesquisar no Google.

Ergo-me sobre os joelhos para me inclinar em sua direção.

— Eu sei... — Beijo levemente seus lábios. — Mas da mesma forma que viu seis temporadas de Gossip Girl por mim sem procurar spoilers de quem era a garota do blog, você vai esperar.

Taylor me traz para o seu colo.

— Você é uma bocuda mesmo, não deve demorar. — Ele toma o telefone das minhas mãos. — Deixa, eu vou escrever uma. Seu tempo acabou.

Rio, rolando os olhos.

Ele digita rápido e guarda o aparelho.

— Ei, eu quero ver!

Suas mãos firmes agarram os meus quadris, e a testa descansa sob a minha. Não hesito nem por um segundo antes de envolver seu pescoço.

— Coloquei que hoje foi um dia bom — ele responde, me emocionando. — Você traz todos os *dias bons* de volta, Amber.

Abro um sorriso. O desejo que bate em meu peito agora é de, não apenas trazer os dias bons, mas afastar todos os dias ruins da vida de Taylor.

Para sempre.

Agarro o boné para tirá-lo, e trago a boca dele para a minha, usando o aperto dos meus dedos ao redor dos seus fios castanhos. Entreabro seus lábios com os meus e suspiro ao sentir sua língua contra a minha. Um vento repentino bagunça meus cabelos e nós sorrimos, interrompendo o beijo apenas para começar outro mais apaixonado.

De acordo com a ciência exata, a partir do momento que os corpos em movimento perdem qualquer força de atrito, eles entram

em queda livre. As amarras, segredos e proteções despencaram hoje, levando todo o atrito que nos mantinha em segurança. A partir de agora Taylor e eu estamos caindo em velocidade crescente, abraçados, em direção ao único final possível para a nossa história.

Queda livre

“Você já conheceu um amor verdadeiro?
O tipo de amor que faz você sentir?
Isso faz com que você se sinta culpado, pois você quer mais
Se você morreria por um beijo
Parece que você está caindo através das estrelas
Se puder partir seu coração
É amor verdadeiro”

(Real Love – Bon Jovi)



Matraca: *Não me contou que sua ex-namorada era uma fênix...*

Franzo o cenho, tanto porque não entendi a mensagem quanto por não ser habitual Amber tocar no nome de Yasmin.

Taylor: *Como é?*

Matraca: *Muito menos que ela iria ressurgir das cinzas.*

Matraca: *(FOTO).*

Abro a foto.

É uma captura da última imagem que postei. Aquela em Temecula, em meio aos girassóis. Demoro a entender suas palavras até deslizar os olhos para os comentários, e então tudo faz sentido. Há um de Yasmin.

“Ainda me lembro dos nossos momentos no alojamento...
Tenho saudade.”

Tomo uma respiração profunda.

Não me preocupei com a repercussão da foto. Tenho pouquíssimos seguidores, trato aquele espaço como um mural pessoal. Mas entendi o ressentimento de Yasmin, nunca publiquei nenhuma foto com ela, sequer de Jason quando éramos amigos. Ela nunca compreendeu plenamente, já que não contei meu passado, mas entendeu como o ato foi importante de uma forma ou de outra.

Taylor: *Sinto muito. Não queria que tivesse visto isso.*

Mantenho os olhos na tela, vidrado, o coração inconstante no peito. Será que Yasmin não está satisfeita com o que me causou? Por que isso agora? Por que tentar atingir a única coisa com a qual eu me importo além de Olívia?

Matraca: *Foi a primeira vez que ela entrou em contato?*

Suspiro.

Porra!

Taylor: *Estou indo para casa.*

Matraca: *Responda, Taylor.*

Taylor: *Essa não é uma conversa para termos via texto.*

Matraca: *Eu preciso mesmo saber disso. Ela entrou em contato antes ou essa foi a primeira vez?*

Tensão toma conta dos meus músculos e meus dentes rangem pelo aperto da mandíbula. Não vou mentir, mas sei que ela ficará chateada com a resposta. Estou a quilômetros de distância agora, em Sunnyvalle. Fui contratado para um estágio remunerado na Off-Broadway – que por sinal foi motivo de muita comemoração entre mim e Amber –, não quero ter essa conversa estando longe.

Taylor: *Não foi a primeira vez.*

Aguardo, sem conseguir mover os olhos da tela.

Respiro com dificuldade, receoso por sua reação.

Um minuto inteiro se passa... e então dois.

Cinco.

Dez.

Taylor: *Amber?*

Sem resposta.

Taylor: *Amber? Ainda estou em Sunnyvale, demorarei uma hora para chegar à Palo Alto. Por favor, responda.*

Pisco ao som de uma nova notificação.

Mas... não é bem o que eu esperava.

Matraca criou o grupo “Cantinho do pensamento”.

Matraca adicionou você.

Matraca: *Aproveite essa uma hora para pensar no assunto. Não acredito que escondeu isso de mim, Taylor!*

Você agora é um administrador.

Matraca saiu.

Mas que... porra!

Ligo para ela, mas a chamada vai direto para a caixa postal.

— Ei, Taylor. Estão precisando de uma ajuda com aquela Lua do cenário. — Evan, um dos integrantes da equipe vem até mim. — Está tudo bem?

Assinto, limpando a garganta e guardando o celular. O inferno que está, mas tenho que ser profissional. Isso é importante, preciso terminar o que vim fazer aqui e resolver as coisas com Amber quando chegar em casa.

— Está, claro. Vamos lá.

Ajudei a erguer a Lua cenográfica e a desmontar os andaimes, a maior parte do cenário está pronta. Fico orgulhoso em ver o trabalho quase finalizado com um resultado tão satisfatório. A Off-Broadway não contrata muitos estudantes para estágio, então é realmente um feito receber uma oportunidade como essa. Além de mim, apenas uma garota da Columbia e um cara de Dartmouth foram contatados.

Meia hora depois, terminamos tudo. Steven Bellard, diretor que está no comando da peça, vem nos parabenizar pelo trabalho. Meghan e Hugh, assim como eu, estão interessados na produção do espetáculo e não em estar em frente às cortinas.

— Sr. Holt... — Ele me chama quando estou saindo. — Podemos conversar por um momento?

Justo hoje? Agora?

Aceno, limpando as mãos sutilmente na calça.

— Claro.

— Por favor, me acompanhe.

Vamos até um dos camarins provisórios, o único espaço privado e silencioso visto os barulhos que estão fazendo com a pintura dos detalhes menores.

— O que achou de trabalhar aqui hoje? — pergunta ele, recostando-se na mesa.

Há um sofá pequeno e duas poltronas no canto, ao lado de uma penteadeira estilo camarim. Opto, porém, por endireitar a coluna e permanecer de pé, crédulo de que passei uma postura mais profissional.

— Foi uma ótima experiência, mesmo. Agradeço pela oportunidade Sr. Bellard. Realmente não pensei que fossem ligar para mim.

Ele sorri. É um homem velho, com uma echarpe excêntrica e olhar especulativo. É famoso por ser muito crítico e duro com quem trabalha, por isso, suas peças originais são verdadeiros sucessos.

Minhas mãos suam, sem saber ao certo porque estamos tendo essa conversa. Meghan e Hugh foram embora, não consigo imaginar outra possibilidade a não ser receber uma bela de uma bronca, embora tenha dado meu melhor hoje.

Isso, claro, acrescido ao fato de que nunca quis chegar tão rápido em casa.

— Se fosse fazer alguma consideração, qual seria? — inquere, cruzando os braços gorduchos. — Digo, sobre a minha equipe base.

— Ah, bom... — hesito em função da surpresa. — Acho que fizeram um bom trabalho.

— Realmente?

— Sim, a passagem de som está boa, vi os atores aqui mais cedo se aquecendo e os figurinos, bom, são ousados... de um jeito bom.

Ele se move, avançando alguns passos.

— Adulam meu ego o tempo todo, Sr. Holt — rechaça, trocando o peso de pé. — Apreciaria muito se pudesse me dar uma opinião honesta e não um elogio que consigo em qualquer lugar.

Engulo em seco.

Não é que eu estivesse mentindo, apenas omiti os pontos fracos. A equipe base trabalhou duro e é muito hábil, assim como

nós, os estagiários da equipe temporária. Minha questão é sobre a eficiência.

— Certo... — Aprumo os ombros. — Gostei do resultado das montagens, mas levamos quatro horas para montar o que poderia ser feito em duas se as atividades fossem realizadas em setores. Assim, pouparemos tempo. Um grupo para montagem, outro para pintura e acabamento, e assim por diante.

Seus lábios se curvaram lentamente em um sorriso.

— Finalmente uma boa consideração. Observei você o dia todo e como analisava os arredores. É perspicaz, Sr. Holt, vejo potencial em você. — Ele pisca para mim. — Tem algo original?

Aquiesço, admirado com o elogio.

— Algo original?

— Um roteiro inédito ou alguma adaptação — elucida. — Sua professora disse que suas ambições são os roteiros. Sabe que investigamos com cuidado a vida acadêmica de cada um de vocês. Fiquei curioso em ler algo seu.

Faço um aceno vigoroso, mais informal do que deveria.

— Nossa, claro, isso seria ótimo!

O Sr. Bellard acena, afastando-se.

— Você tem o meu contato. Quando tiver algo pronto, por favor, me envie.

Dou um soco no ar, uma comemoração silenciosa, assim que ele deixa o camarim. Logo depois, corro para o estacionamento, entrando rápido no Audi para pegar a estrada.

Saio de Sunnyvale com uma explosão de sentimentos no peito. De um lado, essa incrível oportunidade profissional de ter um trabalho avaliado por um grande diretor, o que pode ser um caminho

promissor para o meu futuro. Quem sabe transformar essa vaga de estágio em uma permanente. Do outro, Amber, e a minha burrice de não ter sido sincero.

Merda, eu sei que fiz besteira. Sei que se tivesse contado a ela, por mais chateada, não brigaríamos por isso. Mas preferi esconder porque realmente não achei que Yasmin fosse se envolver.

Dirijo apreensivo, desconfiado de que o percurso de volta está mais longo, mesmo sendo fisicamente impossível. Quando estaciono na garagem do prédio, solto um suspiro aliviado. Opto pelas escadas, impaciente por ter que esperar o elevador.

Ao chegar no 5-A, abro a porta sem saber o que esperar. Talvez ela esteja brava, ou pior, triste. Mas tudo parece normal, calmo demais. O aroma de café fresco me tranquiliza quando vou até o quarto, esperando encontrá-la na escrivaninha. Sou surpreendido ao vê-la na cama, de costas para a porta com o cachorro no colo enquanto navega no computador. A tela está na página de uma universidade... na França.

O ar deixa meus pulmões, e devo ter feito algum barulho porque Amber se sobressalta, fitando-me. Toff pula da cama quando ela fecha depressa o notebook.

— Hum... oi.

Ela se levanta e cruza os braços. Os olhos não estão vermelhos e isso distensiona ligeiramente meus ombros. Ver Miranda chorar me incomodava, Liv ainda mais, mas com Amber... Porra, quando voltei para casa e vi milhares de lenços e seus olhos abatidos naquele dia, juro que senti em minha própria alma.

— Você demorou mais do que eu pensava.

— Precisei acertar algumas coisas antes de sair — eu digo. — Aliás, obrigada por ter me emprestado o carro.

— Não precisa agradecer a cada vez que o pega, sabe. — Ela volta para a cama e se senta, ainda de olho em mim. — Então, pensou bastante?

Analiso seu rosto.

— O meu *cantinho do pensamento* foi bem... reflexivo.

O canto do seu lábio treme, mas ela está decepcionada demais para sorrir. Seus olhos me mostram isso, embora esteja se esforçando muito para parecer impessoal.

— Uma universidade na França? — pergunto à queima roupa.

Seus olhos se movem para o chão.

— Foi só uma pesquisa. Não que isso importe. — Ela volta a me olhar. — Não frente ao que aconteceu.

Engulo minhas perguntas.

Merda.

— Amber... — Caminho até a cama — Me desculpe, ok? Fui um idiota por manter isso em segredo.

— Foi mesmo.

— Em minha defesa, banalizei o fato. Por isso, e só por isso, eu não contei.

— Você ficou possesso quando Jason e eu tomamos um café e nós nem estávamos... nisso... envolvidos. — Ela balança a cabeça como se precisasse clarear as ideias. — Acho que receber mensagens da sua ex-namorada é algo muito mais significativo.

Engulo a saliva amarga porque ela tem toda razão. Banquei o babaca ciumento e agora dei uma bola fora. Uma tremenda bola

fora.

— Você tem toda razão — admito. — Gostaria de poder fazer algo mais do que apenas dizer eu “sinto muito”, que é como me sinto.

Amber fica em silêncio, brincando com as mãos crispadas no colo. Ela está usando a base que trouxe e está tendo bons resultados, já posso notar como as unhas estão se tornando mais cumpridas. Gosto quando as arrasta pela minha pele, e ela habilmente notou isso. Mas agora, encaro cada unha colorida com pura apreensão.

— Acredito em você. Mas realmente fiquei desapontada por não me contar — diz depois de um tempo. Então ela me olha. — Quando conversamos sobre o assunto antes, você não me respondeu o que faria caso Yasmin voltasse.

— Ela não vai voltar.

— Também achava que ela nunca entraria em contato.

Testo segurar sua mão e ela não me impede, um bom sinal.

— Continuo achando que Yasmin não vai voltar — eu repito. — Quanto às mensagens, eu sinceramente não sei o que ela pensou ao fazer isso. Ela não tem direito de se sentir substituída.

— Ou traída — Amber murmura.

— Desisti de tentar entendê-la. — Movo os ombros em um gesto despretensioso. — A questão é que aquela foto deve ter sido um choque. Mesmo sem saber o que aconteceu comigo em Temecula, ela sabe o quanto o mural é importante para mim. Nunca houve uma foto dela ou de Jason.

— Nunca?

— Nunca. A única mulher ali antes de você foi Olívia.

Sua mão aperta a minha.

— E se ela voltasse hoje, Amber — eu continuo. — Nada mudaria para mim. Posso dizer com toda certeza que prefiro nunca mais olhar para Yasmin, mas tê-la aqui não influenciaria no que temos. Então, por favor, não se preocupe.

Seus olhos me analisam.

— O que temos...? — pergunta.

— Bom, sim.

Ela demora a assentir, mas o faz.

Sorrio porque isso sim é uma conversa decente, do mesmo jeito que deveria ter acontecido quando ela saiu com Jason. Amber mostra todos os dias como é melhor do que eu, e isso de alguma forma me faz querer ser melhor para merecê-la.

— Sobre as mensagens — ela diz. — Eu posso vê-las?

— As excluí assim que as vi pela manhã, mas posso contar o que falavam se quiser. Não acho que vá se sentir melhor, mas prometo não mentir.

Amber pensa por um minuto.

— Quero saber.

— Foram dois textos. O primeiro dizia como sente minha falta e o segundo... — titubeio, tentando escolher as melhores palavras. — Não quero repetir o texto exato, mas tem a ver com a nossa primeira vez juntos.

Amber se levanta, a expressão enjoada. Os dedos movem mechas de cabelo para atrás das orelhas enquanto respira fundo, me encarando.

— Sei que não tenho direito, mas odeio que ela tenha sido sua primeira. — Suas sobrancelhas estão curvadas em dor. — Não

apenas por ciúmes ou rivalidade, mas porque ela nunca chegou nem perto de respeitá-lo como eu respeito.

Sinto meu coração na garganta, meu pulso retumbando nos ouvidos. Levanto, parando à sua frente, e emolduro seu rosto com as mãos. Seus lindos e honestos olhos castanhos se prendem em mim, esperando.

— Escuta, Thompson — digo suavemente. — Já disse que você é minha primeira em tudo que realmente importa.

— Eu sei, mas...

— Shhh — toco seus lábios com o polegar, silenciando-a. — O que acha que vale mais, um garoto fodido com hormônios em ebulição... — Seguro sua mão e espalmo no meu peito. — Ou um homem que sentiu seu coração bater pela primeira vez em anos?

— Taylor...

— Você fez o segundo, Amber.

Seu primeiro sorriso da noite se abre, e sinto todo o peso dos meus ombros caírem. Todavia, torço muito para que não pergunte o que meu coração recém renovado está dizendo. Estou assustado em como essas palavras saíram com tanta facilidade.

— Não quero julgá-la, apesar de tudo, porque não me sinto bem fazendo isso com outra garota. Afinal, ela ser sua ex-namorada não é motivo para que eu não goste dela. Eu apenas me sinto mal pelo que Yasmin te fez passar ao enganá-lo. Também sei que é bobo ficar chateada por isso, considerando que ela é sua ex e nós nem... — Ela se interrompe, enrubescendo. — O que quero dizer é que fiquei insegura. Então obrigada por conversar comigo e dizer isso.

Desço uma mão para laçar sua cintura, trazendo seu corpo para mais perto. De tantas coisas que sou perdidamente atraído nessa garota, sua integridade e honestidade são algo que sempre me fazem admirá-la.

Mesmo se sentindo vulnerável, Amber é sincera.

— Você é linda, sabia? Tenho sorte de ter você.

Suas mãos sobem pelo meu pescoço e se fecham atrás de mim, aproximando nossos rostos. Respiramos o mesmo ar, olho no olho, tão perto quanto poderíamos. É tentação demais! Não resisto ao impulso de romper os centímetros que nos separam e beijá-la.

O beijo de reconciliação ganha forma, profundidade. Movo meus lábios contra os seus com mais fome, enlouquecendo sempre que nossas línguas se encontram e um ofego baixo nasce do seu peito para morrer no meu. Suas mãos enroscam em meus cabelos e ela tenta me trazer para mais perto. Aperto sua cintura como resposta e a beijo com mais ímpeto, sentindo minha necessidade crescer quando seu corpo derrete contra o meu, arqueando para trás.

Amber se afasta, ofegante, à procura de ar. Tenho certeza que cairia se eu a soltasse, visto como parece fraca e quente nos meus braços. Deslizo os olhos para seus lábios e ergo a mão para percorrer o inferior com o polegar. Estão inchados e avermelhados pelo beijo, e isso torna minhas calças apertadas. Faz com que eu me lembre de *outros lábios* que adoro tanto beijar.

— Que tal tentarmos uma posição nova hoje? — eu proponho.

Arrasto meus dedos para o seu pescoço e preciso chamar seu nome para que abra os olhos. Sorrio quando pisca, confusa por

um momento.

— Alguém aqui está fora de órbita...

Distraio-me de suas pupilas dilatadas ao notar os seios túmidos, quase perfurando o tecido fino do pijama. Se quase não usava sutiã, agora essas duas belezinhas vivem livres por aí.

Quão cafajeste eu seria se dissesse que penso em formas de fazê-la andar apressada pelo apartamento apenas para vê-los pulando? Lambo os lábios com esse pensamento, e gemo de vontade. Se eu escorregar a mão entre suas coxas, posso apostar que a encontrarei molhada, ansiosa por um contato mais íntimo dos meus dedos, língua ou pau.

Volto a encarar seu rosto. Certo, eu tranquilamente ficaria aqui, apenas olhando para ela. Estive esperando por muito tempo para encontrar uma garota como Amber.

— Nova posição? — indaga finalmente.

— Sim.

— Tipo... — ela pisca — de quatro?

Rio da expressão dela.

Não posso engar que já pensei, e que seria uma bela visão ter aquele coração invertido da sua bunda enquanto seguro firme, deslizando centímetro por centímetro para dentro. Posso imaginar seus cabelos caídos para o lado e, como minha garota tímida é acima de tudo muito curiosa, a cabeça inclinada e olhos atentos, tentando captar cada movimento do meu pau.

— Não — repondo. — Ainda não.

— Por que não?

— É uma posição muito profunda.

— Hum...

— Você é apertada, amor. Ainda preciso ter cuidado com você antes de tentarmos algo assim, ok? — Ela assente, me olhando de um jeito diferente. — Mas existem outras posições legais.

Amber sorri e desce os dedos do meu pescoço para o peito, e então suspira, avançando pelo abdômen até agarrar o cinto. Seu puxão brincalhão na fivela me faz ficar duro. Bom, mais duro.

— Como...?

Inclino-me.

— De lado... Sentados... Com você por cima... — sussurro em seu ouvido e deixo um grunhido escapar. — Ah, sim... adoraria te ver por cima.

Amber resfolega, trêmula e me puxa para outro beijo. Rápido, intenso, quase esfomeado. A trago para mim com a mesma paixão, incapaz de me satisfazer com seu gosto ou com a forma tímida com que me provoca.

Quando estou prestes a retirar seu pijama, talvez rasgá-lo ao meio, ela se afasta. Seus olhos estão incríveis agora, escurecidos, e o bater dos cílios lento. Um recato perverso e explorador que é capaz de me pôr de joelhos.

Gemo, lembrando como suas pestanas sempre tremem, pesadas, quando minha garota está prestes a agarrar uma estrela.

— Você disse que nunca me deixaria colocar a boca em você. Sabe, lá embaixo. Eu entendo isso agora, mas... — Ela respira, tomando um minuto. — Se o problema é me olhar daquele jeito, já que mencionou as posições, existem... alternativas.

Seguro seus ombros, não tem muito sangue na minha cabeça agora, por isso não sei se entendi direito o que quis sugerir.

— Está falando sobre 69?

Seu rosto mais parece um tomate, acho que nunca a vi corar tão intensamente, mas seu aceno de cabeça me confirma.

— Posso não saber de muita coisa, mas May e eu já vimos pornô uma vez.

Exalo. Sou homem, afinal, é inevitável minha mente ir por esse caminho mesmo que pareça improvável. Acontece que a inocência de Amber não habita em mim.

— Vocês juntas, é?

Amber empurra meu ombro.

— Por Deus, Taylor! — guincha, rindo. — Achamos uma fita no Haras, não imagina a confusão que foi. Mamãe, vovó e tia Julie enquadraram todos os homens na parede. Eles negaram por horas, nunca descobrimos realmente de quem era.

Rio.

— Deve ter sido divertido.

— A parte do nosso castigo não foi. Eu sequer tinha dezesseis anos na época. Mas foi revelador, achei... interessante.

Limpo a garganta.

— Imagino. Sobre o que disse antes... — Analiso sua expressão. — Está tão ansiosa assim para colocar a boca em mim?

Ela confirma lentamente, tão honrada e veraz.

— Um pouco... — sussurra. — Quando você faz em mim é tão bom, eu só... — Seus dentes mordem a pontinha do lábio inferior em embaraço. — Queria que se sentisse da mesma forma.

— Isso é adorável.

— Não precisamos fazer isso, apenas estou dizendo que é uma opção caso se sinta confortável um dia.

Um dia...

— Eu agradeço, Amber.

— Quero experimentar coisas com você porque confio que será bom para mim. — Ela volta a me puxar para perto, fixando o olhar no meu. — Precisa confiar que sei dos meus limites e não vou deixar que você me faça cruzá-los se não me sentir confortável para isso. Farei o mesmo por você. Essa é uma via de mão dupla.

— Eu sei. Isso não é negociável, mas obrigado. Agora — volto a sorrir —, estou interessado em tirar suas roupas, tudo bem?

Amber recua um passo. Mantenho os olhos nos seus e acho que gemo quando ela mesma puxa a parte de cima do pijama pela cabeça e para de costas. Os fios loiros do seu cabelo caem bagunçados pelo movimento, de uma forma selvagem e absurdamente sexy. E ao girar o rosto para me olhar sobre o ombro, juro que essa ladra rouba tudo de mim.

Bom, o restante que ela já não havia levado.



Amber se vira no momento em que a peça toca o chão, despida da cintura para cima, restando somente o short de cetim e renda.

Puta merda.

— Se eu estiver parecendo boba, não me fale.

Como ela pode não notar em meus olhos? Ainda sou impressionado em como é bonita. Especialmente, nua e sorrindo. Ou gemendo comigo dentro dela.

— Você está linda e sexy agora — digo roucamente. — Minhas mãos estão formigando para tocar você.

Seus ombros relaxam e vejo quando se torna mais confiante, fazendo o mesmo com a peça de baixo, permanecendo somente com a calcinha. Essa é branca, rendada, tão delicada quanto a minha garota. Mas não consigo apreciar os detalhes, apenas como o fundo do tecido já se mostra molhado.

— Vem aqui. — Era pra ser um pedido, mas soou como uma ordem necessitada.

Amber abre um sorrisinho, subindo em cima da cama. Nunca fui muito religioso, não criei costumes com a igreja ao longo dos anos, mas posso jurar que se há um paraíso, eu encontrei o meu ao esbarrar por acaso com essa garota. Apesar de ela estar com uma carinha bem endiabrada agora.

— Por que não vem me pegar?

Balanço a cabeça, como se estivesse impaciente.

A verdade é que estou divertido e excitado com a forma sutil com que balança os quadris, chamando minha atenção, me encantando para perto. Em como consegue ser adoravelmente sensual.

Retiro a camisa sob inspeção de olhos atentos e com dois passos, estou aos pés da cama. Preciso esticar o braço e segurar seu tornozelo com pressão. Basta um movimento para tê-la deitada, quicando risonha no colchão antes de cobri-la com meu corpo.

Seguro sua cintura e abro suas pernas com o joelho, pressionando nossos quadris. Amber cessa o riso, gemendo baixo. O corpo se contorce sob do meu, e quase perco a respiração com a maneira enlevada com que ergue os olhos para mim.

— Sente isso?

Ela confirma, os olhos se fechando por um instante. Posso notar os seios intumescidos, clamando pela minha boca, o calor irradiando de sua pele desejando a minha língua em um pedido silencioso que quero desesperadamente atender.

— Diga.

— Sinto... — É apenas um murmúrio.

Empurro uma vez, lento e forte.

— Sente o quê, Amber? Diga pra mim.

Seu choramingo me acende.

— Como está duro... — Ela resfolega, a mão agarrada aos fios do meu cabelo. — Posso sentir o quanto me quer.

Encosto-me mais, recompensando-a ao moer novamente o quadril ainda coberto pela calça. Uso do tecido grosso para friccionar seu clitóris do jeito que ela gosta. Rebolo e deslizo, vendo seu ofegar aumentar, os suspiros se tornarem fortes e as coxas apertarem ao meu redor.

— Estou... molhando sua calça.

Grunho, deslizando os lábios pelo seu pescoço, maxilar e recuando em provocação quando toma iniciativa de me beijar. É verdade, sua umidade já se faz presente no meu jeans, e a constatação disso atrelada à sua forma entregue, à procura de fricção, faz minha ereção latejar.

— Taylor... — chama, trêmula.

Abro um sorriso perverso, sem interromper meus movimentos.

— Será que você consegue gozar assim?

Amber geme.

— Isso é bom... — sussurra, perdida, e agarra minha bunda tentando aumentar o contato. — Quero mais...

Quando não cedo, mantendo o ritmo, ela choraminga. Suas mãos procuram meus ombros e deslizam até a barriga, as unhas médias causando arrepios na minha pele. Sinto uma fisgada no meu pau quando ela brinca com o cós da calça, traçando os músculos saltados da minha bacia com o indicador.

— Que tortura, amor...

Ela arqueja.

— É só você ficar pelado logo.

Apoio minha testa na dela, sorrindo. Encaro seus olhos castanhos bem de perto, antes de escovar os lábios contra os seus. Pressionando, mergulho a língua em sua boca e exploro o gosto doce. Amber retribui com fome, entreabrindo os lábios e agarrando forte meus cabelos, tentando me ter mais próximo do que é fisicamente possível.

Um pequeno gemido ressoa quando seguro seu lábio inferior com os dentes e o chupo, devagar e forte, da mesma forma que faço com os lábios da sua boceta. Seguro firme o maxilar com a mão e volto a beijá-la, profunda e apaixonadamente, tentando marcá-la de alguma forma irracional.

Tentando dizer sem palavras que não precisa se preocupar.

Tentando entender o que meu coração está gritando.

— Tenho vários dedos para brincar — sussurro. Deslizo minha mão para o pescoço, pelo vale entre os seios e mais abaixo, parando nas costelas. — Seria um desperdício se eu não fizesse nada com eles.

Amber acompanha os movimentos, arfante. Avanço pelo abdômen, notando cada estremecimento dos seus músculos, cada arrepio de sua pele suave, cada suspiro que deixa seus lábios. Tomo tempo de circular o umbigo delicado e sorrio, erguendo os olhos para os dela novamente.

— Diz pra mim, amor... Você quer que eu faça algo com eles?

Ela não responde, e eu não esperava mesmo uma resposta. Seu gemido impaciente e a forma como mal consegue manter os

olhos abertos são o bastante. Simplesmente quis que soubesse o que estava por vir, e sem hesitar, movo sua calcinha para o lado e pressiono dois dedos juntos dentro dela. Fundo, firme, deslizando fácil pelo canal úmido e quente. Seu grito surpreso preenche o quarto. Corro com a ponta do nariz pela pele do seu pescoço, ligeiramente suada pelo calor que produzimos juntos, e aspiro seu cheiro. Suave, inebriante, doce com um toque sutil de pêssego.

— Você está tão molhada...

— Taylor... Oh, meu Deus... — Ela joga a cabeça para trás, o corpo trepidando. — Estou perto...

— Deixe vir, adoro olhar você.

— Não... — geme. — Não quero assim.

Volto a encarar seu rosto. Amber morde o lábio, tentando respirar e se concentrar em mim. Meus dedos reduziram o ritmo, mas ainda estão se movendo.

— Vou mesmo ficar por cima hoje? — ela pergunta.

Tento sorrir, mas apenas um grunhido me escapa. Invertendo nossas posições, aproveito a mudança para sentir seu gosto em meus dedos e retirar a camisinha da carteira, jogando o papel laminado ao nosso redor. *Eu deveria comprar uma caixa...* Ao contrário dela, ainda estou tecnicamente vestido. Mas tê-la em cima de mim, coberta apenas por uma calcinha minúscula, faz minha mente fervilhar com planos em que posso ficar pelado bem rápido.

Amber relaxa o quadril sobre o meu, experimentando. É um feito notável eu não arrastar as mãos por sua pele, ao contrário, colocá-las atrás da cabeça. Embora minha cabeça de baixo não concorde com as decisões da cabeça de cima, essa é uma

experiência nova para ela. É importante que explore e satisfaça suas vontades, que tente tudo que estiver confortável.

Meu coração infla dentro do peito com esse pensamento.

Ela vai experimentar coisas novas comigo.

Comigo. *Porra!*

— Sou todo seu.

Seus olhos tremeluzem e ela não demora a avançar. O corpo dela se inclina, as costas arqueando enquanto o meio de suas pernas pressiona contra minha virilha. Os cabelos lindos e bagunçados estão ao meu redor quando nossos lábios se encontram em um novo beijo, a paixão renovada nos consumindo.

Ao sentir sua boca macia deslizar pelo meu pescoço, reproduzindo o que faço com ela, eu me esforço, mas é impossível ficar parado. Agarro as laterais, afundando os dedos na carne de suas coxas e pressiono seu quadril contra o meu com avidez, como um incentivo. Ela me permite deslizá-la sobre mim, devagar e torturante, incitando-a a rebolar. Mesmo com tecidos, é bom pra caralho!

— Quando você faz assim... — diz baixinho, anelante. — É tão gostoso...

— Gosta do meu pau se esfregando em você, não é? Pois eu adoro te ter tão molhada, me usando para se dar prazer.

Amber geme, cravando as unhas nos meus ombros.

Que dor gostosa!

— Preciso estar dentro de você. — Seguro o rosto dela para saber se está tudo bem. Não vamos fazer amor.

Amber assente com vigor e o restante das roupas sai do caminho. Vê-la tirar minha calça e boxer foi uma bela visão,

sobretudo pela forma impressionada e curiosa com que sempre encara meu pau duro. Mas vê-la deslizando a renda branca e molhada pelas pernas, o movimento suave de quadril para facilitar a tarefa, os olhos cravados nos meus... Puta merda, isso quase me fez gozar.

Quando ela sobe novamente em cima de mim, nua e perfeita, preciso fechar os olhos e respirar fundo. Mas nada na minha lista broxante é páreo para essa mulher, desejosa sobre mim. Tímida, imperita e corada... Ainda sim, tão provocante. Antes que eu faça alguma besteira, que poderia trazer sérias consequências, afasto seu quadril, pego uma camisinha e deslizo pela minha ereção.

— Só porque eu disse que você faz isso melhor, não quer dizer que eu não gosto de fazer... — Ela reclama.

— Se me tocar assim agora, vou acabar antes de começarmos.

Trago suas mãos para os meus ombros outra vez e ergo seu quadril.

— Apoie-se em mim, vou te ajudar a me colocar para dentro, ok? — Ela move a cabeça, os olhos escuros me observando. — Assim a penetração é mais profunda, mas você pode controlar se achar desconfortável. — Subo uma mão para seu queixo. — É só me dizer para parar se for demais, e eu juro que paro.

Amber me surpreende ao sorrir e voltar a deslizar para frente e para trás, demonstrando que está excitada e não temerosa.

— Não estou preocupada com isso.

Solto um suspiro abrasado.

— Então me coloque para dentro, amor.

Em resposta, ela morde o lábio inferior com brilho ímpio nos olhos, enquanto continua a se esfregar contra a minha ereção. Tento levantar os quadris para penetrá-la, mas Amber desliza, sorrateira. Afio o olhar, percebendo que está achando divertido. Mesmo estando tão corada que até seu colo está coberto pelo rubor, meu anjo safado está me provocando.

— Não me provoque — aviso.

Seus cílios piscam quase inocentemente.

— Por que não?

Porque eu estou tão excitado e duro, que posso acabar invertendo nossas posições e dando um jeito em você – é o que a cabeça de baixo quer responder. Mas a de cima ainda tem alguma razão. Aperto as mãos em seus quadris e encaro seus olhos, sem sombra de sorriso ou humor, e começo a contar:

— Cinco.

Ela arregala os olhos.

— Taylor...

— Quatro... — eu continuo.

Há um segundo de hesitação antes que seus quadris formem um círculo, rebolando devagar enquanto me observa, suspirando baixinho pelo prazer. Inevitavelmente, um gemido me escapa também.

— Bom?

— Espertinha. Três.

Ela volta a gemer ante minha tentativa de empurrar para dentro, mas consegue escapar outra vez. Quando foi que o jogo virou tão drasticamente?

— Dois, Thompson — eu rosno.

— Um... — ela sussurra, descendo sobre mim.

Não consigo tirar os olhos enquanto desliza, engolindo meu pau centímetro por centímetro, envolvendo cada polegada com sua carne macia, quente e, porra, tão molhada. Um som forte de prazer preenche o quarto no segundo que seu quadril descansa sobre o meu. Não sei dizer se é dela ou meu, possivelmente de ambos, apenas sei que todo ar foge dos meus pulmões.

É inútil respirar ou fazer qualquer coisa que não seja contemplar essa sensação deliciosa. Acho que nunca vou me acostumar à plenitude de estar dentro dela. Pior, saber que fui o único a estar dentro dela. Isso me enche de um orgulho pedante e profundo.

— Tudo bem? — forço-me a perguntar.

Sinto meu abdômen tremer pela vontade, meus dedos apertados em sua carne também, ávido para erguê-la e sentir essa sensação uma e outra vez, cada vez mais rápido. Amber está cingida ao meu redor, me envolvendo em um aperto justo como uma luva, contraindo-se enquanto se acostuma com a invasão.

Procuro seus olhos e os encontro fechados, ofegos sutis escapam pelos lábios entreabertos enquanto permanece imóvel em cima de mim.

— Tudo... é só que... — Ela respira fundo e abre os olhos com dificuldade. — Ainda é... muito.

Assinto e me mantenho parado também.

Cerro os dentes quando ela experimenta balançar. Todo o meu corpo está em alerta, mas movo apenas os polegares e deslizo as palmas para envolver seus peitos fantásticos, como uma promessa do que está por vir. Aguardo o tempo dela, deixando seu

corpo se acostumar, enquanto pontuo quantas investidas serão necessárias para fazer minha garota desabar.

Amber se move, subindo lentamente antes de me engolir de novo. Seu nariz se franze nas primeiras investidas, mas ela persiste. Inspiro com sofreguidão e continuo a tocar seus seios, trazendo a sensação aprazível como incentivo.

— Taylor... — chama.

Amber sobe e desce mais uma vez, os olhos presos no meu, procurando a confiança da qual precisa.

— Tudo bem? — indago, e ela confirma. — Abra mais as pernas, e incline um pouco para mim.

Seu corpo atende, sem hesitar. Assim, consigo apoiar as mãos em sua lombar e ajudá-la a se mover do jeito certo, um que consegue agradar a mim e especialmente a ela.

— Hum... — geme baixinho.

— Assim você consegue se esfregar em mim e deixar tudo mais gostoso — explico. — Deixe seu clitóris encontrar a minha pelve enquanto se move.

Amber testa e aprova, um gemido profundo deixando seus lábios enquanto aprecia. Conforme fica mais confortável, consigo firmar os pés no colchão e investir, encontrando seus movimentos. Mas é ela quem dita o ritmo das investidas pelos minutos seguintes.

— Como está se sentindo?

Ela geme, sorrindo, e dá outra rebolada.

— É bom assim. Hum... — Outra rebolada e uma sentada mais rápida. — Meu corpo inteiro parece estar queimando.

Estou perdido na visão de sua boca entreaberta, a pulsação martelando na garganta a cada movimento. Amber é uma visão e

tanto, respiração irregular, olhos inflamados, suspiros deliciados. Mas quando ela arqueia a coluna e desliza as mãos, apertando timidamente os seios, meu controle se rompe. Aumento as investidas, metendo com vontade.

Chega de fazer com carinho.

Hoje quero fazê-la gritar, acordar descabelada e rouca pela manhã.

— Taylor... — Ela grita, surpresa. — Oh, meu Deus!

Para cima e para baixo.

Dentro e fora.

Bem profundo.

— Isso... Ah, isso...

— Isso sou eu fodendo você, amor... — gemo. — Agora cavalga em mim. Senta gostoso no *seu* pau.

Ela treme da cabeça aos pés ao me ouvir dizer.

Amber volta a segurar os meus ombros, apoiando melhor os joelhos e faz o que eu pedi. Aproveito, recostado, assistindo meu membro ser engolido e liberado, entrando e saindo rápido, abraçado por seus lábios rosados e inchados. Ela me olha, afogueada e deslumbrante, e então seu canal se torna mais apertado.

— Amber... — eu grunho, perdido. Puta merda, não faço ideia de como controla isso, mas é uma delícia.

— É gostoso assim... não é? — pergunta, verdadeiramente interessada em saber.

Gemo em resposta, sentindo a investida se tornar difícil, embora ela esteja muito úmida. Amber suspira, aprovando minha reação e o aperto aumenta quando me envolve outra vez, relaxando antes de contrair ao me liberar.

— Isso... Ah, adoro quando me aperta...

— Taylor... — chama, gemendo. — Diz... Diz pra mim como você gosta...

Começo a investir, completando seus movimentos. Ela aprendeu rápido como agradar seu corpo e o meu e me esforço para manter o mesmo ângulo, aumentando a força com que nossos corpos se encontram.

— Estar dentro de você... Porra! — Arfo, sibilando, e aperto seu seio sem delicadeza. — É o melhor lugar do mundo...

Suas unhas cravadas são um bônus, equilibrando muito bem as sensações que ascendem pela minha espinha. Por isso, espalmo a mão em sua bunda em uma palmada ruidosa.

— Oh! — geme surpresa, e então suspira. — Faz... de novo?

Sorrio, que santinha descarada, e continuo a lhe dar boas palmadas. Tomando cuidado, mas não muito. Gemo pensando se ela gostaria de levar algumas dessas enquanto me toma por trás, mantendo-se sobre os joelhos e cotovelos enquanto a fodo com vontade.

— Ahh... Eu vou... — Ela rebola mais rápido, gritando. — Taylor... Eu vou...

— Eu sei, amor... Eu sempre sei. — Aumento a velocidade das investidas, gemendo e escutando seus gritos de prazer como uma sinfonia. — Goza pra mim.

O mundo está caindo aos pedaços ao nosso redor, e eu não dou a mínima. Existe somente Amber e eu, nossos corpos se chocando com prazer, a cabeceira da cama batendo contra a parede pela força dos movimentos. Puta merda, eu ainda consigo sentir seu gosto nos meus lábios quando ela joga a cabeça para

trás, movendo-se sem ritmo, ondulando e gritando enquanto é consumida pelas ondas quentes do orgasmo. O mais intenso que teve comigo, posso sentir pela força como está contraindo ao meu redor.

— Taylor... Taylor... — Ela continua cantando, gemendo cada vez mais baixo, clamando como uma prece, aproveitando cada segundo de êxtase.

Quando relaxa, eu agarro seus cabelos e começo outro beijo impetuoso. Há algo crescendo em mim, como um furacão contido por uma casca de ovo, prestes a romper e devastar. Meu corpo clama para se juntar ao dela, e não consigo pensar em nada além da necessidade absurda de deslizar novamente para dentro e ver seus olhos se fecharem.

A visão dela sobre mim, movendo-se fracamente, tomada pelo prazer, me entorpece. Abro mais suas pernas e faço com que sente mais rápido enquanto tomo impulso para estocar com mais vigor, ciente de que está sensível e trêmula. Amber choraminga, convulsionando quando um novo orgasmo a consome repentinamente. Rápido e tão intenso que ela tomba no meu peito e me abraça, apenas aceitando todas as minhas investidas.

Queria durar mais, meu desejo é passar horas dentro dela, sentindo os espasmos de seus músculos internos contra meu pau. Mas estou na borda, me partindo na mesma intensidade como sempre acontece. Suas contrações deliciosas arrancam meu orgasmo. O prazer vem, intenso. Aperto a cabeça contra o travesseiro e gemo seu nome, preenchendo a camisinha com jatos fortes. Mal consigo respirar enquanto fluo livre, abraçando-a com força contra mim.

Nossas respirações demoram a se acalmar, continuamos ofegantes e enlaçados por minutos a fio até nossos corações pouco a pouco desacelerarem. Deslizo suavemente os dedos pela extensão das suas costas até o último tremor deixar seu corpo. Quando acontece, seguro sua nuca e a afasto um pouco para examinar seu rosto. Encontro olhos brilhantes e cansados, bochechas rosadas e um pequeno sorriso no canto dos lábios.

Ela é linda.

Tão linda.

Amber ergue os quadris, suspirando, me fazendo deslizar para fora. Obrigo meu corpo a se levantar para me desfazer do preservativo enquanto a observo se deitar de costas. O corpo relaxado, os cabelos bagunçados pela fronha branca, à minha espera. Deslizo de volta para os lençóis, jogando para longe as almofadas que ficariam entre nós e aconchego seu corpo ao meu. Ela sorri fracamente so sentir meus dedos acariciarem toda extensão das suas costas.

— Dessa vez eu não agarrei uma estrela, foi uma constelação inteira... — comenta, pintando um sorriso em meus lábios.

— Fico feliz.

— E acho que gritei um pouco alto...

Rio.

— Você deve ter acordado o 5-B, Thompson.

Ela me encara assustada, rubra pelo embaraço.

— Mas tudo bem, eu adorei ouvir você gritar.

Amber sorri.

— Você é um safado, Holt! — Suspira, fechando os olhos um segundo. — Isso é tão bom que tenho vontade de fazer o tempo inteiro.

Rio do comentário.

Sexo e intimidade são novos para ela, e, claro, temos uma química invejável. Por isso, todo esse furor. Tudo é novidade para mim também, de certa forma. É verdade que estive apenas com uma outra mulher, mas as coisas que Amber me faz sentir são irrevogavelmente inéditas e especiais.

— Sua mãe vai voltar nadando se souber que te transformei em uma ninfomaníaca — brinco, mas não duvido. — Além disso, sou muito inteligente e divertido para ser usado como boneco sexual, Thompson.

Ela ri, virando de barriga para cima.

— Não diga essas coisas.

— Ora, mas foi você quem começou... — eu me defendo, lançando um olhar rápido aos seus peitos que sempre me cumprimentam. — Com esse papinho de querer trepar comigo o tempo inteiro.

Seus olhos aumentam de tamanho.

— E-eu não disse assim! — Ela reclama.

— Cada um com seu vocabulário.

Amber revira os olhos, mas sei que gosta da minha boca suja, especialmente nos momentos em que estou dentro dela. Seus olhos cintilam e as pupilas dilatam sempre que me vê grunhindo algum palavrão. A parte mais tímida cora, mas a curiosa... A safada que mora dentro dela adora saber que consegue arrancar meu chão com seu corpo e mente fantásticos. Ah, essa parte adora me ouvir

dizer que meu pau é dela também, e ganhar uns bons tapas na bunda!

— Então... — Toco uma mecha do seu cabelo. — Gostou de ficar por cima?

Ela puxa o lençol para cobrir os seios e se deita de lado, usando meu braço como travesseiro. Fico chateado em não ter mais meus dois amigos ao alcance dos olhos, mas não reclamo. Vou fazê-la correr pelada para o banheiro de novo.

Sua mão toca meu pescoço e desce até o meio do peito, sua palma para espalmada no meu coração, sentindo cada batida.

— Gostei — admite, respondendo a minha pergunta. — É diferente poder controlar e, hum, você é uma bela visão de se ter por baixo.

Sorrio mais.

— Ah, é?

Ela assente e diz mais baixo:

— Fiquei molhada só de olhar.

— Não fala isso ou vou querer começar outra rodada — ameaço satisfeito —, e ainda preciso de alguns minutos.

Amber encara minha virilha com curiosidade. Quase posso ler a pergunta em seus olhos, de quanto tempo preciso para voltar a ficar duro. Com ela me olhando assim, quase respondo que não será muito.

— Você estava linda me cavalgando, com certeza vou querer repetir isso outra vez — eu digo, atraindo novamente sua atenção para o meu rosto. — Sabe, especialmente a parte dos seus peitos pulando.

Ela ri.

— Pela forma com que me olhou, acho que você gostou mesmo disso.

Confirmo, sem pudor.

— Sorte sua ter me entretido com essas coisas maravilhosas — aponto para seus seios cobertos. — Do contrário, se estivesse conseguindo pensar com clareza, teria te incitado a falar algumas palavras sujas.

— Aposto que sim.

— E aquela coisa que você faz — eu digo, sorrindo. — De apertar meu pau, sabe? — O rosto dela é tingido de vermelho. — Você disse que não era intencional, mas hoje você pareceu dominar.

Sua cabeça se move.

— Não foi intencional da primeira vez, ou da maioria que veio em seguida. — Ela ri, nós já perdemos a conta. — Acho que meu corpo agia assim quando você estava dentro por ser algo novo para mim. Mas quando comecei a tentar controlar, não foi difícil.

— Como é possível? Nunca senti isso antes, mas pelo que ouvi as garotas treinam, ou algo assim.

Ela dá de ombros.

— Talvez seja pelo balé. As dançarinas aprendem a ter controle de cada ínfimo músculo da ponta do pé até a cabeça — explica. — Especialmente o abdômen. Sou bailarina desde criança, então isso pode ter ajudado.

Assinto.

— Sinceramente? Eu nem me importo com o motivo — confesso sorrindo. — Só sei que é uma delícia.

Ela morde o lábio, jubilosa.

— É bom para você também? — pergunto.

— Quando te aperto, — suas bochechas se tornam ainda mais vermelhas — bom, eu consigo envolver cada parte de você. Não há um centímetro que eu não sinta, deslizando para dentro e para fora. Então, sim... é delicioso.

Puta merda!

Manuseio seu corpo com facilidade, satisfeito por quão pequena e leve ela é. Puxo seu corpo para o meu quando a coloco como quero, suas costas pressionando o meu peito. Nosso papinho inocente foi o bastante para me deixar duro de novo.

— Hum... — murmura me sentindo. — Isso foi rápido.

Planto beijos em seu pescoço, molhados e leves, escovando os lábios pela extensão arrepiada da sua pele.

— Você está muito cansada?

— Não...

— Dolorida?

Ela projeta a bunda na minha direção, gemendo baixinho, diante da minha mão que começa a explorar seu baixo ventre. Fazendo pequenos círculos abaixo do umbigo, próximo a onde posso fazê-la gemer com vontade.

— Só um pouquinho...

— Quero você outra vez — digo abafado, ainda beijando sua pele. — Essa conversa me deu saudade do seu abraço gostoso.

Amber relaxa, apertando as coxas, cedendo o controle que tenho prazer de pegar de volta, assim como uma nova camisinha.

— Por que essa frase parece safada?

Rio, acariciando sua coxa e erguendo sua perna esquerda em seguida. Apoio a dobra interna do seu joelho em meu cotovelo, segurando firme.

— Porque não estou falando do abraço que me dá com esses braços curtinhos, meu amor...

Beijo o ponto atrás da sua orelha, aquela pequena zona erógena que deixa o corpo da minha garota quente e receptivo. Ela geme, empurrando mais contra mim, silenciosamente me pedindo para entrar de novo em casa.

— Vai ser assim? — pergunta, sem folêgo.

Abraço apertado seu corpo e estou tão duro que encontro logo meu paraíso, deslizando lentamente para dentro.

— Vai... — suspiro. — Calmo e gostoso porque não te quero cansada demais...

Ela arqueja.

— Por que não?

Beijo novamente seu pescoço, sugando com mais pressão um ponto. Talvez, eu tenha deixado uma pequena marca.

— Porque mais tarde... — meto devagar — vamos fazer outra posição.

— Hm... de quatro?

Sorrio e fecho os olhos, sentindo seu rebolado levinho.

— Vamos testar algumas até encontrar nossa favorita, que tal?

Ela geme, erguendo a mão para trás, buscando meus cabelos para tentar me beijar. Cedo, mergulhando os lábios nos seus com desejo e saudade, mesmo tento estado aqui a pouco. Nunca tenho o suficiente dela, sempre quero mais.

— Parece perfeito... — sussurra entregue contra meus lábios.

Suspiro, extasiado. Acho que nunca me senti tão prazerosamente acabado, e mal consigo mover os olhos de Amber na bagunça adorável em que está.

Estamos deitados lado a lado, por isso tenho que me erguer sobre seu corpo para pescar a caneta com ponta de bailarina na mesa de cabeceira. Vislumbro a curva do seu quadril exposta pelo lençol, apreciando os centímetros de pele nua e impecável à minha disposição. Com um sorriso, deslizo a ponta da caneta esferográfica pela região. Uma sensação ilógica de posse perpassa meu corpo, posso sentir meu coração inchando.

— O que está fazendo?

Ergo os olhos e encontro os seus. Ela não se moveu, e agora está sorrindo à espera da minha resposta. Lhe dou um selinho, antes de voltar a minha tarefa.

— Você já vai ver.

— Vai desenhar corações ou algo assim? — pergunta em tom risonho.

Belisco sua barriga pela provocação, e ela ri após um gritinho. Depois daquele balão piegas no jantar do estúdio, ela usa e abusa desse tipo de piadinha. Onde já se viu debochar de um homem romântico como eu? Ela não sabe que meu tipo está em falta?

Posso sentir seu olhar queimando na minha direção, mas continuo a traçar a pele cuidadosamente, com muito esmero. Ao terminar, admiro o contraste da tinta preta contra sua palidez.

— Posso ver agora?

Confirmo, e ela ergue o tronco. Não sei porque estava esperando um sorriso, mas quase fico magoado quando Amber revira os olhos ao flagrar meu nome escrito na sua pele. Ela ri depois, como se eu fosse inacreditável.

— Sério? Seu nome.

— Ficou lindo escrito Taylor aí — eu argumento.

— Como se eu fosse um objeto?

Sua pergunta não vem com crítica, apenas com um desafio velado de uma resposta à altura por ter agido como um neandertal. Eu deveria mesmo ter pensado em uma boa resposta, o problema é que as palavras deixaram rápido meu peito e viajaram com facilidade pela minha boca:

— Não, como se fosse minha.

Seus cílios batem lentamente enquanto me analisa. Sinto meu coração inconstante, como se eu ainda estivesse ofegante, com a respiração difícil. Amber rouba a caneta e se inclina sobre mim para escrever.

Paro de pensar quando o lençol resvala pelos seus movimentos e tenho lindas partes para admirar. Desconfio do que está escrevendo, mas sendo sincero, ela poderia fazer o que quisesse enquanto seus peitos permanecessem na altura do meu rosto. Eu até desejaria que o traço fosse complexo e demorado.

— Agora está justo!

Olho para o seu desenho e sorrio quando vejo o nome dela na minha pele em uma letra muito mais bonita do que a minha. Aquela sensação de antes, duplica rápido.

— Amber e Taylor... — Ela lê sorrindo, olhando nossas peles.

Ela parece encantada.

Eu me sinto completamente tonto com a percepção que me atinge.

É mais do que o nome dela na minha pele, é a marca profunda que essa garota foi capaz de fazer no meu coração, que mal batia antes dela e agora está prestes a explodir para fora do meu peito.

Amber é uma frase bonita, dessas que se sublinha em livros, que se faz tatuagens, que inspira músicas e pode causar guerras. Do tipo que me dividiu entre antes e depois, e eu não estou apaixonado apenas pela versão que sou ao lado dela, mas completamente apaixonado por todos os aspectos dessa garota. Eu a amo.



Amber

DÉCIMA SEMANA

Nunca pensei que Taylor aceitaria sair em um encontro duplo. Tudo bem que a palavra *encontro* não foi mencionada, está mais para um *programa conjunto*. No fim das contas, depois de tudo, acho que não importa.

A surpresa maior é o outro casal ser sua irmã e namorado, que adoraram a ideia. Olívia e eu estamos nos aproximando cada vez mais, assim como Taylor e Gregory. As relações são frágeis, sustentadas pelo carinho de quem gostamos, mas é um ótimo começo.

— Não sabia que ainda faziam isso... — sussurro.

Taylor está ao meu lado, estamos deitados em um estofo de algodão que cobre o gramado, assim como sua irmã e o namorado. Uma manta de lã nos cobre pela brisa fria da estação que se

aproxima. Entre os panos, há alguns petiscos, frutas frescas e um vinho caro que Gregory fez questão de trazer.

— Coisa do pessoal de cinema — Taylor diz. — Eles resgatam essas tradições antigas e reprisam filmes que marcaram a época todo mês.

Arregalo os olhos, erguendo meu rosto para olhá-lo. Sentindo meus movimentos, sua atenção também desvia da tela projetada.

— Não te contei que descobriram a cura para o câncer, por que essa cara? — pergunta ele, sorrindo.

— Por que nunca me contou?

— Não sei, nunca surgiu oportunidade. Achei que fosse gostar, por isso sugeri o programa. Liv e Gregory já vieram antes.

Sorrio.

— Eu amei.

— Mesmo sendo reprise de Forrest Gump?

Nós rimos.

— É, mesmo assim.

Voltamos a ficar em silêncio, assistindo o filme. Mesmo sendo deliciosa a sensação dos seus braços ao meu redor, carinhosos e protetores como se fossemos um casal em público, minha mente divaga para longe.

O tempo está passando rápido, e por mais intimidade que tenhamos construídos, não somos namorados. Ele não me pediu em namoro. Logo, quando o semestre acabar, voltarei para França e Taylor ficará aqui por quase dois meses. O que sinto pela minha família não mudou com um oceano de distância, mas tenho medo de que nossos sentimentos não sejam tão fortes.

Para começar, que sentimentos?

Eu disse que o amava, mesmo que ele ainda não compreenda isso. Disse mais de uma vez. Tenho aguardado o mesmo sair de sua boca, mas embora nossa rotina seja a mesma e façamos amor toda noite, ele não disse nada.

Taylor me chama de *amor*, mas não parece me amar.

Não ainda.

Essa não é a pior parte, porque eu posso dar tempo se é disso que o coração dele precisa para descobrir o que sente, mas posso não fazer o sentimento surgir. Depois da nossa conversa sobre Yasmin e as mensagens que enviou, consegui me sentir pior porque ninguém nunca me olhou da forma como Taylor olha, mas ele já se confundiu uma vez, com ela. E se eu for só outra paixão no final das contas?

Talvez essa mensagem tenha o abalado mais do que fez transparecer, e por isso resolveu esconder de mim, por não entender o que sente. Não duvido que odeie o que aconteceu e a traição, mas e se a saudade for mais forte do que o rancor por ela? Ele disse que nada entre nós mudaria – seja lá o que temos, já que nunca rotulamos nossa relação –, mas e se ao invés de uma mensagem, fosse Yasmin aqui, em carne, osso e saudade? Braços abertos se oferecendo para relembrar tudo o que viveram.

Droga, ela foi sua primeira.

Sei que enquanto eu viver, mesmo que não fiquemos juntos no fim, jamais serei capaz de esquecer como foi sentir aquilo pela primeira vez. Nenhum homem que eventualmente possa parar na minha cama poderá competir com a intensidade com que Taylor me olhou, beijou e me invadiu pela primeira vez.

Será assim para ele também?

Uma parte de mim, aponta como ele se abriu, seu gesto de me levar até Temecula, até o túmulo da sua mãe. A única outra pessoa a conhecer tão bem suas cicatrizes é Olívia, e isso porque as viveu juntamente com ele. Mas estou tão confusa, que ambas as partes duelam arduamente dentro de mim.

Sinto minha garganta se fechar, os sons do filme abafados agora. Estou me afundando em pensamentos e inseguranças ao som dos batimentos constantes do coração recém recuperado de Taylor.

Não melhora eu me identificar cada vez menos com o curso. Sinto-me bem ao final do dia quando estou voltando para casa e posso riscar mais um dia da minha missão de estar seguindo os passos do meu pai. Mas e se não for o bastante? Passar a vida inteira fazendo isso, às vezes, parece... sufocante.

Foi por isso que divaguei enquanto Taylor estava em Sunnyvale. O pensamento de como minha vida estaria agora caso eu nunca tivesse cogitado estar aqui, se tivesse continuado na França ao lado da minha família. Eu poderia estar na mesma universidade que May, e estaríamos dividindo um apartamento longe do bairro em que nossos pais moram. Fiquei assustada com o quão perfeito isso pareceu. Exceto pela saudade que sentiria dele, claro. Da nossa casa e do nosso cachorro também. De cozinhar juntos ou tirar sarro quando Taylor se emociona com algum filme piegas, brigando comigo por ser tão insensível. Tanta coisa...

Talvez antiácidos e analgésicos me deixem reflexiva. Sentimental, com toda certeza. Não sou essa garota pensativa, prestes a me debulhar em lágrimas.

Outro episódio se repetiu à tarde. Atipicamente Taylor e eu voltamos separados para casa, e fiquei satisfeita por isso. Se tivéssemos voltado juntos, ele seria obrigado a segurar meus cabelos outra vez enquanto me debruçava sobre o sanitário, quase virando do avesso.

Estou tomando meus remédios disciplinadamente como sempre após o transplante, e já não tomo energéticos. Mas isso não parece fazer diferença sobre o quadro. Recorrentemente, minha cabeça dói, meu peito palpita e meu estômago embrulha, doendo tanto que preciso respirar fundo.

Cada episódio é pior que o anterior.

Cada vez, dói mais.

Cada vez, fico mais assustada.

A possibilidade de que não estou bem passa a ser mais uma certeza do que uma dúvida. Mesmo assim, limpei tudo, sem deixar o mínimo rastro do que aconteceu. Quando Taylor chegou em casa, abri o meu maior sorriso e fiz algo para comermos, me esforçando para não demonstrar como ainda estava levemente tonta e enjoada.

Ele me perguntou como eu estava.

Mais de uma vez.

Eu menti em todas elas.

Felizmente, Taylor não percebeu nada.

Se tivesse percebido, teria me arrastado para um hospital pelos cabelos, e eu não quero ir a uma consulta. Não posso estar doente. Simples assim, isso sequer pode ser uma possibilidade. Mamãe ficaria arrasada, quebrada pela segunda vez e de volta à estaca zero. Ela chorou todos os dias após a morte do meu pai. Vê-lo partir acabou com ela, não posso permitir que passe por outra

coisa assim de novo. Não posso ser algo a mais para ela se preocupar.

— Ei, — a mão dele move meu rosto — você está gelada. Está tudo bem?

Abro outro sorriso e aperto mais os braços ao seu redor. Acho que por isso gosto tanto quando faz amor comigo, e quando me pega de jeito também. Nos momentos em que me toca, me beija, me chama de amor e diz o quanto me acha bonita, nada mais existe. Somos só nós em um pequeno instante do tempo em que nada ruim consegue nos atingir. Uma ilusão que eu queria que durasse para sempre.

— Está, eu só... Acho que me perdi em pensamentos.

— Bons?

Quero ter uma conversa sobre o nosso “relacionamento” e como as coisas ficarão em breve, mas postergo. *Conversamos amanhã*, eu digo a mim mesma.

— Definitivamente. Estou ansiosa para chegarmos em casa.

Ele sorri, um sorriso charmoso que aperta as covinhas da sua bochecha e arremata meu coração. É injusto como parece ainda mais incrível agora sob a luz de um céu estrelado, me abraçando como se nunca fosse soltar.

Espero que não solte mesmo.

— Esse céu está lindo e adoro estar aqui com você... — Seus lábios tocam os meus com suavidade, a voz é apenas um sussurro. — Mas estou ansioso para chegarmos em casa, onde posso fazê-la encontrar aquele céu que consegue ver de olhos fechados.

Sinto meus batimentos aumentarem e minha pele esquentar, desejando poder sair correndo pelo gramado até o Audi estacionado

a alguns metros.

Toco seu rosto, traçando o maxilar como se fosse a primeira vez que meus dedos percorrem por essa região áspera, que adoro ter entre as pernas. Inconscientemente, meus olhos marejam. Não quero ser transparente agora, mas é inevitável. O episódio à tarde me deixou atemorizada e mesmo com ele me abraçando aqui, o medo faz com que eu me sinta sozinha.

— Está triste... — ele nota. Seu sorriso se fecha, dando lugar a uma expressão preocupada. — Sabia que algo estava errado, o que aconteceu?

— Nada, me abraça.

— Amber... conversa comigo.

— Só me abraça, Taylor.

Ele o faz, e até beija meus cabelos. É como uma prisão contra o mundo exterior, e eu fecho meus olhos, aspirando o máximo que posso da sua fragrância amadeirada que tem cheiro de casa.

— Você está estranha, percebi isso desde que cheguei.

Meu rosto está escondido do seu agora, e agradeço tanto por isso.

— Não estava. Só... fiquei emocionada.

Seus músculos relaxam, e isso faz os meus distensionarem também.

— Não achei que fosse tão emocional, Thompson. Na verdade, até duvidei que seus ductos lacrimais funcionavam para ficção. — Ele faz piada. — Sinto informar que nem chegamos na parte triste do filme ainda.

Rio e agradeço por ele não ver uma única lágrima deslizar pelo meu rosto. Ou, se sente, considerá-la fruto do drama rodando a nossa frente.

Bobinho, não é por conta do filme.

É por você.

É pelo medo de perder você.

— Aparentemente, eu sou.

Minutos passam e consigo me concentrar no filme dessa vez. Com exceção de algumas pessoas conversando baixo e barulhos de beijos ao redor, o silêncio é confortável. Tom Hanks consegue me fazer mergulhar com facilidade na trama. Realmente, *a vida é como uma caixa de chocolates, você nunca sabe o que vai encontrar*.

Antes do fim, no entanto, uma confusão atrai a atenção de todos. Tanto Taylor e eu, quanto Olívia e Greg nos erguemos do estofo, confusos com a briga, mas não surpresos ao ver a figura de Jason e Rachel discutindo.

— Você tem que superar isso! — Rachel grita e empurra o peito dele. Ela está alterada, as mãos tremendo e os olhos cobertos por lágrimas. — Não percebe que está estragando tudo?

Eles estão frente a frente, concentrados um no outro. Jason parece frustrado, acabado como se tivesse acordado por dias em privação de sono e alimento. *Péssimo* seria um elogio para o seu estado.

— Ela não vai voltar! — Outro empurrão. — Sinto muito que por amá-la você não a veja como a vaca nojenta que ela é. Mas sejamos francos, Jason, mesmo que voltasse, Yasmin não voltaria por você.

Engulo com dificuldade e a saliva desce ácida. Não ouso olhar para o lado e captar a reação de Taylor frente a essas palavras, mas algo dói dentro de mim.

— Você está fazendo um escândalo, não vê? Está estragando a noite de todo mundo. — O tom dele é duro, consideravelmente mais baixo que o dela, no entanto. — Vamos sair daqui e conversar.

— Sair e conversar? Você acha mesmo que pode resolver as coisas assim dessa vez? — Rachel vacila, sua voz está muito embargada. — Me levando para o carro ou para o seu apartamento, me subornando com sexo para me impedir de pensar como você ficou destruído por ela ter enviado uma mensagem para ele e não para você?

Rachel não precisa apontar para deixar claro a que destinatário está se referindo. Ao que tudo indica, Jason viu o comentário na foto postada e agora sabe que pela primeira vez em tanto tempo, Yasmin deu algum sinal. Ela entrou em contato por saudade... Saudade de Taylor, e não dele.

O suspiro de Taylor me faz encará-lo e notar sua expressão dura, os ombros tensos e os lábios em uma linha rígida. Sua mandíbula está tão apertada que consigo ver os músculos contraídos.

— Para de falar essas merdas! — A voz de Jason subiu uma oitava e me atrai para a confusão novamente. — Estou perdendo a paciência. Se não quer conversar, não vou ficar aqui assistindo seu show.

A essa altura, acho que ninguém está mais olhando para a tela.

— Acha que eu não preferia estar no seu quarto ou como um desses casais namorando? — Ela soluça, empurrando o peito dele novamente. — Mas não dá! Não vendo em seus olhos como é apaixonado por aquela vadia egoísta! Eu aceitei migalhas por muito tempo, mas eu preciso de mais. Eu mereço mais!

Jason desiste do diálogo e agarra o braço dela em um aperto firme, saindo aos trancos do gramado. Olívia é a primeira a se levantar, indo ao socorro da amiga.

— Amor, não se mete nisso... Sabe como eles são. — Greg pede, mas ela já está de pé caminhando.

— Larga ela, Jason! — Olívia diz alto, chegando próximo a eles. — Não ligo para o que estão discutindo e, Deus sabe, o quanto tentei fazê-la desistir de tentar mudar você. Mas não se trata uma garota assim, solta o braço dela!

Taylor se levanta, cruzando os braços, a postos para ir resolver as coisas no braço em defesa de Olívia. Eu também me levanto, mas duvido que chegará a esse ponto. Não acho que Jason seja assim.

— Só não quero essa plateia... — argumenta ele, olhando de relance pelos arredores. Quando seus olhos pousam em mim e Taylor, sua expressão se contrai mais. Ele bufa e solta o braço de Rachel.

— Nós saímos para nos divertir, não para você ficar remoendo um caso que nunca te trouxe nada bom — Rachel diz, fungando.

Jason suspira.

— Por favor, Chell... — pede ele, a voz mais calma. — Vamos conversar em outro lugar. Sozinhos. Não vai adiantar ficar aqui

gritando e fodendo com a noite de todo mundo.

— Ah, acredite, vocês já foderam! — Olívia reclama e se volta para a amiga. — Você não foi melhor com esses empurrões, causando esse escândalo. Mas tem toda razão ao dizer que merece mais, e quero ter certeza que está bem antes de saírem.

— Eu estou...

— Ótimo. Dependendo de como for a conversa, sabe que pode me ligar, não é? Não importa a hora.

Rachel limpa o rosto, parecendo se acalmar aos poucos.

— Sei... — Murmura ela. — Obrigada, Liv.

Jason e Rachel saem caminhando, é possível notar que ainda estão discutindo, mas em um volume contido. Olívia passa por nós, apertando o braço de Taylor e se deita com o namorado. Greg está sorrindo pela audácia dela, comentando algo sobre sua pose mandona que a faz rir.

Encaro Taylor, que está fitando o gramado aos nossos pés.

— Ela só mandou mensagem para você, então... — comento. Acho que minha voz nunca saiu assim, com certo amargor. É mais do que ciúme agora, é uma mistura de temor e mágoa também.

Sua cabeça se move devagar para me encarar. A maioria das pessoas olhou para ele quando Rachel fez aquele comentário, mas agora todos estão de volta ao filme, cochichando baixo. Nós, contudo, ainda não nos movemos.

— Parece que sim, mas escolheu o cara errado — garante isso. — Se Yas quer tanto brincar, deveria investir nele. Não vou cair nos joguinhos dela novamente.

Yas. Não Yasmin.

Taylor volta a se sentar e eu o imito. Seus braços voltam a me envolver, mas o encanto de antes foi quebrado. Mesmo que Yasmin não lhe cause mais efeito, a garota que supostamente fez seu coração voltar a bater vai viajar em algumas semanas para outro continente. Ou pode acabar em um hospital antes disso, como há nove anos. E então, o que irá sobrar?



Decidi parar de ser um covarde.

O que sinto está claro e não posso mais correr disso. Eu amo a Amber, e não quero perder o que temos.

Quero fazer amor e acordar todos os dias ao lado dela; quero fazê-la gritar de prazer quando a fodo gostoso e ser o cara que a abraça e acaricia até que pegue no sono depois; quero vê-la cozinhar para mim e retribuir da forma que posso, lembrando de cada mania de sua personalidade meticulosa. Quero brigar somente por dar uma espiada não autorizada no episódio novo da série que só vemos juntos, ou tolerar uma trama rasteira apenas porque a faz sorrir. Quero sair de mãos dadas com ela na rua; quero poder beijá-la no meio do Campus, escancarar para quem quiser ver como sou sortudo por voltar todos os dias com ela para casa. Quero dizer abertamente a sua mãe e família que vou ser um bom homem para merecê-la.

Quero namorá-la.

Não vou perder mais um dia, farei o pedido esta noite.

Finalmente.

Nada espalhafatoso como o jantar no estúdio com rosas e velas. Dessa vez, planejei algo que é mais a cara de Amber. Ou seja, nada elaborado. Casa limpa – que fiz questão de faxinar –, um programa a ponto de play na TV e sua comida predileta em um restaurante francês aqui da cidade. May me deu a dica quando enviei uma mensagem pedindo ajuda.

Agora, basta esperar.

Fiz questão de estar com uma boa aparência, me barbeei, tentei domar os cabelos e estou usando somente uma calça de moletom. Sei que pele exposta vai agradar minha garota. E se tudo der certo – Amber disser sim – ficarei contente em ter poucos tecidos pelo caminho. Quero chamá-la de *minha namorada* pela primeira vez estando dentro dela, sussurrando que a amo, quando ela abrir os olhos depois de gozar.

Deambulo pelo apartamento, sentido minhas palmas suarem. Será que devo me ajoelhar? Com Yasmin no passado fora tradicional: buquê e um anel simples, que mal consegui pagar. Porém, com Amber, tudo parece... ampliado. Ainda não tenho um anel, e pelas joias pequenas que usa com ouro e diamante, ainda não pensei em como conseguir algo digno dela. Merda, tenho que pensar logo nisso!

Pesco o celular no bolso pela quinta vez à procura de alguma notificação, e percebo como está tarde. São quase oito da noite, Amber já deveria estar em casa. Mesmo com esse temporal, que deve ter atrasado todo o trânsito.

Arranjei uma desculpa fajuta de que precisava ir a uma reunião da Off-Broadway e peguei o Audi, voltando para casa para preparar tudo. Deixei-a no Campus, com Olívia de sobreaviso para me enviar uma mensagem assim que se oferecer para lhe dar uma carona para casa.

Checo a série no streaming e se o jantar ainda está quente. May disse que ela adora torta banoffe, então pedi essa sobremesa ao invés de bolo de chocolate. Arrisquei até um vinho indicado por Gregory – pois é, também estou surpreso – para incrementar a noite.

Olho o celular novamente.

Nada, nem uma atualização de Olívia.

Mas há um texto de May.

May: *E aí? Ela já chegou?*

Digito uma resposta, grato pela conversa. Estou tão ansioso que vagueio pelas janelas, observando a rua, preocupado em notar o momento que Amber chegar caso tenha ocorrido algum imprevisto, como o telefone de Liv ter descarregado.

Taylor: *Não. Ainda aguardando.*

May: *Quando ela chegar e gritar SIM, vocês vão se embolar em dois segundos, então não vou nem esperar outra mensagem.*

Sorrio, mas meus ombros estão tensos.

Taylor: *Acha mesmo que ela vai dizer sim?*

May: *Não seja idiota!*

Rio.

Taylor: *Estou realmente nervoso.*

May: *Amber vai aceitar, não tenho dúvidas. E espero acordar com vários áudios dela amanhã contando como a noite foi perfeita,*

então trate de fazer seu trabalho direito.

Com prazer!

Taylor: *Sim, senhora!*

Solto um suspiro quando, antes de bloquear o aparelho, uma chamada se inicia. O som de alívio preenche o apartamento junto aos latidos de Toff quando atendo minha irmã.

— Olívia, onde vocês estão? — disparo, angustiado. — Já arrumei tudo por aqui. Estou a mais de meia hora suando como um porco à espera de vocês. Amber está presa no laboratório de novo ou algo assim? Juro que se eu ficar sozinho por mais uma hora, vagueando de um lado pro outro nesse apartamento, vou enlouquecer.

Sem resposta.

Franzo o cenho e apuro os ouvidos, tentando entender o que está acontecendo. Até checo a chamada para confirmar se a ligação não caiu.

— Liv?

— A-amber não está bem.

Por um segundo, meu coração para. Então suas palavras se infiltram lentamente no meu cérebro, e ele volta a bater tão forte que faz meu peito doer.

— Como assim não está bem? — minha voz mal saiu.

Sua respiração ressoa pesada, há vozes agitadas ao redor.

— No fim do último tempo, Amber desmaiou. Quando fui oferecer a carona como combinamos, ela estava no chão com uma montanha de calouros assustados ao redor.

Não digo nada, minha língua parece colada ao assoalho da boca.

— Liguei para a emergência, mas como ela não parecia ter nenhuma fratura óssea pela queda, a trouxe no meu carro.

Exaspero-me:

— E só me ligou agora?

— Estava preocupada em trazê-la para receber ajuda, Taylor. — Olívia diz firmemente. — Acabei de preencher a ficha de entrada, por isso estou te ligando agora.

Engulo minha frustração, provavelmente foi o melhor. Não é como se eu pudesse fazer algo para ajudar daqui.

— Merda... Eu... É sério?

— Ela ainda não acordou, está sendo avaliada por um médico agora. — É o que Liv responde. — Não sei dizer o que Amber tem... Mas estava pálida e bradicárdica, Taylor.

Tomo uma respiração profunda, meus dedos estão trêmulos contra o telefone. Por um instante, me sinto incapaz de segurá-lo de tão vacilante que estou. Da mesma forma que quero sair correndo daqui e estar ao lado dela, sinto a força se esvair do meu corpo, como se eu estivesse congelado.

— Ainda está aí? — Liv chama.

Engulo em seco, consternado.

— Não pense o pior, o melhor que podemos fazer agora é esperar — minha irmã continua, a voz uma quarta mais baixa. — Temos que avisar a família dela, dependendo do proceder inicial da equipe médica. Por hora, ocupe-se em vir logo para cá, estamos no Memorial.

Assinto, e então me lembro de dizer:

— Estou indo.

— Dirija com cuidado.

Desligo o celular, atônito, e consigo enviar uma mensagem a May, avisando que Amber está no Memorial. Agarro a chave no aparador e mal tomo tempo para respirar antes de sair correndo do apartamento.

Saio tão esbaforido, que não tenho certeza se tranco a porta. Incapaz de esperar o elevador, desço seis lances de escada aos pulos. Trombo em uma senhora no caminho e murmuro algo que não compreendo bem. Salto o máximo de degraus que posso até atingir à garagem no subsolo.

Preciso chegar rápido àquele Hospital.

Amber não está bem.

Preciso estar lá por ela.

Merda, sabia que deveria ter insistido mais.

Burro. Burro. Burro.

Porque diabos não a arrastei para a porra de uma consulta?

Arranco para fora da garagem e enfrento o temporal, fazendo a primeira curva à direita para pegar a direção do Centro. O tempo está péssimo, o que significa que demorarei mais que o previsto para chegar ao hospital.

Soco o volante, sentindo meus olhos marejarem.

Pode ser algo simples, mas depois de tantos episódios... Merda, Liv disse *inconsciente*, isso não me parece bom.

Respiro com dificuldade, sentindo a garganta fechada pelo medo. O sentimento de culpa e impotência me lacera com força de dentro para fora. Aquele dia, no banheiro, eu deveria tê-la pegado nos ombros e arrastado para o hospital universitário. Eu deveria tê-la convencido, ou ao menos insistido em saber porque estava tão assustada.

Inferno, ela estava diferente esses últimos dias. Mais emotiva, sempre à procura de um abraço ou afago. Estava tão entorpecido em estar apaixonado por ela, em entender meu coração e como confessaria que a amava, que simplesmente aceitei ofertar o máximo de carinho que podia, sem ir a fundo no que estava errado.

Burro. Burro. Burro.

Aperto o volante com força, sentindo o ranger do couro contra os nós apertados dos meus dedos. As janelas começaram a turvar pela condensação e quando olho pelo espelho lateral para entrar na avenida, apenas uma confusão de pontos luminosos se faz distinguível pelo vidro embaçado.

O tráfego está muito congestionado, todos devem estar se apressando para chegar em casa antes que o tempo piore. As copas das árvores estão balançando, relâmpagos acendendo no céu, e a chuva se tornando torrencial.

Procuro o retrovisor, que não está muito melhor, uma vez que o vidro traseiro também embaçou. Sem alternativa, aciono o botão automático e abro a janela, tentando melhorar a visibilidade. Não consigo visualizar muita coisa, em seguida a abertura da janela, um carro passa em alta velocidade, estourando uma poça de água que me atinge em cheio, encharcando meu peito nu e o banco. Meus olhos ardem; sem dúvidas a água não estava limpa.

Minha reação instintiva é pisar no freio, visto que mal consigo manter as pálpebras abertas. Talvez seja melhor chamar um aplicativo, não estou mesmo em condição de dirigir. Mas a freada brusca me faz derrapar pela pista molhada. Agarro o volante com

mais força, tentando manter o controle do automóvel, mas o esforço é inútil.

O carro derrapa para direita, na direção dos outros que entram na avenida. Consigo desviar a tempo, com esforço, sendo acometido por uma onda de adrenalina e pânico. Puxo o volante bruscamente para esquerda, e isso parece piorar tudo. De repente, é como se tudo desacelerasse e passasse a rolar em câmera lenta.

O carro roda, perco completamente a noção do que está à minha frente e atrás de mim. Meus olhos ainda ardem e as luzes fortes com a chuva pesada me deixam confuso. Preciso piscar várias vezes até notar que estou parado ao contrário, no meio de um cruzamento.

Ouço o barulho de rodas resvalando, buzinas e palavrões. Um Mustang rosa, que se aproxima, tenta desviar para a direita, mas está veloz demais para parar e não há espaço o bastante para nós dois.

Espero pelo impacto e tudo ao redor treme quando sou atingido.

O barulho é ensurdecedor.

A dor nas minhas costelas também.

Merda, eu estou sem o cinto.

Meu corpo é jogado para a esquerda, depois para a direita. Gemo quando a pontada aumenta e a dor se alastra pelos meus músculos. Minha cabeça está zonza, os ouvidos zumbindo.

Mas então, tudo cessa.

Começo a pensar que está tudo bem. Afinal, tudo ficou repentinamente quieto. Com exceção do ruído da chuva diluviana contra o asfalto e contra a lataria, parece que acabou.

Alívio enche meu peito... cedo demais.

Sou atingido pela segunda vez.

Dessa vez, a colisão é pior.

Acho que o carro capota porque fico levemente consciente de que tudo estava se movendo e que algo dilacera minha pele. Sinto o gosto metálico do sangue nos lábios, e mal consigo abrir os olhos com a dor pungente que atravessa minha cabeça.

Tento respirar, reduzir a queimação que consome meu peito, mas não consigo. Por mais que eu tente fazer o ar entrar, a sensação nas costelas é excruciante e meu peito não se expande mais.

O desespero cresce em mim, quando noto que não serei capaz de chegar até ela. Amber não está bem... Agora, eu também não estou. Finalmente, nosso salto culminou em um fim, em um impacto duro e impiedoso.

Mas então, minha mente se torna enevoada.

O pânico decresce.

O temor passa.

Tudo desvanece.

Exceto, ela.

Minha doce garota de cabelos loiros, roupas coloridas e aroma fresco de pêssegos. Penso em nós sentados, rindo e nos beijando naquele campo de girassóis em Temecula. Depois no nosso primeiro beijo e, por fim, na primeira vez em que dormimos juntos. De repente, todas as memórias boas com ela me invadem como flashes luminosos, como um filme rodando em frente aos meus olhos que já perderam a força de se sustentar abertos.

É quase como uma despedida.

Um consolo gentil.

Poder vislumbrar os melhores momentos que vivi ao lado de Amber antes da escuridão consumir tudo.

E, por fim, me engolir.

O impacto

“Estarei lá até as estrelas não brilharem
Até os céus explodirem e as palavras não rimarem
Sei que quando eu morrer, você ainda estará na minha mente
E eu te amarei, sempre”

(*Always* – Bon Jovi)



Amber

Desperto com uma sensação estranha perpassando meu corpo. Não sei explicar o que é, mas me sinto diferente. Mais leve, como se não fosse sustentada por ar, mas composta por ele. Aperto os olhos quando eles se chocam contra a claridade. Há muita luz aqui, e muito branco também. Pisco algumas vezes para tentar me acostumar, levando um tempo para mover a cabeça e fitar o espaço ao redor. Então, engulo em seco.

Tudo é branco.

Tudo é luz.

Tudo está preenchido.

E, de alguma forma, vazio.

Forço meu tronco a se erguer, e espero por uma pontada ou alguma dor, afinal eu estava me sentindo mal antes. Minha cabeça doía tanto que mal conseguia manter meus olhos abertos, e ainda sim, a dor em minha barriga conseguia ser mais lancinante. Mas

nada vem agora. Não há dor, ou qualquer outra sensação, na verdade.

Consigo me colocar de pé e vacilo apenas dois passos antes de vislumbrar os arredores e perceber que não estava enganada. Não, ainda estou aqui, envolta por branco e muita luz. Se eu apertar bem os olhos, poderia desconfiar que acordei dentro de um algodão-doce. As superfícies parecem fumaça de tão macias. Se não fosse isso, meu próximo palpite seria... uma nuvem. Várias nuvens.

Abro um sorriso pequeno frente meu pensamento absurdo, que logo se fecha quando meus olhos se arregalam. Sinto meu coração bater rápido, em desespero dentro do peito, como se precisasse sair e ir até ele, como se precisasse se reconectar de onde partiu.

Meus olhos marejam.

Minhas mãos tremem.

Não tenho certeza se consigo me manter de pé.

Não com ele caminhando na minha direção com um sorriso tão bonito. Aquele mesmo que eu amava, largo, brilhante e tão, tão orgulhoso.

Pisco, fechando os olhos e uma lágrima desliza pela minha bochecha. No entanto, o encanto não se quebra. Enquanto permaneço com as pálpebras cerradas, assustada por não entender o que está acontecendo, ele me alcança e toca meu rosto pelo queixo com reverência.

Não sinto seu toque.

Ao menos, não da forma como costumava sentir.

É diferente agora.

Não é um toque físico e presente, daqueles capazes de acionar todos os receptores sensitivos da pele. É suave, calmo, quase como ser tocada por um sentimento.

De alguma forma sei que suas mãos estão em mim, eu o sinto aqui. Mas não tenho certeza se poderia erguer a mão e tocá-lo também. E tenho medo de que a ameaça de fazer isso, faça tudo ao redor desmoronar.

Parece um sonho, e eu não quero acordar.

Não ainda.

Preciso de mais tempo.

— Abra seus olhos, *ma ballerine rose*.

Então eu sorrio, em meio a lágrimas, e sigo o comando.

Encontro seus cabelos castanhos, o rosto jovem como de anos atrás e os mesmo belos olhos, repletos de admiração e que sempre me fitaram com tanto amor. Choro mais, incapaz de fazer qualquer coisa porque sinto meus pulmões arderem e meu coração palpitar.

Eu senti tanta, tanta saudade.

— Papai... — consigo dizer.

Ele sorri mais.

— Eu estou aqui.

Antes mesmo de processar, eu me jogo em seus braços. Ainda com medo de cair no vazio e tudo se apagar. Mas não, nada se vai. Ele envolve a minha cintura com um braço e usa o outro para afagar meus cabelos, apertando-me forte contra o seu corpo. Agarro seus ombros e choro mais, sendo amparada por ele novamente.

— Como...? — pergunto, incapaz de completar o raciocínio.

Mas não preciso, ele entende.

— Não se preocupe com isso agora. — É o que responde.

As engrenagens da minha mente funcionam em capacidade limitada pela emoção. A última coisa que me lembro é de ser acometida por outro episódio de mal estar, nada depois disso.

— Eu... estou morta? — pergunto assustada.

— Não.

— Isso é um sonho?

Sinto um beijo contra meus cabelos e aperto mais os olhos.

Não quero soltá-lo.

Nunca mais.

— Quase isso.

Movo a cabeça, entendendo a mensagem por detrás de suas palavras.

—Não vai durar, não é? — digo com a voz embargada.

Papai me afasta para observar meu rosto. Então, ele enxuga cada uma das minhas lágrimas com um sorriso imperecível. Ele parece tão feliz que me sinto doente por estar tão mal, tão necessitada em contar os segundos com temor de que se esvaiam rápido demais.

— Não, querida.

Assinto, puxando o ar.

— Tenho saudade... — consigo dizer. — Todos os dias.

Ele coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, tendo a visão do meu rosto completo.

— Eu sei. Também sinto falta de vocês.

Vocês... Isso me faz sorrir. Ele está se referindo a mamãe e eu. Dizendo de alguma forma, mesmo sem o menor sentido, que onde quer que ele esteja, ele pensa em nós. Sempre.

— Ela também sente sua falta, todos os dias.

Papai sorri mais.

— Eu sei.

— Acho que ela nunca vai superar tê-lo perdido tão rápido.

— Sua mãe é a mulher mais forte que eu já conheci — diz com admiração. — Ela está bem agora, feliz, especialmente porque tem você.

Nunca pensei que uma situação como essa fosse possível. E talvez não seja, talvez seja apenas uma alucinação induzida por alguma droga que usaram para me tratar. De verdade, eu não me importo. Mesmo que não seja real, mesmo que não dure muito tempo, tenho a chance de dizer a ele o que sempre quis:

— Obrigada...

Uma palavra.

Tantos sentimentos.

Uma infinidade de gratidão e amor contido.

Seu cenho se franze e eu o amo ainda mais por isso. Papai está confuso porque não espera que eu o agradeça. Ele nunca ajudou ninguém esperando algo em troca, e essa é uma das suas qualidades que mamãe e eu mais amávamos.

— Obrigada por ser um pai incrível — digo, emocionada. — Por estar presente sempre que eu precisava de você, por me amar incondicionalmente, por me dar a infância mais bonita que eu poderia ter... — eu continuo. Minha voz soa feia, afetada, e derrapa em vários pontos. Mas eu prossigo, sabendo que não terei outra chance. — Obrigada por ter salvo a minha vida.

— Meu amor...

Meu queixo treme, mas eu sorrio, sentindo mais uma lágrima deslizar pela bochecha. Até disso eu senti falta, do tom firme e doce de sua voz quando se refere carinhosamente a mim.

— Não queria que tivesse partido, não queria que a situação fosse aquela... Ainda acho tudo tão injusto — confesso. — Mas eu entendo. Entendo suas atitudes, e, sobretudo, o seu ato de amor. Eu não estaria aqui hoje se não fosse por você, papai.

Ele sorri, os olhos tremeluzindo.

— Desde quando abriu seus olhos para mim, eu soube que faria tudo por você. Arrancaria meu coração do peito diversas vezes se o fato ainda significasse salvar sua vida. — Papai se inclina e planta um beijo suave na minha testa. Novamente, eu não o sinto fisicamente, mas sinto seu amor. Nunca deixei de sentir. — Estou muito orgulhoso da garota extraordinária que você é, e da mulher admirável que está se tornando.

Aquiesço, sentindo algo dentro de mim se aquecer.

Sempre quis ouvir isso dele.

— Não sei se sabe, mas estou cursando medicina em Stanford, estou na mesma fraternidade que você. Talvez estarei na mesma especialidade também, quando o curso acabar.

— É claro que sei — afirma com os olhos presos nos meus. — Mas eu estaria orgulhoso de qualquer forma, independente disso. Se você estiver feliz, sempre estarei orgulhoso de você, Amber.

Pisco, tentando processar as suas palavras.

— Agora venha aqui — chama, erguendo uma mão. — Quero dançar com você.

Olho sua mão erguida e admiro como está bonito, vestido totalmente de branco, e cedo a minha palma, enlaçando à sua.

— Dançar?

— Sim. Como na valsa dos seus 16 anos que não pude estar presente — ele explica. — Ou já se esqueceu do primeiro príncipe da sua vida?

Nego, com um sorriso pequeno. Foi Luca quem dançou comigo esse dia. E logo depois, o vovô e minha mãe. Foi perfeito, mas claro que senti falta dele. Não pude deixar de imaginar como seria se ele estivesse ali.

Espero que papai comece a dançar, mas ele não o faz de imediato. Ele usa a mão para me trazer mais perto, e então, quando me têm próxima o bastante, ele move um braço para a minha cintura e me ergue fazendo meus pés descansarem sobre os seus. Abro um sorriso nostálgico porque esse momento é doce como as nossas memórias. Diversas vezes, ele me pegou assim, colocando sobre seus pés já que sempre fui péssima e muito pequena para acompanhá-lo a fim de me conduzir.

Lembro da lareira acesa e das risadas. Ele revezava sua atenção entre a mamãe e eu, e não sei dizer o que era melhor, rodopiar com ele ou ver o amor dos meus pais tão belo diante dos meus olhos apesar da minha pouca idade. Nunca precisei ser mais velha para entender a infinitude daquele sentimento, tanto um pelo outro quanto o de ambos por mim. Sempre foi verdadeiro, puro e incondicional.

Descanso minha cabeça no seu peito quando ele começa a se mover, e suspiro. Não preciso de uma melodia para que o momento seja especial, apenas estar aqui com ele, desfrutando de um momento que nunca tive é o bastante. Mas se torna realmente mágico quando papai começa a cantar baixinho.

Sua voz não é boa, ele é desafinado, sempre foi. E eu não reconheço a letra, também não me parece ser algo do Queen que meus pais sempre ouviam. É diferente, mais suave, mas ainda parece ser uma música.

— *Se eu pudesse pegar uma estrela para você... Eu juro que roubaria todas esta noite...* — Seu tom é grave, e meus olhos se fecham. — *Para fazer com que todos os seus desejos se tornem realidade... E cada sonho para toda a sua vida.*

Sei que pode acabar a qualquer momento, então respiro fundo e paro de chorar. Não quero que esse momento seja repleto de lágrimas, não as tristes. Quero sorrisos e lágrimas de emoção porque essa não é uma história triste, nunca foi. É, e sempre será, uma linda história de amor.

— *Mas não é assim que a história continua... O mundo está cheio de planos perfeitos* — continua e sinto o pesar em sua voz. Seu aperto em torno de mim se torna mais forte. — *Se há uma promessa que eu quebrei... Eu sei que um dia você vai entender...*

Papai afasta meu rosto e me toca o queixo, fitando profundamente os meus olhos. Meu coração bate tão forte agora que sinto como se sustentasse nós dois, como se inchasse por sentimentos, ficasse no limite do suportável de tantas emoções.

— *Quando os tempos ficarem difíceis, eu sei que você será forte...* — Seus dedos me tocam como se eu fosse feita de porcelana e forço meus olhos a não se fecharem porque quero guardar isso, esse momento. Para sempre. — *Eu estarei lá no seu coração quando você continuar... Como o luar sobre a água, e o Sol no céu...*

Então ele para, e eu completo mesmo sem conhecer a letra:

— *Porque pais e filhas nunca dizem adeus...*

Não preciso conhecer a melodia, pois é o que sempre me disse. O que ressaltou por amor e precaução diversas vezes aos pés da minha cama enquanto me colocava para dormir. E papai estava certo porque meu coração jamais disse adeus para ele, e nunca vai.

Quando me solta, eu sei que chegou a hora.

Nosso momento acabou.

— Vou acordar agora, não vou? — pergunto chorosa.

Ele assente.

— Não fique triste... — Ele sorri, acariciando meu rosto. — Sempre que seu coração ou o da minha Suicida de banquinho estiverem felizes, o meu vai estar também. Batendo dentro do seu peito.

Mais lágrimas caem, mas eu abro um sorriso largo assentindo. Não faço isso para esconder minhas emoções dele ou não querer preocupá-lo, faço porque estou me sentindo feliz apesar de tudo e quero que ele se sinta feliz também.

— Amo você.

Papai se inclina para beijar minha testa.

— Te amo mais, *ma ballerine rose.*



Amber

Abro os olhos devagar, sentindo a ardência pela luz forte. Pisco, me acostumando ao teto branco, muito iluminado. Sinto-me levemente sonolenta.

Encaro os arredores e mal acredito no que vejo. Poderia facilmente ser uma miragem porque eu não posso estar dormindo a tanto tempo, não é? Quer dizer, parece que fechei meus olhos no Campus e logo em seguida acordei aqui.

— Oi, meu amor... — Mamãe diz, levantando-se da poltrona e se inclinando para perto.

Encaro seu rosto com um sorriso doce estampado nos lábios, que contrastam avidamente com seus olhos cansados e injetados. Ela está abatida, afligida por minha causa.

— Como está se sentindo?

— Eu... — pauso, um pouco desorientada.

— Estamos no hospital. Posso chamar uma enfermeira se ainda estiver sentindo alguma dor.

Meus olhos permanecem nos seus, mas não digo nada. Há muita coisa entalada aqui agora, estou concentrando todas as minhas forças para que continue assim. Estou fisicamente bem, mas me sinto emocionalmente exausta.

— Amber... — Ela toca minha mão, o temor cruzando seus olhos. — Querida, precisa me dizer como está se sentindo.

Pisco, sentindo meus lábios tremerem.

— Ótima... — Leva tudo de mim para conseguir pronunciar essa única palavra.

Uma palavra fácil, carregada de todas as mentiras que já contei a fim de evitar que ela tivesse que se concentrar em mim, ou se preocupar. Mas é essa palavra que rompe tudo, como a última gota em uma barragem com capacidade máxima. Assim que ela escorrega para fora dos meus lábios, as paredes rachadas, desabam.

A próxima coisa audível é o soluço alto e feio do meu pranto copioso. Imediatamente, os braços dela estão ao meu redor, e eu os agarro, incapaz de me controlar. Todas as lágrimas que sufoquei por anos vertem agora, mal tenho tempo de respirar, antes de um novo soluço escapar.

— Meu amor, eu estou aqui... mamãe está aqui... — Ela não para de repetir.

Sei que está assustada, nunca me viu nesse estado. Preciso dizer que estou fisicamente bem, mas não consigo parar de chorar ininterruptamente pelos próximos minutos.

Suas mãos deslizam pelo meu cabelo, enquanto sussurra baixinho um som de silêncio para que eu me acalme. Ao tentar se

afastar, possivelmente para chamar uma enfermeira, eu aumento o aperto, agarrando mais os seus braços.

— Eu não aguento mais... — Outro soluço feio. — Me desculpe...

— Querida...

— Estou tão, tão cansada... e com medo. Eu não aguento mais.

Há um instante de silêncio, antes dela beijar minha cabeça.

— Calma, vai ficar tudo bem. Vai ficar tudo bem, meu amor.

Choro mais, libero todas as minhas frustrações por minutos a fio. Mamãe pacientemente não me solta, permanece me abraçando, finalmente notando que aquilo não tem a ver com o episódio, é algo mais profundo.

Eventualmente, as lágrimas secam e embora eu sinta meu peito aberto e ainda doendo, a nascente parece ter secado. Afasto-me de seus braços e limpo o rosto, noto então que as minhas mãos estão trêmulas. Embora esteja parcialmente deitada e, ao que tudo indica, eu tenha ficado horas assim, me sinto acabada.

— Desculpa, eu... — puxo o ar, sem terminar. O que eu poderia dizer?

Mamãe emoldura meu rosto entre as mãos. Está com aquele olhar agora, aquele que todas as mães têm, capaz de confortar mesmo quando o mundo parece virado do avesso. De repente, tenho vontade de chorar mais, porque nossa, como eu senti falta dela.

— Acho que temos muito o que conversar.

O bolo volta a apertar minha garganta. Milhões de alfinetes causando dor enquanto tento empurrar tudo para baixo de novo.

Mas desisto de tentar, e apenas assinto. Eu não aguento mais fingir que está tudo bem.

— Está sentindo alguma dor? — Ela inquere.

Faço uma verificação mental, mas não sinto nenhum incômodo físico. Com exceção de uma leve sonolência, nada parece errado.

— Não — sussurro.

Sua cabeça se move antes que volte a segurar minha mão.

— Por que não me contou que estava doente? — sua voz desceu um tom, cautelosa como se tivesse medo que eu me afastasse.

Fito nossas mãos e noto como minhas unhas estão bonitas graças à base de pimenta. Parece idiota reparar nisso agora, mas a ansiedade que sinto, que me fez ter hábitos como esse, surgiu de algum lugar. Tudo é sobre essa raiz profunda que tenho tido medo de trazer à tona há tanto tempo.

— Eu não tinha certeza, apenas suspeitava — respondo. — Estava com medo de que fosse verdade, então apenas ignorei.

— Isso foi imprudente.

— Não queria preocupar ninguém... — Volto a olhá-la. — Não queria preocupar você.

Mamãe suspira, os olhos tristes.

Desvio o olhar de novo.

— Você está com uma úlcera no estômago. A cirurgia foi simples, mas pelo quadro que encontraram está evoluindo há um bom tempo.

Solto o ar, resignada. Faz sentido com todos os sintomas, sobretudo a dor no estômago e minha capacidade de me sentir

nauseada mesmo na ausência de alimento.

— Ao que parece, pode ter sido induzida por estresse. — Ela continua. — Ou por altas doses de bebidas ácidas. Talvez ambos, não é?

Fecho os olhos um instante. Minha mão formiga para ajeitar o cabelo, ter algo para fazer a fim de reduzir essa sensação crescente dentro de mim.

— Eu precisava ficar acordada para dar conta de tudo... — digo baixo, envergonhada. Parece tão idiota agora... — Então, eu bebia café e energéticos. Às vezes, juntos. Isso me ajudava a espantar o sono e ter algumas horas a mais para conseguir cumprir a grade.

Mamãe se levanta, limpando o rosto cansado. Seus lábios formam uma linha rígida, um conjunto infeliz com os olhos injetados enquanto me observa com pesar a certa distância.

— A úlcera é o único problema físico, e já estão tratando isso. Felizmente, você vai ficar bem. — Ela cruza os braços, ainda me encarando. — Os energéticos, no entanto, poderiam ter desencadeado algo pior. Você sempre foi disciplinada com os medicamentos depois do transplante, por isso nunca me preocupei. Mas esse tipo de bebida pode aumentar o ritmo do seu coração.

Fico cabisbaixa, mal conseguindo assentir. Tenho plena consciência disso, mas estava certa de que conseguiria administrar para não me causar nenhum problema futuro.

Pois é, não consegui.

— Tivemos tanta sorte de você ser compatível, querida... — Mamãe continua. — Muito mais sorte de não manifestar nenhum sinal de rejeição nos primeiros anos, mas isso é algo que nunca

poderemos descuidar. Seu coração pode ser especial, mas é um órgão muito mais frágil do que o restante de nós. Tenho certeza de que sabe disso.

Eu sei.

Sempre soube.

— Pensei que... — pauso e engulo, para evitar outro soluço. — E-eu só queria fazer isso dar certo. Era importante estar aqui e ser boa nisso. Foi por esforço, mãe, não por descuido.

Volto a olhá-la quando o ambiente fica quieto.

Mamãe ainda está me encarando, mas dessa vez tem lágrimas nos olhos. Uma delas cai, e ela a limpa, fazendo uma negação. Parece estar perdida em pensamentos e... tão culpada.

— Eu deveria ter prestado mais atenção aos detalhes... — comenta baixo, parecendo conversar com ela mesma. — Sempre te achei uma fortaleza, e admirava isso em você. Mas eu devia ter notado como empurrava as coisas debaixo do tapete. Até aquele garoto me disse isso, como achava que você estava infeliz em Stanford, fazendo aquilo por seu pai e não por você mesma. — Ela me olha, consternada. — Que tipo de mãe eu fui? Eu deveria ter percebido isso.

Aquele garoto? Ela está se referindo a Taylor?

Estou prestes a chorar novamente porque a última coisa que eu queria era fazê-la se sentir como uma péssima mãe. Porque isso não é verdade, nunca foi. *Eu* escondi coisas dela, *eu* fingi não sentir, ela apenas acreditou em mim.

— Sinto muito... — É a única coisa que consigo dizer.

Sinto-me como aquela garotinha de dez anos que acordou no hospital há nove anos. Pequena e desorientada, prestes a ter parte

do meu mundo arrancado.

Mamãe suspira e vem até mim, sentando-se na ponta da cama novamente. Ela chega mais perto dessa vez, agarrando minha mão, mantendo os olhos fixos nos meus.

— Meu amor, não estou dizendo que não admiro você ou que não estou orgulhosa. — Ela acrescenta seriamente. — Mas te ver perseguindo algo por aprovação em detrimento de sonhos que morreram sem chance de nascer por isso, acaba comigo.

— Eu queria me sentir perto dele — admito — Nunca escolhi cursar medicina, escolhi ficar perto dos sonhos do papai e tentar fazê-los serem os meus. Senti que devia isso a ele depois do que fez por mim. Mas você não deve se culpar porque eu mesma demorei muito a ver isso, que essa escolha, apesar de ser minha, tem muito pouco de mim.

— Alec não pensou nisso ao salvar a sua vida, tenho certeza de que ele estava preocupado apenas com seu bem-estar e felicidade. E, sim, você deveria ter se aberto mais comigo, mas é apenas uma menina, meu amor.

Nego, não quero que se culpe.

— Mãe...

— Eu deveria ter insistido, Amber — ela reafirma. — Ou investigado quando Taylor expôs suas preocupações sobre sua autocobrança, que Stanford era mais um sacrifício do que um sonho. Ele estava certo.

Acabei sem perguntar porque demoraram tanto na cozinha, mas não me surpreendo. Taylor se preocupa comigo e sempre foi o mais incomodado com minha rotina descabida de estudos.

— Não queria que você se preocupasse — eu confesso. — Você já passou por tanta coisa... Agora que parece finalmente bem, eu não queria despejar novos problemas.

Mamãe volta a tomar meu rosto.

— Mas eu quero me preocupar com você — diz docemente. — Seu pai tinha uma péssima mania de subestimar o que eu posso aguentar. Aparentemente, você realmente é muito mais parecida com ele do que comigo.

Sua voz não é triste quando diz isso. Ao contrário, essa pequena declaração nos faz sorrir.

— Foi terrível perder seu pai, tanto que nunca ouve qualquer homem depois dele. Tenho certeza de que já se perguntou porque nunca namorei de novo.

Anuo.

— Várias vezes — respondo. — Sendo franca, não sei como eu reagiria, mas se você acreditar que pode ter outra chance de ser feliz, eu vou ficar feliz também.

Seu sorriso se amplia.

— Pode ser que chegue o dia que eu decida seguir em frente com outra pessoa. Mas se isso acontecer, será mais uma amizade do que uma relação de verdade, uma companhia para a velhice. — Ela dá de ombros. — Duvido que vou amar alguém da forma como amei seu pai, ou ser amada da forma com que ele me amou. Tive o que poucas pessoas têm na vida, e não quero ser egoísta. Além disso, talvez quando eu partir, Alec e eu possamos continuar nossa história de onde paramos, não é?

Eu sorrio.

Seria romântico.

— Mas passar por isso não anula minhas responsabilidades com você, querida — ela prossegue. — Não quero que continue pensando assim.

— Você disse que me achava forte, mas eu sei que tanto para mim quanto para o papai você sempre foi nosso maior exemplo de força.

Seus olhos ficam confusos por um instante. Talvez ela sinta que as palavras não são minhas, mas dele. Só de pensar nisso, meus olhos voltam a marejar.

— Apesar de tudo, o amor que Alec e eu sentíamos um pelo outro era condicional. O amor por você, no entanto, sempre foi incondicional.

Mamãe move uma mecha do meu cabelo para a orelha e analisa meu rosto com afeto. Novas lágrimas molham meu rosto, mas essas não são tristes, são carregadas de alívio. É como tirar uma tonelada dos ombros, como respirar pela primeira vez.

— Ter deixado as coisas irem por esse caminho faz eu me sentir uma idiota — digo chorosa.

Ela sorri.

— Quero que prometa que vamos ser sinceras uma com a outra a partir de hoje, ok? Não quero que nada assim se repita porquê de uma coisa tenho certeza, posso infartar de preocupação por você.

Assinto, com um sorriso emocionado.

— Eu prometo.

— Você pode estar com trinta e cinco anos, casada, formada, com filhos... Ou não, pode ter tomado um rumo totalmente diferente. Quem pode saber? — Mamãe sorri. — O futuro é imprevisível,

Amber. Mas uma certeza que eu dou a você: enquanto eu viver, vou ser seu porto seguro. Estou aqui para te apoiar, perdoar, incentivar e amar. Segurar sua mão sempre que precisar de mim.

Meu coração se aquece, e partes rachadas ali dentro que sequer eu havia notado antes pareceram voltar ao lugar, coladas por cada palavra terna.

— Tudo bem, prometo não esconder mais nada.

— Ótimo — ela sorri. — Acho que seria bom fazer um acompanhamento psicológico também. Com esse diagnóstico e olhando suas manias com mais cuidado, acho que sua personalidade pode estar relacionada a algo maior.

— Hum... tudo bem. Na França?

— Sim, ou aqui. Você escolhe. Como logo estará em casa pelo recesso, pensei que pudesse começar com algum profissional de lá. Quando estiver aqui, pode fazer as consultas por vídeo chamada.

Maneio a cabeça em concordância, e ela me abraça. Seus braços me envolvem firmes, carinhosos, como uma fortaleza que eu me permito desfrutar completamente. Acho que é a primeira vez que mamãe consegue envolver todas as partes da minha alma, porque de hoje em diante vou deixar que veja as partes quebradas e feias também. Qualquer pessoa que me ame e se importe o bastante vai saber lidar com elas.

— Como chegou tão rápido? — questiono quando nos afastamos.

— Taylor enviou uma mensagem a May, disse que você deu entrada no Memorial.

Sabia que eles mantinham contato desde o dia em que vieram me visitar e nos flagraram na cama, mas não imaginava que seria tão útil.

— Assim que soube, liguei para o aeroporto. Só havia uma desistência no próximo voo, o que embarquei, mas foi uma luta deixá-la na França com seus tios, todos queriam vir.

Pisco, confusa. Mesmo que tenha embarcado rápido, o trajeto ainda é demorado, cerca de doze horas.

— Eu dormi por todo esse tempo?

— Eles te deram um opioide para dor. Codeína, eu acho — explica ela. — A enfermeira disse que você poderia se sentir sonolenta ou acordar atordoada. Alguns pacientes podem ter reações fortes e dormir por horas, ou ter pesadelos.

No meu caso, estava mais para um sonho, mas não tenho certeza se devo contar isso a ela. Provavelmente, foi apenas resultado da combinação química no meu sistema nervoso, algo próximo de uma alucinação. Independente da causa, porém, foi um acalento, um momento que sempre desejei.

Mais que isso, um momento que eu precisava.

— Taylor não veio me ver? — inquiro.

Considerando que sabe e se preocupou em avisar minha família, parece estranho ele não estar aqui. Eu meio que espero que esteja preocupado na sala de espera, ansioso para falar comigo.

Mamãe me olha de um jeito diferente, mais sombrio que antes. Apesar de termos mencionado o nome dele, estávamos envolvidas por resolver nossa própria questão. Agora que perguntei explicitamente, sua expressão mudou.

Pelo seu olhar, a notícia não é boa.

— Ele veio. No mesmo minuto que soube ao que parece. — Ela pausa. — Taylor estava a caminho do Memorial quando sofreu um acidente, querida. Ele bateu com o carro em um cruzamento a poucos quilômetros do apartamento.

— O QUÊ? — eu grito.

Com dor.

Com medo.

Não consigo chorar, por um instante não tenho certeza se consigo sequer respirar. A aflição vem rápida, amarga, tomando cada milímetro do meu corpo.

Meu coração bate desesperado, tentando a qualquer custo romper a caixa torácica. Agarro as laterais da cama, sendo compelida pelo impulso de me levantar. Com isso, sinto pela primeira vez o acesso em meu braço. A agulha repuxa, mas não é nada frente ao desespero dentro de mim.

Estou prestes a tentar novamente quando meus ombros são pressionados para trás. Franzo o cenho, encarando minha mãe. Devo parecer louca porque ela está pávida.

— Eu tenho que... eu só...

— Não é uma boa ideia — diz firme, colocando mais pressão nas mãos. — Ainda está grogue pelos medicamentos. Se levantar nesse estado pode ser perigoso.

Nego, pois eu não me importo.

Preciso me levantar.

Preciso ir até ele.

Preciso de notícias.

— Mamãe... — E lá estão meus olhos marejando de novo. — Não posso ficar aqui, eu... Sabe como foi o acidente? Se foi grave?

Ele está em um quarto agora? Meu Deus, ele não deve ter condições de arcar com nada disso. — Tento me levantar, sendo impedida novamente. — Preciso saber se ele... — hesito, movendo a cabeça. Não, essa possibilidade não pode existir. — Por favor, eu tenho que ajudar... Eu...

Ela sacode meus ombros.

— Querida, se acalme! Você gosta dele, eu entendo. — Sua voz subiu uma oitava. — Mas tem que se tranquilizar.

Choro em silêncio, me sentindo péssima de repente.

Tão aturdida e impotente.

— Não posso ficar sem fazer nada...

— Olha, eu não tenho notícias de Taylor, mas posso descobrir algo. A garota que te trouxe, disse ser irmã dele, posso procurá-la.

Olívia, claro.

Movo a cabeça, enérgica.

— Quero conversar com ela.

— Vou procurá-la. Enquanto isso, você fica aqui, não quero que saia nesse estado, me ouviu?

Confirmo, prometendo a mim mesma que essa será a última vez que mentirei para ela. Assim que a porta do quarto se fecha, arranco o acesso do soro no braço, mal sentindo a dor da picada. Ergo-me com dificuldade, sentindo minhas pernas inconstantes. Preciso me apoiar por alguns segundos contra o ferro da cama, respirando profundamente para afastar a tontura.

Nos minutos que levo para me recompor, meu rosto é molhado por cada lágrima que choro contida, sem forças. Quando consigo voltar a andar, minha visão está turva. Caminho a esmo,

com o coração aos galopes, vagueado pelos corredores, determinada a não parar até ter notícias de Taylor.

A menos que eu desmaie.



Amber

Vagueio pelos corredores tentando não chamar atenção, mas eventualmente uma enfermeira me para. Ela sorri, mostrando os dois dentes da frente manchados por resquícios de batom.

Alguém devia avisar.

— Tudo bem? — Seus olhos deslizam para minha roupa e voltam aos meus. — Você não deveria estar deitada agora?

Limpo a garganta. Tenho certeza de que meus olhos injetados, avermelhados de tanto chorar, me fazem parecer muito mal.

— P-preciso achar um quarto.

— Acho que você precisa achar o *seu* quarto. — Ela toca meu cotovelo. — Você parece meio zonza. Venha, vou ajudá-la a voltar.

Puxo o braço, surpreendentemente conseguindo me desvencilhar dela. Dou mais alguns passos, mas a mulher me segue.

— Não posso te deixar andar nesse estado.

— Preciso achar o quarto do meu... namorado — digo quando ela volta a parar na minha frente, bloqueando o caminho. *Dane-se que não é verdade, ela não entenderia o que estou sentindo agora se não usasse essa palavra.* — Ele sofreu um acidente a caminho de uma visita.

O rosto da mulher se suaviza.

— Oh!

— Preciso saber como ele está.

— Tem certeza de que o trouxeram para cá?

Assinto. Mamãe sabe de Olívia, e se ela ainda está aqui significa que felizmente o Memorial era o hospital mais próximo.

— Certo, qual o nome dele?

— Taylor Holt.

Ela digita no tablet que carrega, concentrada na tela por alguns minutos. Respiro fundo, tentando não me deixar levar pelo medo. Minha vontade é correr, gritando o nome dele até encontrar alguém que consiga me informar que diabos está acontecendo.

— Hum, achei. — A mulher me olha. — Ele está passando pela segunda cirurgia agora.

Engulo com dificuldade.

Segunda cirurgia.

— Aí fala como ele está?

— Não, o prontuário eletrônico não foi atualizado ainda. Não imagina o que nós, enfermeiras, passamos por culpa da cabeça aérea de alguns médicos. — Ela afaga meu braço. — Mas a família dele está aqui, na sala de espera da UTI. Posso te levar até lá, é provável que o médico tenha explicado o quadro a eles.

Faço um aceno exagerado e ela se compadece pelo meu desespero. Consigo andar normalmente, mas Shelly, como diz em seu crachá, faz questão de pegar uma cadeira de rodas no corredor para que eu possa me sentar. Crispo as mãos, apertando as unhas contra a pele, tentando manter minha respiração estável enquanto ela empurra.

É típico pensar o pior, não é?

Nem por um segundo, o imaginei deitado em recuperação em um quarto. Os piores cenários disputam espaço na minha mente criando possibilidades assustadoras. Depois de *segunda cirurgia*, meu pressentimento ficou pior.

Shelly para quando atingimos portas duplas de vidro, com um logo azul e vermelho escrito UTI. As portas automaticamente se abrem, detectando a presença por estarmos próximos aos sensores, então ela volta a empurrar.

A primeira pessoa que identifico é Gregory. Ele parece cansado, mas pacientemente acaricia as costas de uma garota inconformada que parece trêmula em seu abraço. Olívia, claro. Ao lado, há um homem velho, com cabelos brancos e jaqueta desgastada. Ele é o primeiro a me olhar, e um arrepio percorre minha espinha quando encaro seus olhos perturbadoramente familiares.

Sou despertada por Jason, que se levanta, encontrando-me no meio do caminho. Não o havia notado até então.

— Amber... — ele parece assustado em me ver, sobretudo pelo roupão do hospital. — Você está bem?

Shelly aperta meu ombro.

— Se precisar de ajuda para voltar ao quarto, procure uma enfermeira, ok?

Anuo agradecida, e então ela se vai. Volto a encarar Jason e reparo como está péssimo também, olhos cansados e roupa amarrotada.

— Não sabia que estava internada. — Ele diz. — O que aconteceu?

— Parece que o café fez um buraco no meu estômago — respondo, arriscando um olhar para Olívia que permanece na mesma posição. Gregory acena, educado.

— Uma... úlcera?

Volto a olhar para Jason.

— Sim.

— Eu não sabia. Como você está?

— Bem. Não foi tão grave, já fui medicada e tudo. — Engulo em seco, segurando o choro. — C-como Taylor está?

Jason toma uma respiração profunda, recostando o corpo na parede. Embora suas costas tenham apoio, isso não parece o bastante para sustentar seus joelhos. De repente, ele mostra como está esgotado, e escorrega até o chão.

— Está na segunda cirurgia agora — responde consternado.

— O que deu errado na primeira?

Meu coração parece inerte no curto instante de tempo que leva para me responder.

— Taylor fraturou uma costela, trincou o rádio e dois ossos do metacarpo. Fizeram a primeira cirurgia para voltar os ossos ao lugar. Mas ele mal retornou ao quarto antes de ter complicações pulmonares.

Uma médica caminha pelo corredor, discutindo com outro colega. Nenhum deles notou nossa presença, mas arrastei minha cadeira para mais próxima da parede, não querendo bloquear o espaço. Movo-me com as palmas tremendo contra o ferro frio, aflita para que Jason continue.

— Resolveram o excesso de ar na cavidade torácica com uma seringa, mas tiveram que levá-lo de novo à mesa de operações quando um pulmão entrou em colapso.

As palavras são como flechas, direto no meu coração.

Segunda cirurgia. Trincou. Fraturou. Colapso.

Cubro a boca com as mãos, assustada.

— O médico disse que é um procedimento relativamente simples — ele continua. — Felizmente, acometeu apenas um dos pulmões e não ambos. Mas Taylor está instável, passível de várias complicações, e isso é uma merda.

Encaro Olívia novamente ao ouvir o som inconfundível de choro ecoar pelo corredor. Ela aperta Gregory com força e ele a traz para perto, embalando-a.

— Ela está desolada...

— É o irmão dela... — eu digo.

Se eu me sinto aflita e amedrontada, mal posso imaginar como Olívia está se sentindo. Família é um pilar que ninguém está preparado para perder, e Taylor é absolutamente tudo o que ela tem.

— Gregory veio para confortá-la. — Jason conta. — Estamos tentando convencê-la a comer algo. Ao menos passar em casa e tomar um banho, mas Olívia está irredutível.

Faria bem, ela realmente parece precisar de algumas horas de sono e uma refeição, mas essa é uma batalha perdida. Tenho

certeza de que Olívia não vai mover os pés daqui até ter notícias do irmão.

— Foi ela quem me socorreu — eu digo.

— Isso explica como Olívia chegou aqui tão rápido.

— Sim, ela já estava aqui. E quanto a você? — Encaro os olhos dele. — Veio pelo Taylor?

— Também. Sou o contato de emergência da Chell, fiquei sabendo do acidente quando me ligaram.

Franzo o cenho.

— Rachel também está aqui?

Ele suspira, apoiando os cotovelos nos joelhos flexionados.

— O carro que bateu em Taylor no cruzamento era dela. Ou melhor, um dos carros foi o dela.

— Como assim?

— A pista estava molhada pela chuva forte, a visibilidade estava prejudicada e o tráfego intenso. Ao que parece, o carro de Taylor derrapou primeiro e foi atingido pelo Mustang de Rachel, que perdeu o controle. Ele acabou parado ao contrário, no meio do cruzamento, onde foi atingido uma segunda vez.

— Meu Deus!

As paredes da minha garganta parecem coladas e mordo o lábio quando o sinto voltar a tremer. Quanto mais detalhes sei do acidente, pior os cenários em minha cabeça se tornam.

— Ela estava com o cinto e o airbag amorteceu grande parte do impacto. Chell está bem, teve algumas escoriações e vai passar a noite em observação, mas está estável.

— Taylor, por outro lado... — digo com a voz fraca.

Jason aquiesce.

— O carro capotou mais de uma vez e ele não estava com o cinto, o que explica muita coisa. Taylor sofreu várias escoriações pelos estilhaços de vidros e foi perfurado por uma ferragem.

Céus, estou enjoada!

— Você está bem? — questiona, me analisando.

Respiro fundo e assinto.

— Eu não entendo, ele sempre usa o cinto de segurança — digo, estranhando.

Jason pisca, parecendo pensar melhor nas informações que recebeu. Então um rastro de entendimento perpassa seus olhos.

— Taylor sabia que você estava aqui? — pergunta ele.

— Sabia, por isso estava com meu carro.

— Bom, isso explica tudo então. Ele deve ter ficado louco ao saber que você estava mal, e que te trouxeram para cá.

Assinto, é plausível. Isso atrelado ao péssimo tempo parece mesmo uma receita para o desastre. A julgar como me sinto, posso imaginar como Taylor ficou atormentado sem saber em que estado eu estava.

O homem velho, sentado ao lado de Olívia, volta a me fitar. Seu cenho se franze como se também estranhasse algo em mim, mas não entendo porque parece tão curioso. Balanço a cabeça, afastando esses pensamentos. É coisa da minha cabeça, ainda sob efeito da Codeína, com toda certeza.

— Quem é ele? — pergunto a Jason, apontando sutilmente com o queixo.

— Ele vai ser o responsável por Taylor colocar esse hospital abaixo quando acordar.

Arregalo os olhos, confusa.

— Ele é o Sr. H, Amber — revela. — Depois de tanto tempo, ele finalmente apareceu.

— Uau, isso...

Meu raciocínio se perde pela metade, mas Jason move a cabeça em concordância.

— Olívia sequer sabe como lidar com isso, não trocaram uma palavra além do necessário. Imagine o Taylor.

— Eu não entendo, como ele soube?

Jason dá de ombros.

— Não faço ideia de como sabia que eles estavam em Palo Alto, estudando em Stanford. Mas por alguma razão, Heitor presenciou o acidente.

— Ele não estava no outro carro que colidiu com Taylor, estava?

Jason nega.

— Não, Heitor apenas estava na mesma rodovia.

— Isso é... estranho — comento.

— Também achei. Mas de toda forma, foi ele quem socorreu Taylor.

— Chamou ajuda?

Sua cabeça se move.

— Heitor entrou nos destroços e trouxe o corpo dele para fora. Por sorte, sabia o que estava fazendo e além de chamar ajuda, prestou os primeiros socorros. Não tenho certeza se foi crucial, mas sem dúvidas ajudou com o quadro. Se Taylor está instável agora, sem isso talvez ele...

Jason não continua, aquela possibilidade é amarga demais. Mas a força de suas palavras me golpeia como um martelo, mal

posso imaginar em acordar pela segunda vez em um hospital e receber a notícia de que perdi outra pessoa que eu amo.

— Por que não está com a Rachel? — interpelo.

Jason desvia os olhos, cansado.

— Ela não me quer por perto agora.

— Por que não?

— Porque eu estraguei tudo pela... quinta, sexta vez? — Ele abre um sorriso triste. — Perdi as contas. Acho que tenho talento para ser um filho da puta.

Seus ombros se encolhem por suas próprias palavras, e eu me compadeço. Ele não tem culpa de amar perdidamente outra pessoa. Não acho que seja estúpido tentar seguir em frente com Rachel, o problema é que ele está perdido, e não faz a mínima ideia de como fazer isso. E infelizmente, Rachel está saindo machucada.

— O que aconteceu? — questiono.

— Saímos para jantar e acabamos discutindo pelo mesmo motivo de sempre. Insisti para que fossemos para o meu apartamento que era mais próximo de onde estávamos, devido ao temporal. Mas Rachel estava chateada demais e preferiu voltar sozinha, no carro dela. — Jason suspira. Sua culpa é palpável. — Deve ter pensado que a sugestão não passava de outra tentativa minha de resolver as coisas com sexo. E, sabe, eu não posso culpá-la. Ultimamente, a cama era o único lugar onde eu conseguia fazê-la feliz.

— Não pode se culpar também... — digo suavemente. Ele volta a me olhar. — O fato de brigarem não está relacionado ao acidente que ela sofreu. Sabe disso, não é? Foi uma fatalidade, não sua culpa, Jason.

— Então por que parece ser? Ela, de alguma forma o Taylor... — Seus olhos brilham pelas lágrimas contidas. — As pessoas ao meu redor sempre se machucam. Física ou emocionalmente. Isso quando não preferem sumir sem deixar rastros.

Procuro palavras de conforto, mas nada parece bom o bastante agora. Papai que me desculpe o palavreado, mas essa situação é uma grande merda. Uma coincidência sarcástica e infeliz da vida.

— Eu te abraçaria agora, se pudesse — digo, depois de um tempo. — Mas está meio complicado me levantar e me curvar em um ângulo como esse.

Ele consegue sorrir.

— Taylor tem sorte de ter você.

Sorrio.

— Acredite, eu também tenho.

— Eu sei. — Jason se levanta. — Olívia está destruída, mal conversa com alguém que não seja Greg. E o Heitor, bom, ele tem muito o que explicar para ambos quando isso passar. Acho melhor você voltar para o seu quarto agora, a cirurgia ainda vai demorar.

Ele lê rapidamente a dúvida nos meus olhos. Não tenho intenção de sair daqui até ter alguma informação útil do que está acontecendo naquela sala de operações. Mesmo que demore.

— Não vou sair daqui.

— Posso ir e ficar um pouco com você, que tal?

Movo a cabeça para negar, mas me sinto tonta. Cerro as pálpebras e respiro, tombando um pouco a cabeça para trás.

— Amber... — Jason chama, e eu me esforço a abrir os olhos. — Você não está bem, precisa se deitar um pouco. E, sendo

sincero, conversar seria bom, realmente não quero ter os pensamentos que estou tendo agora.

Engulo minha frustração, estou começando a sentir dor. Acho que o efeito dos medicamentos está passando.

— Quero saber como ele está assim que sair daquela sala — eu exijo, tentando fazer minha voz soar firme. — Não vou ficar tranquila até saber que ele está bem, Jason. Eu preciso saber que Taylor está bem.

Sua mão aperta meu ombro com carinho, assentindo.

— Isso eu posso garantir.

Confio nele, vejo como está assustado com a situação. Nenhum de nós quer pensar no que pode dar errado a alguns metros de onde estamos, as diversas complicações que podem ser desencadeadas depois. Por isso, permito que Jason feche as mãos nos puxadores da cadeira e a gire na direção oposta.

— Greg me atualiza por SMS quando vou até o quarto da Chell, então vai me informar assim que receber novidades. — Ele conta, começando a empurrar a cadeira.

— Queria poder ajudar...

— Eu sei, eu também. — Ouço seu suspiro. — Infelizmente, por mais que eu odeie isso, não há nada que possamos fazer, exceto esperar e torcer muito para que ele fique bem. — Jason para um instante quando atingimos as portas automáticas, antes de continuar. — E no seu caso, repousar um pouco também. Se está tratando uma úlcera, precisa descansar e estar no quarto para que possam monitorar as doses dos seus medicamentos. Você deve ter desmaiado no Campus pela dor, não queremos isso de novo.

Bufo, sem argumentos, pois eu me lembro da dor. Lancinante, em pontadas, muito parecida com a dor que agora acomete meu coração, que permanece nessa sala de espera da UTI à espera de notícias conforme nos afastamos.



Mesmo com esforço, não consigo abrir os olhos. Preciso tentar uma e outra vez até finalmente mantê-los abertos. Minhas pálpebras pesam, assim como todos os músculos do meu corpo. Pareço feito de chumbo.

O som agudo, similar a um alarme debaixo d'água se torna mais nítido aos poucos. Uma mulher com uniforme azul vem até mim e para ao meu lado, quando volta a me olhar, o som irritante sumiu.

Tento me mover, mas não consigo erguer o tronco. Tento mover as pernas, mas o ínfimo progresso que faço é contido por ela, que agora sorri para mim.

— Você precisa descansar, menino bonito. Deve estar se sentindo um pouco zonzo pelos medicamentos, não é? Pode se sentir um pouco enjoado também, mas é normal após uma cirurgia.

Pisco, confuso.

Cirurgia?

Tento falar, mas tomo consciência de que minha boca está coberta. Tento novamente erguer a mão e com afinco consigo pegar o que bloqueava. Não consigo afastar mais que alguns centímetros antes que ela devolva ao lugar e abaixe meus braços.

Sua mão aperta meu braço com carinho e noto como ela é velha. Poderia ser minha avó, se eu realmente tivesse uma.

— Isso cobrindo sua boca é uma máscara de oxigênio para facilitar a respiração — ela diz. — E eu sou uma enfermeira. Você sofreu um acidente de carro, está no hospital. Consegue se lembrar?

De repente, a recordação dos pneus resvalando alto, da chuva batendo contra o asfalto e do carro capotando uma e outra vez invadem a minha mente.

Assinto lentamente.

— A dor em suas costelas é pela fratura. Por ela e pelos estilhaços, seu tronco está enfaixado — explica. — Uma ferragem te perfurou, mas felizmente não acertou nenhum órgão importante. Se conseguir olhar para baixo vai ver um gesso em uma de suas mãos.

Faço o que ela diz, e noto o pedaço branco cobrindo minha mão esquerda. Há alguns arranhões e hematomas no outro braço descoberto também.

— Se estiver se sentindo bem, tem algumas pessoas preocupadas com você.

Arregalo os olhos e tento mover a máscara novamente.

Pela segunda vez, a mulher me impede.

Porra!

— Você fez uma cirurgia por causa dos pulmões, então precisa da máscara. Consegue entender?

É ela quem não entende. Preciso chamar Amber, saber como ela está. Eu vim vê-la e acabei sofrendo um acidente. Me sinto cansado e zonzo, posso ter dormido por horas, preciso saber se ela está bem.

— Consegue me entender? — A enfermeira repete.

Forço outro aceno.

— Ótimo. Pelo registro, sua família está aqui, quer ver alguém?

Liv.

Assinto de novo.

— Sua irmã ou seu tio?

Franzo o cenho.

— Quer ver sua irmã? — pergunta de novo.

Assinto.

Ela deve ter se confundido.

— Ok, menino bonito. Vou buscá-la, enquanto isso se comporte.

Alguns minutos depois, Olívia estava ao meu lado, ocupando o lugar onde antes estava a enfermeira. Fico assustado em como parece péssima, com olheiras profundas e olhos injetados.

Assim que seus olhos encontram os meus, Liv começa a chorar. Ela se senta na ponta da cama e toca minha mão. Consigo apertar seus dedos, tentando dizer que está tudo bem com o gesto, uma vez que não posso falar.

Eu estou bem.

Mas preciso de notícias de Amber.

Preciso falar com ela.

— Fiquei tão preocupada com você — ela diz, tentando conter o choro. A voz soa rouca e falha. — Nunca mais me dê um susto desses! Não sei o que faria se você... — Sua cabeça se move em negação quando soluça. — Deus, Taylor!

Aperto os dedos dela novamente.

Olívia funga.

— Se lembra do acidente?

Assinto uma vez.

— Um dos carros que bateu em você era da Rachel. Ela está bem, não teve muitos ferimentos. Mas você estava sem o cinto, então ficou chacoalhando de um lado para o outro como cereal dentro de uma caixa. — Liv faz cara feia. — Que diabos você estava pensando?

Nela, Liv.

Eu só estava pensando nela.

Olho ao redor e não vejo mais a enfermeira. Há outras aqui, mas parecem ocupadas com outros pacientes, então eu ergo a mão sorrateiramente até a máscara.

Puxo um pouco.

— Am... — Paro, é difícil fazer as palavras saírem. — A-Am...b-ber.

Volto a máscara para o lugar e inspiro profundamente, sentindo falta de ar. Se eu pudesse sorrir, o teria feito. A enfermeira velha realmente tem razão, acho que preciso dessa merda. Meus pulmões devem estar mesmo fodidos.

— Claro... — Olívia exala. — Ela está bem. Vai ter alta amanhã, eu acho. Sempre pergunta sobre você, ficou muito preocupada.

Juro que sinto meu coração inchar pela emoção.

Ela está bem.

— Greg está aqui comigo, mantém ela e Jason atualizados.

Faço careta.

— Sim, Jason está aqui. Veio porque é o contato de emergência da Rachel e então descobriu sobre você. — Liv me encara com cautela. — Ele não tirou os pés daqui, Taylor. Fez tantas perguntas ao médico sobre o seu estado que me deixou tonta. Ele... ficou arrasado com o seu estado.

Balanço a cabeça, não sei se ela entende, mas se cala. Não quero pensar nisso agora, posso sentir minha cabeça latejando apenas pela menção do assunto.

Liv aperta minha mão e se inclina um pouco mais para perto.

— Quando o carro bateu, socorreram você no local e chamaram ajuda — ela diz. Eu apenas espero, sem saber onde quer chegar. — De alguma forma, ele estava por perto e salvou a sua vida.

O vinco entre as minhas sobrancelhas aumenta.

Ele? Ele quem?

Jason?

— Estou falando do senhor H. — Ela continua, como se fosse capaz de ler meus pensamentos. — Heitor está sentado lá fora, Taylor. E também está muito preocupado.

Heitor?

Aqui?

Depois de doze anos?

Suas palavras não fazem sentido.

Questiono pela primeira vez se estou realmente acordado.

— Ele quer falar com você...

Nego, enérgico, sentindo meu pescoço rígido doer pelo movimento exacerbado. Não quero vê-lo, muito menos falar com ele. Por mim, não precisava nem ter voltado. Podia ter ficado escondido no mesmo caralho onde se meteu.

Somos interrompidos pela enfermeira. Ela vem até nós com um sorriso e se inclina sobre mim do outro lado da cama, próximo à onde está Olívia.

— Sinto muito, mas ele precisa descansar agora. — Informa à minha irmã, então olha para mim. — Vou colocar os medicamentos no soro intravenoso, ok? Você pode se sentir meio grogue, mas é normal. Deve dormir em alguns segundos, mas se precisar de mim, menino bonito, é só apertar o botão ao lado da cama.

Ela aperta uma seringa no tubo intravenoso e eu observo seus movimentos. Ao se afastar, volto a encarar a minha irmã, mas meus olhos ficam pesados rápido demais. Mais pesados do que antes de eu acordar.

Em segundos, tudo fica escuro outra vez.

Quando abro novamente os olhos, Amber está na poltrona ao meu lado, dormindo profundamente com um livro no colo. Sinto uma batida ecoar diferente no meu peito, apenas por ver o rosto dela de novo. Ela parece mesmo bem.

Olho ao redor, estranhando o espaço. Não é o mesmo lugar que eu estava antes. Agora estou sozinho em um quarto grande, há

uma porta à minha direita e uma janela ampla do lado oposto, onde pelo céu, já é noite. Há um vaso cheio de girassóis na mesa ao lado da cama onde estou também.

Tento mudar de posição, me sentindo desconfortável. Minhas costas estão dormentes e há um músculo apertado em algum lugar. O farfalhar de lençóis desperta Amber que, um segundo depois, está ao lado da minha cama.

Linda, tão linda.

Quero dizer que senti saudade.

Quero perguntar se está bem como parece.

— Taylor... — Ela diz baixinho, os olhos marejando.

Oi, amor.

Suas mãos tocam meus cabelos com cuidado, movendo as mechas para trás, daquele jeito que sempre rouba outro pedaço do meu coração. Ele já é todo dela, tenho que ser franco. Amber deve devolver algumas partes apenas pelo prazer de conquistar todos os pedaços de novo.

— Eu não sabia se você ia acordar logo, então trouxe um livro. Acabei pegando no sono enquanto lia. — Seu toque desce pelo meu braço e se fixa na minha mão direita, desprotegida de gesso. — É tão bom olhar de novo para você.

Ergo o braço para retirar a máscara que ainda cobre minha boca, mas Amber detém meus movimentos.

Olho bravo para ela.

— Não tire ainda. Preciso chamar uma enfermeira para sabermos se está tudo bem. — A Matraca se justifica. — Reduziram a dose de sedativos, mas ainda estão te medicando. Estavam

esperando que você acordasse para verificar sua respiração e os sinais vitais, antes de qualquer tentativa de retirar a máscara.

Assinto.

Parece uma batalha perdida tirar essa coisa de qualquer forma.

Amber se afasta e eu acompanho seus passos com os olhos. Ela não demora, no entanto. Logo está de volta com uma enfermeira a tiracolo. Essa é morena e tem a expressão fechada, como se estivesse de mau humor. Ela não troca uma palavra comigo antes de escutar meu peito, verificar a pressão e encarar o monitor ao meu lado por alguns segundos.

— Está tudo normal — ela diz. — Você se sente bem?

Como ela esperava que eu respondesse?

Minhas costelas doem, sobretudo quando tento me mover, acho que por isso nenhuma posição parece confortável. Mas forço um aceno pequeno e aponto para a máscara.

— Você quer tirar?

Obviamente.

Aceno outra vez.

— Tudo bem. Vou buscar algumas lascas de gelo. — Ela deve ter notado minha expressão, pois continua. — Sem a máscara, vai sentir as vias áreas e sua boca muito secas pelo suporte forçado de oxigênio. Ainda mais por quatro dias.

Pisco, chocado.

Quatro dias?

Fito o rosto de Amber, enquanto a enfermeira não volta. Ela está sem maquiagem e parece cansada, mas adoro a forma como seu cabelo está preso. Queria estar bem para desfazer essas

amarrações e agarrar os fios com o punho, trazê-la bem perto e beijá-la.

— Vou mandar uma mensagem para Olívia... — ela diz, digitando no celular. — Prometi que enviaria assim que você acordasse. Depois que te transferiram para o quarto ontem, ela aceitou ir para casa e ter uma noite decente de sono. Greg a levou praticamente sobre os ombros. — Ela sorri, guardando o celular. — Ainda bem que já tive alta da internação e pude passar a noite com você. Se fugisse mais uma vez do meu quarto, mamãe ou uma enfermeira iam me prender na cama.

A enfermeira volta com um copo térmico e uma colher sobre a bandeja, depositando tudo na mesa ao lado da cama. Ao apertar um botão no painel, a parte superior da cama se eleva, erguendo um pouco o meu tronco.

Ela solta as faixas que envolviam minha cabeça prendendo a máscara e fica parada por um tempo, olhando para mim e para o monitor. Sinto meus músculos da face rígidos, um pouco dormentes. Então experimento abrir a boca, e mover a mandíbula.

— Respire fundo algumas vezes.

Inspiro profundamente e depois solto o ar devagar. Meu nariz arde um pouco pelas inspirações, mas não sinto nada errado. Faço isso algumas vezes até a enfermeira pegar o estetoscópio para escutar meu peito de novo.

— Parece tudo bem. Como se sente? — questiona ela.

Forço a voz a sair e novamente a primeira tentativa é difícil. Levo a mão à garganta como um reflexo, e as primeiras palavras saem roucas e falhadas:

— Bem... Co-Com... sede.

— Como esperado. As lascas de gelo vão ajudar a hidratar sua garganta.

— Posso dar a ele? — Amber pergunta, atraindo a atenção da enfermeira emburrada.

A mulher pensa e confirma.

— Uma ou duas lascas de gelo de cada vez, ok? Não mais.

— Certo. — Amber assente.

— Vou ficar de olho nas suas condições pelo monitor da enfermaria, assim podem ter um tempo a sós. Qualquer problema, apertem o botão vermelho. — Ela indicou. — Por favor, não façam nada idiota.

Ela deve pensar que somos jovens inconsequentes. Infelizmente, meu estado não me permite fazer nada idiota ou depravado agora.

Amber se aproxima de mim, sentando-se na ponta da cama com o copo em uma das mãos. Rapidamente, ela pega uma lasca e traz aos meus lábios com a colher. Rodo os pedaços na boca por um tempo enquanto se dissolvem antes de engolir. O líquido gelado alivia aos poucos a sequidão.

Ela repete o processo outra vez e se inclina para me dar um beijo casto nos lábios na terceira vez, parando pertinho para dizer:

— Estou aliviada que está mesmo bem.

Abro a boca, mas antes que eu possa dizer algo, mais lascas são empurradas contra a minha boca. Amber está empenhada na tarefa.

Faço todo processo de novo até engolir.

— A q-quanto tempo... — consigo dizer, a voz ainda falhando um pouco — estou aqui?

— Nesse quarto? — indagou, eu assenti. — Cerca de doze horas. Você dormiu muito pelos sedativos.

— Está aqui d-desde quando?

— Cheguei à tarde.

Franzo o cenho.

— Mas já... — pigarro — é noite.

Amber sorri.

— Teria vindo de manhã, assim que acordei. — Ela encolhe os ombros magros. — Mas como mamãe ainda está na cidade, preocupada com meu estado, ela me vigiou de perto até que eu tomasse as medicações, comesse e repousasse um pouco.

Ergo a mão para tocar o rosto dela. Traço com cuidado a curva do maxilar e esfrego o polegar contra a bochecha. Amber se inclina para mim, e eu ainda me surpreendo em como sua pele pode ser tão macia.

— Está mesmo bem? — pergunto.

— Estou. Era uma úlcera estomacal por todo aquele café e estresse. — Ela rola os olhos sorrindo e me dá mais lascas de gelo, devolvendo o copo à bandeja. — Parece que você tinha mesmo razão, sabe? Também sobre os energéticos, eles não faziam bem ao meu coração. Resumindo, fiz uma cirurgia e fiquei internada por três dias, agora tenho um calendário de consultas marcadas, uma dieta restritiva para recuperação e uma mãe bem vigilante. Com exceção disso, estou ótima.

Fico satisfeito por ter conseguido avisar May.

— Fiquei assustado...

Ela cobre minha mão, ainda em sua bochecha.

— Eu sei, eu também.

O celular dela apita e Amber afasta a mão para pescar o objeto no bolso. Ela olha para a tela e digita algo, guardando o aparelho em seguida.

— Era Olívia avisando que assim que Greg desistir de lhe empurrar macarrão com queijo, ela virá ver você.

Isso quase me fez sorrir, mas a palavra *macarrão* faz meu estômago roncar.

— Quer que eu chame a enfermeira para saber se você já pode comer algo? — Eu nego. — Quer mais lascas de gelo? — Nego de novo. — Precisa que eu ajeite a cama? Essa posição é confortável?

Volto a buscar sua mão.

— Só quero ficar com você.

Ela sorri e não faz ideia de que se tudo tivesse saído como o planejado, eu a estaria chamando de *minha* agora. Minha namorada. Minha Matraca mimada. Meu amor. Eu a teria levado para escolher alguma aliança que, de alguma forma, eu conseguiria pagar apenas pela chance de provar como gosto dela.

Merda, isso me lembra do carro.

— Seu carro...

A expressão pacífica dela não se altera.

— Perda total. Mas tudo bem, o seguro vai cobrir tudo. Não precisa se preocupar. Minha mãe está cuidando disso.

Alívio toma meu peito.

— Na verdade — ela volta a falar —, você realmente tem coisas mais importantes para lidar agora.

De repente, minha boca parece seca de novo.

Aponto para as lascas e Amber prontamente pega mais duas, colocando na minha boca. Mastigo lentamente dessa vez, querendo ganhar tempo para digerir o assunto. Ainda me parece absurdo.

— Heitor... Sim, eu sei — digo ao acabar, sem me sentir nem um pouco melhor. — Liv conversou com ele?

— Não mais que o necessário. Jason disse que ela reagiu mal. — Amber responde. — Não sei dizer se por ele ou por estar tão preocupada com você. Ela mal conversou com alguém que não fosse Greg enquanto você estava na cirurgia ou na UTI, na verdade.

— Jason ainda está aqui?

— Quando você acordou, ele foi para casa. Ficou de me ligar a tarde para saber como você está. Jason achou que você não iria querer vê-lo de toda forma.

Aquiesço.

— Heitor também saiu hoje cedo, disse que iria tomar um banho e comer algo antes de voltar — ela continua. — Está decidido a falar com você.

Bufo.

— Depois da merda de doze anos.

Amber não diz nada, pois entende meu amargor em relação a ele.

Heitor me prometeu mais do que um teto. Ele me prometeu um lar, uma vida totalmente diferente. Ele me prometeu amor. Então simplesmente sumiu do mapa. Me deixou plantado na porra de uma escadaria, esperando por horas. Meses. Anos.

Desvio o olhar e acabo notando o jarro na mesa ao meu lado.

— Foi você, não foi? — questiono.

Ela sorri.

— Queria que visse algo bonito quando acordasse.

Encarro seus olhos.

— Eu vi. E não estou falando das flores.

Seu lindo sorriso se amplia, e eu não resisto mais.

— Vem aqui, vem? — peço.

Amber arrega os olhos.

— O quê?

— Deita comigo — digo, arrastando o corpo para o lado.

A dor em minhas costelas aumenta, obrigando-me a parar e tomar uma respiração profunda. Tudo em meu tórax dói, talvez eu peça outra dose de sedativo mais tarde. Agora contudo, quero ficar acordado.

— A enfermeira disse para não fazermos nada idiota. Você reparou nela? Tem cara de quem come criancinhas no café da manhã!

Rio e me arrependo, sentindo a dor aumentar.

Porra, eu me fodi nesse acidente!

— Está com dor?

— Um pouco. Posso suportar se você se deitar do meu lado. — Forço uma expressão de pena. — Você não vai me falar não nesse estado, vai?

Com um suspiro derrotado, ela se inclina com cuidado.

— Meu avô iria te adorar... — comenta baixinho.

Com muita cautela, Amber se deita ao lado do meu braço direito, apoiando delicadamente a mão no meu peito para fazer carinho na tira de pele próxima ao meu pescoço. É uma das poucas partes sem curativos agora.

— Esse quarto é enorme... — reparo, analisando melhor o espaço. — Por acaso, você não está pagando minhas despesas médicas, está?

— Mamãe se ofereceu a fazer isso ao meu pedido, mas não.

— Gregory? — pergunto com uma careta.

— Liv teria pedido, você sabe. Mas também não.

Grunho.

— Por favor, não diga que foi o Jason.

Estou tentando manter meu ressentimento, não voltar a ver algo de bom naquele filho da puta. Já basta saber que não arrastou os pés daqui, depois daquela ideia idiota de começar a se sentir mal pelo que fez e ainda pedir perdão.

— Heitor está pagando. — Amber revela. — Sei que vai odiar isso, mas encare como uma boa ação. Sabe, depois de tudo, ele meio que te deve isso.

Agora faz todo sentido, ele deve ter se colocado como meu tio na ficha do hospital. Por isso a enfermeira disse *família* no plural, referindo-se além de Olívia.

Que grande merda!

— Moralmente dizendo, pode ser — digo contrariado. — Com certeza, deve ser um alívio para a consciência pesada dele. Se é que aquele homem tem alguma.

— Não pense nisso agora.

— Então me distraia.

Amber fica quieta por um tempo, pensando.

— Você ficou realmente assustado com a notícia, saiu tão apressado que deixou a porta do nosso apartamento aberta — ela conta, e fico alerta pelo cachorro. *Perdão, amigão!* — Mas está tudo

bem, Joshua flagrou o Toff no corredor e cuidou dele. Entregou nosso cachorro à minha mãe um dia antes de eu ter alta quando viu a movimentação no apartamento.

Solto o ar, aliviado.

— Eu não estava pensando direito.

— Tudo bem.

— Como está sendo a estadia da sua mãe?

— Bem. Ela está de campana no apartamento, cuidando de tudo, especialmente da minha dieta. Mas assim que você voltar para casa, ela volta para Paris.

— Por quê?

Olho para ela, que sorri.

— Ela só quer ter alguém que cuide de mim, e sabe que você fará isso.

— Aparentemente, estou bem quebrado — digo, forçando uma expressão dolorida. — Sinto muito, mas é mais fácil você cuidar de mim do que o contrário. Aliás, você tem permissão para beijar todos os meus dodóis, tenho vários pelo corpo todo.

Ela solta uma risadinha.

— Faço isso com prazer. — Amber pisca os olhos, e eu suspiro ante a expressão travessa dela. — Ah, minha mãe disse que você comentou sobre Stanford e minha autocobrança. Ela se sentiu culpada por não dar ouvidos a você.

Analiso sua expressão serena.

Por sorte, ela não parece brava pela minha intromissão.

— Conversaram sobre isso?

— Sim. Muito desabafo e lágrimas.

— Isso é bom, não é?

Ela move a cabeça.

— Esclarecemos algumas coisas, em especial sobre meu pai e o meu futuro — responde. — Realmente, Stanford se tornou mais um sacrifício do que um sonho. Nem sei se teria conseguido aguentar por tanto tempo, se não fosse por você.

Sinto meu corpo ficar tenso.

É uma confissão agridoce.

— Isso significa que você vai embora? — interpelo.

Ela fica quieta, ainda me acariciando. Cada segundo de silêncio aperta mais alguns milímetros o meu coração. Não é um bom momento, mas quero agarrar o rosto dela e confessar meus sentimentos. Dizer que a amo, e que já faz muito tempo, com a esperança de que isso talvez mude seus planos.

Seria muito babaca pedi-la em namoro agora?

— Significa que não quero mesmo cursar medicina e que ainda não faço ideia de qual é a minha vocação. — Ela soa tão frágil dizendo isso, que aperto mais meu braço ao seu redor, mesmo que o movimento me cause dor. — Então vou terminar o semestre e... reavaliar.

Suspendo a respiração.

— Reavaliar? — repito.

Ela ergue a cabeça para me olhar. Seus olhos estão límpidos, honestos e amorosos como sempre. Questiono se ela consegue ver a aflição dentro dos meus.

Consegue ver o medo que tenho de perder você, amor?

Como ficaria em pedaços se você fosse mais uma a me abandonar?

— Isso não quer dizer que eu vá embora, Taylor... — ela murmura. Um sorriso pequeno se desenha em seus lábios, e esse pequeno gesto me tranquiliza. — Só quer dizer que preciso encontrar algo que me faça feliz aqui, além de você.

Amber volta a se deitar na mesma posição de antes, e abaixo um pouco a cabeça para aspirar o cheiro dos seus cabelos. Notas doces de pêssego que me fazem ter saudade de casa, do Toff, do cheiro de comida na cozinha, da TV sempre ligada em alguma uma série. Também quero que tenha mais coisas que a façam feliz. Mais do que isso, quero apoiá-la a conquistar cada uma delas.

Uma enfermeira entra no quarto, e Amber se sobressalta levemente. Não é a Sra. Emburrada, essa é a mais velha, a com o sorriso de avó, que estava comigo na UTI.

— Eu não estou vendo nada. — Ela diz sorrindo ao ministrar algo no meu soro. — Vim colocar mais uma dose de analgésicos. Você já deve estar começando a sentir dores pelo tempo da última dose.

Assinto.

— Obrigado.

— Depois de hoje, vamos ministrar medicamentos mais leves, então vai deixar de se sentir sonolento — informa ela. — Se continuar se recuperando bem, logo estará em casa com sua namorada, menino bonito.

Namorada.

Amber fica rígida.

O pedido quase aconteceu, mas minha garota ainda não sabe.

A mulher sorri e sai do quarto. Alguns minutos se passam, e o efeito do analgésico atrelado àquela mãozinha pequena em meus cabelos, me faz ficar sonolento outra vez.

— Acho que vou apagar logo... — murmuro.

— Isso é bom. Vai ficar curado bem rápido.

— É... — Suspiro. — Vai estar aqui quando eu acordar?

— Haverá pessoas disputando esse posto. Sua irmã, principalmente. Mas acho mesmo que vai ter que conversar com Heitor cedo ou tarde.

— Tarde... Bem tarde.

— Não seja bronco...

— Mas você gosta de mim assim, amor.

Ela ri.

O som parece longe, mesmo com ela perto.

Falta pouco para eu parar de ouvi-la.

— Vou tentar sonhar com você...

Quase posso sentir seu sorriso contra o meu braço.

Diz que me ama, Matraca, diz.

— Não é como se você precisasse... — Ela me aperta mais forte. — *Je t'aime*, Taylor.

Fecho os olhos.

Eu preciso pesquisar essa porra.



TRÊS DIAS DEPOIS

Quando a maçaneta gira, eu me forço a manter a posição. Indiferente. Inabalável. Encarando a parede à minha frente como se todas as coisas boas que possuo na vida estivessem ali. Lembrando-me de que, com ou sem ele, eu superei muita coisa.

Sei que não é Amber ou Liv, apesar de virem me visitar todos os dias e revezarem para que eu não passe a noite sozinho. Sim, estão me tratando como uma criança, mas estão irredutíveis quanto a isso. As duas comunicam Jason sobre o meu estado, embora ele não tenha aparecido desde que acordei. Estou irritado por não saber o que sentir em relação a isso.

Eventualmente, eu perco a batalha, arriscando um olhar. Heitor caminha a passos hesitantes, cauteloso como na primeira vez que me viu, sentado nas escadas, abraçado com Olívia. Está mais velho agora, quase sessenta anos, eu presumo. Os cabelos são

uma massa branca e lisa, ao contrário de sua pele levemente enrugada. No lugar do habitual uniforme da polícia, há uma camisa polo preta e jeans. Ele já deve ter se aposentado.

É estúpido como guardamos coisas bonitas, partes alegres de pessoas que já nos machucaram tanto. Olho para ele e vejo rancor, decepção, sentimentos que construí arduamente dia após dias depois do seu abandono.

Ainda sim, há saudade.

Tanta saudade.

Sinto-me um garoto idiota de novo.

— Oi...

Não respondo. Amber diria que estou sendo bronco, e de fato estou. Farei de tudo para tornar isso difícil. Quem ele pensa que é para sumir pela porra de doze anos e então simplesmente dar as caras?

Heitor ainda está no meio do quarto, mas avança alguns passos lentos.

— Você está se sentindo bem?

Nem uma palavra.

— Sabe, aquelas garotas parecem boas para você. Vi a preocupação dentro delas e como se esvaia a cada notícia boa.

Silêncio.

— Conheci um amigo seu também... — Heitor pigarreia. — Você deve ter contado sobre mim. Por muito pouco, ele não me socou quando descobriu meu nome.

Continuo encarando seus olhos.

Como ele ainda pode me olhar desse jeito? Algo doce e paternal como se realmente gostasse de mim, como se ainda se

preocupasse. Sempre pensei que o olhar de uma pessoa não mentia, mas o dele mente. Afinal, nada disso se concretizou de verdade em suas ações.

Heitor suspira, nervoso.

— Aceitou que eu entrasse, mas não vai falar comigo, é isso?

Era o plano, mas minha mágoa é maior que o voto de silêncio.

— O que faz aqui? — minha voz sai carregada.

Sua garganta se move com dificuldade.

— Tenho muita coisa para explicar.

— Ah, você acha?

Ele bufa, colocando as mãos no bolso.

— Sei que errei com você, Taylor. E tenho sorte de ter aceitado me ouvir, provando ser alguém muito melhor do que eu. — Ele arrisca mais um passo. Não deveria me vangloriar, o recebi apenas pelas palavras de Amber, que continuou insistindo que preciso de um ponto final. — Também sei que está magoado e que mereço todas as farpas que deve estar preparado para me jogar. Mas eu realmente gostaria de me explicar, contar o que aconteceu.

Aperto a mandíbula.

Não estou aberto para conversar agora. Tudo o que disse bateu na armadura que construí e caiu aos meus pés, nada entrou no meu coração. O restante do seu discurso tem grandes chances de seguir o mesmo caminho.

— Vai falar a verdade? — interpelo ácido.

— Eu prometo.

Rio, sem humor.

— Promete, não é?

Heitor não explode pelo sarcasmo, ainda que seu semblante se contraia.

— Juro pela alma de Annalise — diz após minutos, tão baixo que mal escuto.

Seguro a respiração, sentindo meu peito apertado. Não sabia que ela havia falecido. Frente a isso, minha curiosidade sobressai todo e qualquer ressentimento. Quero saber o que aconteceu, entender se há um motivo bom o bastante para ter me deixado lá, esperando tanto tempo por ele.

— Para a sua sorte, não consigo me levantar dessa cama.

É uma deixa.

Ele a pega.

— Para ser sincero, completamente sincero com você, tenho que contar desde o início.

— Minha chegada ao orfanato?

— Antes disso. Bem antes disso. — Heitor engole em seco. — Precisa saber que eu tenho, tive, um irmão. O pai da Amber.

Encaro seu rosto, confuso.

Amber? Minha Amber?

— Que merda está dizendo?

— Alec e Julie, tia dela, são meus irmãos.

Estou realmente assustado com o rumo dessa conversa. Teria corrido para fora desse quarto se me sentisse capaz. Meu cenho está tão plissado que as sobrancelhas ultrapassaram as pontas do meu cabelo.

— Você só pode estar brincando... — Titubeio.

Heitor se mantém sério, consternado.

— Não estou — reafirma. — Quando minha família me viu pela última vez, Alec estava prestes a nascer, então faz um bom tempo. Mais de quarenta anos, na verdade. Nunca cheguei a conhecer oficialmente Amber, mas ela é minha sobrinha.

— Abandonou sua família também?

— Eu... precisei ir. — Heitor argumenta. — Mas essa é uma questão que tenho que tratar com ela e a mãe, fiquei sabendo sobre a chegada de Bárbara à cidade. Estou lhe dizendo isso porque queria que soubesse por mim.

Expiro ruidosamente.

— Porra! Parece uma piada de mal gosto.

— É a verdade. E também não é como se eu estivesse esperando que vocês fossem se conhecer. — Ele coça a cabeça. — Isso nunca passou pela minha cabeça, até porque Amber morava na França. Mesmo em segredo, vigiei alguns passos de Alec através de colegas na polícia por um tempo.

— Então sabe que ele morreu.

Vejo a tristeza cruzar seu rosto.

— Sei... Não fui ao enterro porque não fazia sentido ter passado a vida afastado e aparecer no dia da morte dele. — Heitor fita o chão, o constrangimento tomando sua face. — Nunca tivemos uma relação próxima. Eu não aproveitei sua melhor fase ou fui o irmão que o ensinou as malandragens na adolescência, então, não fazia sentido voltar. Mas eu o amava. Amo todos da minha família. — Seus olhos se erguem emocionados. — E amo você.

Volto a fitar a parede, sentindo meu pulso bater nos ouvidos.

Mentira. Mais mentiras.

— Ainda não entendi como sabia que eu estava aqui em Palo Alto — continuo a conversa, ignorando suas últimas palavras. — Foi pela Amber então? Já que seguia os rastros do pai dela.

— Eu sabia sobre Amber, Taylor — seu tom é firme. — Mas estava aqui por você. Eu *estou* aqui por você.

Encaro seu rosto com ceticismo.

— Por mim?

— Principalmente. Eu sei que é um homem agora, mas você não tem... — ele se interrompe.

Abro um sorriso amargo.

— Não tenho família — completo. Mas não é verdade, eu tenho Olívia.

— Entendeu o que quis dizer. — Ele arrisca outro passo. — Como não poderia ficar no alojamento, e não havia espaços residenciais alugando por perto, decidi me mudar para o 3-A.

Franzo o cenho.

— O apartamento que foi arrombado?

Heitor bufa.

— Aquilo foi uma confusão desnecessária. Tive problemas com o locatário, o vizinho da frente era muito barulhento — explica ele. — Acontece que ao reclamar, recebi um aviso de despejo. O merdinha era sobrinho do dono.

— E ao invés de sair, você arrombou seu próprio apartamento?

— Esqueci o chaveiro. — Ele dá de ombros me encarando. — Aquele com a arma e a inicial da letra A.

Assinto.

— Eu me lembro.

— Pedi educadamente para entrar e procurar, uma vez que já havia devolvido as chaves. O dono não permitiu, alegando que eu estava devendo uma multa por ter postergado a desocupação. Então eu arrombei a porta. — Heitor coça a nuca, sabendo como suas palavras soam estúpidas agora. — Não foi meu melhor momento, mas sabe o que aquilo significa para mim.

— Annalise — digo em concordância.

— Na verdade, é uma lembrança do meu irmão.

Um vinco se forma entre as minhas sobrancelhas.

— Entendo porque relacionou o pingente à minha amada. Você não poderia desconfiar que eu tinha um irmão e que seu nome também detinha a mesma inicial — Heitor explana. — Mas essa é a única lembrança que tenho do Alec.

Exalo pesadamente.

Quanto mais ouço, mais absurda essa história fica.

— Desde esse episódio, precisei procurar outro lugar — ele continua. — Usava a viatura para rondar o Campus, sabia que não iam suspeitar.

— Pensei que tivesse se aposentado.

— Me aposentei, mas ainda auxilio alguns casos de desaparecimento. Permitiram que eu ficasse com a viatura como cortesia pelos meus serviços periódicos de detetive particular. Pedi para o departamento de Temecula acertar tudo por aqui, não foi um problema.

Imagino que não. Até onde sei, Heitor sempre foi um ótimo profissional.

No entanto, não deixa de ser irônico que seu ganha pão agora seja partir em busca de pessoas desaparecidas, tendo ele se

escondido de todos durante anos.

— Conseguiu achar o chaveiro? — pergunto, lembrando como foi perturbador erguer um idêntico na praia de Laguna Creek.

— Sim, estava caído na quina do quarto. — Heitor suspira com agonia. — Acabei o perdendo pouco tempo depois, de toda forma. Refiz meus passos como um louco, mas não consegui recuperá-lo.

De fato, seria quase impossível ser uma coincidência. Mesmo que continue sendo absurdo, faz sentido ser dele que estava nos seguindo do que de qualquer outra pessoa.

— Eu o achei, na praia. Durante um evento da faculdade — exponho. — Não está comigo agora. Quando encontrei, eu... Bom, a questão é que ele está com Liv. Não sei se ela se desfez, mas se houver guardado, vamos entregar.

Ele fica tão aliviado que sorri.

— Eu... Isso seria... — A voz dele vacila. — Obrigado, Taylor.

Não é um ato de boa-fé. Apenas não há razão para guardarmos aquilo. Heitor quis tanto desaparecer, que agora nenhuma memória sua parece boa o bastante para ser guardada.

— Você estava lá? Em Laguna Creek?

Sua cabeça se move ao confirmar.

— Se eu não esperava uma amizade, dirá que vocês fossem morar juntos. Fiquei ainda mais surpreso quando começaram a namorar.

— Nós não... — começo a explicar, mas desisto. Farei o pedido assim que estiver recuperado, logo não há nada o que corrigir.

— De toda forma, com vocês morando na mesma casa, ficou mais fácil observá-los. Não estava vigiando, apenas... zelando. Amber está sozinha aqui e você, bom... — Ele dá outro passo à frente, encarando meus olhos. — Sempre tive essa necessidade de cuidar de você, desde quando o vi assustado naquela escada pela primeira vez.

Outro comentário ignorado.

Outra frase que bate no aço do meu peito e cai em pedaços aos meus pés.

Heitor está se abrindo, mas não está progredindo comigo.

Ele continua:

— Conseguia ter uma ideia de como estavam e vê-los, mesmo que a distância. Amber não me reconheceria, mas com você, eu precisava ter mais cuidado. — Heitor avança outra vez, e começo a me incomodar. Agora ele está próximo o bastante para que eu possa ver a fina camada de dor cobrindo seus olhos. — Houve um dia em que você saiu apressado, quase pude ver a fumaça esvoaçando sobre sua cabeça. Devem ter brigado porque ela ficou a noite toda na janela, chorando e verificando a rua. Quis muito ir atrás de você.

Mudo de posição na cama, expirando. Minha costela ainda dói muito, o ponto positivo é que não passo mais metade do tempo dormindo. Os analgésicos são leves agora, o que me dá a chance de ficar um bom tempo conversando com Amber e Liv. Mas como eu queria uma dose de morfina agora. Onde está aquela enfermeira-vovó que me chama de menino bonito?

— Compreendo o que fez desde que se mudou para Palo Alto — eu digo. — Mas sabe que não me importo com nada disso,

não é? Saber que esteve aqui a distância não reduz minha mágoa. Quando precisei de você, há doze anos, você não estava lá.

Heitor aquiesce.

— Annalise e eu ficamos animados com a oportunidade de adotar vocês. De verdade. — O canto dos seus lábios se move em um quase sorriso, algo nostálgico como uma recordação. — Sentia algo especial por você e sabe como ela ficou encantada pela Olívia desde a primeira vez que colocou os olhos nela.

— Minha irmã amava sua esposa. Ela também sofreu quando mudaram de ideia sobre a adoção.

— Nós nunca mudamos de ideia, Taylor.

Analiso seu rosto, esquivo sobre a alegação.

— Nós começamos a planejar tudo. Até um quarto surpresa porque queríamos que sentissem que nossa casa era o lar de vocês. — Heitor prossegue mediante meu silêncio. — Annalise pintou todas as paredes de rosa para a sua irmã, comprou móveis e o carpete da mesma cor. Eu passei uma noite inteira colando estrelas no seu teto e pintando as paredes de azul, porque sabia que você iria gostar. Nós nos importávamos.

Engulo o bolo que toma minha garganta com dificuldade, desejando não me abalar, mas inevitavelmente essas são as primeiras palavras ditas que entram e tocam meu coração machucado. Ouvi-las é um acalento que fere, um conforto que me dói até os ossos.

— O que deu errado então? — interpelo em um sussurro. — O que te fez aparecer cada vez menos no fim do processo? O que te fez ir embora e não ter coragem de me avisar que eu mofaria naquele lugar até ter idade legal para sair?

As sobrancelhas dele caem em uma feição pesarosa.

— A diabetes de Annalise ficou descompensada — revela. — Os rins começaram a ser comprometidos e ela passou a sofrer os efeitos. Anna já estava em tratamento quando começamos a visitar vocês no St. Joseph's, mas o quadro evoluiu rápido para insuficiência renal crônica. Então ela precisou ficar horas no hospital todos os dias para fazer as sessões de hemodiálise. — Heitor se interrompe, enternecido. — Eu parei de visitá-los no orfanato com frequência porque tinha que levá-la até a cidade vizinha e segurar a mão da minha esposa por mais de duas horas todos os dias.

Puxo o ar, sem fôlego.

— Por que não me contou? Eu iria entender.

— Ela era a pessoa forte do nosso casamento, não eu, Taylor. E quando Annalise começou a se quebrar aos meus olhos, eu simplesmente... me parti junto. — Sua cabeça se move para os lados em um movimento inconformado. — Como eu poderia ser bom para você se não conseguia cuidar dela? Se não conseguia sequer cuidar de mim mesmo?

Não digo nada. Minha garganta está tão apertada que arde pelas lágrimas contidas. Sei que se abrir a boca agora, arriscando a dizer algo, vou desabar em soluços.

— A insuficiência se agravou. Anna estava debilitada pelo número de lesões renais que só aumentavam. — Ele arfa, emocionado. — Até que em uma das sessões de hemodiálise, ela contraiu uma infecção hospitalar e não resistiu.

Então você simplesmente parou de aparecer.

— Eu não tinha certeza se conseguiria me manter em pé àquela altura, mas sabia que não podia cuidar de vocês. — Heitor

continua, seu tom desceu uma oitava. — Abri mão de tudo por Annalise, Taylor. Tudo pelo seu amor. Quando eu a perdi... fiquei sem nada. Ela escorreu pelos meus dedos e deixou um buraco gigantesco dentro do meu peito.

Processo suas palavras, ainda atônito com o discurso. Ele teve motivos fortes, sobretudo para deixar de me visitar com frequência. Posso entender isso, e posso entender como sua mente ficou após a perda da esposa. Posso perdoar. Heitor a amava, ficou destruído, e não era uma boa companhia para uma criança. Ele sentia que precisava curar suas cicatrizes antes de poder assumir as minhas e de Olívia. Isso não só é humano, como também muito sensato.

Mas então, um ano inteiro se passou.

Dois, e então três.

Durante doze anos ele teve a chance de mudar isso. A chance de se refazer, especialmente por saber que Annalise nunca gostaria de vê-lo afundar em um poço de culpa e autopiedade. Piora saber que através dos seus contatos, sempre soube onde eu estava e mesmo assim se manteve nas sombras. Heitor disse que *precisou* se afastar da família, mas confirmou que de mim, ele *escolheu* ficar longe.

— Você nunca iria voltar, não é? — sussurro.

Minha pergunta o faz cambalear para trás, retrocedendo alguns passos.

— Taylor...

— Você nunca iria me procurar e tentar resolver — digo magoado, sentindo meus olhos marejarem mesmo que eu odeie mostrar como ele ainda me afeta. — Voltou porque estava naquela

rua quando viu o acidente e conhecia o carro, a placa. Sabia que Amber ou eu estaríamos ali, e seu instinto humano o fez ajudar. Se eu nunca tivesse me machucado, você nunca teria voltado. Teria ficado escondido na sombra de destruição que criou para si mesmo.

Ele não desmente, apenas abaixa a cabeça.

Nenhum de nós diz nada por muito tempo.

Há apenas um silêncio pesado se espalhando por cada metro cúbico do quarto.

— Pela segunda vez na vida, tive medo de voltar para pessoas que eu amava porque não queria ser rejeitado. — Ele admite tão baixo, que eu mal escuto. — Sempre tive muito medo de encarar você de novo, Taylor. Medo da sua reação.

— Covarde — rosno.

— Eu fui. Mais de uma vez. — Heitor volta a me olhar, bem quando uma lágrima desliza. Limpo meu rosto com raiva. — Nunca vou saber pôr em palavras o quanto me arrependo.

Volto a fitar a parede.

Mesmo se conseguisse, dizer que sente muito não muda o que ele fez. Palavras são banais quando você fere uma pessoa a ponto de fazê-la acreditar que não merece porra nenhuma de ninguém. Que a única coisa que é digna é de abandono e traição, jamais de afeto.

— Sinto muito pela sua família — digo, ainda sem olhá-lo. — E realmente sinto muito por Annalise. Mas isso não muda nada para mim.

— Taylor...

— Obrigada por vir — eu o interrompo com rispidez —, e se explicar. Por salvar a minha vida naquele carro e custear as

despesas. Se quiser deixar a conta, faço questão de pagar cada centavo assim que possível.

— Jamais te cobraria algo assim. Quero tentar mudar as coisas, eu... — Ele suspira, a voz vacilando. — Já que voltei... achei que poderíamos... tentar.

Limpo outra lágrima, antes de encará-lo. Fico levemente surpreso ao encontrar seu rosto úmido também, muito mais do que o meu.

Nunca vi Heitor chorar antes.

— Não, nós não podemos. Lembre que você não escolheu voltar, você sentiu que precisava, e isso é muito diferente. — Pauso quando minha voz embarga e limpo a garganta. — Você é apenas estranho para mim agora. Então obrigado por tudo isso, mas nada mudou.

Ele recua vários passos como se cada palavra minha fosse um tiro no peito. No fim, um sentimento se sobressai a toda minha mágoa e saudade. Sinto pena, tanta pena da figura à minha frente. Heitor não passa de um homem velho, amargo e sozinho.

— Sabe aquela escadaria em que você ficou à minha espera? — Assinto em resposta à contragosto, recusando a respondê-lo verbalmente. — Eu me sinto como você agora, parado lá, esperando.

Minhas sobrancelhas se unem em confusão.

— Esperando?

Ele confirma.

— Que um dia seja capaz de me perdoar ou me aceitar na sua vida novamente — responde. — Quem sabe, apenas ajudar. Compensar o que falhei com você.

— Ver você hoje foi um ponto final, não um recomeço. E já que mencionou Amber, apenas por ela tivemos essa conversa. Não duvido que vá jogar alguma merda no colo dela e ela vai entender. — Sorrio, chorando. — Porque ela é assim. Ela vê o melhor das pessoas mesmo onde ninguém mais vê. Muito disso veio da família que você abriu mão em fazer parte, aliás. Mas eu não, eu não sou assim. Meu coração não é puro como dela.

— Isso não muda o fato de que vou esperar por isso até o último dia da minha vida. Se existe uma pessoa com a qual eu me importo, essa pessoa é você.

— VOCÊ NUNCA APARECEU! — esbravejo. Heitor citou o exemplo da escada, mas não pode comparar essas situações.

O queixo dele treme, mais lágrimas caem.

— Apareci... Apareci hoje. Doze anos depois, tarde demais, mas... Eu apareci. — Ele se cala por um minuto. — Talvez você também só precise de tempo.

— Eu não teria esperanças se fosse você.

Um sorriso melancólico ganha espaço em seus lábios, atingido com tanta força que quase desvio o olhar.

— Depois da minha esposa, você foi a melhor coisa que me aconteceu... — O som dos seus sapatos arranhando o chão ecoa quando ele retrocede mais alguns passos, os olhos ainda fixos nos meus. — Você e Olívia eram toda luz que eu precisava. Então, eu meio que preciso manter isso vivo, essa pequena chance de que as coisas possam mudar. A única luz que me restou foi essa Taylor, a da esperança.

Aperto a mandíbula, me impedindo de soluçar.

Percebendo que não terá uma resposta, Heitor vai embora. Saindo do quarto e talvez do hospital, mas não do meu coração. Ele está enraizado na parte mais escura e podre dele. Uma parte que eu ainda espero que Amber possa alcançar.



Amber

Oi, papai.

Acho que de todas as coisas que escrevi aqui, essa é possivelmente a mais difícil. Não porque eu ache que vá ficar magoado, o senhor nunca ficaria triste por algo assim, mas porque escrever essas palavras são o meu ponto final.

Não percebi que tudo o que eu fazia estava ligado a falta que sinto de você, a necessidade de expressar minha gratidão por tudo que representou e pelo gesto que pagou com a vida. Continuei as aulas de balé porque te mantinham por perto. Revia seu vídeo de despedida escondido da mamãe porque não queria me esquecer de como o senhor era. Entrei para Stanford porque foi o caminho perfeito para não deixá-lo ir, para orgulhá-lo.

Realmente funcionou, eu me senti mais próxima do senhor, mas com o tempo comecei a me perder de mim mesma.

Eu odeio histologia humana, acho anatomia maçante e por mais que tenha me identificado um pouco com fisiologia, sabemos

que não é o bastante, não é? Nunca vou amar esse mundo como o senhor amava, e não quero passar o resto da vida fazendo algo que me consome.

Decidi sair do curso assim que o semestre acabar e estou animada com esse novo começo. Taylor ainda me olha daquela forma que aquece meu coração e deixa minhas pernas bambas, do mesmo jeito que você olhava para mamãe, então acredito que as próximas semanas serão decisivas. Se tudo sair como planejado, após o recesso, voltarei à Palo Alto. Um namoro saudável, liberdade e novos sonhos... Soa bem, não é? A universidade oferece vários cursos, vou encontrar algo que me faça feliz.

Nunca vou ter certeza se nosso encontro foi fonte da minha imaginação ou não. Possivelmente, o mais racional seria acreditar que foi, de fato, uma reação ante os sedativos com que fui medicada no hospital. Afinal, qual seria a outra possibilidade? Mas não importa. Verdade ou não, foi bom ver o senhor novamente e quase sentir o seu abraço.

Cada parte do meu coração sabe que onde quer que o senhor esteja, está amando e cuidado de mim e da mamãe. E que sempre será minha estrela favorita no céu.

P.S: Amo você.

Com a garganta ardendo, eu fecho o diário, e percorro os corações da capa com os dedos, sentindo meus olhos marejarem. Não tenho certeza se continuarei a escrever aqui, embora falar com o papai sempre tenha me feito bem.

Sinto que esse novo começo é algo que preciso fazer sozinha, por mim mesma. Além disso, por mais que eu o ame, é a

minha mãe quem está aqui agora. Preciso dar crédito a ela e procurar conforto quando precisar, ser mais sincera. Seu abraço e palavras vão funcionar melhor do que um pedaço de papel.

Saio do quarto, tentando me recompor. Tomo uma respiração profunda e limpo o rosto, abrindo um sorriso ao ouvir os ruídos ecoando da cozinha. Encontro Dona Bárbara lendo o verso de uma embalagem como se estivesse escrita em grego. Por sua careta, ela não faz ideia de por onde começar, mesmo sendo uma mistura simples para waffles.

— Bom dia!

Mamãe se vira, e sorri ao me ver.

— Bom dia, querida. Como se sente?

— Ótima. Descobriu como isso funciona?

Com uma careta, ela volta a encarar o que está segurando.

— Hum... quase lá.

Rio.

— Que tal eu cuidar disso? — Pego o pacote de suas mãos, sem resistência. — De toda forma, tenho que fazer a calda para o bolo.

— Espero que não esteja comendo nada disso, sabe da sua dieta.

Reviro os olhos com humor.

— Eu sei. No máximo vou experimentar um pouco de cobertura.

Mamãe me repreende com o olhar, provocando-me um sorriso.

Conversei com a enfermeira boazinha, que fica a maior parte do tempo com Taylor. Ela disse que ele está se recuperando bem e

que um pedaço de bolo não faria mal, então fiz um de chocolate com várias camadas para surpreendê-lo. Sei bem que está enlouquecendo por permanecer em repouso naquela cama de hospital.

— Vai querer que eu ajude em algo? — questiona com humor. — Ou vai me isolar em outro cômodo para não atrapalhar como seu pai fazia?

Encaro Dona Bárbara sorrindo.

— Fique aqui e converse comigo.

Ela se senta em uma das banquetas dispostas no balcão.

— Conversou com May hoje?

— Sim — respondo, começando a separar os ingredientes restantes. — Todos os dias acordo com uma mensagem dela, uma da tia Julie e outra do tio Luca. O vovô manda emojis estranhos como sempre, mas sei que também quer saber como eu estou.

Ouço sua risada.

— Sim, as berinjelas não pararam.

Vovô não se esforça com a tecnologia como antes, justificando que ligar é muito melhor do que enviar uma mensagem. Salvo as figurinhas que ele adora. Sorrio ao me lembrar deles, sentindo uma pontada de saudade tomar conta do meu peito.

Meus avós moram no Haras, aproveitando a calmaria do campo agora que estão velhinhos. Para a segurança deles, mamãe e tia Julie mantém contato todos os dias com ambos e com as empregadas da casa, a fim de saber como eles estão. Isso, sem contar as visitas periódicas. Sou uma garota de sorte por ter essa família.

Isso me lembra da minha outra avó.

— Como está Genô? — indago, terminando a massa. — A última cirurgia ocorreu bem, mas não conversamos sobre o assunto novamente.

Mamãe suspira.

— Estável, mas o coração dela não é confiável. — Encaro seu rosto quando ela hesita. — Após tantas cirurgias e quatro stents...

Viro uma concha de massa na máquina e fecho, deixando os waffles cozinharem. Caminho até ela e seguro sua mão, apertando nossos dedos unidos.

— Vó Genô vai ficar bem, você vai ver — digo, tentando soar confiante. — Ela ainda vai fazer parte de muitas memórias felizes conosco.

Mamãe fica emocionada, mas sorri, assentindo.

Minhas palavras foram gentis, até um pouco fantasiosas. A verdade é que Genô é idosa, mais velha que meus avós de sangue, e seus hábitos de vida foram muito prejudiciais. Além do histórico familiar cardíaco, sua alimentação nunca fora saudável. Ela faz as delícias mais saborosas, mas ingere muita gordura e açúcar. O resultado até então foram dois infartos.

A campainha toca, interrompendo nosso momento. Mamãe se ergue para atender e eu retiro os primeiros waffles prontos, pegando um pouco de mel para acompanhar. Imagino que seja Olívia ou Jason.

Com o acidente, me tornei ainda mais próxima dela, e quanto ao Jason, ele sempre liga para saber como Taylor está. Isso quando não invade o hospital no turno da noite, no momento em que o

bronco está dormindo, à procura de notícias. Não o ausento de sua culpa, mas sua preocupação é inegável.

— Amber? — mamãe chama.

Viro-me e estaco, estarrecida ao encontrar o senhor do hospital, o homem que abandonou Taylor. Ele está sério, com as mãos presas firmemente aos bolsos do jeans, denotando todo seu nervosismo.

— O que está fazendo aqui? — questiono austera.

Sua garganta se move quando ele engole em seco. Heitor desvia o olhar e se volta para minha mãe, que também parece enleada com a visita. Ao não obter apoio, seus olhos voltam a se fixar nos meus.

— Eu vim conversar — responde finalmente.

Largo os utensílios, mal lavando as mãos antes de agarrar um pano de prato para secá-las, e me aproximar.

— Comigo? Por quê?

Mamãe solta o ar com uma expiração pesada.

— Porque ele disse que se chama Heitor, filha — ela diz, e meu cenho se franze mais com a declaração. Disso, eu já sabia. — Disse que se chama Heitor Fontaine.

O pano deixa minhas mãos, atingindo o chão ante a minha surpresa. Com exceção desse movimento, apenas pisco, imóvel. Milhões de pessoas se chamam Heitor, deve ter algum engano. Não é possível que meu tio perdido e o homem responsável por abandonar Taylor sejam a mesma pessoa.

— Eu não... — Encaro ambos, tentando juntar as peças que não fazem o menor sentido. — Acho que eu não entendi.

— Acredite, está parecendo absurdo para mim também. — Mamãe encara Heitor sem muita simpatia. — Mas ele disse que veio se explicar, contar o que aconteceu. Não acho que faça mal ouvi-lo.

Os passos que nos levam até a sala não passam de movimentos mecânicos. Estávamos a apenas alguns passos do sofá, mas os segundos são o bastante para a minha mente fervilhar de perguntas. Tento fazer as contas mentalmente, tentando preencher algumas lacunas enquanto nos sentamos, sem sucesso.

— Qual a sua idade? — É a primeira pergunta que faço.

— 67 anos.

Ele não parece tão velho, exceto pela massa de cabelos brancos. Porém, sabendo que deixou a Itália ainda muito jovem, isso significa que passou mais de quatro décadas longe.

— Por que resolveu aparecer agora? — Mamãe questiona quando eu estava prestes a fazer o mesmo.

— Pelo Taylor — responde sem hesitar. — Com o acidente, não pude ficar longe. Percebi que essa poderia ser a minha última oportunidade de conversar com ele e contar toda a verdade.

— Por que está aqui então?

— Porque devo explicações a vocês também. — Sua garganta se move com dificuldade, e as próximas palavras saem baixas pela rouquidão que toma sua voz. — Pelo Alec.

Permanecemos em silêncio, ambas na defensiva. Ele pode ter o meu sangue e ser irmão do meu pai, mas a verdade é que Heitor não é meu tio. Ele não é parte da família, é apenas um estranho. Conheço mais o porteiro desse prédio do que esse homem na minha frente.

— Nos meus dezoito anos, conheci uma garota. Annalise. — Heitor começa a narrar, ciente de que não diremos nada. — Ainda morávamos na Itália, minha mãe, meu pai, Julie ainda criança e Alec prestes a nascer. Sempre fui o filho problemático, mas meus pais acertaram da segunda e terceira vez. Meus irmãos deram todo orgulho que eu fui incapaz de oferecer a eles. Por isso, eles não me levaram a sério quando contei sobre Annalise. Eu era mimado e egoísta, meus pais pensaram que essa paixão não passava de outro capricho meu.

— O que fez para que pensassem isso de você? — indago com estranhamento. Papai e tia Julie sempre se referiram aos meus avós como ótimos pais.

A sombra de um sorriso resignado curva seus lábios.

— Uma sequência de burradas épicas — admite ao encolher os ombros. — Eu era inconsequente na maior parte do tempo porque sabia que desrespeitar as regras não me traria consequências. Uma vez pichei o muro de um estabelecimento por diversão, um desafio com outros garotos idiotas. Todos passaram a noite na cadeia, eu mal pisei lá antes que meu pai pagasse a fiança.

Chega a ser irônico a figura de Heitor jovem ser o que Taylor mais despreza hoje em dia, alguém que está acima do sistema pela condição financeira.

— Mas Annalise não era um capricho ou uma tentativa de chamar atenção — Heitor prossegue. — Aquela mulher me colocou de joelhos desde a primeira vez que sorriu para mim. — Ele sorri, os olhos marejados pela nostalgia das lembranças. — Foi difícil me aproximar, mas aos poucos fui vencendo barreira por barreira. Descobri uma Anna casta, respondona e muito divertida. Fui seu

primeiro beijo e isso explodiu meus miolos. Em pouco tempo, eu estava perdido de amor por ela. Mesmo sendo um imbecil e sabendo que ela era muito mais do que eu merecia, eu tive certeza de que me casaria com ela um dia.

— Mas não se casaram, não é? — Mamãe indaga, juntando os fatos. — Você disse que Alec estava prestes a nascer. Se ele nasceu na França, você desapareceu em questão de meses.

Heitor confirma.

— Não nessa época, ao menos — corrige ele. — As coisas eram diferentes naquele tempo, as moças precisavam manter o decoro e não podiam ter muita opinião sobre certos assuntos. Estava planejando me apresentar ao pai dela, fazê-lo gostar de mim, quando Anna me contou aos prantos do acordo de casamento que fizeram. — Heitor pausa, puxando uma respiração pesada. Mamãe então se levanta, indo até a cozinha para buscar um copo de água. — Obrigado.

Ele bebe alguns goles. Mamãe está reagindo melhor do que eu, até porque não há motivos para nos ressentirmos dele. Nada a favor, nada contra. Como disse, ele é apenas um estranho. Mas algo dentro de mim cresce como uma barreira pelo que fez a Taylor, como terminou de quebrar uma criança em pedaços. Embora eu acredite que precisam se acertar e que o perdão de Taylor fará bem a ambos. Guardar rancor nunca é a resposta.

— Nós gostávamos de nos encontrar embaixo de um pé de framboesa. Colhíamos frutas, namorávamos e ficávamos protegidos dos olhares curiosos. — Ele continua. — Nesse dia, ela mal disse algo antes de me abraçar e encharcar minha camisa, dizendo que não poderíamos mais nos ver. Anna me contou do casamento

arranjado com um poderoso fazendeiro e de como os pais precisavam daquele acordo para salvar os negócios. Cada palavra foi uma apunhalada no meu coração. Por um instante, eu fiquei irado, pensando que estava de acordo. Mas então ela disse que me amava. Anna chorou, me beijou e disse que não poderia negar, mas que era comigo que ela queria ficar. Eu a pedi para se acalmar, e disse que daríamos um jeito. Dois dias depois, no entanto, o pai dela nos flagrou naquele mesmo pé de framboesa.

Ele bebe mais um gole de água, abandonado o copo na mesa de centro.

— Quando ele a carregou pelo braço, aos prantos de volta para casa ao flagrar um beijo, eu soube o que tinha que fazer. — Heitor encara nossos rostos. — Como disse, eu era inconsequente e egoísta. Transferi o dinheiro que meus pais depositavam para faculdade para outra conta na semana seguinte, sabendo que seria o primeiro local onde iriam tentar me rastrear. Se me achassem, achariam Annalise e o pai dela a obrigaria a se casar.

— Foi por isso que você fugiu? — pergunto sem conter, considerando suas atitudes extremistas demais. — Por uma garota?

Seu sorriso de resposta, dessa vez, é triste.

— No fim, não é sempre pelo amor de uma mulher?

Aperto meu cenho plissado, ressaltando as reentrâncias da minha confusão. Não entendo como seu passado pode ter influenciado em tudo isso, nas lacunas que nos mantiveram distantes e que contrariamente o fizeram conhecer Taylor.

— Por que não pediu ajuda ao vovô?

— Em teoria, uma fuga de amantes pode ser excitante e divertida, mas na realidade poucas pessoas compram a ideia,

Amber. Meu pai sempre fora um homem moral, tive medo de ele não levasse meus sentimentos a sério, que pensasse ser uma paixão fugaz, e me obrigasse a voltar com Anna para a Itália. — Ele suspira, correndo os dedos pela massa de cabelos brancos. — Nós fugimos cerca de duas semanas depois para os Estados Unidos, ficamos em uma cidade na Carolina do Norte. A quantia que peguei era boa, mas não nos manteria a longo prazo. Sabia que precisaríamos racionalizar e procurar alternativas. No fim, acabei entrando na academia de polícia.

Mamãe está surpresa com o rumo da história, até porque o retrato do jovem que pintou não combina com nada disso. Mas eu sei o que aconteceu desse ponto em diante. Ao menos, até quando o bom policial atendeu ao chamado de uma vizinha preocupada com duas crianças.

— Pareceu perfeito. Caso precisássemos de alguma ajuda com o noivo ou o pai de Anna, que eventualmente poderia chegar até nós, eu teria alguns contatos importantes — ele explica. — Conheceria juízes, advogados, promotores...

— Legalmente, eles não poderiam casá-la à força — mamãe intervém. Anos de amizade com tio Luca lhe deram uma boa noção do direito e suas leis.

— Não, mas aquele fazendeiro desgraçado era bom em manipular. — Sua feição se contorce em escárnio. — Sabia que ele não hesitaria em arrancar tudo dela. Ameaçar toda a sua família por meio das dívidas exorbitantes que tinham, e boa como era, Anna sacrificaria sua felicidade pelo bem-estar deles.

— Se ela colocava a família acima de tudo, por que aceitou fugir com você? — questiono.

— Se posicionar contra, traria uma retaliação. Sumir sem rastros, não necessariamente. Ela não se negou a casar, Anna fugiu no meio da noite, sem deixar rastros. O fazendeiro saberia que não foi uma armação da sua família e com sorte, os deixaria em paz, indo atrás de outra garota jovem de família modesta. Essa era a única chance, na verdade. — Heitor hesita. — Eu implorei por isso, e ela era apaixonada por mim. Mesmo sem intenção, posso ter sido incisivo com ela.

— Então da mesma forma que você nunca manteve contato com sua família, Annalise também nunca mais conversou com a dela? — interpelo. Heitor assente. — Mas se a questão era dinheiro, por que não deu a ela? Vovô sempre foi rico pelos negócios.

— A dívida era alta. E como disse, tive receio do posicionamento dele. — Ele responde. — O plano inicial era levar isso por alguns anos, até a poeira abaixar. Três, quatro... cinco anos, no máximo. Então poderíamos voltar. Haveria passado tempo o bastante para o fazendeiro ter se casado com outra jovem e, mesmo com muitas reprimendas, poderíamos recomeçar. Até porque, não seríamos apenas um casal jovem de namorados.

— Se casaram aqui então? — Mamãe pressupõe.

— Sim, cerca de dois anos depois. O primeiro ano foi difícil, brigávamos muito. O estresse dos testes físicos e escritos da academia me exauriam, e Annalise começou a desgostar de ficar em casa, a ansiar por um propósito. Quando finalmente consegui o certificado e comecei a me candidatar para departamentos, foi um alívio.

— Eles não fazem uma investigação profunda para os candidatos? — pergunto, lembrando de uma série que Taylor e eu

assistíamos juntos. Heitor confirma. — Mentiu para eles?

Sua cabeça se move em negação.

— Eles investigam sua vida por completo e se descobrem uma mentira, está automaticamente eliminado — justificou. — Não havia um crime envolvido, já que nesses dois anos que levei para conseguir o certificado, Anna completou a maioridade. Fui sincero sobre tudo e o chefe do departamento gostou de mim, então fui contratado. Depois disso, com um salário fixo, as coisas melhoraram. Eu estava trabalhando e Anna pode se dedicar a procurar algo que gostasse. Ela acabou cursando literatura inglesa na universidade de Chapell Hill, onde morávamos e eu tinha jurisdição. Por dois anos, tudo correu bem, até surgir uma promoção. Acabei sendo transferido para o departamento do Tennessee, em Nashville. Não era muito comum, todos disseram que eu tive sorte, mas não foi o que pareceu quando cheguei em casa e contei à minha esposa no jantar.

— Porque ela teve que interromper o curso — eu entendo. Embora saiba que, no fim, eles ficaram juntos, uma vez que quase adotaram Taylor, deve ter sido um duro golpe para o relacionamento.

— Sim, ela estava no segundo ano, finalizando as matérias base quando foi obrigada a sair. Eu era nosso sustento, então não havia dúvida sobre se mudar ou não. Mas eu vi como ser obrigada a arrancar os poucos amigos que fez na cidade e a se desfazer do seu sonho a matou. — Heitor pausa, consternado. — Lembro de me sentir sufocado, aterrorizado. Tive medo de que ela pedisse o divórcio ou simplesmente voltasse para a Itália. Annalise se tornou tudo, absolutamente tudo o que eu tinha.

— Aposto que ela tinha tanto medo quanto você de encarar o passado que deixou para trás. — Dona Bárbara comenta.

— Possivelmente — Heitor concorda. — Mas o receio dentro de mim criava raízes conforme nosso casamento piorava. Toda tentativa de diálogo terminava em discussão, e foi assim por quase um ano. Minha esposa quase desenvolveu depressão antes de entrarmos em terapia e conseguirmos dar a volta por cima. Só então Anna voltou a cursar literatura na BU, a universidade local e, aos poucos, entramos nos eixos. Foi difícil ajustar tudo, eu trabalhava durante todo o dia e quando chegava, ela já havia saído. Houveram dias que mal nos encontrávamos. Mas, pelo menos, não estávamos mais brigando.

— Foi por isso que não seguiram o plano dos cinco anos de voltar à Itália? — indago, notando que estavam fora há mais tempo do que o planejado.

— Por um tempo, sim. Mas então, sete anos haviam se passado. Conversando com o departamento, consegui um detetive e pedi para procurar notícias de nossas famílias. Descobrimos que o pai de Anna havia falecido há dois anos e sua mãe estava casada com o fazendeiro que foi o pretendente dela.

Ergo as sobrancelhas, em choque.

— Uau, isso... Isso deve ter sido horrível!

Heitor assente.

— Anna nunca mais tentou contato com a família.

— E quanto a sua? — Mamãe pergunta.

— Descobri que haviam se mudado para França. Alec estava com oito anos e Julie dez, pareciam felizes, mas... eu simplesmente não consegui. — Heitor abaixa a cabeça, vexado, analisando suas

mãos crispadas no colo. — Comprei uma passagem, pedi alguns dias no emprego e parti para Paris. Cheguei a vê-los ao longe durante um passeio. Quando olhei para meus pais... — Ele engole com dificuldade. — Eu os amava, mas estava tão envergonhado. Passei dois dias lá, tentando me convencer de que eu tinha coragem, mas a verdade é que eu era um covarde. Fiquei feliz por estarem bem... Com raiva por parecerem tão bem, como se eu nunca tivesse existido. Acima de tudo, entretanto, eu estava com medo. E foi o medo que me fez pegar um avião e voltar para Nashville sem me aproximar.

— E ficou lá por anos. — Mamãe suspira, com pesar. — Se privou da sua família e, sobretudo, os privou de ter você.

Heitor não diz nada, embora erga a cabeça para olhá-la. Seu silêncio é quase uma resposta, como se concordasse e carregasse esse fardo em cima dos ombros desde então. Quase posso enxergar a tonelada de culpa que tem arrastado ano após ano.

— Anna e eu nos ocupamos com nossas carreiras, e aos poucos fomos entendendo como conciliá-las ao casamento. — Ele continua. — Tivemos muito altos e baixos, mas nos amávamos e no fim sempre superávamos tudo. Ela era o ar que eu respirava, quem eu pensava durante todo o dia e a dona dos braços que me confortavam quando eu chegava em casa. Eu era o mesmo para ela. Acabamos sendo não só um porto seguro, mas tudo um para o outro. Codependentes.

— Chegaram a ter filhos? — Mamãe pergunta. Eu já sei a resposta.

— Anna tinha uma carreira promissora, assim como eu. Por isso, não pensávamos em filhos. Quase vinte anos depois, contudo,

nossa mentalidade era outra. Foi quando surgiu uma oferta de emprego no departamento de polícia em Temecula. Conversei com minha esposa, uma vez que não era mais uma necessidade, ambos trabalhávamos e tínhamos uma vida estável aqui. Mas Anna considerou uma boa oportunidade para desacelerarmos. — Heitor sorri, um rastro de emoção cruzando seus olhos cansados. — Anna sempre foi encantada por essa visão romântica de simplicidade. Um bairro em que todos se conhecem, sorveteiro com sirenes pela rua, crianças andando de bicicleta e vizinhos podando o gramado. Ela queria tudo isso. Queria um filho. E eu não poderia imaginar nada melhor do que finalmente ter algo que ambos perdemos tanto tempo atrás, uma família.

— O que deu errado? — Dona Bárbara pergunta.

— O primeiro baque foi descobrir que ela já não poderia ter filhos. Deixamos para tentar tarde demais, e os ovários de Anna não corresponderam às tentativas do tratamento. O segundo foi saber da morte de Alec. — Ele pausa, suspirando. — Por mais que tivesse preferido me manter longe, acompanhei os fatos mais importantes da vida de vocês. O casamento da Julie, o do Alec. O nascimento de May, e o seu Amber. E então, a notícia da morte dele.

— Que você não foi ao velório — eu ressalto.

Seus ombros se curvam para baixo.

— Não fazia sentido ir — diz simplesmente. — Não tendo passado a vida afastado sem ser um bom irmão para ele. Mais de quatro décadas longe. — Seu pomo de adão sobe e desce devagar, dificultado pela emoção. — A única vez que o vi foi aqui em Stanford. Foi a primeira e única vez que pude chegar perto dele e conversar, sabendo que jamais me reconheceria. As únicas

fotografias que tinham eram de um garoto jovem, e eu já era um homem maduro àquela altura.

Meu coração bate rápido pela surpresa, como se através dele papai também finalmente descobrisse parte da verdade que o corroeu por anos.

— Como assim o conheceu? — Mamãe indaga abismada. — Alec tinha certeza que jamais havia visto você. Havia se conformado em partir sem entender a lacuna de confusão que causou.

— Por que acha que ele escolheu Stanford, Bárbara? — indaga retoricamente. — Sei que não estavam juntos na época, mas sei que sabe que ele se formou aqui em detrimento de todas as grandes universidades da Europa.

— Sim, mas... — ela se interrompe em confusão.

— Papai veio atrás de você — digo, ainda em dúvida.

Ele aquiesce.

— Alec era esperto. Não hesitou em contratar um detetive particular para me encontrar. Por sorte, acabou tendo contato com um colega meu, que interceptou sua investigação, deixando a única pista de que estive na Califórnia. — Ele sorri. — Também fiquei surpreso quando meu amigo disse que ele se mudou para Palo Alto e estava cursando medicina em Stanford. Para os nossos pais, imagino que tenham visto como um ato de liberdade, mas a verdade é que ele não havia desistido de mim.

— Você foi até ele? — questiono.

— Sim. Com algumas horas de carro e a desculpa de um passeio pelo Campus, eu o interceptei para pedir uma informação — Heitor revela, enternecido. — Enquanto me explicava gentilmente

qual o caminho, eu me permiti encará-lo e sentir orgulho. Quase não resisti em abraçá-lo.

Mamãe se emociona, limpando os olhos marejados. Posso sentir a pontada de saudade que a atingiu resvalar em mim. Heitor poderia ter tido muito tempo com ele, se tivesse feito as coisas diferentes.

Mais tempo do que eu tive.

— Ao se afastar, Alec deixou um molho de chaves cair. Pensei em chamá-lo para devolver, mas o pingente com a inicial do seu nome pesou em minhas mãos. Ele acabou se afastando antes que eu pudesse reagir. Guardei com carinho aquele pingente como minha única memória dele, ainda que ninguém além de mim soubesse. — Ele suspira. — A notícia da sua morte foi um baque, especialmente pela sucessão dos fatos. Me senti indigno de comparecer ao velório, mas tenho que admitir, sempre esperei conhecer você, Amber. A filha amada do meu irmão, a garota que leva o coração dele dentro no peito.

Levo instintivamente a mão ao coração.

— O que aconteceu depois? — mamãe interpela.

— Tive um chamado durante a madrugada, uma vizinha preocupada com os gritos na casa da frente e o barulho de um disparo. Eu já deveria estar em casa àquela hora, mas atipicamente cobri o turno de um colega na delegacia.

Engulo em seco, mesmo sabendo o desfecho desse ponto em diante. Acho que a história de Taylor nunca deixará de me aterrorizar, porque assim que soube de tudo o que passou, uma ferida se abriu em mim pelo que os acontecimentos doeram a ele.

— Você encontrou Taylor, Olívia... e o corpo de Miranda — eu digo. — Taylor me contou o que aconteceu.

Mamãe me olha, atordoada, com um olhar sentido.

— A mãe dele... também foi assassinada? — ela pergunta.

Assinto, e é como se algo dentro dela se quebrasse. Afinal, de todos nós ela é a pessoa que mais consegue entender o que é isso, o fato de ter alguém arrancado violentamente da sua vida. Alguém tão insubstituível quanto uma mãe. Mamãe nunca superou o episódio violento em que a perdeu.

Heitor conta superficialmente o restante da história, sem muitos detalhes. Apenas para que mamãe entenda melhor a conexão dele com Taylor, uma vez que curiosa, ela acabou questionando. Então ele narra a morte da esposa e a razão pela qual nunca mais voltou ao St. Joseph's. Embora possa entender como ficou destruído por perder a única pessoa que tinha em sua vida, a única pessoa que estava do seu lado, o que fez com Taylor e Olívia não deixa de ter sido cruel.

No fim, um silêncio desconfortável paira no ar. Ainda estamos estarrecidas com sua revelação e ele parece ser o retrato da culpa e do cansaço.

— Quando conversou com o Taylor? — eu pergunto.

— Ontem.

Não nos falamos depois que saí à tarde. Heitor provavelmente o visitou depois, e ontem era o dia de Olívia passar a noite com ele. Suspiro, ela também deve estar uma bagunça.

— Taylor tem muita mágoa de mim e eu entendo, mas quero trabalhar isso. Não consigo mais ficar afastado dele ou de você, Amber. — Heitor suspira. — De ninguém da minha família. Minha

irmã, meus pais... — Ele se interrompe. — Eu estou cansado de fugir... de ficar sozinho.

— Acho que você deveria falar com seus pais. — Dona Bárbara sugere, levantando-se. — Se quer começar a consertar seus erros, deve começar por eles. Até porque, possivelmente serão as pessoas com quem você terá menos tempo para se redimir.

Ele aquiesce, a garganta se movendo com dificuldade. Por pouco, sua história poderia ser tão trágica quanto a da minha mãe, onde o diálogo e o perdão ganharam espaço tarde demais. Mas, ao contrário dela, Heitor pode fazer por merecer uma segunda chance.

— Tenho certeza que Taylor precisa de um tempo para absorver tudo isso. Especialmente por estar em um hospital, se recuperando. Não pode exigir isso dele agora. — Eu digo, acompanhando os movimentos da minha mãe. — Ou de Olívia. Sabe que não vão te aceitar da noite para o dia. Você voltou e contou a verdade, agora precisa oferecer espaço para que eles possam digerir e pensar no que fazer com ela.

Heitor levanta e se coloca na minha frente.

— E quanto a você? — indaga baixo. — Desde que se mudou para a cidade, tenho tentado resguardar a sua segurança e gostaria de fazer isso mais de perto. Sinto que a única forma de me redimir com meu irmão é fazer tudo o que posso por você.

Encaro seus olhos, notando agora que toda a familiaridade perturbadora vem do papai. Ele tem os mesmos olhos castanhos com pequenas manchas esverdeadas, uma característica única dos homens da família Fontaine.

— Sendo sincera, eu não guardo nenhuma mágoa de você. Mas não sei se posso te manter por perto se isso significar

machucar o Taylor — eu digo. — Para mim você é um estranho, para ele é alguém que lhe causou uma cicatriz emocional tão profunda que ele é obrigado a conviver com ela todos os dias desde então.

Sua cabeça se move; a expressão consternada.

— Acha que ele... pode me perdoar um dia?

— Acho que ele te amava, e é mais fácil perdoar quando se ama alguém. Mas não acho que será fácil e nem posso te dar uma certeza sobre isso. — É o que respondo. — Concordo com a minha mãe, acho que você deve conversar com meus avós agora. Enquanto isso, todos terão tempo de assimilar o que contou.

Ele exala, e se afasta alguns passos.

— Obrigada por me ouvirem. — Heitor se despede.

— Estava certo sobre o Alec — mamãe murmura, a voz ainda embargada. Desde a menção ao nome do papai, seus olhos não deixaram de marejar.

Ele sorri brevemente.

— Meu irmão era um bom homem, não era?

Abraço a cintura de Dona Bárbara, e não hesito em dizer:

— Do tipo que transformou cada vida que passou por ele — confirmo com muito orgulho. — Cheio de defeitos e muito humano, mas acima de tudo... Inesquecível.



Amber

Vagueio pelos corredores, ansiosa e preocupada. Pouco depois de Heitor sair do apartamento, vim para o Hospital, tomando tempo apenas para tomar um banho e embalar o bolo que fiz para Taylor. Não sei o que esperar dele, se vai demonstrar como está destruído com esse retorno ou se vai fingir que está bem, afundado em camadas de sarcasmo. Afinal, Taylor é tão bom quanto eu em fingir às vezes, a única diferença é que ele se mascara com o bom-humor.

Próximo a entrada do quarto, encontro com Olívia saindo. Ela fecha a porta com delicadeza e abre um sorriso pequeno assim que me vê. No segundo seguinte, estamos nos abraçando.

— Oi, Liv — digo assim que nos separamos.

— É bom ver você.

— Como você está?

Sua feição mostra como ainda está abatida, embora Taylor esteja fora de perigo. Algo compreensível, tendo em vista a

confusão que sua vida se tornou em pouquíssimo tempo.

— Uma bagunça — admite ela. — Aliviada que Taylor logo vai receber alta, mas toda essa situação, a volta do Heitor...

— Eu imagino — digo quando não conclui.

— Meu irmão está uma bagunça muito pior. — A mão dela toca meu ombro, e os dedos apertam gentilmente. — Sabemos como Heitor afeta Taylor, e sabemos como ele faz questão de esconder isso. Converse com ele. Se tem alguém que pode fazê-lo se sentir melhor agora, esse alguém é você.

Faço um gesto de cabeça. Algo em mim se aquece ao pensar que sou capaz de ser a coisa boa nos dias ruins de Taylor, como ele é nos meus.

— Sabe que pode me chamar se precisar conversar, não é? — ofereço. — Eu sei que tem a Rachel, que são muito amigas, mas... Bom, apenas quero que saiba que estou aqui também. Não só pelo Taylor.

Seus lábios formam um pequeno sorriso, que vislumbro por poucos segundos antes que ela me abrace novamente, dessa vez mais apertado. O movimento faz Olívia notar a vasilha em minha mão, que até então passou despercebida.

— Uh... O que é isso?

Olho para minha mão, erguendo o recipiente coberto.

— Contrabando — respondo baixo.

Sua sobrancelha se ergue pelas minhas palavras, um brilho de diversão rondando seus olhos.

— É o que eu acho que é?

Anuo.

— Bolo de chocolate.

Liv sorri.

— Isso é perfeito! Taylor está um porre hoje.

Faço um gesto banal com a mão.

— Estou acostumada com a personalidade do bronco, esqueceu? — digo revirando os olhos. — Pensei que fosse fazê-lo feliz, então pedi ajuda a uma das enfermeiras.

Seu sorriso se torna mais doce.

— Ele vai amar, Amber. — Olívia se afasta alguns passos. — Vejo você depois?

— Com certeza. Talvez um passeio no shopping tenha o mesmo efeito em você que um bolo de três camadas para o seu irmão.

— Possivelmente — ela admite, rindo. — Obrigada por isso.

Olívia some no corredor enquanto abro a porta, adentrando o quarto de hospital. Assim que os olhos de Taylor caem sobre mim, as reentrâncias marcadas em sua testa somem pouco a pouco, conforme um sorriso curva seus lábios.

Ele mal me espera chegar à ponta da cama para puxar minha cintura com a mão livre do gesso, inclinando meu corpo para conseguir alcançar a minha boca. Seu beijo me faz suspirar, buscando abrigo. Apoio os quadris na cama, sentando-me na beirada e seguro sua nuca, retribuindo.

— Você está mais doce que o normal — murmura, ainda de olhos fechados quando nos separamos.

Eu rio.

— Ah, é?

— Hm-hum. — Ele geme, aumentando a pressão nos dedos que envolvem os cabelos da minha nuca, tentando me trazer para

perto outra vez. — Volta aqui, Thompson.

— Estou doce pela cobertura — explico, sem ceder. Taylor suspira, abrindo os olhos bem a tempo de me ver retirando a tampa da vasilha. — Fiz bolo de chocolate para você.

Seus olhos se suavizam e depois tremeluzem.

Então ele exala, fazendo uma negação surpresa.

— Você é mesmo maravilhosa... Obrigado por isso.

Taylor pega um pedaço com as próprias mãos, e o come sem a menor cerimônia. Observo suas pálpebras cerrarem quando ele inclina a cabeça para trás, e geme baixo pelo sabor. O sorriso largo que toma seus lábios ao finalizar a primeira mordida faz todas as horas que passei na cozinha valerem a pena.

— Amo esse seu sorriso. — A frase me escapa.

Ele congela a caminho de outra mordida, trazendo os olhos para os meus. De repente, está sério, observando-me com atenção.

— Você ama, é?

Pisco, tentando não ser pega no meu embaraço. Até chego a abrir os lábios, mas os fecho, incapaz de admitir qualquer coisa com ele me fitando dessa forma esotérica. Não nesse idioma ao menos, ainda estou agarrando a única corda de proteção que me restou, confessando meus sentimentos apenas em francês.

— Ah... hum... — Engulo, tímida. — Termina de comer. Temos que aproveitar o turno da enfermeira boazinha, esqueceu?

Seus olhos permanecem nos meus, enigmáticos e compenetrados por quase um minuto. Ou talvez, o tempo tenha desacelerado nos meus segundos de constrangimento. Quando ele enfim volta a comer, eu aperto os lábios, confusa com o fato de como ele parece tão... decepcionado?

Taylor continua com mordidas generosas, esbaldando-se em seu pedaço generoso de massa e cobertura. Sempre suspirando baixo, como se a receita lhe fosse uma novidade. Meus olhos caem para os lábios dele no momento em que os lambe, retirando os resquícios de cobertura. Quando faz o mesmo com os dedos, eu mordo a boca, lembrando do que já fez comigo.

— Está me olhando com sua carinha safada, Thompson...

Enrubesço, mas não o desminto.

Ao contrário, acho que gemo baixinho.

Eu estou mesmo.

— Você faz uns sons... quando come... meu bolo...

Taylor ri com gosto.

— Não só seu bolo... — Pisca, engolindo o último pedaço. — Seu bolo ainda é a segunda coisa mais gostosa que esteve na minha boca, Thompson. O que me faz imaginar, como você ficaria com essa cobertura deliciosa.

Pelo tom grave e a forma com que seus olhos escuros percorrem meu corpo como se tirasse peça por peça e recordasse como eu sou nua, as palavras de Taylor soam como uma promessa.

Uma que me faz arquejar, ansiosa por isso.

Quando finalmente tirar o gesso e o tronco não doer tanto, quero prender esse homem no nosso quarto. Taylor me faz sentir confiante nos momentos em que me olha dessa forma, então ele não precisa fazer nada além de me deixar por cima e sussurrar esse tipo de coisa no meu ouvido. Com os lábios nos meus, ele consegue apagar tudo ao redor, mantendo apenas um céu estrelado a ser conquistado.

— Quando estiver bom — eu começo —, quero tentar algumas coisas também.

Seus olhos me analisam com interesse.

— O que eu tenho que fazer para você me colocar em uma cadeira de rodas e me empurrar para casa? — propõe, sem hesitar. — Eu deixo você me usar.

Sorrio, acariciando seus cabelos.

Amo olhá-lo apertando a cabeça contra os travesseiros, perdido em prazer, chamando meu nome naquela voz rouca. Taylor não sabe, mas estou treinando especificamente os músculos da pelve agora com um curso online na internet. Já tenho facilidade pelos anos de balé, mas quis aperfeiçoar depois de entender como podia afetá-lo. Além disso, é divertido até mesmo quando estou sozinha.

— Vou me lembrar disso.

A atmosfera muda pouco a pouco.

O bolo acabou e as insinuações não são o bastante para manter o clima leve. Sei que Heitor conversou com ele, a dúvida é se mencionou que iria ao meu apartamento logo em seguida. Imagino que não, caso contrário, Taylor já teria tocado no assunto por preocupação ou por curiosidade, certo? De toda forma, por mais desagradável que seja trazer o assunto à tona, temos que falar sobre isso.

— Como você está? — indago, receosa.

— Ótimo. Pronto para voltar para casa.

A forma como me olha, entrega que também percebeu a mudança na conversa. Mas como esperado, Taylor decidiu ignorar.

Sento mais confortavelmente, e seguro a mão dele. Mesmo com a palma ampla, capaz de envolver com folga a minha, eu sei quem tem que confortar quem nesse momento.

— Me refiro ao Heitor.

Taylor me encara, quieto.

— Ele foi até o apartamento hoje, contar o que aconteceu desde a fuga do Haras na Itália com Annalise. — Por algum motivo, ele não parece tão surpreso quanto eu esperava que ele estivesse. — Disse que conversou com você ontem, depois que eu saí.

— É difícil assimilar tudo o que ele disse em tão pouco tempo. Heitor jogou uma bomba no meu colo, e eu ainda estou... processando. — Ele admite. — Mas é bizarro, não é? Seu tio perdido ser o mesmo cara que me abandonou no orfanato.

Então Heitor o contou.

Aperto nossos dedos enlaçados.

— Quando me contou sobre ele, jamais pensei que fossem a mesma pessoa — digo em concordância. — Sabe, milhões de pessoas têm o mesmo nome. Fora que Heitor nunca foi uma peça presente para mim. Não desconfiei disso nem por um segundo.

— Eu também não. — Seus olhos me analisam. — Depois de conversar comigo, Heitor disse que planejava ver você, mas não imaginei que o fosse fazer tão rápido. Pensei que nos veríamos antes, por isso não mencionei a visita. Aliás, estava determinado a mantê-lo afastado, só aceitei recebê-lo por sua causa.

Embora coloque o crédito em meus ombros, algo dentro de mim desconfia que Taylor acabaria cedendo de uma forma ou de outra. Ele pode ser amargo, como gosta de ressaltar, mas há sentimentos mais fortes que a mágoa. A saudade é um deles.

— Com certeza, mamãe e eu fomos pegas de surpresa. Meus avós nunca falam muito dele e, bom, meu pai faleceu sem saber a verdade. — Exalo, refletindo. — Basicamente, ele fugiu da Itália por amor. Veio para a América, casou-se com Annalise e no fim, acabou em Temecula, encontrando você.

Nossos olhos permanecem unidos enquanto conto detalhadamente o que me disse e ouço logo em seguida, a explicação de Heitor para ter o abandonado. Os fatos não são novidade, não depois de Taylor me contar tudo o que sabia no cemitério e Heitor responder às várias perguntas da minha mãe, mas é bom juntar a história e amarrar todos os pontos dessa causalidade irônica que acabamos envolvidos.

— Então ele está em um avião agora? — Ele questiona.

— Imagino que sim. Mamãe ligou para minha tia Julie, para que possa estar por perto quando Heitor chegar, e para preparar meus avós. É uma grande notícia e não queremos uma fatalidade.

— Fizeram bem.

Penso que uma vez na vida, Heitor está tendo coragem. Tanto para ir a minha casa quanto para ficar nesse hospital e insistir até Taylor recebê-lo. Sem sombra de dúvidas, contudo, essa é a prova de fogo. Mal posso imaginar como deve estar nervoso em reencontrar os pais após décadas terem se passado.

— Como acha que seus avós vão recebê-lo?

— Acho que vão ficar muito confusos — respondo, pensando sobre isso. — Guardam mágoa por ele ter sumido do mapa e nunca ter dado uma notícia, com toda certeza. Afinal, conhecendo-os como os conheço, posso apostar que passaram noites em claro tentando encontrá-lo. — Dou de ombros. — Mas eles são os pais, quem

melhor do que eles para perdoá-lo? Ambos o amam incondicionalmente, e um laço como esse não se quebra nem mesmo após tantos anos. É o tipo de amor incondicional que perdura.

Taylor acena, quase sem mover a cabeça.

— E quanto a você, acha que vai perdoá-lo algum dia? — indago baixo, como se o tom da minha voz reduzisse também o significado das palavras.

— Essa é você — diz acariciando minha palma com o polegar. — Eu vou ficar remoendo isso por anos. A raiva que existe dentro de mim é grande demais.

— Você não é mais esse garoto. Pode ter dificuldades em perdoar, mas não é rancoroso como antes. — Pauso, hesitando apenas por um segundo. — Acho que só está assustado... Em especial, com as defesas que tem aberto em relação a Jason. E no meio de tudo isso, ainda há Heitor para lidar.

Suas sobrancelhas se franzem, formando um vinco entre elas.

— Por que acha que estou amolecendo com Jason?

— Não acho que está amolecendo, acho que está *amadurecendo* — ressalto suavemente. — Perdoar nem sempre tem a ver com esquecer, Taylor. A deixar as coisas voltarem a ser exatamente como eram antes. Mas com seguir em frente, sem ter um peso morto de ressentimento te puxando para trás.

Taylor engole com dificuldade, a expressão consternada. Pode negar o quanto quiser, mas basta olhar para ele para notar como está mexido.

Com a mandíbula cerrada, seus olhos se fixam nos meus.

— Como posso perdoar algo que ainda me fere? — pergunta tão baixo que seu medo e vulnerabilidade me atingem até os ossos.

Sinto necessidade de me aproximar mais.

— Está falando do Jason?

— Não, eu... — Ele toma uma respiração profunda. — Jason me machucou, não vou esquecer o que ele fez. Mas estou me referindo ao Heitor. Mesmo sabendo que teve seus motivos... Eu ainda queria que tivesse voltado ao St. Joseph's, Amber. Ao menos para contar que havia desistido, entende? A dúvida se ele entraria por aquela porta dia após dia... — Move a cabeça em negação. — Merda.

Eu queria poder arrancar isso dele.

Ou dividir essa dor, se fosse possível.

— Eu não sei. — Sou sincera, respondendo a primeira pergunta. — Talvez, não seja possível se você não superar a ferida primeiro.

— E essa é a parte impossível — diz com pesar, me encarando.

— *Difícil* — argumento, como uma correção.

— E quanto a você? Vai perdoar o Heitor?

— Estive pensando sobre isso — admito, subindo meu toque pelo braço bom dele e sentindo os músculos rígidos abaixo da pele macia. — A verdade é que, se tenho algo para me ressentir, é o fato dele ter magoado você. Ele nunca me causou mal ou felicidade, nunca esteve presente, então não há como suas ações terem me machucado.

Taylor interrompe meu toque, o corpo rígido.

— Não quero que se ressinta dele por minha causa. — O tom e a expressão em seu rosto agora entregam como ele parece insatisfeito ao considerar isso. Até mesmo culpado. — Não quero que comece a guardar sentimentos ruins por minha causa. Eu não me perdoaria.

Volto a mover minhas mãos, e dessa vez, apoio ambas em seus ombros por um instante, antes de deslizar os dedos e envolver sua nuca, abrindo um sorriso.

— É inevitável, já que eu me importo com você — explico com um sorriso pequeno. — Acho que se tem alguma chance de você superar o que aconteceu, no entanto, deveria trabalhar isso. Disse que fez terapia antes, mas acho que seria uma boa ideia tentar outra vez, caso se sinta confortável. Tenho planos de começar também. Ao que tudo indica minha mania de organização e autocobrança podem ser algo mais profundo, algum transtorno compulsivo ou algo assim. Quero ficar bem, e quero que você fique bem também. Talvez... Talvez, possamos fazer isso juntos.

Surpreendentemente, Taylor sorri.

— Isso parece ótimo.

— Mesmo?

— Sim. Quero tentar resolver os traumas que ainda tenho, sobretudo sobre a minha infância. — Após uma pausa, ele continua. — E... bom, sobre o sexo também.

É claro para mim o incômodo que ele sente por não conseguir dar cem por cento dele nesse aspecto, embora eu esteja mais do que contente em ter todos os pedaços quebrados de Taylor, e sonhe em vê-los tão juntos um dia que vão parecer inteiros outra vez.

— Quero acreditar que consigo, mas não tenho certeza se minha alma amarga é passível de conserto. — Ele continua quando eu não digo nada.

Abro um sorriso otimista.

— Acho que você só precisa ter um pouco de fé.

Sua expressão se distorce em uma careta.

— Eu não teria esperanças quanto a isso.

Toco o rosto dele, obrigando seus olhos a se fixarem nos meus. Ele está tão cansado e triste com os últimos dias... Taylor sempre diz que sou transparente, mas agora é ele quem é um livro aberto. Escancarado e ferido, implorando por alívio. Como ainda não percebe o que esses sentimentos ruins causam a ele?

— Só estou dizendo que ele é um homem velho. — Eu insisto, mesmo que Heitor não mereça nada de mim. — Você pode passar a vida odiando-o, preencher outros dez, onze... quinze anos de rancor e mágoa pelo que aconteceu. Mas talvez ele não tenha todo esse tempo, Taylor. Então, quando você se der conta de que o perdoou, Heitor pode não estar mais aqui.

Seus olhos esmorecem. Pela expressão, desconfio que nos segundos em que me ouve ele mal consegue respirar. Como se, mesmo debatendo avidamente o assunto, Taylor não houvesse se dado conta disso.

Ele tem um inimigo maior agora, o tempo.

— Tudo bem, chega disso. — Taylor limpa a garganta. — Chega de me analisar, Thompson. Achei que cursava medicina, não psicologia.

Sequer isso, em breve.

— Como *você* está? — questiona, mudando de assunto antes que eu possa dizer algo sobre isso.

— Praticamente curada, com um buraco recém fechado no estômago — eu respondo. — Sigo uma dieta restrita que ainda vai durar algum tempo, mas não tenho do que reclamar.

— Isso me deixa mais tranquilo.

— Tive uma conversa franca com a minha mãe. Você estava certo todo esse tempo, realmente sou viciada em autocobrança. — Encolho os ombros. — Cursar medicina foi uma escolha baseada em ficar perto do meu pai, não é algo que me faz feliz.

Vejo uma sombra cruzar seus olhos.

— Isso quer dizer que você vai sair de Stanford?

— Ou procurar algum novo curso — respondo. Vim para a California, apenas porque foi a universidade em que papai se formou, agora eu poderia voltar para França e me matricular onde May está. Seria perfeito, se meu coração não estivesse aqui em Palo Alto, com Taylor. — Tenho muitas opções certo?

— Isso é ótimo! — diz com um sorriso. — Quero que você fique bem. Fisicamente e emocionalmente.

— Quero o mesmo para você.

O sorriso dele desaparece no segundo seguinte.

— Mas eu não estou me sentindo bem. Nada bem, Thompson.

Deslizo os olhos por ele, preocupada. O braço engessado parece normal, e seu tronco ainda está coberto por toda aquela faixa branca. Será que está com dor?

— O que há de errado? — questiono, desistindo de tentar descobrir apenas pela inspeção. — Quer que eu chame alguém?

— Estou me sentindo muito... — Ele pausa, me olhando. — Muito carente e solitário. Não quero que chame ninguém, mas te quero mais perto.

Eu rio, dando um tapa no seu ombro.

— Você me assustou! — guincho.

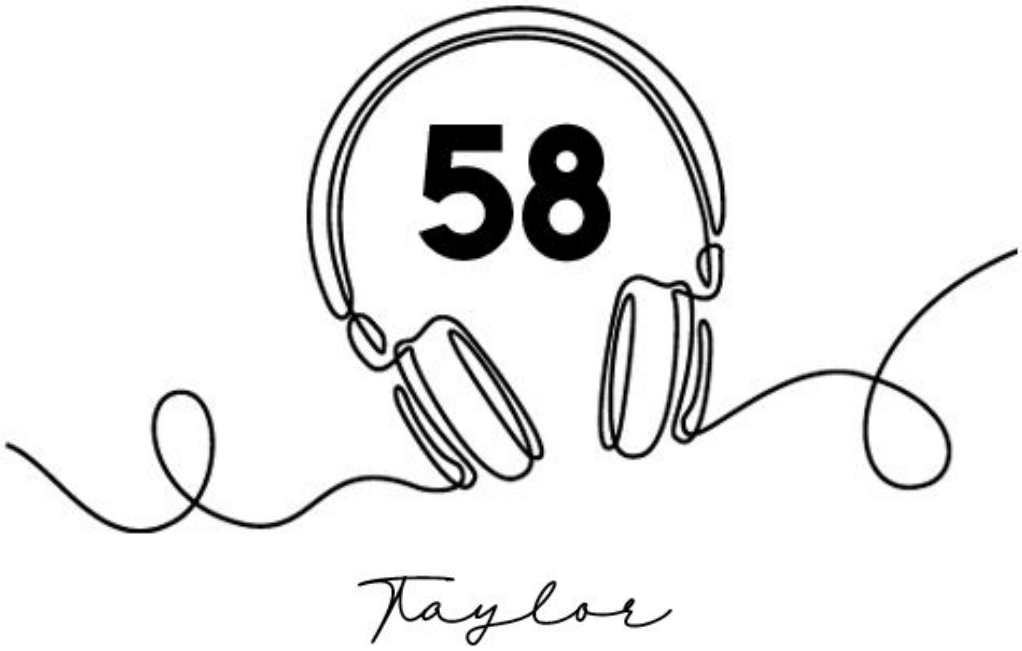
— Ei, não se esqueça de que sou um homem em recuperação — ressalta, fingindo dor. Ou com dor de verdade, posso ter pesado a mão. Opa! — Doente e solitário, que precisa de muito, muito carinho.

Abro um sorriso em resposta.

— Claro que sim... — zombo do seu charme e me aproximo mais. — Estou planejando te encher de beijos agora, como você merece. Mas antes quero voltar rapidinho ao assunto anterior. Não vou insistir, apenas quero dizer que vou estar aqui, independente da sua decisão. Sabe disso, não é?

Taylor assente, erguendo a mão boa para tocar a minha bochecha. Como se não bastasse o carinho em seus olhos, eu o sinto também na minha pele através dos seus dedos.

— Eu sei, amor.



DÉCIMA SEGUNDA SEMANA

Tento alongar os músculos, detestando a recomendação de permanecer em repouso. Faço careta ao pensar que mesmo tendo acontecido há duas semanas, ainda ficarei assim por vários dias. Enquanto não fizer um novo raio X e ser liberado, não posso voltar às minhas atividades.

Sempre fui muito ativo, ficar repousando durante todo o dia não combina comigo. Pior, sozinho grande parte do tempo. Amber voltou à rotina habitual, indo às aulas e passando boa parte do dia fora. Sua mãe retornou à França, sendo muito simpática comigo nos dias que precederam sua volta. Uma cortesia sutil, e até alguns sorrisos. A primeira vez que nos reencontramos, ela me abraçou emocionada e pediu que eu me referisse a ela como Bárbara e não Sra. Fontaine.

Desconfiado, interroguei Amber sobre a mudança de comportamento. Foi quando ela revelou que a mãe descobriu sobre Miranda na conversa que tiveram com Heitor. Fiquei enternecido ao descobrir que Bárbara também havia perdido a mãe de forma violenta e também muito jovem.

Inevitavelmente, esse tipo de dor agora nos liga de alguma forma. Isso e o sentimento profundo que ambos temos por Amber.

Liv também está de volta à rotina, o que lhe deixa pouco tempo livre disponível. Heitor é único ocioso, infelizmente. Apesar de ele ainda estar na Itália, resolvendo-se com sua família, ainda insiste em ligar todos os dias. Por mais que eu me esforce e debata o assunto internamente, ainda não estou pronto para encará-lo outra vez.

Sem muitas opções e afastado temporariamente do estágio na Off-Broadway, passei a trabalhar em algo para enviar ao Sr. Bellard. Depois de tentar algumas vezes algo original sem sucesso, recorri às adaptações, tentando uma releitura inovadora. Como *Romeu e Julieta*, onde o protagonista não fica com Julieta no final por estar apaixonado por outra garota. Parece familiar? Ainda não contei a Amber, mas ao ouvir a ideia, tenho certeza que vai se lembrar.

O tédio é o menor dos meus problemas, no entanto. Há algumas horas recebi outra mensagem de Yasmin:

"*Sei que não quer me ver. Provavelmente ainda sente nojo do meu nome, mas eu preciso de você. Por favor, me liga. Não tenho mais com quem conversar, Ty.*"

Ao que parece, não é algo passageiro.

Ela está determinada.

Suspiro, fechando o notebook com frustração. Não vou cometer o mesmo erro e esconder de Amber, mas não queria ter que lidar com isso agora. Já basta ter meu pedido de namoro arruinado.

Taylor: *Oi. Já está chegando em casa?*

Envio essa mensagem a Amber e, sabendo que provavelmente não responderá de imediato, inicio uma conversa com minha irmã, notando que está online.

Taylor: *Isso foi um recorde? É o primeiro dia que não vem me ver.*

Espero, sorrindo.

Liv: *Eu sei, desculpe. Estou tão cansada que não quis sair nem para jantar. Fiz Greg pedir comida.*

Foi uma brincadeira, é claro. Minha irmã sabe que estou satisfeito em vê-la de volta à rotina. Liv estava abatida demais com tudo que estava acontecendo, tanto que Greg e eu até conversamos sobre isso ante a nossa preocupação por ela. Voltar à normalidade fará bem a Olívia.

Taylor: *Está tudo bem?*

Liv: *Está, foi apenas um dia ruim no hospital. Um paciente morreu. Não era meu, estava apenas acompanhando*, mas é difícil.

Taylor: *Eu imagino. Sinto muito.*

Liv: *E você? Se recuperando bem?*

Taylor: *Sim, e sendo muito mimado. Se não fosse tão preocupada com a minha glicemia, Amber faria bolo de chocolate todos os dias.*

A resposta não demora a vir.

Liv: *Ela foi a melhor coisa que te aconteceu.*

Um sorriso curva meus lábios.

Não há dúvidas quanto a isso.

Liv: *Nesse ritmo, vão se casar antes de Greg e eu. Isso claro, se fizer a droga desse pedido de namoro logo. Por que tão lento, irmãozinho?*

Rolo os olhos.

Taylor: *Estou tentando fazer as coisas direito dessa vez. Ter pressa não ajudou no meu relacionamento passado.*

Liv: *Isso porque sua ex era uma vadia! Amber não é.*

Taylor: *Quero pensar em algo especial, Olívia. Minha última tentativa não poderia ter sido mais frustrada.*

Hesito um segundo, deliberando se devo mencionar a mensagem.

Taylor: *Yas enviou outra mensagem hoje.*

Liv: (*Emoji de carinha vomitando).*

Liv: *Não chama essa cobra assim!*

Taylor: *É costume. Passei muito tempo me referindo a ela pelo apelido.*

Liv: *CARINHOSAMENTE. Espero que não diga isso na frente de Amber, pelo amor de Deus! Odeio rivalidade feminina, mas assim você força a barra.*

Tento me recordar com culpa se, por descuido, já me referi a Yasmin dessa forma durante uma conversa com Amber. Infelizmente, as probabilidades são altas.

Não que isso signifique alguma coisa. Yasmin é alguém que não faz parte da minha vida. Não mais. E não há nada que ela possa fazer para mudar isso.

Taylor: *De toda forma, eu não respondi. Ignorei assim como fiz com todas as tentativas anteriores dela.*

Liv: *Parabéns por fazer o mínimo.*

Rio.

Taylor: *Nossa, obrigado!*

Liv: *Sinceramente, se eu fosse você, já teria bloqueado o número dela.*

Taylor: *Tem razão.*

Volto ao contato de Yasmin e bloqueio o número, fazendo o mesmo com o Instagram. Solto um suspiro de alívio, questionando porque diabos não fiz isso antes, teria evitado toda uma situação que fez Amber se sentir mal.

Espero que esse seja de fato um ponto final.

Antes de abandonar o celular, vejo a resposta da minha garota pela barra de notificação:

Matraca: *Já saí da faculdade, estou parada em um sinal, a alguns minutos do nosso apartamento. Até daqui a pouco, beijos!*

Ela está mantendo sua rotina com o auxílio do Uber, uma vez que o conserto do carro era inviável, orçando mais de três quartos do valor de tabela. Sendo assim, a seguradora irá pagar o devido valor e a compra de outro Audi será feita assim que liberarem o dinheiro. Sua mãe insistiu em dar entrada em outro automóvel antes disso, mas com o fim das aulas, Amber preferiu esperar. Até porque os últimos dias e provas finais serão cumpridos apenas por orgulho, o encerramento de um ciclo. Não nego que, apesar de apoiá-la, estou receoso com o que está por vir.

Ainda com o Instagram aberto, entro no perfil de Amber apenas para admirar as duas novas fotos que ela postou. Agora eu

também faço parte do mural dela, e a legenda consta com um coração branco simples, que de alguma forma ainda diz muita coisa.

Lembrando da típica legenda que ela costuma escrever, abro uma foto bonita em que ela está com a mãe e leio novamente a descrição. *Je t'aime*. Amber me disse isso, e disse mais de uma vez. No entanto, apesar de ter uma boquinha sem freio, minha tagarela não deixou escapar até hoje o que isso significa.

Eu poderia esperá-la traduzir, assim como fiz com as várias temporadas daquela série terrível que me fez acompanhar, mas o tédio me faz abrir a barra de pesquisar e digitar o texto, acionando o comando para traduzir.

As palavras que surgem na tela giram todo o meu mundo.

Mesmo deitado, com as costas apoiadas contra a cama, eu sinto que poderia cair. Sinto como se toda grama de oxigênio tivesse deixado a porra do quarto ao fitar aquelas três pequenas palavras.

"Eu te amo"

Puta merda!

Puta merda, Thompson!

Estava dizendo a todo esse tempo que me amava?

Solto o ar, abrindo um sorriso largo em seguida. Isso quer dizer que se eu tivesse mesmo conseguido fazer o pedido, ela teria dito sim, certo? Estaria namorando comigo agora, e eu não teria apontada pungente de medo de que algo ainda pode nos separar.

Sou arrancado dos devaneios ao ouvir o ruído das trancas quando a porta é aberta. Toff faz a minha vontade, correndo em direção a Amber, quase derrapando no piso de madeira pela animação de encontrá-la.

Ela me ama.

Ela disse que ama, porra!

— Oi, meu amor. — Ouço-a dizer, ainda que não possa vê-la. Ela parou na sala, a alguns passos do quarto. — Vou te levar amanhã ao parque, tá bom? Sei que precisa passear um pouco.

Suspiro, enciumado.

Eu preciso passear um pouco.

Eu deveria ser chamado de *meu amor*.

Consigo me sentir pior agora, além de atravancado a cama, estou com ciúmes de um animal. Um cachorro que também amo e é meu.

Mais alguns passos e, então, minha saudade aparece. Parecendo mais bonita do que quando saiu pela manhã, quando fez um café horroso de tão forte e trouxe para mim com um beijo de bom-dia.

— Oi... — Amber abre um sorriso.

Faltou o amor, Thompson...

Sentindo o coração bater forte, eu respondo:

— Oi, amor.

Observo seu rosto exposto pelo cabelo, que está preso em um coque, enquanto ela se despe a alguns metros de mim. Amber retira a jaqueta e o par de tênis coloridos, e então rebola para deslizar a calça justa pelas pernas.

Exalo, enfeitiçado.

Depois do desgosto de estar impotente, inferno, essa é a pior parte do acidente. Tenho aviso médico de que estou proibido de me esforçar, e isso inclui qualquer exercício físico. Inclusive o que eu faço em cima de Amber, com nossa pele suada e se roçando. Faz

dias que eu não a toco dessa forma, até minha mão ferrada com gesso está formigando para ter um gostinho dela.

Agora que eu sei que ela disse que me ama, tudo o que quero e fazer amor com ela, nessa mesma cama em que se entregou pra mim pela primeira vez. Depois quero dizer que sinto o mesmo, quero me declarar ainda dentro dela que não há nenhuma parte de mim que não está de joelhos por ela.

Ao terminar com o jeans, Amber passa os dedos pelo elástico lateral da calcinha, acertando o tecido em sua pele com um estalo. Claro, para piorar a minha situação hoje tinha que ser uma tão pequena e adulta.

Cadê a rosa de lacinhos, amor?

— Thompson... — digo chateado. — Não me torture.

Grandes olhos castanhos se erguem para os meus em surpresa.

— Não estou fazendo nada.

— Não, né? Só usando esse trapo de calcinha.

Amber ri, mordendo o lábio em seguida.

— Gostou dessa?

— É fina o bastante para rasgar. — Aponto enrouquecido, lançando um olhar rápido para a renda novamente. — O que você acha?

— Acho que preciso de um banho.

Apesar de ofegante, sei que não está tentando ser provocativa, até porque ela parece realmente cansada pelo longo dia. Mas consigo enxergar o brilho em seu olhar, o desejo sutil que torna seus olhos mais escuros. Se eu estivesse bem, a pegaria no

colo e levaria para o chuveiro. Ainda não tive chance de mostrá-la como pode ser gostoso assim.

Engulo com frustração.

— O que foi? — Amber pergunta, avançando.

Vai me torturar de perto agora.

— Não posso ir até você e jogá-la nessa cama sem sentir que estou levando uma facada — reclamo com um bufado. — Embora seja a única coisa que quero fazer nesse momento.

Com um sorriso tranquilo, ela rompe a distância e sobe na cama, engatinhando para o meu colo com cuidado. Amber se ampara nos braços, apenas de camiseta e calcinha, procurando minha boca para um beijo.

Ergo a mão boa para agarrar sua nuca e aprofundar o contato. Um dia e já sinto uma saudade absurda dos seus lábios, da forma como ofega baixinho e como se move, como me traz para mais perto e me permite devorá-la como eu bem quiser. E essas reboladas gostosas que ela dá agora? Nada tímida ao esfregar a boceta molhada em mim, incitando-me a arrancar suas roupas e beijá-la em outro local que adoro.

— Amber... — reclamo quando se afasta, cedo demais.

Suas mãos se apoiam em meus ombros e, ainda de olhos fechados, ela solta um gemido baixo contra a minha boca. Como se eu já não estivesse duro por debaixo do moletom, Amber dá uma última rebolada e abre os olhos. Porra, ela me lança *aquele* olhar. Aquele necessitado que me pede em silêncio para ocupar meu lugar dentro dela!

Fazer amor é igualmente prazeroso quanto pegá-la com força, mas com a saudade que estou do corpo dela, preciso de uma

noite inteira fodendo minha garota antes de conseguir ir devagar.

— Certo, agora eu preciso mesmo de um banho. — Amber arqueja; a pele arrepiando quando percorro com a mão boa sua coxa. — Um bem frio.

Meu sorriso é inevitável.

— O universo está zombando de você.

Seus olhos se afiam, inquisitivos.

— Faz ideia de quantos banhos frios eu tomei por sua causa? — Eu continuo. — O que foi muita maldade porque eu amo um banho quente, você sabe. Bati tanta punheta que me senti de volta a adolescência.

Ela aperta os lábios, mas a risada escapa mesmo assim. Divertida, seus olhos continuam nos meus por cada segundo que suas bochechas levam para corar, representando toda timidez que, apesar de tudo, ainda mora dentro dela. Sempre vai morar.

Subo os dedos pela pele macia, atingindo o quadril e a lateral delicada da calcinha. Com a respiração engatada, Amber olha para baixo, para onde meus dedos estão apertando, assistindo e talvez também pensando como seria se eu a rasgasse.

Porra, que tesão!

Foram muitos dias bem acostumado com seus gemidos ofegantes e apertões gostosos no meu pau.

— Não era proposital. — Ela se justifica.

— Mesmo assim. Eu deveria andar pelado — argumento, sério. — Seria uma boa vingança, não é?

Amber se afasta, o bastante para se sentar sem precisar de apoio e poder escorregar as próprias palmas pelo corpo. De pescoço delgado até o vale entre os seios e a barriga. Quando ela

aperta os peitos cheios, que eu tanto adoro, e ainda lambe os lábios, sorrindo em seguida, meu pau lateja, exigindo atenção.

— Ou eu posso resolver a situação sozinha. — Agora ela provoca, piscando lentamente. — Eu fiz isso muito bem antes de você aparecer.

Jogo a cabeça para trás, gemendo ao imaginar.

— Ainda tenho uma mão boa, posso ajudar— proponho sem pudor. — Mas não seria nada mal assistir você.

— Conseguiria ficar só olhando?

Cerro os dentes de vontade.

— Não. Provavelmente não — grunho em resposta. — O que acha de sentar em mim e fazer todo trabalho? Rebolar desse jeito gostoso enquanto me beija bem de perto e me aperta com essa boceta gostosa. Te recompenso quando melhorar. Prometo.

O suspiro enleado dela preenche o quarto.

E soa como um choramingo.

— Ai, como eu queria...

— Então me usa.

— Sabe que não posso — resmunga.

— O que você não pode é negar um pedido de uma acamado.

Amber faz beicinho.

— Posso sim, quando eu sei que ele vai piorar.

Estou fazendo tanto esforço respiratório pela minha indignação quanto faria dentro dela, matando a saudade do paraíso.

— Mas posso fazer outra coisa... — Ela continua em um tom bem mais baixo que antes. Pela forma com que desviou os olhos um segundo, vai dizer algo safado.

— Me deixar tocá-la? — Indago, esperançoso.

Sua cabeça se move.

Por um segundo, eu fico triste.

— Tocar você. — Amber apoia as mãos no meu peito, sem colocar pressão. — Nós poderíamos tentar... sabe, aquela coisa... de novas posições...

A sugestão é apenas um murmúrio. Se não estivéssemos tão próximos e em silêncio, duvido que teria escutado.

Umedeço os lábios, digerindo a proposta. Amber confiou em mim a ponto de permitir que eu fosse o primeiro homem a amá-la, a quem mais eu poderia confiar e tentar superar esse trauma? Ainda mais depois dela ter dito que me ama? Se Toff não tivesse saído à procura de sua tigela de comida na cozinha, ele teria latido em concordância.

Se posso superar esse trauma, é com ela.

Ninguém me faz sentir tão confortável.

— Ou não, eu só...

Toco seu rosto quando hesita.

— Não sei se consigo — começo, e ela assente, pronta para deixar o tópico de lado. Sua complacência em abandonar assuntos que me ferem, me faz amá-la ainda mais. — Mas podemos tentar.

Amber não disfarça a surpresa. Não que fosse ter sucesso com os olhos esbugalhados como estão. Sendo sincero, eu também não esperava ceder tão rápido, mas preciso começar a trabalhar isso, certo? Ela tem certa razão ao dizer que os traumas e rancores que carrego não me fazem bem. O problema é que ainda não sei o que fazer com eles.

— Tem certeza? — confirma.

— Sim, se você quiser também.

— Quero, eu... — Ela pisca, atônita. — Vamos fazer aquela coisa de cabeça para baixo?

Sorrio, sentindo parte da minha tensão dissipar. Apenas Amber se referiria à prática de 69 dessa forma.

Penso que pode dar certo, tenho que instruí-la, e isso pode fazer com que eu me distraia. Além disso, sei que Amber fica muito mais confortável quando sabe o que precisa fazer do que sem nenhuma orientação.

— Adoraria ter você sentando na minha cara.

Amber arfa, enrubescendo.

Eu abro um sorriso satisfeito.

— Acho que prefiro só fazer... — Decide por fim.

— Uma pena... — Minha voz sai rouca, cheia de vontade. — Estou com saudades de sentir suas coxas tensas contra minha cabeça, e de como fica inchada na ponta da minha língua. — Gemo sofrido. — E do seu gosto... É tão gostosa, amor.

Quase posso ver o arrepio percorrendo sua espinha conforme estremece deliciosamente em cima de mim. A lanugem em sua pele eriçada, os lábios entreabrindo pela respiração que se tornou áspera, difícil.

— Gosto muito quando faz isso — ela confessa. — Mas quero me concentrar, e não vou conseguir pensar direito com você me tocando assim. — Amber desliza os dedos magros pelo meu cabelo, me causando um suspiro. — Hoje é sobre você.

Está aí uma coisa com a qual eu não sou acostumado. Não antes dela. Amber me dá a mesma sensação de cuidado que eu apenas ofereci durante toda a minha vida. Ela pode ser pequena em

relação a mim e muito mais frágil, mas a cada dia que passamos juntos nesse apartamento, ela se torna a minha fortaleza.

— Mas posso ficar de costas. — Ela continua quando eu não digo nada.

— Se ficar empinada pra mim, vou acabar cedendo — admito, ciente de que seria muita tentação. — Não vou resistir em tocar você.

— Mas se eu ficar de outro jeito, você vai enxergar meu rosto.

Entendo porque disse isso. A visão de uma mulher de joelhos, que excita tantos homens, apenas me traz pesadelos. Recordando-me da cena terrível que meu cérebro insiste em se lembrar. Mas eu preciso olhar para ela, preciso estar atento a suas reações, porque essa noite até pode ser sobre mim, mas ainda é uma nova experiência para Amber.

— Quero te olhar... — Deslizo o polegar pela pele quente e rósea de suas bochechas. — Você nunca fez isso antes, e provavelmente vai sentir dificuldade com o meu tamanho.

Ela aquiesce, deslizando as unhas, agora medianas, pelo meu abdômen. Os músculos abaixo da pele se retraem, repuxando de desejo conforme se aproxima da virilha. Sibilo quando fecha as mãos nas laterais da calça, enfiando um dedo por baixo, como uma promessa do que estava por vir.

— Alguma dica?

Sorrio, mesmo nervoso.

Amber é uma coisinha fofa.

Deslizo preguiçosamente os olhos por ela.

E gostosa. Gostosa pra caralho! Adorei mesmo esse trapo de calcinha mal cobrindo a boceta e enterrado entre as bandas durinhas da bunda dela.

— Comece como se fosse apenas me tocar com as mãos. Quando se sentir confortável, coloque a boca — eu digo, após uma respiração profunda. — Não use os dentes, nem tente engolir tudo de uma vez. Lamba primeiro, e tome o seu tempo. Não te quero desconfortável.

Ela se inclina para me beijar.

É apenas um beijo casto e rápido, mas me faz querer mais.

— Também não te quero desconfortável — murmura contra a minha boca. — Melhora saber que estou animada e provavelmente vou me divertir muito? Se você sentir um pouquinho do que sinto quando você usa a boca em mim, vou ficar feliz em te fazer agarrar uma estrela.

Tenta um *eu te amo*, Matraca.

No meu idioma.

Não em francês só porque sabe que eu não entendo.

— Melhora — eu admito, sorrindo. — Saber que quer tanto me agradar, deixa tudo melhor.

— Que bom...

Trago-a para um beijo, profundo dessa vez. Suspiro sentindo seu gosto, e deslizo as mãos pelo corpo dela, enfiando as mãos por baixo da camiseta para encontrar os seios túmidos com a minha palma. Gemendo, ela volta a rebolar em cima de mim, fazendo círculos com os quadris.

É Amber quem toma a iniciativa de se afastar, e começa a resvalar os lábios por mim, beijando levemente meu pescoço e

avançando. Ela toca meus mamilos com a língua, imaginando que provavelmente é igualmente prazeroso para mim, como é para ela.

Não poderia estar mais certa.

Solto um suspiro entredentes, desfazendo o elástico que prendia seu cabelo para apertar os fios contra o punho da minha mão. A maciez deles contra a minha palma e o cheiro fresco de pêssego, já que ela os lavou pela manhã, me deixa inebriado.

— Ah, Amber... — Ela choraminga ao escutar, mostrando que também gosta de me ouvir. — Você está me deixando louco, amor.

Seus lábios se curvam enquanto beija o meu abdômen. Timidamente, sua língua se projeta, perto do elástico da calça, explorando a região que precede a virilha. Grunho sentindo os músculos tremerem, o que se ressalta quando ela puxa o tecido para baixo, arrastando pelos meus quadris, e finalmente agarra minha ereção com a mão.

Ela desliza por toda extensão do meu membro até em cima, onde passa o polegar pela glande espalhando o líquido que se avolumou ali. Amber encara meu pau com seus grandes olhos castanhos e seus lábios se separam, como se não pudesse acreditar que realmente está me segurando. Ela desliza os dedos, subindo e descendo lentamente, ainda me medindo e pesando como se fosse a primeira vez.

Quando volta a me olhar, minha mandíbula aperta.

— Está tudo bem? — pergunta ao umedecer os lábios.

Puxo o ar entredentes, mal conseguindo articular uma resposta. Ela está de quatro, inclinada, me presenteando com uma bela visão. Sua bunda forma um coração nessa posição, aprofundando-se até a curva da sua cintura fina. O rosto é ainda

mais perturbador com o jeito como me olha, deixando transparecer o quanto quer fazer isso. E, puta merda, que boquinha linda ela tem! Sem contar a língua gostosa que amo tanto beijar.

Suspiro, excitado.

De repente, estou ansioso para senti-la fazendo meu pau de sorvete, lambendo com gosto de cima para baixo. Amber parece bem com isso, então a única coisa que preciso fazer é me concentrar e não estragar tudo.

Posso fazer isso.

— Porra, tudo.

Sinto sua boca macia em minha barriga outra vez. A ponta dos dedos explorando os pelos curtos no meu baixo ventre. São poucos, espaçados e ásperos, mas ela parece gostar da sensação.

— Posso começar? — sussurra pra mim.

Apenas movo a cabeça.

Tudo sobre suas mãos e expressão faz parecer que ela está atordoada e ansiosa por isso, até mesmo grata por me ver tentar, e porra, é tão sexy. E quando Amber pressiona os lábios na parte de baixo do meu pau, eu estou pronto para explodir.

Assisto sua boca se arrastar, sem conseguir mover os olhos dela enquanto me beija. Amber não está chupando ou lambendo, ela está beijando. Pequenos beijos, da minha base até a ponta, macios e quentes.

— Lambe pra mim, amor — eu me vejo pedindo. Me vejo querendo tentar.

Obediente, ela não fez mais do que lamber, começando a passar a língua macia por mim. Meus dedos escavam o lençol, e eu

assobio quando ela fez de novo, lutando para não mover a mão que a segura pelos cabelos.

O que faz em seguida é a minha ruína.

Tenho certeza de que essa cena nunca sairá da minha memória.

Com a ponta da língua, Amber percorre meu cumprimento, desde as bolas, passando pela base, até a cabeça do meu pau, onde traça um círculo ao redor da coroa. Uma lambida longa, instigante e um pouco desajeitada. Mas porra, tão perfeita, que eu quis que ela arrastasse a língua por mim outra vez.

E ela o fez.

Amber traçou a veia saltada do meu pau, tão sapeca e curiosa, que eu não resisti, cingi o punho ao redor dos seus fios com mais força, grunhindo quando minha santinha descarada gemeu gostoso, apreciando o aperto.

— Você está tão duro... — Ela suspira, experimentando fechar os lábios ao redor da glande e chupar. — Agora eu gosto que você seja grande assim.

Ao ir mais fundo, eu fecho os olhos por um momento, engolindo em seco. O prazer causado pelas lambidas e beijos desvanecendo conforme a coisa se torna real.

Concentre-se.

Só se concentre, porra!

— Você me deixa assim... — Consigo dizer. Deslizo a mão para o rosto dela, e gemo quando me engole pela primeira vez.

Mesmo tenso, é quase bom.

Ela chupa, descendo até o meio, tentando movimentar a mão em sincronia. Ainda estou um pouco receoso por sua inexperiência,

especialmente que use os dentes por acidente. Mas Amber faz algo muito pior.

Empolgada, ela tenta me engolir por inteiro, cobrir todo o meu cumprimento com a boca pequena. Como resultado, ela se engasga, começando a tossir alto com os olhos turvado pelas lágrimas.

A onda e enjoo me atinge como um trem.

Meus ouvidos começam a zumbir e minhas mãos vacilam. Estou trêmulo e consternado a afasto de mim pelos ombros, sem sentir um pingo de prazer, apenas terror amargo que comprime a minha garganta e me impede de respirar.

— E-eu... não d-dá... — gaguejo, tentando puxar um pouco de ar. Amber me encara assustada, com a respiração ofegante. Mas eu não consigo afastar os flashes daquele dia, que começam a estalar rápido em meus pensamentos. — Não dá... não dá...

Juro que se conseguisse me colocar de pé, teria saído correndo.

Provavelmente, não pararia até estar no parque, a quilômetros daqui.

Merda, achei que seria mais fácil!

Por um tempo, até foi. Mais do que fácil, foi quase gostoso. Mas ao vê-la engasgar, ao ouvir aquele som grotesco e como ela puxou o ar com desespero, como se eu a estivesse sufocando... Porra, não! Eu não consigo.

Puxo a calça para cima com dificuldade por usar apenas uma mão, cobrindo minha ereção que cedeu a essa altura, com o balde de água fria. Deslizo com cuidado para os travesseiros, deitando por

completo e cubro os olhos com o antebraço, lutando para fazer o ar entrar e sair dos meus pulmões.

— Taylor... — a voz dela surge, tão baixa quanto possível, após um longo tempo.

Descubro os olhos e encaro seu rosto atordoado, coberto pelo choro. Ergo minha mão e Amber a segura, apertando forte. Com um movimento, eu a trago para mim, sentindo uma leve dor nas costelas enquanto ela se aconchega.

Nada perto do sentimento excruciante que me consumiu no curto instante em que me senti como Kevin.

— Me perdoa?

Pisco, assombrado.

— O quê?

— Me perdoa — ela repete, fungando.

— Pelo quê?

— Por insistir... — Amber lamenta, os dedos tocando timidamente meu peito, aproveitando-se da região próxima ao pescoço onde a faixa não alcança minha pele. — Eu sinto tanto.

Puxo uma respiração profunda, aborrecido.

Agora sim, eu me sinto um filho da puta.

— Amber... — digo suavemente. — Não peça desculpas, você não me forçou a nada. Eu quis tentar, apenas...

— Shh, tudo bem. — Ela conforta quando minha voz vacila.

— Assistir você se engasgar... foi demais.

— Eu compreendo, mas precisa saber que não me machucou. — É claro que ela faz questão de dizer. O que essa garota não faz apenas para que eu me sinta melhor? — Eu me engasguei porque nunca fiz isso, e ainda sinto que não sei o que

estava fazendo. E, bom, você mesmo disse, você é... enorme. Achei que pudesse colocar tudo na boca, e tive vontade, mas não consegui. Não sendo inexperiente assim.

Sou um adulto racional, sei que a não a forcei a nada. Ela mesma propôs me fazer um boquete por um desejo que também é dela. No entanto, a situação é ruim o bastante apenas por como pareceu.

— Eu sei, mas não consigo ensinar você. — Pauso, engolindo com dificuldade. — Foi gostoso quando lambeu, mas depois... Eu senti mais dor do que prazer fazendo isso, Amber. Sinto muito por ser fodido assim. Realmente preciso de ajuda porque minha mente ainda repete aquele episódio infeliz.

Ela se ergue para me olhar. As sobrancelhas curvadas para baixo e olhos sentidos, mais claros pelo choro, são um acalento. Como eu posso não amá-la, se mesmo sem meus machucados nunca terem tocado nela, Amber padece pelo meu sofrimento? Ela sente cada uma das minhas cicatrizes, como se tivessem sidos marcadas a ferro em sua própria pele.

Mais, como se tivessem sido marcadas na sua alma.

No seu coração.

— Você não é fodido... — afirma firmemente. — Podemos tentar de novo outro dia, ou podemos simplesmente não tentar de novo se você não quiser. Não precisamos ter pressa, Taylor. Mas podemos superar os nossos traumas juntos, se você quiser.

Quase sorrio.

Eu amo você.

Amo tanto, Thompson.

— Pode fazer aquilo que faz com meu cabelo? — digo ao invés disso. Preciso pensar em um pedido de namoro à altura para essa garota, e então, quando finalmente for minha namorada, eu vou confessar que descobri o que *je t'aime* significa, e dizer que eu também a amo.

— Está me pedindo carinho, Holt? — inquere, tombando a cabeça de um jeito charmoso.

Meus lábios se curvam em um sorriso.

— Eu estou.

Mal sabe ela que quero pedir muito mais.

Com Thompson, eu quero tudo.

— Você é muito carente, sabia disso? — Ela afronta.

— Culpa sua, que me acostumou mal.

Amber ri, e volta a se deitar com o rosto erguido na minha direção enquanto acaricia meus cabelos, afastando as mechas rebeldes do meu rosto. Seu toque me acalma, e cada vez que desliza os dedos pelos fios, eu me perco um pouco mais dentro dos olhos dela.

Sem me conter, selo nossos lábios em um beijo, abrandando nossos corações e corpos machucados. O impacto da nossa queda foi duro, inclemente, mas jamais seria capaz de nos separar. Ainda estamos juntos, de mãos enlaçadas. O grande problema é que também estamos vulneráveis, e é exatamente em momentos como estes que ocorrem os piores ataques – quando estamos em pedaços.

Infelizmente, o ataque está vindo com botas negras, olhos verdes e um segredo pronto para colocar tudo em jogo. Um que não vai destruir um ou dois corações, mas despedaçar quatro.

Em pedaços

“Eu sei que prometi, amor
Gostaria de ser o único a tornar nossos sonhos realidade
Eu sou muito orgulhoso de todas as lutas
E os tempos difíceis que passamos
Quando esse mundo frio chegar entre nós
Por favor, me diga que você vai ter coragem”

(Lie to me – Bon Jovi)



DÉCIMA TERCEIRA SEMANA

Ando pelo Campus, satisfeito em finalmente estar de volta. A cicatrização completa levará de dois a três meses, mas depois da consulta essa manhã, estou liberado para retornar as atividades, salvo esforços extremos.

Pela primeira vez em mais de um ano, sinto como se fosse meu primeiro dia em Stanford de novo. Os grupos de alunos aglomerados, a atmosfera lúdica dos que repassam monólogos e tralhas sendo levadas de um lado para o outro para construção dos cenários.

Senti falta do teatro.

Ao chegar ao Marlowe, envio uma mensagem para Amber, antes que o meu tempo comece. Ela também está em aula agora, mas chegará mais cedo em casa hoje porque teve uma das práticas canceladas.

Taylor: *Advinha quem está oficialmente liberado?*

Seu ícone muda para online, surpreendendo-me.

Amber: *O cara mais gostoso que eu conheço?*

Meus lábios se curvam.

Taylor: *Se não estiver se referindo a mim, vamos ter um problema, Thompson.*

Aguardo.

Posso imaginá-la sorrindo agora.

Amber: *Estou feliz que recebeu o aval de liberdade. Está no Campus?*

Taylor: *Sim, no teatro. Mas só consigo pensar em chegar em casa. Espero que não tenha compromissos porque planejei monopolizar você na nossa cama a noite inteira.*

Ela digita e para.

Depois volta a digitar.

Tenho certeza que está corada agora, tão ansiosa quanto eu em dar fim a esse celibato forçado. Sobretudo após a tentativa de sexo oral, em que surtei deploravelmente.

Amber: *Vamos tentar uma nova posição hoje?*

Suspiro satisfeito.

Taylor: *Posso ser criativo. E sempre podemos recorrer a um livro, um bem mais interessante do que os que você estuda.*

Se ela não maliciou, eu a perverto e ensino em casa.

Mas a resposta da minha garota não me decepciona.

Amber: *Mal posso esperar.*

Bloqueio o aparelho quando a voz estridente da Sra. Grason, professora de dramaturgia, anuncia o início da aula. Fico imerso

pelos minutos seguintes, aliviado por também ter me acertado com o Sr. Bellard por e-mail, e programado meu retorno ao estágio.

Resumindo, meu dia está indo muito bem. Tanto que, ao fim da aula, avancei apressado pelos corredores, ansioso para chegar logo ao apartamento e terminar o dia dentro de Amber. De preferência, testando a resistência do box do banheiro.

Bastou pisar fora do teatro para tudo ruir, no entanto.

Assim que meus olhos encontraram aqueles orbes verdes, tão familiares, eu senti o aperto inconfundível tomar meu peito.

Estaco no lugar, como se meus pés estivessem grudados feito cera derretida. Enquanto estou atônito e imóvel, ela avança a passos sutis. Está com um casaco enorme e grosso, mesmo que o clima não esteja frio. Seu rosto ainda é como eu me lembro, incrivelmente bonito. Íris cintilantes, que também brilham pela emoção contida, maçãs rosadas pela maquiagem e lábios levemente trêmulos.

Por um segundo, experimento piscar, desconfiado de que seja apenas uma miragem. Quem sabe, um pesadelo. Mas cada pequeno avanço de seus pés, vestidos com botas longas e negras, destrói minha esperança.

Ao chegar perto o bastante para que eu possa notar o rastro fugaz de um sorriso no canto de seus lábios, eu engulo em seco, tendo certeza que é real.

Yasmin voltou, realmente está aqui.

— Oi, Ty... — Sua voz é a mesma das minhas memórias. Doce, aveludada, a mesma que tremeu levemente em nervosismo quando me conheceu. Aqui mesmo, na porra desse corredor.

Forço a saliva, que desce amarga.

A sensação é a de engolir um punhado de areia.

— O que está fazendo aqui?

Yasmin desvia o olhar, parecendo surpresa com meu tom ríspido. Bom, não deveria. Afinal o que ela estava esperando? Um abraço? Depois de ter dormido com meu melhor amigo e sumido do mapa?

— Eu... — Ela titubeia, abrindo e fechando os lábios. — Sei que apareci sem avisar, mas eu preciso conversar com você.

Solto uma risada sarcástica.

— Conversar? — inquiro retoricamente. — Essa merda só pode ser brincadeira. — Movo a cabeça com descrença, aborrecido. — Não tenho mais nada para falar com você, Yasmin. Sabe disso.

— Mas eu tenho, Ty.

— Para de me chamar assim! — Exaspero-me. As pessoas ao redor se sobressaltam, começando a cochichar e atrair mais atenção. — Você não deveria estar atrás do Jason?

Seus olhos se desviam, fitando os pés por um momento. Reparo nas fivelas da bota de salto baixo e os detalhes em couro. É o mesmo par que ela estava usando quando dormimos juntos no alojamento pela primeira vez.

Ao que parece, Yasmin veio vestida de lembranças.

— É sobre ele também — murmura vexada. — Eu... preciso de ajuda.

Passo os dedos pelo cabelo, recuando um passo.

— Quer saber, Jason vai adorar te ver de novo, eu sei que ele procurou muito por você. Mas eu não, eu não me importo com nada do que tenha para me dizer.

Seus lábios tremem violentamente, curvando-se. Cerro a mandíbula, incomodado. Eu conheço bem suas expressões, especialmente essa feição que sempre faz antes de chorar.

— Acha que eu não sei que você não quer me ver? Eu também não planejava voltar, Taylor. — Yasmin funga, a voz começando a soar embargada. — Você nunca me procurou. Isso foi uma dica clara de que não queria me ver novamente.

Ela não deveria parecer tão decepcionada.

— Eu não sabia onde você estava.

— Sabia. Sabia sim! — A voz dela se eleva um tom, antes de pausar, me desafiando. — Você sempre soube que a única família que tenho é uma tia em Minnesota, com certeza desconfiou que fui para lá. Se quisesse, você poderia ter me encontrado.

Realmente desconfiei. Yasmin não tem boa relação com a tia, mas é sua única família viva. Não me admira que Jason não saiba, afinal ambos pareciam muito mais interessados em foder do que em conversar. Para falar, Yasmin tinha a mim, o trouxa do namorado romântico e sempre disponível. Foi um ato de vingança deixar Jason perdido, mesmo que eu não tivesse mesmo certeza de que ela havia ido para Mineápolis.

Isso foi o que mais me aproximou de Yasmin, saber que era uma garota tão fodida pela vida quanto eu. Ela perdeu os pais em um acidente de carro, devido uma placa de trânsito coberta por uma árvore sem manutenção. Sua tutela então passou para a tia materna, que nunca soube como cuidar de si mesma, ainda menos de uma criança. Todo dinheiro da indenização que deveria ser usado para os estudos e futuro de Yasmin, Ruth investiu em jogos de azar. A velha sempre foi uma megera, viciada em apostas.

Depois de perder quase tudo e viver na merda, colocando a sobrinha em uma situação degradante onde mal tinham o que comer, ela começou a trabalhar de babá na vizinhança e em um supermercado local, arcando com as dívidas que podia em detrimento da sua educação. Assim como eu, Yasmin escolheu uma carreira mal remunerada por paixão, e conseguiu a vaga pelo ótimo Q.I.

Ao contrário de mim, no entanto, ela sempre foi muito aberta em relação ao passado, tanto que não demorou a me contar pelo que passou. Recordo-me com clareza dessa noite em que se abriu para mim, e como a considerei perfeita. Ninguém me entenderia tão bem quanto Yasmin, tendo ela passado por algo tão similar, não é? Foi o pensamento que cruzou minha mente quando a beijei pela primeira vez.

Balanço a cabeça, afastando a névoa de lembranças.

Estava enganado, no fim. Há alguém que me entende melhor, que é permissiva e leal a ponto de compreender tudo pelo que passei sem necessitar ter vivido o mesmo, embora tenha sua própria história triste. Demorei a encontrar Amber, mas por ela eu passaria uma vida inteira esperando.

— Eu não tinha motivos para querer ver você novamente — retomo a conversa. — Não depois do que aconteceu.

Seu suspiro ecoa, e os dedos tremem ao redor das alças da bolsa de couro enorme que carrega em frente ao corpo, como se fosse um escudo. É surrada e nostálgica, como a maioria das coisas sobre ela.

— Eu *precisei* vir... — repete mais baixo dessa vez.

Que porra!

Olho ao redor, incomodado com o corredor cheio, e sobretudo com as pessoas atentas à nossa conversa. Claro, os veteranos conhecem bem a confusão. Ainda mais depois da briga histórica entre Jason e eu no campo, em meio ao um treino do time de futebol. Romantizam demais essa história de triângulo amoroso, na vida real as três vidas acabam fodidas no final.

— Por quê? Não estava bem no buraco onde se meteu?

— Na verdade, não. Nem mesmo perto de bem, Taylor. Tentei me convencer que podia fazer isso sozinha, mas eu não posso. — Ela funga, chorosa. Nenhuma lágrima caiu de seus olhos marejados ainda, mas não está muito longe disso. — Sei que errei com vocês... Especialmente com você, Taylor. Mas eu pensei que...

— Pensou o quê? — Interrompo-a, nervoso. — Que caralho, Yasmin! É tarde demais pra qualquer coisa que queira me dizer. Foi tarde demais quando você dormiu com Jason por meses, merda. Estou muito melhor sem você, mas sinceramente, adoraria nunca mais ter que te ver.

As lágrimas desabam, todas de uma vez, bem no instante em que um soluço rompe por sua garganta. Acostumado demais a puxá-la para os meus braços nessa situação, eu desvio os olhos, cerrando a mandíbula ante o incômodo da situação e decepcionado comigo mesmo por me importar em vê-la aos prantos.

— Sinto muito que as coisas tenham acontecido dessa forma... — Ela avança um passo. — Eu sempre quis ter uma conversa franca com você e tentar explicar que nunca quis te magoar. Sei que não é uma desculpa, mas é tudo o que eu tenho. — Yasmin tenta limpar o rosto, arrastando os dedos magros pela

pele avermelhada. —Se eu pudesse mudar o que aconteceu, juro que eu mudaria.

— Qual é o seu problema? Você não cansa de ser egoísta e narcisista a esse ponto? O mundo não gira em torno de você, Yasmin! — Brado, perdendo a paciência. — *Eu* não giro em torno de você faz um bom tempo. Não vai me manipular com lágrimas ou com esse teatrinho de arrependimento que montou para voltar.

— S-só me escuta... — implora, gaguejando. Ela avança outro passo e, dessa vez, eu recuo. — Eu não sou a vilã, Taylor, eu só estava confusa com o que estava sentindo.

— Pare com isso.

— Você era o futuro que eu queria, mas eu não consegui ir contra o que eu sentia pelo Jason.

— Pare com isso, porra!

— EU PRECISO DE VOCÊ.

Chega.

Chega dessa merda.

Giro os pés, sentindo os ombros pesados pela tensão, pronto para sair dali. Não dou mais do que um passo, antes da voz esganiçada de Yasmin me atingir, quebrando meu peito em um milhão de pedaços.

— E-eu estou grávida!

Estaco, imóvel, mal conseguindo respirar.

Leva tudo de mim girar os pés e olhar novamente para ela. Yasmin escolhe esse momento para deixar a bolsa que usa cair no chão e abrir o casaco grosso. Sinto minha garganta apertada e minhas palmas vacilantes; juro que meus joelhos tremem, instáveis. Consigo ver nitidamente pelo vestido justo abaixo do casaco a forma

da sua barriga, globosa em uma curva expressiva, ressaltando a gravidez tardia.

Meu cérebro trabalha rápido fazendo as contas, tentando entender se não é outro jogo dela. Infelizmente, Yasmin sumiu no final do semestre passado e estamos quase no fim do semestre deste novo ano. Contando com as férias, sua gestação pode ter até sete meses dependendo de quando a descobriu.

Puta merda! Até onde sei, é mesmo possível.

— Estou esperando um bebê... — repete. Sua voz é um sussurro que causa outro estrondo dentro do meu peito. — Eu tive que vir, Taylor. Minha tia não me ajuda e eu não posso fazer isso sozinha, mal fiz o pré-natal e a gestação é de alto risco. Por mais vergonha que eu tenha do que fiz e de voltar aqui, eu realmente preciso de ajuda.

Engulo com dificuldade, ainda encarando sua barriga.

Sinto meu pulso batendo nos ouvidos.

— É meu? — minha voz treme ao fazer a pergunta.

Não sei o que quero que ela responda. Apenas sei que me sinto enjoado, consumido pelo temor porque nunca até hoje me vi no papel de um pai. E, francamente, não sei se posso ser um bom, se sequer tenho um lado paternal. Sou jovem demais, não tenho estabilidade financeira e não é como se eu tivesse tido um bom exemplo para me espelhar na infância.

Yasmin demora a responder, o que me faz erguer os olhos para encará-la. Seu rosto está molhado agora, a maquiagem ao redor dos olhos borrada e o lábio preso pelos dentes na tentativa de se conter.

— É meu Yasmin? — repito a pergunta mais alto, avançando até estar bem perto dela. — Responde.

— Eu... Eu não sei.

Analiso seu rosto, consternado, antes de finalmente sair do torpor e agarrar o braço dela, entrando na primeira sala vazia que vejo pela frente com ela a tiracolo. Ainda posso ouvir as vozes do burburinho que montamos ao fundo, mas é como se eu estivesse embaixo d'água, sofrendo com a pressão acima da minha cabeça, com os pulmões comprimidos pela falta de ar.

— Como assim não sabe?

Yasmin pisca rápido, nervosa.

Está estremecendo nos meus braços.

— N-nós estávamos namorando, éramos ativos sexualmente. E, bom, eu também ficava com Jason. — Ele engole, mal me olhando. — Como sabe, não foi só uma vez, então... E-eu não tenho como saber.

— Cacete! — embraveço. — Além de me trair, não usavam a porra de uma camisinha? Puta que pariu, Yasmin!

Ela chora mais e tenta me abraçar. Sou pego de surpresa quando se agarra a mim, os braços apertando forte meu tronco, pressionando o corpo contra o meu como costumava fazer, ainda que agora há um empecilho enorme entre nossos corpos. Eu sempre envolvi os braços aos seu redor e acariciei suas costas, costumava dizer que tudo ficaria bem e permanecia assim até que o choro cessasse.

— Estou desesperada, Taylor! — Soluça, apertando os dedos no tecido da minha camisa. — Acha que eu sei como ser mãe? Caramba, eu fiquei tão assustada quando descobri... Ainda estou

assustada. — Ela respira fundo, fungando. — Pensei em voltar tantas vezes, mas tive medo. Vergonha. Eu não... Não sei o que fazer.

Fecho as mãos em punho, rígido. Mesmo assim, Yasmin não me larga, continua a me abraçar como se sua vida dependesse disso.

Leva apenas mais alguns segundos, antes que um suspiro me escape. Toco as costas dela, deslizando a palma da mão para cima e para baixo. Apesar de tudo, ela ainda é uma menina que foi obrigada a crescer e amadurecer cedo demais.

Seus olhos se erguem, ligeiramente avermelhados, fitando os meus com expectativa e receio pouco tempo depois. Estamos próximos o bastante para que eu fique incomodado, o que piora quando ela desliza o olhar pelo meu rosto e o pousa sob meus lábios por um segundo.

Afasto-me dela, limpando a garganta.

— Falou com ele? — inquiro.

— Encontrei você primeiro.

É mentira, até porque estamos no prédio de artes e ela sabe bem onde Jason estaria. Yasmin me procurou primeiro porque continua a me considerar o mais fraco de nós três, o mais enternecido e manipulável. E talvez esteja certa, porque mesmo depois de tudo o que fizeram, mesmo tendo tanto ressentimento e desprezo por ela, sei que não vou abandoná-la agora.

Ela está grávida.

Talvez, de um filho meu.

— Não vou te deixar sozinha — asseguro firmemente.

Com os lábios apertados, ela aquiesce.

— Obrigada.

— Ao menos até saber quem é essa criança. Jason terá que assumir a responsabilidade caso o filho seja dele — acrescento. — Mas você não vai ficar desamparada. Aliás, não deveria ter passado meses lidando com isso sem ajuda. Você não fez isso sozinha, Yas.

— Sei disso, mas fiquei receosa em voltar — repete o que já disse. — Com vergonha porquê... Bom, eu me sinto uma vagabunda por não saber quem é o pai dessa criança. Ruth jogou o fato tantas vezes na minha cara que eu passei a acreditar nisso.

— Sua tia é uma filha da puta, não devia escutar nada do que ela diz. — Passo os dedos pelo cabelo, nervoso. — Quando descobriu?

— Quase um mês depois que parti — responde, enxugando as novas lágrimas. — Minha menstruação nunca foi regulada, você sabe. Então demorei a desconfiar. — Suas mãos deslizam até o ventre, com carinho. — Estou com quase sete meses agora.

Encaro a proeminência em seu abdômen, levemente emocionado também, embora ainda esteja apavorado com a possibilidade. Uma criança deveria ser sempre o fruto de um grande amor, a consolidação de um sentimento tão puro e imenso que precisa ser compartilhado, e por isso ganha forma. Não uma criatura inocente em meio ao fogo cruzado.

— Escuta — digo, voltando a mirar seu rosto. — Você vai falar com o Jason. Ele deve estar no laboratório ou no hospital universitário agora. Depois que conversarem, vocês vão até a cafeteria próxima à biblioteca. Encontro vocês em uma hora.

Os olhos de Yasmin vagueiam entre os meus.

— Não pode ir comigo? — pede ela.

— Não, não posso. Preciso resolver um assunto primeiro.

A percepção desse fato me atinge como uma bigorna porque a noite que planejei com Amber, agora está completamente arruinada. Mal consigo pensar em como vou contar a ela que Yasmin não apenas está de volta, como pode estar grávida de um filho meu.

Não depois de eu ter assegurado que o retorno dela era impossível.

— Precisa falar com aquela garota? — questiona com a expressão nublada. Posso ver o descontentamento em seus olhos, e sendo sagaz como é, habilmente juntou as peças do que quero resolver. — Amber, não é?

— Sim, eu preciso.

— A quanto tempo estão namorando?

Exalo, cruzando os braços em frente ao tronco.

— Não vamos ter essa conversa — corto o assunto.

Yasmin se cala, comprimindo os lábios, mas não deixa de me analisar.

Também não deixa de insistir, tentando conseguir o que quer, como sempre faz.

— Ela se parece comigo? — interpela. — Não fisicamente, eu digo. Sei que ela é loira e... pequena. — Ela move os ombros, claramente magoada. — Aliás, achei que você gostasse de garotas altas. Achei que eu fazia o seu tipo.

Até mesmo Yasmin com seus 1,74 é pequena perto de mim, mas entendi o que quis dizer. Ela tem razão, sempre tive um fraco por mulheres altas, e suas pernas maravilhosas e esguias de sempre foram uma das qualidades físicas mais atraentes para mim.

Mas Amber foge a essa regra, e eu não mudaria nada nela. Adoro que seja tão pequena porque eu posso movê-la na cama como bem quiser, e depois, ela sempre cabe com perfeição nos meus braços. Como se fosse feita para morar no meu abraço.

— Não vamos ter essa conversa — eu reafirmo. — Não vou falar de outra garota com você. Até porque eu só teria elogios para contar sobre Amber, e ainda tenho o mínimo de consideração para não te magoar nesse estado.

É mais consideração do que ela merece.

É mais do que Yasmin e Jason tiveram comigo.

Mas como a Matraca bem diz, o que oferecemos aos outros tem mais a ver com o que está dentro de nós. E agora que Amber entrou no meu coração, há partes iluminadas dentro dele, onde minha garota ocupa todos os espaços.

— Procure Jason, e vamos... — recomeço.

— Está mesmo tão apaixonado por ela? — Ela me interrompe, a voz não é nada mais do que um sussurro.

Solto uma expiração longa, mas não fujo da resposta dessa vez.

— Acho que eu estive apaixonado por você, Yasmin. Perdidamente. — Recuo alguns passos, prontos para deixar a sala. — Com Amber, é mais do que isso. Se quer tanto ouvir da minha boca, eu vou dizer: Eu amo aquela garota.

É a primeira vez que admito isso em voz alta.

E, porra, foi bom pra caralho!

Espero ter a chance repetir. Dessa vez, para quem deveria ter ouvido as palavras da minha boca há muito tempo.



Amber

Sorrio, irrequieta. É a quarta vez que me olho no espelho nos últimos quinze minutos. Não sou insegura com meu corpo, não mais do que a maioria das mulheres, mas me sinto exposta com essa lingerie.

O conjunto é novo, rendado e se moldou bem ao meu corpo, tanto a calcinha e o sutiã meia taça quanto a cinta-liga e as meias. Sim, meias. Taylor vai gostar. É de um tom de azul tão escuro que em baixa iluminação pode ser confundido com preto, a cor favorita dele.

Programei essa noite, determinada a resolver nossa situação. Se ele ainda tem receios de fazer o pedido, farei eu. Vou confessar o que sinto, e dizer que quero que seja meu namorado. Não consigo mais viver com essa dúvida, sem saber ao certo o que estamos fazendo. Necessito de uma resposta, pois será ela que determinará o que farei ao fim do semestre. A única coisa que me ancora a Palo Alto é Taylor, já que cursar uma universidade na França voltou a ser

uma opção assim que desisti da medicina. Preciso saber se vale a pena ficar por ele.

Volto para a sala, crispando as mãos. Comprei comida chinesa, mesmo que eu não possa tocar em um grama daquele yakisoba cheiroso. Minha dieta insossa e péssima é necessária, e acho fofo que Taylor a siga comigo para que eu me sinta melhor, mas ele merece uma folga.

Perdi muito tempo indo ao Shopping e ao restaurante, e fazia dias que Toff não era levado ao parque. Taylor costumava levá-lo quando saía para se exercitar; com seu repouso e minha rotina, o coitadinho ficou dias trancado aqui conosco. Por isso, o levei hoje. Toff não ajudou, me derrubando na grama com sua corrida ávida e me fazendo precisar de um bom banho. Agora está com essa cara de anjo fajuta, dormindo no sofá.

Felizmente, Taylor também se atrasou.

Mordo o lábio, pensativa. Provavelmente, eu deveria fazer uma pose mais sensual do que essa, não é? Parada no meio do cômodo. Talvez esperar de costas com essa calcinha fio dental, ou quem sabe com as pernas cruzadas, curvada sobre o braço do assento. Faço uma careta para o pensamento, bem quando ouço o barulho das trancas sendo giradas.

Com o coração galopando no peito, eu ajeito os cabelos pela centésima vez e abro um sorriso tímido.

Céus, espero que ele não me ache boba.

Taylor entra cabisbaixo, batendo a porta. Não me movo ou pronúncio, espero que erga a cabeça e me encontre, ansiosa por sua reação. Ele parece surpreso e desliza os olhos pelo meu corpo, demorando um pouco mais nos seios como sempre. Meu coração

passa a bater ainda mais rápido sob sua inspeção, e meu sorriso se amplia, embora algo pareça errado. Mesmo a distância, consigo ver como os ombros dele estão tensos.

— Hum, oi... — digo baixo, me aproximando. — Pensei em fazer algo diferente hoje. Comemorar que você foi finalmente liberado pelo médico.

Ele continua a me olhar em silêncio.

Um prato cheio para me permitir tagarelar.

— Comprei comida chinesa. Você não merece continuar comendo aquelas porcarias sem gosto. Não fiz bolo de chocolate porque estava esperando que sua ideia de sobremesa fosse outra... E, bom, espero que você realmente goste mais disso. — Solto uma risadinha nervosa, que perde força pelo embaraço. — Você gostou?

Dou uma volta, que é muito bem acompanhada por ele, mas Taylor continua mudo. Franzo o cenho, estranhando. Cadê a piadinha infame? Ou então aquelas frases safadas que sempre saem da sua boca suja?

Encolho os ombros.

— Está... tudo bem?

Ofego quando finalmente se põe a caminhar com os olhos escuros fixos nos meus, e chega perto o bastante para me tocar. O polegar, da mão boa, traça com delicadeza a minha bochecha. Inclino-me em direção ao toque, fechando os olhos pela textura áspera da palma, e suspiro, imaginando que em breve vou tê-la passeando por todo o meu corpo. Quando Taylor me toca, cada segundo perdido no tempo parece o paraíso.

— Você está linda... — diz suavemente. — Foi uma surpresa e tanto.

Tento sorrir, mas falho pelo nervosismo. Não sei se é melhor fazer o pedido nesse momento ou após ficarmos juntos.

Droga Taylor, por que não me olha e pede para eu ser sua para sempre? Por que diabos não facilita nossa vida?

— Eu não conheço essa... — murmura, tocando as alças do sutiã.

O elástico é fino, delicado o bastante para ser arrancado com a força certa. Sua palma resvala na minha pele desprotegida, me causando arrepios. É delicioso, e ele realmente parece encantado, mas Taylor está distante agora. Muito distante.

— É nova. Comprei para você.

Seguro sua mão, está tão gelada e suada quanto a minha.

Ele sabe o que vem a seguir?

Por isso está nervoso?

Será que mudou de ideia?

— O que aconteceu? — pergunto.

Taylor me analisa, questionando-se como percebi. Ele não deveria estar impressionado, se tudo estivesse bem, eu esperava que estivéssemos aos beijos agora. Vejo em seus olhos que algo está errado.

— Precisamos conversar.

Não há muitos contextos em que essa frase seja agradável, convenhamos. Por isso, meu estômago afunda. Faço um gesto de cabeça e caminho em direção ao quarto, me afastando dele. Não me sinto confortável em permanecer assim, então me cubro com um pijama antes de retornar à sala.

Taylor mal se moveu.

— Pode falar — eu digo.

Ele limpa a garganta, assentindo.

— Eu preciso... Nesta tarde... — Suspiro. — Não acho que há uma forma boa de dizer isso.

— Então fala logo.

A hesitação dura apenas um segundo.

— Yasmin está de volta, Amber — dispara. — A encontrei ao fim da aula, no corredor do prédio de Artes.

Esse é o primeiro tiro.

— Ela... veio atrás de você.

Não é uma pergunta, mas ele responde:

— Sim. Bom, à minha procura e de Jason.

Abraço meu corpo, mantendo os olhos fixos nos seus.

— De vocês dois? — questiono confusa.

Taylor engole, o pomo de adão se movendo com dificuldade. Está claramente receoso em continuar a conversa, e sua reação faz com que eu me sinta repentinamente enjoada com o que está por vir.

— Yasmin voltou porque está grávida, Amber.

Esse é o segundo tiro. O que me arrebata completamente, e faz meus joelhos cederem. Caio sentada, amparada pelo sofá.

Toff se assusta com o movimento e corre para a cozinha.

Gostaria de sair correndo daqui também.

Minha mente cogitou vários cenários sobre a volta de Yasmin, sobretudo nos que impactariam o que Taylor e eu construímos, mas jamais cogitei um bebê.

Hiperventilo, sentindo meu corpo tremer.

— Amber? — Taylor se ajoelha aos meus pés, preocupado. — Amber, respira.

Puxo o ar, mas parece inútil. Meu peito se move rápido, expandindo e retraindo, mas a pressão dentro de mim se torna maior a cada segundo. A palavra *grávida* pisca em flashes dolorosos, latejando minha cabeça.

— Amber? Deus, diga alguma coisa!

Encaro seus olhos, lutando contra o bolo que cresce em minha garganta.

— G-Grávida? — Pisco rápido na tentativa de conter o choro, mas as lágrimas contidas apenas aumentam. — Ela... Ela está esperando um bebê s-seu?

Doeu escutar a notícia e dói igualmente pronunciar as palavras. Parecem mais reais após deixarem meus lábios e eu só quero fechar os olhos e fingir que não está acontecendo.

Não era para essa noite acabar assim.

Taylor segura minhas mãos, e embora tente se manter estável, eu vejo como está quebrado e assustado. Ele sabe que ser o pai de uma criança indefesa e pura, que sequer nasceu, representa a morte da nossa relação que mal deu seu primeiro suspiro? Não queria que fosse assim, mas o fato é que ele terá um elo eterno com Yasmin. E mesmo se fosse outra garota, uma que tivesse merecido mais seu afeto, a situação ainda seria a mesma.

Eu o amo por ser exatamente quem é, e Taylor é o tipo de homem que largaria tudo por um filho. Mesmo jovem, eu sei que não hesitaria em abrir mão da sua felicidade se isso significasse a da criança. Isso porque ele sabe, melhor do que ninguém, o que é sofrer por pais negligentes, o que é sofrer com o abandono de uma figura paterna e ter sua vida despedaçada. Ele jamais permitiria ser

o pivô de um cenário parecido, jamais dormiria tranquilo sabendo que está repetindo com uma criança o que sofreu na pele por anos.

Mas eu não posso fazer parte disso.

Não posso amadurecer a força e pular etapas somente para acompanhá-lo.

Viver em meio a pais separados e uma criança ingênua que vai demorar a entender porque o pai e a mãe não podem ficar juntos, e que provavelmente jamais vai aceitar nossa relação. Além do que, Yasmin pode ter esperanças de recuperar a relação deles. E Taylor pode até me amar, mas como mamãe disse, por mais forte que seja o sentimento entre um homem e uma mulher, ele é condicional, nunca será comparado ao amor incondicional por um filho. Um filho que em dado momento pode pedir a ele que quer os pais juntos, como a maioria das outras crianças.

— Amber... — Ele volta a me chamar.

Seus olhos estão tão marejados quanto os meus e sua voz está trêmula, talvez esteja percebendo onde os pensamentos estão me levando. Eu sempre fui transparente, não é?

Desvio o olhar, mas eventualmente as lágrimas escapam, vertendo rápido pelo meu rosto, encharcando as minhas bochechas. Não consigo cessar o pranto, não olhando dentro das minhas estrelas favoritas e me perguntando se em breve faremos parte de céus distintos que nunca mais vão se encontrar.

— Ela está esperando um bebê... — Minha voz soa rouca e feia. — Seu bebê...

Taylor desenlaça nossas mãos, subindo as palmas para emoldurar meu rosto, me obrigando a encará-lo quando insisto em fugir e encarar o tapete outra vez.

— Yasmin está grávida, mas não sabe quem é o pai — diz devagar, como se conversasse com uma criança. — Por isso ela veio até aqui, à procura tanto de mim quanto de Jason.

Tomo uma respiração profunda.

— Isso deveria fazer eu me sentir melhor? — murmuro. — Porque não, eu não me sinto nem um pouco melhor, Taylor.

Seus dedos avançam, penteando meus cabelos para trás. Ele afasta as mechas do meu rosto e limpa minhas bochechas molhadas com carinho.

— Sei como parece ruim e assustador, especialmente depois do que passamos. Mas não é uma certeza, não ainda.

— Mas é uma possibilidade, e isso... Isso muda tudo. — O cenho dele se franze, as sobrancelhas marcando o relevo sobre seus olhos ao som das minhas palavras. — Sabemos que se fosse humanamente possível escolher, ela gostaria que fosse você o pai da criança. Yasmin pode não saber de quem é, mas me corrija se eu estiver errada, foi você quem ela procurou primeiro. Não foi?

Ele suspira, desviando os olhos. Respondeu-me sem precisar dizer uma palavra. Uma risada dolorosa me escapa, sendo o arcabouço para novas lágrimas.

Isso tem que ser um pesadelo.

Precisa ser.

— Eu sabia... — soluço.

Seguro suas mãos e as afasto do meu cabelo, mas Taylor não recua, ele volta a segurar minhas palmas com ímpeto.

— Também fui pego de surpresa. Sinceramente, há tanta coisa dentro de mim agora que não sei dizer o que estou sentido, somente que estou sem rumo com a possibilidade. — Ele confessa.

— Não sei como vamos resolver isso, mas vou sugerir um teste de DNA o mais rápido possível.

— Isso leva tempo.

— Exatamente. E, por isso, eu não poderia esconder de você — argumenta. — Assim como não escondi a segunda mensagem e que havia bloqueado o número dela. Por mais dolorosa que seja a possibilidade, estou sendo sincero com você. O bebê pode ser meu. E eu sinto muito, mas não há nada que eu possa fazer quanto a isso, amor.

Amor...

Levanto-me abruptamente.

— Eu preciso ficar sozinha.

Taylor também se levanta, assustado.

— Faço qualquer coisa para não te ver chorar — declara ele, parecendo derrotado. — Me xingue, fique brava, bata em mim, amor... Ou sente e converse comigo, mas... Porra, não chora. Eu não aguento ver suas lágrimas.

Nego, enérgica.

— Preciso ficar sozinha. Eu... eu não posso ter essa conversa agora.

Não posso fazer isso.

Não posso lidar com você agora me chamando de amor, Taylor.

Não depois dessa notícia.

— Amber, nós podemos... — Ele titubeia, calando-se antes de concluir a fala.

Sei o que iria dizer, que as coisas podem mudar, mas nossos sentimentos não precisam, que podemos galgar os obstáculos.

Talvez até que sente que precisa de mim ao seu lado para isso.

Contudo, Taylor não vai dizer nada, não com palavras, pois sabe que é um pedido injusto. Ele não pode me pedir para mudar, amadurecer e abdicar apenas porque ele precisa. Não quando não teve coragem para me pedir em namoro durante os meses em que estamos ficando juntos, como se já fossemos um casal.

— É melhor não conversarmos agora. Eu preciso... — Deambulo, inquieta. — Preciso digerir tudo isso. Você também precisa.

Seu suspiro ressoa pesado.

— Vou me encontrar com Jason e Yasmin agora — informa, passando os dedos pelos cabelos. — Não quero sair assim, ou te deixar assim.

Movo a cabeça, negando. Se ficar, Taylor não fará eu me sentir melhor. Não hoje, e não frente a essa situação. No fundo, ele também sabe disso.

Caminho em direção ao quarto.

— Vejo você amanhã... — digo sobre o ombro, sem olhá-lo. Já voltei a chorar e não quero que tente me abraçar de novo. — Vou deixar um cobertor e um travesseiro no sofá.

O silêncio nos segundos seguintes é ensurdecedor, e machuca mais do que qualquer palavra. Sei que está quebrado, atordoado, mas não posso ser forte por ele agora.

— Você disse que me amava... — O sussurro rompe o ar após vários segundos. Suas palavras atingem meu peito como farpas, uma a uma, bem no coração.

Volto a olhá-lo.

— O quê? — minha voz quase não sai.

— Achou mesmo que eu não iria pesquisar depois de me dizer tantas vezes? — Inquere, agora Taylor também está chorando abertamente. — Tive muito tempo livre nesse apartamento, obrigado a me contentar em navegar na internet e zapear pelos canais. É claro que eu pesquisei, Amber.

Fico imóvel, sem rumo, sem saber como reagir. Não penso em negar, no entanto. Em minhas ações o sentimento esteve escancarado muito antes da declaração deixar meus lábios, ainda que em outro idioma.

Eu realmente o amo.

Amo tanto.

E ele sabe agora.

Descobriu bem a tempo de sofrermos esse baque.

— Eu disse... — admito. — Mas agora é diferente, e você sabe.

Taylor solta o ar, avançando rápido dois passos. Arfo quando agarra minha cintura e me obriga a olhá-lo de perto, pressionando meu corpo contra a parede com o seu. Ele tomba o rosto na minha direção, testa contra testa, coração contra coração. Seus olhos estão tempestuosos, com tanta dor e amor que me sinto capaz de desvanecer.

— Eu sei que amo você. É disso que eu sei, Amber. — Seu tom subiu uma oitava, repleto de frustração. — Essa é a única certeza que tenho respirado, dito em silêncio por mais tempo do que posso me lembrar. Antes mesmo do acidente, antes dessa porra de confusão. A única coisa que sei é que estou apaixonado e amo você. Amo tanto que a ideia de te perder me assusta como nada antes. Então diga, diga que eu não te perdi, amor...

Meus lábios tremem, um ato relés se comparado aos tremores que sua declaração causa em meu coração. Esperei tanto, tanto tempo para que me dissesse isso. E ele escolheu o pior momento para se declarar.

— Taylor, é melhor... — Hesito, entre lágrimas. — É melhor você ir agora. Por favor. Nós conversamos depois.

Suas mãos soltam meu rosto, caindo sem força ao lado do corpo. Ele ainda está me olhando quando entro no quarto e bato a porta, escorregando as costas pela madeira e tampando os lábios para abafar um soluço.

Essa será a primeira vez em nosso relacionamento que dormiremos separados, embora a distância física não seja nada perto do espaço se abrindo entre nós.

Taylor

Por um instante, estou congelado, parado do outro lado da porta que se fechou. Minhas costelas doem pelo movimento brusco, mas não ferem tanto quanto os soluços dela, que quebram pouco a pouco meu peito.

Cogito tentar abrir a porta e continuar essa conversa, a última coisa que quero é deixá-la sozinha agora, mas prometi respeitar seu espaço. E pela primeira vez, Amber me afastou.

Com um suspiro consternado, vagueio para fora do apartamento. Enxugo o rosto pelo caminho, grato por não cruzar com ninguém. Limpo a garganta e tento me recompor, embora nada pareça surtir efeito e melhorar como eu me sinto.

Deambulo pelas ruas, apressando os passos como se chegar rápido ao Coupa Café fosse resolver magicamente todos os meus problemas. Esse pensamento se confirma tolo quando cruzo a porta e ouço o sino da entrada badalar. Pelo horário, o espaço está quase vazio, com exceção de duas atendentes, um cara com fones de ouvido concentrado no notebook, e Jason e Yasmin em uma mesa no canto.

Estão sentados em lados opostos, e ela fita compenetradamente o sanduíche intocado no prato, movendo os pedaços. Jason, ao contrário, não consegue deixar de encará-la, deslizando de tempos em tempos do rosto para a barriga. Parece assustado, como previsto. Os olhos estão injetados, indicando que chorou, mas a forma como engole em seco e mal pisca, lembra

como eu me sinto com Amber. Não tenho um pingo de dúvida agora de que, apesar de tudo, os sentimentos de Jason são verdadeiros.

Limpo a garganta quando me aproximo, atraindo a atenção de ambos. Sento-me no meio, na cadeira vaga entre eles pela falta de opção. Poético, não?

— Você demorou... — Yasmin comenta, largando o prato de vez.

— Yas, você precisa se alimentar. — Jason intervém. — Disse que não teve uma refeição completa hoje, coma pelo menos o sanduíche. Tem que pensar nessa criança agora.

Seus olhos continuam nos meus.

— Contou a Amber? — ela pergunta.

Ouço o suspiro de Jason.

Yasmin sabe ser difícil.

— Também acho que deveria comer. — Trago o prato para perto dela outra vez. — Disse que a gestação é de risco, precisa se cuidar.

Seus olhos zombam, revirando-se, mas ela acata, começando a comer.

— Então, como ela reagiu? — inquere, insistindo.

— Não vim aqui falar sobre Amber.

As sobrancelhas finas se erguem enquanto ela mastiga outro pedaço.

— Deve ter sido ruim para você voltar nesse estado.

Desconsidero suas palavras.

— Obviamente, vocês já conversaram — digo, atraindo a atenção de Jason. — Temos que pensar em como resolver isso até o bebê nascer, e então realizar um teste de paternidade.

Seus olhos vagueiam para ela outra vez.

— Realmente não sabe de quem é?

Yasmin para de comer, tomando um pouco da sua bebida.

— Como eu poderia? — devolve ela.

— Usávamos camisinha. — Ele aponta. — Não são cem por cento seguras, mas você exigia isso sempre. Por mais tesão que estivesse no momento, você sempre se lembrava.

Meus pulmões se enrijecem.

— Isso é verdade? — questiono.

— *Quase sempre* — ela corrige Jason. — Consigo me lembrar de várias vezes que esquecemos. E como disse, não são cem por cento seguras. — Yasmin me encara. — Se quer saber, eu preferia que fosse seu.

— É claro que prefere... — Jason range os dentes.

— E as chances ao seu favor são maiores já que não usávamos método de barreira. Mas não posso ter certeza. — Yasmin suspira. — Acha que eu não queria saber qual de vocês é o pai? Realmente, seria muito menos humilhante. Mas eu não sei, e não posso fazer isso sozinha.

— Você não vai — asseguro.

— Podemos fazer o teste amanhã mesmo. — Jason diz. — Acabar logo com isso. É possível determinar a paternidade ainda intra-útero, não precisamos esperar o nascimento.

Yasmin fica pálida.

— Mas isso... — Ela respira. — Isso pode ser perigoso para o bebê, não?

— Se for, está descartado.

— É seguro. — Jason garante, cruzando os braços. — Mas claro, você vai se consultar com um bom médico antes para sabermos se há algum risco específico para o seu caso.

Movo a cabeça.

— Ótimo. Vamos a qual laboratório?

— Meu pai tem um amigo dono de uma rede de confiança aqui na cidade, podemos ir até lá. — Jason propõe.

— Por que não estou surpreso? — questiono sarcasticamente.

— Não imagina a variedade de amigos e pessoas que devem favores a Howard Malone. Grandes hotéis, companhias aéreas... — A expressão dela fica carregada. — Ao menos nisso ele vai poder ajudar.

Não digo nada, sei bem como sua relação paternal é complicada. De fato, não poderíamos ser candidatos piores para esse bebê.

— E o que eu faço até lá? — Yasmin indaga e me encara. — Não tenho lugar para passar a noite de hoje, dirá até resolvermos a situação. Trouxe apenas essa bolsa, mais nada.

— Você fica comigo. — Jason ratifica.

— Não vou dormir na mesma cama que você!

Sua feição se distorce.

— Tarde demais para essa postura inocente, querida...

Esfrego a testa, sem ânimo para essa conversa. Já basta a que tive com Amber e como infelizmente terminou. É típico de Yasmin querer complicar algo que é intrincável o bastante.

— É o melhor a se fazer — intervenho. — Não posso te levar para o apartamento, até porque não é meu.

Ela engole sua frustração.

— Ok, tudo bem.

— Ótimo. Vamos ao laboratório amanhã. Pode me enviar uma mensagem? — indago Jason, que assente. — Está resolvido, então.

Levanto-me, assim como eles. Aguardamos Yasmin vestir o casaco e pegar a bolsa, ela comeu apenas metade do sanduíche. Pago a conta aos protestos de Jason, e saímos do Coupa.

— Vejo vocês amanhã — digo, me afastando.

Debato internamente se devo ir para casa. Não me parece uma boa alternativa voltar ao apartamento agora, não quero encontrar um *kit de uma noite* no sofá da sala.

A esperança de que Amber possa ter se acalmado e talvez esteja me esperando como da última vez brilha em meus pensamentos. Talvez ela deixe a porta entreaberta como um convite. Depois desse dia, tudo o que mais queria era dormir com ela. Sem sexo, sem nada, apenas ela embalada nos meus braços.

— Taylor. — Yasmin chama, e eu paro, girando o corpo contrariado. — Não me trata assim. Eu não sou uma estranha.

Meu cenho se torna plissado quando ela avança alguns passos e beija minha bochecha, bem ao lado da boca, me pegando desprevenido. Bufo, cerrando a mandíbula e lhe dou as costas, saindo logo dali.

— Você não mudou nada... — Ouço Jason resmungar.

— Nem você. — Ela devolve. — Aposto que vamos continuar brigando como sempre. E já que vou ficar no seu apartamento, não quero esbarrar com nenhuma foda sua pela manhã.

Exalo, contrafeito.

Eu nunca vou entender Yasmin.
Muito menos a relação deturpada que ela e Jason mantém.



DEZESSETE DIAS PARA O FIM DO SEMESTRE

— Você está péssimo, sabia?

— Obrigado — digo sarcasticamente.

— Juro que se Yasmin não estivesse grávida, eu arrancaria aquele cabelo lindo dela no tapa. Ela deve hidratar os fios com veneno. — A expressão de Liv se distorce em uma careta. — Como as coisas estão entre você e Amber? Ela também parece péssima.

— Complicadas, para dizer o mínimo.

Agora dormimos separados, e mesmo quando estamos juntos na sala, Amber parece distante. Seu maior receio se concretizou da pior forma possível, e não posso culpá-la por estar tão evasiva. Sobretudo, depois que contei que há chances maiores do filho ser meu por Yasmin ter usado proteção na maior parte das vezes que esteve com Jason.

Tem sido os cinco piores dias da nossa convivência.

— Se fosse eu no lugar dela, provavelmente teria agido da mesma forma. — Minha irmã comenta. Então balança a cabeça, refutando o que disse. — Não, eu teria sido pior com Greg.

Lanço um olhar indignado em sua direção.

— Eu não a traí e engravidei outra garota, Olívia! — argumento, me empertigando. — Minha ex namorada apareceu grávida. Isso... é diferente.

Recebo um olhar sentido como resposta.

— Sei disso. Mas sinto muito, não melhora em nada a situação. Ainda há outra mulher e ainda há um bebê, que até onde sabemos pode ser seu. — Sua sobrancelha se ergue. — Que há grandes chances de ser seu.

Pendo a cabeça para trás, expirando fortemente.

— Você disse que faria eu me sentir melhor quando te liguei.

— Isso foi antes de saber de tudo.

— Mesmo assim, você é minha irmã.

— Exatamente por isso sou compelida a ser honesta. — Ela abre um sorriso encorajador. — Não fica assim... É uma situação de merda, não há o que dizer quanto a isso, mas acredito que você e Amber podem passar por isso se quiserem.

É no que quero acreditar, e no que tenho tentado fazê-la acreditar. No entanto, a dúvida me assola em alguns momentos. É realmente verdade? Podemos passar por isso? Ou apenas desejo tanto a possibilidade que pela lente dos meus olhos apaixonados ela parece ser possível. Amber ainda está aqui, mas por quanto tempo?

— Um bebê nunca é uma coisa ruim, mas eu jamais me imaginei no papel de pai. E, se acontecesse, esperava que fosse com a mulher que eu amo. Não agora, e não nessas condições. —

Suspiro, enternecido. — Como posso simplesmente pedi-la para aceitar um filho e uma ex-namorada problemática com apenas dezenove anos? Provavelmente, o melhor para ela seria voltar para França e seguir a sua vida.

Liv se aproxima, deitando a cabeça no meu ombro. Ela me abraça como pode, de uma forma desajeitada e carinhosa, que não faz eu me sentir melhor. Somente os braços de Amber me confortariam em tempos como estes, e faz um bom tempo que minha garota não me abraça.

— Vamos nos focar no agora, por mais difícil que isso pareça — aconselha suavemente. — É muita coisa para assimilar, então vamos lidar com um problema de cada vez. No momento, não podemos fazer nada além de esperar o resultado do exame.

Aquiesço.

— Tem razão.

— Sabe quantos dias vai levar?

— Só sei que sai antes do fim do semestre — eu respondo. — Jason está tentando agilizar tudo.

Contei isso a Amber, que a consulta foi promissora, que Yasmin fez o teste intra-útero e que o resultado sairia bem a tempo do fim do semestre. Notei um discreto brilho em seus olhos, mas ela não disse nada encorajador, apenas confessou estar cansada e se recolheu mais cedo. Está claro que me ama, mas não tem interesse em ficar no meio disso.

Fiquei na sala, acordado por horas com Toff, ciente de que no último dia de aula do semestre, Amber estará com as malas prontas independente do resultado. A dúvida é se ela embarcará sozinha, e o mais importante, se voltará para mim.

— Não quiseram saber o sexo? — questiona, levantando-se.

— Jason estava ansioso para saber, mas Yasmin quer ter a surpresa no parto.

— Sabe como ele está lidando com isso? Com a situação no geral, eu digo.

Nego.

— Yasmin é o único assunto do qual tratamos.

Olívia hesita um segundo.

— Não acha que mereciam uma conversa franca?

— Não vejo motivos. Se for dele, Jason vai assumir a responsabilidade. Ele pode ser um babaca, mas não vai deixar Yasmin desamparada, muito menos uma criança, eu sei disso. Meu papel acaba aí. — Explico, enfático. — Se o contrário acontecer, vou largar o curso de teatro e procurar um emprego de verdade. O estágio paga bem, o bastante para que eu conseguisse alugar um lugar hoje. Mas não o bastante para sustentar uma criança.

O cenho de Liv se franze.

— Vai abandonar seus sonhos? — interpela sentida.

Um deles.

O outro vai embarcar em um avião.

— Sonhos vem depois das responsabilidades, Olívia — digo conformado. — Aprendemos isso cedo, certo? Felizmente, eu não me esqueci.

— Não precisa morar com ela.

Sinto o peso em meus ombros, curvá-los para baixo.

— Na verdade, preciso. Não terei condições de pagar dois alugueis, e sabe que Yasmin não tem ninguém por ela. — Exalo,

refletindo sobre isso. — Não vou ser o tipo de homem que vai separar o filho da mãe.

— Sabe o que vai acontecer se fizer isso, não é? — Liv se levanta e coloca as mãos na cintura, aborrecida. — Perderá Amber para sempre, e Yasmin não vai te dar um dia de paz até reatarem o relacionamento. E você vai cair nessa.

Suspiro, cansado.

— Está me dando pouco crédito.

— Estou afirmando que você é homem e ficará vulnerável. Yasmin vai estragar todos os seus possíveis relacionamentos, até que o único corpo disponível será o dela, e você vai cair como um patinho! — Seu tom subiu uma oitava. — Sabe por quê? Porque vai ter uma criança na sala, perguntando porque vocês não se tocam com carinho ou se beijam, dizendo que todos os colegas da turma têm os pais casados e felizes, mesmo sendo mentira. Você vai vê-la rezar noite após noite, pedindo por isso, e vai ser como assistir a um reflexo da criança indefesa e esperançosa que você já foi um dia. E você vai querer dar isso a ele ou a ela, porque foi tudo o que você já quis um dia, Taylor.

Os olhos de Liv se enchem de lágrimas, e eu desvio o olhar, respirando fundo. Até mesmo com ela, as conversas não têm sido fáceis. Minha irmã voltou a vestir a antiga armadura de proteção.

— Não pretendo reatar com Yasmin, Liv. — Uso um tom calmo, propositalmente mais baixo. — Não amando Amber como eu amo.

Minha irmã suspira, encarando o céu por alguns segundos.

— Só não quero que abra mão de tanta coisa e se torne um ótimo pai, mas um homem extremamente infeliz. — Seus olhos

voltam aos meus. — Pode funcionar por um tempo, mas vai te consumir em alguns anos.

Aquiesço.

— Um dia de cada vez, não é? Ainda não sabemos se sou o pai.

Ouvimos o som da buzina do SUV de Gregory, mas nem mesmo o som é capaz de cobrir nossos suspiros. Quase posso ouvir Olívia resmungar sobre as chances majoritárias ao meu favor outra vez.

Levanto-me e abro os braços, embalando seu corpo.

— Amo você... — Sua voz é apenas um sussurro, mas é o bastante para que eu aperte seu corpo contra o meu com mais força. — Pode contar comigo para tudo. Sabe disso, não é?

— Eu sei. Obrigado.

Liv se afasta.

— Heitor continua a me ligar. — Ela conta. — Já faz alguns dias que viajou para a França. Acha que o receberam bem?

— Aquela família é incrível. Acima de todo ressentimento, os pais devem ter esperado por esse momento durante a vida toda. Então, sim, acho que está indo tudo bem. Pelo que ouvi de Amber, a mais relutante é Julie, a irmã.

— Aposto que ele faz o mesmo com você, não é? — questiona, sobre as ligações.

Movo a cabeça.

— Sim, mas tenho ignorado todas as chamadas.

— Sendo sincera, depois de saber da verdade, acredito que Heitor passou os últimos anos tão mal quanto nós. — Ela me encara

com cuidado. — Também acho que ele deveria ter voltado ao St. Joseph's, mas aposto que até isso pareceu demais para suportar.

— Imagino que sim — me vejo concordando. — Mas eu só precisava de um ponto final. Heitor me deu isso quando contou o que aconteceu. Não sei que diabos ainda quer de mim.

A expressão dela se abranda.

— Sabemos que você sempre quis mais do que isso. — Ela acusa firmemente. — Heitor quer te dar isso, se aproximar e compensar os erros do passado. Sabe que ele ama você.

Suspiro. Quase posso sentir minha cabeça latejar.

— Pouco me importa, não o quero na minha vida.

Olívia se encolhe, me olhando tristemente.

— Sabe, eu parei para pensar em uma coisa. Você deveria ter chegado a essa conclusão sozinho, mas como uma boa irmã, eu me sinto na obrigação de dizer — começa ela. — Há algo ruim sobre nunca perdoar, você não pode ser perdoado de volta. Nem por você mesmo, e se livrar da culpa que carrega, nem por qualquer outra pessoa.

Troco o peso de pé, incomodado.

— O que quer dizer? — meu tom é exasperado.

— É injusto que a vida machuque, especialmente quando os golpes vêm das pessoas que mais amamos. Sabemos bem disso, Taylor. Mas todos nós somos passíveis de causar dor, de errar... — Liv toca meu rosto, sem se abalar. — Inclusive você.

Engulo com dificuldade, e me afasto, arredio.

— Não entendo porque está defendendo o Heitor.

— Não estou. Nem ele, nem Jason e, com certeza, não estou defendendo Yasmin. — Ela esclarece. — Não acha que chega de se

esconder atrás dessa capa de mágoa e autoproteção? Mesmo sem querer, você sente saudade e sente amor, afogar os sentimentos não vai fazê-los sumir. Nunca vai superar sua culpa pelo que aconteceu com nossa mãe se não começar a desfazer dos ressentimentos que carrega, Taylor.

Tomo uma respiração, profundamente incomodado.

Odeio como Olívia pode ser madura às vezes.

— Está tarde, é melhor você ir... — Aponto para o SUV. — Não deixe Greg esperando.

Seus olhos permanecem fixos aos meus por quase um minuto inteiro, e temo que insista no assunto.

Felizmente, ela recua e se afasta.

— Só Amber pra gostar desse teu jeito bronco, viu?! — Olívia resmunga, alto o bastante para que eu possa ouvir. — É bom se acertarem logo, não é qualquer garota que tolera isso.

Acompanho minha irmã com os olhos e aceno para Gregory, forçando um sorriso que mingua passo a passo rumo ao apartamento.

Houve um tempo que eu contava os minutos para chegar em casa, para ver Thompson estudando ou debruçada no balcão, para sentir o aroma gostoso de sua comida ou do cheiro adocicado dos seus cabelos após o banho. Dos sorrisos, dos abraços, da forma com que toca meus cabelos, dos beijos... Nossa, como eu sinto falta dos beijos.

Agora Toff é o único a me recepcionar feliz.

O único a me dar carinho também.



DOZE DIAS PARA O FIM DO SEMESTRE

Encaro a viatura que passa por mim enquanto vagueio pelas ruas. É inevitável não pensar em Heitor, e questionar como pude não perceber que esteve aqui por tanto tempo.

Tomo uma respiração, forçando meu corpo a recobrar o ritmo. Já passei em frente ao edifício três vezes, mas algo hoje me impede de subir. Sinto meu coração exíguo todas as vezes que ameaço cruzar as portas e subir em direção ao 5-A. Talvez seja o fato de que Amber entristece mais a cada dia, consumida pelo medo e pela espera. Ou talvez seja essa sensação, que nunca vislumbrei antes, de que até mesmo um cenário ruim pode piorar.

Na quarta volta eu paro, apoiando as mãos nos joelhos e tomando uma respiração profunda. Exercícios de alta intensidade ainda estão terminantemente proibidos, mas mesmo uma caminhada como esta é capaz de exigir muito dos meus pulmões.

Após algumas respirações, ergo o rosto para o céu e estremeço. Faz tempo desde que uma noite foi tão feia em Palo Alto. Não há uma estrela, nenhum ponto brilhante, apenas nuvens e mais nuvens, todas carregadas. O céu está cinza e escuro, predizendo uma grande tempestade.

Sinto meu bolso tremer, e a esperança enche meu peito nos segundos que levo para retirar o celular do bolso e encarar o visor. As mensagens engraçadas e provocativas cessaram, Amber sequer me liga agora. Mas eu deveria estar em casa há duas horas, então penso que possa estar apreensiva.

Você não se preocupa mais comigo, amor?

Parece que não.

É uma surpresa ver o nome de Jason na tela. Em outros tempos, eu declinaria a chamada sem hesitar, praguejando. Hoje, contudo, meus dedos vacilam duas vezes antes que eu finalmente consiga atender.

Já passam das nove, mas ele disse que tinha contatos no laboratório.

— Alô, Jason? — Atendo, sem fôlego.

— Pensei que não fosse atender...

— Tem notícias do resultado?

Ouço sua respiração.

— Não. Ainda não.

Praguejo. Por um instante, eu me imaginei subindo e tirando aquele semblante de Amber, contando a ela que podemos continuar de onde paramos e levar nossa relação com calma, como deve ser. Como merecemos.

— Sinto muito... — Ele pigarreia. — Estou fazendo o que posso, mas deve demorar alguns dias.

— Por que ligou então?

A linha fica muda por quase um minuto inteiro. Sei que ainda está aqui porque ouço cada respiração pesada que faz par com a minha. Desistindo outra vez de subir, me sento no chão, escorando as costas na parede fria do edifício que já acolheu lindos momentos da minha história de amor.

— Acho que eu precisava conversar... — A voz dele surge novamente.

— Não somos mais amigos.

— Eu sei, mas você é a única pessoa que sabe o que estou sentido agora.

Apoio a cabeça, voltando a encarar o céu feio. Fico em silêncio, mesmo que parte de mim saiba que Jason tem razão.

— Você acha que é seu? — interpela ele.

— O bebê? Eu não sei. — Exalo, sentindo a brisa fria contra a minha pele suada. — Não é para isso que estamos fazendo o teste?

— Sim, mas... Você queria que fosse seu?

A resposta acende rápido em minha mente, mas o motivo de sua pergunta é um mistério. O que Jason espera que eu diga? Que sim, sempre sonhei com o retorno de Yasmin grávida? Ele sabe que não é verdade.

— Está torcendo pra ser meu? — devolvo, ao invés de responder.

Ouço barulhos ao fundo, várias vozes em conversas baixas e indistintas. Não faço ideia de onde está, mas o ambiente é agitado

demais para ser sua casa. O que faz todo sentido com o tópico da conversa e o fato de Yasmin estar hospedada no seu apartamento. Aposto que os últimos dias foram difíceis para ele também.

— Sendo sincero? Não. — Ele ecoa um som infeliz, que a ouvidos desatentos poderia ser confundido com uma risada. — O que é bem idiota, na verdade. Até porque Yasmin não voltou por mim, sabemos disso.

Engulo, incomodado com o tijolo assentado no meu estômago.

Agora é como se eu fosse o terceiro naquela relação, como se estivesse entre Yasmin e Jason mesmo sem a mínima intenção. Sei que a ama, e me pergunto agora se ele se sentiu assim todos os meses em que passei exibindo-a como minha namorada. Deve ter sido doloroso ver todas as demonstrações de afeto, beijos e brincadeiras, sabendo que nunca teria aquilo enquanto ela estivesse comigo. Deus sabe que eu não suportaria o mesmo se a garota em questão fosse Amber. Isso me mataria.

— Ela veio à *nossa* procura — eu digo. Sei que é mentira, e Jason também sabe. — E de toda forma, duvido que Yasmin retornaria se não fosse por esse bebê.

— Isso não muda o fato de que ela sempre amou você, Ty. Acredite, Yasmin ressaltou isso o quanto pode. Tanto antes, quanto agora. — Ele pausa. Posso ouvir o estalo de sua mandíbula, o som dos dentes rangendo. — Ela fugiu para um lugar que apenas *você* saberia, enviou mensagens a *você* antes de voltar, e quando retornou foi à *sua* procura. É óbvio, não?

— Não há nada que eu possa fazer quanto a isso — murmuro, e me surpreendo com o tom da minha própria voz, como

se eu estivesse... culpado. — Sabe que Yasmin quer o que não pode ter, se diverte em conquistar o que não está ao seu alcance.

Há um silêncio de concordância e compreensão.

— Em meio a tudo que aconteceu, acredito que ela se apaixonou por você em algum momento — eu continuo. — Mas agora que sabe como está apaixonado, ela vai usar isso. Yasmin perdeu muito para vida, e hoje se sente no direito de exigir tudo de todos. Me ter nunca foi o bastante, assim como tê-lo agora também não é suficiente. Essa é a verdade.

Vejo Joshua despontar na calçada, caminhando até a entrada do prédio. Ele me cumprimenta com um aceno de cabeça antes de sumir de vista, ainda constrangido com minha presença desde o episódio no elevador.

Bons tempos, bons tempos.

— Quão idiota eu sou por saber disso e ainda me importar? — inquere Jason. — Pior, sofrer por aquela mulher que sente prazer de cravar os saltos da bota no meu coração?

— Você é um babaca, isso não entra em discussão — digo no automático. — Mas não merecia isso. Ninguém merece sofrer por amor.

Hoje eu sei, acrescento mentalmente. Quase posso sentir o amor da minha vida escorrendo pelos dedos, escapando mesmo que eu tente desesperadamente a agarrar. Conquistei Amber pelas pequenas coisas, e estou perdendo-a com a mesma sutileza.

— Sabe, — Jason diz — independente de tudo isso, eu quero que seja meu. Quando a vi, por um instante me senti incapaz de mover ou respirar. Foi como eu pensei que aconteceria. Yas voltando, caminhando diretamente para mim, com os olhos

brilhando e os cabelos soltos implorando pelos meus dedos, ainda mais linda do que eu me lembrava. Porra Ty, eu senti como se nem um dia tivesse passado. Como se ela nunca tivesse me deixado.

Solto o ar, resignado. Homens são idiotas quando estão apaixonados, e aparentemente Jason e eu compartilhamos da mesma veia piegas.

— Exceto, a parte da gravidez — ele acrescenta. — Essa parte eu não previ. Aquela barriga realmente fez meus joelhos balançarem.

— Nem me fale. No meu caso nem teve parte boa, somente os joelhos fracos.

Ele ri do outro lado da linha e eu me pego sorrindo por um momento, mas contraio o rosto em seguida, cessando o estímulo. É só o que faltava! Como se não bastasse essa situação de merda, agora estou de papinho com esse imbecil.

— Como está Rachel? — pergunto, incrédulo de que estou alimentando essa conversa.

Veja o que o medo de subir e dar de cara com a porta do quarto trancada com a música baixa ecoando para abafar os soluços de Amber está me obrigando a fazer. A Matraca só pode achar que sou idiota. Queria eu não perceber seu choro ao se deitar ou como fica me olhando quando vemos TV, como se todos os momentos fossem os últimos.

Dormir no sofá antes era uma coisa, mal nos conhecíamos e não queria desrespeitá-la. Agora é um inferno, pois sei o que estou perdendo. Cafuné nos cabelos, seu corpo em cima do meu e suas respirações profundas que são como uma canção de ninar,

afastando os sonhos ruins. Não gosto mais de dormir sozinho, muito menos voltar a ter pesadelos.

— Rachel me bloqueou em todos os meios digitais e não atende minhas ligações — responde ele. — Quando apareci na KKM, ela não quis me ver. Pediu a Olívia para mentir que não estava lá, mesmo com o Mustang amassado parado em frente à sede.

— Que merda!

— Pois é. Dessa vez, palavras bonitas não vão ajudar e acalmá-la com sexo não funciona mais. A verdade é que eu deveria ter me afastado da Chell há muito tempo. Ou talvez não ter permitido que nada acontecesse. — Ouço seu suspiro. — Ela é boa demais para mim, cara. Eu não a mereço, e não posso mais fazê-la sofrer. Não sou tão filho da puta assim.

Minha garganta se aperta enquanto tento me convencer que minha situação é totalmente diferente. Mas como posso ser melhor se também estou ferindo o coração de uma garota que não merece?

— E você e Amber, como estão?

— Distantes. Ela vai para França na primeira oportunidade.

— Você tem até o fim do semestre. — Seu tom é encorajador.

— Ela desistiu do curso, medicina nunca foi algo que realmente gostasse. Amber está aqui por puro perfeccionismo de terminar o que começou — digo com pesar. —Talvez ela voltasse para Palo Alto ao fim do recesso se eu tivesse a pedido em namoro. Com sorte, considerasse que eu valho a pena. Mas fui um covarde lento pra caralho!

Arrasto os dedos pelo cabelo, tentando me acalmar, mas o gesto não surte o menor efeito. Não é justo Amber ter feito meu coração voltar a bater, apenas para levá-lo embora. Ela terá todas as batidas do meu coração, da primeira à última, independentemente de qualquer coisa, mas quero compartilhá-las estando ao lado dela, não padecendo de saudade a um continente de distância.

— A qualquer momento, ela pode embarcar — eu continuo. — Decidida que ficar aqui é muito mais doloroso do que deixar uma tarefa inacabada. Isso, sem contar o resultado. Um positivo para mim significa uma passagem só de ida nas mãos dela, e por mais que isso me destrua, eu não posso culpá-la. É muita pressão, e ela é apenas uma garota.

— Assim como eu não posso culpar a Chell... — comenta complacente. — Vai ficar aqui se o filho for seu?

— Vou estar por perto, não posso me afastar de Olívia. Mas terei que dar prioridade a qualquer cidade próxima em que conseguir um emprego.

— Vai desistir de Stanford? — questiona em tom surpreso. — Você não pode. Não agora que está crescendo e estagiando em uma companhia.

De alguma forma, não fico surpreso que ele saiba tanto sobre a minha vida.

— Não é questão de escolha, Jason.

Seu grunhido me atinge, e sua frustração me incomoda.

É melhor dar fim a essa conversa.

— Preciso desligar — minto, austero.

— Certo... — Ele pigarreia. — Desculpe ligar. Como disse, eu só... precisava conversar.

Bufo e desligo, sem ideia do que responder.

Levanto, limpando as calças e tento fazer o mesmo com meus pensamentos enquanto vagueio até o elevador. Prefiro as escadas, mas por recomendação médica, sou obrigado a sofrer dentro da caixa de metal.

Entro no 5-A, estranhando a quietude do lugar. Não há ruídos, música, ou sequer os latidos de Toff. Ele geralmente corre, derrapando as patas no piso, ansioso assim que ouve as trancas. *Não diga que me abandonou também, amigão.* Mas assim que fecho a porta, todas as perguntas ganham uma resposta.

Um soluço quebra o ar, ecoando pelo cômodo.

Não é meu, mas dói como se fosse.

— Amber? — chamo com a voz trêmula.

Seus olhos se erguem para os meus, injetados. Vê-la chorar sempre fez meu coração padecer em conjunto, mas neste momento algo dói mais. Basta fitar seu entorno para descobrir o motivo das lágrimas vertendo e umedecendo suas bochechas, e a razão pela qual meus próprios olhos começam a marejar.

Uma mala.

Várias malas.

Ela está indo embora.

Amber

Eu sabia que doeria.

Sabia que olhar em seus olhos agora e ter que me despedir, me deixaria em pedaços. Infelizmente, também sei que é inevitável. Taylor me ama, e eu o amo também. Mas quantas vezes histórias lindas acabaram mesmo sendo repletas de amor? Amar apenas não basta, é preciso mais. E no momento, as chances não estão ao nosso favor.

Somos jovens, no entanto. Temos tempo. Algumas histórias são interrompidas apenas para desabrocharem anos depois, no momento certo. Ambos maduros e com o coração mais leve. Ou talvez, simplesmente não seja para ser.

De toda forma, preciso ir para França agora, com ou sem esperança de que esse não é o nosso ponto final. Mamãe precisa de mim nesse momento difícil e essa infelicidade não poderia ter vindo em um momento mais apropriado. Se eu tivesse que deixar Taylor após a notícia de que o bebê é realmente dele, doeria muito mais. Isso sim seria um ponto final.

— Está indo embora, não é? — interpela com um sorriso triste.

Entreabro os lábios, mas as palavras não saem. Ensaiei tanto para dizer a ele, mas nada parece bom o bastante.

Não estou surpresa que tenha entendido, a mensagem não verbal está expressa nas malas ao meu redor. Mesmo sem elas, no entanto, eu sei que ele já estava esperando por isso. Taylor sempre foi muito bom em me entender, em me decifrar, assim como eu

sempre fui muito boa em compreendê-lo, em respeitar o seu tempo. Temos uma linguagem própria, e exatamente por isso, a distância que cresceu entre nós não é segredo.

— Preciso ir — consigo dizer, engolindo com dificuldade. — Recebi um telefonema essa tarde com a notícia de que Genô, que você sabe ser quase uma avó para mim, teve outro infarto e não resistiu. Mamãe está muito abalada.

Um rastro de surpresa atravessa seus olhos.

Um rastro de esperança também.

Ele não deveria estar esperançoso.

— Amber... Nossa, eu... Sinto muito.

— Obrigada.

Forço meu corpo a ficar de pé, tentando não vacilar e correr até ele, me jogar em seus braços e ficar lá para sempre. Desvio os olhos quando leio o mesmo instinto dentro dos seus. Suas mãos estão apertadas rente ao corpo e sua respiração ansiosa entrega que Taylor também está debatendo internamente se deve me puxar para os seus braços ou não.

Ele quer me confortar, mas não é capaz agora.

Estou muito triste pela notícia, eu amava Genô como se fosse sangue do meu sangue, mas grande parte das lágrimas que agora molham meu rosto não são por ela. São por Taylor, pela nossa despedida.

— Onde está Toff? — Ele pergunta.

— No quarto, dormindo na caminha dele. Fiquei na dúvida se deveria levá-lo ou se você gostaria de ficar com ele. Aquele ingrato não deveria, mas eu entendo porque gosta mais de você. — Crispo

as mãos, nervosa. — Não posso levá-lo agora, comprei uma passagem de última hora, mas posso buscá-lo se preferir.

Taylor suspira, consternado. Pela forma com que me olha, os olhos marejados e os ombros tensos, está fingindo uma calma que não parece sentir.

— Posso pedir para Liv cuidar dele alguns dias. Ou até para Joshua — digo, murchando. — Achei que gostasse mais do nosso cachorro.

Nosso...

A palavra agora soa amarga.

Os passos que nos separam se extinguem rápido conforme Taylor avança, daquele mesmo jeito obstinado que me prendeu contra parede e disse que me amava com todas as letras pela primeira vez.

Que noite triste foi essa...

Não deveria ter acabado assim.

Por que diabos ele não se declarou antes?

— Uma passagem aérea, deixar Toff... Vai doar os móveis também? — A frustração dele me atinge pura e simples.

Ele está tão magoado que fecho meus olhos, incomodada em ver a dor refletida nos seus. Mas Taylor não permite, toca meu queixo e o ergue, obrigando-me a encarar outra vez minhas estrelas favoritas.

Mais azuis do que qualquer céu ou mar.

— Isso é um adeus, Amber?

Meu corpo inteiro estremece.

— Meu pai costumava dizer que quando duas pessoas se amam de verdade, elas nunca dizem adeus. — Respiro fundo para

controlar a voz, mas continuo soando embargada. É como se agulhas descessem pela minha garganta e se alojassem direto no meu coração. — E eu amo você, Taylor. Amo muito.

Sua mandíbula está tão apertada que os músculos do maxilar marcado estão ressaltados, mas é o toque sutil de seus dedos em meu ombro que acaba comigo.

— Mas eu preciso ir agora — acrescento.

— Eu sei que precisa, mas talvez... — Ele se interrompe. — Tem mesmo que ser assim? Parece que está determinada a desistir de tudo, independente do resultado. Achei que o que tínhamos era valioso demais para ser sacrificado, Amber. Sabe que existe uma chance de não ser meu.

— Uma chance *pequena*. — Lembro-o amargamente.

— Não faz assim...

Toco o rosto dele, deslizando os dedos pela barba por fazer. Os músculos tensos relaxam minimamente, e eu sorrio.

Nunca dei um sorriso tão triste.

— Sabemos que vai aceitar essa criança de peito aberto. Você não seria o homem pelo qual eu me apaixonei, em todos os seus defeitos e qualidades, se não fizesse isso — digo com orgulho. — Ver você aceitar suas responsabilidades me faz amá-lo ainda mais, mesmo que meu lado egoísta o queira só para mim. Queria que pudesse ser diferente.

Uma lágrima deixa seus olhos e pousa bem acima do meu polegar.

Meu coração estremece dentro do peito.

— Eu sou todo seu... Sempre fui... — Sua mão direita emoldura meu rosto, segurando firme como se o gesto fosse me

impedir de sair correndo dali. — Diga que tem planos de voltar à cidade. Não pelo Toff, eu vou ficar com ele, mas por mim. Diga que vai voltar para mim.

Mordo meu lábio trêmulo, resistindo. Há dois discursos disputando espaço dentro de mim, um duelo árduo entre a emoção e a razão. Meu coração quer prometer mundos e fundos a Taylor, apoiado na esperança e nos meus sentimentos. Minha razão diz para ter cuidado, apontando as várias formas que posso ficar magoada nessa relação a curto e longo prazo.

— Abandonei minha vaga essa tarde, não faço mais parte de Stanford. — Tomo uma respiração, antes de continuar em tom baixo, a voz quase sumindo. — Não faz sentido voltar à Palo Alto, Taylor.

O pomo de adão se moveu quando ele engoliu com dificuldade, deixando de me tocar. O magoei nesse instante, pela primeira vez.

A frase não soou exatamente como eu queria, não resumiu minha confusão ou meus receios, mas não tento me explicar. Taylor não teve coragem para me pedir em namoro, ou para se declarar nas diversas oportunidades que teve. Como espera que eu prometa que vou esperá-lo independente do que acontecer, independente do que Yasmin possa aprontar? Não posso fazer isso, muito menos prometer que retornarei à cidade.

— Você pode ficar com o apartamento — continuo com meu discurso programado, me esforçando muito a ser prática. *Eu era tão boa nisso antes de conhecê-lo...* — Está pago até começo do novo semestre de qualquer forma. Inclusive, durante o recesso. Mamãe

achou melhor caso eu desejasse fazer algum estágio nesse período. — Dou de ombros. — Enfim, você pode se organizar com calma.

Taylor recua um passo, claramente chateado.

— Vou ficar bem, Amber. Devolvo as chaves ao senhorio no final da semana.

— Você pode ficar — eu insisto.

Ele me olha bravo.

— Não faz sentido ficar aqui sem você.

Encaro meus sapatos.

Doeria menos ter sido acertada com uma marreta.

Tento não me preocupar com ele, sei que possui condições melhores agora com o que recebe pelo estágio. Taylor facilmente caiu nas graças do diretor e de várias pessoas no ramo, então não tenho dúvidas de que seu futuro será muito promissor.

Giro o corpo e pego as duas malas de mão, enquanto agarro a maior, acoplada por rodinhas.

— Posso levá-la ao aeroporto? — sua voz quebra o silêncio.

— É melhor não.

— Amber...

Movo a cabeça, sem encará-lo.

— Não torne isso mais difícil...

— Amber... — Ele insiste. — Olha para mim.

Seu tom brando me faz respirar fundo. Os nós dos meus dedos ficam brancos contra o ferro da mala enquanto tento controlar o bolo da minha garganta. Eventualmente, eu cedo, voltando a encarar seus olhos.

— Eu entendi — murmura enternecido. — Perdi você no momento em que ela voltou, não é? Mas eu quero que saiba de

uma coisa, se é assim que vai acabar.

— Por favor... — imploro, certa de que qualquer coisa que tenha para me dizer agora é capaz de me fazer desmoronar.

Taylor volta a se aproximar, parando tão perto que meus olhos ficam na linha do seu pescoço. Relutantemente, eu acompanho seus movimentos, erguendo novamente o queixo alguns segundos depois.

— Você me entregou um pedaço do coração precioso que possui — diz, tocando meu rosto. — E, com o tempo, fez o meu voltar a bater, tornando inevitável não te dar um pedaço também.

Taylor se inclina e não tenho forças para impedi-lo quando toma minha boca em um beijo triste e salgado. O contato é suave, casto e os poucos segundos que dura é o bastante para novas lágrimas nascerem em meus olhos.

Minha determinação caiu pela metade.

Lute por mim, Taylor.

Peça que eu fique.

Diga que me quer, e eu juro que volto pra você.

— Se decidir entregar o restante para outro cara — ele continua. — Tenha certeza que ele te merece.

Pisco, confusa.

Novas lágrimas me escapam.

— Promete para mim, Amber.

Então vai ser assim?

Você vai simplesmente abrir mão de mim?

Ela tinha mesmo razão...

— Você também. — Obrigo-me a dizer, contendo os soluços. — Ela será uma garota de sorte.

Aperto mais as mãos ao redor das alças e afasto um passo, puxando a mala. Meu coração tropeça dentro do peito no segundo passo ao sentir Taylor agarrar a manga rendada da minha blusa como se sua vida dependesse disso, como se eu fosse um bote e sem mim fosse capaz de sucumbir, de se afogar.

Esperança nasce dentro de mim, mas não ouso olhar para trás. Continuo a fitar o chão, tentando controlar o compasso no meu peito e as lágrimas que escorrem pelas minhas bochechas ininterruptamente enquanto espero uma atitude.

Quando suas mãos perdem força e me deixam ir, eu suspiro. Aperto a mala com força e avanço a passos rápidos. Não ouço nada, o que me faz desconfiar que continuou parado, apenas me assistindo partir.

Eu quis, mas não olhei para trás.

Segui em frente, chorando, caminhando, deixando com ele mais do que apenas um pedaço, e sim uma parte gigantesca do meu coração. O restante, que eu estou levando para França, está em pedaços machucados, que, com sorte, um dia serão dolorosas cicatrizes.

As cicatrizes

“Ela ficou comigo tarde da noite
Quando eu estava me afogando no escuro
Ela ouviu cada palavra minha
Quando eu estava abrindo o meu coração
Por isso eu agradeço a minha estrela da sorte
Por cada fenda, arranhão e cicatriz.”

(Scars On This Guitar – Bon Jovi)



Amber

A viagem foi péssima.

Embora estivesse exausta pelo dia e sonolenta pelo choro, não consegui dormir por mais de quinze minutos. Bastava fechar os olhos para me lembrar de Taylor. Parte de mim esperava que ele não me deixasse ir tão facilmente, que ela não estivesse certa, mas me aconselhar a dar o restante do meu coração a outro cara foi demais até para o orgulho e teimosia dele.

Ao pousar do avião, fui recepcionada no aeroporto pelo meu tio Luca. Seus lábios se curvaram em um sorriso reconfortante conforme eu me aproximava, sem deixar de notar suas vestes negras e o cachecol de cashmere. De prontidão, seus braços me envolveram e eu me apertei contra seu corpo em busca de apoio. Desde que saí do 5-A estou precisando de um abraço.

Estou grata por ser ele aqui, ciente de que mamãe estaria abalada demais em casa tendo que lidar com toda burocracia do

enterro, e não me sinto em condições de ser forte por ela agora. No entanto, estou ansiosa para reencontrar minha prima.

— Oi, querida. — Ele aperta meu ombro. — Gostaria que a situação não fosse essa, mas é bom ver você. Estava com saudade.

Toco sua mão em meu ombro.

— Eu também.

— Sua mãe está em casa, pedi a May que ficasse com ela enquanto buscava você — explica, pegando minhas malas. — May insistiu em vir, mas ainda não esquecemos do acidente com o cone de trânsito.

Sorrio.

— Fizeram bem.

— É só isso? — inquere sobre a bagagem, e eu assinto. — Não achei que viesse sozinha.

Engulo a saliva amarga.

Considerando minha relação com Taylor e o que viram quando estiveram em Palo Alto, não estou surpresa que tenha considerado a presença dele. Se não fosse por Yasmin e o bebê, é provável que ele estaria aqui ao meu lado nesse momento difícil.

— Taylor está ocupado resolvendo... — hesito — alguns assuntos pessoais.

Sinto seus olhos inquisidores me analisarem.

— Vocês terminaram.

Não é uma pergunta, mas se há alguma dúvida, meu olhar chocado o respondeu. Ele viu isso apenas me olhando? Deus tenha pena dos seus acusados no tribunal.

— Está com o rosto inchado e olhos injetados, o que poderia ser resultado da privação de sono e pelo luto de Genô. — Ele

começa. — Mas bastou falar o nome dele para seus olhos marejarem novamente, Amber. Pode não querer falar, mas eu sei que algo está errado.

Puxo o ar, e acabo fungando, comprometendo-me ainda mais.

— Não deu certo — digo simplesmente.

Como esperado, Tio Luca não insiste, coloca minha bagagem no porta-malas do BMW e no minuto seguinte estamos a caminho da minha antiga casa. Preciso tomar um banho e vestir algo apropriado.

— Como aconteceu? — indago a ele. — May ligou, mas contou apenas que Genô estava internada.

— Uma das válvulas cardíacas deixou de funcionar. Genô se sentiu mal ainda em casa, mas entrou em parada no transporte móvel de urgência a caminho do hospital. — Ele faz a curva, parando no sinal. — Eles a reanimaram e chegaram a levar à mesa de operações, mas ela não resistiu a cirurgia. O coração estava fraco demais.

Suspiro, assentindo. Tenho certeza que Dona Bárbara cogitou um cenário diferente se papai ainda estivesse aqui. Mesmo que no caso de Genô não seja apenas competência médica, e sim uma condição muito delicada.

— Babi está abalada. Ela e Salete estão inconsoláveis. — Ele me lança um olhar. —Você fez bem em vir, sua mãe precisa de todos agora.

Encaro minhas palmas sobre o colo.

— Mamãe não deveria perder tantas pessoas...

Tio Luca dá partida novamente, e após mudar a marcha, estica a mão para apertar a minha.

— Ela realmente perdeu mais do que me parece justo — comenta reflexivo. — Mas o luto nada mais é do que extensão de grandes amores. O sofrimento da perda pode não ser fácil, mas é o reflexo de todo amor que recebemos ao longo da vida.

Apoio a cabeça no vidro do carro, observando a paisagem pela janela nos minutos seguintes, sentindo cada uma de suas palavras, e como parecem verdadeiras. Essa é uma das melhores qualidades do meu tio, ele sempre sabe o que dizer.

O trajeto é rápido, e logo estamos em frente ao apartamento em que cresci. Ao abrirmos a porta, a primeira pessoa que encontro é mamãe, com os olhos turvos pelo choro e os cabelos presos em um coque bagunçado. Caminho até ela, ajoelhando-me no chão e a abraço por vários minutos.

— Ela... — Mamãe funga. — Ela se foi.

— Sinto muito.

Aperto mais os braços ao seu redor e resvalo as mãos pela extensão de suas costas, tentando trazer algum conforto.

— Depois de tantas cirurgias, eu deveria ter me preparado.

— Ninguém está preparado para esse tipo de coisa.

— Mas eu sabia da condição frágil da sua saúde, eu só...

— Eu sei — digo quando se interrompe. — Ela era como uma mãe para você, e está doendo agora. Mas estamos aqui com você, vai ficar tudo bem.

Com dificuldade, ela assente, se debulhando em novas lágrimas. Permaneço com os braços ao seu redor, sussurrando

palavras de consolo enquanto tenta se acalmar. Eventualmente, mamãe me afasta, limpando o rosto úmido do pranto.

— Você chegou rápido. — Ela comenta.

— Peguei o primeiro voo disponível.

Seus olhos verdes inspecionam os arredores.

— Taylor não está com você?

— Ficou em Palo Alto.

Uma ruga se forma entre as sobrancelhas bem feitas dela, mas rapidamente desaparece.

— Ah, as provas finais — pressupõe como explicação. — Você vai perder as suas?

— Não faço mais parte de Stanford, mamãe. Cancelei minha matrícula essa tarde. — Limpo a garganta, desviando o olhar para as minhas unhas. Longas, pintadas e bem cuidadas. *Tudo vai me fazer lembrar dele agora?* — Não tenho planos de retornar à Palo Alto.

Ao encará-la, encontro sua feição surpresa, os olhos levemente arregalados em confusão. Uma coisa era saber que eu desistira do curso, que não me fazia feliz. Outra bem diferente é saber que abandonei tudo, inclusive Taylor, ao afirmar que ficaria até o fim do semestre exatamente por ele.

— O que aconteceu?

— Conversamos sobre isso depois.

— Algo de muito sério aconteceu, e eu quero saber Amber — insiste firmemente. — Eu vi nos seus olhos que estava perdidamente apaixonada por aquele garoto, e a forma como ele cuidava e se preocupava com você me fez acreditar que era recíproco. Não entendo o que deu errado.

Tomo uma respiração profunda. Não contei o que estava acontecendo no decorrer dos dias em que Taylor e eu nos afastamos à espera do resultado. Eu mal conseguia entender o que estava sentindo, muito menos expor toda a situação para outra pessoa. Logo, mamãe e May estão no escuro quanto a isso.

Talvez tenha sido um erro, porque a espera não ajudou, continuo sem me sentir pronta para tocar no assunto.

Voltar à França foi uma boa escolha, afinal. Após o enterro, vamos para o Haras, onde poderei ficar com a minha família e começar as consultas com a psicóloga. Mesmo me esforçando, estou caindo em velhos hábitos, tentada a abrir um sorriso largo e fingir que está tudo bem.

— Prometo explicar tudo depois — eu asseguro.

Sei que mamãe jamais voltará a permitir que eu empurre minhas emoções para debaixo do tapete, mas não é um bom momento.

— Amber. — A voz inconfundível de May me faz girar o corpo para encará-la.

Aperto os dedos de Dona Bárbara uma última vez antes de me levantar e ir até a minha prima. May aperta os braços ao meu redor com saudade, e eu faço o mesmo, sorrindo genuinamente por estar próxima a todos que eu amo outra vez.

Quase todos.

— Oi, May — digo carinhosamente.

— Acredita que eu já estava com saudade? — murmura ela, abafada pelos fios dos meus cabelos. — Nunca vou me acostumar com você em outro continente.

Com o braço enganchado ao seu, eu a puxo para fora da sala em direção ao meu antigo quarto. O espaço sofreu algumas reformas ao longo dos anos, mas a arandela de luzes que ficava acesa em algumas noites quando era criança, ainda está aqui, como um lembrete de momentos felizes.

Fecho a porta e tiro o casaco que estou usando. Embora a Califórnia estivesse com um clima ameno, essa época do ano em Paris é imprevisível, com dias ensolarados e pancadas de chuva até Junho. Hoje é um desses dias, onde o tempo chuvoso fez meus ossos tremerem assim que desembarquei. O céu está cinza e feio, como apropriado.

— Fez boa viagem? — May pergunta, acomodando-se na minha cama. Ela está arrumada com um vestido preto de comprimento médio e um chapéu vintage, que aposto ser escolha da tia Julie.

— Não muito... — Retiro a blusa e os sapatos.

— Pensei que Taylor viria com você — comenta. Com ela, já são três pessoas frustradas com meu retorno sozinha. — Falta pouco para o recesso de verão, certo? Podemos levar ele e Anthony para o Haras, tenho certeza que será divertido.

Pego uma toalha, enrolando ao redor do meu corpo.

— Não vou voltar à Palo Alto, May — digo de costas, colocando as roupas de viagem no cesto. — As coisas mudaram.

Escuto o farfalhar de lençóis, e no segundo seguinte minha prima se coloca à minha frente, me obrigando a encará-la. Diferente do tio Luca e da minha mãe, ela não vai deixar o assunto de lado sem uma boa explicação.

— Como assim mudaram? Sei sobre o curso, mas e quanto ao Taylor? — Os olhos verdes de May se arregalam. — Não me diga que terminaram.

Aperto os lábios, magoada.

— Não dá pra terminar algo que não começou.

— Inacreditável! — ela resmunga. — Tudo bem que vocês são lentos pra cacete. Na minha opinião, ele demorou até demais para tomar uma iniciativa. Mas Taylor ia pedi-la em namoro na noite do acidente, o que teve que ser adiado em decorrência do que aconteceu. E você, cansada de esperar, me pediu ajuda para escolher uma lingerie para surpreendê-lo e finalmente oficializar tudo. Que diabos aconteceu depois daquele telefonema nervoso de não sei se pego a vermelha ou a azul?

May esteve ocupada nos últimos dias, o que me deu abertura para não tocarmos no assunto durante o decorrer dos dias. Agora, no entanto, não tenho mais escapatória.

— Um bebê... — eu revelo.

O silêncio que cai entre nós é pesado e desconfortável. A boca de May se entreabre três vezes sem que nenhuma palavra ecoe. Ela apenas pisca, atônita, sem entender onde quero chegar. Eu estou ocupada demais tentando manter a compostura, já estou atrasada para cerimônia, não tenho tempo de me debulhar em lágrimas por um ex-namorado que nunca foi meu namorado de verdade.

— Como assim um bebê? — indaga e imediatamente encara minha barriga. — Não me diga que...

— Não — interrompo-a respondendo. — Não estou grávida.

— Então o quê? Eu conversei com aquele cara, até pelas mensagens de texto consegui perceber como ele estava apaixonado por você. — As mãos dela pendem na cintura ante a indignação. — Não posso acreditar que ele te traiu, Amber.

Nego, desviando os olhos para um fiapo solto no tecido da toalha.

— Taylor não me traiu. Ele jamais faria isso.

— Então o que aconteceu?

— Ele tem uma ex-namorada. — Encaro seus olhos. — Ela voltou após meses afastada, e o encontrou em Stanford com uma barriga enorme.

— Oh, meu Deus!

— A confusão é comprida demais, mas eles estavam juntos quando ela o traiu com o melhor amigo dele. Agora que voltou, Yasmin não sabe quem é o pai. — Jogo a toalha na cômoda, me sentando frustrada na poltrona próxima à cama. — Estou convivendo com essa bomba há dias.

Ela me fita ressentida.

— Por que não me contou?

— Estava tentando compreender o que eu estava sentido, mas o tempo não ajudou — justifico bobamente. — Os dias que se seguiram foram péssimos, May. E ainda sim, nada foi pior do que deixá-lo.

— Não precisava ter lidado com uma notícia como essa sozinha — diz afetuosamente. — Mas, pelo que entendi, ainda há uma chance de o filho não ser dele.

— Pequenas. Eles não usavam método de barreira já que Yasmin fazia uso de anticoncepcional, que obviamente falhou. Mas

com Jason, eles tinham o hábito, embora no calor do momento nem sempre tenham sido tão cuidadosos. — Cubro o rosto com as mãos, resmungando. — Fizeram o teste, mas não há dúvidas de que a paternidade aponta para Taylor. Ela própria fez questão de me dizer isso.

Sua expressão se distorce em uma carreta.

— Tudo bem, a situação é uma merda.

— Eu sei.

— Mas não quer dizer que acabou.

— Você não está me ouvindo? — digo mais alto.

— Amber...

— Eu o m-magoei, May. — Minha voz falha, interrompida por um soluço contido. — Disse que nada mais me ligava a cidade. Praticamente afirmei que não vou colocar os pés em Palo Alto outra vez. Nem mesmo por ele.

Minha prima bufa.

— Por que diabos você fez isso?

— Pelo bebê, por essa situação... — Dou de ombros, recordando as palavras de Yasmin. — Não posso me colocar no meio de uma família.

— Entendo isso, e acredite, eu não te aconselharia do contrário. — Ela apoia as mãos nos meus ombros. — Mas pelo que entendi, eles não estão juntos. Você poderia ter esperado o resultado.

— Pareceu melhor vir agora para a cerimônia e descobrir aqui que o filho é dele. Seria doloroso demais ter que voltar à Palo Alto nessas condições, May. — Suspiro, obrigando-me a ser sincera comigo mesma. As razões vão além dessas. — Eu não podia dar

esperanças a Taylor, não depois de tantas pessoas terem feito o mesmo e descumprido a palavra. Não quero que ele se lembre de mim assim, e não me sinto capaz de sustentar uma relação como essa. As declarações de Taylor foram lindas, é verdade. Mas não havia estabilidade ou compromisso em nossa relação. E eu não sou o tipo de garota que vive um conto de fadas sem pensar no amanhã.

May fica em silêncio, assimilando minhas palavras. Então se ajoelha aos meus pés, segurando minhas mãos e apertando contra as suas.

— Posso entender isso, mas não consigo acreditar como ele pode abrir mão de você tão facilmente.

Ergo o queixo, piscando quando novas lágrimas ameaçam surgir.

— Não só abriu, como disse que devo ter cuidado com quem vou presentear o restante do meu coração. — Abro um sorriso triste. — Que devo entregar a alguém que me mereça.

May revira os olhos.

— Caramba, hein? Isso lá é hora para ser altruísta?

— A intenção foi boa, eu sei. Mas fez eu me sentir péssima.

— Taylor me pareceu ser um homem bom e decente, sabe que eu gostei dele. Agora, no entanto, eu daria uma tapa naquele rosto esculpido.

Sei que disse isso para fazer eu me sentir melhor, quem sabe arrancar um sorriso. Mas não surte efeito, mal saí de Palo Alto e meu coração está latejando de saudade. Sofrendo do tipo de dor que nem os melhores médicos conseguem tratar.

— Não quero mais falar sobre isso, tudo bem? — Volto a resgatar minha toalha e me coloco de pé. — Preciso tomar um

banho e me vestir, estou atrasada.

May se ergue também, e me abraça apertado por alguns segundos.

— Tudo bem. Espero você na sala.



O clima pós-funeral é denso, repleto de consternação. Mamãe se recolheu cedo, cansada pelo dia exaustivo; ela fez questão de ajudar Salete com tudo. As homenagens a Genô foram lindas, com discursos marcantes e muitas memórias compartilhadas de seus vestidos bufantes e coração gigante.

Estou recolhendo os talheres da mesa, ajudando no que posso, mesmo com a equipe de limpeza fazendo a maior parte do trabalho. Tudo para me distrair.

Pelo canto do olho, noto que Heitor se aproxima sutilmente, começando a fazer o mesmo com a louça.

— Foi uma cerimônia bonita... — comenta ele, juntando os pratos em uma pilha.

— Foi sim.

Com os talheres em mãos, tomo a direção da cozinha, abrindo o lava-louças. Disponho a prataria e Heitor chega a tempo de encaixar os pratos, antes que eu feche e ligue a máquina.

— Meus pêsames — diz gentilmente.

— Obrigada.

— Bárbara contou como era quase uma avó para você. Não tive o prazer de conhecê-la, mas todos tem ótimas histórias sobre ela.

— Ela era muito amada — digo com um sorriso pequeno. — Mesmo com tantas pâtisseries caras por Paris, papai e eu éramos apaixonados pelas receitas dela. Você teria gostado de conhecê-la.

Heitor sorri.

— Imagino que sim.

Ouvimos a porta ser aberta e vozes; meus avós conversam a caminho da sala. Junto a eles, tia Julie pergunta sobre May, e meu avô conta que a viu saindo com o namorado. Anthony compareceu à cerimônia e apesar da ocasião, pude conversar um pouco com ele. É um cara legal, e aparentemente vem fazendo minha prima muito feliz.

— Meus avós parecem ter aceitado a situação muito bem. — Volto a fitar Heitor. — Mamãe me manteve informada, é claro. Mas hoje, aqui, notei como a vovó mal saiu do seu lado.

— Pude sentir cada parte do meu corpo tremer pelo nervosismo quando estava a caminho do Haras. Tentei me preparar durante o voo, especialmente um pedido de desculpas por tudo que os fiz passar, mas as palavras perderam o sentido assim que os reencontrei. — Heitor pigarreia, e abre um sorriso constrangido pela emoção. — Senti falta disso. Quase me acostumei a não ter esse tipo de afeto, mas... o carinho de pai e mãe é diferente. Incomparável. Ao primeiro abraço dos dois, eu desabei.

— Aposto que eles não foram diferentes.

Abrimos um sorriso complacente.

— Ficaram em prantos também — ele confirma. — Foi um momento de muita emoção. No fim, grandes discursos não foram necessários. Todos entendemos que perdemos muito tempo separados.

— Soube que a Tia Julie estava mais relutante. Conseguiram conversar?

— Nos falamos desde a minha chegada, mas apenas recentemente conseguimos ter uma conversa franca. — Ele responde, trocando o peso de pé. — Ela deixou claro que o único irmão dela sempre foi e sempre será o Alec, e eu entendo isso. Apesar de termos o mesmo sangue, eu nunca estive presente. Estou bem com o tratamento amigável e distante. É mais do que eu posso pedir dela.

Maneio a cabeça em concordância.

— Fico feliz que tenha conseguido resolver parte das suas pendências — digo a ele, sendo sincera.

— Sei que o caminho para o coração de Taylor é muito mais longo. Olívia ainda me dá certa abertura, permite que eu saiba se está tudo bem. Ele, ao contrário, declina todas as minhas ligações. — Heitor suspira, conformado. — Estava preparado para tentar outra abordagem aqui, esperava que viesse com você. Ele preferiu esperar as provas finais antes de embarcar?

Abraço meu corpo ao negar. Juro que se mais alguém perguntar porque diabos Taylor não veio, bato minha cabeça contra a porta. Vai ser difícil não pensar nele se continuarem a mencionar recorrentemente seu nome.

— Taylor não virá para a cerimônia. Também não vai me visitar quando formos para o Haras.

Heitor se empertiga, me fitando seriamente.

— Como assim?

— Se a situação fosse outra, eu não contaria a você. Deixaria que Taylor decidisse se você precisa ou não saber — digo antes de

tudo. — Mas não pretendo esconder o que aconteceu da minha família, os motivos pelos quais não vou voltar à Palo Alto. Então, você vai acabar sabendo de todo jeito. E, sendo sincera, acho que ele precisa de muito apoio agora.

As feições de Heitor se contorcem e seus ombros ficam tensos diante da preocupação pelas minhas palavras.

— Olívia disse que ele estava se recuperando bem — murmura confuso. — O que aconteceu?

— Não é isso, ele está fisicamente bem — tranquilizo. — A ex-namorada de Taylor voltou há alguns dias e está grávida. Ela não sabe dizer quem é o pai, por isso fizeram um teste de DNA.

— Meu Deus! Taylor pode ser pai?

— Pode. O resultado pode sair a qualquer momento.

— Por que ele não me contou? Eu poderia... Eu... — Heitor recua, perturbado. — Ele é muito jovem para tamanha responsabilidade, deve estar se sentindo perdido.

— Imagino que sim. Com exceção de Olívia, está desamparado. Não pude ficar lá diante do que aconteceu e... — Suspiro, desviando os olhos por um momento. Meu peito se comprime pela angústia de não estar ao lado dele. Parte de mim se sente culpada por isso. — Bom, diante da nossa situação.

— Nunca imaginei vocês como um casal provável, mas desde que se conheceram e começaram a se relacionar... Bom, não imagino alguém melhor para estar ao lado daquele garoto, que eu considero um filho. Tenho certeza que Taylor é capaz de fazê-la muito feliz também.

As palavras me fazem sentir ainda pior.

— Não importa mais. Taylor não lutou por mim.

Heitor suspira pesadamente.

— Taylor amadureceu cedo demais, e ainda é frágil no que diz respeito a situações emocionais — expõe em defesa. — É preciso ter paciência com ele.

— Você deveria ir — digo, mudando o tópico da conversa. — Taylor precisa de apoio e de bons conselhos, é um bom momento para se aproximar.

Ele assente.

— Vou comprar uma passagem agora mesmo. Obrigado por me contar.

Forço um sorriso em resposta, e observo as costas de sua camisa xadrez enquanto Heitor se afasta. Seus passos se interrompem na soleira da porta, e ele me fita sobre o ombro por um momento.

— Sei de poucas coisas nessa vida, felizmente relacionamentos conjugais são uma delas. Essa é uma luta constante Amber, de ambas as partes. — Heitor diz com cuidado. — Disse que ele não lutou por você, mas já refletiu se você está lutando por ele?

Não digo nada, e Heitor não parece mesmo à espera de uma resposta. Ele retoma o passo em silêncio, mas temo que seu objetivo tenha sido alcançado.

Ao pousar da minha cabeça já tarde da noite no travesseiro, as palavras dele ainda perfuram a minha consciência, sem descanso.

Eu lutei o bastante por ele?



UMA SEMANA DEPOIS

“São as pequenas coisas que você faz que me fazem te querer mais
É o modo como suas mãos estão tremendo, mas porque elas estão tremendo?
É a maneira que o sorriso combina com seus lábios
O modo como me abraça forte
Deus sabe que eu daria tudo para estar em seus braços esta noite”.

Sim, está tocando Bon Jovi.

Como uma boa fossa, a minha é regada a muito rock clássico.

As faixas mais tristes de preferência.

Embolo outro papel e arremesso na lixeira, que já transborda com folhas amassadas. Apoio a cabeça nas mãos, frustrado em não conseguir escrever uma carta ao Bellard. Pensei que deixar meus

agradecimentos prontos tornaria mais fácil abandonar a vaga caso o bebê a caminho seja realmente meu. Mas não consigo me concentrar, e todas as tentativas até agora foram frustradas.

Cada segundo de silêncio é preenchido por meus pensamentos que voam até Amber. Meu coração dói com saudade de bater no mesmo compasso que o da minha garota em um céu estrelado. Aliás, o que será que ela está fazendo agora? A única certeza que tenho é de que continua a ignorar minhas ligações.

Depois, eu quem sou o bronco...

Uma batida me traz de volta, emergindo dos devaneios. Com o dinheiro do estágio, aluguei um apartamento simples há algumas quadras de distância de onde morava com Amber. É minúsculo, de forma que dois passos da sala já me colocam na cozinha, mas é meu. Essa pequena conquista inflou meu peito quando peguei as chaves pela primeira vez.

Apesar de ter contado sobre a mudança, como Liv possui a cópia da chave, imagino que seja Heitor, que voltou à Palo Alto depois de saber o que estava acontecendo. Não estou satisfeito de me sentir assim, mas gostei que ele tenha pego o primeiro voo para estar ao meu lado, mesmo desconfiando não ser bem-vindo. Não posso negar que ele está se esforçando.

Ao abrir a porta, no entanto, sou surpreendido.

— Oi. — Yasmin sorri, parecendo nervosa.

Olho ao redor, mas não encontro Jason. Ela está sozinha e muito arrumada. Diferente do dia em que me encontrou no Campus, está usando um vestido florido. Os cabelos formam ondas macias, mechas longas caindo ao redor do pescoço e do busto. Eu gostava quando se vestia assim, e ela sabe.

— O resultado saiu? — questiono, ainda segurando a porta.

Não imagino outra razão que justifique sua visita, embora esperasse que Jason estivesse ao seu lado.

Engulo com dificuldade, os dedos vacilando contra a maçaneta no instante que o entendimento me toma. Faz todo sentido ela estar aqui sozinha se o bebê for meu, afinal Jason não teria mais responsabilidades. Estou admirado que Yasmin já não tenha vindo de malas prontas.

— Não vai me deixar entrar?

Demoro a assentir.

Dou um passo, abrindo espaço para que possa adentrar e fecho a porta em seguida. Faço uma careta ao notar como o ambiente está desarrumado com caixas empilhadas que não valorizam em nada a pintura desgastada.

Ainda não tive chance de me organizar, muito menos mobiliar. No contrato de aluguel um fogão, uma geladeira, a cama e o micro-ondas estavam inclusos, mas eu ainda preciso arranjar um sofá.

— Merda, espera aí. — Tomo o rumo da cozinha e pego a única cadeira disponível. — É isso ou os paletes de madeira, que no momento são meu sofá.

Ela se senta, colocando a bolsa de lado, e volta a sorrir.

— Está ótimo. Obrigada.

Coloco as mãos no bolso, apreensivo. Opto por ficar de pé ao seu lado, mesmo que meus joelhos pareçam gelatinosos. Mal consegui esse lugar e o espaço já me parece pequeno para acomodar uma criança.

— É modesto, mas arrumado pode ficar charmoso — Yasmin comenta, observando o espaço. — De toda forma, é bem melhor que o alojamento. Ao menos comporta uma cama de casal.

Franzo o cenho para o rumo da conversa.

— O resultado saiu? — indago pela segunda vez.

O sorriso em seus lábios esmaece.

— É só o que vê ao olhar para mim?

— Foi a primeira coisa que passou pela minha cabeça ao te ver do outro lado da porta, sim.

— Eu não posso apenas querer te ver? — inquere amofinada.

— Não posso tomar nenhuma providência enquanto não souber quem é o pai. Achei que estivesse tão ansiosa quanto Jason e eu com resultado. — Penteio meus cabelos com os dedos, frustrado. — Aliás, ele sabe que está aqui?

Yasmin se levanta, a face contraída. Ainda me surpreendo como ela espera conversas amigáveis de mim com o nosso histórico.

— Não diga isso como se eu tivesse algo com ele, eu não tenho! — gesticula, ofendida. — Ele não é meu namorado!

— Mas pode ser o pai do seu filho.

Yasmin bufa.

— Ou pode ser você — argumenta.

Fito seu rosto, e por um momento cogito sair pela porta e deixá-la aqui sozinha. Está claro que veio para conversar, não para me trazer alguma novidade sobre o exame, e eu não poderia estar mais impaciente para com seu comportamento hoje.

— Olha, você tem todo direito de não querer ficar com o Jason — digo, cansado. — Mas a situação é intrincável o bastante, e você está morando no apartamento dele. Espero que ao menos tenha avisado que saiu.

— É claro que eu deixei um bilhete.

— Ótimo.

— Disse que estava com muita saudade e que vinha ver você.

Lanço um olhar exasperado a ela.

— Sabe que isso o magoa, certo? Você agir como se ainda gostasse de mim.

Yasmin pressiona os lábios.

— Mas eu gosto mesmo de você — argumenta.

— Chega dessa merda! Sabe que ele é apaixonado por você.

— Sei que errei, e não espero que me perdoe facilmente por isso. — Ela se aproxima, ficando tão próxima que recuo um passo, incomodado. — Mas nada do que vivemos foi mentira, Ty. Eu amo você, sempre vou amar.

Encaro seus olhos, inconformado em como parecem sinceros mesmo com mentiras saindo de seus lábios. Yasmin é determinada, mas o que possui de mais perigoso é sua capacidade de enganar as pessoas. Ela me enganou por meses, e engana Jason até hoje.

— Você não me ama, Yasmin. Só é caprichosa.

Suas sobrancelhas se curvam e os ombros caem, ela faz questão de se mostrar magoada. Enquanto encaro seus olhos, Yasmin vence a distância entre nós outra vez, agarrando minha mão.

— Para com isso! — peço contrariado.

— Para *você* de negar o que sente — ela contra-argumenta. — Não pode ter me esquecido. Esquecido tudo que vivemos com tão poucos meses.

— O que tivemos foi paixão, não amor — digo devagar, com esperança de finalmente fazê-la entender. — A garota que eu amo me deixou, está em outro continente agora. Mas, se está começando a cogitar essas merdas, saiba que nada vai mudar entre nós. Nem mesmo se eu for o pai dessa criança.

Seus lábios formam uma linha rígida.

— Você diz isso agora.

— Digo porque é a verdade — atesto, sério. — Com Jason você tem a perspectiva de uma família, talvez até um casamento. Comigo não.

— Não vai me deixar desamparada.

Aperto a mandíbula.

— Claro que não! Mas em que século acha que estamos? — Deixo o ar escapar com um ruído seco, incrédulo. — Vou sustentá-la até nos reerguemos, mas vai se frustrar se está esperando um marido. Não quero um ambiente violento, sei como isso é traumático para uma criança e você também sabe, mas nada além de amizade pode surgir de uma relação entre nós. Esteja ciente disso.

O aperto de seus dedos magros contra meu pulso aumenta conforme as palavras deixam meus lábios. Ao contrário do que eu esperava, ela não se afasta após eu acabar. Yasmin leva minha mão ao seu ventre.

— Você está tentando se proteger, posso entender isso. — Sua voz desceu um tom e está muito mais agradável agora. — Mas esse bebê pode mudar tudo com o tempo, e eu sinto que ele é seu.

Engulo com dificuldade.

— Não é possível sentir algo assim.

— Chame do que quiser. Sexto sentido, intuição... — Yasmin pega minha outra mão e segura, colocando ao lado da outra palma em sua barriga. — Eu sei que é seu. Por mim, esquecemos esse teste e encaramos o inevitável. Como você mesmo disse, precisamos planejar.

Franzo o cenho.

— Do que está falando? Não vamos esquecer o exame.

Tento me desvencilhar, mas ela resiste. Suspiro, mantendo as mãos por receio de que um movimento brusco, alimentado pela frustração em meu peito, posso acabar machucando-a sem intenção.

— Você diz que não quer nada disso, mas eu sei que no fundo sempre quis uma família. Diz que estou errada. Diz, Taylor! — desafia. — Pode nunca ter pensado em paternidade até esse momento, especialmente tão jovem, mas diz que nunca imaginou uma família bonita e amável, como as que eu e você vimos apenas pela TV.

— Yasmin...

Ela molda minhas mãos de forma que abracem sua barriga.

— É inesperado, mas esse bebê pode ser um recomeço, Taylor. Pode ser a forma do destino de dizer que erramos ao nos separar, e que precisamos ficar juntos.

Suspiro desconfortável, pronto para me afastar quando algo acontece.

Olho assustado para Yasmin, mas ela apenas sorri. Seus lábios se curvam um pouco mais a cada segundo enquanto me

observa. Com as sobrancelhas juntas em confusão, eu sinto outra vez. É diferente, como se algo estivesse se movendo sob a pele, querendo sair e me tocar. Demoro a entender que é o bebê chutando.

— E-ele... — gaguejo.

— Ou ela. Sim, está se mexendo.

— Isso... — Suspiro, incapaz de formar uma frase completa.

— Acontece com frequência, mas é incomum nesse horário. Normalmente acontece a noite, nos momentos em que estou deitada. — Yasmin solta uma de minhas mãos e toca meu cabelo. — Acho que o bebê gosta do som da sua voz.

Observo-a, tomado por uma sensação diferente, uma emoção distinta que nunca me tocou antes. É extraordinário sentir como uma vida tão frágil e pequena pode caber dentro de outro ser humano, e como mesmo antes do nascimento já é capaz de se comunicar.

— Podemos ter isso, Taylor... — Ela sussurra no instante em que volto a encarar minhas mãos. — Uma família feliz com um garotinho lindo como você ou uma menina que tenha meus cabelos. Só precisamos esquecer esse teste, que não vai mudar nada que já não saibamos.

Pisco, desnorteado, ainda experienciando os chutes do bebê. Se não estivesse com um vestido, eu ficaria tentado a levantar a blusa dela para sentir melhor.

— Sei que está confuso e que parece muito agora, mas tudo vai se acertar com o tempo. Você terá um emprego e quando o bebê estiver crescido, eu posso arranjar um também. Podemos crescer juntos, Taylor. Nenhum sacrifício vai importar diante da nossa

felicidade. — Yasmin continua, deslizando os dedos pelos meus fios. — Ela entendeu que precisa ficar longe, que a presença dela aqui traria mais dor para todos, inclusive para essa criança que não tem culpa de nada. Até Amber compreendeu que precisamos ficar juntos.

Saio do torpor, perturbado.

Puxo os braços para trás e me afasto, sentindo meu coração bater rápido contra as costelas enquanto recuo tantos passos que bato as costas contra parede. O baque seco ecoa pelo ambiente enquanto puxo o ar, repentinamente enjoado.

— Ela não vai voltar, Taylor. Não precisa esperar por ela.

Suas palavras penetram minha mente, e eu não consigo afastar os olhos enquanto o entendimento me toma.

— Amber entendeu que não pode ficar entre nós, que estaria separando uma família — diz abraçando o ventre. — Por que você não pode entender isso também?

Afio os olhos.

— Como assim ela entendeu?

Yasmin respira fundo, impaciente.

— Ela precisava ver — diz simplesmente.

— De que porra está falando? — vocifero.

— Eu não a conheço, mas algo me disse que se Amber me visse, se visse a barriga e conversasse comigo, ela se sentiria culpada. — Yasmin encolhe os ombros. — Afinal, ela deveria, estava se colocando entre uma família. A nossa família.

Exaspero-me, esfregando a testa com força, tentando me acalmar. Sinto meus músculos tremendo, e meu coração batendo forte contra as costelas.

— Achei que estivesse apenas perdida... — Ergo as mãos gesticulando em fúria. — Mas você é egoísta, é manipuladora! Você precisa de ajuda.

— Eu preciso de você, Ty.

As trancas giram atraindo nossa atenção quando a porta se abre e minha irmã entra. Olívia estaca no segundo passo ao encarar Yasmin, ficando ainda mais confusa ao notar o meu estado.

— Que diabos está acontecendo aqui? — questiona, deixando as sacolas que carrega caírem perto da porta fechada.

— Ela falou com Amber. — Aponto para Yasmin, colérico. — Conversaram no dia em que ela partiu para França. Pelas barbaridades que disse, imagino como foi a conversa.

— Amber foi embora por sua causa? — Liv inquere a Yasmin, surpresa.

— Eu apenas a ajudei a ver o óbvio.

— O ÓBVIO É QUE VOCÊ ENLOUQUECEU! — Esbravejo. — Amber estava frágil com tudo o que estava acontecendo. Largar Stanford, descobrir um caminho totalmente novo do que havia planejado por anos, sem contar as inseguranças em relação a mim e ao nosso relacionamento, tudo porque fui a porra de um imbecil. — Dou um passo à frente, parando próximo a Yasmin. — Mas você não tinha direito de fazer essa merda!

— Eu não fiz por mal, Ty... — A voz de Yasmin perde força, ganhando um tom choroso. — Fiz porque amo você. Fiz porque essa criança não tem futuro comigo e com Jason. Você não vê? Nós estragamos tudo quando estamos juntos, magoamos pessoas... Nós magoamos a nós mesmos.

Porra, essa merda só pode ser brincadeira!

— A única pessoa que você consegue amar, é a você mesma — cuspo as palavras. — Você possui necessidade de manter as pessoas por perto a qualquer custo porque a ideia de ficar sozinha a amedronta mais do que qualquer coisa. Você tem medo de olhar ao redor e não ver ninguém, de se sentir como a criança desamparada que foi um dia. Mas precisa entender que isso não te dá direito de usar e brincar com as pessoas. — Agarro os fios do meu cabelo. A raiva borbulhando dentro de mim se condensa em decepção e culpa, marejando meus olhos conforme tudo se encaixa com precisão. — Não pode foder com a minha vida, apenas porque acha que você e Jason não serão bons pais, caralho!

Olívia se coloca entre nós, empurrando-me pelo peito para trás até que esteja uns bons passos longe de Yasmin.

— Você não entende, Taylor! — Yasmin devolve pra mim, as lágrimas caindo com mais força. — Jason e eu vamos nos destruir antes mesmo dessa criança nascer. Eu só queria ser feliz uma vez na vida... Eu só queria... — Move a cabeça para os lados, fungando. — Queria que essa criança tivesse algo que eu nunca tive.

— Sua felicidade? As custas de que, Yasmin? — Liv interfere, gesticulando abertamente. Por mais raivosa que esteja, contudo, minha irmã não vai tocar um dedo nela. — Destruiu a amizade que Jason e Taylor tinham, e agora tentou fazer o mesmo com o relacionamento dele com a Amber.

— Eu não te traí sozinha! — Yasmin retruca, mantendo os olhos nos meus.

— Pelo menos ele se desculpou.

Volto a me aproximar dela, sentindo meu coração bater tão rápido que sinto a dor alastrar pelas minhas costelas a cada batida.

— O bebê não é meu, certo? — questiono a ela. — Toda essa história, sua pressa em esquecer o exame, as declarações de que não queria Jason como pai... Você sabia desde o começo?

— Cacete! — Liv arfa ao me ouvir.

— Eu não tinha certeza...

— Yasmin — rosno, impaciente.

— Haviam mais chances de ser dele, ok? — Ela admite, aborrecida. — Meu anticoncepcional falhou, possivelmente no período em que fiquei doente e tive que tomar antibiótico. Mas nos últimos dias, nós não estávamos transando Taylor. Nossa relação já ia mal, e embora você nunca tenha deixado de ser carinhoso e presente, você quase não tocava em mim. Não de um jeito sexual. — Tentando limpar as lágrimas que continuam a cair, ela desvia os olhos ao continuar: — Ao contrário de você, Jason me comia quase todos os dias. Assim que minha menstruação atrasou e eu fiz um teste de farmácia, eu sabia que se estivesse mesmo grávida... A chance do bebê ser dele era quase total.

— Por que você mentiu então? — interpelo, alterado. — Fez todos acreditarem que havia mais chances de ser meu quando sabia de tudo isso. Viu como Jason ficou por esse bebê, viu o inferno que estava causando na minha vida, Yasmin. QUAL É A PORRA DO SEU PROBLEMA?

Ela entreabre os lábios, mas apenas um soluço ecoa.

Ao tentar se aproximar novamente, com um passo hesitante, eu ergo um braço, impedindo qualquer outro avanço.

— Sabia que teria uma condição financeira muito melhor com Jason, e sabia que ele assumiria o filho sem hesitar. Eu sei que ele é apaixonado por mim, não sou idiota. Mas sei que ele não está

preparado para isso, Ty! Nós fodemos tudo sem nem sermos um casal, acha mesmo que podemos criar uma criança? — Yasmin aperta as mãos na barriga, respirando rápido. — Eu prefiro uma segunda chance com você. Prefiro uma vida simples, sem todo o caos que eu e ele sempre carregamos. Amar você é fácil...

Solto o ar, com uma respiração áspera.

— Puta merda! Não acredito nisso.

— Esperava conquistá-lo de volta enquanto não soubessem de quem era o bebê. Mas você estragou tudo, me mandou direto para os braços dele, para morar com Jason e concordou com o teste intra-útero. — Seus lábios se contraem, trêmulos pelo pranto, e Yasmin faz uma pausa, mantendo os olhos nos meus. ¬— Tive que falar com Amber e vir aqui, precisava consertar tudo antes que fosse tarde demais.

— Você está se ouvindo? — Liv pergunta, sem conseguir acreditar. — Não pode achar que tratar as pessoas como marionetes seja algo normal.

— Acha que eu queria ter feito tudo isso? — indaga, curvando os ombros como se estivesse cansada. — Não, eu não queria. No começo, eu nem mesmo queria esse bebê. Mas depois eu percebi que ele poderia ser a minha segunda chance. — Yasmin abre um sorriso, mesmo com os olhos voltando a marejar. — Você não consegue ver que estou oferecendo muito mais do que ela? Amber não lutou por você, Taylor. No primeiro sinal de fraqueza, ela foi embora. Ela deixou você. Te abandonou como todos na sua vida, do mesmo jeito que fizeram comigo.

— Chega, Yasmin!

— Eu jamais faria isso com você — continua, mesmo sob os meus protestos. — Eu estou aqui, não estou? Voltei por você.

Vagueio em círculos, crispando as mãos, atordoado por suas palavras. Não fico surpreso por Amber ter guardado a conversa para si, ela já se enxergava como parte sobressalente daquela confusão. As palavras de Yasmin só foram o estopim.

Merda, compreendo agora porque ela declina todas as minhas ligações.

— Espero que com essa gestação aprenda a pensar em alguém que não seja você. Espero de verdade que esse bebê te faça ver algo além do seu egocentrismo, e com sorte te ensine um pouco de amor. — Liv volta a falar, e aponta para mim. — Porque ser rejeitada pelo meu irmão pode doer. Ser rejeitada por Jason quando ele finalmente se der conta de quem é você, vai te machucar ainda mais. Não sei se notou, mas ele é a única pessoa do seu lado agora. Mas nada vai doer tanto quanto ser rejeitada por uma parte sua, uma vida que cresceu e nasceu de você.

— Não fala do meu filho! — Yasmin brada.

— Não se trata desse bebê, mas do seu comportamento — argumento compungido. — Você magoa pessoas, e não dá a mínima para isso. Acha que eu também não quero ser feliz depois de toda merda que passei quando criança? Depois de tudo o que aconteceu no semestre passado? Passar por cima de tudo e todos para conseguir isso, não é a resposta, Yasmin!

— Taylor... — chama com esperança.

Caminho até onde Yasmin estava sentada e agarro a alça de sua bolsa.

— O que você fez ultrapassou todos os limites. Se você não entende isso, realmente há algo de muito errado com você. — Empurro a bolsa contra seus braços, obrigando-a a agarrá-la. — Agora quero que saia da minha casa, e da minha vida também.

Erguendo o queixo, ela aperta a alça da bolsa. A hesitação dura apenas alguns segundos, antes que marche para fora do apartamento. As botas negras ecoando pelo piso, da mesma forma como quando apareceu.

— Yasmin... — Olívia chama quando ela está quase fora do apartamento.

— Olívia — repreendo, ansioso por acabar logo com isso.

— Só mais uma coisa — minha irmã avisa, voltando a se aproximar dela. — Só para deixar claro... Se você não estivesse grávida, teria a palma da minha mão marcada em seu rosto por um tapa bem dado. Então é melhor deixar meu irmão em paz porque essa sua barriga não vai te proteger para sempre. Se você acha que é perigosa, você ainda não me viu nervosa, defendendo quem eu amo.

Bufando, Yasmin sai e eu bato a porta.

Liv joga os cabelos para trás e se abana, como se o ambiente estivesse quente.

— Certo, acho que finalmente ficamos livres dela. — Ela diz, prendendo o cabelo em um rabo de cavalo quando os acenos no ar não parecem suficientes para refrescá-la. — De toda forma, foi bom pra caralho fazer isso. Alguém precisava colocar aquela vadia no lugar.

Em função do meu silêncio, minha irmã se aproxima.

— Ainda não acredito que Yasmin planejou tudo isso e ainda teve a pachorra de conversar com Amber — comenta enternecida. — Você está bem?

Deixo meu corpo atingir o chão. Com as costas na parede, apoio os cotovelos nos joelhos e o rosto nas mãos, cobrindo minha frustração e as lágrimas que vertem copiosamente.

— Como eu poderia? — indago esmorecido. — Fui um filho da puta covarde pela segunda vez.



Amber

DUAS SEMANAS DEPOIS
HARAS – TOSCANA, ITÁLIA

— Essa consulta foi ótima, Amber. — Ellen elogia.

Ela é minha psicóloga. Foi indicada pelo meu antigo pediatra, e amigo muito próximo do meu pai, Nicollas Cartier.

— Ainda temos muito trabalho pela frente — ela continua —, mas gosto de como está comprometida.

Abro um sorriso, limpando as lágrimas.

Hoje falamos muito do meu pai, e como seu ato de amor refletiu nas minhas ações ao longo dos anos. Um mecanismo compensatório que configurou alguns distúrbios que possuo hoje. Embora ainda seja minha quarta sessão, já fui diagnosticada com ansiedade e transtorno obsessivo compulsivo, TOC.

Ninguém ficou muito surpreso após os acontecimentos em Palo Alto.

— Isso é bom.

— É ótimo! — ressalta, encorajadora. — Vejo você na próxima terça, ok?

— Ok. Obrigado Ellen.

Desligo a chamada e fecho o notebook. Assim como a terapia, ficar no Haras próxima da minha família tem me feito bem, então as consultas remotas foram a melhor opção.

Saio do quarto a caminho da cozinha, mas mudo de ideia ao flagrar Dona Bárbara sentada na varanda, admirando a paisagem. O campo aqui é muito bonito, a grama é bem cuidada e há árvores e arbustos por toda parte, sem contar o celeiro. Este último, sem dúvidas, é meu lugar favorito.

Pelo acesso das portas francesas, eu a surpreendo com um beijo no rosto. Mamãe se sobressalta levemente, sorrindo em seguida.

— Vem aqui — ela chama.

Ocupo o assento ao seu lado.

— Seu telefone novo chegou?

— Ainda não — respondo. — Tia Julie se ofereceu para me levar à cidade para escolher outro modelo, mas está sendo bom passar um tempo afastada de tudo. — Dou de ombros. — De qualquer forma, o que comprei online não vai demorar a chegar.

Mesmo admirando o dia ensolarado, consigo sentir seus olhos inquisidores me analisando.

— Esse seu afastamento digital tem nome e sobrenome — aponta, certeira, obrigando-me a olhá-la. — E um coração solitário na Califórnia.

— Mãe! — repreendo.

Seus lábios se apertam em um quase sorriso.

— O quê? Apenas estou dizendo o que eu acho.

— Heitor disse algo a você? — interpelo desconfiada.

— Não conversamos tanto assim. Desde que ele voltou à Palo Alto, ainda não nos falamos, na verdade — ela responde. — Com seus avós fora com aquele retiro de yoga, ele ainda não ligou.

Meus avós entraram em uma de fase paz e amor. Depois da dieta de consumo apenas de produtos naturais, o retiro de yoga foi a próxima parada. Eles voltam em duas semanas já matriculados em uma aula de Tai chi remota.

— Então essa é uma abordagem passiva agressiva, onde você defende o garoto que demorou tanto a aprovar? — inquiro, erguendo uma sobrancelha.

— Eu não demorei a aprová-lo.

— Não é como eu me lembro.

— A questão não era Taylor, sempre foi preocupação de mãe. — Ela contra-argumenta. — Além do que, vocês não fizeram muito para me ajudar. Tive péssimas primeiras e segundas impressões.

Quase sorrio com as lembranças, mas meu constrangimento por esses momentos ainda é maior.

— Deveria estar preocupada por ele ter chances de ser pai nesse momento, e não se está com saudades minhas — reitero, sendo prática. — Imagino que resultado tenha saído à essa altura.

Eu não posso ter certeza, mas não deixei de pensar nisso.

Nem por um minuto.

— Você saberia se ligasse para ele.

— Meu telefone não está aqui.

— Há vários pela casa.

— Eu não sei o número de cor.

— Pode ligar para o Heitor.

Suspiro pesadamente.

— Eu... — minha voz vacila. — Eu não quero, ok? Não quero saber a verdade.

— Isso porque está supondo que a verdade será ruim.

— Você não está ajudando, mamãe.

Felizmente, ela lida com meu olhar exasperado com paciência. Mas ver a compreensão em seus olhos não faz com que eu me sinta melhor. Nada nos últimos dias tem feito, tratando-se do meu coração teimoso que não embarcou comigo, ficou a um oceano de distância.

— Meu amor, não pode passar semanas sendo corroída por isso e fingir que está tudo bem. — A voz dela desce um tom, soando amorosa. — Não é exatamente isso que está tentando mudar com a terapia?

Não respondo, o bolo na minha garganta me impede de dizer qualquer coisa. Ela acertou em cheio, esse é o alvo da minha mudança e no que se trata de Taylor tenho sido hipócrita.

Mamãe se aproxima, abraçando meus ombros e puxando meu corpo até que eu esteja aninhada no banco, deitada com a cabeça em seu colo, recebendo seus carinhos. Parte da tensão se esvai e, de repente, resta apenas saudade.

Saudade do meu apartamento.

Saudade do Toff.

Tanta, tanta saudade de Taylor.

— Sei que está com medo, mas cedo ou tarde vai ter que enfrentar isso. — Dona Bárbara volta a falar. — Não vai se sentir

pior do que está se sentindo.

— Vou sim, se o filho for dele.

Mamãe suspira.

— Acha que não poderiam ter um futuro juntos se isso acontecesse? — inquere com cuidado.

Encaro seu rosto à procura de respostas, e fico ainda mais confusa ao não detectar suas intenções. Ela me encara com uma sapiência que me deixa nervosa.

— Está mesmo me incentivando a entrar em um relacionamento conturbado com uma criança de brinde?

— Não estou incentivando, estou perguntando.

Movo a cabeça em uma negação.

— Eu não poderia me colocar entre uma família.

— O conceito de família é muito amplo. — Ela diz voltando a encarar o campo. — Se Taylor tivesse sentimentos por essa garota, assim como ela cultiva por ele, concordo que se manter no meio dessa situação poderia machucar seu coração. Mas pelo que me contou, esse não é o cenário. — Mamãe me observa. — Se quer minha opinião, sim, é uma responsabilidade gigantesca, e que deve ser pensada com cautela. Mas a decisão que precisa tomar não é se vai se colocar entre uma família, mas se está disposta a abraçar uma sendo tão jovem.

— A quem estou querendo enganar? — Cubro o rosto com as mãos, resmungando. — Tenho dezenove anos e na primeira dificuldade, eu voltei para casa, mãe! Não sou madura o bastante para sustentar uma situação como essa. Não sou madura nem mesmo para levar um relacionamento, que não era relacionamento de verdade.

Ela move minhas mãos.

— Da forma como fala, sugere que você é fraca, e isso não é verdade. Você sustentou tantos fardos sobre os ombros que isso te fez parar na cama de um hospital, Amber. E não porque você é tola ou orgulhosa, mas porque você é forte e quis lidar com tudo sozinha para poupar as pessoas ao seu redor — aponta seriamente. — Como disse, não quero que faça mais isso, você pode ser uma mulher forte sem se sacrificar. Mas isso mostra muito de quem você é.

— Teria aceitado o papai se a situação fosse essa? — eu questiono. — Se uma ex-namorada voltasse com um filho.

Mamãe pensa muito antes de me responder.

— É mais fácil julgar uma situação estando de fora. E conhecendo seu pai, ele iria me poupar da escolha, afastando-se para me proteger. Sempre brigamos por isso. — Ela abre um sorriso afetuoso. — Mas se não houvesse perspectiva de uma relação entre ele e a mãe, eu provavelmente iria tentar. Até porque naquela época meu conceito de família era bem desconstruído. Luca e Genô eram meus alicerces, assim como seu pai. Eu me sentiria honrada em cuidar de Alec e de uma parte dele, caso me permitisse.

Quando fico em silêncio, Dona Bárbara acaricia meu rosto.

— Não estou dizendo isso para convencê-la — reitera com suavidade. — Eu não tive escolha sobre pular etapas e amadurecer, mas você tem. Você pode escolher, meu amor.

Assinto, refletindo suas palavras. Posso pensar em vários cenários ruins em que, além de acabar machucada no fim, mais pessoas acabam emocionalmente feridas. Parte de mim, no entanto,

a parte que sente saudade todos os dias e ainda está viva pela esperança, gosta da ideia.

— Acha que eu deveria ter lutado mais pelo nosso relacionamento? — pergunto, voltando a olhá-la.

— Acho que as melhores coisas da vida não vêm sem uma grande batalha. — É o que ela responde. — Foi duro conquistar seu pai, não era fácil vencer alguém que lutava contra si mesmo. Mas Alec foi a melhor coisa que me aconteceu depois de você. Então sim, no fim das contas, o amor sempre vale a pena.

Sinto meus lábios tremerem, e os pressiono juntos por um momento. Tenho certeza de que minha voz vai soar embargada, mas a pergunta salta dos meus lábios antes que eu possa contê-la.

— Mesmo quando parece impossível? — É apenas um sussurro.

O sorriso dela amplia.

— Especialmente nestes casos.

Taylor

Encaro a xícara entre as minhas mãos como se estivesse interessado no vapor se desfazendo no ar. Na verdade, é uma estratégia, uma distração para não encarar o homem sentado à minha frente. Depois de muita insistência, aceitei me encontrar com Heitor para um café.

— Olívia disse que alugou um lugar — ele comenta. É a terceira vez que tenta começar uma conversa que me arranque mais que um monossílabo.

Exalo, erguendo os olhos.

Cacete, isso não está funcionando.

Começo a me sentir um idiota por estar sendo tão evasivo, afinal se fosse para continuar dessa forma, era melhor não ter aceitado o convite. Mas não consigo evitar.

— Sim. O prédio é simples e o apartamento é minúsculo — dou de ombros —, mas é um bom lugar.

— Está conseguindo arcar com as despesas?

— Estou. O estágio na Off-Broadway me paga o suficiente — eu respondo. — Felizmente não precisei abandoná-lo, como bem sabe.

— Você só largaria essa oportunidade se quisesse. Comigo aqui, eu jamais permitiria isso.

— Sabemos que eu iria negar — aponto o óbvio.

— Sabemos também que você não deveria.

Encaro a porta e Heitor toma uma respiração. Seus ombros tensos denunciam que também não está confortável, e

provavelmente pensa que posso me levantar a qualquer momento e ir embora.

Eu bem que pensei nisso.

— Decidi voltar a fazer terapia — digo, dando continuidade a conversa.

Suas sobrancelhas se erguem.

— Uau, isso... — Ele sorri. — Isso é ótimo Taylor.

— Antes eu fazia como uma obrigação, talvez não teria nem começado se não fosse por você. E mesmo assim, tive progresso. Então quero tentar de novo, de peito aberto dessa vez. — Dou de ombros. — Muitas coisas sobre a minha infância ainda me doem e alguns sentimentos estão tão enraizados que... bom, não sei como me desfazer deles. Quero melhorar.

Heitor ergue a mão e hesita, poucos segundos se passam antes que ceda e aperte a minha. É o primeiro contato físico que temos desde a sua volta, e eu estaria mentindo se dissesse que não me trouxe certo conforto.

— Estou muito orgulhoso de você.

Aquiesço, desviando o olhar para a minha xícara.

Esse é o tipo de coisa que os pais dizem aos filhos, algo banal que sempre senti falta. Algo que esperei que ele e Annalise dissessem anos atrás nas ocasiões em que eu fizesse por merecer.

— Amber também quer fazer terapia — conta, atraindo minha atenção. — Ouvi algo antes de partir, imagino que já tenha começado. Não se falaram desde que ela foi embora?

— Nem uma palavra. Liguei várias vezes nos primeiros dias, mas ela declinou todas as chamadas.

— Amber ficou magoada por você tê-la deixado ir tão facilmente.

Movo a cabeça.

— Bom, ela não foi a única magoada. Amber abriu mão de tudo que conquistamos durante meses na primeira oportunidade — confesso, admitindo o fato pela primeira vez. — E parte de mim não insistiu em sua permanência porque não achava justo pedir tanto a ela. Eu ainda não sabia que não era o pai.

— Você se sentiu perdido, é compreensível — ele tranquiliza. — Mas entendo o lado dela também.

Bebo um gole de café, tentando empurrar o bolo que surge na minha garganta. Falar sobre Amber dói quase tanto quanto tê-la distante, ambos são um lembrete de que eu a perdi.

— Olha, — Heitor continua — vocês são jovens. Nessa idade o que mais fazemos é burrice. Talvez esse tempo seja bom, você está se cuidando e ela também. Dê tempo ao tempo.

É mais fácil falar do que fazer...– ironizo mentalmente.

Suas palavras fazem sentido, mas é difícil ser paciente com o peito doendo. Estou me esforçando para melhorar, e farei disso uma luta diária. Mas ter Amber aqui facilitaria muito o processo, especialmente a noite onde os pesadelos me encontram.

— Tenho um projeto para entregar ao Sr. Bellard na Segunda. Um roteiro que estou trabalhando — digo a ele, abrindo a carteira. Sou tão sutil na despedida quanto um caminhão.

Heitor cessa meu gesto com um acenar de mãos.

— É por minha conta.

— Certo.

Guardo a carteira e pego a mochila, jogando a alça sobre o ombro ao me levantar. Minha bebida está pela metade, a vitamina que Heitor ficou intocada. Foi um encontro curto e sobrecarregado, mas não deixa de ser um progresso.

— Podemos fazer isso mais vezes — sugiro fingindo conferir as horas no celular.

Em virtude da demora, encaro Heitor, captando rastros de sua expressão surpresa. Ele até tenta se conter e evitar um sorriso, mas os lábios se retorcem de um jeito estranho, formando quase uma careta.

— Claro, eu... — Ele pigarreia, controlando o tom de voz que saiu animada demais. — Eu adoraria, Taylor.

— Eu envio uma mensagem.

— Vou esperar.

— Se precisar cancelar, avise — meu tom sai ríspido. — Não vai me deixar plantado aqui.

Seus olhos cansados, repletos de rugas, marejam. Travo a mandíbula tomando nota de como soei. Pareceu o antigo Taylor falando, a criança que ficou abandonada nas escadas, e não o adulto à sua frente.

— Vou sempre estar por perto quando me chamar.

Suas palavras me fazem sentir demais.

Com um aceno, saio do Coupa Café. Caminho, checando o telefone, enquanto tomo a direção de casa.

Noto a mensagem de Olívia.

Liv: *Quero saber se ocorreu tudo bem. Tente ser legal.*

Rolo os olhos, e digito uma resposta:

Taylor: *Um dia de cada vez, certo? Não discutimos e marcamos outro encontro, eu diria que foi melhor do que o esperado.*

Guardo o aparelho e volto a caminhar.

Meu apartamento fica a uma distância considerável do Coupa, mas ultimamente não tenho pressa de chegar em casa. Então tomo o caminho mais longo, passando pelo parque e pelas ruas movimentadas com lanchonetes e bares.

Estou prestes a atravessar a calçada, seguindo o caminho das árvores quando vejo um homem saindo do bar. Sua cabeça está baixa inicialmente, mas pelas roupas eu o reconheço com facilidade.

Minha batalha interna dura apenas alguns segundos, assim que ele ergue a cabeça e cambaleia, eu praguejo, tomando a direção oposta.

Jason avança lentamente, oscilando muito, por isso não tenho dificuldades de alcançá-lo e segurar seu ombro.

— Que porra está fazendo? — inquiro, tentando estabilizá-lo.

Ele ergue os olhos confusos e injetados, demorando a fixá-los em mim. Ao fazê-lo, abre um sorriso enorme, erguendo a garrafa que está segurando.

— Oi, amigão. Vamos tomar cerveja!

Seu bafo alcoólico faz meu rosto torcer em uma careta.

— Isso é uísque. E acho que você já tomou tudo que tinha no bar.

— Não, não, não... — Ele ergue o dedo, e então sussurra como se fosse segredo. — O garçom disse que há mais. Muuuuuito mais.

— Aposto que sim...

— Eu quero beber mais!

Jason tenta levar a garrafa aos lábios, mas eu firmo o braço ao redor do seu ombro. É difícil, ele também é um cara grande. Preciso usar os dois braços para nos manter de pé e evitar uma queda vergonhosa no meio da calçada.

Um homem bem vestido passa por nós em direção ao estabelecimento e arqueia uma sobrancelha. Eu reviro os olhos, aborrecido.

— Você quer um abraço? — Jason pergunta, apertando o corpo contra o meu. — Tudo bem, cerveja cura tudo. Estou meio triste também.

Respiro fundo.

Socar bêbado deve ser pecado.

— Um, dois, três... — tento me acalmar.

— Quatro, oito... sete! — Ele se afasta, erguendo as sobrancelhas. — Viu? Eu também sei contar.

— Dai-me paciência!

Jason simula um monge, juntando o indicador e o polegar da mão livre e erguendo a perna direita sobre a esquerda, ecoando “Ommmm”. O resultado é certeiro, e o imbecil só não bate a cabeça no chão porque o seguro a tempo, recebendo outro abraço demorado dele.

Sinto a dor na lateral, vinda das minhas costelas ainda não completamente recuperadas. A garrafa de Macallan, no entanto, que

poderia muito bem ter se espatifado, fica intacta, bem segura na mão dele.

— Você está muito carinhoso hoje, Ty...

— Me abraça de novo e eu te deixo aqui, no meio da calçada.

Ele me encara e bebe outro gole do gargalo.

— NÃO DEIXE A MASCULINIDADE TÓXICA VENCER! — ruge, atraindo a atenção dos pedestres. Parece um coach bêbado. — Homens podem se abraçar.

Puta merda. Amber alcoolizada era fofa, Jason é um pé no saco. Mas uma coisa eles têm em comum, são dois tagarelas.

— Claro que podem, seu idiota. Eu só não quero abraçar você.

— Mas meu abraço é muito bom... — Ele para, ficando sério de repente e então me encara. — Tão bom quanto cerveja!

Rolo os olhos.

— Duvido muito... — Segurando seu braço, forço seu corpo para baixo, deixando-o sentado no chão, desistindo de tentar mantê-lo de pé ou arrancar o uísque de suas mãos. — Fique sentado. Vou chamar um táxi.

Eles normalmente ficam à espreita próximo a bares cientes de que podem lucrar com os clientes trôpegos, mas hoje não vejo um mísero carro nas redondezas.

Jason move as pernas e tenta se impulsionar com um braço, mas mesmo se esforçando não consegue se erguer. Bufando, ele finalmente fica quieto... por uns cinco segundos.

Desistindo de encontrar um táxi, chamo um Uber, colocando o endereço do apartamento dele.

Serão longos 12 minutos...

— Ela me contou tudo, sabia?

Encaro o rosto dele, que tem uma expressão controversa agora. Embora esteja sorrindo, seus olhos estão muito marejados.

— Do que está falando? — questiono.

— Yasmin disse que não queria que eu fosse o pai. — Ele ergue um dedo, pontuando. — Que preferia nem estar grávida se fosse para ter uma parte de mim para sempre com ela.

Fecho os olhos por um segundo.

— Ela não quis dizer isso de verdade.

Ele toma outro gole.

— Yas disse que quase tentou, mas desistiu quando pensou que você pudesse querer a criança. Você salvou a vida do meu filho sem sequer saber. — Jason volta a virar a garrafa, rindo mais enquanto soluça, tão embriagado que o tronco oscila para trás mesmo sentado. — Mesmo sem querer, você já é um pai melhor do que eu.

Exalo uma respiração pesada.

— Para de falar merda!

— Acredita que eu pensei na porra do berço? — Jason tenta beber outro gole, mas finalmente consigo arrancar a garrafa de suas mãos em meio aos seus resmungos. — Eu queria montar o berço. Vi vários vídeos no Youtune.

— Youtube — corrijo, mas balanço a cabeça em negação. Do que adianta isso? Ele não precisa dizer mais nada para deixar claro o motivo de ter vindo até um bar de esquina disposto a beber até cair.

— Eu sinto muito, Jason...

— Eu a pedi em casamento.

Encaro-o em choque.

— Cacete! — Ajoelho ao seu lado. — Você fez o quê?

Ele sorri.

— Você seria um bom padrinho.

— Não vou ser seu padrinho.

— Argh! — resmunga. — Todo mundo me fala não.

— Pediu mesmo Yasmin em casamento?

Seus olhos se movem para a garrafa na minha mão. Nesse momento parece uma criança mimada, mas ao invés de negociar doces e brinquedos, está tentando conquistar seu Macallan de volta.

— Não vou te dar a garrafa, Jason. Você mal consegue ficar de pé.

Ele grunhe.

— Mas ainda consigo pensar. Ainda dói.

Suspiro, me colocando de pé.

Checo o celular outra vez e o tempo de espera caiu pela metade. Nada animador, seis minutos ainda é muito tempo.

— Você se apaixonou pelo bebê antes mesmo de saber que era seu, então acredite, essa criança tem sorte de que você seja o pai. — Volto a olhá-lo. — Seu pai te deu uma aula sobre o que não fazer, tenho certeza de que vai se sair bem.

— Mesmo que eu esteja assustado?

Deixo uma risada escapar.

— Especialmente por isso. Grandes responsabilidades requerem grandes pessoas. Acho que um garotinho ou uma garotinha vai te tornar um grande homem algum dia. — Tomo um gole da garrafa e gemo. — Porra... isso é bom!

Jason me encara com raiva.

— Devolve! — ele exige.

Sentado desse jeito no chão, instável e birrento, parece ter seis anos. Um mauricinho exigindo o brinquedo que foi roubado no playground. Bom, no parquinho da vida os adultos roubam uísque de quase seiscentos dólares.

— Não.

— Você pegou minha cerveja para beber?

— Não, mas isso foi até eu descobrir que você possui um ótimo gosto para bebidas. — Tomo outro gole generoso. — E pela milésima vez, isso é uísque!

Um carro vira a esquina e eu confiro a placa, identificando o Uber que pedi. Aceno para o motorista que estaciona a alguns passos de nós. Apoiando a garrafa de Macallan em um braço, bem segura, ajudo Jason com o outro como posso até que fique de pé.

Prioridades, prioridades.

— Hora de ir para casa.

Com meu auxílio, Jason se senta no banco de trás.

— Não vai devolver? — inquere, encarando a garrafa sob minha posse.

Nego.

— Vou ficar com isso. Você já bebeu demais.

Ele bufa.

— TOCA PARA O BAR DA OUTRA RUA — Jason grita com o motorista. — Ou para aquela boate no Centro. Eles têm a cerveja que eu gosto!

— Você vai para casa — eu digo.

— Não vou.

— Ah, você vai! — afirmo. Encaro o motorista. — Pode se assegurar que ele subiu no prédio? No estado em que está, é capaz de dormir na portaria.

O homem ri e concorda com um aceno de cabeça. Tive sorte de ser um homem velho e simpático, qualquer outra pessoa iria enxotar Jason do carro em dois minutos.

— Pode deixar!

— Obrigado.

Fito Jason com os braços cruzados, tombando no assento.

— É bom você não se esquecer disso amanhã... — digo a ele.

Seu cenho se franze pelas minhas palavras. Ainda que continue encarando de soslaio a garrafa presa no meu braço.

— Por quê?

Tomo uma respiração, tentado a beber ao menos três goles para dar conta de fazer isso.

— Nunca voltaremos a ser o que éramos antes, mas eu tenho muita coisa me puxando para trás agora, não quero o que aconteceu entre nós somando a isso — começo, as palavras quase não saem. — Quero recomeçar, então... Então eu perdoo você. Se quiser, tome outro porre. Tome vinte porres, mas recomece também. Falei sério sobre o bebê, acredito que você pode ser um bom pai, um do tipo que nem eu ou você tivemos. Basta se esforçar e não deixar que Yasmin faça gato e sapato de você.

Ele pisca lentamente.

Não sei se está sonolento pelo efeito do álcool ou se está incrédulo demais pelas minhas palavras. De toda forma, falei sério, não vou repetir isso amanhã, nem nunca mais.

Amber tinha razão, começamos a perdoar com o coração antes mesmo de fazê-lo com a cabeça, mas dizer as palavras ainda é difícil pra caralho. Essas saíram atassalhando pela minha garganta.

— Yas não aceitou o pedido de casamento — anuncia, por fim.

— Sorte sua! Vai ser um pai melhor se estiver feliz, e ela precisa melhorar muito para merecer um cara como você.

— Se ficar parado aqui, a corrida vai contar como uma parada e ficar mais cara. — O motorista avisa. — E pela distância do lugar, já não vai ficar barata.

Eu assinto, batendo a porta traseira. O vidro da janela está aberto até a metade, então consigo ver Jason, que continua com os olhos injetados fixos em mim. Expressão cansada, cenho muito enrugado e roupas amarrotadas... Está tão bem quanto um espantalho.

— Considere o Macallan como o pagamento pelo Uber — digo a ele, erguendo a garrafa.

Seus olhos se reduzem a fendas.

— Eu teria que rodar a cidade inteira para esse negócio ser justo — diz contrariado.

— Hum... — Dou outro gole. — Eu deveria ter te deixado beber mais, ainda está raciocinando.

Jason revira os olhos, mas parece sincero ao dizer:

— Sinto muito que a Amber foi embora.

Forço um sorriso. Mais tarde vou afogar tudo com o restante desta garrafa.

Muita música melosa e álcool vão ajudar a afastar os pesadelos.

Eu espero.

— Ela está no Haras, na Itália. Imagino que está bem, rodeada pela família. Isso é tudo que importa. — Encaro o motorista outra vez, e aceno. — Pode ir agora. Obrigado pela paciência.

Ele ri, ligando o carro.

— Sem problemas, lido com bêbados o tempo todo. — O senhor pisca para mim. — Com homens sofrendo por amor também.



Acordo com uma pulsação incomoda na cabeça, que piora ao abri dos meus olhos. A luz forte que perpassa as janelas me faz apertar as pálpebras pelo ardor, gemendo. O culpado de tudo isso tem nome: Macallan.

Respiro fundo, tentando engolir.

Com determinação, forço meu corpo a se levantar. É uma prova de resistência chegar ao banheiro e ligar a ducha, permanecendo embaixo do jato gélido por vários minutos. Meus músculos se retraem, tensos pela temperatura, mas em dado momento acabo sorrindo ao me lembrar deste cenário em particular.

Thompson do outro lado da porta estudando, ou na cozinha preparando algo. Eu no banho, tentando fazer minha ereção ceder com um longo banho frio. Funcionou por um tempo, mas passou a ser insuficiente conforme nossa interação aumentava. Sobretudo, após os beijos.

Suspiro pesadamente.

Ah, os beijos! Que saudade dos beijos.

Apoio as mãos nos azulejos e fecho os olhos.

A lembrança dos nossos momentos, especialmente da primeira vez que fizemos amor, me invade com força. Sinto o sangue fluir pelo meu corpo, aquecendo mesmo em contato com a água fria. E, de repente, todas as memórias estão vívidas, tão claras quanto a água.

Amber me abraçando, embaixo de mim...

Amber me cavalgando, em cima de mim...

Amber gemendo baixinho enquanto me toma de lado...

Posso ver seus olhos curiosos quase velados pelas pálpebras pesadas de desejo, e seus lábios entreabertos, por onde a respiração ofegante me atinge, assim como seus doces gemidos. Merda, quase posso sentir o contato de suas mãos em meus ombros, deslizando por toda extensão das minhas costas e subindo pelo meu peito. Os tornozelos se fechando ao redor dos meus quadris enquanto ela se move, tentando aprender o ritmo.

Cada pensamento.

Cada memória.

Cada dolorosa saudade.

Tudo me deixa ofegante, e cada vez mais rígido. Tão duro e latejante que é inevitável me privar de escorregar a mão direita pelo abdômen e fechá-la em um aperto firme contra minha ereção.

Ah, Amber!

Movo para cima e para baixo, imaginando as mãos pequenas e delicadas dela no lugar da minha. Na minha fantasia, ela está sobre as minhas coxas, como naquele dia no sofá. Mas dessa vez, uma de suas mãos está em movimento, entre suas pernas,

enquanto me masturba. Eu a olho, encantado, apalpando seus seios, um pouco mais próximo do abismo conforme geme baixo e diz como está se sentindo quente.

Porra, amor!

Grunho, pendendo a cabeça para trás, sentindo o orgasmo se aproximar. Sei que não será tão bom quanto é com ela, e provavelmente vou me sentir pior quando acabar, mas não importa. Nesse pequeno instante, é como se ela estivesse aqui.

Sinto o gosto dos seus lábios, sinto o cheiro do seu shampoo no vapor, sinto cada parte de sua pele macia roçando na minha. Engulo em seco, arrastando os dedos pelo azulejo. Quase posso senti-la subindo e descendo, apertando meu pau daquele jeito gostoso também.

Batidas ecoam na porta e eu sobressalto, largando minha ereção. Respiro fundo, o coração retumbando contra as costelas. Demoro a entender que a batida vem da porta do apartamento e não da do banheiro.

Com o pau duro, implorando por alívio, desligo o chuveiro, puto por ter sido arrancado da minha fantasia. Resmungando, eu me enrolo na toalha. Atravesso o apartamento aos bufos, e abro a porta.

Liv viajou com Gregory para Chicago, e de toda forma ela possui uma cópia da chave. Então espero encontrar Heitor, rezando para não ser surpreendido por Yasmin outra vez. Mas me deparo com uma mulher sorridente.

Ela trabalha como porteira aqui no edifício e também é minha vizinha, é uma senhora muito religiosa. Pelas marcas ao redor dos seus olhos e os cabelos grisalhos, deve se aposentar em breve.

— Bom dia — cumprimento, forçando um sorriso.

— Ah, b-bom dia...

Ela desliza os olhos por mim e ergue a correspondência que está segurando. Sua mão está tão trêmula que por pouco o papel não escapa de seus dedos.

— Chegou na portaria — avisa o óbvio, voltando a encarar meu rosto. — Disseram que é urgente.

— Obrigado.

— Certo. — Ela encara meu peito e a tolha outra vez, apertando o casaco em volta do corpo com as sobrancelhas erguidas. — Tenho que... voltar... a portaria.

Ela me dá as costas e ruma ao elevador, apertando insistentemente o botão. Seus dedos vacilam tanto, que ela erra o sinal da cruz.

— Tenha um bom dia — digo alto, fechando a porta.

Encaro a correspondência com curiosidade. É um papel simples, branco e impecável. Não há nem mesmo uma assinatura. Mas basta abrir o envelope e ler as primeiras palavras para eu descobrir o remetente. Conheço muito bem esse garrancho distorcido que Jason chama de letra.

Estava bêbado como um gambá ontem, mas apesar da ressaca monstruosa, eu me lembro de tudo. Obrigado por ser um bom amigo, até nos momentos em que eu não mereci que você fosse.

Está na hora de eu fazer algo por você, e por isso vou te dar um conselho: HONRE SUAS BOLAS E VÁ ATRÁS DELA!

Lute por ela, Ty. Prove que merece a garota especial que Amber é, e nunca a deixe escapar. Vocês têm o tipo de amor que a maioria de nós procura, mas não tem a sorte de encontrar.

Ah, você está me devendo um Macallan!

Boa sorte.

Junto do bilhete há uma passagem de ida e volta para Itália, na primeira classe.

Engulo em seco, deambulando pelo apartamento. O pequeno pedaço de papel pesa em minhas mãos hesitantes, representando toda extensão de terras e águas que há entre Amber e eu.

Toff, parado no meio da cozinha, aguarda minha decisão.

— Ela pode ter desistido completamente de nós nessas semanas que passaram, não é? — converso com ele. — Isso com ou sem bebê.

Ele late.

Parece um incentivo.

— Merda, talvez ela até saiba que o filho não é meu — pontuo. — Não cheguei a questionar Heitor se contou a verdade a ela.

Toff me dá as costas, impaciente.

Movo a cabeça, largando a passagem em cima da mesa.

— Eu entendi a mensagem, amigão.

Uma vez no quarto, visto uma muda de roupa limpa, a primeira que encontro, e pego meu celular. Volto à cozinha e pesco a passagem dobrando, enfiando no bolso traseiro da calça junto com a carteira.

Encho a tigela de comida de Toff e acaricio sua cabeça, tão esperançoso quanto ele de não voltar sozinho. Saio do edifício a passos apressados, optando pelas escadas, afobado demais para aguardar o elevador.

Abro um sorriso, sentindo ondas densas de esperança tomarem meu corpo enquanto salto os degraus. Não vou deixar que as coisas terminem assim, não vou carregar a culpa de ter sido um imbecil e não ter feito absolutamente nada para mudar isso. Eu vou à Itália, e não vou sair de lá até conversar com Amber. Se ela tiver mesmo desistido de tudo terá que dizer isso olhando nos meus olhos.

Nossa história só acaba aqui, se ela houver desistido de nós.

Porque eu não vou parar de lutar por ela.

Atinjo a calçada, e tento calcular o menor trajeto. Minha vontade é sair em disparada e não parar de correr até chegar ao aeroporto, mas sei que um veículo será mais ágil. O problema é que ao conferir um Uber, me deparo com o tempo de espera de 14 minutos.

Bufo. Além de chegar atrasado e correr o risco de perder o voo, se eu chegar à Itália, vou chegar careca. Terei arrancado todos os fios pela apreensão. E já que não tenho muita coisa a meu favor agora, acredito que Amber tem mais chances de me aceitar de volta com a aparência com a qual está acostumada, com muitos fios na cabeça.

O destino se mostra ao meu favor quando um táxi vira a esquina, parando a alguns metros de mim, terminando uma corrida. Com um sorriso, aumento os passos. Estou prestes a atingir o carro,

mas um casal chega primeiro. O homem abre a porta para moça e conversa com o motorista, prestes a adentrar o veículo também.

Nem fodendo eu vou perder essa corrida!

— Com licença! — eu grito ao me aproximar. — Preciso desse táxi.

O homem ergue as sobrancelhas. Ele é alto, usa um terno de três peças e um olhar arrogante, embora pareça ser apenas um pouco mais velho do que eu. Ouço o barulho da fivela, e praguejo, sabendo que a garota já colocou o cinto de segurança.

— Sinto muito, cara. Tenta outro.

— Por favor, eu estou muito atrasado.

— Acontece que eu também estou, tenho um almoço com os meus sogros — argumenta, dando a volta na porta e apoiando uma mão em cima da lataria do veículo. — O trajeto é longo, e deveríamos ter saído há vinte minutos.

Meu voo está marcado para as duas da tarde, e são quase dez e meia da manhã. Tratando-se de uma viagem internacional, a companhia aérea exige que os passageiros estejam no aeroporto com no mínimo três horas de antecedência. Contando o tempo que o táxi levará até o destino, falta pouco para eu me atrasar.

— Olha, eu preciso estar em outro país o mais rápido possível — digo em desespero. — Preciso estar na Itália e se eu não sair agora, vou perder meu voo. — Dou um passo à frente, correndo sérios riscos de ganhar um soco ao me dirigir à garota morena e franzina no banco de trás pela janela. — Eu estou indo atrás do amor da minha vida. Fui um idiota e a deixei escapar, agora ela está em outro país. Não posso passar nem mais um minuto longe dela.

Ela se sobressalta levemente, e posso ver a dúvida em seus olhos, avaliando se estou falando a verdade. São segundos torturantes.

— Cara, melhor se afastar. — O homem ao meu lado aumenta o tom, firmando as mãos na porta.

— Deixa, amor! — Ela diz, soltando o cinto.

— O quê? — inquere, confuso.

— Vai mesmo me deixar ficar com o carro? — eu ecoo, surpreso.

— Claro que não, idiota.

— Sim, nós vamos — confirma suavemente, saindo do veículo. Ela não se intimida com a feição carrancuda dele, ao contrário, até sorri. — Mas precisa prometer que não vai ser um babaca outra vez.

Abro um sorriso eufórico.

— Decidam logo, eu não tenho o dia todo! — O taxista mal-humorado resmunga, buzinando.

— Eu prometo — digo a garota, entrando no carro antes que mudem de ideia. — Muito obrigado.

— Não acredito que fez isso, Mel. — Ouço o homem resmungar. — Agora chegaremos atrasados. Outro motivo para seus pais desgostarem de mim.

O motorista dá partida, e ao sentir o carro em movimento, solto uma respiração pesada. Pelo menos embarcar, eu vou conseguir.

— Quanto tempo até o aeroporto?

— Meia hora. 45 minutos, no máximo.

Suspiro.

— Pode acelerar?

Ele me olha pelo retrovisor, gesticulando com as sobrancelhas. Abro a carteira e coloco uma nota de vinte dólares sobre o banco da frente.

— Claro. — Ele responde, então. — Vamos chegar em pouco mais de vinte minutos.

Assinto.

Aproveito o tempo de espera para enviar uma mensagem a Jason.

Taylor: *Estou indo atrás dela.*

Não estava à espera de um texto, ao menos não tão rápido. Mas no mesmo minuto, sua resposta aparece, como se estivesse esperando por isso.

Jason: *Aleluia! É bom não fazer nenhuma burrada.*

Taylor: *Eu não vou. Obrigado pela passagem.*

Jason: *Considere um pedido de desculpas por ter dito aquelas coisas idiotas quando estavam se conhecendo. Já que não podia ser meu amigo, queria você por perto nem que fosse para me odiar. Acabei envolvendo Amber nessa merda.*

Ele foi um idiota na maior parte do tempo, mas não preciso apontar isso. Jason está reconhecendo suas falhas e eu estou tentando mudar, deixar de ser tão arbítrio e reconhecer que eu erro muito, do mesmo jeito que erram comigo.

Taylor: *Espero que tenha acordado se sentindo péssimo. Não bebi metade do que você tomou e quase não levantei da cama essa manhã.*

Jason: *Tive vários encontros com o sanitário durante a madrugada.*

Ele envia uma foto de uma caneca cheia de café.

Jason: *Essa é a terceira de hoje, e ainda me sinto como se um trator tivesse me atropelado. Além do Macallan, tomei tantos copos de cerveja que a fatura do meu cartão virá igualmente bêbada.*

Taylor: *Yasmin não deve ter ficado feliz.*

Jason: *Ela não disse nada. Dormi no sofá e acordei com o som do liquidificador, ainda não recebi nem um bom dia.*

Taylor: *Que merda!*

Jason: *Vou pedir a comida do restaurante que ela gosta, como oferta de paz.*

Bufo.

Taylor: *Está falando sério?*

Jason: *Não posso mudar a escolha dela de me transformar em um alvo, como se eu fosse o inimigo. Mas posso não ceder, dar um tratamento diferente. Vou tratar Yas tão bem como sempre, porque quando esse bebê nascer é assim que vai ser. Não vou transformar nosso apartamento em uma zona de guerra só por estar chateado.*

Taylor: *Muito maduro.*

Jason: *Nem tanto. Eu respondo aos insultos mentalmente sempre que ela exagera, e não sou nada gentil. Como eu não reparei que ela grita tanto?*

Deixo uma risada escapar.

Taylor: *É difícil ver os defeitos estando apaixonado. A parte mais legal vem depois, quando você conhece os erros e as fraquezas, e escolhe amar aquela pessoa independente deles.*

Jason: *Leu isso no para-choque de um caminhão?*

Taylor: *Cala a boca!*

Jason: *Tá bom, emocionado. Vá atrás da sua garota.*

Jason: *Espero que se acertem.*

— Chegamos — o motorista anuncia, sacando sua caixa de moedas. — São dezesseis dólares.

Encaro a fachada do aeroporto com o coração aos pulos, e digito uma resposta rapidamente:

Taylor: *Eu também.*

Jogo outra nota de vinte, e saio sem esperar o troco. Não tenho uma menor e não vou suportar até o homem procurar naquele mar de moedas.

Correndo, eu adentro o aeroporto. Vagueio a passos apressados até encontrar o guichê da companhia aérea. Há uma fila de cinco pessoas, e eu espero no meu lugar, atrás de uma garota,

batendo insistentemente o pé sobre o piso. Recebo alguns olhares confusos, e demoro a identificar a causa. Vesti a porra da camiseta do lado errado.

Finalmente, alguns minutos depois, eu consigo ser atendido. A funcionária, vestida com uniforme azul e lenço estampado, abre um sorriso cordial.

— Bom dia. Preciso do seu documento, código de reserva ou número do bilhete.

— Bom dia — murmuro, tateando os bolsos para encontrar a passagem e minha carteira de motorista. — Aqui.

— Só um momento, por favor.

Ela digita algumas informações no teclado, encarando a tela do computador. Aguardo todo processo ansioso, colocando e retirando as mãos dos bolsos.

— Aqui está seu cartão de embarque.

— Obrigado.

— Está portando alguma bagagem?

Abro um sorriso, negando.

— Deixei para trás — respondo esperançoso. — A única coisa que me importa está no meu destino agora.

A mulher ergue as sobrancelhas.

— Hum... certo. Pode se dirigir a sala de embarque.

— Obrigado.

Saio do guichê com o documento de identificação e o cartão de embarque em mãos para passar na inspeção de segurança. Uma vez na sala de embarque, fico sentado, atento aos alto-falantes e painéis de informação, ciente de que os próximos minutos serão longos. Há banheiros à direita e lojas e lanchonetes espalhadas ao

redor, então decido comprar água e algumas pastilhas, sentindo minha garganta ressequida pela ressaca.

Suspiro, tomando o primeiro gole.

Estou a caminho, amor.



Felizmente a Itália não exige visto para turistas, não a menos que eles pretendam passar mais de noventa dias, então não tive nenhum problema ao desembarca no Aeroporto Internacional de Roma.

Pego o celular de imediato, e suspiro ao notar que tenho apenas 15% de bateria. A adrenalina do momento não me permitiu pensar com clareza e trazer uma bagagem de mão com um carregador, por exemplo. Muito menos tomar consciência de que não faço ideia de onde é o Haras. Estou no meio de uma bota gigante, sem a mínima ideia de onde Amber pode estar.

Além de estúpido, agora me sinto burro também.

— Merda! — praguejo, encarando o mar de pessoas ao redor.

Tento a sorte, ligando para Amber pela centésima vez. Sem surpresas, o telefone está fora da área de cobertura. Cogito ligar para Heitor e pedir o endereço, o que teria sido prudente antes mesmo de sair da Califórnia. Mas tenho uma ideia melhor. Encontro o contato de May e tento uma ligação... que também cai na caixa postal.

Felizmente, ela me envia um texto em seguida.

May: *Estou no meio de uma aula, não posso atender.*

Bom sinal, não é?

Ela não está me ignorando.

Taylor: *Estou no aeroporto de Roma. Vim me resolver com Amber, mas ela continua a ignorar todas as minhas ligações. Preciso de ajuda.*

May: *Você está realmente na Itália?*

Taylor: *Estou.*

May: *Você só pode estar brincando.*

Acho que comemorei cedo demais...

Sei que fiz merda, mas esperava que May pudesse ajudar. Se ela se recusar a me dar o endereço, isso vai demorar mais que o planejado. Especialmente se Heitor não me atender.

Não falo italiano, mas vou em cada departamento de polícia dessa cidade até bater em cada fazenda desse país. Posso inventar que Amber sequestrou meu filho, Toff. Até descobrirem a mentira e que, na verdade, se trata de um cachorro, já devo ter conseguido uma pista.

O padrinho dela é advogado, pode ajudar a resolver a questão depois. Mesmo que desista de mim, Thompson não vai me deixar ir para a cadeia.

Taylor: *Estou na Itália, May. E não vou sair daqui até conversar com Amber.*

May: *Então temos um problema.*

Taylor: *Eu sei que fui um idiota, ok?*

May: *Meio covarde também.*

May: *Ah, e muito (foco no muito) lento. Está vendo alguma tartaruga ao seu lado? Não? É porque ela te passou.*

Exalo, apertando o telefone ante o nervosismo.

Taylor: *Sou tudo isso, ok? Mas, por favor, me passe o endereço do Haras. Nunca vou me perdoar por ter deixado Amber partir sem ter lutado por ela. Vim disposto a consertar as coisas.*

Ao invés de responder, ela inicia uma chamada, que eu não demoro meio segundo para atender.

— Não estava em aula? — questiono.

— Tá brincando? Essa novela é muito mais interessante — cochicha, e então continua em tom normal: — Tudo bem, estou no corredor agora.

— Vai me passar o endereço?

— Amber não está aqui, Taylor! Ela foi atrás de você.

Sinto meus joelhos fraquejarem.

Por um segundo, até meus dedos vacilam contra o aparelho.

— O quê? Como... eu... — Gaguejo, perdido. — Ela não me atende, não enviou uma mensagem, ela não... Como pode ter ido atrás de mim?

— Ela ficou profundamente magoada, Taylor. Por sua atitude e, bom, por tudo que sua ex-namorada disse a ela.

Solto uma respiração pesada.

— Eu imagino. Descobri isso recentemente, Amber não me contou.

— E você esperava que ela falasse? — interpela. — Família é importante para Amber, ela nunca faria nada para se colocar entre vocês.

— Sei disso.

— Felizmente, ela refletiu sobre esse posicionamento, e voltou à Califórnia ontem à noite, disposta a aceitar você. Aceitar o pacote completo, se for preciso. — May suspira. — Vocês se desencontraram por pouco, Amber deve ter desembarcado pouco depois de você sair.

Passo as mãos pelo cabelo, admirado e enternecido.

— Merda, não acredito que ela fez isso! — consigo dizer. — Eu vim disposto a lhe dar uma prova de amor e fui surpreendido com um gesto ainda maior. Thompson não para de me surpreender.

May parece estar sorrindo, ao dizer:

— Espero que valorize essa escolha dela.

— É claro que valorizo. — Apresso-me em dizer. — Mas não há uma família, May. O filho não é meu, Yasmin manipulou toda a situação porque acreditou que eu seria uma opção melhor para o bebê.

A linha fica muda um segundo.

— Está falando sério?

— Estou. Muito sério.

— Meu Deus! — exclama agudamente. — O outro cara é tão ruim assim?

— Não posso entrar no mérito de defender nenhum dos dois. — Opto por dizer, mesmo que o estado deplorável em que vi Jason,

alcoolizado e trôpego pelas ruas, tenha mexido um pouco comigo. — Então agora eu tenho que pegar um voo e retornar a Califórnia, certo?

— Considere esse sacrifício parte do seu pedido de desculpas. — O tom dela surge mais ríspido, mas May ri no segundo seguinte. — Sério, não sei o que faço com vocês! Como se não bastasse tanta lentidão, ainda esbarram em todos os desencontros possíveis.

Uma risada anasalada me escapa também.

— Somos novos nesse lance de amor, ainda estamos aprendendo. — Tento nos justificar. — Consegue avisá-la que estou a caminho? Não quero correr o risco de nos desencontrarmos de novo.

— Ah, não. Ela não está ignorando suas chamadas. — May ri. — Bom, ela estava no começo. Mas o Caramelo, cavalo dela, acabou quebrando o aparelho durante uma das cavalgadas. Amber está à espera do que comprou.

Suspiro aliviado.

— Não estava preparado para isso, mas pensei a possibilidade dela me chutar de volta a Palo Alto — confesso com uma careta, o peito doendo apenas por cogitar a possibilidade. — Saber disso, que voltou e que não me ignorou todo esse tempo é... Nossa, May, é bom pra caralho! Obrigado.

— Não agradeça ainda. Volte e faça um reencontro digno de um bom romance e não dessa novela mexicana que estão vivendo. — Seu tom inexorável curva meus lábios. — E, por Deus, faça a droga do pedido de namoro logo!

Amplio meu sorriso.

— Eu prometo.

Tomo tempo de ligar para Heitor e informar os últimos acontecimentos, pedindo que vá à procura de Amber e lhe diga meu novo endereço. Se possível, que a escolte até o apartamento.

Então, mais desesperado do que no momento em que embarquei, faço o check-in novamente e espero com o coração na garganta para o novo embarque. Agradeço mentalmente outra vez a Jason, por ter mandado uma passagem de volta sem data marcada.

O filho da puta mandou bem nessa.



Entro no prédio em disparada, grato por morar no terceiro andar e ter que subir aos pulos apenas três lances de escada. Estou ofegante quando chego ao piso, puxando respirações rápidas para me recompor. Mas não tenho sucesso, pois assim que avisto Amber, sentada com as costas escoradas na porta, todo meu fôlego é roubado.

Contradizendo o turbilhão de sensações que disputam espaço no meu peito, caminho a passos hesitantes, com receio de que ela se esvaia como fumaça assim como em meus pesadelos. Ou que eu acabe acordando prestes a tocá-la.

— Amber... — chamo em desespero.

Seu nome ressoa como uma prece, e não poderia ser mais adequado. As últimas semanas foram um pesadelo, e estou contando os segundos para que ela me leve de volta ao paraíso.

Ela ergue a cabeça, surpresa, e eu suspiro. Está tão abatida, como se não estivesse dormindo e comendo como deveria, como se

tivesse se torturado a viagem inteira assim como eu fiz. Algo dentro de mim gosta de saber que também foi difícil para ela porque vê-la de novo quase dói.

Eu a amo tanto... Amo seu rosto delicado e seus grandes olhos curiosos. Amo a forma dos seus lábios macios, perfeitos no meu beijo. Amo a extensão pequena do seu corpo, que posso envolver várias vezes com o meu tamanho. Eu simplesmente amo tudo sobre ela.

Com um impulso, Amber está de pé e eu extingo a distância entre nossos corpos. Minhas mãos se firmam na madeira da porta ao lado de sua cabeça, e eu me inclino, deixando nossos rostos próximos. Contenho um suspiro ao assistir seus lábios desenharem um sorriso.

— Taylor... — murmura, perdida.

Sua mão pequena toca meu rosto, traçando o maxilar com a ponta dos dedos. Posso sentir sua emoção assim como sinto meu coração furioso, batendo forte contra as costelas. Quanta saudade eu senti!

— Estou aqui... — digo no mesmo tom. — Voltou mesmo para mim, amor?

A respiração pesada dela se torna superficial. O aperto de suas mãos aumenta e, pela nuca, Amber me traz para perto, a ponto de nossos lábios roçarem levemente um no outro.

Há tanta coisa a ser dita.

Tanto a ser explicado.

Mas não há nada mais importante do que tê-la aqui outra vez. Nada mais importante do que a saudade corroendo nossos corpos,

como arame farpado arrastando-se por cada vaso, fazendo doer cada batida do coração.

— Voltei, é claro que voltei. — Ela arfa e me beija suavemente. — A vida é feita de escolhas, e eu escolhi não deixar nada nos separar. Vou ficar a seu lado se ainda me quiser, Taylor.

Solto uma risada anasalada, sentindo meus olhos marejarem.

Seguro seu maxilar delicado, traçando seu lábio inferior com o polegar e fecho um braço ao redor da sua cintura. Incapaz de montar um discurso bonito agora, apenas digo o que importa:

— Você é tudo o que eu quero.

Ela arqueja e me puxa, eu grunho quando meus lábios encontram o caminho de casa e mergulham avidamente nos seus. O beijo é cálido, quente e loucamente apaixonado. Amber tem o mesmo gosto doce das minhas lembranças, o mesmo sabor incomparável de tudo que eu amo e preciso.

Sinto cada pedaço macio e delicioso do seu corpo pressionado ao meu. Ao apertar a minha nuca, as pontas de suas unhas, agora cumpridas, arranham a minha pele na tentativa de me trazer para mais perto. Em resposta, deslizo as mãos pela extensão de suas costas, sentindo o arrepio que toma seu corpo chocar cada centímetro do meu.

Amber ofega, e eu rosno, agarrando suas coxas para pressionar seu corpo contra a porta. O baque surdo do choque contra a madeira é irrisório perto do gemido que ela ecoa. O som me preenche por inteiro, acertando em cheio meu coração.

— Senti tanta saudade...

— Eu também — Ela pende a cabeça para trás, gemendo mais alto. — Todos os dias... todos os dias.

Beijo o maxilar e chupo seu pescoço, exploro cada centímetro de pele disponível com fome, necessitado em sentir seu gosto, em me embriagar com seu cheiro. Meu peito está comprimido pela urgência, e sinto a reciprocidade dela ao alcançar o topo dos seios, e ouvi-la choramingar.

— Puta merda, Amber! — Quase não consigo me afastar para fitá-la. Seus lindos olhos castanhos, honestos e amorosos que agora possuem as pupilas dilatadas de desejo. — Preciso estar logo dentro de você.

— Sim, sim... — Ela volta a me beijar. — Por favor...

Aumento o aperto, e suas mãos viajam até meus cabelos. Nos beijamos com paixão, consumidos pela saudade que cresceu todos os dias em que ficamos separados. Se alguém passasse no corredor nesse instante, ficaria escandalizado.

Não sei como consigo pegar as chaves e trabalhar contra a fechadura, só sei que o faço sem interromper nosso beijo. Mal fecho a porta antes de voltar a pressionar o corpo dela com o meu.

Amber me agarra, puxando as mangas do meu casaco para fora, e eu me afasto um segundo para deixá-lo sair pelos meus braços e puxar a camisa pela gola, jazendo um monte de roupas pelo chão. Arranco a blusa delicada dela, estourando alguns botões e amaldiçoo ao notar que está de jeans assim como eu, e não com um vestido ou uma saia.

Suas mãos se apertam contra meus ombros, o corpo colado ao meu. Os mamilos entumecidos roçam livres contra meu peito, me enlouquecendo assim como seus gemidos baixos. Apoio suas pernas como um incentivo, e Amber entende rápido, envolvendo prontamente os meus quadris e fechando os tornozelos.

— Roupa... — Ela geme, impaciente. — Ainda tem muita roupa.

Mantendo seu corpo estável com um braço, e uso a mão livre para desabotoar a calça dela. Me livro do botão e trabalho contra o zíper, grunhindo ao finalmente ganhar acesso.

— Eu gosto de você assim... — sussurro contra seus lábios. As pálpebras dela se abrem, tremendo pelo peso de se manterem abertas. — E gosto de você molhada. Como está agora, não é amor? Pronta para mim. — Enfio mais fundo, deslizando os dedos sem dificuldade pela renda quente e molhada no meio de suas pernas. — Você sempre está pronta para mim.

O gemido profundo que ecoa de sua garganta é como música, a mais bela e excitante melodia, espalhando por cada polegada da minha pele.

— Você faz eu me sentir assim... Só você...

— Assim como? — inquiro, ainda movendo os dedos.

— Tão... — Ela geme. — Tão quente.

Sorrio, e desço os lábios para o seu pescoço e mais abaixo, encontrando os peitos fantásticos que senti tanta falta. Rosno, beijando a pele arrepiada e levemente salgada, circulando a auréola com a língua, antes de fechar os lábios sobre o mamilo.

— Hm... Taylor... — Amber arfa, lambendo os lábios. — Nós precisamos... Nós deveríamos conversar.

Passo para o outro seio, que está ainda mais túmido que o anterior.

— Conversamos depois.

Amber não discute. Suas mãos apertam meus fios, e ela moe os quadris nos meus, uma e outra vez. Grunho, apertando a carne

firme de sua bunda. Uso do agarre para me esfregar contra o meio de suas pernas. Sinto meu pau empurrando o zíper do jeans, e me esforço para fazer o tecido grosso do dela acariciar seu clitóris, esfregando de novo e de novo.

— Isso... Ah, isso...

— Você ainda parece um sonho.

Ela geme, perdida.

— Mais... Quero mais...

Curvo os lábios em um sorriso.

— O que você quer? Diga.

Sua respiração acelerada muda quando bufa, irrequieta.

— Você sabe.

— Eu sei... — Beijo seus lábios, recuando quando ela tenta aprofundar o contato. — Mas quero ouvir você dizer.

Amber rebola contra mim, resistindo. Seu corpo me provoca, mas os olhos entregam o que quer. Ela quer meu pau, deslizando fundo e forte, enquanto eu abraço seu corpo bem apertado contra o meu.

— Quero você... dentro — sussurra timidamente. Está tão ruborizada que até o colo possui um tom cor-de-rosa.

— Dentro? Dentro onde, amor?

Os olhos castanhos voltam a se fechar ante o resmungo dela. Ansioso demais, eu desisto de conseguir uma resposta e me inclino, resvalando os lábios em seu ouvido.

— Agora, eu vou abrir bem suas pernas e te foder como você gosta — digo enrouquecido. — Porque eu não consigo pensar em nada além disso. Mas depois quero fazer amor por horas, até

preencher todos os minutos que passei aqui sozinho, pensando em você.

Ela estremece em meus braços e força o corpo para baixo. Liberto-a a contragosto, demorando a entender sua intenção. Com mãos impacientes, Amber força seu jeans para baixo, e luta com meu cinto até conseguir abri-lo para fazer o mesmo com as minhas calças.

Quando termina, estou preparado para erguê-la nos braços outra vez e fodê-la contra a parede. O quarto está longe demais para minha pressa. Mas ela me surpreende, deslizando as mãos pela frente do tecido fino, me apalpando sobre a boxer.

Amber aperta, e eu gemo, rendido.

— Ah, amor...

— Me leva para o quarto — pede, beijando meu pescoço.

Aperto a cintura fina, suspirando.

Ela podia me pedir o mundo agora, eu juro que dava.

— Não acho que consigo chegar até lá. — Arrasto minhas mãos para baixo, deslizando por sua barriga. — Quero você aqui mesmo.

Amber resfolega.

— Certo, boa ideia.

Sorrio, mas esmoreço prestes a pegá-la nos braços outra vez ao me lembrar de um detalhe crucial.

— Merda, eu não tenho camisinha — praguejo.

Suas sobrancelhas se contraem.

— Não tem?

— Não pensei em comprar, você não estava aqui.

Ela se afasta e vasculha a calça até tirar uma cartela com cinco embalagens de preservativo. Não um, ou dois. Cinco.

Afio os olhos.

— May enfiou no meu bolso — explica enrubescida.

Exalo pesadamente.

— Santa May! — Eu pego um pacote e rasgo com os dentes. — Me lembre de agradecê-la depois.

Desenrolo o látex na minha ereção ágil como nunca. Ergo Amber nos braços, segurando firmes seus quadris, e pairo os lábios sobre o seu.

— Cruze as pernas, e segure firme.

O comando é acatado prontamente por ela.

Fecho os olhos, forçando o quadril de Amber para baixo. Sinto cada parte dela me envolver, me abraçar com seu calor úmido e quente polegada por polegada. Tomo uma respiração profunda, e sibilo quando finalmente estou dentro dela.

— Como senti saudade disso...

Arremeto o quadril, afundando mais as mãos. Deslizo para dentro uma, duas, três vezes, ganhando ritmo. Amber ofega, perdida, me beijando de olhos fechados. Seus doces suspiros ecoam de tempos em tempos quando nossas bocas se afastam em busca de ar, mas ela nunca deixa de me abraçar.

— Ai, meu Deus! — ela geme alto quando atinjo o ponto certo.

— Você é tão quente... Tão perfeita... — Tomo seus lábios em outro beijo sôfrego. Sua língua desliza contra a minha com avidez, enviando uma descarga pela minha espinha até o ponto em

que nos conectamos. — Nunca mais me deixe... Não quero ficar sem você...

— Eu não vou... Eu não vou, Taylor...

Meu ritmo aumenta, eu a invado uma e outra vez, estocando mais duro e rápido. Ela choraminga, gemendo alto e no segundo seguinte seu interior se fecha ao meu redor como um punho de aço.

Sibilo, trêmulo. Sinto o sangue fluir até a minha virilha, calor se acumular em meu membro tão duro que começa a latejar.

— Puta merda...

Ela sorri em meio a um gemido, e é a coisa mais linda do mundo.

— Você gosta, não é? — inquere, contraindo mais a pelve.

— Sabe que acaba comigo... — respiro, afetado — ...quando faz isso.

Sinto meu abdômen retesar e as pernas tremerem. Merda, preciso de uma superfície. Mesa, sofá, cama... Qualquer porra que esteja perto e me permita incliná-la para fodê-la direito. Assim Amber acaba comigo, e vai me fazer gozar rápido demais.

Seguro-a firme, descendo sobre mim, empalada, e começo a andar. Amber grita, surpresa com a nova profundidade do ângulo, e geme contra o meu pescoço cada vez que ergo seu quadril e desço sobre meu pau. Ela é leve, pequena, e abraçada como está, não sinto nenhuma dificuldade enquanto vagueio até a cama.

Assim que chego aos pés do colchão, manipulo seu corpo ao meu bel-prazer, desfazendo nosso contato. Recebo um olhar atravessado e um gemido insatisfeito em resposta.

— Joelhos firmes. Cotovelos no colchão, amor.

Ela me encara, surpresa.

— Vamos fazer assim?

— Ah, vamos. — Confirmo, excitado. — Minha nova vizinha é uma senhora religiosa, então evite gritar o nome do todo poderoso. Ela pode ficar ofendida.

Seus olhos se arregalam, e uma risada me escapa.

Só Amber para me fazer rir de pau duro.

Ajeito seu corpo, abrindo suas pernas e empurro a coluna para baixo, deixando a inclinação deliciosa da cintura delgada se sobressair. Sibilo entredentes analisando aquele coração invertido, a curva cheia da sua bunda, implorando pelas minhas mãos.

Nada se compara ao momento em que ela move os cabelos, no entanto. Fazendo a cascata de fios médios cair adoravelmente pelo seu rosto, enquanto me lança um olhar curioso sobre o ombro.

Intensa, fogosa e linda.

Cacete! Ela não faz ideia do que faz comigo.

— Você estava tão ansiosa por isso quanto eu, não é?

Seguro meu pau e deslizo na fenda molhada, estremecendo em contato com sua entrada gostosa. Amber choraminga, tentando me levar para dentro, empinando para trás.

— Pode agarrar o lençol... — eu continuo. — Pode gritar também.

Empurro a ponta para dentro, penetrando seu calor úmido, mas retiro em seguida, adorando ver seu corpo tiritar, pedindo por mais.

— Tay-lor...

Deslizo a ponta outra vez, grunhindo ao vê-la me envolvendo de um jeito tão gostoso que tudo o que mais quero é mergulhar bem

fundo. Consigo sentir meu corpo queimar de desejo, mas atiçá-la é delicioso.

— Taylor! — repete, impaciente. É um grunhido adorável.

— Você tocou a si mesma quando estava longe? — pergunto, arrastando os lábios do pescoço para a extensão das costas, sentindo a pele eriçada em contato com os meus lábios. — Pensando em mim.

Ela assente, rebolando o quadril devagar contra o meu.

Dou um tapa estalado em sua bunda.

Amber grita em resposta, sobressaltada.

— Ainda gosta disso, certo?

Sua cabeça se move outra vez.

Lentamente.

— Mais de uma vez — responde à primeira pergunta que fiz. — Senti falta de tudo que envolve você... — Ela rebola novamente. — Inclusive do que me faz sentir.

Mesmo duvidando que eu possa ficar mais duro, juro que acontece. Há tanto sangue no meio das minhas pernas, que mal consigo pensar com a visão dela nessa posição, aberta, esperando por mim.

— Então, o que você usou... Um vibrador, um travesseiro...?

Seu ritmo respiratório está acelerado. E quando permanece em silêncio, resistindo a responder, espalmo sua bunda outra vez, recebendo um gemido como resposta. Minha santinha descarada!

— Responda.

— A minha... — ela arfa —...a minha mão.

Bato em sua bunda outra vez, voltando a beijar sua pele. Amber geme mais alto, um sorriso transparecendo em seu tom.

Esfrego levemente o lugar da palmada, e seu corpo relaxa mais, deslizando os cotovelos no colchão, completamente arqueada.

— Diz uma coisa bem safada pra mim, Thompson...

Ela me olha sobre o ombro, e desliza os olhos até o meu pau.

— Quero ele dentro de mim.

— Ele? — ecoo. —Você pode fazer melhor.

Rebolando contra o ar, ela choraminga para me ter de novo dentro dela.

— Quero você dentro mim — arqueja. — Quero tanto, Taylor... E quero sem nada entre nós.

Solto o ar, entredentes.

— Amber...

— Comecei a usar anticoncepcional desde que fui para o Haras e tive uma consulta com a minha ginecologista — conta com a respiração ofegante. — Quero saber como é sentir você sem nada nos separando. Quero descobrir o que eu vou sentir quando você gozar dentro de mim.

Jogo a cabeça para trás, gemendo.

— E eu achando que a coisa mais quente que poderia sair dessa sua boca santa era pau. — Volto a olhá-la, retirando o látex da camisinha. *Merda, eu teria que estar louco antes de negar esse pedido.* — Você pensa muito nisso? Em como seria sentir a carne do meu pau esfregando as paredes da sua boceta?

Ela acena, fechando os olhos.

— E o pensamento me deixa tão molhada, Taylor...

Confirmando suas palavras, eu levo minha língua até as dobras macias, sentindo o sabor gostoso delas. Lambo toda a extensão e sugo levemente, gemendo a cada suspiro de Amber.

Ela está se desfazendo em meus braços quando volto a me posicionar. Facilmente empurro os quadris para frente e a puxo para mim, deslizando até o fundo em apenas um golpe. O gemido dela ressoa pelo quarto junto ao meu grunhido, a bunda bonita firmemente pressionada contra a minha virilha.

Porra...

A sensação dela sem nada entre nós é... Porra! Não há palavras para descrever o que seu canal molhado, escorregadio, está fazendo comigo. É uma sensação tão vil e primitiva, tão deliciosa, que eu andaria em brasa para sentir.

Amber balança, empurrando para trás um pouquinho, incapaz de evitar.

— Assim... É gostoso...

Desço as mãos pelo caminho de suas costas, segurando a raiz de seus cabelos pela nuca. Com as mãos ao redor dos fios dela, eu a mantenho parada por um segundo, respirando forte ao tentar me segurar. Minhas pernas tremendo com o esforço para não gozar apenas com esse único movimento, apenas com a sensação de estar enterrado dentro dela sem barreiras.

— Isso não vai demorar muito — aviso rouco, começando a estocar. Ouço a risada fraca de Amber, que a fez se apertar em torno de mim. Eu assobio, cravando os dedos mais forte contra a carne macia dos quadris dela.

— Desculpe... — sussurra pra mim, mesmo sem se arrepender.

Retiro até a ponta, o que é um erro, porque consigo ver onde estamos unidos, e como é quente ver toda a extensão da minha ereção dentro dela, apenas a glande enterrada. A imagem se infiltra

em meu cérebro, arranhando o caminho pela minha espinha até o baixo ventre, e mais abaixo, onde minhas bolas se contraem.

— Consigo sentir... você saindo... — Ela abafa um gemido contra o colchão, tremendo toda. — Esfregando... todos os lugares certos.

Rebolo para ganhar espaço, então eu bato *em casa*. Uma estocada única, profunda, que faz minha garota gritar em surpresa. Inclino meu corpo em direção a ela, me apoiando apenas com os braços agora, o peito pressionado contra suas costas, meus quadris cavando em suas coxas. A imobilizando, eu a fodo mais e mais uma vez, me enterrando repetidamente em sua boceta apertada. Tão molhada e excitada, que palpita ao meu redor.

— Porra, amor! Eu vou te comer tão bem.

Sei exatamente quando encontro o ângulo perfeito porque ela deixa escapar um gemido ofegante, e então eu começo a empurrar. Golpes fortes, profundos e curvos, que a fazem apertar os dedos contra o lençol, buscando algum apoio.

— Não para... Não para, Taylor... — Sons ofegantes deixam seus lábios.

Amber mal consegue falar agora, a cabeça caída contra o colchão, o corpo empurrando para receber mais de mim.

O som obsceno do encontro das nossas peles, batendo forte e repercutindo pela umidade, junto a sensação das minhas bolas colidindo contra a carne rosada dela, me faz grunhir alto.

Movo a mão para frente, encontrando o clitóris inchado, acariciando com pequenos movimentos ritmados, em círculos pequenos como ela gosta.

— Você fez assim?

— Mais... mais rápido.

— Assim? — inquiro, aumentando o ritmo.

Ela treme, gemendo.

— Com você é melhor...

Mantenho uma mão acariciando-a, enquanto agarro sua cintura firmemente para nos dar equilíbrio e continuar a estocar.

Quanto mais rápido e fundo eu vou, mais Amber geme, empinando e pedindo por mais. Incitada e febril, ela se move como pode contra mim, rebolando cada vez mais confortável com a penetração forte, e abrindo bem as pernas.

— Ah, meu Deus! — Os dedos finos agarram e retorcem o lençol.

Espalmo sua bunda, apreciando a marca vermelha que a minha palma faz contra a carne branca e macia. Ante o estalo, Amber contrai a pelve, sufocando meu pau e expulsando um gemido da minha garganta.

— Taylor...

— Suga meu pau, amor...

— Assim... — Choraminga, arfando. — Assim é bom demais...

Abro um sorriso, mantendo o ritmo.

— Sabia que você ia gostar.

Não demora para que ela estremeça ao meu redor, contraindo e relaxando enquanto é consumida. Seu grito é abafado por ela mesma contra o lençol, provavelmente envergonhada pelo barulho. Mas minha parte favorita é tê-la trépida e entregue em meus braços, chamando meu nome ininterruptamente enquanto

goza tão forte, que eu tenho certeza que minha garota agarrou muito mais do que apenas uma estrela.

Vê-la atingir o ápice é o bastante para me arremessar à borda. Seus gemidos e contração tiram tudo de mim, e antes que relaxe completamente, eu sei que falta muito pouco para o meu próprio orgasmo acontecer.

Por mais que a visão dela nessa posição seja tentadora, quero olhar fundo em seus olhos quando eu me perder. Manipulo o corpo de Amber, deslizando para fora para deitá-la na cama, abrindo suas pernas com meus joelhos, e mergulhando dentro dela outra vez.

Agora, com investidas lentas.

Se ela não está dolorida, logo vai ficar.

Não posso terminar de outro jeito senão encarando seus olhos, fazendo amor suave e apaixonadamente como uma promessa. Podemos foder com força a noite e dormir abraçados, mas será um prazer fazer amor com ela todas as manhãs. A luz fraca infiltrando o quarto, Amber ainda levemente sonolenta e quente nos meus braços.

— Senti tanta saudade... — sussurro hipnotizado com a visão bagunçada abaixo de mim. Olhos brilhantes, maçãs rubras e lábios inchados e entreabertos por onde meus sons favoritos escapam. — Todos os malditos dias que ficou longe.

Ela me fita, emocionada.

— Diz que me ama — geme baixinho. — Diz, Taylor.

Sinto cada onda de prazer subindo pela espinha enquanto estoco dentro dela. Beijo seus lábios, suspirando quando me abraça apertado, fechando os braços ao meu redor e prendendo os

tornozelos no topo da minha coxa, permitindo que eu a ame profundamente.

Beijo sua testa.

— Eu amo você. — Beijo suas pálpebras cerradas. — Eu amo você. — Beijo a ponta do nariz. — Amo você. — Beijo seus lábios outra vez, e encontro seus olhos brilhando, tremeluzindo enquanto me observa. — Amo tanto, Amber...

Cada pulso do meu pau é como um pulso da minha alma. Estou tão nu com essa garota, em todos os sentidos, que sinto meus nervos esfolados e meu coração aberto. Escancarado para ela.

É mais do que a ausência do preservativo.

É mais do que estar pele a pele.

É a certeza de que hoje estamos marcando um ao outro.

Ela é minha. Apenas minha.

E não há nenhuma parte de mim que não seja dela.

Basta apenas outro beijo e uma investida para eu me desfazer. Gemo abafado em seu ombro e estremeço, gozando tão forte que sinto minha visão nublar por um segundo. O prazer corre por todo meu corpo, em cada veia, em cada terminação nervosa.

Com os quadris ainda estocando dentro dela, assisto parte da minha porra se derramar para fora. A boceta contraindo ao meu redor, como se ordenhasse até a última gota do meu clímax.

Deslizo para fora, mesmo que algo dentro de mim não queira nunca me separar dela. Preciso tomar uma respiração para conseguir me mover e me deitar ao lado de Amber. Com os olhos fechados, e um sorriso cansado, ela rapidamente se aninha em meus braços. Está uma perfeita bagunça agora.

— O que você achou? — Seu sussurro arquejante preenche o quarto.

Exalo.

— Foi bom pra caralho! — Abro um sorriso. — Não sei como vamos conseguir voltar a usar camisinha depois disso.

Amber ri.

— Eu também gostei — declara, abrindo os olhos para mim. — É sempre bom quando eu estou com você, mas... — Ela aperta as coxas, suspirando baixinho. — É como eu pensei que seria... como se eu ainda te sentisse aqui dentro.

Movo a cabeça em negação.

Essa garota ainda será a razão da minha morte.

Morte por excitação.

— Preciso dizer que você fica linda gozando — confesso, retirando uma mecha de cabelo que grudou em seu rosto pelo suor. — E você é linda quando não está gozando também. Percebe como tornou as coisas complicadas para mim? Como eu poderia não me apaixonar?

O sorriso que abre para mim em resposta é a certeza de que, independentemente do que aconteça, cada segundo ao lado dessa garota fará toda dor que senti até encontra-la valer a pena. Amber pode quebrar meu coração, e ainda sim, todos os pedaços seguiriam apaixonados por ela. Para sempre.

— Deus, Thompson! Não faça isso — recrimino, em falso tom. Então o sorriso dela se torna uma risada discreta e cansada, e sinto meu peito inchar com o som. — Se rir assim, eu vou ter que te beijar. E se eu te beijar, vamos acabar começando tudo de novo.

Ela volta a fechar os olhos.

Adoro como parece satisfeita.

— Acho que eu não consigo mexer nem o mindinho agora, dirá começar de novo, Holt — murmura me fazendo sorrir. — Sei que precisamos conversar, mas... Posso ter uns minutinhos de cochilo antes?

Meu sorriso se amplia.

— Dorme um pouco.

— Ainda vai estar aqui quando eu acordar, não vai?

Eu aperto os braços ao redor dela.

— Não vou mais sair do seu lado, amor.

A sensação de euforia de tê-la visto na porta do meu apartamento e de tê-la amado pelas horas seguintes se assenta em uma felicidade calma e persistente. Duradoura.

Rapidamente, sou vencido pelo cansaço e pelas emoções das últimas horas, caindo em um sono que, como sempre ao lado dela, é livre de pesadelos.



Os dedos da mão direita correndo pelo meu peito, traçando as reentrâncias dos músculos e os pelos salpicados com delicadeza me fazem despertar. Apenas então noto que peguei no sono e viro o rosto à procura de Amber.

— Quanto tempo dormimos? — eu pergunto.

Ela boceja, deslizando os olhos por mim.

— Umas duas horas.

— Hum.

— Está com fome? — pergunta, ameaçando levantar. Agarro sua cintura antes que possa, e ela volta a se acomodar em meu peito. — Posso preparar algo para comermos.

Movo a cabeça.

— Quero ficar mais alguns minutos aqui com você.

Amber volta a se aconchegar, acariciando meu peito com a ponta dos dedos. Ela se interrompe ao tocar minha cicatriz, uma pequena linha proveniente da cirurgia no pulmão.

— Agora você possui sua própria marca de orgulho.

— Essa é apenas uma marca na minha pele — digo pensativo. — Minhas marcas de orgulho estão no coração machucado que foi curado pouco a pouco. Algumas cicatrizes vão durar eternamente, mas as passíveis de conserto doem menos desde que conheci você.

Ela tenta chegar mais perto, pousando uma perna entre as minhas.

— Fico feliz em ouvir isso. — Seu rosto se ergue, sorridente. — Ainda não acredito que pegou um voo para Itália, sem sequer saber onde era o Haras, apenas para me encontrar. Foi muito romântico.

— Estão para inventar um mar que seja grande o bastante para que eu desista de você, Thompson. — Acaricio sua bochecha. — Mas você voltou, mesmo sem saber o desfecho da história. Acho que se alguém deve se sentir sortudo e encantado, esse alguém sou eu. E já que vamos ter essa conversa, o filho não é meu.

Vejo compreensão em seus olhos, e não a surpresa que eu esperava.

— Heitor disse quando me encontrou no prédio que morávamos — conta, a expressão se distorcendo em uma careta. — Ainda não acredito que Yasmin foi capaz de fazer tudo isso.

— Desisti de tentar entendê-la há muito tempo — digo cansado. — Por que Heitor não ficou com você? Ele não tem a chave, mas me sinto péssimo que tenha ficado sentada na porta sozinha por horas.

— Ah, não, eu não fiquei. E ele se ofereceu sim. Ofereceu inclusive o apartamento dele. Mas preferi passar a noite no nosso antigo. Depois de tudo que me contou... Eu precisava de um momento sozinha antes de me encontrar com você, entende? — Assinto em resposta. — Então voltei aqui ao acordar. Me sinto uma idiota por ter desistido do que tínhamos com tanta facilidade. Sinto muito por abrir mão de você.

— E eu sinto muito por não ter dado segurança sobre nossa relação. Fui estúpido, Amber. Tínhamos uma lavanderia, eu poderia ter te trancado lá dentro.

Ela ri, estapeando meu ombro.

— Rodar a Itália inteira não é um décimo do que eu faria por você — digo, sério e sinceramente dessa vez. — Mas a passagem foi obra de Jason.

As sobrancelhas finas se erguem.

— Você aceitou a ajuda de Jason? Por mim?

— É mais complicado que isso — eu respondo. — No tempo que esteve fora, percebi muita coisa que não consegui ver antes, e parte disso me fez entender melhor as atitudes de Jason. E entender melhor que sentimentos quero levar para o futuro, então eu o perdoei.

Se já estava surpresa, agora está de queixo caído. Ela pisca, franzindo o cenho enquanto tenta me desvendar. Tenho vontade de sorrir pela expressão adorável de confusão que seus traços formam.

Amber deve estar cogitando a existência de alienígenas ou algo que explique a abdução que sofri para ter uma mudança tão significativa. Mal sabe ela que se fosse para apontar para a explicação de tudo, eu teria que lhe dar um espelho.

— Tudo bem... — Ergo a mão e pressiono seu queixo para cima, fechando sua mandíbula. — Não precisa me olhar desse jeito.

— Eu só... estou surpresa.

— Estou vendo.

— Precisa admitir que isso é estranho. — Ela pisca, e então sorri, parecendo tão genuinamente feliz que eu ainda consigo me apaixonar um pouco mais por ela. — Quer dizer, é incrível, mas... O que te fez mudar de ideia?

Movo uma mecha de cabelo, aprisionando os fios atrás de sua orelha, querendo ter a visão completa do seu rosto.

— Uma vez alguém me disse que ao recebemos amor devemos ofertar amor. E você, além de muito amor, me deu uma aula de perdão. Se você não fosse benevolente nós nem mesmo teríamos uma chance. Fui preconceituoso no começo, e você me perdoou. Fui cruel ao deturpar a memória do seu pai, e você me mostrou pela segunda vez como é uma pessoa muito melhor do que eu. Sem contar minha explosão por uma tarde no café com Jason, onde lhe dei um tratamento que você não merecia. Como eu poderia aceitar redenção pelos meus erros e me sentir merecedor do seu amor e coração, se não estiver disposto a perdoar quem me machucou?

Seguro sua mão e a pouso, espalmada no rumo do meu coração, que nesse momento bate furioso dentro do peito, tão acelerado que parece prestes a romper a caixa torácica.

— Desde que entrou aqui, não desejei mais guardar sentimentos ruins. Meu coração, feio demais, apodrecido pelo que me permiti reter do passado, passou a ser insuficiente. Pouco demais para alguém como você.

— Taylor, você não...

— Você merece um bom coração para morar, Amber — eu a interrompo, sentindo a necessidade de colocar cada uma dessas palavras para fora. — Um coração tão bonito quanto o que você guarda no peito... ou o mais próximo disso que eu conseguir me transformar. — Aperto seus dedos contra a minha pele com mais força. — Eu precisava de tempo para abrir as minhas defesas, para me sentir pronto, e agora eu estou. Quero superar o meu passado, deixar de sentir essa culpa que me dói o tempo todo. Quero ser melhor... E eu sinto que consigo quando estou com você.

Seus olhos ficam marejados, emocionados pelas minhas palavras. Ela move sua mão para os meus cabelos, afastando os fios do meu rosto e eu suspiro longamente.

— Estou tão orgulhosa de você.

— Obrigado, amor.

— Me apaixonei por você exatamente do jeito que é, mas essa nova versão me faz amá-lo ainda mais. Faz com que eu me sinta muito grata também. — Há uma pausa, em que ela apenas olha para mim. Os lábios desenhando um sorriso largo. — Tenho sorte de ter você.

Agarro a palma dela, e a beijo.

— Que bom que pensa assim. Planejo mantê-la apaixonada dia após dia por um longo, longo tempo.

Ela ri.

— Gosto muito desse plano.

Acaricio suas costas em um carinho despretensioso e ambos sorrimos ao escutar o barulho inconfundível contra o piso. Pequenos sons abafados e algumas derrapadas enquanto latidos ecoam pelo espaço. No segundo seguinte, Toff pula sem respeito na cama, como uma criança enérgica e malcriada.

Amber e eu nos separamos às gargalhadas, e ela logo o pega nos braços, abraçando o animal peludo enquanto recebe lambidas e mais lambidas cheias de saudade.

— Acho que ele sentiu minha falta — comenta comigo, e então se dirige ao Toff. — Você estava com saudades, meu amor?

Apoio os braços na cama, erguendo o tronco.

Contrariado, é claro.

— Quase tanta quanto eu... — *E você ainda não me chamou de amor, Thompson.*

Amber revira os olhos, risonha.

O lençol resvalou pelo corpo, deixando-a nua da cintura para cima e Toff bem acomodado naqueles peitos fantásticos. Filho da mãe sortudo!

Pelos minutos seguintes, a atenção dela é monopolizada por ele. E eu me divirto observando a interação dos dois, encantado em como brinca com nosso cachorro, em como é carinhosa e divertida sem fazer esforço.

Ela será uma ótima mãe um dia, se assim desejar, o pensamento cruza minha mente. Suspiro, sentindo uma

movimentação nova tomar meu peito. Uma sensação abrasiva e aconchegante, que não deixa dúvidas de que gostarei de compartilhar isso com ela se chegar a hora.

— Também perdoou o Heitor? — interpela, soltando o cachorro.

Toff foge da cama em direção à tigela de comida, esquecendo-se completamente de nós. Aposto que somente não nos interrompeu antes porque estava dormindo.

Encaro os peitos de Amber. Estas coisinhas deveriam ser pintadas em um quadro para que eu pudesse admirar por horas sem que ela pudesse levantar o lençol e escondê-los de mim... como fez agora.

Lanço um olhar bravo na direção dela.

— Tsc, tsc... — Eu puxo o lençol. — Não os esconda de mim.

— Não acredito que ainda fica assim com os meus seios. Já deveria ter se acostumado.

— Aposto que o Da Vinci nunca se acostumou com a Monalisa — argumento, sério. — Porque eu deveria me acostumar? Ainda mais com você sendo mais bonita.

Amber ri tanto que a cabeça pende para trás. É impressionante como essa garota desconsidera minhas declarações e zomba do meu romantismo, sobretudo tendo ataques de riso.

Foi brega? Foi.

Mas ela bem que podia me dar algum crédito.

— Um dia ainda fico chateado com você...

— Desculpe! — diz cessando o riso. — Isso foi adorável.

— Respondendo a sua pergunta, Heitor é um assunto mais complicado. Aconteceu no momento em que mais estive vulnerável,

então é difícil superar. É ainda mais difícil acreditar que ele não vai... — Engulo, enternecido. — Bom, você sabe. Me abandonar outra vez.

Amber aquiesce.

— Eu entendo.

— Estou decidido a me esforçar, a derrubar o máximo de barreiras que conseguir, no entanto. — Continuo, otimista. — Tomamos um café um dia desses, e dei abertura para outro convite. Quero deixar o passado para trás e aproveitar o tempo que ele quer passar comigo, ainda que do meu jeito distante. Heitor é o que tive de mais próximo a um pai, e você tinha razão quando disse que ele é um homem velho. Acho que eu nunca superaria a culpa de ter preenchido anos de rancor e tê-lo perdido para sempre.

— Isso é maravilhoso, mesmo — ela diz, animada. — Heitor me contou que achava estar progredindo com você, e também sobre o café na última vez que nos vimos. Ele está tão, tão feliz com as aberturas que tem oferecido, Taylor. É lindo de ver.

Tento refrear um sorriso, mas parte dele transparece.

É bom saber que está tão empenhado em consertar as coisas. Essa é uma luta conjunta, nenhum de nós pode romper tantos obstáculos para reatar uma relação sozinhos.

— Acha que pode reatar seus laços com Jason também?

— Não temos chances de voltar a ser amigos. Não como antes. Perdoar e confiar são duas coisas diferentes, mas me sinto bem por ter deixado o assunto para trás. — Sou sincero em cada palavra. — Jason está enfrentando muita coisa agora. Essa mágoa não fazia bem a nenhum de nós.

— Não consigo imaginar como deve estar sendo difícil, a volta da Yasmin e agora a confirmação da paternidade...

— Como se não bastasse ser apaixonado por ela, Jason está ainda mais apaixonado pela ideia de ser pai. — Abro um sorriso. — Ele gostou daquela criança assim que viu a barriga, queria que fosse dele antes mesmo de sabermos a verdade. Acima das dificuldades, realmente acredito que ele será um excelente pai.

— Uma pena ele ter perdido tanto no processo, a começar pela Rachel — Amber lamenta. — Ele tinha ações erradas, mas eu o vejo como um garoto perdido. Errando muito, mas tentando acertar.

— Eu também. Não ser mais seu amigo não significa que não quero que ele seja feliz. Espero que com o tempo ele perceba que ninguém que diz amar tanto uma pessoa, pode magoá-la assim. — Olho para ela e aperto seu queixo. — Espero que um dia ele encontre alguém tão bom para ele quanto você é para mim.

Ela sorri.

— Isso, sim, foi adorável!

Amber volta a se deitar, apoiando a cabeça em meu peito.

— Então acabou... — murmura, depois de um tempo.

— O quê?

— Os problemas — responde. — Não precisamos mais nos preocupar com Yasmin. Não há mais nada que ela possa fazer para nos atingir.

Penso um pouco sobre isso.

— Haverá muitos problemas no futuro. Nada tão grave assim, eu espero, mas todos os relacionamentos têm. A questão é como vamos lidar com eles — digo por fim. — E algo me diz que vamos

aprender muito juntos ao longo dos anos. Mas antes, preciso fazer uma coisa.

Seu sorriso agora poderia trazer energia elétrica para toda uma cidade, de tão vivo e vibrante. Cada watt eletriza meu coração.

— É o que eu acho que é? — ela sonda.

— Acho que sim. — Beijo seus lábios, prolongando o suspense. — Duvido que alguém na história tenha demorado mais para fazer um pedido de namoro. Com certeza, eu quebrei algum recorde.

Amber ri.

— Acho que estou encrencada... — Ela sobe em cima de mim, montando com uma perna de cada lado dos meus quadris. Meu membro se anima com a proximidade, começando a endurecer outra vez. Essa será uma noite deliciosamente longa. — Porque se demorou tanto assim para esse pedido, Deus me ajude se você quiser minha mão em noivado.

Rio com vontade.

— Pede minha mão em casamento quando estiver me cavalgando — sugiro, acompanhando o contorno de suas curvas com as mãos. — Tenho certeza que darei um coro afirmativo como resposta.

Erguendo os quadris, ela me leva de volta ao paraíso.

Suspiro, sentindo polegada por polegada da boceta gulosa me engolir.

— Você é tão... — Ela arfa, rebolando para me acomodar — Safado!

— O safado mais feliz e apaixonado desse mundo... — Agarro o quadril dela. — Agora rebola pra mim. Senta gostoso no

seu homem.

Amber sorri de olhos fechados e atende, subindo e descendo por mim lentamente até se acostumar e pouco a pouco começar a ganhar ritmo. Aperto seu seio no momento que se inclina na minha direção e me beija.

— *Je t'aime, mon amour...*

Meu coração se aquece, quase derretendo.

Puta merda!

— Quero ouvir você dizer na minha língua — eu exijo.

O sorriso em seus lábios se amplia.

— Eu amo você — repete, ainda sussurrando. — Amo muito, meu amor.

Suspiro, em êxtase.

Com um braço ao redor da sua cintura, começo a investir, fincando os pés no colchão para ter apoio.

A sinfonia de gemidos que ecoa pelo quarto me faz feliz, mas o que minha mente repete pelos próximos minutos é o som de sua doce voz, ofegante e baixa, chamando-me de amor.

Finalmente.

Novos saltos

“Então me abrace forte, é melhor segurar firme
Aperte os cintos, querida, é um caminho esburacado
Nós somos duas crianças pegando a estrada da vida
Nosso mundo, nossa luta
Se ficarmos lado a lado, existe uma chance, vamos conseguir
E eu saberei que você viverá no meu coração até o dia em que eu morrer
Você nasceu para ser minha garota
E garota, eu fui feito para ser seu homem”

(Born to be my baby – Bon Jovi)



Amber

Depois de um longo trajeto de carro, Taylor e eu caminhamos por um campo aberto e esverdeado. Não faço ideia de onde estamos, apenas que saímos de Palo Alto.

Ao longe, posso ver algumas árvores de copa larga dispostas ao leste e algumas vegetações rasteiras no chão. Nada que dê o mínimo indício do que está planejando.

— Aonde está me levando? — pergunto, sem me conter.

A curva misteriosa que seus lábios formam quase me faz suspirar. Interrompendo o passo, Taylor obriga meus pés a pararem também, apoiando as mãos em meus ombros. Ele está animado, não parou de sorrir desde que saímos de casa.

— Você já vai descobrir.

— Estou curiosa! — reclamo.

— Que bom porque é uma surpresa.

— Não pode me dar nem uma pista?

Ele ri.

— Se eu der, não será mais uma surpresa. — Taylor retira um lenço preto do bolso da calça e o ergue. — Hora da venda, amor.

— Venda? Por quê?

— Porque faz parte da surpresa, Thompson.

Encaro seus olhos e suspiro, virando de costas.

— Você tem sorte que eu confio em você...

— Tenho mesmo.

Fecho os olhos e sinto o tecido macio ser colocado, amarrado sutilmente atrás da minha cabeça. Em seguida, a mão de Taylor volta a me rodar, colocando-me de frente para ele.

— Está vendo alguma coisa? — questiona.

— Não.

— Ótimo!

Sinto sua mão apertar a minha e logo seu braço forte também me ampara pela cintura.

— Vamos começar a andar agora, ok?

Assinto.

— Estamos perto? — eu pergunto, curiosa.

— Não muito, não queria correr o risco de você espiar algo. Então vamos ter que andar um pouco, mas não se preocupe, o terreno é plano e eu vou te segurar o tempo todo.

Abro um sorriso.

— Tudo bem.

Voltamos a caminhar, e eu confio todos os meus movimentos a ele, sem ideia de onde possa estar me levando. Ouço o som da grama abaixo de nossos pés e sinto o sol sob nossas cabeças, mas o único ruído em que consigo me concentrar é a respiração dele.

Acredito que *animado* foi uma má escolha. Pela forma com que puxa o ar e sua mão está suada, Taylor está nervoso.

— Está tudo certo? — Ele pergunta, e antes que eu possa responder, uma voz masculina responde:

— Tudo. Você se lembra de tudo que eu expliquei?

— Sim.

Franzo o cenho.

— Se algo der errado, basta me acionar. — O homem continua. — A equipe de resgate fica a postos pelo rádio.

Equipe de resgate?

— Taylor... — sussurro alarmada.

Sua mão aperta meu ombro.

— Está tudo bem — diz e beija minha bochecha. — Eu sei, Dylan. Obrigado.

Quem diabos é Dylan?

Ouço alguns barulhos que não consigo identificar e ergo a mão até o tecido frio da venda, mas mesmo conversando com o tal Dylan, Taylor consegue me deter. Suspiro, mais um segundo e eu tinha conseguido dar uma espiadinha.

— Assim vai estragar a surpresa... — Seu tom de voz entrega que está sorrindo. — Vou te levantar agora, ok?

— L-levantar?

Ele tem a pachorra de rir.

— Seja um pouco menos desconfiada.

— Difícil com você agindo todo misterioso.

— Relaxa. Não precisa ter medo.

Sinto as mãos de Taylor apoiarem minha coluna e solto um gritinho quando me ergue em seus braços, segurando firme a parte

interna dos meus joelhos. No momento que meus pés voltam a tocar o chão, é como se eu estivesse dentro de um cercado.

No segundo seguinte, sinto Taylor ao meu lado. Ele move uma mecha do meu cabelo, colocando atrás da orelha antes que eu faça, e sussurra no meu ouvido:

— Espero que não tenha medo de altura...

Prendo a respiração.

— O quê?

— Eu deveria te vendar mais vezes — comenta, sem me responder. — Você é divertida assim. — Sinto um beijo estalado próximo aos meus lábios. — Me dê apenas mais alguns minutos.

Ouço um barulho alto como se um fósforo gigante fosse aceso, e em seguida uma sensação agradável de calidez sobre minha cabeça. Taylor ainda está se movimentando, ouço seus passos, quando agarro as laterais e respiro fundo. O vento sopra forte, ricocheteando meus cabelos enquanto meu estômago afunda, como se estivesse prestes a descer uma montanha-russa.

— Pronto. — Taylor diz e sinto suas mãos em mim. Primeiro na cintura, depois em meus cabelos, até finalmente retirar a venda. — Espero que goste do que eu preparei.

Pisco várias vezes, voltando a me acostumar com a luz. A primeira coisa que registro são seus olhos azuis e intensos. Estão brilhantes e apreensivos, avaliando cada reação minha. A segunda, que me faz apertar as mãos de Taylor é a imensidão azul que nos cinge.

Estamos no ar, envolvidos por céu e nuvens.

Tomando coragem, encaro melhor a estrutura em que estamos, notando o tecido imenso esticado pelo ar quente,

composto de tantas cores que é sem dúvida a coisa mais colorida e linda que já vi na vida.

Com uma risada incrédula, eu avalio o cesto e volto meus olhos para ele.

— Um balão? — minha voz sai estranha pela ausência de folêgo.

— Sim.

Sorrio, cobrindo a boca com as mãos.

Taylor Holt é inacreditável!

— É... muito.

Seu sorriso esmaece, dando lugar a uma sobra determinada e sincera em seus olhos. O tipo de olhar que me toma mais o fôlego do que a sensação de estar à vários pés do chão.

— *Você é muito*. — Ele rebate. — Estamos em um balão porque você faz com que eu me sinta no topo do mundo, Amber. Porque sinto esse frio na barriga sempre que sorri para mim... Porque quando olho para você, tudo ao redor se torna pequeno, ínfimo, como cada uma dessas árvores abaixo de nós... Porque é o mais próximo das estrelas que consigo fisicamente te trazer.

Puxo uma respiração profunda, comovida e encantada ante a tudo o que ele preparou. Sem palavras, apenas inclino o queixo, à espera da única coisa que poderia deixar tudo isso ainda mais perfeito: um beijo de Taylor.

Contudo, sou surpreendida uma segunda vez ao assisti-lo se afastar, e me provar que estou errada. Há algo que pode tornar esse momento mais mágico do que um beijo.

Com um joelho apoiado no chão, ele retira uma pequena caixa de veludo vermelho do bolso e a abre para mim. Dentro dela,

há o anel mais delicado e perfeito em que já coloquei meus olhos.

— Oh, meu Deus!

Sorrio, com lágrimas nos olhos, sentindo meu coração bater tão rápido que movo as mãos para o peito, como se assim pudesse controlar minha frequência cardíaca, impedir que meu coração saia dando saltos por aí. A emoção que sinto é como se estivesse pedindo a minha mão em casamento.

— Amber Thompson Fontaine, eu quero namorar você — anuncia docemente. — Quer continuar a ver séries comigo, criar uma quadragésima lista de boa convivência, fazer os melhores bolos do mundo e cuidar do meu coração?

Assinto, rindo quando uma lágrima desliza.

Céus, eu o amo.

Eu o amo tanto!

— É claro que eu quero — consigo dizer.

Seus olhos cintilam como duas estrelas caídas. No instante seguinte, seus braços estão ao meu redor, a boca junto à minha. É um beijo apaixonado, profundo, a várias milhas do chão. Um beijo com doces notas de recomeço, afinal somos jovens e ainda temos muitos dias para preencher com amor.

Taylor está aqui, abraçado comigo no ponto mais alto em que já estivemos, me convidando para pular outra vez. Para passar os próximos dias, meses e anos, talvez a vida inteira, fazendo novos saltos ao lado dele. E eu aceito tudo de peito aberto, pois não há um pingo de reserva ou medo em nenhum de nós agora.

Estar apaixonado é se jogar do ponto mais alto em direção ao desconhecido e sentir o impacto não apenas uma, mas várias vezes. Mas amar é estar amparado pelo sentimento mais bonito que

existe sem nunca atingir o chão. É voar através das asas de outra pessoa, confiando e se mantendo juntos no ar.

Arquejo quando nos separamos, mal controlando minhas expressões. Ainda estou emocionada, mas o sorriso em meu rosto é permanente.

Ergo os dedos para mover seus cabelos bagunçados pelo vento, descansando ambas as mãos ao redor de sua nuca, em um carinho leve.

— Eu amo você. E adorei a surpresa, namorado.

Taylor abre um sorriso luminoso.

Tão largo, se não maior do que o meu.

— Vou cuidar do seu coração também — ele promete.

— Eu sei.

— Ainda quero te beijar muito — diz, depositando um beijo casto em meus lábios, antes de separar nossos corpos. — Mas preciso cuidar disso e nos manter em segurança.

Observo enquanto ele habilmente regula as duas estruturas acima das nossas cabeças. Uma espécie de maçarico, que controla a temperatura do ar dentro da bolsa enorme de tecido.

— Como conseguiu fazer isso? — pergunto.

— Estamos em Napa Valley, cerca de uma hora e meia de Palo Alto. Por aqui os passeios de balão são comuns. — Taylor me olha por um momento, ainda ajustando os maçaricos. Ele fica lindo todo desalinhado. — Tirei um certificado online de dezoito horas para pilotar com a ANAC, depois só precisei planejar como trazê-la aqui sem que suspeitasse de nada. E, devo dizer, essa segunda parte foi a mais difícil.

— ANAC?

— Agência Nacional de Aviação Civil. — Ele esclarece. — Fiz duas práticas presenciais depois do horário do estágio na Off-Broadway.

Abro um sorriso.

— Por isso chegou tarde duas vezes na semana.

Ele me lança uma piscadinha.

— Estamos sobrevoando um lindo vinhedo agora — avisa, apontando para baixo com o queixo. — Não vai querer perder essa vista.

Sorrindo, eu seguro a ponta do cesto e me inclino um pouco.

A paisagem é magnífica! Há várias linhas esverdeadas repletas de tantos pontos roxos que parecem colunas púrpuras em meio ao gramado. Isso combinado ao céu azul com pequenos rastros laranjas do amanhecer, é a coisa mais encantadora que Taylor poderia ter programado para mim.

— Isso é lindo...

Seus braços fortes envolvem a minha cintura, e um suspiro me escapa quando me abraça apertado. Sinto o coração dele bater contra minhas costas, o peito expandindo-se e retraindo-se, a respiração quente contra meus cabelos.

— Achei que fosse gostar.

Rodo em seus braços porque a paisagem pode ser estupenda, mas ninguém compete com a visão que é esse homem.

— Foi o pedido perfeito — murmuro beijando-lhe os lábios. — Eu diria que valeu a pena esperar. Mas, sério, nada de Bon Jovi? Eu esperava uma trilha sonora cafona.

Seus olhos se afiam em repreensão.

— Não fale mal dos clássicos.

Taylor ergue os dedos e toca meu rosto com delicadeza. Primeiro o polegar desliza pela minha bochecha, depois pelo queixo até que pousa bem próximo aos meus lábios. Seus olhos, no entanto, se mantêm fixos nos meus.

— *Estarei lá até as estrelas não brilharem... Até os céus explodirem e as palavras não rimarem...* — sua voz é quase um sussurro. — *E eu te amarei... Sempre.*

Deus, se for ele cantando assim...

Posso acabar gostando dessa banda brega.

— É outra música deles? — quase não consigo perguntar.

Sua testa pende sobre a minha quando sorri.

— É uma promessa, Thompson.

Sob as asas do amor

“Tranque as portas
Deixe o mundo lá fora
Tudo que tenho para te dar são estas cinco palavras nesta noite
Obrigado por você me amar
Por ser meus olhos quando não podia enxergar
Por abrir meus lábios quando não pude respirar
Quando não pude voar
Oh, você me deu asas
Obrigado por você me amar.”

(Thank for love me – Bon Jovi)



Amber

DUAS SEMANAS DEPOIS

— Vem logo aqui.

— Espera — digo, abafada pelo lençol. — Eu estou procurando.

Com a cabeça no meio das pernas dele, coberta com o forro branco, eu continuo a tatear.

— Como assim procurando?

Gemo.

— Droga, não tô achando!

A risada de Taylor ecoa, safada e divertida.

— Está bem no meio, amor. — Ele provoca. — Rígido... grande... pronto. Vai acabar cutucando você.

Rindo, eu saio debaixo do lençol, segurando algo realmente duro. A minha esponja massageadora, que Taylor fez escapar das minhas mãos.

— Sabia que tinha algo duro aqui — comento, segurando o objeto.

— Eu diria que há outra coisa dura aqui. Uma bem maior. — Os lábios dele se curvam em um sorriso preguiçoso. — E que você pode dar um jeito.

Pisco, afastando os lençóis e voltando a sentar em seu colo.

— E o que você quer que eu faça? — devolvo baixo. — Posso preparar um banho frio para você.

Taylor agarra a minha cintura, abraçando meu corpo e me trazendo para mais perto, o quadril pressionado em cima do seu.

— Tsc, tsc, tsc... — pontua, beijando meu pescoço. — Sabe o que acontece quando me provoca...

Eu mordo o lábio, mas o sorriso acaba me escapando. Não resisto em apoiar os braços ao redor do pescoço de Taylor e deixar minha boca pertinho da dele, sentindo sua respiração morna contra os meus lábios.

— Eu ganho tapas no bumbum.

Ele exala.

— E você gosta. — Toca a minha coxa, resvalando no tecido da camisa. — Tem essa cara de santa que não vale nada, mas adora quando eu pego pesado. Não é, Thompson?

Meu sorriso ganha forma.

— Ainda vai me chamar assim agora que sou sua namorada?

— Claro que vou... — decreta prontamente. — Você é minha namorada, minha Thompson... Meu amor... — Ele traz os lábios ao meu ouvido, mordendo o lóbulo. Arfo, sentindo um arrepio percorrer meu corpo, da raiz do cabelo até os dedinhos dos meus pés. — E é minha garota safada também.

Com as bochechas enrubescidas, trago a boca dele para um beijo. Taylor respira fortemente contra mim, usando as palmas amplas para me acariciar. Uma de suas mãos tem os dedos cravados contra a minha coxa, a outra subiu para segurar a minha nuca, mantendo-me onde quer.

Ele deixa escapar um leve som da garganta, e a rouquidão em sua voz faz calor me invadir. Antes que me faça desistir do meu propósito, forço o corpo para trás, lutando contra o meu próprio gemido de insatisfação por termos nos separado.

— Não quer deixar essa ideia para outro dia? — pergunta Taylor, soltando um suspiro pesado. — Deixo você fazer o que quiser comigo, se deixar eu fazer o que eu quiser com você agora.

Mordo o lábio, tentada.

— Isso é chantagem!

Ele sorri.

— Achei que queria que eu fizesse parte da sua família.

— Golpe baixo, Holt! — digo aos risos. Vovó Damien vai adorá-lo.

Estico, ainda sentada no colo dele, para alcançar o esfoliante em cima da mesa de cabeceira. Colocando pequenas quantidades distribuídas em sua testa, nas bochechas e na ponta do nariz, espalho primeiro com os dedos antes de pegar a esponja massageadora e começar a esfoliar.

— É injusto você ter uma pele tão boa — eu reclamo, refletindo sobre isso. — Faço *skincare* todos os dias, e você, sem fazer nada, tem uma cútis melhor do que a minha.

— Cútis? — inquere, mas move a cabeça desistindo antes que eu possa respondê-lo. — Você é linda, Thompson. Mas já que

pensa assim, este é mais um motivo para você largar essa esponja e me deixar fazer algo divertido.

Rio, sabendo ao que se refere.

— Eu acho isso muito divertido.

— Não tanto como quando eu lambo a sua...

— Gosto de cuidar de você — corto, usando um tom adocicado.

Taylor se cala e fecha os olhos no momento seguinte, apreciando o carinho quando eu ergo os dedos e afasto as mechas teimosas do seu cabelo, que sempre cai pela testa. É uma tática excelente para mantê-lo na linha.

— Só me interrompeu porque eu ia dizer boceta, não é? — volta ao assunto, sorrindo ainda de olhos fechados. Eu rio em resposta, sem conseguir evitar. — No que essas coisas que está usando em mim vão ajudar?

— Vai renovar as células, eliminando as que estão mortas e estimulando a produção de outras novas, e de colágeno — eu respondo. — Depois que acabarmos aqui, eu vou usar um hidratante e um concentrado de vitamina C.

— E depois vai me deixar te comer.

Entreabro os lábios, acertando um tapa no ombro dele.

Taylor ri gostosamente, abrindo os olhos.

— Ainda acho um charme você toda indignada — ele aponta. — E adoro como você sempre quer um segundo round, gostando de ir devagarzinho depois da pegada mais forte.

Aperto os lábios, para conter um suspiro.

— Você e essa boca suja...

— Uma boca suja, que adora fazer coisas sujas com você.

Rindo, eu saio do colo dele, sob os protestos de Taylor. Aponto em direção ao banheiro, e ele se ergue de imediato, indo pianinho até o lavabo para lavar e enxugar o rosto. Ao retornar, tem a pele ligeiramente avermelhada pela massagem que fiz, mas não é isso que monopoliza a minha atenção.

Arqueio uma sobrancelha.

— Te pedi para lavar o rosto e você volta pelado?

O canto da boca dele se ergue.

Príncipe safado!

— Não estou pelado. — Taylor olha em direção a cueca. — Não ainda. Só tirei a roupa para não correr o risco de molhar ou sujar com os novos produtos que vai me fazer passar.

Movo a cabeça.

— Como se isso justificasse o fato de estar sem calças.

— Pare de negar, Matraca. — Ele volta para a cama, apoiando as costas na cabeceira e me trazendo para perto novamente. — Você gosta de me olhar quase tanto quanto eu gosto de te ver assim, de camiseta e calcinha. — Com um olhar debochado, ele ergue os olhos para mim. — Principalmente, se ela for do Bon Jovi.

¬— Foi um engano, ok?

Recebo uma risada sarcástica como resposta.

Depois de me cansar à beça nessa mesma cama, eu estava com frio então me arrastei e peguei a primeira camisa de Taylor, satisfeita em dormir com o cheiro dele e com seus braços me evolvendo. Apenas hoje, pela manhã, eu me dei conta de que, por acidente, pesquei justamente a preta, com o logo da banda que ele tanto ama.

— Mais uma palavra sobre isso, e eu tiro.

Taylor ri.

— Fica tranquila, eu ainda prefiro você nua.

Com uma negação de cabeça, pego o hidratante na cômoda e espalho na pele dele, rindo quando rajados brancos do creme se depositam nos fios da barba por acidente. Taylor apenas me olha, sem reclamar, deixando-me fazer o que quiser com ele pelos próximos minutos.

— Sabe o que vai fazer em relação a Stanford? — questiona ele, quando estou buscando o sérum facial.

— Ainda não tenho certeza, mas tenho alguns dias para pensar, certo? — Movo os ombros, segurando o vidro. — Tenho certeza de que medicina foi uma decisão errada, e não quero seguir os caminhos antigos que persegui com o balé também. Mas tenho cogitado algumas possibilidades.

— Quer me contar quais?

— Depois de ter negligenciado tanto a minha saúde mental e me sentir melhor agora que estou fazendo terapia, cogitei psicologia — eu respondo. — Mas há uma opção a frente dessa, uma que sempre me deu muito prazer e eu nem mesmo notei como me fazia bem.

Ele aguarda, cheio de expectativa.

— Vou ter que adivinhar? — provoca, curioso.

Abro um sorriso.

— Gastronomia.

— É uma excelente opção! Acho que combina muito com você. — Ele toca meu queixo, também sorrindo. — Na verdade, se for esse mesmo o seu desejo, eu já posso ver um restaurante

famoso em alguma cidade grande o bastante para acomodar todos os seus sonhos, como Nova York. Imagina, Matraca! Como chamam aquelas estrelas que esses lugares pomposos ganham?

— Estrelas Michelin.

— Essas aí. Você vai ter dez delas. Talvez vinte!

Eu rio, sem conseguir me conter.

Céus, acho que consigo amá-lo mais a cada dia!

— O máximo que eles oferecem são três, Taylor.

Os dedos dele se arrastam para acomodar o meu rosto, o polegar acariciando a pele das minhas bochechas.

— Isso porque ainda não te conheceram, Amber Thompson.

— Você está muito confiante. — A incerteza transparece no meu tom. — Mas eu gosto da ideia de Nova York, seria muito bom para você também. Posso ver os roteiros de sucesso que vai escrever sendo adaptadas em peças e musicais no Majestic, no Ambassador, August Wilson e muitos outros teatros famosos da cidade.

— Você sabe muito de lá para alguém que nunca visitou.

Desvio os olhos um segundo, encolhendo os ombros.

— Tenho pesquisado algumas coisas sobre isso, sobre roteiros e tudo mais.

— Por quê?

— Porque quero ser alguém que pode conversar sobre tudo com você — repondo calmamente. — E isso inclui o teatro, que é uma grande parte da sua vida.

Taylor move a cabeça para os lados, como se não pudesse acreditar.

— Puta merda! — murmura. — Eu tenho sorte.

— E eu não tenho? — devolvo com um sorriso.

— Falo sério, Amber. Você é o melhor presente que a vida já me deu.

A satisfação que suas palavras me trazem, faz a curva em meus lábios se ampliar. No segundo seguinte, estou pulando para fora da cama.

— Isso me fez lembrar de algo — digo ao me afastar em direção a escrivaninha. Foi onde escondi, dentro da maior gaveta que ela possui, sabendo que Taylor foge das minhas anotações e dos meus planners como o diabo foge da cruz.

Estamos na minha casa agora, felizmente devido ao aluguel pago para o período do recesso, consegui realugar o meu apartamento. As coisas de Taylor ainda estão no dele, mas pedi que passasse a noite de hoje comigo.

Ainda não discutimos como vamos nos readequar, se voltaremos a morar juntos e, se sim, em qual casa. A única decisão que tomamos é que ele vai passar o restante das férias comigo no Haras, com direito a uma pequena estadia pela França. Olívia foi convidada, é claro, e vai passar pelo menos duas semanas conosco depois de voltar de Chicago com o namorado.

Não vejo a hora de ver Toff correndo pelo campo. Tenho certeza de que ele vai amar aquele lugar mais do que qualquer um.

— Falando em presentes, Holt. — Abro a gaveta e pego a caixa. — Eu estava te devendo um, certo?

Os olhos azuis, que seguem todos os meus movimentos se afiam.

Oh, homenzinho orgulhoso!

— Não estava não.

— Eu disse que o bolo de chocolate não contava.

— Amber...

— Nada de bancar o bronco hoje! — Eu o interrompo, antes que possa continuar. — Apenas aceite o presente. — Volto para perto dele, esticando o pacote retangular. — Pensei em cada detalhe, e fiz com muito carinho.

Ele suspira, se rendendo a pegar o presente.

— Espero que não tenha sido caro...

— Abre logo, Taylor.

Há certo contragosto da parte dele, mas conforme desfaz o embrulho e não vê nada exorbitante como trajes da Armani ou Rolex, a expressão de Taylor se suaviza. Adoro como seus traços mudam um a um, bem na frente dos meus olhos ao encontrar um pequeno álbum da cor preta.

Sobre ele, há os dizeres gravados em prata:

Tu me rends heureux.
À toi, pour toujours.
Amber.

Taylor ergue os olhos.

— Pelo tamanho, não deve ter um curso de francês aqui dentro, mas esse seria um presente bem útil a partir de hoje.

Rio, concordando. Pretendo mostrar as partes mais encantadoras da França para ele, e preciso ensinar o mínimo de vocabulário também.

— Obrigada pela dica! Agora eu sei o que te dar de Natal.

— Vou precisar te chantagear para descobrir o que significa? — inquere. Com um sorriso, eu nego. — Então traduz pra mim, amor.

Tomo uma respiração.

— Você me faz feliz — aponto para a primeira linha, então desço para a segunda com a ponta dos dedos. — Sua, para sempre... Amber. — Volto a olhá-lo. — Agora, olha o que tem por dentro.

— E eu achando que você não poderia fazer nada melhor do que aquele bolo de chocolate — murmura com um sorriso, parecendo conversar consigo mesmo.

Taylor abre o álbum, e eu engato a respiração, ansiosa em captar cada reação dele. Na primeira página, há algumas fotos dele com Olívia, que eu consegui com ela, e as três que ele tinha no Instagram antes de me conhecer. A segunda página está registrada para a primeira foto que ele tirou de nós, aquela no campo em Temecula, com a legenda *Je ‘aime* que agora ele sabe o significado. Nas páginas adiante, começam fotos variadas, algumas que eu tirei de nós em casa depois disso, outras dele distraído dirigindo, porque eu não consegui me conter. E, claro, mais de uma com nosso cachorro.

— Amber... — Ele pigarreia, erguendo os olhos agora mais claros para mim. — Eu não sei nem o que dizer.

Apoio uma mão no peito dele.

Não é como se ele precisasse dizer algo.

— Fico feliz que tenha gostado.

— Gostado? — Ele exala, movendo a cabeça. — Foi a coisa mais doce que eu já recebi. Mais doce do que aquele bolo, mais

doce do que qualquer outra coisa.

Minhas bochechas doem pelo sorriso largo, mas eu não me importo.

Causar felicidade a ele me faz mais feliz do que qualquer outra coisa.

— Eu gosto muito dessa — aponto para uma foto em especial, uma que foi tirada no dia do aniversário dele. Taylor está entre Olívia e eu, com um dos sorrisos mais bonitos que já vi em seu rosto, e, claro, com seu bolo de aniversário em mãos.

— Vocês me engaram direitinho. Não desconfie nem por um momento que estavam tramando juntas para fazer uma surpresa pra mim.

Liv hoje é alguém com quem eu me preocupo muito. Mais do que isso, é alguém que depois de tudo o que aconteceu se tornou uma grande amiga. E, no que depender de nós, Taylor ainda terá muitos momentos como este.

— O que você pediu nesse dia?

— Como assim? — ecoa, sem entender.

— O que você pediu — eu repito. — Se ainda não se realizou, você não precisa contar, mas fiquei curiosa. Você não queria, mas cedeu e acabou não só apagando a vela como fazendo um pedido. Percebi quando fechou os olhos.

Ele me fita calmamente.

— Tem algum palpite? — interpela, ao invés de responder.

Movo a cabeça negando, mas penso sobre isso.

— Pediu por alguma oportunidade profissional?

— Teria sido um bom pedido. — Taylor concorda. — Mas havia algo gritando mais alto na minha mente naquele momento.

Quer continuar a tentar adivinhar?

Empurro seu ombro.

Ele ri da minha expressão, e beija meus lábios.

— Eu adoro esse biquinho — zomba.

— Anda, me conta!

Com os olhos nos meus, ele ergue a mão para afastar uma mecha do meu cabelo, e segura o meu queixo.

— Eu pedi por você, Thompson.

Meus lábios se abrem em função da surpresa e Taylor não perde a chance de correr o dedo por eles. O polegar traçando a carne cheia do inferior, como se o visse pela primeira vez.

— Sem chance! Eu já estava na sua vida.

— Exatamente. — Ele abre um sorriso calmo. — E esse foi o melhor presente que ganhei em anos.

— Taylor...

— Naquela noite, eu pedi que você ficasse. Pedi que eu não fizesse nada estúpido que te desse motivos para ir embora. — Seu polegar desliza novamente, dessa vez tomando o caminho da minha bochecha. — Eu pedi que os *dias bons* nunca acabassem. E eu sei que eles não vão embora tão cedo enquanto eu estiver com você.

Movo a cabeça, com os olhos marejados. Sou atingida com tanta força pela declaração, que não leva nem mesmo um segundo para que eu esteja em seus braços. Montada em seu colo e envolvida pelo seu abraço.

— Haverão dias ruins, eles existem na vida de todo mundo — digo baixinho. — Mas eu prometo ser seu dia bom até mesmo quando estivermos passando por eles.

A cabeça dele se move.

— Se eu tivesse outro bolo daqueles agora, eu simplesmente apagaria a vela e agradeceria. Hoje eu tenho tudo o que eu preciso. — Ele sorri, deslizando as mãos pelo meu corpo. — Posso enfrentar qualquer dia ruim, desde que eu esteja com você.

Taylor

— Você também me faz feliz, Amber — confesso, inclinando-me para frente e capturando a boca dela em um beijo.

Afasto o álbum para mesa de cabeceira, e puxo Amber para mais perto, fazendo com que caia contra o meu peito. Aprofundo o beijo ao senti-la envolver meu pescoço com os braços, e me perco no gosto dela, no cheiro, na forma como se move em cima de mim e na maneira com que os seios túmidos, velados apenas pela camiseta que está usando, tentam roçar no meu peito nu.

— Hum... — ela geme para mim, rebolando no meu colo. — Agora eu também quero fazer algo divertido.

Abro um sorriso.

— Você quer gozar no meu pau? — sussurro junto à pele dela, enquanto deixo uma trilha de beijos em seu pescoço. — Ou quer que eu enfie meus dedos e chupe essa boceta gostosa primeiro?

Seu suspiro enche meus ouvidos.

— Não consigo escolher.

— Então vamos começar com você tirando essa calcinha — decido, sem perder a chance de provocá-la. — Sobre a camisa, eu ainda não me decidi.

Tendo o efeito previsto, Amber ergue ela mesma a camisa e joga no chão do quarto. Eu abro um sorriso, sentindo o comichão excitado que percorre da minha espinha até o pau ao ver seus seios nus. Foda-se a camisa!

— A calcinha ainda está aí, Thompson...

Ela sorri, descendo os olhos pelo próprio corpo até o tecido cor de rosa. Rendado, é claro. E, delicado como a minha garota, ainda com lacinhos. Tudo isso em cima do meu colo, o fundo molhado roçando na minha ereção formada abaixo da boxer.

— Vou ter que tirar sozinha? — devolve ela, voltando os olhos aos meus.

— Eu faço às honras, é minha função preferida.

Antes que eu possa, no entanto, Amber espalma meu peito. Impedindo que eu gire na cama e fique por cima. Sem me dar a chance de questionar, ela volta a boca macia para a minha e me faz suspirar com o esfregar dos mamilos pontudos contra o meu tórax.

— Quero tocar você... — pede, manhosa.

— Sou todo seu, amor — digo, excitado e ansioso. Prestes a comandar para que me tome nas mãos, respiro fundo e decido seguir outro caminho. ¬ — Hoje é um bom dia para tentarmos de novo.

Amber escorrega para o lado, os joelhos flexionados próximos a lateral do meu corpo, sentada sobre os tornozelos. Deslizo os olhos por ela, sentindo meu pau latejar com a curva generosa dos seus seios, a reentrância profunda da cintura e abertura deliciosa dos quadris. Nessa posição, com as pernas levemente abertas, sou capaz de ver como nosso amasso a deixou molhada, e como a calcinha mal consegue cobrir a boceta.

— Está falando sobre eu... descer em você?

Movo a cabeça.

Como a boa garota que é, Amber não só não tentou fazer um novo boquete e nunca tocou no assunto da nossa primeira tentativa,

como também nunca me fez sentir culpado por não poder ser completo e oferecer tudo a ela.

— Conversei sobre isso também com o meu terapeuta, e... — Exalo uma respiração. — Bom, criar receio pelo que aconteceu da primeira vez que tentamos não vai ajudar. Se estiver tudo bem por você, eu gostaria de tentar de novo.

Não vou mentir, o temor ainda enrijece meus músculos. Dessa vez, no entanto, eu não me sinto consumido por ele. Há desejo por Amber e interesse em descobrir como será se eu conseguir me concentrar apenas nela. Em sua boca rosada subindo e descendo por mim.

— Acha que consegue? — pergunta ao se inclinar. A voz saindo abafada pelos lábios pressionados contra a pele do meu peito, que começou a beijar.

— Se tem alguém que pode me fazer superar, esse alguém é você.

Suspiro quando ela planta um beijo na divisão do meu tórax com a barriga e arrasta as unhas medianas pelo meu baixo ventre, deixando a palma apoiada no alto da minha coxa direita.

— Fico feliz em ser a primeira. — Diz com um sorriso. Para nós, esse é o significado. Afinal, de todas as maneiras que realmente importam, Amber também é a minha primeira.

As mãos dela deslizam pela minha coxa, a ponta dos dedos me preparando com um toque sutil enquanto se aproxima da minha virilha. Sinto o aperto firme que me envolve – na pressão certa, como ela sabe que eu gosto agora –, e assisto seus movimentos vagarosos para cima e para baixo algumas vezes.

Com a respiração entrecortada, assisto-a passar a ponta do polegar suavemente sobre a coroa do meu pau inchado. Então ela traz o polegar aos lábios e o chupa para saborear o gosto do pré-gozo.

Minha garota curiosa.

— Eu sei que tentamos fazer isso, mas... — Ela ergue os grandes olhos castanhos para mim. — Acha que vai caber todo na minha boca?

Jogo a cabeça para trás, grunhindo.

— Porra, Amber!

— O que...

— Seu rosto corado deveria ser um motivo para me fazer parar desde o começo de tudo isso. — Ergo a mão para tocar a pele quente de sua bochecha corada. — Mas todas as vezes que te vejo desse jeito... Inocente e, ao mesmo tempo, tão safada e curiosa. Merda, tenho vontade de te ver fazer coisas pervertidas!

Assisti-a morder o lábio.

— Quero muito fazer uma coisa pervertida agora — alega, usando de todo o seu charme para me fazer latejar. — Posso começar?

Movo a cabeça, sem nem mesmo hesitar.

Ela estende a mão e corre um dedo pelo meu comprimento antes de me agarrar em seu punho. O aperto na pressão certa me fez ranger os dentes, os músculos do meu abdômen repentinamente tensos diante da vontade.

Amber desliza seus grandes olhos castanhos por mim enquanto bombeia meu pau com a mão. Dos músculos da minha barriga, por onde as veias salientes desciam até o meu ventre e

uniam à minha ereção, minha santinha descarada se concentrou no pau liso, sem pelos, com as bolas pesadas. As veias também subiam pelo comprimento grosso, grande e duro, desaparecendo na coroa. A glande rosada, com o prepúcio puxado e a pele se movendo conforme eu me masturbava.

— Pode continuar — consinto, em voz baixa.

Meus dedos escorregaram pelos fios loiros do seu cabelo até descansarem na parte de trás da cabeça dela. Sem empurrar, apenas segurando, assisto Amber levar a ponta à boca. Ela agita a língua em torno do meu cumprimento, levando um pouco amis de mim em sua boca, e passando a mover a cabeça para cima e para baixo.

— Caralho — assobio, exalando entredentes.

Erguendo os olhos para me analisar, ela passa a chupar enquanto se movimenta. A boca pequena tão distendida pelo meu tamanho, cingindo meu pau em um aperto macio e molhado, assim como o meio de suas pernas.

Meus quadris empurram para cima quando ela me leva longe, o bastante para eu sentir o fundo de sua garganta acariciar a minha glande. Solto um grunhido áspero, no mesmo segundo em que ela se engasga outra vez e se puxa para trás.

— Taylor... — Lança um olhar alarmado na minha direção.

Puxo uma respiração.

Os músculos da mandíbula apertados em tensão.

— Vou precisar dar uns tapas em sua bunda por ser tão gulosa?

Ela move os olhos entre os meus.

Tentando ter certeza de que estou bem com isso.

— Se isso fizer com que você relaxe...

— Está disposta a isso?

— A qualquer coisa. — Não hesita em dizer.

Movo o corpo dela com facilidade, lhe dando tempo apenas de ofegar.

Não apenas trago Amber para o meu colo novamente, como a coloco virada ao contrário, de forma que sua cabeça fica voltada em direção às minhas pernas. Deslizo pelo colchão, e com um puxão firme, a deixo na altura certa. Cabeça no rumo dos meus quadris, suas pernas apertas bem em frente ao meu rosto.

— O que você...

— Continue nessa posição — exijo ao interrompê-la, em um tom mais duro do que eu queria. — Quero sua boceta bem aberta na minha boca.

Amber deixa escapar um suspiro trêmulo.

— Não sei se vou conseguir assim.

— Confie em mim, amor. Assim será mais fácil para nós dois.

Testo a umidade dela com os dedos. Esfrego por fora, circulando o polegar no clitóris inchado. Fico ainda mais excitado ao constatar que está pulsando de desejo apenas por chupar meu pau.

Me dar prazer a excita.

E, puta merda, Amber não poderia ser mais perfeita.

Beijo a parte interna das coxas, e ela estremece. Quando a cubro com a boca, minha garota geme alto, arqueando as costas e empinando a bunda pra mim. Abro as bandas da bunda redonda para ter mais acesso, e dou uma lambida longa do clitóris até a outra entrada, ainda mais apertada que sua boceta.

— Deus, Taylor... — geme tão gostoso que faz meus ossos vibrarem.

— Ainda temos muito para descobrir, não é amor?

Ela arqueja.

— Não com você... tendo esse tamanho.

Eu sorrio.

— Volta a boca pro meu pau, Thompson.

Obediente, ela volta a me segurar e a cobrir minha ereção com os lábios. Dedicando tempo a cabeça, onde suga e cobre com a língua molhada, me fazendo gemer contra ela, antes de voltar a me levar até onde consegue.

Aperto as mãos contra ela, e endureço a língua, penetrando em seu canal. Amber vai mais fundo e engole contra mim, sem se engasgar dessa vez, provocando um gemido, que me escapa e vibra contra suas dobras.

— Humm... — o choramingo abafado me faz chupar mais forte. Ao fechar os lábios em torno do clitóris inchado e sugar, Amber estremece inteira, se entregando ao orgasmo.

Ela goza na minha boca, a língua tremendo pelo gemido que quer escapar de sua garganta, mas não pode, porque meu pau está ocupando cada centímetro da boquinha pequena dela.

Com reboladinhas leves, ainda se esfregando contra a minha cara e sentindo as últimas notas do seu prazer, Amber passa a me chupar mais forte, me levando tão fundo quanto consegue.

— Amor... — grunho em aviso. — Eu estou perto...

Porra, a sensação da língua macia friccionando contra o frênulo do meu pau é demais. A luxúria nubla a minha visão quando

eu me derramo dentro da boca dela, e mesmo nessa posição, ela engole tudo.

Fecho os olhos um momento, sentindo a língua dela girar e o arrepio percorrer da cabeça do meu pau até os fios dos meus cabelos. Gostoso pra caralho! Ela não só engoliu tudo, cada mísera gota, como continuou a me lamber, como se quisesse tomar cada vestígio.

Solto um suspiro longo quando ela me tira da boca por completo, e se vira para ficar frente a frente comigo. O meio das pernas, ainda molhados pela minha saliva e pelo seu gozo roçando acima da minha virilha, nos músculos do meu abdômen.

— Como foi? — ela pergunta.

Ela é sempre linda, mas está uma visão e tanto agora. Os lábios inchados pelo trabalho, as bochechas coradas.

— Não consegui pensar em nada que não fosse você — digo com um sorriso, que se espelha nos lábios de Amber. Foi tão bom que eu mal vejo a hora de tentarmos novamente. — Obrigado.

— Não me agradeça por algo assim.

— Foi tudo bem com você também?

— Sim, eu gostei. — Ela coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Principalmente quando você perdeu o controle no final. Foi muito sexy.

— Mesmo?

— Não pareça tão surpreso. Eu queria isso tanto ou mais que você.

— E não se incomodou em engolir?

Ela pensa um pouco.

— Não é ruim como eu pensava. — Com uma careta, ela reitera. — Não é bom também, mas eu queria ter a experiência completa.

— Não precisa engolir nas próximas vezes se não quiser.

Seus olhos castanhos tremeluzem.

— Haverá uma próxima vez então?

— Você ainda pergunta? — devolvo em resposta. — Aliás, como fez isso ser tão bom?

— Você não poderia me ensinar até se convencer de que poderia ser bom, então eu aprendi sozinha — diz erguendo o queixo. — Bom, ao menos eu tentei, já que engasguei de novo. O ponto é que May me deu algumas dicas, e eu vi alguns vídeos.

Sorrio, relaxado.

— Assistiu pornô? Isso é sexy.

— Eu sei que nunca vou conseguir fazer algumas coisas que vi naqueles vídeos, mas eu... — Amber morde o lábio, descontando parte da ansiedade. — Queria fazer com que fosse bom pra você.

— Você fez ser incrível, amor.

Sem aguentar, me aproximo dela e volto a beijá-la. Com um sorriso tocando os lábios, desço uma mão até a boceta pequena, brincando com os grandes lábios, apertando-os, beliscando até ouvir minha garota gemer.

— Mas ainda quero mais — concluo.

Viro seu corpo na cama com facilidade, deixando-a por baixo.

Ao enfiar um dedo dentro dela, Amber se debateu na cama, elevando o quadril para receber tudo o que eu quiser dar a ela. Aproveito a invasão para explorá-la, sentindo a maciez de sua carne

quente me abraçando, e como escorre pela minha mão, de tão excitada.

— Taylor... Por favor...

Ela estremece quando agarro seu quadril e, aproveitando do fato de estarem erguidos, deposito a mão na lombar, arrastando-a para debaixo do meu corpo, nos deixando no meio da cama.

— Ah, amor... — eu suspiro, enfiando mais fundo, explorando-a agora com dois dedos. — Acho que apenas dedos não conseguiram apagar seu fogo hoje. E embora minha língua formigando para sentir você, acho que nos dois estamos ansiosos para usar algo de um calibre maior.

Meu corpo, tão maior e mais pesado, cobre o dela. Cada curva delicada embaixo de mim, ansiosa pelas minhas mãos. O peito de Amber sobe e desde com uma respiração descompassada, o ar quente batendo contra a minha boca em lufadas quentes pela proximidade.

Roço a glande do meu pau contra o ventre dela, curvando o canto dos lábios ao ver seus lábios se curvarem em um beicinho manhoso. Toda impaciente, ela percorre minhas costas com as unhas médias, marcando a pele até que eu ofegue e gema contra sua boca, fechando os olhos.

Sem se interromper, ela desce para a minha bunda e aperta, tentando me trazer para frente. O tesão explode nas minhas veias, e eu ergo os olhos até os de Amber. Respirando entredentes ao apoiar os braços cada um do lado do corpo dela.

— Ainda está molhada? — rosnei.

Ela umedece os lábios.

Os lábios rosados que acabaram de chupar meu pau.

Eu respiro fundo.

— Acho que você sentiu — responde, arquejante.

— Acho que você vai gozar bem rápido — provoco. Mas Amber apenas pisca lentamente, subindo as próprias mãos para os seios, como se não se importasse, apenas precisasse de alívio. E, puta merda, isso me enlouquece! — Me coloque onde você quer.

Ela umedece os lábios.

— O quê? — ecoa.

— Eu quero que você me segure e me leve até onde você quer — repito mais baixo, enrouquecido. — Pegue meu pau com essas mãos pequenas e me coloque dentro, amor. Faça, e eu vou foder você.

Com as testas pressionadas, ela escorreu a mão entre nossos corpos e agarrou a minha base. O aperto me fez grunhir, sobretudo quando ela me levou para cima, até minha glande tocar o clitóris inchado, entreabrindo os lábios para gemer e me arrastar até a sua entrada.

Empurrei o quadril, pressionando sua carne suave e abrindo caminho. A forma como está pingando por mim, tão receptiva e quente me fez grunhir alto. Assim que bato fundo dentro dela, retiro até a ponta e começo a estocar.

— Eu amo... sentir você... assim... — diz entrecortada, os suspiros sincronizados com cada enterrada, que faz seus peitos bonitos pularem.

Eu rujo grosso, sentindo o suor se colar ao meu peito conforme meus quadris se movem. Apoiando uma palma firme contra barriga dela, a pressiono para baixo, mantendo-a no lugar

para receber todos os meus impulsos. A contração espontânea que Amber faz com a pelve em resposta, me arrasta para o inferno.

— Cacete! — exalo entredentes.

Nenhum de nós vai durar muito.

Os choramingos e os suspiros altos me indicam que ela está perto, isso e a boceta ansiosa se contraindo ao meu redor. Aumento as investidas, ansioso para gozar também, e quase perco a batalha quando Amber esfrega a boceta em mim, colando os seios ao meu peitoral, envolvendo meus ombros com as mãos e rebolando como pode embaixo de mim.

— Assim eu não aguento, puta que pariu! — Perco o resquício de controle que ainda comandava a minha mente.

Enterro as mãos nos cabelos loiros de Amber e a beijo. Comendo seus gemidos, agarro suas coxas abertas e a faço enlaçar o meu quadril, os pés pequenos se contorcendo no alto das minhas coxas conforme eu invisto mais rápido. Mais forte.

Meu pau chega até o fundo. Posso sentir a cabeça bater contra o útero, cada parte perfeita da carne dela contra a minha. Amber geme mais alto a cada vez que eu bato forte, cutucando-a de uma maneira gostosa.

A cada estocada, ela estremece contra mim. O suor umedecendo agora também sua pele, se acumulando embaixo dos peitos fantásticos, que eu não resisto buscar com a boca, antes de procurar mais dela ao lamber e chupar o pescoço.

— Taylor, eu vou... Acho que... — A boceta aperta ao redor do meu pau, sugando-o para dentro, o ventre tremendo quando ela goza em meio a palavras desconexas, perdendo a voz e apertando a cabeça contra os travesseiros.

Eu não perco nada, desde o arrepio que lhe sobe pelas pernas até os espasmos que assolam seu corpo por longos segundos. A forma com que seus pés pousam na cama, contorcidos e como as unhas da palma se enterraram nos meus ombros.

Senti meu coração acelerar mais, a adrenalina percorrendo minhas veias. Entrei e saí mais forte, rebolando dentro dela em busca de mais espaço. Querendo conquistar cada centímetro, até mesmo os impossíveis.

— De novo — comando.

— Tay-lor...

— De novo, Amber. — Grunhi, apertando a mão contra a cintura fina para que aceitasse receber tudo o que eu estou dando a ela.

Ela choraminga com os olhos marejando. O peito subindo tão rápido que minha garota só tem tempo de espalmar meu peito antes do segundo orgasmo tirá-la da realidade.

Eu não paro, buscando agora o meu próprio prazer. Estocando, sinto meus ombros ficarem tensos, e ranjo os dentes quando começo a gozar.

— Amber — gemo o nome dela, olho no olho, e sinto cada jato da minha porra ser derramado dentro dela, se misturando ao orgasmo de Amber. Meu pau continua a latejar por cada segundo que a boceta dela palpita, exausta e satisfeita.

Abraço a minha garota, enterrando o rosto em seus cabelos e soltando um pouco mais do meu peso sobre ela. Nossos suores se misturaram, e permanecemos assim por vários segundos. As respirações voltando ao normal e os corações acelerados entrando no mesmo compasso, mais lento e mais calmo.

Beijo seus cabelos, depois a orelha. Avanço pela bochecha, e quando alcanço seus lábios inchados pelos meus beijos, deslizo para fora dela.

— Gosto de sentir seu prazer dentro de mim — murmura, suspirando ao apertar as coxas unidas.

Deito ao lado dela, puxando-a para o meu abraço, agora frente a frente para mantermos o contato visual.

— Eu ainda preciso de alguns minutos antes de outra rodada — informo, com um sorriso provocador. — Mas você pode me ajudar a bater algum recorde se continuarmos com a conversa nesse rumo.

Amber abre um sorrisinho.

— Estou falando sério.

— Gosta mesmo quando fazemos sem camisinha, não é? — digo, mesmo sabendo da resposta. Eu também prefiro nãos sentir nada entre nós, e não ter que parar para pegar proteção agora que ela decidiu tomar anticoncepcional.

— Gosto — responde com um sussurro. Ela ergue a mão para tocar meu rosto, roçando os dedos magros pela minha barba. — Mesmo depois que você sai, é como se eu te sentisse dentro. Eu te fiz sentir prazer, e gosto que esse prazer esteja escorrendo de dentro de mim como um último gostinho de você.

Preciso respirar fundo.

— Ainda bem que não disse isso enquanto eu ainda estava dentro — aviso sem vergonha em admitir —, ou teria gozado mais rápido do que nós dois gostaríamos.

Amber joga a cabeça para trás e solta a minha risada preferida, aquela que vem de sua barriga e toma todo o seu corpo.

— Você é linda demais — murmuro, sem pensar, passando meu polegar em seu rosto, apoiando em seus lábios. Está corada pelo que fizemos, a pele quente assim como o interior do quarto.

O riso cessa, dando lugar a um sorriso que eu sigo com os olhos de perto.

— Acabei de descobrir o motivo de você me fazer tão feliz — declara ela, como se houvesse feito uma grande descoberta.

— Ah, é?

— Você gosta do meu sorriso. É apaixonado por ele, não é Holt?

É a minha vez de sorrir, movendo a cabeça.

— Eu te desafio a encontrar algo que eu não ame em você.

Ela fica em silêncio por alguns segundos.

Ficando mais corada ao passar de cada um deles.

— Você é adorável — murmura, por fim.

— Acabei de te foder nessa cama até te ouvir gritar, e esse é o elogio que eu mereço, Thompson?

Ela volta a rir, e eu a acompanho.

Chegando ainda mais perto, Amber se aconchega em uma posição mais confortável. Não demora muito para a exaustão tomar nossos corpos, tornando meus músculos pesados e a respiração calma.

Vamos adormecer logo, abraçados, e mesmo assim, em algum momento da noite, vou acordar com ela se movendo sobre o meu corpo, tentando ter mais de mim mesmo em sono profundo.

— É todo seu, sabe? — murmuro no silêncio.

— O quê?

— Meu coração — respondo no mesmo tom. — Meu corpo também, é claro. Minhas mãos, minha boca, meu pau... Tudo. É tudo seu, Thompson.

Eu sinto o sorriso dela contra a minha pele.

— Sou uma garota de sorte, não sou?

— Tem quase tanta sorte quanto eu — reitero, respirando contra os fios loiros do seu cabelo. As próximas palavras saem ainda mais baixas, mas eu não me importo em verificar se Amber as escutou realmente. Farei questão de agradecer todos os dias através das minhas ações ao lado dela. — Obrigado por você me amar.

Mas ela escuta.

Não só escuta, como também responde.

— No começo de tudo isso, eu queria Stanford, queria me tornar uma cardiologista tão boa quanto o meu pai. Mas eu consegui muito mais, Taylor. — Ela começa, a voz soando levemente emocionada, embora o sorriso continue a tocar seus lábios. — Posso não cuidar de vários corações ao longo da vida, mas do seu eu vou cuidar. Vou cuidar até a última batida do meu coração.

Fim



CORAÇÕES INCENDIADOS

Alguns homens desejam a redenção, outros sabem que não a merecem...

Corações incendiados é um *Spin-off* do livro que você acabou de ler, e irá contar a história de Jason e May, a mulher mais sagaz da família Fontaine.

Ela é como fogo.

Ele, a própria pólvora.

Juntos, eles prometem incendiar tudo por onde passarem...

Inclusive seus corações.

Ainda não há data de lançamento definida, mas você pode ficar por dentro de todas as novidades através do meu grupo de leitoras no WhatsApp. Ou por meio das minhas redes sociais disponíveis no final deste e-book.

Aproveite a degustação do primeiro capítulo!

Jason

Ergo os olhos para o teto, gemendo.

— Eu não vou aguentar muito mais — digo em um suspiro.

Forço o punho, sentindo a algema beliscar conforme tento mover o corpo sobre o colchão, os lençóis resvalando contra a minha pele nua ante a minha impaciência.

Sou o tipo de homem que gosta de ter controle na cama, mas que não vê problemas em ceder quando a mulher certa sabe o que fazer no comando.

Não até o hoje.

Porque diabos eu fui aceitar essa ideia?

Grunho, tentando novamente me libertar.

— Porra!

O som da porta do apartamento sendo aberta me coloca em alerta. Volto a praguejar, forçando mais avidamente a algema presa contra o ferro forjado da cabeceira da cama. Não posso permitir que Jordan me flagre dessa forma.

— Pai! — ouço a voz dele. — Onde você está?

— Sr. Malone? Está tudo bem? — Essa é a babá, que me ajuda com a casa e também com o meu filho.

Bom, corrigindo: ela é a *sétima* babá. Todas as anteriores pediram demissão com menos de uma semana, essa tem durado um total de nove dias contando com hoje. Por quanto tempo? É um mistério! Jordan consegue espantar todas elas.

Eu fui responsável por duas demissões, apenas. Meu filho sequer teve tempo de enlouquecê-las, já que seu pai pensou com o pau.

— Pai, está no quarto? — A voz dele se aproxima, e eu exalo contrafeito.

A trepada foi boa, mas eu não deveria ter pego no sono antes que Callie libertasse meus pulsos, mas estava tão cansado do plantão exaustivo, que gastei minhas últimas energias com ela, em cima dessa cama.

O pós-sexo pode ser incômodo para algumas pessoas, mas não para mim. Às vezes, a transa é apenas isso, uma transa, e nesses casos, não rola mesmo muita conversa depois. Mas gosto da sensação do corpo suave e feminino da pessoa que me deu prazer contra o meu, de sentir os tremores da mulher ao meu lado acalmarem, mesmo não estando à procura de um relacionamento.

Com o bônus de que, pela manhã, posso ter uma nova rodada. E sexo matinal é o meu tipo preferido, sempre acordo com tesão.

— Pai! — A voz de Jordan se aproxima, e em uma medida desesperada, eu jogo o *console* [JR4]atrás da cômoda, puxo os lençóis para cobrir meu corpo e dou um último puxão com toda a minha força, quebrando a cabeceira. A porra da algema continua contra o meu pulso, agora dissociada do ferro que parti na força do braço.

O dia de hoje só melhora...

A cabeça do meu filho desponta contra a porta entreaberta, e um sorriso imediatamente surge em seus lábios ao me ver.

Infelizmente, seus olhos curiosos também notam o estrago que causei.

— Ouvi um barulho alto da sala. O que aconteceu? — exige saber. — Por que sua cama está quebrada?

— Jordan, filho... — Alongo as palavras, pensando no que responder.

— E porque tem uma algema na sua mão?

— Bom, isso...

— Você foi preso?

— É claro que não.

— Por que está com uma algema então? — Emenda outra pergunta, impedindo que eu dê uma resposta completa, mesmo se eu soubesse o que dizer. — Não sabia que os policiais vinham em casa fazer isso. Achei que apenas homens maus fossem para cadeia.

— Sabe que não sou um homem mal — defendo-me.

Porra, eu sou apenas um homem bom e com tesão, que se deixou ser seduzido por uma policial simpática após uma blitz. Eu não merecia estar passando por essa cena constrangedora na frente do meu filho de sete anos, com quem estou longe de ter a famigerada conversa de como os bebês vêm ao mundo.

— Eu sei — concorda ele, inclinando a cabeça ao analisar o ferro que envolve meu pulso. Essa não é como as vendidas nos produtos de sexy shop, é usada para prender criminosos. Por isso, essa merda é tão resistente. — Então o que o senhor fez?

A babá escolhe esse momento para aparecer, arregalando os olhos ao ver meu estado, ainda que suavizado pelas minhas ações

anteriores. Tentei ficar o mais respeitável possível nas condições que me restaram.

— Você não está atrasado para a aula? — Mudo de assunto, encarando o rosto de Jordan. — Precisa tomar banho e vestir o uniforme do Jiu Jitsu.

— Tomei banho antes de vir, pai.

— Ainda precisa vestir o uniforme e tomar seu café da manhã.

— Vai conseguir fazer panquecas felizes com essa coisa no braço? — pergunta preocupado.

Panquecas felizes foi o nome com que eu batizei a massa coberta de calda de chocolate, desenhada com chantilly e mirtilos, formando uma expressão contente. Fiz a primeira vez quando ele tinha quatro anos, e nunca mais nos referimos ao prato de outra forma.

— É claro que vou. Consigo fazer muito com apenas uma mão.

A mulher toma uma respiração profunda, desviando o olhar assim que ergo a cabeça para encará-la, balbuciando que vai para a cozinha. Assim que deixa o quarto, eu jogo as pernas para fora da cama, tomando o cuidado de manter mais de uma camada de tecido ao redor dos meus quadris.

— Mas estou atrasado para ir ao hospital — digo ao meu filho, verificando o relógio disposto na mesa de cabeceira. — Se for rápido em se arrumar, podemos tomar café da manhã fora. Naquela cafeteria que você gosta.

Um novo sorriso surge nos lábios dele.

— Volto em cinco minutos! — declara, correndo para fora do quarto.

Com a minha corrida matinal ferrada pelo horário, tomo o caminho do banheiro. Encontro meu celular sobre o mármore da pia, e nele há uma mensagem do encontro da noite passada.

Callie: *Gostei de ontem à noite. Me liga.*

Digito uma resposta.

Jason: *Você poderia ter deixado essa mensagem em uma folha de papel com a chave das algemas em cima. Teria sido útil.*

Bloqueio o aparelho, deixando-o sob o mesmo lugar e entro no box, ligando o chuveiro para tomar um banho rápido. Com a toalha em volta da cintura, pego o barbeador elétrico no armário de cima para aparar a barba.

Estou deslizando a ponta pelo pescoço quando Jordan entra no meu banheiro, vestido com o roupão branco ajustado na cintura pela faixa cinza com a ponta preta.

— Estou pronto — avisa.

— Eu sei.

— E ainda não tirou essa coisa do braço.

Suspiro.

— Também sei disso.

— Sabe como tirar?

— Já te disse que você faz muitas perguntas? — devolvo. Porque, na verdade, ainda estou pensando em como vou esconder

essa merda até dar uma passada no setor de ortopedia e pedir para Bennett quebrar um galho para mim, arrancando a algema.

— A professora disse que fazer perguntas é bom. É o que crianças inteligentes fazem para aprender mais sobre o mundo — responde, me fazendo sorrir. Jordan então, volta a mover os olhos sobre mim, reparando na toalha. — Estamos atrasados, e você nem se vestiu ainda.

Deslizo o aparelho pelo queixo.

— O que acha de escolher o meu terno? — proponho, lançando um olhar em direção a porta, onde está parado. — Separe uma camisa e uma gravata para mim enquanto eu termino.

Ele move a cabeça, concordando.

— Quando eu vou poder usar isso?

A risada me escapa.

— Quando tiver algum pelo no rosto — eu respondo. — Você só acha divertido agora. A partir do momento que precisar fazer todos os dias pela manhã para estar apresentável vai detestar.

Há um instante de silêncio, em que ele parece pensar sobre isso.

— Mulheres gostam de barba?

Afio os olhos, desligando o aparelho e o apoiando sobre a pia.

— Por que está perguntando isso?

— Porque eu tenho uma namorada — responde como se fosse óbvio. — E não quero que ela termine comigo porque eu não tenho barba. Aliás, a mãe dela não está muito bem. Chloe disse que ela está doente, o senhor poderia ajudar, não é?

Exalo, fortemente.

Preso na primeira parte.

Namorada?

— Como assim namorada, Jordan? Pelo amor de Deus, você só tem sete anos!

— E o que minha idade tem a ver com isso? — devolve, cruzando os braços como se fosse um homem feito, e não uma criança. — O amor não tem idade, pai.

Abro e fecho os lábios , pego de surpresa pela declaração.

É por isso que você não deve deixar seu filho assistir TV.

— Onde diabos você viu isso? — interpelo.

— Você disse que *diabos* é uma palavra feia.

Respiro fundo.

— E é, crianças não devem falar esse tipo de coisa que... — pauso, pensando. — Não é educado. Os adultos dizem quando estão nervosos.

Ele aceita minha explicação meia-boca?

É claro que não!

Jordan é esperto demais para não questionar.

— Por que você está nervoso? Está preocupado com a mãe da minha namorada?

Esfrego a testa.

— Falamos sobre isso depois. Essa é uma conversa longa demais para alguém atrasado, como nós dois estamos. — Decido postergar o momento. — Agora faça o que eu pedi. Pegue uma gravata para mim.

Ele se vira, tomando o caminho do closet, mas parece se lembrar de algo, pois volta à posição inicial. Estou preparado para rebater qualquer alegação sobre a tal namorada, que eu não sabia

da existência até a essa manhã, quando ele me surpreende ao mudar de assunto.

— Você vai me buscar na aula hoje?

— Vou — confirmo. — Desculpe não ter ido nos últimos dias.

Meu filho move os ombros.

No fundo, sei que ele sabe que faço tudo o que posso para passar a maior parte do dia com ele, tentando driblar a minha rotina caótica no hospital.

— E vamos... visitar *ela*?

Limpo a garganta.

— Não. Hoje não.

Jordan não discute, saindo do banheiro logo em seguida, e eu agradeço por isso. Pego meu telefone sobre a pia, encontrando a resposta de Callie.

Callie: *Pensei que me ligaria para consegui-las.*

Abro um sorriso desacreditado.

Sair em um segundo encontro é tão inadmissível que eu preferi quebrar a cabeceira da cama.

Veja bem, eu não me importo de estender o encontro até a manhã e dormir junto, como disse, se a mulher quiser também. Mas repetir a saída e cair no hábito é o que estraga as transas casuais.

Deixo o banheiro e encontro Jordan fazendo bagunça no meio das minhas roupas, tentando amarrar a todo custo uma gravata azul marinho ao redor do pescoço.

— Esse negócio é muito complicado — ele reclama.

Rindo, eu tiro a toalha, visto uma boxer e escolho uma calça de alfaiataria cinza-chumbo, fechando o cinto antes de me aproximar dele.

— Por que quer usar uma gravata?

— Só quero aprender. Posso ter um compromisso especial.

Acabo rindo.

A menos que esteja se referindo ao baile da oitava série, eu não imagino nada que possa obrigá-lo a andar com o acessório. Mesmo assim, amarro a gravata da forma correta ao redor do pescoço dele para que satisfaça sua curiosidade. A combinação com o kimono é ridícula, mas Jordan parece contente ao se afastar de mim e analisar o resultado no espelho anexado à parede do cômodo.

— Fiquei bonito como o senhor — diz, sem modéstia. Não tenho dúvidas de que puxou a minha confiança. — Chloe vai adorar.

Movo a cabeça, rindo ao caminhar até ele.

— Sei que às vezes quer crescer logo, quer se tornar um homem porque acha divertido. — Apoio uma das mãos sobre seu ombro. — Mas não tenha pressa de crescer.

A cabeça pequena se move em concordância.

— Saiu um pacote de expansão novo no Minecraft.

Abro um sorriso.

— Gosto muito mais desse assunto do que o das namoradas. — Volto em direção à onde minhas camisas estão penduradas, e pego uma social branca. — Pode me explicar as novidades do pacote no caminho. Compramos à noite quando eu voltar.

***

O que ninguém conta sobre morar em Nova York, mesmo em bairros privilegiados como Manhattan, próximo ao Central Park, é que o trânsito é uma merda. Uma porcaria a qualquer horário, e exponencialmente pior em horários de pico.

Após deixar Jordan na academia de artes marciais, entro na Lexington Avenue, seguindo meu caminho até o *Presbyterian*[JR5] *Hospital*. O mar de táxis amarelos está por todos os lados, buzinando pela impaciência, parando diante o aceno das pessoas que circulam no mesmo caos sobre a calçada.

— Daqui a pouco as chamadas começam — penso em voz alta, sentindo o latejar na minha têmpora ao imaginar como a emergência deve estar abarrotada.

Aperto o pé no acelerador e me desloco mais para a direita, pensando em algum atalho para evitar pegar tantos sinais e acabar me atrasando mais.

Um veículo saindo de uma vaga estacionada me surpreende ao arrancar, sem sinalizar a manobra, tentando entrar no meu caminho. Tento reduzir a velocidade, mas não consigo parar rápido o bastante. Como resultado, acabo colidindo com o carro em uma batida leve. Tenho a certeza de que meu para-choque fica amassado ao notar o retrovisor esquerdo do outro carro, que está bambo, preso por pouco.

Puta merda, estamos no meio de uma avenida, é claro que a preferência era minha, que já estava circulando, e não desse *roda dura* que acha que pode sair com o carro da vaga a hora que bem quiser.

Deixo o automóvel impaciente, batendo a porta. Até tento tomar uma respiração profunda para me acalmar, mas todo nervosismo fica em segundo plano quando assisto a porta do outro carro se abrir.

De dentro do sedan preto, um par de pernas nuas salta para fora, em cima do maior par de saltos que eu já vi. É inevitável não seguir o caminho para cima e me deparar com a roupa excêntrica que a mulher está usando.

Não. Mulher, não.

A porra da Chapeuzinho!

— Qual é o seu problema, cara? — interpela ela, aproximando-se de mim. Como se não bastasse a blusa branca, marcada pelo espartilho na cintura e a saia vermelha, ela ainda tem a capa escarlate presa sobre o pescoço. — Você estava com a velocidade reduzida, me viu assinalar que iria sair e então simplesmente acelerou?

A encrenqueira tem lindos olhos, assim como os cabelos, que chamam atenção por serem tão negros e longos. Infelizmente, ela também tem esse temperamento agridoce, agindo como se fosse dona da razão.

— Não vai dizer nada? — insiste, respirando rápido pela indignação. Injustificada, diga-se de passagem. — Por acaso comprou a sua carteira de motorista?

Uma risada seca me escapa.

É só o que me faltava!

— Se perdeu no caminho para a casa da sua vozinha? — rechaço, estreitando os olhos. Até poderia ser gentil, se ela também

fosse mais educada. — Aqui é Nova York, morena, não dá pra estacionar como se a rua fosse sua floresta particular.

Ela entreabre os lábios, incrédula.

Sem querer, eu reparo no batom vermelho.

Reparo no formato da boca perfeita também.

— Não sou eu quem parece estar dirigindo no meio de uma mata. Foi você quem bateu no meu carro! — Acusa, com chama nos olhos. — Qual é o seu problema?

Com uma olhada rápida ao redor, observo a movimentação que estamos causando. Bom, a movimentação que *ela* está atraindo. Não sei se pela situação ou pela roupinha, de quem parece ter saído de uma loja de aluguel.

— Pode falar mais baixo? — peço, impaciente. — Eu não sou surdo.

Advinha o que ela faz? Aumenta ainda mais o tom.

— Mas é grosseiro pra caralho!

Movo a cabeça em repreensão.

— Que boca suja, morena.

Fito o rosto avermelhado de raiva, e me pergunto como, apesar de tão bonita, um homem poderia suportá-la. Aguentar todos os gritos escandalosos e esse gênio terrível que possui.

— Você bateu no meu carro — repete, erguendo o nariz ao apontar para o retrovisor. — É claro que você estava errado e deveria ter o mínimo de consideração para me pedir desculpas e pagar o conserto. Não sei se notou, mas é um modelo corporativo. Eu estou em horário comercial, não posso perder meu tempo.

A curiosidade faz minha língua formigar.

O que a escandalosa faz para sobreviver?

Anima festa infantis? É modelo de alguma loja excêntrica?

Cacete, talvez ela promova eventos adultos!

— Não vai dizer nada? — continua. Ela não cala a boca.

— Você é uma coisinha irritante, sabia?

A estranha cruza os braços, disposta a discutir.

— Eu tenho personalidade forte.

Rio sem humor.

— Forte é a minha paciência para continuar sendo educado com você, apesar da sua falta de modos — eu retruco, respirando fundo.

Seus lábios se comprimem em revolta e, mais uma vez, meus olhos deslizam até eles. Rapidamente, porém, movo a atenção para o amassado na lataria, tentando me livrar da sensação de ser avaliado por essa Medusa, capaz de transformar em pedra qualquer um que a olhar diretamente.

— Escuta, eu estou atrasado. Não estou andando por aí a passeio, também preciso voltar ao trabalho — digo, assumindo um tom mais brando, com a esperança de que faça o mesmo. — Por que não trocamos nossos números de telefone e resolvemos isso como duas pessoas civilizadas?

Pego a carteira no banco de trás, e ela escolhe esse momento para notar a algema ainda presa ao redor do meu pulso. A primeira reação é confusão, percebo isso pelo cenho que se franze. Logo, no entanto, ela se recupera e arqueia uma sobrancelha em desafio.

Provocadora.

— E eu achando que você era algum empresário arrogante... Um daqueles CEO’s mal-humorados e presunçosos — escarnece,

abrindo um sorriso. — Pelo visto, você é mais adepto a outras práticas.

— Não seja intrometida.

— Intrometida? — Ela ri, abrindo um sorriso mais bonito do que me parece ser justo. — Pouco me importa o que você faz da sua vida.

Estico o braço, segurando o cartão.

— Então vamos acabar logo com isso. Me ligue e vamos fazer o que tiver de ser feito. — Determino, mesmo sabendo que eu não estava errado. Meu Lexus RX possui seguro, de toda forma.

— Quer dizer, você pagar o conserto, certo? — Ela pega o cartão, lendo o conteúdo. — Jason Malone... Médico, uh? Não vai sofrer para arcar com a manutenção do retrovisor. — Volta a me olhar. — Mas ainda estou esperando o pedido de desculpas.

É a minha vez de sorrir.

— Você pode sonhar.

Com um exalar insatisfeito, ouço o barulho dos saltos finos contra o asfalto quando ela abre a porta traseira do seu carro para pegar a bolsa e, suspeito eu, guardar o cartão. Está resolvido por hora, então eu poderia simplesmente voltar ao meu veículo e dirigir até o hospital, mas com seu movimento, uma sacola rosa cai do banco e chama a minha atenção.

Não resisto em me aproximar e pegá-la, antes que a estranha note. Caindo para fora da abertura, eu encontro um tecido delicado da cor preta. Fino o bastante para ser transparente, como tule. Erguendo com um dedo, eu descubro se tratar de uma calcinha, uma que tem uma pimentinha vermelha bordada na parte de trás.

— O que pensa que está fazendo? — Eleva o tom, ofendida ao pegar a sacola da minha mão, que agora eu vejo claramente a marca. *Agent Provocateur* . Ela gosta de lingerie cara. — Além de mal motorista, é tarado também?

Dessa vez eu rio abertamente, recuando com as mãos erguidas em um gesto debochado de paz. Não me passa despercebido o olhar que ela lança sobre o meu corpo ou para as algemas uma segunda vez, como se não pudesse se conter em dar uma última conferida.

— Espero você me ligar — declaro, virando de costas.

— E eu espero nunca mais te ver de novo — a ouço murmurar. — Vamos resolver toda essa merda por telefone.

Pelo pouco que conheci dela, tenho certeza de que não se importa em ter soado antipática ou que eu tenha ouvido tudo em alto e bom som. Na verdade, acredito que o fez de propósito. O que por mim tudo bem, compartilho da sua vontade de resolver qualquer pendência por telefone.

Apenas em um ato de azar, voltarei a esbarrar com a Chapeuzinho sem modos em uma cidade gigantesca como Nova York.

Até porque, noto agora, eu nem mesmo sei o nome dela.

SOBRE A AUTORA

Jéssica Ribeiro é uma jovem de 22 anos, natural de Minas Gerais, que cursa medicina, ama escrever e vive a base do novo combustível do mundo: o café. Uma garota apaixonada por livros e que sofre com um amor preso nas páginas de cada nova história. Acredita que o amor seja o sentimento mais bonito do mundo, por isso, é amante dos romances. Apesar disso, ainda não esbarrou com o seu príncipe encantado.

Participe do meu grupo de leitores:
Cabaré da Malévola

Você pode me acompanhar:
IG: @jessicaribeiroautora
Tiktok: @jessicaribeiroautora
Twitter: @autorajessica
E-mail: jessicaribeiroautora@gmail.com
Wattpad: @jessicaribeiroautora

[JR1]Equivalente ao High School na América do norte ou Ensino médio no Brasil.

[JR2]"Eu te amo" em francês.

[JR3]De volta aos anos cinquenta

[JR4]Também chamado de Consolo, é um aparelho sexual.

[JR5]New York-Presbyterian Hospital-Columbia and Cornell.